

# DIGHA NIKAYA

OS DISCURSOS DO BUDA COM EXTENSÃO LONGA

TRADUÇÃO DE  
**MICHAEL BEISERT**

CAPA POR ANA PAULA AGOSTINI

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>4</b>
<b>1 Brahmajala Sutta</b>	<b>5</b>
<i>Os sessenta e dois modos de entendimento incorreto</i>	5
<b>2 Samanaphala Sutta</b>	<b>28</b>
<i>As justificativas para a criação da Sangha monástica</i>	28
<b>3 Ambattha Sutta</b>	<b>53</b>
<i>Este sutta aborda o tema das castas</i>	53
<b>4 Sonadanda Sutta</b>	<b>65</b>
<i>Quem é um verdadeiro Brâmane?</i>	65
<b>5 Kutadanta Sutta</b>	<b>72</b>
<i>Qual é o melhor sacrifício?</i>	72
<b>6 Mahali Sutta</b>	<b>80</b>
<i>A alma e o corpo são a mesma coisa ou não?</i>	80
<b>7 Jaliya Sutta</b>	<b>83</b>
<i>Este sutta é idêntico ao DN6</i>	84
<b>8 Mahasihanada Sutta</b>	<b>84</b>
<i>A validade das práticas de austeridades e de mortificações</i>	84
<b>9 Potthapada Sutta</b>	<b>89</b>
<i>Potthapada questiona o Buda sobre a 'cessação última da percepção'</i>	89
<b>10 Subha Sutta</b>	<b>100</b>
<i>Ananda explica para um jovem Brâmane a nobre virtude, concentração e sabedoria</i>	100
<b>11 Kevaddha Sutta</b>	<b>102</b>
<i>Kevaddha pede ao Buda que realize façanhas supra-humanas</i>	102
<b>12 Lohicca Sutta</b>	<b>107</b>
<i>Quem é um bom mestre?</i>	107
<b>13 Tevijja Sutta</b>	<b>111</b>
<i>O Buda ensina os Brahmaviharas para dois jovens Brâmanes</i>	111
<b>14 Mahapadana Sutta</b>	<b>118</b>
<i>Os últimos sete Budas regressando 91 éons no tempo</i>	119
<b>15 Mahanidana Sutta</b>	<b>137</b>

<i>Origem Dependente - o princípio central dos ensinamentos do Buda</i>	137
<b>16 Mahaparinibbana Sutta</b>	<b>150</b>
<i>O relato dos últimos dias da vida do Buda, o seu falecimento e a distribuição das suas relíquias</i>	150
<b>17 Mahasudassana Sutta</b>	<b>194</b>
<i>A história do rei Mahasudassana</i>	194
<b>18 Janavasabha Sutta</b>	<b>203</b>
<i>Um yakkha se apresenta ao Buda declarando que numa vida passada ele foi o Rei Bimbisara de Magadha</i>	203
<b>19 Mahagovinda Sutta</b>	<b>210</b>
<i>A história do Grande Administrador que foi o ministro de sete reis e depois decidiu seguir a vida santa</i>	210
<b>20 Mahasamaya Sutta</b>	<b>221</b>
<i>Um sutta quase todo em verso com um enfoque mitológico</i>	221
<b>21 Sakkapanha Sutta</b>	<b>227</b>
<i>Sakka, o senhor dos deusas, tem dúvidas e decide ir até o Buda para aclará-las</i>	227
<b>22 Mahasatipatthana Sutta</b>	<b>238</b>
<i>Um importante ensinamento sobre meditação</i>	238
<b>23 Payasi Sutta</b>	<b>252</b>
<i>O Príncipe Payasi não acredita em vidas futuras, ou que as ações boas ou más produzam frutos correspondentes</i>	252
<b>24 Patika Sutta</b>	<b>267</b>
<i>Sunakkhatta decide deixar o Buda pois ele não realiza milagres e não explica a origem das coisas</i>	267
<b>25 Udumbarika-Sihanada Sutta</b>	<b>277</b>
<i>O errante Nigrodha se gaba ser capaz de confundir o Buda com apenas uma pergunta</i>	277
<b>26 Cakkavatti-Sihanada Sutta</b>	<b>285</b>
<i>A visão do papel de um monarca que faz girar a roda e da evolução do mundo</i>	285
<b>27 Agañña Sutta</b>	<b>294</b>
<i>Um relato da evolução do mundo</i>	294
<b>28 Sampasadaniya Sutta</b>	<b>301</b>
<i>Sariputta explica as razões porque tem completa convicção no Buda</i>	301
<b>29 Pasadika Sutta</b>	<b>308</b>
<i>Uma discussão sobre bons e maus mestres</i>	308
<b>30 Lakkhana Sutta</b>	<b>318</b>

<i>As trinta e duas marcas de um grande homem e as suas origens como frutos de kamma</i>	318
<b>31 Sigalovada Sutta</b>	<b>335</b>
<i>O código de disciplina para o chefe de família, descrito pelo Buda para o leigo Sigala</i>	335
<b>32 Atanatiya Sutta</b>	<b>345</b>
<b>33 Sangiti Sutta</b>	<b>352</b>
<i>O ensinamento do Buda sob a forma de listas para recitação</i>	352
<b>34 Dasuttara Sutta</b>	<b>374</b>
<i>Material semelhante ao DN 33 organizado sob dez títulos</i>	374

## *Introdução*

O Digha Nikaya, ou "Coleção de Discursos Longos", (*digha* = "longo"), é a primeira divisão do *Sutta Pitaka* e consiste de trinta e quatro *suttas* agrupados em três *vaggas* ou divisões:

- Silakkhandha-vagga* -- A Divisão da Virtude (13 *suttas* = DN 1 a DN 13)
- Maha-vagga* – A Grande Divisão (10 *suttas* = DN 14 a DN 23)
- Patika-vagga* – A Divisão Patika (11 *suttas* = DN 24 a DN 34)

No ensaio *Introdução ao Samyutta Nikaya*, Bhikkhu Bodhi descreve o papel do Digha Nikaya da seguinte forma: "A opinião acadêmica predominante, fomentada pelos próprios textos, afirma que a principal base para distinguir os quatro Nikayas é o tamanho dos *suttas*. Assim, os *suttas* mais extensos estão contidos no Digha Nikaya, aqueles com extensão média no Majjhima Nikaya e os discursos mais curtos estão distribuídos entre o Samyutta e o Anguttara Nikaya." No entanto, num importante estudo pioneiro, a erudita em Pali, Joy Manné, questionou a premissa de que só o tamanho explica as diferenças entre os Nikayas. Ao comparar cuidadosamente os *suttas* do DN com aqueles do MN, Manné concluiu que as duas coleções têm a intenção de atender dois propósitos distintos dentro da revelação do Buda. Na opinião dela, "o DN estaria primordialmente voltado para o propósito de propaganda, para atrair conversos para a nova religião e dessa forma estaria destinado principalmente para não Budistas que possuem uma inclinação favorável em relação ao Budismo."

**Nota:** Este símbolo  indica um link que se encontra fora do eBook, para visualizá-lo é necessário uma conexão ativa com a internet.

# 1 *Brahmajala Sutta*

## A Rede Suprema

Os sessenta e dois modos de entendimento incorreto

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava caminhando pela estrada principal entre Rajagaha e Nalanda acompanhado por uma comitiva de uns quinhentos *bhikkhus*. E o errante Suppiya também estava caminhando pela mesma estrada com o seu jovem pupilo Brahmadata. E Suppiya <sup>i</sup> estava censurando de várias formas o Buda, o Dhamma e a Sangha, enquanto o seu pupilo Brahmadata estava elogiando de várias formas o Buda, o Dhamma e a Sangha. E assim aqueles dois, mestre e pupilo, com opiniões contrárias, estavam seguindo de perto o Abençoado e a sua comitiva de *bhikkhus*.

1.2. Então o Abençoado parou para pernoitar com os *bhikkhus* no parque real de Ambalatthika. E Suppiya com o seu pupilo Brahmadata também parou no mesmo parque para pernoitar. E Suppiya seguiu censurando de várias formas o Buda, o Dhamma e a Sangha, enquanto o seu pupilo Brahmadata os defendia. E assim discutindo eles estavam perto do Abençoado e da sua comitiva de *bhikkhus*.

1.3. Agora, ao amanhecer, um grande número de *bhikkhus*, depois de se levantarem, reuniram-se no Pavilhão Circular e estavam conversando sobre o seguinte: “É maravilhoso, amigos, é admirável como o Abençoado, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, que sabe e vê, claramente distingue as diferentes inclinações dos seres! Pois aqui está o errante Suppiya censurando de várias formas o Buda, o Dhamma e a Sangha, enquanto o seu pupilo Brahmadata os defende. E, ainda discutindo, eles seguem de perto o Abençoado e a comitiva de *bhikkhus*.”

1.4. Então, o Abençoado percebendo sobre o que os *bhikkhus* estavam conversando, foi até o Pavilhão Circular e sentou num assento que havia sido preparado. Então ele disse: “*Bhikkhus*, qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora? E qual é a discussão que foi interrompida?” E eles lhe disseram.

1.5. “*Bhikkhus*, se alguém falar difamando o Buda, o Dhamma ou a Sangha, vocês não deveriam ficar com raiva, ressentimento ou perturbação por conta disso. Se vocês ficarem com raiva ou descontentes, isso será apenas um obstáculo para vocês. Pois se outros difamam o Buda, o Dhamma ou a Sangha e vocês ficarem com raiva ou descontentes, será possível que vocês saibam se aquilo que eles dizem é correto ou não?”

“Não, Venerável senhor.”

“Se alguém difamar o Buda, o Dhamma ou a Sangha, então vocês devem explicar aquilo que é incorreto como incorreto, dizendo: ‘Isso é incorreto, isso é falso, esse não é o nosso modo, esse tipo de coisa não é encontrada no nosso meio’.”

1.6. “Mas, *bhikkhus*, se alguém falar elogiando o Buda, o Dhamma, ou a Sangha, vocês não deveriam ficar satisfeitos, contentes ou exultantes por conta disso. Se vocês ficarem satisfeitos, contentes ou exultantes com o elogio, isso será apenas um obstáculo para vocês. Se alguém elogiar o Buda, o Dhamma, ou a Sangha, vocês devem reconhecer a verdade daquilo que é verdadeiro, dizendo: ‘Isso é correto, isso é verdadeiro, esse é o nosso modo, esse tipo de coisa é encontrada no nosso meio’.”

1.7. “*Bhikkhus*, é com relação a questões elementares e subordinadas no que diz respeito à prática da virtude que a pessoa comum [ii](#) elogiaria o *Tathagata*. E quais são essas questões elementares e subordinadas pelas quais a pessoa comum o elogiaria?”

### **(A Pequena Seção sobre a Virtude)**

1.8. “Abandonando tirar a vida de outros seres, o contemplativo Gotama se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos.” Assim a pessoa comum elogiaria o *Tathagata*. [iii](#)

“Abandonando tomar o que não é dado, o contemplativo Gotama se abstém de tomar o que não é dado. Ele somente toma aquilo que é dado, aceita somente aquilo que é dado.

“Abandonando o não celibato, o contemplativo Gotama vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual.

1.9. “Abandonando a linguagem mentirosa, o contemplativo Gotama se abstém da linguagem mentirosa. Ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa. O que ele ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas. O que ele ouviu lá ele não conta aqui para separar estas pessoas daquelas. Assim ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício.

1.10. “O contemplativo Gotama se abstém de danificar sementes e plantas. Ele come somente uma vez ao dia, privando-se da refeição noturna e de alimentos nas horas incorretas. Ele se abstém de dançar, cantar, música e de espetáculos teatrais. Ele se abstém de usar ornamentos e de embelezar-se com perfumes e cosméticos. Ele se

abstém de leitos e assentos luxuosos. Ele se abstém de aceitar ouro e dinheiro. Ele se abstém de aceitar grãos que não estejam cozidos ... carne crua ... mulheres e garotas ... escravos e escravas ... cabras e ovelhas ... aves e porcos ... elefantes, gado, cavalos e éguas ... terras e propriedades. Ele se abstém de fazer pequenas tarefas e levar mensagens ... de comprar e vender ... de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas ... suborno, burla e fraude. Ele se abstém de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar.”

### **(A Seção Intermediária sobre a Virtude)**

1.11. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a danificar sementes e plantas como estas - plantas que se propagam pelas raízes, caules, juntas, germinações e sementes - o contemplativo Gotama se abstém de danificar sementes e plantas como essas.

1.12. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a consumir mercadorias armazenadas tais como estas - comida armazenada, bebidas armazenadas, roupas armazenadas, veículos armazenados, roupas de cama armazenadas, perfumes armazenados, carne armazenada - o contemplativo Gotama se abstém de consumir mercadorias armazenadas como essas.

1.13. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a assistir espetáculos como estes - danças, canto, instrumentos musicais, recitações de baladas, bater palmas, címbalos e tambores, cenas pintadas, truques acrobáticos e de súplicas, luta de elefantes, luta de cavalos, luta de búfalos, touradas, luta de bodes, luta de carneiros, briga de galos, luta de codornas; luta com paus, boxe, luta livre, jogos de guerra, listas de chamadas, planos de batalha, e paradas militares - o contemplativo Gotama se abstém de assistir espetáculos como esses.

1.14. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a jogos insensatos e ociosos como estes - xadrez de oito filas, xadrez de dez filas, xadrez no ar, amarelinha, jogo de varetas, dados, jogos com paus, desenhos com a mão, jogos com bola, soprar flautas de brinquedo, brincar com arados de brinquedo, piruetas, brincar com moinhos de vento de brinquedo, medidas de brinquedo, carruagens de brinquedo, arcos de brinquedo, adivinhar letras desenhadas no ar, adivinhar pensamentos, imitando deformidades - o contemplativo Gotama se abstém de jogos insensatos e ociosos como esses.

1.15. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a uma mobília alta e luxuosa como essas - sofás de grande tamanho, enfeitados com animais esculpidos; colchas felpudas, com retalhos multicoloridos, de lã branca, de lã bordadas com flores ou figuras de animais, acolchoadas, com franjas, de seda bordadas com pedras preciosas; carpetes grandes de lã; tapetes com elefantes, cavalos e carruagens, tapetes de pele de antílope,

tapetes de pele de gamo; camas com baldaquino, com almofadas vermelhas para a cabeça e os pés – o contemplativo Gotama se abstém de usar mobílias altas e luxuosas como essas.

1.16. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a perfumes, cosméticos, e meios de embelezamento como estes – pós para massagear o corpo, massagem com óleos, banho em água perfumada, massagem nos membros, usar espelhos, pomadas, ornamentos, perfumes, cremes, pós de arroz, máscara, braceletes, tiaras, bengalas decoradas, garrafas de água ornamentadas, espadas, guarda sóis enfeitados, sandálias decoradas, turbantes, pedras preciosas, espanador feito de pelos de yak, túnicas longas com franjas – o contemplativo Gotama se abstém de usar perfumes, cosméticos e meios de embelezamento como esses.

1.17. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a falar de tópicos inferiores como estes – falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e conversa acerca de se as coisas existem ou não – o contemplativo Gotama se abstém de falar de tópicos inferiores como esses.

1.18. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a debates tais como estes – ‘Você entende esta doutrina e disciplina? Eu sou aquele que entende esta doutrina e disciplina. Como pode você entender esta doutrina e disciplina? A sua prática é incorreta. Eu pratico corretamente. Eu sou consistente. Você não é. O que deve ser dito primeiro você fala por último. O que deve ser dito por último você fala primeiro. O que lhe tardou tanto tempo para pensar foi refutado. A sua doutrina foi derrubada. Você está derrotado. Vá e tente salvar a sua doutrina; solte a si mesmo se você puder!’ – o contemplativo Gotama se abstém de debates tais como estes.

1.19. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a levar mensagens e fazer pequenas tarefas para pessoas tais como estas – reis, ministros de estado, nobres guerreiros, *Brâmanes*, contemplativos, chefes de família, ou jovens (que dizem), ‘Venha aqui, vá ali, leve isto lá, vá buscar e traga isto aqui’ – o contemplativo Gotama se abstém de levar mensagens e fazer pequenas tarefas para pessoas como essas.

1.20. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, se ocupam com tramar, persuadir, aconselhar, depreciar e perseguir o ganho com o ganho, o contemplativo Gotama se abstém de tramar e persuadir (maneiras inadequadas de obter apoio material de doadores).

**(A Grande Seção sobre a Virtude)**

1.21. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes aviltantes assim como: leitura de marcas nos membros [ex: quiromancia]; leitura de presságios e sinais; interpretação de eventos celestiais [estrelas cadentes, cometas]; interpretação de sonhos; leitura de marcas no corpo [ex: frenologia]; leitura de marcas em tecidos roídos por ratos; oblação oferecida com o fogo, oblação de uma concha, oblação de palhas, pó de arroz, gorduras, e óleo; oferecer oblações com a boca; oferecer sacrifícios de sangue; fazer previsões baseadas nas pontas dos dedos; geomancia; deitar demônios em um cemitério; colocar feitiços em espíritos; recitar feitiços protetores em casas; encantar serpentes, xamanismo com venenos, xamanismo com escorpiões, xamanismo com ratos, xamanismo com pássaros, xamanismo com corvos; ler a sorte com base em visões; dar encantos protetores; interpretar o chamado de pássaros e animais, o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas.

1.22. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes aviltantes assim como: determinar o que traz e não traz a sorte com pedras preciosas, roupas, bengalas, espadas, lanças, flechas, arcos, e outras armas; mulheres, meninos, meninas, escravos, escravas; elefantes, cavalos, búfalos, touros, vacas, bodes, carneiros, aves, codornas, lagartos, roedores com orelhas grandes, tartarugas, e outros animais – o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas.

1.23. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como prever que: os regentes marcharão para a frente; os regentes marcharão para a frente e retornarão; nossos regentes atacarão e os regentes deles recuarão; os regentes deles atacarão e os nossos regentes recuarão; haverá triunfo para os nossos regentes e derrota para os regentes deles; haverá triunfo para os regentes deles e derrota para os nossos regentes; dessa forma haverá triunfo, dessa forma haverá derrota - o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas.

1.24. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como prever que: haverá um eclipse lunar; haverá um eclipse solar; haverá a ocultação de um astro; o sol e a lua continuarão no seu curso normal; o sol e a lua sairão do caminho; os astros seguirão no seu curso normal; os astros sairão do caminho; haverá uma chuva de meteoros; haverá um escurecimento do céu; haverá um terremoto; haverá trovões vindo de um céu claro; haverá um nascente, um poente, um escurecimento, um brilho mais intenso do sol, lua, e astros; assim será o resultado do eclipse lunar ... o nascente, o poente, o escurecimento, o brilho mais intenso do sol, lua e astros - o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas

1.25. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes aviltantes como prever que: haverá chuva em abundância; haverá uma seca; haverá abundância; haverá fome; haverá paz e segurança; haverá insegurança; haverá doença; não haverá doença; ou eles ganham a vida fazendo contas, contabilidade, cálculos, compondo poesias, ou ensinando artes e doutrinas hedonísticas - o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas.

1.26. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes aviltantes como: calcular as datas mais auspiciosas para casamentos, noivados, divórcios; para cobrar dívidas ou fazer investimentos e empréstimos; para ser atraente ou não atraente; curar mulheres que abortaram; recitar feitiços para amarrar a língua de um homem, para paralisar a sua mandíbula, para fazer com que ele perca o controle das mãos, ou torná-lo surdo; obter respostas de oráculo a questões dirigidas a um espelho, a uma jovem garota, ou a um médium espiritual; cultuar o sol, cultuar o Grande *Brahma*, fazer sair chamas pela boca, invocar à deusa da sorte - o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas.

1.27. “Enquanto alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como: prometer presentes para divindades em troca de favores; cumprir essas promessas; demonologia; ensinar feitiços que protegem as casas; induzir virilidade e impotência; consagrar terrenos para construção; dar colutórios cerimoniais e banhos cerimoniais; oferecer fogueiras de sacrifício; preparar eméticos, purgativos, expectorantes, diuréticos, curas para dor de cabeça; preparar óleo para os ouvidos, gotas para os olhos, óleo para tratamento através do nariz, colírio e antídotos; curar cataratas, praticar cirurgia, praticar como pediatra, prescrever medicamentos e tratamentos para curar efeitos colaterais - o contemplativo Gotama se abstém do modo de vida incorreto, através de artes aviltantes como essas. *Bhikkhus*, é com relação a essas questões elementares e subordinadas no que diz respeito à prática da virtude que a pessoa comum elogiaria o *Tathagata*.”

1.28. “Há, *bhikkhus*, outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta. E quais são essas questões?”

**(Os Sessenta e Dois tipos de Entendimento Incorreto)**

1.29. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que especulam sobre o passado, possuem idéias acerca do passado, fazem várias alegações doutrinárias em relação ao passado, de dezoito modos distintos. Com base em que, com qual fundamento eles fazem isso?

1.30. “Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a eternidade, que afirmam a eternidade do eu e do mundo de quatro modos distintos. Com base em que?

1.31. [Entendimento Incorreto 1]: “Neste caso, *bhikkhus*, um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, ele se recorda das vidas passadas - um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinqüenta, cem, mil, cem mil, várias centenas de milhares de nascimentos - ‘Lá eu tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. E ele diz: ‘O eu e o mundo são eternos, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar. Esses seres correm em círculos, transitam, falecem e renascem, mas assim permanecem eternamente. Por que isso? Através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta, alcancei uma tal concentração da mente que, quando a minha mente está concentrada, eu me recordo das vidas passadas ... Assim é como sei que o eu e o mundo são eternos ...’ Esse é o primeiro modo através do qual alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a eternidade do eu e do mundo.

1.32. [Entendimento Incorreto 2] “E qual é o segundo modo? Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, ele se recorda de um ciclo de contração e expansão cósmica, dois ciclos, três, quatro, cinco, dez ciclos de contração e expansão cósmica ... ‘Lá eu tinha tal nome. ...’ Esse é o segundo modo através do qual alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a eternidade do eu e do mundo.

1.33. [Entendimento Incorreto 3] “E qual é o terceiro modo? Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor ... ele se recorda de dez ciclos de contração e expansão cósmica, vinte ciclos, trinta, quarenta ciclos de contração e expansão cósmica ... ‘Lá eu tinha tal nome. ...’ Esse é o terceiro modo através do qual alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a eternidade do eu e do mundo.

1.34. [Entendimento Incorreto 4] “E qual é o quarto modo? Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* é um racionalista. Elaborando através da razão, seguindo a sua própria linha de raciocínio, ele argumenta: “O eu e o mundo são eternos, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar. Esses seres

correm em círculos, transitam, falecem e renascem, mas assim permanecem eternamente.” Esse é o quarto modo através do qual alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a eternidade do eu e do mundo.

1.35. “Esses são os quatro modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a eternidade, e afirmam a eternidade do eu e do mundo. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a eternidade, e que afirmem a eternidade do eu e do mundo, assim o fazem com base em um ou outro desses quatro modos. Não há outra forma.

1.36. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

1.37. “Há, *bhikkhus*, outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta. E quais são essas questões?”

### **[Fim da Primeira Recitação]**

2.1. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam em parte a eternidade e em parte a não-eternidade, que afirmam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo de quatro modos distintos. Com base em que?

2.2. “Haverá um tempo, *bhikkhus*, quando, cedo ou tarde, após um longo período, este mundo irá se contrair. Numa época de contração, os seres nascem principalmente no mundo de *Abhassara*. <sup>iv</sup> E lá eles permanecem feitos de mentalidade, <sup>v</sup> alimentados pelo êxtase, <sup>vi</sup> luminosos, movendo-se através do espaço, gloriosos – e assim eles permanecem por um longo tempo.

2.3. [Entendimento Incorreto 5] “Mas cedo ou tarde, depois de um longo período, o mundo começa novamente a se expandir. Nesse mundo em expansão aparece um palácio de *Brahma* vazio. <sup>vii</sup> Então um ser, com a exaustão do seu tempo de vida ou dos seus méritos, deixa o mundo de *Abhassara* e renasce no palácio de *Brahma* vazio. E lá ele permanece, feito de mentalidade, alimentado pelo êxtase, luminoso, movendo-se através do espaço, glorioso – e assim ele permanece por um longo tempo.

2.4. “Então, nesse ser que ficou só por tanto tempo, surge a inquietação, o descontentamento e a preocupação, ele pensa: ‘Oh, se pelo menos alguns outros seres aqui viessem!’ E outros seres, com a exaustão do seu tempo de vida ou dos seus méritos, deixam o mundo de *Abhassara* e renascem no palácio de *Brahma* como companheiros daquele ser. E lá eles permanecem, feitos de mentalidade ... e assim eles permanecem por um longo tempo.

2.5. “Depois, *bhikkhus*, aquele ser que primeiro ali surgiu pensa: ‘Eu sou *Brahma*, o Grande *Brahma*, o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso, Senhor, Deus e Criador, Soberano, Providência Divina, Pai de todos aqueles que são e serão. Esses seres foram criados por mim. Como assim? Porque eu primeiro pensei: “Oh, se pelo menos alguns outros seres aqui viessem!” Esse foi o meu desejo e assim esses seres foram aqui criados.’ E aqueles seres que ali renasceram também pensam: ‘Ele, amigos, é *Brahma*, o Grande *Brahma*, o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso, Senhor, Deus e Criador, Soberano, Providência Divina, Pai de todos aqueles que são e serão. Como assim? Nós vimos que ele estava aqui primeiro e que nós surgimos depois dele.’

2.6. “E aquele ser que surgiu primeiro tem vida mais longa, é mais belo e mais poderoso do que os outros. E pode acontecer que algum daqueles seres deixe aquele mundo e renasça neste mundo. Tendo renascido neste mundo, ele deixa a vida em família e segue a vida santa. Tendo assim feito, através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta ele alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada, ele se recorda da sua última existência, mas não se recorda de nenhuma antes daquela. E ele pensa: ‘Aquele *Brahma*, ... ele nos fez, e ele é permanente, interminável, eterno, não sujeito à mudança e que irá durar tanto tempo quanto a eternidade. Mas nós que fomos criados por aquele *Brahma*, nós somos impermanentes, terminantes, transitórios, sujeitos à mudança, com a vida curta e nós viemos para este mundo.’ Esse é o primeiro modo através do qual alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam em parte a Eternidade e em parte a Não-eternidade.

2.7. [Entendimento Incorreto 6] “E qual é o segundo modo? Há, *bhikkhus*, certos *devas* chamados Corrompidos pelo Prazer. Eles gastam um tempo excessivo se regozijando, brincando e se divertindo, de modo que a sua atenção plena é dissipada e com a dissipação da atenção plena aqueles seres deixam aquele estado.

2.8. “E pode acontecer que algum daqueles seres que deixaram aquele mundo renasça neste mundo. Tendo renascido neste mundo, ele deixa a vida em família e segue a vida santa. Tendo assim feito, através do através do ardor, esforço ... ele se recorda da sua última existência, mas não se recorda de nenhuma antes daquela.

2.9. “Ele pensa: ‘Aqueles veneráveis *devas* que não estão corrompidos pelo prazer não gastam um tempo excessivo se regozijando, brincando e se divertindo. Desse modo, a atenção plena deles não é dissipada e assim eles não deixam aquele estado. Eles são permanentes, intermináveis, eternos, não sujeitos à mudança e que irão

durar tanto tempo quanto a eternidade. Mas nós, que fomos corrompidos pelo prazer, gastamos um tempo excessivo nos regozijando, brincando e nos divertindo. Portanto, nós, com a dissipação da atenção plena, deixamos aquele estado, nós somos impermanentes, terminantes, transitórios, sujeitos à mudança, com a vida curta e nós viemos para este mundo.' Esse é o segundo modo.

2.10. [Entendimento Incorreto 7] “E qual é o terceiro modo? Há, *bhikkhus*, certos *devas* chamados Mente Corrompida. Eles gastam um tempo excessivo observando um ao outro com inveja. Dessa forma a mente deles é corrompida. Por conta da mente corrompida o corpo e a mente deles ficam exaustos. E eles deixam aquele estado.

2.11 “E pode acontecer que algum daqueles seres que deixaram aquele mundo renasça neste mundo ... ele se recorda da sua última existência, mas não se recorda de nenhuma antes daquela.

2.12. “Ele pensa: ‘Aqueles veneráveis *devas* que não estão com a mente corrompida não gastam um tempo excessivo observando um ao outro com inveja ... A mente deles não é corrompida e o corpo e a mente deles não ficam exaustos e assim eles não deixam aquele estado. Eles são permanentes, intermináveis, eternos ... Mas nós que tivemos a mente corrompida ... somos impermanentes, terminantes, transitórios, sujeitos à mudança, com a vida curta e nós viemos para este mundo.’ Esse é o terceiro modo.

2.13. [Entendimento Incorreto 8] “E qual é o quarto modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* é um racionalista. Elaborando através da razão, seguindo a sua própria linha de raciocínio, ele argumenta: ‘Aquilo que é chamado olho, ouvido, nariz, língua e corpo é um eu que é impermanente, terminante, transitório, sujeito à mudança. Mas aquilo que é chamado mente, esse é um eu que é permanente, interminável, eterno, não sujeito à mudança, e que irá durar tanto tempo quanto a eternidade!’ Esse é o quarto modo.

2.14. “Esses são os quatro modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam em parte a eternidade e em parte a não-eternidade ... Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem em parte a eternidade e em parte a não-eternidade, assim o fazem com base em um ou outro desses quatro modos. Não há outra forma.

2.15. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

2.16. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a finitude e a infinitude, que afirmam a finitude e a infinitude do mundo de quatro modos distintos. Quais são eles?

2.17. [Entendimento Incorreto 9] “Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, ... alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada ele permanece percebendo o mundo como finito. Ele pensa: ‘Este mundo é finito e delimitado por um círculo. Como assim? Porque eu ... alcancei uma tal concentração da mente que, quando a minha mente está concentrada, eu permaneço percebendo o mundo como finito. Por conseguinte, eu sei que o mundo é finito e delimitado por um círculo.’ Esse é o primeiro modo.

2.18. [Entendimento Incorreto 10] “E qual é o segundo modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, ... alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada ele permanece percebendo o mundo como infinito. Ele pensa: ‘Este mundo é infinito e sem limitações. Como assim? Porque eu ... alcancei uma tal concentração da mente que, quando a minha mente está concentrada, eu permaneço percebendo o mundo como infinito. Por conseguinte, eu sei que o mundo é infinito e sem limitações.’ Esse é o segundo modo.

2.19. [Entendimento Incorreto 11] “E qual é o terceiro modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, ... alcança uma tal concentração da mente que, quando a sua mente está concentrada ele permanece percebendo o mundo como finito para cima e para baixo e infinito de lado a lado. Ele pensa: ‘Este mundo é finito e infinito. Aqueles contemplativos e *Brâmanes* que dizem que ele é finito estão errados, e aqueles que dizem que ele é infinito estão errados. Como assim? Porque eu ... alcancei uma tal concentração da mente que, quando a minha mente está concentrada, eu permaneço percebendo o mundo como finito para cima e para baixo e infinito de lado a lado. Por conseguinte, eu sei que o mundo é ambos finito e infinito.’ Esse é o terceiro modo.

2.20. [Entendimento Incorreto 12] “E qual é o quarto modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* é um racionalista. Elaborando através da razão, seguindo a sua própria linha de raciocínio, ele argumenta: ‘Este mundo não é nem finito e tampouco infinito. Aqueles que dizem que ele é finito estão errados e aqueles que dizem que ele é infinito estão errados, e aqueles que dizem que ele é finito e infinito estão errados. O mundo não é nem finito e tampouco infinito.’ Esse é o quarto modo.

2.21. “Esses são os quatro modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a finitude e a infinitude, que afirmam a finitude e a infinitude do mundo ... Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a finitude e a infinitude, que afirmem a finitude e a infinitude do mundo, assim o fazem com base em um ou outro desses quatro modos. Não há outra forma.

2.22. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

2.23. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que se contorcem como enguias. Ao serem questionados sobre este ou aquele assunto, eles recorrem à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia, de quatro modos distintos. Quais são eles?

2.24. [Entendimento Incorreto 13] “Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* não sabe como na verdade é, se uma coisa é benéfica ou prejudicial. Ele pensa: ‘Eu na verdade não sei se isto é benéfico ou prejudicial. Sem saber o que é correto, eu poderia declarar: “Isso é benéfico” ou, “Isso é prejudicial”, e essa afirmação poderia ser uma mentira e isso me causaria aflição. E se eu ficar aflito, isso seria um obstáculo para mim. <sup>viii</sup> Assim, temendo dizer uma mentira, abominando o mentir, <sup>ix</sup> ele não declara que uma coisa é benéfica ou prejudicial, mas quando questionado sobre este ou aquele assunto, ele recorre à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia: ‘Eu não digo que é dessa forma. E eu não digo que é daquela forma. E eu não digo que é de outra forma. E eu não digo que não é dessa forma. E eu não digo que não não é dessa forma.’ Esse é o primeiro modo.

2.25. [Entendimento Incorreto 14] “E qual é o segundo modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* não sabe como na verdade é, se uma coisa é benéfica ou prejudicial. Ele pensa: ‘Eu poderia declarar: “Isso é benéfico” ou, “Isso é prejudicial”, e eu poderia sentir desejo ou cobiça, raiva ou aversão. Se eu sentisse desejo, cobiça, raiva ou aversão, isso seria apego da minha parte. Se eu sentisse apego isso me causaria aflição. E se eu ficar aflito, isso seria um obstáculo para mim.’ Assim, temendo o apego, abominando o apego, ele recorre à evasão verbal ... Esse é o segundo modo.

2.26. [Entendimento Incorreto 15] “E qual é o terceiro modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* não sabe como na verdade é, se uma coisa é benéfica ou prejudicial. Ele pensa: ‘Eu poderia declarar: “Isso é benéfico” ou, “Isso é prejudicial”, mas há contemplativos e *Brâmanes* que são instruídos, expertos, conhecedores das doutrinas dos outros, astutos como franco-atiradores precisos; eles andam por aí, por assim dizer, demolindo as idéias dos outros com a sua inteligência arguta, e eles poderão me questionar, exigindo que eu me justifique e argumente. E pode ser que eu não seja capaz de responder. Não sendo capaz de responder isso me causaria aflição. E se eu ficar aflito, isso seria um obstáculo para mim.’ Assim, temendo o debate, abominando o debate, ele recorre à evasão verbal ... Esse é o terceiro modo.

2.27. [Entendimento Incorreto 16] “E qual é o quarto modo? Neste caso, um contemplativo ou *Brâmane* é tolo e estúpido. Devido à sua tolice e estupidez, quando questionado ele recorre à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia: ‘Se você me perguntasse se existe um outro mundo (após a morte), se eu pensasse que existe um outro mundo, eu o declararia para você? Eu não creio. Eu não penso dessa forma. Eu não penso de outra forma. Eu não penso que não. Eu não penso que não não. Se você me perguntasse se não existe um outro mundo ... ambos, existe e não existe ... nem existe, nem não existe ... se existem seres que transmigram ... se não existem ... ambos, existem e não ... nem existem, nem não ... se o *Tathagata* existe após a morte ... não existe ... ambos ... nem existe, nem não existe após a morte, eu o declararia para você? Eu não creio. Eu não penso dessa forma. Eu não penso de outra forma. Eu não penso que não. Eu não penso que não não.’ Esse é o quarto modo.

2.28. “Esses são os quatro modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* se contorcem como enguias. Ao serem questionados sobre este ou aquele assunto, eles recorrem à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que ao serem questionados sobre este ou aquele assunto, recorrem à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia, assim o fazem com base em um ou outro desses quatro modos. Não há outra forma.

2.29. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

2.30. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a origem fortuita, que afirmam a origem fortuita do eu e do mundo de dois modos distintos. Quais são eles?

2.31. [Entendimento Incorreto 17] “Há, *bhikkhus*, certos *devas* chamados não percipientes. Assim que uma percepção surge neles, eles deixam aquele mundo. E pode acontecer que algum daqueles seres que deixaram aquele mundo renasça neste mundo ... ele se recorda da sua última existência, mas não se recorda de nenhuma antes daquela. Ele pensa: ‘O eu e o mundo têm origem fortuita. Como assim? Porque antes eu não era, mas agora sou. Não sendo, passei a ser.’ Esse é o primeiro modo.

2.32. [Entendimento Incorreto 18] “Qual é o segundo modo? Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* é um racionalista. Elaborando através da razão, seguindo a sua própria linha de raciocínio, ele argumenta: ‘O eu e o mundo têm origem fortuita.’ Esse é o segundo modo.

2.33. “Esses são os dois modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a origem fortuita, afirmam a origem fortuita do eu e do mundo. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a origem fortuita, que afirmem a origem fortuita do eu e do mundo, assim o fazem com base em um ou outro desses dois modos. Não há outra forma.

2.34. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

2.35. “Esses, *bhikkhus*, são os dezoito modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* especulam sobre o passado, possuem idéias acerca do passado, fazem várias alegações doutrinárias em relação ao passado. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que especulem sobre o passado, possuam idéias acerca do passado, façam várias alegações doutrinárias em relação ao passado, assim o fazem com base em um ou outro desses dezoito modos. Não há outra forma

2.36. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata*

sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

2.37. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que especulam sobre o futuro, que possuem idéias acerca do futuro, que fazem várias alegações doutrinárias em relação ao futuro, de quarenta e quatro modos distintos. Com base em que, com qual fundamento eles fazem isso?

2.38. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a sobrevivência perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de dezesseis modos distintos. Com base em que?

[Entendimento Incorreto 19-34] “Eles afirmam que após a morte o eu é perceptivo e intacto e (1) material, (2) imaterial, (3) ambos material e imaterial, (4) nem material e tampouco imaterial, (5) finito, (6) infinito, (7) ambos, (8) nenhum dos dois, (9) perceptivo da unidade, (10) perceptivo da diversidade, (11) perceptivo do limitado, (12) perceptivo do imensurável, (13) experimentando exclusivamente o prazer, (14) experimentando exclusivamente a dor, (15) uma mescla de ambos, (16) nenhum dos dois.

2.39. “Esses são os dezesseis modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a sobrevivência perceptiva após a morte. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a sobrevivência perceptiva após a morte, assim o fazem com base em um ou outro desses dezesseis modos. Não há outra forma.

2.40. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo

visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

### **[Fim da Segunda Recitação]**

3.1. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a sobrevivência não-perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de dezesseis modos distintos. Com base em que?”

3.2. [Entendimento Incorreto 35-42] “Eles afirmam que após a morte o eu é não-perceptivo e intacto e (1) material, (2) imaterial, (3) ambos, material e imaterial, (4) nem material e tampouco imaterial, (5) finito, (6) infinito, (7) ambos, (8) nenhum dos dois.

3.3. “Esses são os dezesseis modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a sobrevivência não-perceptiva após a morte. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a sobrevivência não-perceptiva após a morte, assim o fazem com base em um ou outro desses dezesseis modos. Não há outra forma.

3.4. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

3.5. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a sobrevivência nem perceptiva e tampouco não-perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de oito modos distintos. Com base em que?”

3.6. [Entendimento Incorreto 43-50] “Eles afirmam que após a morte o eu é nem perceptivo e tampouco não-perceptivo e intacto e (1) material, (2) imaterial, (3) ambos, material e imaterial, (4) nem material e tampouco imaterial, (5) finito, (6) infinito, (7) ambos, (8) nenhum dos dois.

3.7. “Esses são os oito modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a sobrevivência nem perceptiva e tampouco não-perceptiva após a morte. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a sobrevivência nem perceptiva

e tampouco não-perceptiva após a morte, assim o fazem com base em um ou outro desses oito modos. Não há outra forma.

3.8. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

3.9. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a aniquilação, a destruição e a não existência dos seres, e eles assim o fazem de sete modos distintos. Com base em que?

3.10. [Entendimento Incorreto 51] “Neste caso, alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam e acreditam que: ‘Posto que o eu possui forma, composto dos quatro grandes elementos, nascido de mãe e pai, esse eu, com a dissolução do corpo é aniquilado, destruído e não existe após a morte. Desse modo o eu é aniquilado.’ Assim é como alguns afirmam a aniquilação, destruição e a não existência dos seres.

3.11. [Entendimento Incorreto 52] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Eu não nego isso. Mas esse eu não é aniquilado por completo. Pois há um outro eu, divino, possui forma, pertencente ao reino da esfera sensual, se alimenta de comida. Você não o conhece ou vê, mas eu sim. É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado ...’

3.12. [Entendimento Incorreto 53] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Eu não nego isso. Mas esse eu não é aniquilado por completo. Pois há um outro eu, divino, possui forma, feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades ... É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado ...’

3.13. [Entendimento Incorreto 54] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam ... há um outro eu que com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ entra e permanece na base do espaço infinito. É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado ...’

3.14. [Entendimento Incorreto 55] “Outros afirmam: ‘Há um outro eu que, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ entra e permanece na base da consciência infinita. É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado ...’

3.15. [Entendimento Incorreto 56] “Outros afirmam: ‘Há um outro eu que, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ entra e permanece na base do nada. É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado ...’

3.16. [Entendimento Incorreto 57] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Eu não nego isso. Mas esse eu não é aniquilado por completo. Pois há um outro eu que, com a completa superação da base do nada e vendo: “Isto é pacífico, isto é sublime,” entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção. Você não o conhece ou vê, mas eu sim. É esse eu que com a dissolução do corpo é aniquilado, destruído e não existe após a morte. Desse modo o eu é aniquilado.’ Assim é como alguns afirmam a aniquilação, destruição e a não existência dos seres.

3.17. “Esses são os sete modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam a aniquilação, a destruição e a não existência dos seres. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem a aniquilação, a destruição e a não existência dos seres, assim o fazem com base em um ou outro desses sete modos. Não há outra forma.

3.18. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

3.19. “Há, *bhikkhus*, alguns contemplativos e *Brâmanes* que afirmam *nibbana* aqui e agora para um ser vivo, e eles assim o fazem de cinco modos distintos. Com base em que?

3.20. [Entendimento Incorreto 58] “Neste caso, alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam e acreditam que: Na medida em que este eu, estando provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual, desfruta deles, então é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora.’ Assim alguns afirmam.

3.21. [Entendimento Incorreto 59] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Eu não nego isso. Mas não é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora. Como assim? Porque, senhores, os desejos sensuais são impermanentes, insatisfatórios e sujeitos à mudança, e da sua mudança e transformação surgem a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero. Mas quando esse eu, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*,<sup>x</sup> que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento, é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora.’

3.22. [Entendimento Incorreto 60] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Mas não é assim que o eu realiza o *nibbana*. Como assim? Porque devido ao pensamento aplicado e sustentado, esse estado é considerado grosseiro. Mas quando o eu, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração, é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora.’

3.23. [Entendimento Incorreto 61] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Mas não é assim que o eu realiza o *nibbana*. Como assim? Porque devido à presença do êxtase há a excitação mental, e esse estado é considerado grosseiro. Mas quando o eu, abandonando o êxtase, entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento,’ é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora.’

3.24. [Entendimento Incorreto 62] “Outros afirmam: ‘Senhores, há esse eu que vocês afirmam. Eu não nego isso. Mas não é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora. Como assim? Porque a mente contém a felicidade, e esse estado é considerado grosseiro. Mas quando o eu, com o completo desaparecimento da felicidade, entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas, é assim que o eu realiza o *nibbana* mais elevado aqui e agora.’ Assim é como alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam *nibbana* aqui e agora para um ser vivo.

3.25. “Esses são os cinco modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* afirmam *nibbana* aqui e agora para um ser vivo. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que afirmem *nibbana* aqui e agora para um ser vivo, assim o fazem com base em um ou outro desses cinco modos. Não há outra forma.

3.26. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse

conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

3.27. “Esses são os quarenta e quatro modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* especulam sobre o futuro, possuem idéias acerca do futuro, fazem várias alegações doutrinárias em relação ao futuro. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que especulem sobre o futuro, que possuam idéias acerca do futuro, que façam várias alegações doutrinárias em relação ao futuro, assim o fazem com base em um ou outro desses quarenta e quatro modos. Não há outra forma.

3.28. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desapegado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

“Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

“Esses são os sessenta e dois modos através dos quais alguns contemplativos e *Brâmanes* que especulam sobre o passado, o futuro, ou ambos, apresentam as suas idéias. Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que especulem sobre o passado, o futuro, ou ambos, que apresentem as suas idéias, assim o fazem com base em um ou outro desses quarenta e quatro modos. Não há outra forma.

3.30. “Isto, *bhikkhus*, o *Tathagata* sabe: esses pontos de vista assim formulados e agarrados irão conduzir a tal e qual destino num outro mundo. Isso o *Tathagata* sabe, e ele sabe muito mais além disso, mas ele não tem apego por esse conhecimento. E estando assim desatado ele experimenta a perfeita paz, e tendo compreendido como na verdade é a origem e a cessação das sensações, a gratificação, o perigo e a escapatória das sensações, o *Tathagata* está libertado sem restar nenhum resíduo.

3.31. “Essas, *bhikkhus*, são aquelas outras questões, profundas, difíceis de ver e difíceis de compreender, pacíficas e sublimes, que não podem ser alcançadas através do mero raciocínio, sutis, para serem experimentadas pelos sábios, que o *Tathagata*, tendo visto através do conhecimento direto, proclama e com relação às quais, aqueles que com sinceridade elogiam o *Tathagata* falam da forma correta.

### **[Conclusão]**

3.32. [Entendimento Incorreto 1-4] “Portanto, *bhikkhus*, quando aqueles que afirmam a eternidade, afirmam a eternidade do eu e do mundo de quatro modos distintos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem, a preocupação e vacilação daqueles imersos na cobiça.

3.33. [Entendimento Incorreto 5-8] “Quando aqueles que afirmam em parte a eternidade e em parte a não-eternidade, que afirmam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo de quatro modos distintos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem ...

3.34. [Entendimento Incorreto 9-12] “Quando aqueles que afirmam a finitude e a infinitude, que afirmam a finitude e a infinitude do mundo de quatro modos distintos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem ...

3.35. [Entendimento Incorreto 13-16] “Quando aqueles que se contorcem como enguias, ao serem questionados sobre este ou aquele assunto, recorrem à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia, de quatro modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.36. [Entendimento Incorreto 17-18] “Quando aqueles que afirmam a origem fortuita, que afirmam a origem fortuita do eu e do mundo de dois modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.37. [Entendimento Incorreto 1-18] “Quando aqueles que especulam sobre o passado, possuem idéias acerca do passado, fazem várias alegações doutrinárias em relação ao passado de dezoito modos distintos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem, a preocupação e vacilação daqueles imersos na cobiça.

3.38. [Entendimento Incorreto 19-34] “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de dezesseis modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.39. [Entendimento Incorreto 35-42] “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência não-perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de dezesseis modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.40. [Entendimento Incorreto 43-50] “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência nem perceptiva e tampouco não-perceptiva após a morte, e eles assim o fazem de oito modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.41. [Entendimento Incorreto 51-57] “Quando aqueles que afirmam a aniquilação, a destruição e a não existência dos seres, e eles assim o fazem de sete modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.42. [Entendimento Incorreto 58-62] “Quando aqueles que afirmam *nibbana* aqui e agora para um ser vivo, e eles assim o fazem de cinco modos distintos, isso está baseado apenas na sensação ...

3.43. [Entendimento Incorreto 19-62] “Quando aqueles que especulam sobre o futuro, possuem idéias acerca do futuro, fazem várias alegações doutrinárias em relação ao futuro de quarenta e quatro modos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem, a preocupação e vacilação daqueles imersos na cobiça.

3.44. [Entendimento Incorreto 1 -62] “Quando aqueles contemplativos e *Brâmanes* especulam sobre o passado, o futuro, ou ambos, apresentam as suas idéias de sessenta e dois modos distintos, isso está baseado apenas na sensação daqueles que não sabem e não vêem, a preocupação e vacilação daqueles imersos na cobiça.

3.45. “Quando aqueles contemplativos e *Brâmanes* que afirmam a eternidade, afirmam a eternidade do eu e do mundo de quatro modos distintos, isso é condicionado pelo contato.<sup>[xi](#)</sup>

3.46. “Quando aqueles que afirmam em parte a eternidade e em parte a não-eternidade ...

3.47. “Quando aqueles que afirmam a finitude e a infinitude ...

3.48. “Quando aqueles que se contorcem como enguias ...

3.49. “Quando aqueles que afirmam a origem fortuita ...

3.50. “Quando aqueles que especulam sobre o passado ...

3.51. “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência perceptiva após a morte ...

3.52. “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência não-perceptiva após a morte ...

3.53. “Quando aqueles que afirmam a sobrevivência nem perceptiva e tampouco não-perceptiva após a morte ...

3.54. “Quando aqueles que afirmam a aniquilação ...

3.55. “Quando aqueles que afirmam *nibbana* aqui e agora ...

3.56. “Quando aqueles que especulam sobre o futuro ...

3.57. “Quando aqueles contemplativos e *Brâmanes* que especulam sobre o passado, o futuro, ou ambos, apresentam as suas idéias de sessenta e dois modos distintos, isso é condicionado pelo contato.

3.58-70. “Que todos eles (que afirmam a eternidade e todos os demais) possam experimentar aquela sensação sem o contato é impossível.

3.71. “Com relação a todos eles ..., eles experimentam essas sensações através do repetido contato através das seis bases dos sentidos; da sensação como condição, o desejo surge; do desejo como condição, o apego; do apego como condição, o ser/existir; do ser/existir como condição, o nascimento; do nascimento como condição, então o envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgem.

“Quando, *bhikkhus*, um *bhikkhu* compreende como na verdade é a origem e a cessação das seis bases do contato, a sua gratificação, perigo e escapatória, ele sabe aquilo que supera todas essas idéias.

3.72. “Quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que especulem sobre o passado, o futuro, ou ambos, têm idéias fixas e apresentem as suas idéias a esse respeito, todos eles estão aprisionados na rede com essas sessenta e duas divisões, e sempre que eles emergem e tentam escapar, eles são capturados e presos nessa rede. Tal qual um hábil pescador, ou o seu aprendiz, cobre uma pequena extensão de água com uma rede com a malha fina, pensando: ‘Quaisquer criaturas de um certo porte, que estejam nessa água, serão capturadas nesta rede, aprisionadas e mantidas nesta rede,’ da mesma forma com relação a todos contemplativos e *Brâmanes*: eles são capturados e presos nessa rede.

3.73. “*Bhikkhus*, o corpo do *Tathagata* permanece com o vínculo que o atava ao ser/existir cortado. Enquanto o corpo subsistir, *devas* e humanos o verão. Mas com a dissolução do corpo e a exaustão do tempo de vida, *devas* e humanos não mais o verão. *Bhikkhus*, como num galho com um cacho de mangas, todas as mangas têm o mesmo destino do galho se ele for partido, da mesma forma o vínculo do *Tathagata* com o ser/existir foi partido. Enquanto o corpo subsistir, *devas* e humanos o verão. Mas com a dissolução do corpo e a exaustão do tempo de vida, *devas* e humanos não mais o verão ...”

3.74. Quando isso foi dito o Venerável Ananda disse para o Abençoado: “É maravilhoso, Venerável senhor, é admirável. Qual é o nome deste discurso do Dhamma?”

“Ananda, você poderá se lembrar deste discurso do Dhamma como a Rede Vantajosa, a Rede do Dhamma, a Rede Suprema, a Rede de Idéias ou como a Incomparável Vitória em Batalha.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado. E enquanto esta explicação estava sendo proferida o sistema cósmico com dez mil mundos tremeu.

## *2 Samanaphala Sutta* Os Frutos da Vida Contemplativa

As justificativas para a criação da Sangha monástica

1. Assim ouvi. [xii](#) Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no manguezal de Jivaka Komarabhacca com uma grande Sangha de *bhikkhus* - 1.250 *bhikkhus* no total. Agora naquela ocasião, sendo o *Uposatha* do décimo quinto dia [xiii](#), a noite de lua cheia no quarto mês, chamado Komudi - o rei Ajatasattu Vedehiputta de Magadha [xiv](#), estava sentado no terraço no topo do seu palácio cercado pelos seus ministros. Então ele sentiu inspiração para exclamar: “Que maravilhosa é esta noite iluminada pela lua! Que bonita ... Que agradável ... Que inspiradora ... Que auspiciosa é esta noite iluminada pela lua! Qual *Brâmane* ou contemplativo deveríamos visitar esta noite que possa iluminar e trazer paz para os nossos corações?”

2. Quando isto foi dito, um dos ministros disse ao rei: “Majestade, aí está Purana Kassapa, o líder de uma comunidade, o líder de um grupo, o mestre de um grupo, honrado e famoso, estimado como santo pelas pessoas. Ele é idoso, adotou a vida santa há muito tempo, com a idade avançada, na sua última fase da vida. Você deveria visitá-lo. Talvez, se você o visitasse, ele pudesse iluminar e trazer paz para o seu coração.” Quando isso foi dito, o rei permaneceu em silêncio.

3-7. Então um outro ministro disse ao rei: “Majestade, aí está Makkhali Gosala ...” “Majestade, aí está Ajita Kesakambala ...” “Majestade, aí está Pakudha Kaccayana ...” “Majestade, aí está Sañjaya Belatthaputta ...” “Majestade, aí está Nigantha Nataputta, o líder de uma comunidade, o líder de um grupo, o mestre de um grupo, honrado e famoso, estimado como santo pelas pessoas. Ele é idoso, adotou a vida santa há muito tempo, com a idade avançada, na sua última fase da vida. Você deveria visitá-lo. Talvez, se você o visitasse, ele pudesse iluminar e trazer paz para o seu coração.” Quando isso foi dito, o rei permaneceu em silêncio.

8. Todo esse tempo Jivaka Komarabhacca estava sentado em silêncio não muito distante do rei. Assim o rei lhe disse: “Amigo Jivaka, por que você está silencioso?”

“Majestade, aí está o Abençoado, o *arahant*, o Buda Perfeitamente Iluminado, ele está no meu manguezal com uma grande Sangha de *bhikkhus* - 1.250 no total. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Você deveria visitá-lo. Talvez se você o visitasse, ele pudesse iluminar e trazer paz para o seu coração.”

“Então nesse caso, amigo Jivaka, prepare os elefantes de montaria.”

9. Tendo respondido, “Assim seja, majestade,” e após preparar quinhentas elefantas bem como o elefante pessoal do rei, Jivaka anunciou para o rei: “Majestade, os elefantes de montaria estão preparados. Faça como julgar adequado.”

Então o rei, tendo quinhentas das suas mulheres montadas nas quinhentas elefantas - uma em cada - e tendo montado o seu elefante real, saiu de Rajagaha com toda a pompa da realeza, com criados carregando tochas, na direção do manguezal de Jivaka Komarabhacca.

10. Porém quando o rei estava não muito distante do manguezal, ele foi tomado pelo medo, terror, o seu cabelo em pé. Temeroso, agitado, seu cabelo em pé, ele disse para Jivaka Komarabhacca: “Amigo Jivaka, você não está me enganando, está? Você não está me traindo, está? Você não está me entregando para meus inimigos, está? Como pode haver uma comunidade de *bhikkhus* tão grande - 1.250 no total - sem nenhum ruído de espirros, nenhum ruído de tosse, sem qualquer ruído de vozes?”

“Não tema, grande rei. Não tema. Eu não o estou enganando ou traindo ou entregando aos seus inimigos. Vá em frente, grande rei, vá em frente! Aquelas são lâmpadas ardendo no pavilhão.”

11. Então o rei foi até onde a estrada permitia o acesso dos elefantes e depois desmontou e se aproximou da porta do pavilhão a pé. Chegando, ele perguntou a Jivaka: “Aonde, amigo Jivaka, está o Abençoado?”

“Aquele é o Abençoado, grande rei, sentado contra o pilar do meio, cercado pela comunidade de *bhikkhus*.”

12. Então o rei se aproximou do Abençoado e permaneceu em pé a um lado. Enquanto estava ali em pé - inspecionando a comunidade de *bhikkhus* sentada em absoluto silêncio, calma como um lago - ele se sentiu inspirado para exclamar: “Que o meu filho, Príncipe Udayibhadda, desfrute da mesma paz que esta comunidade de *bhikkhus* agora desfruta!”

[O Abençoado disse:] “Você veio, grande rei, junto com aqueles por quem você tem afeto?”

“Venerável senhor, meu filho, Príncipe Udayibhadda, [xv](#) é muito querido. Que ele desfrute a mesma paz que esta comunidade de *bhikkhus* agora desfruta!”

13. Então, curvando-se ante o Abençoado, e saudando a comunidade de *bhikkhus* com as suas mãos postas, ele sentou a um lado e disse para o Abençoado: “Eu gostaria de perguntar ao Abençoado acerca de um certo assunto, se ele me desse a oportunidade de explicar minha questão.”

“Pergunte, grande rei, o que você quiser.”

### **(A Pergunta do Rei)**

14. “Venerável senhor, existem estes especialistas: treinadores de elefantes, treinadores de cavalos, condutores de carruagens, arqueiros, porta-estandartes, marechais de campo, oficiais do grupo de abastecimento, oficiais reais de alto escalão, comandos, heróis militares, guerreiros com armaduras, guerreiros com vestimentas de couro, escravos domésticos, confeiteiros, barbeiros, banhistas, cozinheiros, artesões de grinaldas, lavadeiras, tecelões, cesteiros, oleiros, aritméticos, contadores, e qualquer outro especialista semelhante. Eles vivem dos frutos do seu ofício, visíveis no aqui e agora. Eles mantêm a si mesmos e aos seus pais, esposa e filhos, amigos e colegas, com conforto e felicidade. Eles dão excelentes oferendas, para *Brâmanes* e contemplativos, que os conduzem ao paraíso, contribuem para a sua felicidade, têm a bem-aventurança como resultado. É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?”

15. “Você se recorda, grande rei, de alguma vez ter perguntado isto a outros *Brâmanes* ou contemplativos?”

“Sim, eu me lembro.”

“Se não for um problema para você, como eles responderam?”

“Não, não é um problema responder ao Abençoado, ou alguém como o Abençoado.”

“Então fale, grande rei.”

16. “Certa vez, Venerável senhor eu fui até Purana Kassapa [xvi](#) e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e perguntei: ‘Venerável Kassapa, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

17. “Quando isto foi dito, Purana Kassapa me disse, ‘Grande rei, agindo ou fazendo com que outros ajam, mutilando ou fazendo com que outros mutilem, torturando ou

fazendo com que outros torturem, causando sofrimento ou fazendo com que outros causem sofrimento, atormentando ou fazendo com que outros atormentem, intimidando ou fazendo com que outros intimidem, matando, tomando o que não é dado, arrombando casas, pilhando riquezas, roubando, emboscando nas estradas, cometendo adultério, dizendo mentiras - a pessoa não faz o mal. Se com uma lâmina afiada como uma navalha alguém convertesse todos os seres vivos sobre a terra em um único amontoado de carne, uma única pilha de carne, não haveria mal por essa causa, nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem direita do rio Ganges, matando e fazendo com que outros matem, mutilando e fazendo com que outros mutilem, torturando e fazendo com que outros torturem, não haveria mal por essa causa, nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem esquerda do rio Ganges, dando oferendas e fazendo com que outros dêem oferendas, por causa disso não haveria mérito e nenhum resultado do mérito. Através da generosidade, do autocontrole, da contenção e dizendo a verdade não há mérito por essa causa, nenhum resultado do mérito.'

18. “Dessa forma, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Purana Kassapa respondeu com a sua teoria da não ação. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Purana Kassapa respondeu com a sua teoria da não ação. O pensamento me ocorreu: ‘Como pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ [xvii](#) No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Purana Kassapa. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(Purificação através do *samsara*)**

19. “Em uma outra ocasião eu fui até Makkhali Gosala [xviii](#) e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e lhe perguntei: ‘Venerável Gosala, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

20. “Quando isto foi dito, Makkhali Gosala me disse, ‘Grande rei, não existem causas e condições para a contaminação dos seres. Os seres são contaminados sem causas e condições. Não há causas e condições para a purificação dos seres. Os seres são purificados sem causas e condições. A realização de uma dada condição, de qualquer caráter, não depende quer seja das próprias ações, ou das ações dos outros, ou do esforço humano. Não há tal coisa como o poder ou energia, nem o poder humano ou a energia humana. Todos os animais, todas as criaturas, todos os seres, todas as almas, não têm força, poder e energia por si mesmos. Eles se inclinam nesta ou naquela direção de acordo com o seu destino, moldado de acordo com as

circunstâncias e natureza da classe à qual pertencem, de acordo com a sua respectiva natureza: e é de acordo com a sua posição numa dessas seis classes que eles experimentam o prazer e a dor.

“Existem 1.400.000 tipos principais de nascimento, 6.000 outros, e mais 600; existem 500 tipos de *kamma*, [xix](#) ou 5 tipos [xx](#) e 3 tipos, [xxi](#) e meio *kamma* [xxii](#); existem 62 caminhos (modos de conduta), 62 ciclos cósmicos intermediários, 6 classes (diferenças entre os seres humanos), 8 estágios na existência humana, 4.900 ocupações, 4.900 tipos de errantes, 4.900 moradas dos *nagas*, 2.000 existências sencientes, 3.000 infernos, 36 lugares com poeira, 7 classes de renascimento de seres com consciência, 7 sem consciência, 7 classes de seres ‘livres dos grilhões’, 7 tipos de divindades, 7 tipos de seres humanos, 7 tipos de demônios, 7 lagos, 7 nós, 7 grandes e 7 pequenos precipícios, 7 grandes e 7 pequenos tipos de sonhos.

“Existem 8 milhões e 400 mil grandes ciclos cósmicos durante os quais, ambos os sábios e os tolos, transmigrando e perambulando através do ciclo de renascimentos darão um fim ao sofrimento da mesma forma. Embora os sábios aspirem: ‘Através desta virtude ou observância ou ascetismo ou desta vida santa eu amadurecerei o *kamma* que não está maduro e aniquilarei o *kamma* amadurecido na medida em que ele surgir.’ Embora os tolos tenham a mesma aspiração, nenhum deles será capaz de fazer isso. O prazer e a dor são repartidos e não podem ser alterados ao longo da transmigração, não pode haver o seu incremento nem a sua diminuição, não há excesso nem falta. Tal como uma bola de linha, quando arremessada, chega ao seu fim simplesmente desenrolando, da mesma forma, tendo transmigrado e perambulado através do ciclo de renascimentos, durante o tempo determinado, e somente depois disso, ambos os sábios e os tolos darão um fim ao sofrimento.”

21. “Dessa forma, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Makkhali Gosala respondeu com a sua teoria da purificação através da perambulação. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Makkhali Gosala respondeu com a sua teoria da purificação através da perambulação. O pensamento me ocorreu: ‘Como pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Makkhali Gosala. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(Aniquilação)**

22. “Em uma outra ocasião eu fui até Ajita Kesakambala [xxiii](#) e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e lhe perguntei: ‘Venerável Ajita, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos

do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

23. “Quando isso foi dito, Ajita Kesakambala me disse, ‘Grande rei, não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo *Brâmanes* nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo. [xxiv](#) Uma pessoa consiste dos quatro grandes elementos. Quando ela morre, a terra retorna e vai para o corpo da terra, a água retorna e vai para o corpo da água, o fogo retorna e vai para o corpo do fogo, o ar retorna e vai para o corpo do ar; as faculdades são transferidas para o espaço. Quatro homens com o ataúde como quinto levam o corpo embora. As orações funerárias duram até chegar no cemitério; os ossos branqueiam; as oferendas queimadas terminam como cinzas. A generosidade é uma doutrina dos tolos. Qualquer um que afirme uma doutrina de que a generosidade existe, isso é vazio, falsa tagarelice. Tolos e sábios são da mesma forma extintos e aniquilados com a dissolução do corpo; depois da morte eles não existem.’

24. “Dessa forma, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Ajita Kesakambala respondeu com a sua teoria da aniquilação. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Ajita Kesakambala respondeu com a sua teoria da aniquilação. O pensamento me ocorreu: ‘Como pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Ajita Kesakambala. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(Não relação)**

25. “Em uma outra ocasião eu fui até Pakudha Kaccayana [xxv](#) e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e lhe perguntei: ‘Venerável Kaccayana, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

26. “Quando isto foi dito, Pakudha Kaccayana me disse, ‘Grande rei, existem esses sete elementos - não feitos, não causados, não criados, sem um criador, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar - que não se alteram, não mudam, não interferem uns com os outros, são incapazes de causar um ao outro o prazer, a dor, ou ambos. Quais sete? O elemento terra, o elemento água, o

elemento fogo, o elemento ar, prazer, dor e alma como sétimo. Esses são os sete elementos não feitos, não causados, não criados, sem um criador, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar – que não se alteram, não mudam, não interferem uns com os outros, são incapazes de causar um ao outro o prazer, a dor, ou ambos. Portanto não há matador ou morto, ouvinte ou falante, conhecedor ou explicador. Quando alguém com uma espada afiada corta a cabeça de outra pessoa, não é tirada a vida de ninguém, a espada simplesmente passa no espaço entre os sete elementos.’

27. “Portanto, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Pakudha Kaccayana respondeu com a sua teoria da não relação. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Pakudha Kaccayana respondeu com a sua teoria da não relação. O pensamento me ocorreu: ‘Como pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Pakudha Kaccayana. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(Contenção de Quatro Modos)**

28. “Em uma outra ocasião eu fui até Nigantha Nataputta [xxvi](#) e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e lhe perguntei: ‘Venerável Aggivessana, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

29. “Quando isto foi dito, Nigantha Nataputta me disse, ‘Grande rei, é o caso que o Nigantha é contido com quatro controles. E como o Nigantha é contido com quatro controles? É o caso em que o Nigantha é coibido por todas as coibições, sujeitado por todas as coibições, purificado por todas as coibições e demandado por todas as coibições. [xxvii](#) Assim é como o Nigantha é contido com quatro controles. Quando o Nigantha é contido com esses quatro controles, se diz que ele é ‘alguém livre de grilhões’ (Nigantha), um filho de Nata (Nataputta), com o seu eu aperfeiçoado, seu eu controlado, seu eu estabelecido.’

30. “Dessa forma, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Nigantha Nataputta respondeu com a sua teoria da contenção de quatro modos. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Nigantha Nataputta respondeu com a sua teoria da contenção de quatro modos. O pensamento me ocorreu: ‘Como

pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Nigantha Nataputta. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(Evasão)**

31. “Em uma outra ocasião eu fui até Sañjaya Belatthaputta e, chegando, nos cumprimentamos. Após a troca de saudações amigáveis e corteses, sentei a um lado e lhe perguntei: ‘Venerável Sañjaya, existem estes especialistas ... Eles vivem dos frutos do seu trabalho, visível no aqui e agora ... É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?’

32. “Quando isto foi dito, Sañjaya Belatthaputta me disse, ‘Se você me perguntasse se existe um outro mundo (após a morte), se eu pensasse que existe um outro mundo, eu o declararia para você? Eu não creio. Eu não penso dessa forma. Eu não penso de outra forma. Eu não penso que não. Eu não penso que não não. Se você me perguntasse se não há um outro mundo ... ambos há e não há ... nem há, nem não há ... se existem seres que transmigram ... se não existem ... ambos existem e não ... nem existem, nem não ... se o *Tathagata* existe após a morte ... não existe ... ambos ... nem existe, nem não existe após a morte, eu o declararia para você? Eu não creio. Eu não penso dessa forma. Eu não penso de outra forma. Eu não penso que não. Eu não penso que não não.’

33. “Dessa forma, quando questionado acerca do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Sañjaya Belatthaputta respondeu com a evasão. Tal como se uma pessoa, perguntada a respeito de manga, respondesse com uma fruta pão; ou quando perguntada a respeito da fruta pão, respondesse com uma manga: da mesma forma, quando perguntado a respeito do fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, Sañjaya Belatthaputta respondeu com a evasão. O pensamento me ocorreu: esse – entre esses *Brâmanes* e contemplativos – é o mais tolo e confuso de todos. Como pode ele, quando perguntado sobre o fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, responder com a evasão? E novamente o pensamento me ocorreu: ‘Como pode uma pessoa como eu pensar em menosprezar um *Brâmane* ou contemplativo que viva no meu reino?’ No entanto eu não concordei e tampouco critiquei as palavras de Sañjaya Belatthaputta. Assim sem concordar nem criticar o que ele disse, e embora estivesse insatisfeito, sem expressar a minha insatisfação, sem aceitar nem rejeitar o seu ensinamento, eu levantei do meu assento e parti.

### **(O Primeiro Fruto Visível da Vida Contemplativa)**

34. “Dessa forma, Venerável senhor, eu também pergunto ao Abençoado. Existem estes especialistas: treinadores de elefantes, treinadores de cavalos, condutores de carruagens, arqueiros, porta-estandartes, marechais de campo, oficiais do grupo de abastecimento, oficiais reais de alto escalão, comandos, heróis militares, guerreiros

com armaduras, guerreiros com vestimentas de couro, escravos domésticos, confeitadores, barbeiros, banhistas, cozinheiros, artesões de grinaldas, lavadeiras, tecelões, cesteiros, oleiros, aritméticos, contadores, e qualquer outro especialista semelhante. Eles vivem dos frutos do seu ofício, visíveis no aqui e agora. Eles mantêm a si mesmos e aos seus pais, esposa e filhos, amigos e colegas, com conforto e felicidade. Eles dão excelentes oferendas, para *Brâmanes* e contemplativos, que os conduzem ao paraíso, contribuem para a sua felicidade, têm a bem-aventurança como resultado. É possível, Venerável senhor, apontar um fruto similar da vida contemplativa, visível no aqui e agora?”

“Sim, é possível, grande rei. Porém, primeiro, em relação a isso, eu lhe farei uma contra pergunta. Responda como quiser.

35. “Suponha que houvesse um homem: seu escravo, seu trabalhador, levantando-se pela manhã antes de você, indo para a cama à noite somente depois de você, fazendo tudo que você ordene, sempre agindo para agradá-lo, dirigindo-lhe a palavra com cortesia, sempre atento ao seu semblante. Ele poderia pensar: ‘Isto não é maravilhoso? Isto não é admirável? - a consequência, o resultado, de ações meritórias! [xxviii](#) Pois este rei Ajatasattu é um ser humano, e eu, também sou um ser humano, no entanto o rei Ajatasattu goza, provido e dotado, dos cinco elementos do prazer sensual - como se uma divindade fosse - enquanto que eu sou seu escravo, seu trabalhador ... sempre atento ao seu semblante. Eu também deveria praticar ações meritórias. E se eu raspasse meu cabelo e minha barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa?’

“Assim após algum tempo ele raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa. Vivendo a vida santa dessa forma ele vive com controle sobre o corpo, linguagem e mente, satisfeito com a comida e moradia mais simples, sentindo prazer no isolamento. Então suponha que um dos seus homens lhe informe: ‘Majestade, você deve saber, que um dos seus homens - seu escravo, seu trabalhador ... sempre atento ao seu semblante ... seguiu a vida santa ... satisfeito com a comida e moradia mais simples, sentindo prazer no isolamento.’ Tendo sido informado dessa forma, você diria, ‘Traga-me esse homem de volta. Façam-no novamente meu escravo, meu trabalhador ... sempre atento ao meu semblante!’?”

36. “De forma nenhuma, Venerável senhor. Ao invés disso, sou eu quem deveria me curvar ante ele, levantar-me por respeito a ele, convidá-lo a sentar, convidá-lo a aceitar oferendas de mantos, alimentos, moradia e medicamentos. E eu lhe proferiria guarda, defesa e proteção.”

“Então o que você pensa, grande rei. Sendo esse o caso, existe um fruto visível da vida contemplativa, ou não existe?”

“Sim, Venerável senhor. Sendo esse o caso, certamente existe um fruto visível da vida contemplativa.”

“Este, grande rei, é o primeiro fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, que eu lhe aponto.”

### **(O Segundo Fruto Visível da Vida Contemplativa)**

37. “Porém, é possível, Venerável senhor, apontar mais um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora?”

“Sim, é possível, grande rei. Mas, primeiro, em relação a isso, eu lhe farei uma contra pergunta. Responda como quiser. Suponha que houvesse um homem: um lavrador, um chefe de família, um pagante de tributos inchando o tesouro real. Ele poderia pensar: ‘Isto não é maravilhoso? Isto não é admirável? - a consequência, o resultado, de ações meritórias. Pois este rei Ajatasattu é um ser humano, e eu, também sou um ser humano, no entanto o rei Ajatasattu goza, provido e dotado, dos cinco elementos do prazer sensual - como se uma divindade fosse - enquanto que eu sou um lavrador, um chefe de família, um pagante de tributos inchando o tesouro real. Eu também deveria praticar ações meritórias. E se eu raspasse meu cabelo e minha barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa?’

“Assim após algum tempo ele abandona a sua fortuna, grande ou pequena; deixa o seu círculo de parentes, grande ou pequeno; raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa. Vivendo a vida santa dessa forma ele vive com controle sobre o corpo, linguagem e mente, satisfeito com a comida e moradia mais simples, sentindo prazer no isolamento. Então suponha que um dos seus homens lhe informe: ‘Majestade, você deve saber, que um dos seus homens - seu lavrador, seu chefe de família, seu pagante de tributos inchando o tesouro real ... seguiu a vida santa ... satisfeito com a comida e moradia mais simples, sentindo prazer no isolamento.’ Tendo sido informado dessa forma, você diria, ‘Traga-me esse homem de volta. Façam-no novamente um lavrador, um chefe de família, um pagante de tributos inchando o tesouro real!’?”

38. “De forma nenhuma, Venerável senhor. Ao invés disso, sou eu quem deveria me curvar ante ele, levantar-me por respeito a ele, convidá-lo a sentar, convidá-lo a aceitar oferendas de mantos, alimentos, moradia, e medicamentos. E eu lhe proveria guarda, defesa, e proteção.”

“Então o que você pensa, grande rei. Sendo esse o caso, existe um fruto visível da vida contemplativa, ou não existe?”

“Sim, Venerável senhor. Sendo esse o caso, certamente existe um fruto visível da vida contemplativa.”

“Este, grande rei, é o segundo fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, que eu lhe aponto.”

### **(Frutos Mais Elevados da Vida Contemplativa)**

39. “Mas é possível, Venerável senhor, apontar mais um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora?”

“Sim, é possível, grande rei. Ouça e preste muita atenção.

40. “É o caso, grande rei, que um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.

41. “Um chefe de família ou o filho de um chefe de família ou alguém nascido em algum outro clã ouve o Dhamma. Ouvindo o Dhamma ele adquire convicção no *Tathagata*. Possuindo essa fé ele reflete da seguinte forma: 'A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.' Então após algum tempo ele abandona a sua fortuna, grande ou pequena; deixa o seu círculo de parentes, grande ou pequeno; raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa.

42. “Vivendo a vida santa, ele vive contido pelas regras do *Patimokkha*, perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha. Consumado em virtude, ele guarda as portas dos meios dos sentidos, possui atenção plena e plena consciência, e está satisfeito.

### **(A Pequena Seção sobre a Virtude)**

43-62. “E como um *bhikkhu* é consumado em virtude? Abandonando tirar a vida de outros seres, ele se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Isto é parte da sua virtude.

“Abandonando tomar o que não seja dado, ele se abstém de tomar o que não é dado; tomando somente aquilo que é dado, aceitando somente aquilo que é dado, não roubando ele permanece puro. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Abandonando o não celibato, ele vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Abandonando a linguagem mentirosa, ele se abstém da linguagem mentirosa. Ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa. O que ele ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas. O que ele ouviu lá ele não conta aqui para separar estas pessoas daquelas. Assim ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia, desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Ele se abstém de danificar sementes e plantas.

“Ele come somente uma vez ao dia, privando-se da refeição noturna e de alimentos nas horas incorretas.

“Ele se abstém de dançar, cantar, ouvir música e de ver espetáculos de entretenimento.

“Ele se abstém de usar ornamentos, usar perfumes e de embelezar o corpo com cosméticos.

“Ele se abstém de deitar em leitos elevados e luxuosos.

“Ele se abstém de aceitar ouro e dinheiro.

“Ele se abstém de aceitar grãos que não estejam cozidos ... carne crua ... mulheres e garotas ... escravos e escravas ... cabras e ovelhas ... aves e porcos ... elefantes, gado, cavalos e éguas ... terras e propriedades.

“Ele se abstém de fazer pequenas tarefas e levar mensagens ... de comprar e vender ... de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas ... do suborno, burla e fraude.

“Ele se abstém de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar.

“Isto, também, é parte da sua virtude.

### **(A Seção Intermediária sobre a Virtude)**

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a danificar sementes e plantas tais como estas - plantas que se propagam pelas raízes, caules, juntas, germinações, e sementes - ele se abstém de danificar sementes e plantas tais como essas. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a consumir mercadorias armazenadas tais como estas - comida armazenada, bebidas armazenadas, roupas armazenadas, veículos armazenados, roupas de cama armazenadas, perfumes armazenados, carne armazenada - ele se abstém de consumir mercadorias armazenadas como essas. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a assistir espetáculos tais como estes – danças, canto, instrumentos musicais, recitações de baladas, bater palmas, címbalos e tambores, cenas pintadas, truques acrobáticos e de súplicas, luta de elefantes, luta de cavalos, luta de búfalos, touradas, luta de bodes, luta de carneiros, briga de galos, luta de codornas; luta com paus, boxe, luta livre, jogos de guerra, listas de chamada, planos de batalha, e paradas militares – ele se abstém de assistir espetáculos como esses. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a jogos insensatos e ociosos tais como estes – xadrez de oito filas, xadrez de dez filas, xadrez no ar, amarelinha, jogo de varetas, dados, jogos com paus, desenhos com a mão, jogos com bola, soprar flautas de brinquedo, brincar com arados de brinquedo, piruetas, brincar com moinhos de vento de brinquedo, medidas de brinquedo, carruagens de brinquedo, arcos de brinquedo, adivinhar letras desenhadas no ar, adivinhar pensamentos, imitando deformidades – ele se abstém de jogos insensatos e ociosos tais como esses. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a uma mobília alta e luxuosa tais como essas – sofás de grande tamanho, enfeitados com animais esculpidos; colchas felpudas, com retalhos multicoloridos, de lã branca, de lã bordadas com flores ou figuras de animais, acolchoadas, com franjas, de seda bordadas com pedras preciosas; tapetes grandes de lã; tapetes com elefantes, com cavalos e carruagens, de pele de antílope, de pele de gamo; camas com baldaquino, com almofadas vermelhas para a cabeça e os pés – ele se abstém de usar mobílias altas e luxuosas tais como essas. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a perfumes, cosméticos, e meios de embelezamento tais como estes – pós para massagear o corpo, massagem com óleos, banho em água perfumada, massagem nos membros, usar espelhos, pomadas, ornamentos, perfumes, cremes, pós de arroz, máscara, braceletes, tiaras, bengalas decoradas, garrafas de água ornamentadas, espadas, guarda sóis enfeitados, sandálias decoradas, turbantes, pedras preciosas, espanador feito de pelos de yak, túnicas longas com franjas – ele se abstém de usar perfumes, cosméticos e meios de embelezamento tais como esses. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a falar de tópicos inferiores tais como estes – falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas – ele se abstém de falar de tópicos inferiores tais como esses. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a debates tais como estes – ‘Você entende esta doutrina e disciplina? Eu sou aquele que entende esta doutrina e disciplina. Como pode você entender esta doutrina e disciplina? A sua prática é incorreta. Eu pratico corretamente. Eu sou consistente. Você não é. O que deve ser dito primeiro você fala por último. O que deve ser dito por último você fala primeiro. O que lhe tardou tanto tempo para pensar foi refutado. A sua doutrina foi derrubada. Você está derrotado. Vá e tente salvar a sua doutrina; solte a si mesmo se você puder!’ – ele se abstém de debates tais como estes. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, estão habituados a levar mensagens e fazer pequenas tarefas para pessoas tais como estas – reis, ministros de estado, nobre guerreiros, *Brâmanes*, contemplativos, chefes de família, ou jovens (que dizem), ‘Venha aqui, vá ali, leve isto lá, vá buscar e traga isto aqui’ – ele se abstém de levar mensagens e fazer pequenas tarefas para pessoas como essas. Isto, também, é parte da sua virtude.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, se ocupam com tramar, persuadir, aconselhar, depreciar e perseguir o ganho com o ganho, ele se abstém de tramar, persuadir, aconselhar, depreciar e perseguir o ganho com o ganho (maneiras inadequadas de obter apoio material de doadores). Isto, também, é parte da sua virtude.

**(A Grande Seção sobre a Virtude)**

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes inferiores tais como:

leitura de marcas nos membros [ex: quiromancia]; leitura de presságios e sinais; interpretação de eventos celestiais [estrelas cadentes, cometas]; interpretação de sonhos;  
leitura de marcas no corpo [ex: frenologia]; leitura de marcas em tecidos roídos por ratos;  
oblação oferecida com o fogo, oblação de uma concha, oblação de palhas, pó de arroz, gorduras, e óleo; oferecer oblações com a boca; oferecer sacrifícios de sangue; fazer previsões baseadas nas pontas dos dedos; geomancia; deitar demônios em um cemitério;  
colocar feitiços em espíritos; recitar feitiços protetores em casas; encantar serpentes, xamanismo com venenos, xamanismo com escorpiões, xamanismo com ratos, xamanismo com pássaros, xamanismo com corvos; ler a sorte com base em visões; dar encantos protetores; interpretar o chamado de pássaros e animais

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como: determinar o que traz e não traz a sorte com pedras preciosas, roupas, bengalas, espadas, lanças, flechas, arcos, e outras armas; mulheres, meninos, meninas, escravos, escravas; elefantes, cavalos, búfalos, touros, vacas, bodes, carneiros, aves, codornas, lagartos, roedores com orelhas grandes, tartarugas, e outros animais – ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes inferiores como prever que:

os regentes marcharão para a frente; os regentes marcharão para a frente e retornarão; nossos regentes atacarão e os regentes deles recuarão; os regentes deles atacarão e os nossos regentes recuarão; haverá triunfo para os nossos regentes e derrota para os regentes deles; haverá triunfo para os regentes deles e derrota para os nosso regentes;  
dessa forma haverá triunfo, dessa forma haverá derrota -

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes inferiores como prever que:

haverá um eclipse lunar; haverá um eclipse solar; haverá a ocultação de um astro; o sol e a lua continuarão no seu curso normal; o sol e a lua sairão do seu curso normal; os astros seguirão no seu curso normal; os astros sairão do seu curso normal; haverá uma chuva de meteoros; haverá um escurecimento do céu; haverá um terremoto; haverá trovões vindo de um céu claro; haverá um nascente, um poente, um escurecimento, um brilho mais intenso do sol, lua, e astros; assim será o resultado do eclipse lunar ... o nascente, poente, escurecimento, brilho mais intenso do sol, lua e astros -

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes inferiores como prever que:

haverá chuva em abundância; haverá uma seca; haverá abundância; haverá fome; haverá paz e segurança; haverá insegurança; haverá doença; não haverá doença; ou eles ganham a vida fazendo contas, contabilidade, cálculos, compondo poesias, ou ensinando artes e doutrinas hedonísticas -

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, por meio de artes inferiores como:

calcular as datas mais auspiciosas para casamentos, noivados, divórcios; para cobrar dívidas ou fazer investimentos e empréstimos; para ser atraente ou não atraente; curar mulheres que abortaram; recitar feitiços para amarrar a língua de um homem, para paralisar a sua mandíbula, para fazer com que ele perca o controle das mãos, ou torná-lo surdo; obter respostas de oráculo a questões dirigidas a um espelho, a uma jovem garota, ou a um médium espiritual; cultuar o sol, cultuar o Grande *Brahma*, fazer sair chamas pela boca, invocar à deusa da sorte -

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

“Enquanto que alguns *Brâmanes* e contemplativos, vivendo de alimentos dados em boa fé, mantêm a si mesmos através de um modo de vida incorreto, através de artes inferiores como:

prometer presentes para divindades em troca de favores; cumprir essas promessas; demonologia; ensinar feitiços que protegem as casas; induzir virilidade e impotência; consagrar terrenos para construção; dar colutórios cerimoniais e banhos cerimoniais;

oferecer fogueiras de sacrifício; preparar eméticos, purgativos, expectorantes, diuréticos, curas para dor de cabeça; preparar óleo para os ouvidos, gotas para os olhos, óleo para tratamento através do nariz, colírio e antídotos; curar cataratas, praticar cirurgia, praticar pediatria, prescrever medicamentos e tratamentos para curar efeitos colaterais -

ele se abstém do modo de vida incorreto, através de artes inferiores tais como essas.

63. “Um *bhikkhu* consumado em virtude dessa forma, não vê perigo em lugar nenhum pela sua contenção através da virtude. Da mesma forma, como um rei ungido, nobre guerreiro, que derrotou os seus inimigos não vê perigo em lugar nenhum, da mesma forma, um *bhikkhu* consumado em virtude dessa forma não vê perigo em lugar nenhum pela sua contenção através da virtude. Dotado desse nobre agregado da virtude, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada. Assim é como um *bhikkhu* é consumado em virtude.

### **(Contenção dos Sentidos)**

64. “Ao ver uma forma com o olho, um *bhikkhu* não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Ele pratica a contenção, ele protege a faculdade da mente, ele se empenha na contenção da faculdade da mente. Dotado dessa nobre contenção das faculdades, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada. Assim é como um *bhikkhu* guarda as portas dos seus meios dos sentidos.

### **(Atenção Plena e Plena Consciência)**

65. “E como um *bhikkhu* possui atenção plena e plena consciência? Um *bhikkhu* age com plena consciência quando vai para a frente e quando retorna; age com plena consciência quando olha para a frente e quando desvia o olhar; age com plena consciência quando dobra e estende os seus membros; age com plena consciência quando carrega o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência quando come, bebe, mastiga e saboreia; age com plena consciência quando defeca e urina; age com plena consciência quando caminha, fica em pé, senta, adormece, acorda, fala e permanece em silêncio. Assim é como um *bhikkhu* possui atenção plena e plena consciência.

### **(Satisfação)**

66. “E como um *bhikkhu* está satisfeito? Igual a um passarinho, aonde quer que ele vá, voa com as asas como seu único fardo, assim também, o *bhikkhu* está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Assim é como um *bhikkhu* está satisfeito.

### **(Abandonando os Obstáculos)**

67. “Dotado desse nobre agregado da virtude, essa nobre contenção das faculdades sensoriais, essa nobre atenção plena e plena consciência, ele procura um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia. Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, com o corpo ereto e coloca a atenção plena à sua frente.

68. “Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, com compaixão pelo bem-estar de todos seres vivos; ele purifica sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, perceptivo à luz, atento e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação às qualidades mentais hábeis; ele purifica sua mente da dúvida.

69. “Suponha que um homem, tomando um empréstimo, invista no seu negócio. Os seus negócios vão bem. Ele paga a dívida e sobra algo para sustentar a sua esposa. O pensamento lhe ocorreria, ‘Antes, tomei um empréstimo, ... paguei a dívida e sobrou algo para sustentar minha esposa’. Por causa disso ele experimentaria alegria e felicidade.

70. “Agora suponha que um homem se enferme – com dores e seriamente doente. Ele não tolera a comida e não há força no seu corpo. Conforme o tempo passa, ele finalmente se recupera dessa enfermidade. Ele tolera a comida e há força no seu corpo. O pensamento lhe ocorreria, ‘Antes, eu estava doente ... Agora estou recuperado daquela doença. Eu tolero a minha comida, há força no meu corpo.’ Por causa disso ele experimentaria alegria e felicidade.

71. “Agora suponha que um homem está na prisão. Conforme o tempo passa, ele finalmente é libertado dessa prisão, são e salvo, sem perda de patrimônio. O pensamento lhe ocorreria, ‘Antes, eu estava na prisão. Agora estou livre da prisão, são e salvo, sem perda do meu patrimônio.’ Por causa disso ele experimentaria alegria e felicidade.

72. “Agora suponha que um homem é um escravo, sujeito a outros, não sujeito a si mesmo, incapaz de ir aonde queira. Conforme o tempo passa, ele finalmente é libertado daquela escravidão, sujeito a si mesmo, não sujeito a outros, livre, capaz de ir aonde queira. O pensamento lhe ocorreria, ‘Antes, eu era um escravo ... Agora estou livre daquela escravidão, sujeito a mim mesmo, não sujeito a outros, livre, capaz de ir aonde queira.’ Por causa disso ele experimentaria alegria e felicidade.

73. “Agora suponha que um homem, carregando dinheiro e mercadorias, está viajando por uma estrada em uma região desolada. Conforme o tempo passa, ele finalmente emerge daquela região desolada, são e salvo, sem perda de patrimônio. O pensamento lhe ocorreria, ‘Antes, carregando dinheiro e mercadorias, eu estava viajando por uma estrada em uma região desolada. Agora emergi dessa região desolada, são e salvo, sem perda do meu patrimônio.’ Por causa disso ele experimentaria alegria e felicidade.

74. “Da mesma forma, quando esses cinco obstáculos não são abandonados por ele, o *bhikkhu* os considera como uma dívida, uma enfermidade, uma prisão, a escravidão, uma estrada através de uma região desolada. Porém, quando esses cinco obstáculos são abandonados, ele os considera como não ter dívidas, ter boa saúde, estar livre da prisão, estar livre da escravidão, estar num lugar com segurança. Vendo que os obstáculos foram abandonados por ele, ele fica satisfeito. Satisfeito, o êxtase surge. Com o êxtase, o seu corpo se acalma. Com o corpo calmo, ele sente felicidade. Sentindo felicidade, a sua mente fica concentrada.

### **(Os Quatro *Jhanas*)**

75. “Um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos do afastamento.

76. “É como se um banhista habilidoso ou seu aprendiz vertesse pó de banho numa bacia de latão e o misturasse, borrifando com água de tempos em tempos, de forma que essa bola de pó de banho - saturada, carregada de umidade, permeada por dentro e por fora - no entanto não pingasse; assim, o *bhikkhu* permeia, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento...

“Este é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

77. “E além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o

corpo com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos da concentração.

78. "Como um lago sendo alimentado por uma fonte de água interna, não tendo um fluxo de água do leste, oeste, norte, ou sul, nem os céus periodicamente fornecendo chuvas abundantes, de modo que a fonte de água interna permeia e impregna, cobre e preenche o lago de água fresca, sem que nenhuma parte do lago não esteja permeada pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos da concentração...

"Este, também, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

79. "E além disso, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.' Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada do êxtase, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado com a felicidade despojada do êxtase.

80. "Como num lago que tenha flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas, podem existir algumas flores de lótus azuis, brancas, ou vermelhas que, nascidas e tendo crescido na água, permanecem imersas na água e florescem sem sair de dentro da água, de forma que elas permanecem permeadas e impregnadas, cobertas e preenchidas com água fresca da raiz até a ponta, e nada dessas flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas permanece sem estar permeado pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada de êxtase...

"Este, também, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

81. "E além disso, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Ele permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado pela mente pura e luminosa.

82. "Como se um homem estivesse enrolado da cabeça aos pés com um tecido branco de forma que não houvesse nenhuma parte do corpo que não estivesse coberta pelo tecido branco; assim também o *bhikkhu* permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa. Não há nada no corpo que não esteja permeado por essa mente pura e luminosa.

“Este, também, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(Insight)**

83. “Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige e a inclina para o conhecimento e visão. Ele discerne: ‘Este meu corpo composto de forma material, consistindo dos quatro grandes elementos, nascido de mãe e pai, alimentado com arroz e mingau, está sujeito à impermanência, a ser gasto e pulverizado, à dissolução e desintegração, e esta minha consciência está apoiada nele e atada a ele.’

84. Tal como se existisse uma linda pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, clara, límpida, possuindo todas as boas qualidades, e através dela fosse passado um fio azul, amarelo, vermelho ou branco. Então um homem com boa visão, tomando a pedra nas mãos, a examinaria da seguinte forma: ‘Esta é uma bela pedra de berilo da mais pura água, ...’ Da mesma forma - com a sua mente dessa forma concentrada, ... ele a dirige e a inclina para o conhecimento e visão. Ele discerne: ‘Este meu corpo composto de forma material, consistindo dos quatro grandes elementos, nascido de mãe e pai, alimentado com arroz e mingau, está sujeito à impermanência, a ser gasto e pulverizado, à dissolução e desintegração, e esta minha consciência está apoiada nele e atada a ele.’

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(O Corpo feito pela Mente)**

85. “Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige e a inclina para criar um corpo feito pela mente. Deste corpo ele cria um outro corpo, dotado de forma, feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades.

86. Tal como se um homem fosse tirar uma flecha do seu estojo. O pensamento lhe ocorreria: ‘Este é o estojo, esta é a flecha. O estojo é uma coisa, a flecha outra, porém a flecha foi tirada do estojo.’ Ou como se um homem fosse tirar uma espada da sua bainha. O pensamento lhe ocorreria: ‘Esta é a espada, esta é a bainha. A espada é uma coisa, a bainha outra, porém a espada foi tirada da bainha.’ Ou como se um homem puxasse uma cobra da sua pele morta. O pensamento lhe ocorreria: ‘Esta é a cobra, esta é a pele. A cobra é uma coisa, a pele outra, porém a cobra foi puxada da pele.’ Da mesma forma - com a sua mente dessa forma concentrada, ... ele a dirige e a inclina para criar um corpo feito pela mente. Deste corpo ele cria outro corpo, dotado de forma, feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades.

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(Poderes Supra-humanos)**

87. “Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige e inclina para o modo de poderes supra-humanos. Ele exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um, ele se torna vários; tendo sido vários, ele se torna um; ele aparece e desaparece; ele cruza sem nenhum problema uma parede, um cercado, uma montanha ou através do espaço; ele mergulha e sai da terra como se fosse água; ele caminha sobre a água sem afundar como se fosse terra; sentado de pernas cruzadas ele cruza o espaço como se fosse um pássaro; com a sua mão ele toca e acaricia a lua e o sol tão forte e poderoso; ele exerce poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*.

88. Tal como um hábil oleiro ou seu aprendiz podem fazer, com uma argila bem preparada, qualquer tipo de vasilhame de cerâmica que ele queira, ou como um hábil escultor de marfim ou seu aprendiz podem fazer, com marfim bem preparado, qualquer tipo de trabalho em marfim que ele queira, ou como um ourives ou seu aprendiz podem fazer, com ouro bem preparado, qualquer peça de ouro que ele queira. Da mesma forma - com a sua mente dessa forma concentrada, ... ele a dirige e a inclina para o modo de poderes supra-humanos. Ele exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: ....

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(O Elemento do Ouvido Divino)**

89. “Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige e a inclina para o elemento do ouvido divino. Com o elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele ouve ambos tipos de sons, os divinos e os humanos, aqueles distantes bem como os próximos.

90. Tal como se um homem viajando por uma estrada ouvisse sons de tambores, pequenos tambores, conchas e címbalos. Ele saberia, ‘Esse é o som de tambores, esse é o som de tambores pequenos, esse é o som de conchas, esse é o som de címbalos.’ Da mesma forma - com a sua mente assim concentrada, ... ele a dirige e a inclina para o elemento do ouvido divino. Ele ouve, através do elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ambos tipos de sons: divinos e humanos, quer estejam próximos ou distantes.

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(Leitura da Mente)**

91. “Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige e a inclina para compreender a mente dos outros seres. Ele compreende as mentes de outros seres, de outras pessoas, abarcando-as com a sua própria mente. Ele compreende uma mente afetada pelo desejo como afetada pelo desejo e uma mente não afetada pelo desejo como não afetada pelo desejo; Ele compreende uma mente afetada pela raiva como afetada pela raiva e uma mente não afetada pela raiva como não afetada pela raiva; Ele compreende uma mente afetada pela delusão como afetada pela delusão e uma mente não afetada pela delusão como não afetada pela delusão; Ele compreende uma mente contraída como contraída e uma mente distraída como distraída; Ele compreende uma mente transcendente como transcendente e uma mente não transcendente como não transcendente; Ele compreende uma mente superável como superável e uma mente não superável como não superável; Ele compreende uma mente concentrada como concentrada e uma mente não concentrada como não concentrada; Ele compreende uma mente libertada como libertada e uma mente não libertada como não libertada.

92. Tal como um homem ou uma mulher – jovens, plenos de juventude e que apreciam ornamentos – ao verem a imagem do seu próprio rosto num espelho claro e brilhante ou numa tigela com água limpa, saberiam se existe alguma mácula assim: ‘Ali está uma mácula’ ou saberiam se não existe mácula assim: ‘Não há mácula’. Da mesma forma - com a sua mente assim concentrada, ... ele a dirige e a inclina para o conhecimento da consciência de outros seres. Ele compreende as mentes de outros seres, de outras pessoas, abarcando-as com a sua própria mente. Ele compreende uma mente afetada pelo desejo como afetada pelo desejo e uma mente não afetada pelo desejo como não afetada pelo desejo ... Ele compreende uma mente libertada como libertada e uma mente não libertada como não libertada.

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(Recordação de Vidas Passadas)**

93. “Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão, ‘Lá eu tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de

prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

94. Tal como se um homem fosse do seu vilarejo a um outro vilarejo e desse vilarejo a mais um outro vilarejo e então, desse vilarejo de volta ao vilarejo onde ele mora. O pensamento lhe ocorreria, ‘Eu fui do meu vilarejo para aquele vilarejo ali. Ali eu fiquei em pé de tal forma, sentei de tal forma, falei de tal forma e permaneci em silêncio de tal forma. Daquele vilarejo eu fui para o outro vilarejo lá e lá eu fiquei em pé de tal forma, sentei de tal forma, falei de tal forma e permaneci em silêncio de tal forma. Desse vilarejo eu voltei para o meu vilarejo.’ Da mesma forma - com a sua mente assim concentrada ... ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas Ele se recorda das suas muitas vidas passadas ... nos seus modos e detalhes.

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(O Olho Divino)**

95. “Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres. Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Porém estes seres - dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso.’ Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados, e ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações.

96. Tal como se houvessem duas casas com portas e um homem com boa visão parado entre elas visse as pessoas entrando nas casas e saindo, indo e vindo. Da mesma forma - com a sua mente assim concentrada, ... ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres. Por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, ele vê seres falecendo e renascendo,

inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados ... de acordo com as suas ações.

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime.

### **(A Destruição das Impurezas Mentais)**

97. “Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende, da forma como na verdade é que: ‘Isto é sofrimento’ ... ‘Esta é a origem do sofrimento’ ... ‘Esta é a cessação do sofrimento’ ... ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’; ele compreende, da forma como na verdade é que: ‘Essas são impurezas mentais’ ... ‘Esta é a origem das impurezas’ ... ‘Esta é a cessação das impurezas’ ... ‘Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.’ Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

98. Tal como se houvesse uma lagoa num vale em uma montanha - clara, límpida e cristalina - em que um homem com boa visão, em pé na margem, pudesse ver conchas, cascalho e seixos e também cardumes de peixes nadando e descansando, isso lhe ocorreria, ‘Esta lagoa tem a água clara, límpida e cristalina. Ali estão aquelas conchas, cascalho e seixos e também aqueles cardumes de peixes nadando e descansando.’ Da mesma forma - com a sua mente dessa forma concentrada, ... ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende, da forma como na verdade é que: ‘Isto é sofrimento ... Esta é a origem do sofrimento ... Esta é a cessação do sofrimento ... Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento ... Estas são impurezas mentais ... Esta é a origem das impurezas ... Esta é a cessação das impurezas ... Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.’ Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que devia ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

“Este, também, grande rei, é um fruto da vida contemplativa, visível no aqui e agora, mais excelente do que os anteriores e mais sublime. E quanto a outro fruto visível da vida contemplativa, maior e mais sublime do que isto, não existe.”

99. Quando isto foi dito, o rei Ajatasattu disse ao Abençoado: “Magnífico, Venerável senhor! Magnífico! Como se colocasse em pé o que estava virado, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém perdido, ou segurasse uma

lâmpada no escuro de forma que aqueles que possuem olhos possam ver as formas, da mesma forma o Abençoado – através de muitas linhas de argumentação – esclareceu o Dhamma. Eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na comunidade de *bhikkhus*. Que o Abençoado se lembre de mim como o discípulo leigo que tomou refúgio deste dia em diante para o resto da sua vida.

100. “Uma transgressão foi cometida por mim, Venerável senhor, em que eu fui tão tolo, tão atrapalhado e tão inábil que matei meu pai – um homem justo, um rei justo – para obter o domínio do reinado. Que o Abençoado por favor aceite esta confissão da minha transgressão como tal, de forma que eu possa me refrear no futuro.” [xxix](#)

“Sim, grande rei, uma transgressão foi cometida por você, em que você foi tão tolo, tão atrapalhado e tão inábil que matou o seu pai – um homem justo, um rei justo – para obter o domínio do reinado. Porém, porque você vê a sua transgressão como tal e faz correções de acordo com o Dhamma, nós aceitamos a sua confissão. Pois é motivo de crescimento no Dhamma e Disciplina dos nobres quando, vendo uma transgressão como tal, a pessoa faz correções de acordo com o Dhamma e pratica a contenção no futuro.”

101. Quando isto foi dito, o rei Ajatasattu disse ao Abençoado: “Bem, então, Venerável senhor, eu partirei agora. Muitas são minhas tarefas, muitas minhas responsabilidades.”

“Agora é o momento, grande rei, faça como julgar adequado.”

102. Então, o rei Ajatasattu, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento, curvou-se ante o Abençoado e mantendo-o à sua direita partiu. Não muito tempo depois que o rei Ajatasattu havia partido, o Abençoado dirigiu-se aos *bhikkhus*: “O rei está derrotado, *bhikkhus*, a sua sorte está selada. [xxx](#) Não tivesse ele matado o seu pai – aquele homem justo, aquele rei justo – o olho do Dhamma, [xxxi](#) límpido, imaculado teria surgido nele enquanto ele estava sentado neste assento.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

### *3 Ambattha Sutta* Ambattha e o Orgulho Ferido

Este *sutta* aborda o tema das castas

1.1 Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande Sangha de *bhikkhus* até que por fim acabou chegando num vilarejo *Brâmane* denominado Icchanankala, ficando na densa floresta de Icchanankala.

Naquela ocasião, o *Brâmane* Pokkharasati estava vivendo em Ukkhattha, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Pasenadi de Kosala.

1.2. Pokkharasati ouviu: “Gotama, o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, está na densa floresta de Icchanankala. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

1.3. Agora, naquela época Pokkharasati tinha um pupilo, o jovem Ambattha, que era um estudante dos Vedas, um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem, reconhecido e aceito pelo seu mestre nos três Vedas, através das palavras: ‘O que eu sei, você sabe; o que você sabe, eu sei.’

1.4. Pokkharasati disse para Ambattha: “Estimado Ambattha, Gotama o contemplativo .... está habitando na densa floresta de Icchanankala. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação ... Agora, estimado Ambattha, vá ver o contemplativo Gotama para descobrir se esse relato é correto ou não, e se o Mestre Gotama é como dizem dele. Assim conheceremos o Mestre Gotama por seu intermédio.

1.5. “Senhor, como irei descobrir se esse relato é correto ou não e se o Mestre Gotama é como dizem?”

“Estimado Ambattha, as trinta e duas marcas de um grande homem foram transmitidas através dos nossos mantras e o grande homem que as possuir tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. Se ele viver a vida em família ele se tornará um regente, um monarca justo que irá governar de acordo com o Dhamma; conquistador dos quatro pontos cardeais, que estabelecerá a segurança no seu reino e que possuirá os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalo Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele terá mais de mil filhos que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos inimigos. Ele governará, tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se tornará um *arahant*,

um Buda Perfeitamente Iluminado, aquele que remove o véu do mundo. [xxxii](#) E eu, Ambatha, sou o transmissor dos mantras e você é o recebedor.

1.6. “Sim, senhor,” ele respondeu. Ele se levantou e depois de homenagear Pokkharasati, mantendo-o à sua direita, subiu na sua carruagem puxada por um jovem garanhão, acompanhado por vários jovens *Brâmanes*, ele foi em direção à densa floresta de Icchanankala. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e seguiu a pé.

1.7. Agora, naquela ocasião muitos *bhikkhus* estavam caminhando para cá e para lá ao ar livre. Então, Ambattha foi até eles e perguntou: “Veneráveis senhores, onde ele está agora, o Mestre Gotama? Nós queremos ver o Mestre Gotama.”

1.8. Os *bhikkhus* pensaram: “Esse Ambattha é um jovem de boa família e um pupilo do respeitado *Brâmane* Pokkharasati. O Abençoado não se importaria em ter uma conversa com um jovem como esse.” E eles responderam para Ambattha: “Aquela, com a porta fechada, é a moradia dele. Vá até lá em silêncio, sem pressa, entre na varanda, limpe a garganta e bata na porta. O Abençoado abrirá a porta.”

1.9. Ambattha foi até a moradia com a porta fechada, entrou na varanda, limpou a garganta e bateu na porta. O Abençoado abriu a porta, Ambattha entrou, ambos se cumprimentaram com cortesia e o Abençoado sentou a um lado. Mas Ambattha ficou caminhando para cá e para lá enquanto o Abençoado estava ali sentado, dizendo de modo indistinto algumas palavras de cortesia, ficando em pé ante o Abençoado enquanto assim falava.

1.10. O Abençoado disse para Ambattha: “Estimado Ambattha, você se comportaria dessa forma se estivesse conversando com os Veneráveis e eruditos *Brâmanes*, mestres de mestres, assim como você se comporta comigo, caminhando e ficando em pé enquanto eu estou sentado, e dizendo de modo indistinto algumas palavras de cortesia?”

“Não, Mestre Gotama. Um *Brâmane* deve caminhar com um *Brâmane* que esteja caminhando, ficar em pé com um *Brâmane* que esteja em pé, sentar com um *Brâmane* que esteja sentado e deitar com um *Brâmane* que esteja deitado. Mas com relação aos contemplativos carecas, esses subalternos com a tez escura, descendentes dos pés do Ancestral, com eles é apropriado que se converse da forma como faço com o Mestre Gotama.”

1.11. “Mas, Ambattha, você veio até aqui em busca de algo. Qualquer que seja a razão pela qual você aqui veio, você deveria dar atenção para poder ouvir. Ambattha, o seu treinamento não é perfeito. A sua presunção por estar em treinamento se deve apenas à sua inexperiência.”

1.12. Ambattha ficou furioso e irritado por ter sido chamado de mal-treinado e se dirigiu ao Abençoado com insultos e grosserias. Pensando: “O contemplativo

Gotama tem má vontade em relação a mim,” ele disse: “Mestre Gotama, os *Sakyas* são cruéis, com a linguagem grosseira, irritáveis e violentos. Tendo uma origem servil, sendo servos, eles não honram, respeitam, estimam, veneram ou homenageiam os *Brâmanes*. Com relação a isso não é apropriado que ... eles não homenageiem os *Brâmanes*.’ Essa foi a primeira vez que Ambattha acusou os *Sakyas* de serem servos.

1.13. “Mas, Ambattha, que mal lhe fizeram os *Sakyas*?”

“Mestre Gotama, certa vez fui a Kapilavatthu para tratar de negócios do meu mestre, o *Brâmane* Pokkharasati, indo para o salão de reuniões dos *Sakyas*. Naquela ocasião um grande número de *Sakyas* estavam sentados sobre assentos elevados no salão de reuniões, cutucando uns aos outros com os dedos, rindo e gracejando juntos, tive a impressão de que eles só estavam se divertindo às minhas custas, e ninguém me ofereceu um assento. Com relação a isso, não é apropriado que ... eles não homenageiem os *Brâmanes*.” Essa foi a segunda vez que Ambattha acusou os *Sakyas* de serem servos.

1.14. “Mas, Ambattha, até mesmo a codorna, essa pequena ave, pode piar o quanto quiser no seu próprio ninho. Kapilavatthu é o lar dos *Sakyas*, Ambattha. Eles não merecem censura por tão pouco.”

“Mestre Gotama, há quatro castas: [xxxiii](#) os *Khattiyas*, os *Brâmanes*, os comerciantes e os trabalhadores. E dessas quatro castas, três, os *Khattiyas*, os comerciantes e os trabalhadores, são totalmente subservientes aos *Brâmanes*. Com relação a isso, não é apropriado que .. eles não homenageiem os *Brâmanes*.” Essa foi a terceira vez que Ambattha acusou os *Sakyas* de serem servos.

1.15. Então, o Abençoado pensou: “Este jovem está se excedendo na ofensa aos *Sakyas*. E se eu lhe perguntasse o seu nome de clã?” Assim ele disse: “Ambattha, qual é o seu clã?” - “Eu sou um Kanha, Mestre Gotama.”

“Ambattha, em tempos passados, de acordo com aqueles que se recordam da linhagem ancestral, os *Sakyas* eram os senhores e você descende de uma escrava dos *Sakyas*. Pois os *Sakyas* consideram o Rei Okkaka como seu ancestral. Certa ocasião, o Rei Okkaka, que amava e estimava a rainha, desejando transferir o reino para o filho dela, banuiu os seus irmãos mais velhos do reino - Okkamukha, Karandu, Hatthiniya e Sinipura. E estes, tendo sido banidos, se estabeleceram aos pés do Himalaia junto a uma lagoa com flores de lótus na qual havia um grande bosque de árvores teca. E por temer contaminar a estirpe, eles coabitavam com as próprias irmãs. Então, o Rei Okkaka perguntou aos seus ministros e conselheiros: “Onde estão vivendo os príncipes agora?” e eles lhe disseram. Ouvindo isso o Rei Okkaka exclamou: “Eles são fortes como teca (*saka*), esses príncipes, eles são verdadeiros *Sakyas*!” E assim foi como os *Sakyas* obtiveram o seu conhecido nome. E o Rei foi um ancestral dos *Sakyas*.

1.16. “Agora, o Rei Okkaka tinha uma escrava chamada Disa, que deu à luz a um bebê negro. Esse bebê negro, ao nascer, exclamou: ‘Lave-me, mãe! Banhe-me, mãe! Livre-me dessa sujeira, assim irei lhe proporcionar muito benefício!’ Porque, Ambatha, assim como as pessoas, hoje, usam o termo demônio, (*pisaca*), como designação ofensiva, assim naquela época elas diziam negro, (*kanha*). E elas diziam: ‘Nem bem nasceu, ele falou. É um *kanha* que nasceu, um negro!’ Assim em tempos passados ... os *Sakyas* eram os senhores e você descende de uma escrava dos *Sakyas*.”

1.17. Ao ouvir isso, os outros jovens disseram: “Mestre Gotama, não humilhe Ambatha com essa conversa dele ser descendente de uma escrava: Ambatha é bem nascido, de boa família, ele é muito estudado, bom orador, um erudito, capaz de se sair muito bem numa discussão com o Mestre Gotama!”

1.18. Então, o Abençoado disse para esses jovens: “Se vocês consideram que Ambattha é mal nascido, não é de boa família, não é estudado, orador medíocre, não é um erudito, incapaz de se sair muito bem numa discussão com o Mestre Gotama, então deixem que Ambattha permaneça em silêncio, vocês discutirão comigo. Mas se vocês pensam que ele é ... capaz de se sair muito bem numa discussão com o Mestre Gotama, então deixem que ele discuta comigo.”

1.19. “Ambattha é bem nascido, Mestre Gotama ... Nós ficaremos em silêncio, ele prosseguirá.”

1.20. Então, o Abençoado disse para Ambattha: “Ambattha, eu lhe farei uma pergunta que você talvez não queira responder. Se você não responder ou evadir o assunto, ou ficar em silêncio, ou for embora, a sua cabeça irá se partir em sete pedaços. O que você pensa Ambattha? Você ouviu de veneráveis anciãos *Brâmanes*, mestres de mestres, de onde vieram os *Kanhas*, quem era o ancestral deles?” Nisso, Ambattha permaneceu em silêncio. O Abençoado perguntou uma segunda vez. Novamente Ambattha permaneceu em silêncio e o Abençoado disse: “Responda agora, Ambattha, agora não é o momento de ficar em silêncio. Se alguém for questionado com uma pergunta razoável pela terceira vez pelo *Tathagata* e ainda assim não responder, a sua cabeça se partirá em sete pedaços no mesmo instante.

1.21. Agora, naquele momento o *yakkha* Vajirapani segurando nas mãos um raio de ferro em chamas, incandescente e brilhante, apareceu no ar sobre a cabeça de Ambattha, pensando: “Se esse jovem Ambattha, que foi questionado com uma pergunta razoável pela terceira vez pelo *Tathagata*, ainda assim não responder, partirei a sua cabeça em sete pedaços neste instante.” O Abençoado viu Vajirapani e Ambattha também o viu. Então, Ambattha ficou amedrontado, alarmado e aterrorizado. Buscando abrigo, proteção e refúgio no Abençoado, ele disse: “Pergunte, Mestre Gotama, eu responderei.”  
“O que você pensa Ambattha? Você ouviu quem era o ancestral dos *Kanhas*?”  
“Sim, eu ouvi tal qual foi dito pelo Mestre Gotama, essa é a origem dos *Kanhas*, aquele foi o ancestral deles.”

1.22. Ao ouvir isso, os demais jovens fizeram ruído e vociferaram: “Então, Ambattha é mal nascido, não é de boa família, nascido de uma escrava dos *Sakyas*, e os *Sakyas* são os senhores de Ambattha! Nós menosprezamos o contemplativo Gotama, pensando que ele não falava a verdade!”

1.23. Então, o Abençoado pensou: “É excessiva a forma como esses jovens estão humilhando Ambattha por este ser o filho de uma escrava. Devo ajudá-lo a sair disso.” Assim, ele disse para aqueles jovens: “Não menosprezem Ambattha em demasia por ele ser o filho de uma escrava! Aquele *Kanha* era um sábio poderoso. Ele foi para o sul, aprendeu os mantras com os *Brâmanes* de lá e depois foi até o Rei Okkaka e pediu a filha dele, Maddarupi, em casamento. O Rei Okkaka, furiosamente enraivecido, exclamou: ‘Então esse sujeito, filho de uma escrava, quer a minha filha!’ e colocou uma flecha no arco. Mas ele foi incapaz de disparar a flecha ou de removê-la. Então, os ministros e conselheiros foram até o sábio *Kanha* e disseram: ‘Poupe o rei, Venerável Senhor, poupe o rei!’

‘O rei estará a salvo, mas se ele disparar a flecha para baixo, a terra irá tremer em toda a extensão do reino.’

‘Venerável Senhor, poupe o rei, poupe o reino!’

‘O rei e o reino estarão salvos, mas se ele disparar a flecha para cima, em toda a extensão do reino os *devas* não permitirão que a chuva caia por sete anos.’

‘Venerável Senhor, poupe o rei e o reino, e que os *devas* da chuva façam chover!’

‘O rei e o reino estarão salvos e os *devas* da chuva farão chover, mas se o rei apontar a flecha para o príncipe herdeiro, o príncipe estará completamente a salvo.’

Então os ministros exclamaram: ‘Que o Rei Okkaka aponte a flecha para o príncipe herdeiro, o príncipe estará completamente a salvo!’ O rei assim fez, e o príncipe ficou ileso. Então, o Rei Okkaka, aterrorizado e temeroso do castigo divino, deu a sua filha Maddarupi em casamento. Portanto, jovens, não menosprezem Ambattha em demasia por ser um filho de uma escrava! Aquele *Kanha* era um sábio poderoso.”

1.24. Então, o Abençoado disse: “Ambattha, o que você pensa? Suponha que um jovem *Khattiya* se casasse com uma jovem *Brâmane*, e um filho nascesse dessa união. Esse filho de um jovem *Khattiya* e uma jovem *Brâmane* receberia um assento e água dos *Brâmanes*?” - “Ele receberia, Mestre Gotama.”

“Eles permitiriam que ele participasse nos banquetes nas cerimoniais funerárias, ou nos alimentos cozidos no leite, ou nas oferendas para os *devas*, ou nos sacrifícios?” - “Eles permitiriam, Mestre Gotama.”

“Eles ensinariam para ele os mantras ou não?” - “Eles ensinariam, Mestre Gotama.”

“Eles manteriam as suas esposas cobertas ou descobertas?” - “Descobertas, Mestre Gotama.”

“Mas os *Khattiyas* permitiriam que ele recebesse a consagração *Khattiya*?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Por que não?” - “Porque, Mestre Gotama, ele não é bem-nascido por parte da mãe.”

1.25. “O que você pensa, Ambattha? Suponha que um jovem *Brâmane* se casasse com uma jovem *Khattiya*, e um filho nascesse dessa união. Esse filho de um jovem *Brâmane* e uma jovem *Khattiya* receberia um assento e água dos *Brâmanes*?” - “Ele receberia, Mestre Gotama.” ... (igual ao verso 24) “Mas os *Khattiyas* permitiriam que ele recebesse a consagração *Khattiya*?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Por que não?” - “Porque, Mestre Gotama, ele não é bem-nascido por parte do pai.”

1.26. “Portanto Ambattha, quer seja comparando um homem com um homem ou uma mulher com uma mulher, os *Khattiyas* são superiores e os *Brâmanes* são inferiores. O que você pensa, Ambattha? Suponha que um certo *Brâmane*, por ter cometido alguma ofensa, tenha sido declarado pelos *Brâmanes* como um fora-da-lei, tendo a cabeça raspada, com cinzas espalhadas sobre a cabeça, sendo banido do país ou cidade. Ele receberia um assento e água dos *Brâmanes*?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Eles permitiriam que ele participasse ... nos sacrifícios?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Eles lhe ensinariam os mantras ou não?” - “Eles não ensinariam, Mestre Gotama.”

“Eles manteriam as suas esposas cobertas ou descobertas?” - “Cobertas, Mestre Gotama.”

1.27. “Mas o que você pensa, Ambattha? Se os *Khattiyas* tivessem do mesmo modo declarado um *Khattiya* como um fora-da-lei ... banido do país ou cidade, ele receberia um assento e água dos *Brâmanes*?” - “Ele receberia, Mestre Gotama.” ... (igual ao verso 24) “Eles manteriam as suas esposas cobertas ou descobertas?” - “Descobertas, Mestre Gotama.”

“E esse *Khattiya* teria sofrido a mais extrema humilhação ao ser declarado como um fora-da-lei ... banido do país ou cidade. Portanto, mesmo que um *Khattiya* tenha sofrido a mais extrema humilhação, ainda assim ele é superior e os *Brâmanes* são inferiores.

1.28. “Ambattha, estes versos foram recitados pelo *Brahma* Sanankumara:

‘Os *Khattiya* são os melhores dentre as pessoas  
para aqueles cujo padrão é o clã,  
mas aquele com a conduta e o conhecimento consumados

é o melhor dentre *devas* e humanos.’

Esses versos foram recitados da forma correta, não incorreta, ditos da forma correta, não incorreta, conectados com o benéfico, não desconectados. E, Ambattha, eu também digo isso:

Os *Khattiya* são os melhores dentre as pessoas  
para aqueles cujo padrão é o clã,  
mas aquele com a conduta e o conhecimento consumados  
é o melhor dentre *devas* e humanos.”

### [Fim da primeira seção]

2.1. “Mas, Mestre Gotama, o que é essa conduta, o que é esse conhecimento?”

“Ambattha, com relação à suprema conduta-e-conhecimento não há nenhuma referência à questão do nascimento ou do clã, ou à presunção que diz: ‘Você é tão digno quanto eu sou, você não é tão digno quanto eu sou!’ Onde há conversa sobre um matrimônio, sobre dar em casamento, é que há referência a esse tipo de coisa. Pois todo aquele, Ambattha, que está escravizado à noção de nascimento ou de clã, ou ao orgulho de uma posição social, ou de parentesco através do casamento, está muito distante da suprema conduta-e-conhecimento. Só com o abandono desses vínculos é que alguém pode compreender por si mesmo a suprema conduta-e-conhecimento.”

2.2 “Mas, Mestre Gotama, o que é essa conduta, o que é esse conhecimento?”

“Ambattha, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude (veja o [DN 2, versos 41-62](#)); ele guarda as portas dos meios dos sentidos, etc. (veja o [DN 2, versos 64-74](#)); alcança os quatro *jhanas* (veja o [DN 2, versos 75-82](#)). Assim ele desenvolve a conduta. Ele realiza vários insights, (veja o [DN 2, versos 83-95](#)), e a destruição das impurezas (veja o [DN 2, versos 97](#)) ... E além disso, não há nenhum desenvolvimento adicional de conhecimento e conduta que seja mais elevado ou mais perfeito.

2.3. “Mas, Ambattha, no desenvolvimento da suprema conduta-e-conhecimento há quatro caminhos que levam ao fracasso. Quais são esses? Em primeiro lugar, um contemplativo ou *Brâmane* que ainda não logrou alcançar a suprema conduta-e-

conhecimento, toma o seu bastão de carga e mergulha nas profundezas da floresta pensando: 'A partir de agora serei um daqueles que vive apenas das frutas caídas.' Mas assim, deveras, ele só se torna digno de ser um servente daquele que já alcançou a suprema conduta-e-conhecimento. Esse é o primeiro caminho que leva ao fracasso. Outra vez, um contemplativo ou *Brâmane* que ainda não logrou alcançar a suprema conduta-e-conhecimento, sendo incapaz de viver apenas das frutas caídas, toma uma pá e um cesto e mergulha nas profundezas da floresta pensando: 'A partir de agora serei um daqueles que vive apenas de raízes e tubérculos.' Mas assim, deveras, ele só se torna digno de ser um servente daquele que já alcançou a suprema conduta-e-conhecimento. Esse é o segundo caminho que leva ao fracasso. Outra vez, um contemplativo ou *Brâmane* que ainda não logrou alcançar a suprema conduta-e-conhecimento, sendo incapaz de viver apenas das frutas caídas, sendo incapaz de viver de raízes e tubérculos, prepara um santuário para o fogo, próximo a um vilarejo ou vila, e ali permanece servindo ao fogo. Mas assim, deveras, ele só se torna digno de ser um servente daquele que já alcançou a suprema conduta-e-conhecimento. Esse é o terceiro caminho que leva ao fracasso. Outra vez, um contemplativo ou *Brâmane* que ainda não logrou alcançar a suprema conduta-e-conhecimento, sendo incapaz de viver apenas das frutas caídas, sendo incapaz de viver de raízes e tubérculos, sendo incapaz de servir ao fogo, constrói uma casa com quatro portas numa encruzilhada pensando: 'Qualquer contemplativo ou *Brâmane* que venha dos quatro pontos cardeais, eu irei servi-lo e honrá-lo da melhor forma que possa.' Mas assim, deveras, ele só se torna digno de ser um servente daquele que já alcançou a suprema conduta-e-conhecimento. Esse é o quarto caminho que leva ao fracasso.

2.4. "O que você pensa, Ambattha? Você e o seu mestre vivem de acordo com a suprema conduta-e-conhecimento?" - "De fato não, Mestre Gotama! Quem em comparação somos meu mestre e eu? Nós estamos distantes disso!"

"Muito bem, Ambattha, então você e o seu mestre, incapazes de alcançar a suprema conduta-e-conhecimento, poderiam ir com os seus bastões de carga e mergulhar nas profundezas da floresta, com a intenção de viver das frutas caídas?" - "De fato não, Mestre Gotama."

"Muito bem, Ambattha, então você e o seu mestre, incapazes de alcançar a suprema conduta-e-conhecimento ... viver de raízes e tubérculos ... servir ao fogo ... construir uma casa ...?" - "De fato não, Mestre Gotama."

2.5. "Portanto, Ambattha, não só você e o seu mestre são incapazes de alcançar a suprema conduta-e-conhecimento, mas mesmo os quatro caminhos que levam ao fracasso estão além do seu alcance. E no entanto, você e o seu mestre, o *Brâmane* Pokkharasati, dizem estas palavras: 'Esses contemplativos carecas, esses subalternos com a tez escura, descendentes dos pés do Ancestral, que conversa podem eles ter com os *Brâmanes* estudados nos Três Vedas?' - muito embora você mesmo não seja capaz nem de dar conta das tarefas de alguém que fracassou. Veja, Ambattha, como o seu mestre o iludiu!

2.6. “Ambattha, o *Brâmane* Pokkharasati vive da generosidade e favor do Rei Pasenadi de Kosala. E no entanto, o Rei não permite que ele tenha uma audiência face a face. Quando conversa com o Rei ele assim o faz por trás de uma cortina. Com pode ser, Ambattha, que o mesmo Rei, de quem ele aceita essa renda legal e honesta, o Rei Pasenadi de Kosala, não o receba pessoalmente? Veja, Ambattha, como o seu mestre o iludiu!

2.7. “O que você pensa, Ambattha? Suponha que o Rei Pasenadi de Kosala estivesse montado num elefante ou num cavalo, ou na sua carruagem, em conferência com os seus ministros e príncipes sobre algum assunto. E suponha que o Rei se afastasse e um trabalhador ou o escravo de algum trabalhador viesse e, ficando ali em pé, dissesse: ‘Isto é o que o Rei Pasenadi de Kosala diz!’ Embora ele possa falar como o Rei falou ou discutir como o Rei discutiu, ele por isso seria o Rei ou mesmo um dos ministros do Rei?” - “Com certeza não, Mestre Gotama.”

2.8. “Bem então, Ambattha, é exatamente a mesma coisa. Aqueles que foram, como você diz, os antigos *Brâmanes* videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras antigos que antigamente eram recitados, falados e compilados, e que ainda hoje os *Brâmanes* recitam e repetem, repetindo o que foi dito e recitando o que foi recitado – isto é, Atthaka, Vamaka, Vamadeva, Vessamitta, Yamataggi, Angirasa, Bharadvaja, Vasettha, Kassapa e Bhagu – e cujos mantras se diz foram passados para o seu mestre e para você: no entanto, através disso você não se torna um sábio ou alguém que tenha habilidade no caminho de um sábio – tal coisa não é possível.

2.9. “O que você pensa, Ambattha? O que você ouviu ter sido dito pelos *Brâmanes* que são veneráveis, anciãos, os mestres dos mestres? Esses antigos *Brâmanes* videntes ... Atthaka, ... Bhagu – eles desfrutavam banhados, perfumados, com o cabelo e barba aparados, enfeitados com grinaldas e coroas de flores, vestidos de branco, entregando-se aos prazeres dos cinco sentidos, assim como você e seu mestre agora fazem?” - “Não, Mestre Gotama.”

2.10. “Ou eles comiam um arroz de primeira e muitos tipos de molhos e tipos de caril, assim como você e seu mestre agora fazem?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Ou eles se divertiam com mulheres enfeitadas com toucados, colares e longas saias, assim como você e seu mestre agora fazem?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Ou eles passeavam em carruagens puxadas por garanhões com os rabos e crinas trançadas, incitando-os com longas aguilhadas?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Ou eles se mantinham guardados em cidades fortificadas com estacas e valas, protegidos por homens com longas espadas ...?” - “Não, Mestre Gotama.”

“Portanto, Ambattha, nem você e tampouco o seu mestre são sábios, ou vivem de acordo com as condições que os sábios viviam. Mas com relação às suas dúvidas e perplexidades no que diz respeito a mim, você pode me perguntar que eu irei esclarecê-las.”

2.11 Então, saindo da sua moradia, o Abençoado começou a andar para cá e lá e Ambattha fez o mesmo. E enquanto andava com o Abençoado, Ambattha procurou pelas trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado. E ele pode ver todas exceto duas. Ele ficou em dúvida e não podia ter certeza sobre duas dessas marcas, e não pôde chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

2.12. Então, ocorreu ao Abençoado que: “Ambattha vê mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no meu corpo, exceto duas; ele tem dúvida e incerteza sobre duas dessas marcas e não pode chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.” Então, o Abençoado através dos seus poderes supra-humanos fez com que Ambattha pudesse ver a sua genitália contida numa bainha. Em seguida, o Abençoado esticou a língua para fora, lambendo ambas as orelhas e ambas as narinas e depois cobriu toda a extensão da sua testa com a língua. Então, Ambattha pensou: “O contemplativo Gotama é dotado de todas as trinta e duas marcas de um Grande Homem, completas, sem faltar nenhuma.” Assim, ele disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, posso ir agora? Eu tenho muitos afazeres, muitas coisas para tratar.” - “Ambattha, faça aquilo que você julgar adequado.” Em seguida, Ambattha montou na carruagem puxada por um jovem garanhão e partiu.

2.13. Nesse ínterim, o *Brâmane* Pokkharasati estava sentado no seu parque com um grande número de *Brâmanes*, apenas esperando por Ambattha. Então, Ambattha chegou no parque e foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e seguiu a pé até onde se encontrava Pokkharasati, cumprimentando-o e sentando a um lado. Então Pokkharasati disse:

2.14. “Bem, estimado jovem, você viu o Mestre Gotama?” - “Eu vi, senhor.”

“O relato sobre o Mestre Gotama é correto ou não, o Mestre Gotama é como dizem?” - “O relato sobre o Mestre Gotama é correto, não incorreto; e o Mestre Gotama é como dizem, não de outra forma. Ele possui as trinta e duas marcas de um Grande Homem.”

“Mas houve alguma conversa entre você e o contemplativo Gotama?” - “Houve, senhor.”

“E sobre o que foi a conversa?” Assim, Ambattha relatou a Pokkharasati tudo que havia ocorrido entre ele e o Abençoado.

2.15. Em vista disso Pokkharasati exclamou: “Bem, que belo pequeno erudito, que belo homem sábio, que belo experto nos Três Vedas! Qualquer um que trate dos seus assuntos dessa forma deve com a dissolução do corpo, após a morte, renascer num estado de privação, num destino infeliz, no inferno! Você encheu o Venerável Gotama de insultos e como resultado disso ele apresentou mais e mais coisas contra nós! Você é um belo pequeno erudito ... !” Ele estava tão furioso e enraivecido que chutou Ambattha e queria de uma vez ir ver o Abençoado.

2.16. Mas os *Brâmanes* disseram: “É demasiado tarde, senhor, para ir ver hoje o Contemplativo Gotama. O Venerável Pokkharasati deve ir vê-lo amanhã.”

Então, Pokkharasati, tendo preparado vários tipos de boa comida na sua casa, saiu iluminado por tochas de Ukkattha para a floresta de Icchanankala. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e seguiu a pé até onde se encontrava o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e disse:

2.17. “Venerável Gotama, o nosso pupilo Ambattha veio vê-lo?” - “Ele veio, *Brâmane*.” - “E houve uma conversa entre vocês?” - “Sim houve.” - “E a respeito do que foi essa conversa?”

Então, o Abençoado relatou a Pokkharasati tudo que havia acontecido entre ele e Ambattha. Em vista disso, Pokkharasati disse para o Abençoado: “Venerável Gotama, Ambattha é um jovem tolo. Que o Venerável Gotama o perdoe.” - “*Brâmane*, que Ambattha seja feliz.”

2.18-19. Então, Pokkharasati procurou pelas trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado. E ele pode ver todas exceto duas. Ele ficou em dúvida e não podia ter certeza sobre duas dessas marcas, e não pôde chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua; mas o Abençoado pacificou a mente dele com relação a isso (igual aos versos 11-12). E Pokkharasati disse para o Abençoado: “Que o Venerável Gotama aceite de mim hoje uma refeição junto com a Sangha dos *bhikkhus*!” E o Abençoado concordou em silêncio.

2.20. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Pokkharasati, fez com que se anunciasse a hora para o Abençoado: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.” E o Abençoado carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até a casa de Pokkharasati e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Pokkharasati serviu e satisfez o Abençoado com os vários tipos de boa comida, e os jovens *Brâmanes* serviram os *bhikkhus*. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Pokkharasati sentou a um lado, num assento mais baixo.

2.21 Então, o Abençoado transmitiu o ensino gradual ao *Brâmane* Pokkharasati, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o

perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Quando ele percebeu que a mente do *Brâmane* Pokkharasati estava pronta, receptiva, livre de obstáculos, satisfeita, clara, com serena confiança, ele explicou o ensinamento particular dos Budas: o sofrimento, a sua origem, a sua cessação e o caminho. Tal qual um pano limpo, com todas as manchas removidas, irá absorver um corante de modo adequado, assim também, enquanto o *Brâmane* Pokkharasati estava ali sentado, a visão imaculada do Dhamma surgiu nele: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.”

2.22. Pokkharasati, tendo visto o Dhamma, realizado o Dhamma, compreendido o Dhamma, examinado a fundo o Dhamma, superou a dúvida, eliminou a perplexidade, obteve a intrepidez e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre, dizendo: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! O Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu, junto com meu filho, minha esposa, meus ministros e conselheiros, buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da vida. E sempre que o Venerável Gotama visitar outras famílias e discípulos leigos em Ukkattha, que ele também visite a família de Pokkharasati! Qualquer jovem *Brâmane* que ali se encontre irá então homenagear e reverenciar o Venerável Gotama, arrumará para ele um assento e água, e se sentirá feliz por isso; e isso será para o benefício dele por muito tempo.”

“Muito bem dito, *Brâmane*.”

## 4 *Sonadanda Sutta*

### As Qualidades de um Verdadeiro *Brâmane*

Quem é um verdadeiro *Brâmane*?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região de Anga com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, até que por fim acabou chegando num vilarejo *Brâmane* denominado Campa. Em Campa, ele ficou no lago Gaggara. Agora, naquela ocasião, o *Brâmane* Sonadanda era o regente de Campa, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Seniya Bimbisara de Magadha.

2. Os *Brâmanes* chefes de família de Campa ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, andava perambulando em Anga com um grande número de *bhikkhus*, com quinhentos

*bhikkhus*, chegou em Campa e está no lago Gaggara. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: 'Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.' Assim, os *Brâmanes* chefes de família de Campa saíram de Campa em grupos e bandos e se dirigiram para o lago Gaggara.

3. Agora, naquela ocasião, o *Brâmane* Sonadanda havia se retirado para o andar superior do seu palácio para a sesta. Então, ele viu os *Brâmanes* chefes de família de Campa saindo de Campa em grupos e bandos e se dirigindo para o lago Gaggara. Ao vê-los ele perguntou ao seu ministro: "Estimado ministro, porque os *Brâmanes* chefes de família de Campa estão saindo de Campa em grupos e bandos e se dirigindo para o lago Gaggara?"

"Senhor, ali se encontra Gotama o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, que andava perambulando em Anga ... (igual ao verso 2) ... Eles estão indo ver esse Mestre Gotama."

"Então, estimado ministro, vá até os *Brâmanes* chefes de família de Campa e diga: 'Senhores, o *Brâmane* Sonadanda diz o seguinte: "Por favor esperem, senhores. O *Brâmane* Sonadanda também irá ver o contemplativo Gotama.'"

"Sim, senhor," o ministro respondeu e foi até os *Brâmanes* chefes de família de Campa e lhes disse a mensagem.

4. Agora, naquela ocasião, quinhentos *Brâmanes* de várias regiões estavam em Campa por questões de negócios. Eles ouviram: "Estão dizendo, que o *Brâmane* Sonadanda está indo ver o contemplativo Gotama." Eles foram até o *Brâmane* Sonadanda e perguntaram: "Senhor, é verdade que você irá ver o contemplativo Gotama?" - "Assim é, senhores. Eu irei ver o contemplativo Gotama."

5. "Senhor, não vá ver o contemplativo Gotama. Não é apropriado, Mestre Sonadanda, que você vá ver o contemplativo Gotama; ao invés disso, é apropriado que o contemplativo Gotama venha vê-lo. Pois você, senhor, é bem nascido pelos dois lados, com a descendência pura por parte da mãe e do pai por sete gerações, inatacável e impecável com respeito ao nascimento. Você, senhor, é rico, com grande riqueza e grandes posses. Você, senhor, é um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, você é um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Você, senhor, é belo, atraente e elegante, possuindo uma complexão

de beleza suprema, com uma beleza e uma presença sublime, digno de ser contemplado. Você, senhor, é virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida. Você, senhor, é um bom orador com boa comunicação; você diz palavras que são corteses, distintas, imaculadas e que transmitem o significado. Você, senhor, ensina os mestres de muitos e ensina a recitação dos mantras para trezentos estudantes *Brâmanes*. Você, senhor, é honrado, respeitado, reverenciado, venerado e estimado pelo *Brâmane* Pokkharasati. Você, senhor, governa Campa, uma propriedade real com muitos habitantes ... uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Seniya Bimbisara. Sendo assim, Mestre Sonadanda, não é apropriado que você vá ver o contemplativo Gotama; ao invés disso, é apropriado que o contemplativo Gotama venha vê-lo.”

6. Quando isso foi dito, o *Brâmane* Sonadanda disse para aqueles *Brâmanes*: “Agora, senhores, ouçam de mim porque é apropriado que eu vá ver o contemplativo Gotama e porque não é apropriado que o Mestre Gotama venha me ver. Senhores, o contemplativo Gotama é bem nascido pelos dois lados, com a descendência pura por parte da mãe e do pai por sete gerações, inatacável e impecável com respeito ao nascimento. Senhores, o contemplativo Gotama adotou a vida santa abandonando muito ouro e riquezas armazenados em cofres e depósitos. Senhores, o contemplativo Gotama deixou a vida em família e seguiu a vida santa ainda jovem, um homem jovem com o cabelo negro, dotado com as bênçãos da juventude, na flor da juventude. Senhores, o contemplativo Gotama raspou o cabelo e barba, vestiu o manto de cor ocre e deixou a vida em família e seguiu a vida santa, embora a sua mãe e o seu pai desejassem outra coisa e chorassem com o rosto coberto de lágrimas. Senhores, o contemplativo Gotama é belo, atraente e elegante, possuindo uma complexão de beleza suprema, com uma beleza e uma presença sublime, digno de ser contemplado. Senhores, o contemplativo Gotama é virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida. Senhores, o contemplativo Gotama é um bom orador com boa comunicação; ele diz palavras que são corteses, distintas, imaculadas e que transmitem o significado. Senhores, o contemplativo Gotama é o mestre dos mestres de muitos. Senhores, o contemplativo Gotama está livre da cobiça sensual e sem vaidade pessoal. Senhores, o contemplativo Gotama possui a doutrina da eficácia moral da ação, a doutrina da eficácia moral dos atos; ele não busca prejudicar os *Brâmanes*. Senhores, o contemplativo Gotama deixou uma família aristocrática, uma das famílias nobres originais. Senhores, o contemplativo Gotama deixou uma família rica, uma família com grande riqueza e grandes posses. Senhores, as pessoas vêm de reinos remotos, de distritos remotos para inquirir o contemplativo Gotama. Senhores, muitos milhares de *devas* buscaram refúgio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, acerca desse contemplativo Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Senhores, o contemplativo Gotama possui as trinta e duas marcas de um Grande Homem. Senhores, o rei Seniya Bimbisara de Magadha e a sua esposa e filhos buscaram refúgio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o rei Pasenadi de

Kosala e a sua esposa e filhos buscaram refúgio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o *Brâmane* Pokkharasati e a sua esposa e filhos buscaram refúgio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o contemplativo Gotama chegou em Campa e está no lago Gaggara. Agora, todos os contemplativos e *Brâmanes* que chegam na nossa cidade são nossos hóspedes e hóspedes devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados por nós. Visto que o contemplativo Gotama chegou em Campa, ele é nosso hóspede e como nosso hóspede ele deve ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado por nós. Sendo assim, senhores não é apropriado que o Mestre Gotama venha me ver; ao invés disso, é apropriado que eu vá ver o Mestre Gotama.

“Senhores, esse é o tanto de méritos do Mestre Gotama que eu aprendi, mas o mérito do Mestre Gotama não está limitado a isso, pois o mérito do Mestre Gotama é imensurável. Visto que o Mestre Gotama possui cada um desses fatores, não é apropriado que ele venha me ver; ao invés disso, é apropriado que eu vá ver o Mestre Gotama. Portanto, senhores, vamos todos ver o contemplativo Gotama.”

7. Ao ouvir isso, os *Brâmanes* disseram para Sonadanda: “Senhor, visto que você elogia tanto o contemplativo Gotama, então mesmo estando a uma distância de cem *yojanas* daqui, seria apropriado que aqueles que têm fé fossem visitá-lo. Portanto, senhor, iremos visitar o contemplativo Gotama.”

E assim, Sonadanda foi com uma grande comitiva de *Brâmanes* para o lago Gaggara.

8. Mas depois que Sonadanda havia atravessado a floresta ele pensou: “Se eu fizer uma pergunta ao contemplativo Gotama, ele poderá me dizer: ‘Essa pergunta, *Brâmane*, não deve ser feita dessa forma, a pergunta deve ser formulada assim,’ e então esta comitiva poderá me desdenhar, dizendo: ‘Sonadanda é um tolo e inexperto, ele não tem bom senso, ele não é nem mesmo capaz de formular a pergunta da forma correta.’ E qualquer um que seja desdenhado, a sua reputação irá sofrer e então a sua renda irá sofrer, pois a renda depende da reputação. Ou se o contemplativo Gotama me fizer uma pergunta, minha resposta poderá não satisfazê-lo, e ele poderá dizer: ‘Essa pergunta não deve ser respondida dessa forma; é assim como esse problema deve ser resolvido.’ E então esta comitiva poderá me desdenhar ... Mas por outro lado, se tendo vindo até aqui eu desse meia volta sem me apresentar ao contemplativo Gotama, esta comitiva poderá me desdenhar ...”

9. Então, Sonadanda foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele sentou a um lado. Alguns *Brâmanes* e chefes de família homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

10. Estando ali sentado, Sonadanda estava tomado pela hesitação e com a mente povoada com muitos pensamentos: “Se eu fizer uma pergunta ao contemplativo Gotama, ele poderá me dizer: ‘Essa pergunta, *Brâmane*, não deve ser feita dessa

forma ...' Se pelo menos o contemplativo Gotama me perguntasse algo do meu próprio conhecimento dos Três Vedas! Aí eu poderia dar uma resposta que o satisfaria!"

11. E o Abençoado, sabendo com a sua própria mente os pensamentos na mente dele, pensou: "Esse Sonadanda está preocupado. E se eu lhe perguntasse algo do seu próprio campo de conhecimento como mestre dos Três Vedas?" Assim ele disse para Sonadanda: "Através de quantas qualidades os *Brâmanes* reconhecem um *Brâmane*? Como alguém declararia de acordo com a verdade e sem falsidade: 'Eu sou um *Brâmane*'?"

12. Então Sonadanda pensou: "Aquilo que eu queria, esperava, desejava e ansiava aconteceu – se pelo menos o contemplativo Gotama me perguntasse algo do meu próprio conhecimento ... Agora posso lhe dar uma resposta que irá satisfazê-lo."

13. Endireitando-se e olhando em volta para a assembléia, ele disse: "Mestre Gotama, os *Brâmanes* declaram que alguém é um *Brâmane* capaz de afirmar 'Eu sou um *Brâmane*' de acordo com a verdade e sem incorrer em falsidade quando ele possui cinco qualidades. E quais são as cinco? Um *Brâmane* é bem nascido por parte da mãe e por parte do pai, com descendência pura até a sétima geração; ele é um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento, hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem; ele é belo, atraente e elegante, possuindo uma complexão de beleza suprema, com uma beleza e uma presença sublime, digno de ser contemplado; ele é virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida; ele é estudado e sábio; e ele é o primeiro ou o segundo a segurar a concha de sacrifício. [xxxiv](#) Essas são as cinco qualidades de um verdadeiro *Brâmane*."

14. "Mas se uma dessas cinco qualidades for omitida, não poderia alguém ser reconhecido como um verdadeiro *Brâmane*, possuindo quatro dessas qualidades?"

"É possível, Mestre Gotama. Poderíamos deixar de lado a aparência, pois que importa isso? Se um *Brâmane* possui as outras quatro qualidades ele pode ser reconhecido como um verdadeiro *Brâmane*."

15. "Mas não poderia uma dessas quatro qualidades ser omitida, restando três através das quais alguém possa ser reconhecido como um verdadeiro *Brâmane*?"

"É possível, Mestre Gotama. Poderíamos deixar de lado os mantras, pois que importa isso? Se ele possuir as outras três qualidades ele pode ser reconhecido como um verdadeiro *Brâmane*."

16. "Mas não poderia uma dessas três qualidades ser omitida ...?"

“É possível, Mestre Gotama. Poderíamos deixar de lado o nascimento, pois que importa isso? Se um *Brâmane* é virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida, e se ele for estudado e sábio, e for o primeiro ou o segundo a segurar a concha de sacrifício, então ele é capaz de afirmar ‘Eu sou um *Brâmane*’ de acordo com a verdade e sem incorrer em falsidade.”

17. Em vista disso, os *Brâmanes* disseram para Sonadanda: “Não diga isso, Sonadanda não diga isso! O Mestre Sonadanda está desprezando a aparência, os mantras e o nascimento, ele na verdade está adotando a doutrina do próprio contemplativo Gotama!”

18. Então, o Abençoado disse para os *Brâmanes*: “Se vocês pensam que o *Brâmane* Sonadanda não está se concentrando na sua tarefa, está empregando palavras incorretas, lhe falta sabedoria e não está preparado para conversar com o contemplativo Gotama, então que ele pare e vocês falem comigo. Mas se vocês pensam que ele é estudado, fala da forma apropriada, é sábio e está preparado para conversar com o contemplativo Gotama, então parem e deixem que ele fale.”

19. Então, Sonadanda disse para os *Brâmanes*: “Não digam isso senhores. Eu não desprezo a nossa aparência, os nossos mantras, ou o nosso nascimento.”

20. Agora, naquela ocasião, o sobrinho de Sonadanda, um adolescente chamado Angaka, estava sentado na assembléia e Sonadanda disse: “Senhores, vocês vêm o meu sobrinho Angaka?” - “Sim, senhor.”

“Angaka é belo, atraente e elegante, possuindo uma complexão de beleza suprema, com uma beleza e uma presença sublime, digno de ser contemplado e não há ninguém nesta assembléia que se iguale a ele exceto o contemplativo Gotama. Ele é um erudito ... eu fui o seu mestre dos mantras. Ele é bem nascido pelos dois lados ... eu conheço os seus pais. Mas se Angaka matasse um ser vivo, tomasse aquilo que não seja dado, cometesse adultério, dissesse mentiras e tomasse embriagantes – como a aparência, ou os mantras, ou o nascimento o beneficiariam? Mas é por ser virtuoso e por ser sábio, por conta disso, que um *Brâmane* é capaz de afirmar ‘Eu sou um *Brâmane*’ de acordo com a verdade e sem incorrer em falsidade.”

21. “Mas, *Brâmane*, se alguém omitisse um desses dois pontos, seria ele capaz de afirmar ‘Eu sou um *Brâmane*’ de acordo com a verdade e sem incorrer em falsidade?”

“Não, Mestre Gotama. Pois a sabedoria é purificada pela virtude e a virtude é purificada pela sabedoria: onde há uma, há a outra, o homem virtuoso possui sabedoria e o homem sábio possui virtude, e a combinação de virtude e sabedoria é chamada a coisa mais sublime no mundo. Tal qual uma mão lava a outra, ou um pé ao outro, assim também a sabedoria é purificada pela virtude e essa combinação é chamada a coisa mais sublime no mundo.”

22. “Assim é, *Brâmane*, a sabedoria é purificada pela virtude e a virtude é purificada pela sabedoria: onde há uma, há a outra, o homem virtuoso possui sabedoria e o homem sábio possui virtude, e a combinação de virtude e sabedoria é chamada a coisa mais sublime no mundo. Mas, *Brâmane*, o que é essa virtude e o que é essa sabedoria?”

“Nós apenas sabemos esse tanto, Mestre Gotama. Seria bom se o Venerável pudesse explicar o significado disso.”

23. “Então, *Brâmane*, ouça e preste muita atenção ao que eu vou dizer.” – “Sim, Venerável senhor,” Sonadanda respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

"*Brâmane*, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude, ([DN 2.41-62](#)); ele guarda as portas dos meios dos sentidos ([DN 2.64-74](#)). Isso *Brâmane* é a virtude. Ele alcança os quatro *jhanas*, ([DN 2.75-82](#)); ele realiza vários insights, ([DN 2.83-95](#)), e a destruição das impurezas, ([DN 2.97](#)). Assim, ele desenvolve a sabedoria. Isso *Brâmanes* é sabedoria.”

24. Com base nisso Sonadanda disse: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida! E que o Mestre Gotama e a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã.

O Abençoado concordou em silêncio. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Sonadanda levantou-se do seu assento, e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Então, quando a noite terminou ele fez com que se preparassem vários tipos de boa comida na sua própria residência e quando tudo estava pronto ele anunciou: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.”

25. O Abençoado se vestiu e carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até a casa de Sonadanda e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Sonadanda serviu e satisfaz o Abençoado

com os vários tipos de boa comida, e os jovens *Brâmanes* serviram os *bhikkhus*. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Sonadanda sentou a um lado, num assento mais baixo e disse para o Abençoado:

26. “Mestre Gotama, se depois de ter entrado na assembléia eu me levantar e saudar o Abençoado, a minha comitiva irá me desdenhar. [xxxv](#) E qualquer um que seja desdenhado, a sua reputação irá sofrer e então a sua renda irá sofrer, pois a renda depende da reputação. Portanto, se ao entrar na assembléia, eu juntar as palmas das minhas mãos em saudação, que o Mestre Gotama tome isso como se eu tivesse levantado do meu assento. E se ao entrar na assembléia eu tirar o meu turbante, que o Mestre Gotama tome isso como se eu tivesse me curvado aos seus pés. Ou se, quando estiver montado na minha carruagem, eu desmontar e saudar o Abençoado, a minha comitiva irá me desdenhar ... Portanto, se estando montado na minha carruagem eu levantar a aguilhada, que o Mestre Gotama tome isso como se eu tivesse desmontado da minha carruagem; e se eu abaixar a minha mão, que o Mestre Gotama tome isso como se eu tivesse curvado a minha cabeça aos seus pés.” [xxxvi](#)

27. Então, depois que o Abençoado instruiu, motivou, estimulou e encorajou Sonadanda com um discurso do Dhamma, ele se levantou do seu assento e partiu.

## *5 Kutadanta Sutta* Um Sacrifício sem Sangue

Qual é o melhor sacrifício?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região de Magadha com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, até que por fim ele acabou chegando num vilarejo *Brâmane* denominado Khanumata. Em Khanumata ele ficou no Parque Ambalatthika. Agora, naquela ocasião, o *Brâmane* Kutadanta vivia em Khanumata, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Seniya Bimbisara de Magadha.

Justamente nessa ocasião Kutadanta planejava fazer um grande sacrifício: setecentos touros, setecentos bois, setecentos novilhos, setecentos bodes e setecentos carneiros estavam todos amarrados nos postes de sacrifício.

2. Os *Brâmanes* chefes de família de Khanumata ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, estava perambulando pela região de Magadha com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, chegou em Khanumata e está no Parque Ambalatthika. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e

conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’ Assim, os *Brâmanes* chefes de família de Khanumata saíram de Khanumata em grupos e bandos e se dirigiram para o Parque Ambalatthika.

3. Agora, naquela ocasião, o *Brâmane* Kutadanta havia se retirado para o andar superior do seu palácio para a sesta. Então ele viu os *Brâmanes* chefes de família de Khanumata saindo de Khanumata em grupos e bandos e se dirigindo para o Parque Ambalatthika. Ao vê-los perguntou ao seu ministro: “Estimado ministro, porque os *Brâmanes* chefes de família de Khanumata estão saindo de Khanumata em grupos e bandos e se dirigindo para o Parque Ambalatthika?”

“Senhor, ali se encontra Gotama o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, que estava perambulando pela região de Magadha ... (igual ao verso 2) ... Eles estão indo ver esse Mestre Gotama.”

4. Então, Kutadanta pensou: “Eu ouvi que o contemplativo Gotama sabe como realizar da forma correta o sacrifício de três modos com os seus dezesseis instrumentos. Agora, eu não sei isso, mas quero fazer um grande sacrifício. E se eu fosse até o contemplativo Gotama e perguntasse sobre esse assunto.” E assim ele mandou o seu ministro até os *Brâmanes* e chefes de família de Khanumata para pedir-lhes que esperassem por ele. [xxxvii](#)

5. E naquela ocasião muitas centenas de *Brâmanes* estavam em Khanumata com a intenção de tomar parte no sacrifício de Kutadanta. Ouvindo que a intenção dele era de visitar o contemplativo Gotama, eles foram até onde ele estava para perguntar se aquilo era verdade. “Assim é, senhores, eu irei visitar o contemplativo Gotama.”

6. “Senhor, não vá ver o contemplativo Gotama ... (igual ao [DN 4.5](#)) ... Sendo assim, Mestre Kutadanta, não é apropriado que você vá ver o contemplativo Gotama; ao invés disso, é apropriado que o contemplativo Gotama venha vê-lo.”

7. Quando isso foi dito, o *Brâmane* Kutadanta disse para aqueles *Brâmanes*: “Agora, senhores, ouçam de mim porque é apropriado que eu vá ver o contemplativo Gotama e porque não é apropriado que o Mestre Gotama venha me ver ... (igual ao [DN 4.6](#)) ... Visto que o contemplativo Gotama chegou em Khanumata, ele é nosso hóspede e como nosso hóspede ele deve ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado por nós. Sendo assim, senhores não é apropriado que o Mestre Gotama venha me ver; ao invés disso, é apropriado que eu vá ver o Mestre Gotama

8. Ao ouvir isso, os *Brâmanes* disseram para Kutadanta: “Senhor, visto que você elogia tanto o contemplativo Gotama, então mesmo estando a uma distância de cem *yojanas* daqui, seria apropriado que aqueles que têm fé fossem visitá-lo. Portanto, senhor, iremos visitar o contemplativo Gotama.”

E assim, Kutadanta foi com uma grande comitiva de *Brâmanes* para o Parque Ambalatthika. Ele foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele sentou a um lado. Alguns *Brâmanes* e chefes de família homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns juntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

9. Kutadanta disse para o Abençoado: “Venerável Gotama, eu ouvi que você sabe como realizar da forma correta o sacrifício de três modos com os seus dezesseis instrumentos. Agora, eu não sei isso, mas quero fazer um grande sacrifício. Seria bom se o contemplativo Gotama pudesse me explicar isso.” - “Então, *Brâmane*, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” - “Sim senhor,” Kutadanta respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

10. “*Brâmane*, certa vez houve um rei chamado Mahavijita. Ele possuía grande riqueza e posses, uma grande quantidade de barras de ouro, uma grande quantidade de celeiros, uma grande quantidade de campos, uma grande extensão de terras, inúmeras esposas e uma grande quantidade de escravos e escravas. Certa ocasião, quando o Rei Mahavijita refletia em particular, o seguinte pensamento lhe ocorreu: ‘Eu adquiri grande riqueza em termos humanos, eu ocupo uma ampla extensão de terra que conquistei. E se agora eu fizesse um grande sacrifício que trouxesse proveito e felicidade por muito tempo?’ E chamando o seu sacerdote, ele lhe disse o que havia pensado. ‘Eu quero fazer um grande sacrifício. Instrua-me, Venerável senhor, como devo fazer um grande sacrifício que traga proveito e felicidade por muito tempo.’

11. “O sacerdote respondeu: ‘O reino de vossa Majestade está assediado por ladrões, vilarejos e cidades são pilhados, o campo está infestado por bandidos. Se vossa Majestade impusesse um novo imposto nessa região, essa seria uma atitude incorreta. Suponha que vossa Majestade pensasse: “Eu irei me livrar dessa praga de ladrões através de aprisionamentos e execuções, ou através de multas, intimidação e banimento,” assim não seria dado um fim apropriado a essa praga. Aqueles que sobrevivessem, mais tarde causariam dano ao reino de vossa Majestade. No entanto, com este outro plano vossa Majestade poderá eliminar por completo essa praga. Para aqueles que no reino se dedicam ao cultivo e ao pastoreio, que vossa Majestade lhes distribua grãos e ração; para aqueles que se dedicam ao comércio, conceda capital; para aqueles no serviço público, pague salários adequados. Então, essas pessoas, estando concentradas nas suas ocupações, não irão causar dano ao reino. As receitas de vossa Majestade irão se incrementar, o reino estará tranquilo e não assediado por ladrões, e as pessoas, com alegria nos seus corações, irão se entreter com os seus filhos e manter as suas casas com as portas abertas.”

“Dizendo: ‘Assim seja!’, o rei aceitou o conselho do sacerdote: ele deu grãos e razão, ... capital para o comércio, ... salários adequados ... e as pessoas com alegria nos seus corações ... mantinham as suas casas com as portas abertas.”

12. “Então, o Rei Mahavijita mandou buscar o sacerdote e disse: ‘Eu me livre da praga dos ladrões; seguindo o seu plano a minha renda cresceu, o reino está tranqüilo e não assediado por ladrões, e as pessoas, com alegria nos seus corações, se entretêm com os seus filhos e mantêm as suas casas com as portas abertas. Agora eu gostaria de fazer um grande sacrifício. Instrua-me como isso deve ser feito para que traga proveito e felicidade por muito tempo.’

“Quanto a isso, Senhor, vossa Majestade deveria chamar os *Khattiyas* das cidades e do campo, os conselheiros e ministros, os *Brâmanes* mais influentes e os ricos chefes de família do reino, e dizer: “Eu gostaria de fazer um grande sacrifício. Ajudem-me nisso, senhores, para que traga proveito e felicidade por muito tempo.”

“O Rei concordou e assim fez. ‘Senhor, que o sacrifício tenha início, agora é o momento, Majestade. Esses quatro grupos [xxxviii](#) que ofereceram aprovação serão os instrumentos para o sacrifício.

13. “O Rei Mahavijita estava dotado com oito qualidades. Ele era bem nascido pelos dois lados ... (igual ao [DN 4.5](#)) ... impecável com respeito ao nascimento. Ele era belo ... digno de ser contemplado. Ele era rico, com grande riqueza e posses. Ele era poderoso, possuindo um exército com quatro divisões, [xxxix](#) que era leal, confiável, fazendo luzir a sua reputação entre os seus inimigos. Ele era um doador fiel e um anfitrião, que não fechava a porta para os contemplativos, *Brâmanes* e errantes, pedintes e necessitados – uma fonte de bondade. Ele era bem estudado naquilo que deve ser estudado. Ele sabia o significado daquilo que tinha sido dito, explicando: ‘Esse é o significado disso que foi dito.’ Ele era inteligente, erudito, sábio, capaz de perceber a vantagem no passado, no futuro ou no presente. [xl](#) O Rei Mahavijita estava dotado com essas oito qualidades. Elas constituíam os instrumentos para o sacrifício.

14. “O sacerdote estava dotado com quatro qualidades. Ele era bem nascido ... Ele era sábio, versado nos mantras ... Ele era virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida. Ele era inteligente, erudito, sábio, o primeiro ou segundo a segurar a concha do sacrifício. Ele estava dotado com essas quatro qualidades. Elas constituíam os instrumentos para o sacrifício.

15. “Então, antes do sacrifício começar, o sacerdote orientou o Rei quanto aos três modos: ‘Pode ser que vossa Majestade sinta algum arrependimento com relação ao sacrifício planejado: “Eu irei perder muita riqueza,” ou durante o sacrifício: “Eu estou perdendo muita riqueza,” ou depois do sacrifício: “Eu perdi muita riqueza.” Nesses casos, vossa Majestade não deve dar atenção a esse tipo de pensamento.

16. “Então, antes do sacrifício começar, o sacerdote dissipou os dez tipos de receio do Rei com relação aos participantes: ‘Majestade, ao sacrifício virão aqueles que matam seres vivos e aqueles que se abstêm de matar seres vivos. Aqueles que matam seres vivos, que assim permaneçam; mas aqueles que se abstêm de matar seres vivos terão um sacrifício bem sucedido e se regozijarão com isso, e os seus corações estarão em paz. Virão aqueles que tomam o que não lhes é dado e aqueles que se abstêm ... aqueles que praticam o comportamento sexual impróprio e aqueles que se abstêm ... aqueles que mentem .... aqueles que empregam a linguagem maliciosa, grosseira e frívola ... aqueles que são cobiçosos e aqueles que não são, aqueles que têm má vontade e aqueles que não têm, aqueles que têm o entendimento incorreto e aqueles que têm o entendimento correto. Aqueles que têm o entendimento incorreto, que assim permaneçam; mas aqueles que têm o entendimento correto terão um sacrifício bem sucedido e se regozijarão com isso, e os seus corações estarão em paz.’ Assim o sacerdote dissipou os dez tipos de receio do Rei com relação aos participantes.

17. “Então, enquanto o Rei realizava o sacrifício, o sacerdote instruiu, estimulou, motivou e alegrou o coração do Rei com relação aos dezesseis instrumentos. ‘Alguém poderia dizer: “O Rei Mahavijita está fazendo um grande sacrifício, mas ele não convidou os *Khattiyas* ... os seus conselheiros e ministros ... os *Brâmanes* mais influentes ... os ricos chefes de família ...” Mas essas palavras não estariam de acordo com a verdade visto que o Rei convidou a todos como assistentes. Assim o Rei deve saber que terá um sacrifício bem sucedido e regozijar-se com isso, e o seu coração estará em paz. Ou alguém poderia dizer: “O Rei Mahavijita está fazendo um grande sacrifício, mas ele não é bem nascido pelos dois lados ...” Mas essas palavras não estariam de acordo com a verdade ... Ou alguém poderia dizer: “O sacerdote não é bem nascido ...” Mas essas palavras não estariam de acordo com a verdade.’ Assim o sacerdote instruiu, estimulou, motivou e alegrou o coração do Rei com relação aos dezesseis instrumentos.

18. “Nesse sacrifício, *Brâmane*, não foram mortos touros, nem bois ou novilhos, nem bodes ou carneiros, nem vários outros tipos de seres vivos, tampouco árvores foram cortadas para os postes de sacrifício, nem o capim foi cortado para o capim de sacrifício, e os escravos, mensageiros e serviçais não realizaram as suas tarefas com os rostos cobertos de lágrimas, incitados pelas ameaças de punição e pelo medo. Mas aqueles que queriam fazer algo, assim fizeram; aqueles que nada queriam fazer, nada fizeram: eles fizeram aquilo que queriam e não aquilo que não queriam. O sacrifício foi feito com manteiga clarificada, azeite, manteiga, coalhada, mel e melaço.

19. “Então, *Brâmane*, os *Khattiyas* das cidades e do campo, os conselheiros e ministros, os *Brâmanes* mais influentes e os ricos chefes de família do reino, tendo ganho muita riqueza foram até o Rei Mahavijita e disseram: ‘Nós trouxemos muita riqueza, Majestade, por favor aceite.’ - ‘Mas, senhores, eu já acumulei riqueza suficiente, produto de impostos equitativos. Mantenham aquilo que é de vocês e levem algo mais.’

“Dada a recusa do Rei, eles se afastaram para conversar: ‘Não é correto que levemos esta riqueza de volta para as nossas casas. O Rei está fazendo um grande sacrifício. Sigamos o seu exemplo.’

20. “Então os *Khattiyas* colocaram as suas oferendas do lado leste da cova de sacrifício, os conselheiros e ministros colocaram as suas do lado sul, os *Brâmanes* do lado oeste e os ricos chefes de família do lado norte. E nesse sacrifício não foram mortos touros, ... nem vários outros tipos de seres vivos ... aqueles que queriam fazer algo, assim fizeram; aqueles que nada queriam fazer, nada fizeram ... O sacrifício foi feito com manteiga clarificada, azeite, manteiga, coalhada, mel e melaço. Desse modo houve a cooperação quádrupla com o Rei Mahavijita dotado com oito qualidades pessoais e o sacerdote com quatro. O sacrifício foi realizado de três modos. Isto, *Brâmane*, é chamado a celebração de um sacrifício de três modos com os seus dezesseis instrumentos.”

21. “Quando isso foi dito os *Brâmanes* ergueram as vozes em tumulto e disseram: ‘Que sacrifício esplêndido! Que modo magnífico de realizar um sacrifício!’ Mas Kutadanta ficou sentado em silêncio. E os *Brâmanes* perguntaram porque ele não aprovava as boas palavras do contemplativo Gotama. Ele respondeu: ‘Não é que eu não as aprove. Minha cabeça partiria se eu assim não o fizesse. Mas me ocorreu que o contemplativo Gotama não disse: “Eu ouvi isso,” ou “Deve ter sido assim,” mas ele diz: “Naquela época foi assim ou assado.” E portanto, senhores, parece-me que naquela época o contemplativo Gotama devia ser o Rei Mahavijita, o senhor do sacrifício, ou então o sacerdote que celebrou a cerimônia de sacrifício. O Venerável Gotama confirma que ele realizou ou fez com que se realizasse esse sacrifício e como consequência disso, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu em uma boa destinação, nos planos celestiais?’ - ‘Eu confirmo, *Brâmane*. Eu era o sacerdote que celebrou a cerimônia de sacrifício.’

22. “Venerável Gotama, há algum outro sacrifício que seja mais simples, menos complicado, mais frutífero e benéfico que esse sacrifício de três modos com os seus dezesseis instrumentos?” - “Há, *Brâmane*.”

“Que sacrifício é esse, Venerável Gotama?” - “*Brâmane*, sempre que as oferendas usuais das famílias são dadas para contemplativos virtuosos, estas se constituem num sacrifício mais frutífero e benéfico que aquele.”

23. “Qual a razão, Venerável Gotama, porque este sacrifício é melhor?”

“*Brâmane*, nenhum *arahant* ou aqueles que realizaram o caminho do *arahant*, irão participar daquele primeiro sacrifício. Por que? Porque nesses sacrifícios eles testemunham surras e violência e por isso eles não participam. Mas eles irão participar dos sacrifícios nos quais as oferendas usuais das famílias são dadas para contemplativos virtuosos, porque nesse caso não há surras ou violência. Essa é a razão porque esse sacrifício é mais frutífero e benéfico.”

24. “Mas, Venerável Gotama, há algum outro sacrifício que seja mais frutífero e benéfico que esses dois?” - “Há, *Brâmane*.”

“Que sacrifício é esse, Venerável Gotama?” - “*Brâmane*, qualquer um que proporcione abrigo para a Sangha vinda dos quatro quadrantes, isso se constitui num sacrifício mais frutífero e benéfico.”

25. “Mas, Venerável Gotama, há algum outro sacrifício que seja mais frutífero e benéfico que esses três?” - “Há, *Brâmane*.”

“Que sacrifício é esse, Venerável Gotama?” - “*Brâmane*, qualquer um que com o coração puro busque refúgio no Buda, no Dhamma e na Sangha, isso se constitui num sacrifício mais frutífero e benéfico do que qualquer um dos outros três.”

26. “Mas, Venerável Gotama, há algum outro sacrifício que seja mais frutífero e benéfico que esses quatro?” - “Há, *Brâmane*.”

“Que sacrifício é esse, Venerável Gotama?” - “*Brâmane*, qualquer um que com o coração puro adote os preceitos de virtude – abster-se de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta sexual imprópria, da mentira e do vinho, álcool e outros embriagantes - isso se constitui num sacrifício mais frutífero e benéfico do que qualquer um dos outros quatro.”

27. “Mas, Venerável Gotama, há algum outro sacrifício que seja mais frutífero e benéfico que esses quatro?” - “Há, *Brâmane*.”

“Que sacrifício é esse, Venerável Gotama?” - “*Brâmane*, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude, ([DN 2.41-74](#)). Assim um *bhikkhu* tem a virtude perfeita. Ele alcança os quatro *jhanas*, ([DN 2.75-82](#)). Isso, *Brâmane*, se constitui num sacrifício mais frutífero e benéfico. Ele realiza vários insights, ([DN 2.83-95](#)), e a destruição das impurezas, ([DN 2.97](#)). Ele sabe: ‘Não há mais nada neste mundo.’ Isso, *Brâmane*, se constitui num sacrifício mais simples, menos complicado, mais frutífero e benéfico que todos os outros. E além disso não há nenhum outro sacrifício que seja superior ou mais perfeito.”

28. “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida! E, Venerável Gotama, eu libertarei os setecentos touros, setecentos bois, setecentos novilhos, setecentos bodes e setecentos carneiros. Eu lhes concedo a vida, que eles sejam alimentados com capim fresco, com água fresca para beber e que a brisa fresca os enleve.

29. Então, o Abençoado transmitiu o ensino gradual ao *Brâmane* Kutadanta, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Quando ele percebeu que a mente do *Brâmane* Kutadanta estava pronta, receptiva, livre de obstáculos, satisfeita, clara, com serena confiança, ele explicou o ensinamento particular dos Budas: o sofrimento, a sua origem, a sua cessação e o caminho. Tal qual um pano limpo, com todas as manchas removidas, irá absorver um corante de modo adequado, assim também, enquanto o *Brâmane* Kutadanta estava ali sentado, a visão imaculada do Dhamma surgiu nele: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.”

30. Kutadanta, tendo visto o Dhamma, realizado o Dhamma, compreendido o Dhamma, examinado a fundo o Dhamma, superado a dúvida, eliminado a perplexidade, obtido a intrepidez e se tornado independente dos outros na Revelação do Mestre, disse: “Que o Venerável Gotama concorde em aceitar a refeição de amanhã junto com a Sangha dos *bhikkhus*!” E o Abençoado concordou em silêncio. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Kutadanta levantou do seu assento, e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Então, quando havia terminado a noite, ele fez com que se preparasse vários tipos de boa comida no seu lugar de sacrifício e depois fez com que se anunciasse a hora para o Abençoado: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.”

Então, ao amanhecer, o Abençoado carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até o lugar de sacrifício de Kutadanta e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos, Kutadanta serviu e satisfez o Abençoado e os *bhikkhus* com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Kutadanta sentou a um lado, num assento mais baixo.

Então, o Abençoado tendo instruído, estimulado, motivado e encorajado Kutadanta com um discurso do Dhamma, levantou do seu assento e partiu.

## 6 Mahali Sutta

### Mahali

A alma e o corpo são a mesma coisa ou não?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira. Agora, naquela ocasião, um grande número de emissários *Brâmanes* de Kosala e Magadha estavam em Vesali para tratar de negócios. E eles ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos *Sakyas*, que adotou a vida santa deixando o clã dos *Sakyas*, está em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.”

2. E assim aqueles emissários *Brâmanes* de Kosala e Magadha foram para a Grande Floresta, para o Salão com um pico na cumeeira. Naquela época o Venerável Nagita era o acompanhante do Abençoado. Então, eles foram até o Venerável Nagita e disseram: “Venerável Nagita, onde está agora o Mestre Gotama? Nós queremos ver o Mestre Gotama.”

“Amigos, não é o momento apropriado para ver o Abençoado. Ele está isolado meditando.” Mas os *Brâmanes* sentaram ali mesmo e disseram: “Quando tivermos visto o Venerável Gotama, iremos embora.”

3. Quase no mesmo momento o Licchavi Otthaddha chegou ao Salão com um pico na cumeeira com uma grande comitiva e depois de cumprimentar o Venerável Nagita ficou em pé a um lado e disse: “Onde ele está agora, o Abençoado, o *arahant*, Perfeitamente Iluminado? Nós queremos vê-lo.”

“Mahali não é o momento apropriado para ver o Abençoado. Ele está isolado meditando.” Mas Otthaddha sentou ali mesmo e disse: “Quando eu tiver visto o Abençoado, o *arahant*, Perfeitamente Iluminado, irei embora.”

4. Então, o noviço Siha foi até o Venerável Nagita, ficou em pé a um lado, e disse: “Venerável Kassapa estes emissários *Brâmanes* de Kosala e Magadha vieram até aqui para ver o Abençoado e o Licchavi Otthaddha também veio com uma grande comitiva para ver o Abençoado. Seria bom, Venerável Kassapa, permitir que essas pessoas o vissem.”

“Muito bem, então Siha, você os anuncia para o Abençoado.”

“Sim, Venerável senhor,” disse Siha. Então, ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficou a um lado e disse: “Venerável Senhor, muitos emissários *Brâmanes* de Kosala e Magadha vieram até aqui para ver o Abençoado e o Licchavi Otthaddha também veio com uma grande comitiva para vê-lo. Seria bom, se o Abençoado permitisse que essas pessoas o vissem.”

“Então, Siha, prepare um assento à sombra em frente desta moradia.”

“Sim, Venerável senhor,” Siha disse, e assim fez. Então, o Abençoado saiu da sua moradia e sentou-se no assento que havia sido preparado.

5. Os *Brâmanes* foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado. Mas Otthaddha fez uma reverência para o Abençoado e depois sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, não faz muito tempo o Licchavi Sunakkhatta veio ter comigo e disse: ‘Em breve irá completar três anos desde que me tornei um discípulo do Abençoado e sou capaz de ver formas celestiais, prazerosas, deliciosas, sedutoras, mas eu não ouvi nenhum som celestial que seja prazeroso, delicioso, sedutor.’ Venerável senhor, há esse tipo de som celestial que Sunakkhatta não é capaz de ouvir ou eles não existem?”

“Há esse tipo de som, Mahali.”

6. “Então, Venerável senhor, qual é a razão, qual é a causa porque Sunakkhatta não pode ouvi-los?”

“Mahali, em um caso, um *bhikkhu* voltado para o leste pratica uma concentração unilateral e vê formas celestiais, prazerosas, deliciosas, sedutoras ... mas ele não ouve sons celestiais. Através dessa concentração unilateral ele vê formas celestiais, mas não ouve sons celestiais. Por que isso? Porque essa concentração permite apenas que formas celestiais sejam vistas, mas sons celestiais não são ouvidos.

7. “Novamente, um *bhikkhu*, voltado para o sul, oeste, norte e para cima, para baixo e de lado a lado, pratica uma concentração unilateral e vê formas celestiais [naquela direção], mas ele não ouve sons celestiais. Por que isso? Porque essa concentração unilateral permite apenas que formas celestiais sejam vistas, mas sons celestiais não são ouvidos.

8. “Num outro caso, Mahali, um *bhikkhu* voltado para o leste ... ouve sons celestiais, mas não vê formas celestiais ...

9. “Novamente, um *bhikkhu* voltado para o sul, oeste, norte e para cima, para baixo e de lado a lado ouve sons celestiais, mas não vê formas celestiais ...

10. “Num outro caso, Mahali, um *bhikkhu* voltado para o leste pratica uma concentração bilateral e tanto vê formas celestiais, prazerosas, deliciosas, sedutoras como ouve sons celestiais, por que isso? Porque essa concentração bilateral permite ambos, ver formas celestiais e ouvir sons celestiais.

11. “Novamente, um *bhikkhu* voltado para o sul, oeste, norte e para cima, para baixo e de lado a lado ouve sons celestiais e vê formas celestiais ... E essa é a razão porque Sunakkhatta vê formas celestiais, mas não ouve sons celestiais.

12. “Então, Venerável senhor, é com o propósito de alcançar esse tipo de concentração que a vida santa é vivida sob o Abençoado?”

“Não, Mahali, há outras coisas mais elevadas e perfeitas que essas, pelas quais a vida santa é vivida sob mim.”

13. “Quais são elas, Venerável senhor?”

“Mahali, em um caso, um *bhikkhu*, com a destruição de três grilhões é aquele que entrou na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, ele tem a iluminação como destino. Novamente, um *bhikkhu*, com a destruição de três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, é aquele que retorna apenas uma vez, retornando a este mundo uma vez para dar um fim ao sofrimento. Novamente, um *bhikkhu*, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irá renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo. Novamente, um *bhikkhu*, é um *arahant*, com as impurezas destruídas, ele viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o objetivo verdadeiro, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo. Essa é outra coisa mais elevada e perfeita do que as anteriores, pelas qual a vida santa é vivida sob mim.”

14. “Venerável senhor, há um caminho, há um meio para realizar essas coisas?”

“Há um caminho, Mahali, há um meio”

“Venerável senhor, qual é esse caminho, qual é esse meio?”

“É exatamente este Nobre Caminho Óctuplo; isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. Esse é o caminho, esse é o meio para realizar essas coisas.”

15. “Certa vez, Mahali, eu estava em Kosambi, no parque de Ghosita. Lá, dois contemplativos, Mandissa e Jaliya, pupilos de Darupattika, vieram falar comigo e depois que nos cumprimentamos eles sentaram a um lado e disseram: ‘Como é isso, amigo Gotama, a alma e o corpo são a mesma coisa ou a alma é uma coisa e o corpo é

outra?’ - ‘Muito bem, amigos, ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.’ – ‘Sim, amigo,’ eles responderam, e eu disse o seguinte:

16. “Amigos, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude (veja o [DN 2, versos 41-62](#)). Um *bhikkhu* consumado em virtude, dessa forma, não vê perigo em lugar nenhum pela sua contenção através da virtude. Dotado desse nobre agregado da virtude, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada. Assim é como um *bhikkhu* é consumado em virtude. (veja o [DN 2, versos 64-74](#)) ... Porém, quando esses cinco obstáculos são abandonados, ele os considera como não ter dívidas, ter boa saúde, estar livre da prisão, estar livre, estar num lugar com segurança ... afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, ele entra e permanece no primeiro *jhana* ... ele permeia e impregna, cobre e preenche esse corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Agora, de alguém que assim sabe e assim vê é apropriado que se diga: “A alma e o corpo são a mesma coisa” ou “A alma é uma coisa e o corpo é outra?” ‘Não é, amigo.’ ‘Mas eu assim sei e vejo, e eu não digo que a alma e o corpo são a mesma coisa ou que a alma é uma coisa e o corpo é outra.’

17. “E da mesma forma com o segundo ... terceiro e quarto *jhana* (veja o [DN 2, versos 75-82](#)).

18. “A mente se inclina e tende na direção do conhecimento e visão. Agora de alguém que assim sabe e vê, é apropriado que se diga: “A alma e o corpo são a mesma coisa” ou “A alma é uma coisa e o corpo é outra?” - ‘Não é, amigo.’

19. “Ele sabe: “Não há mais nada neste mundo.” Agora de alguém que assim sabe e vê, é apropriado que se diga: “A alma e o corpo são a mesma coisa” ou “A alma é uma coisa e o corpo é outra?” - ‘Não é, amigo.’ - ‘Mas eu assim sei e vejo, e eu não digo que a alma e o corpo são a mesma coisa ou que a alma é uma coisa e o corpo é outra.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O Licchavi Otthaddha ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## 7 Jaliya Sutta

Jaliya

Este *sutta* é idêntico ao DN6

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Kosambi no Parque de Ghosita. E dois contemplativos, Mandissa e Jaliya, pupilos de Darupattika, foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado ... (versos 1-5 = [DN 6, versos 15-19](#)).

Isso foi o que disse o Abençoado. Os dois contemplativos ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## *8 Mahasihanada Sutta* O Grande Discurso do Rugido do Leão

A validade das práticas de austeridades e de mortificações

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Ujunnaya no parque dos gamos Kannakatthale. Então, o contemplativo nu Kassapa foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele ficou em pé a um lado e disse:

2. “Amigo Gotama, eu ouvi dizerem: ‘O contemplativo Gotama desaprova todas as austeridades e critica e censura todos aqueles que vivem dedicados à mortificação. Venerável senhor, aqueles que assim dizem, falam aquilo que foi dito pelo contemplativo Gotama e não o deturpam com algo contrário aos fatos? Eles explicam de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da declaração deles?’”

3. “Kassapa, aqueles que dizem isso não falam aquilo que foi dito por mim, mas me deturpam com algo que não é verdadeiro e é contrário aos fatos. Ocorre, Kassapa, que eu vejo alguém que pratica mortificações e por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, com a dissolução do corpo, depois da morte, eu o vejo renascer num plano de miséria, num destino ruim, nos mundos inferiores, no inferno. Outra vez, eu vejo alguém que pratica mortificações ... renascer num destino feliz, no paraíso. Outra vez, eu vejo alguém que pratica poucas austeridades ... renascer num plano de miséria ... Outra vez, eu vejo alguém que pratica poucas austeridades ... renascer num destino feliz, no paraíso. Posto que eu posso ver como na verdade é o surgimento, o destino, a morte e o renascimento desses contemplativos, como poderia eu desaproveitar todas as austeridades e criticar e censurar todos aqueles que vivem dedicados à dura vida de mortificações?”

4. “Kassapa, há certos contemplativos e *Brâmanes* que são sábios, hábeis, com experiência em debates, disputadores, incisivos, rompendo em pedaços as especulações dos seus adversários. Entre eles e eu, em relação a alguns pontos, há concordância, mas em relação a outros pontos, não há. Algumas das coisas que eles

aprovam eu também aprovo. Algumas das coisas que eles desaprovam eu também desaprovo. Algumas das coisas que eles aprovam eu desaprovo. Algumas das coisas que eles desaprovam eu aprovo. Algumas das coisas que eu aprovo eles também aprovam. E algumas das coisas que eu desaprovo eles também desaprovam. E algumas coisas que eu aprovo eles não aprovam. E algumas coisas que eu desaprovo eles aprovam.

5. "Aproximando-me deles, eu digo: 'Com relação a aquelas coisas que não estamos de acordo, deixemo-las de lado. Com relação a aquelas coisas que estamos de acordo, que os sábios as tomem, investiguem e analisem, conversem com os mestres ou com os seus discípulos, dizendo: "Com relação a aquelas coisas que são inábeis e consideradas como tal, censuráveis, que devem ser evitadas, inadequadas para um Nobre, obscuras e consideradas como tal – quem abandonou essas coisas por completo e está libertado delas: o contemplativo Gotama ou alguns outros Veneráveis mestres?"'

6. "Então, pode muito bem ocorrer que os sábios ... digam: 'Com relação a aquelas coisas que são inábeis ... o contemplativo Gotama abandonou essas coisas por completo e está libertado delas, mas os outros Veneráveis mestres abandonaram-nas apenas em parte.' É assim, Kassapa, que os sábios falam em nosso louvor.

7. "Ou os sábios poderão dizer: 'Com relação a aquelas coisas que são hábeis e consideradas como tal, não censuráveis, que devem ser praticadas, adequadas a um Nobre, luminosas e consideradas como tal, quem é aquele que obteve completa maestria nessas qualidades – o contemplativo Gotama ou alguns outros Veneráveis mestres?"'

8. "Ou os sábios poderão dizer: 'Com relação a aquelas coisas que são hábeis ... o contemplativo Gotama é aquele que obteve completa maestria nessas qualidades, mas os outros Veneráveis mestres obtiveram apenas em parte.' É assim, Kassapa, que os sábios falam em nosso louvor.

9-12 (Igual aos versos 5-8 mas substituindo 'o contemplativo Gotama ou alguns outros Veneráveis mestres' por 'os discípulos do contemplativo Gotama ou 'os discípulos de alguns outros Veneráveis mestres.')

13. "Kassapa, há um caminho, há um meio que se alguém segui-lo poderá ver e saber por si mesmo que: 'O contemplativo Gotama é aquele que fala no momento apropriado, aquilo que é verdadeiro, aquilo que é benéfico – o Dhamma e a Disciplina.' Qual é esse caminho, esse meio? É este Nobre Caminho Óctuplo, isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. Esse é o caminho através do qual alguém poderá ver e saber por si mesmo que: 'O contemplativo Gotama é aquele que fala no momento apropriado, aquilo que é verdadeiro, aquilo que é benéfico – o Dhamma e a Disciplina.'"

14. Então, Kassapa disse para o Abençoado: “Gotama, estas práticas ascéticas de certos adeptos da mortificação são por eles consideradas apropriadas: eles andam nus, rejeitam as convenções [xli](#), lambem as mãos [xlii](#), não atendem quando chamados, não param quando solicitados [xliii](#); eles não aceitam que lhes tragam comida [xliv](#) ou comida feita especialmente para eles, ou convite para comer [xlv](#); eles não aceitam comida diretamente de um pote ou de uma panela na qual foi cozida, ou comida colocada numa soleira, ou colocada onde está a lenha, ou colocada onde estão os pilões, ou de duas pessoas comendo juntas, ou de uma mulher grávida, ou de uma mulher amamentado, ou de uma mulher num grupo com homens, ou de um lugar que tenha divulgado a distribuição de comida, onde um cachorro esteja esperando, onde moscas estejam zunindo; eles não aceitam peixe ou carne, eles não aceitam bebidas alcoólicas, vinho, ou mingau de arroz fermentado. Eles se restringem a uma casa, [xlvi](#) a um bocado; eles se restringem a duas casas, a dois bocados ... eles se restringem a sete casas, a sete bocados. Eles vivem com um pires de comida por dia, dois pires de comida por dia ... sete pires de comida por dia; Eles comem uma vez por dia, uma vez cada dois dias ... uma vez cada sete dias e assim por diante, até uma vez cada quinze dias. Essas são consideradas práticas apropriadas.

Ou eles comem ervas ou capim, ou arroz selvagem, ou plantas aquáticas, ou farelo de arroz, ou espuma de arroz cozido, ou flores de plantas oleaginosas, ou estrume de vaca, ou raízes e frutas da floresta, ou frutas caídas. Eles se vestem com cânhamo, com mortalhas, com trapos, com casca de árvores, com pele de antílopes, com tiras de pele de antílopes, com capim, com cabelos humanos, com pelos do rabo de cavalos, com penas das asas de corujas. Eles arrancam cabelos e barba, dedicando-se à prática de arrancar os cabelos e barba. Eles ficam em pé continuamente, rejeitando assentos. Eles ficam de cócoras continuamente, devotados a manter a posição de cócoras. Eles usam um colchão com espinhos; eles fazem de um colchão com espinhos a sua cama. Eles dormem no chão. Eles dormem sempre do mesmo lado. O corpo deles está coberto com imundície. Eles vivem e dormem ao ar livre. Eles se alimentam de imundície, dedicando-se à prática de comer os quatro tipos de imundície (esterco de vaca, urina de vaca, cinzas e argila). Eles nunca bebem água fria. [xlvii](#) Eles purificam o corpo com três imersões na água a cada dia.

15. “Kassapa, um praticante de mortificações pode fazer todas essas coisas, mas se a sua virtude, a sua mente e a sua sabedoria não forem desenvolvidas e cultivadas, então, de fato ele estará muito distante de ser um contemplativo ou um *Brâmane*. Mas, Kassapa, quando um *bhikkhu* desenvolve e cultiva uma mente plena de amor bondade, deixando de lado a raiva e a má vontade e com a eliminação das impurezas mentais permanece em um estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora, então, Kassapa, esse *bhikkhu* é chamado um contemplativo e um *Brâmane*.

16. Quando isso foi dito, Kassapa disse para o Abençoado: “Venerável Gotama, é difícil ser um contemplativo, é difícil ser um *Brâmane*.”

“Esse é um dito comum no mundo, Kassapa: ‘É difícil ser um contemplativo, é difícil ser um *Brâmane*.’ Mas se a dificuldade, a grande dificuldade dessa vida dependesse apenas desse ascetismo, da realização de todas as práticas que você detalhou, então não seria apropriado dizer que a vida de um contemplativo, de um *Brâmane* é difícil. Seria bem possível que um chefe de família ou o filho de um chefe de família, ou qualquer um, até mesmo a escrava que busca água no poço, dissessem: ‘Bem, eu permanecerei nu ... (igual ao verso 14). Mas, Kassapa, porque há um outro tipo de ascetismo muito diferente desse é correto que se diga: ‘É difícil ser um contemplativo, é difícil ser um *Brâmane*.’ Mas, Kassapa, quando um *bhikkhu* desenvolve e cultiva uma mente plena de amor bondade ... (igual ao verso 15), então esse *bhikkhu* é chamado um contemplativo e um *Brâmane*.”

17. Quando isso foi dito, Kassapa disse para o Abençoado: “Venerável Gotama, é difícil saber se alguém é um contemplativo, é difícil saber se alguém é um *Brâmane*.”

“Esse é um dito comum no mundo, Kassapa: ‘É difícil saber se alguém é um contemplativo, é difícil saber se alguém é um *Brâmane*.’ Mas se para ser um contemplativo, para ser um *Brâmane*, dependesse apenas desse ascetismo, da realização de muitas das práticas que você detalhou, então não seria apropriado dizer que um contemplativo é difícil de ser reconhecido, um *Brâmane* é difícil de ser reconhecido. Seria bem possível que um chefe de família, ou o filho de um chefe de família, ou qualquer um, até mesmo a escrava que busca água no poço, soubessem: ‘Esse homem permanece nu, rejeita as convenções, lambe as mãos ...’ Mas, Kassapa, porque há um outro tipo de ascetismo muito diferente desse é correto que se diga: ‘É difícil saber se alguém é um contemplativo, é difícil saber se alguém é um *Brâmane*.’ Mas, Kassapa, quando um *bhikkhu* desenvolve e cultiva uma mente plena de amor bondade, deixando de lado a raiva e a má vontade, e com a eliminação das impurezas mentais permanece num estado livre de impurezas, com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora, então, Kassapa, esse *bhikkhu* é chamado um contemplativo e um *Brâmane*.”

18-20. Então, Kassapa disse para o Abençoado: “Venerável Gotama, o que então é esse desenvolvimento da virtude, mente e sabedoria?”

“Kassapa, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude (veja o [DN 2, versos 41-63](#)). Essa é a perfeição da virtude. Ele guarda as portas dos seus sentidos, etc. alcança os quatro *jhanas* (veja o [DN 2, versos 64-82](#)).

Essa é a perfeição da mente. Ele realiza vários insights e a destruição das impurezas (veja o [DN 2, versos 83-98](#)). Essa é a perfeição da sabedoria, E, Kassapa, não há nada que seja mais elevado ou mais perfeito que essa perfeição da virtude, da mente e da sabedoria.

21. “Kassapa, há alguns contemplativos e *Brâmanes* que pregam a virtude, que é elogiada de vários modos. Mas com relação à virtude que é nobre, a virtude superior, eu não vejo ninguém que seja igual a mim, quanto menos superior. Eu sou o superior com relação a isso, isto é, a virtude superior (do caminho).

Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que pregam a mortificação e a austeridade meticulosa, que é elogiada de vários modos. Mas com relação à mortificação e a austeridade meticulosa que é nobre, a mortificação e a austeridade meticulosa superior, eu não vejo ninguém que seja igual a mim e muito menos, superior. Eu sou o superior com relação a isso, isto é, a mortificação e a austeridade meticulosa superior (do caminho).

Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que pregam a sabedoria, que é elogiada de vários modos. Mas com relação à sabedoria que é nobre, a sabedoria superior, eu não vejo ninguém que seja igual a mim e muito menos, superior. Eu sou o superior com relação a isso, isto é, a sabedoria superior (do caminho).

Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que pregam a libertação, que é elogiada de vários modos. Mas com relação à libertação que é nobre, a libertação superior, eu não vejo ninguém que seja igual a mim e muito menos, superior. Eu sou o superior com relação a isso, isto é, a libertação superior (do caminho).

22. “Kassapa, pode ser que os errantes de outras seitas digam: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão apenas em lugares vazios, não onde as pessoas estão reunidas.’ A resposta é que isso não é verdade: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão e ele ruge onde as pessoas estão reunidas.’ Ou pode ser que eles digam: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão onde as pessoas estão reunidas, mas ele assim o faz sem confiança.’ A resposta é que isso não é verdade: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão onde as pessoas estão reunidas e ele assim o faz com confiança.’ Ou pode ser que eles digam: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão onde as pessoas estão reunidas e ele assim o faz com confiança, mas elas não fazem perguntas.’ A resposta é que isso não é verdade: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de leão ... e elas fazem perguntas.’ Ou pode ser que eles digam: ‘... elas fazem perguntas mas ele não responde.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... ele responde mas não as convence com as suas respostas.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... mas elas não ficam contentes.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... mas elas não ficam satisfeitas com aquilo que ouviram.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... mas elas não se comportam como se estivessem satisfeitas.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... mas elas não se encontram no caminho para a verdade.’ ... Ou pode ser que eles digam: ‘... mas elas não estão satisfeitas com a prática.’ A resposta é que isso não é verdade: ‘O contemplativo Gotama ruge o seu rugido de

leão onde as pessoas estão reunidas e ele assim o faz com confiança, elas fazem perguntas e ele as responde, ele as convence com as suas respostas, elas ficam contentes e satisfeitas com aquilo que ouviram, elas se comportam como se estivessem satisfeitas, elas estão no caminho para a verdade, elas estão satisfeitas com a prática.’ Isso, Kassapa, é o que deve ser dito para eles.

23. “Certa ocasião, Kassapa, eu estava em Rajagaha no Pico do Abutre e um certo praticante de mortificações chamado Nigrodha veio me consultar sobre a prática de austeridades. E ele ficou muito satisfeito com a minha explicação.”

“Venerável senhor, quem ao ouvir a sua explicação do Dhamma não ficaria muito satisfeito? Eu estou muito satisfeito. Magnífico, Abençoado! Magnífico, Abençoado! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa!”

24. “Kassapa, quem pertencia anteriormente a uma outra seita e quer ser admitido na vida santa e a admissão completa neste Dhamma e Disciplina terá um período de noviciado de quatro meses. Ao final dos quatro meses, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos com ele, eles lhe darão a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*. Eu reconheço diferenças entre indivíduos neste assunto.”

“Venerável senhor, se esse é o caso, eu permanecerei como noviço até mesmo por quatro anos. Ao final dos quatro anos, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, que me dêem a admissão na vida santa e a admissão completa como *bhikkhu*”.

Então, Kassapa recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e ele recebeu a admissão completa como *bhikkhu*. Permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, o Venerável Kassapa, alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa, pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o Venerável Kassapa tornou-se mais um dos *arahants*.

## 9 *Potthapada Sutta*

### Estados de Consciência

Potthapada questiona o Buda sobre a ‘cessação última da percepção’

1. Assim ouvi. [xlvi](#) Em certa ocasião o Abençoado estava em Savathi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Naquela ocasião o errante Potthapada estava no salão de debates próximo à árvore Tinduka, no parque da rainha Mallika, [xlix](#) com um grande grupo de cerca de trezentos errantes.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Savathi para esmolar alimentos. Mas ele pensou o seguinte: “Ainda é muito cedo para ir até Savathi para esmolar alimentos. E se eu fosse até o salão de debates para ver o errante Potthapada?” E assim ele fez.

3. Lá estava Potthapada com uma grande assembléia de errantes que estavam fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas.

4. Então Potthapada viu o Abençoado chegando à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o contemplativo Gotama. Esse Venerável gosta do silêncio e recomenda o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, pensará em juntar-se a nós.” Então os errantes ficaram em silêncio.

5. O Abençoado foi até Potthapada, que lhe disse: “Venha Venerável senhor! Bem vindo Venerável senhor! Já faz muito tempo desde que o Venerável senhor encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Venerável senhor sente; este assento está preparado.”

O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e Potthapada sentou a um lado, num assento mais baixo. O Abençoado disse: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, Potthapada? E qual é a discussão que foi interrompida?”

6. “Venerável Senhor, deixemos de lado a discussão pela qual estamos aqui sentados juntos. O Abençoado poderá ouvi-la mais tarde. Nos últimos dias, Venerável senhor, a discussão entre os contemplativos e *Brâmanes* de várias seitas que se reúnem no salão de debates diz respeito à cessação última da percepção, e como esta ocorre. Alguns disseram: ‘As percepções de uma pessoa surgem e cessam sem causa e condição. Quando elas surgem, a pessoa está perceptiva, quando elas cessam, então ela está não perceptiva.’ Assim é como eles explicaram. Mas um outro grupo disse: ‘Não, não é assim. As percepções são o eu de uma pessoa, que vêm e vão. Quando vêm, ela está perceptiva, quando vão, ela está não perceptiva.’ Um outro disse: ‘Não é assim. Existem contemplativos e *Brâmanes* com grandes poderes, com grande influência. Eles empurram a percepção para dentro da pessoa e a retiram. Quando

eles a empurram, ela está perceptiva, quando eles a retiram, ela está não perceptiva.’ E um outro disse: ‘Não, não é assim. Existem divindades com grandes poderes, com grande influência. Elas empurram a percepção para dentro da pessoa e a retiram. Quando elas a empurram, a pessoa está perceptiva, quando elas a retiram, a pessoa está não perceptiva.’ Foi com relação a isso que lembrei do Venerável senhor: ‘Ah, o Abençoado! Ah, o Iluminado! Que com certeza tem grande habilidade nesse tipo de questões. O Abençoado tem grande habilidade na cessação última da percepção.’ O que então, Venerável senhor, é a cessação última da percepção?”

7. “Com relação a isso, Potthapada, aqueles contemplativos e *Brâmanes* que dizem que as percepções de uma pessoa surgem e cessam sem causa e condição estão completamente errados. Por que isso? As percepções de uma pessoa surgem e cessam devido a causas e condições. Algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento. O que é esse treinamento? Potthapada, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude (Veja o [DN 2, versos 41-62](#)). Isso para ele é a virtude.

8. “E então, Potthapada, aquele *bhikkhu* que tem a virtude consumada não vê perigo em lugar nenhum ... (Veja o [DN 2, verso 63](#)) ... Assim é como um *bhikkhu* é consumado em virtude.

9-10. “Ao ver uma forma com o olho, um *bhikkhu* não se agarra aos seus sinais ou detalhes ... (veja o [DN 2, versos 64-75](#)). Tendo alcançado o primeiro *jhana* ele permanece nele. E a percepção dos sentidos que ele tinha antes cessa e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção de êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Nessa ocasião ele está perceptivo a esse verdadeiro e refinado êxtase e felicidade. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

11. “E depois, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. A sua verdadeira e refinada percepção de êxtase e felicidade anterior, nascida do afastamento, cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção de êxtase e felicidade nascidos da concentração. Nessa ocasião ele está perceptivo a esse verdadeiro e refinado êxtase e felicidade. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

12. “E depois, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ A sua verdadeira e refinada percepção de êxtase e felicidade anterior, nascida da concentração, cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção de equanimidade. Nessa ocasião ele está perceptivo a essa verdadeira e refinada equanimidade. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

13. “E depois, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. A sua verdadeira e refinada percepção de equanimidade anterior cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção da atenção plena e a equanimidade purificadas. Nessa ocasião ele está perceptivo a essa verdadeira e refinada atenção plena e equanimidade purificadas. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

14. “E depois, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ ele entra e permanece na base do espaço infinito. A sua verdadeira e refinada percepção da atenção plena e a equanimidade purificadas anterior cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção da dimensão do espaço infinito. Nessa ocasião ele está perceptivo a essa verdadeira e refinada dimensão do espaço infinito. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

15. “E depois, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ ele entra e permanece na base da consciência infinita. A sua verdadeira e refinada percepção da dimensão do espaço infinito cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção da dimensão da consciência infinita. Nessa ocasião ele está perceptivo a essa verdadeira e refinada dimensão da consciência infinita. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.

16. “E depois, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ ele entra e permanece na base do nada. A sua verdadeira e refinada percepção da dimensão da consciência infinita cessa, e nesse momento está presente a verdadeira e refinada percepção da dimensão do nada. Nessa ocasião ele está perceptivo a essa verdadeira e refinada dimensão do nada. Dessa forma algumas percepções surgem através do treinamento e algumas cessam através do treinamento.<sup>1</sup>

17. “Potthapada, a partir do momento em que um *bhikkhu* alcançou esse controle da percepção, ele prossegue através de passos atentos sucessivos até que alcance o pico da percepção. Quando ele alcança o pico da percepção o pensamento lhe ocorre: ‘Pensar é ruim para mim, não pensar é melhor. Se eu pensar e querer, essa percepção cessaria, e uma percepção mais grosseira surgiria. E se eu não pensasse nem quisesse?’ Assim ele não pensa nem quer, e enquanto ele não pensa nem quer, aquela percepção cessa e outra percepção grosseira não surge. Ele alcança a cessação. E assim, Potthapada, é a forma como ocorre através de passos atentos sucessivos a realização da cessação última da percepção.

18. “O que você pensa Potthapada? Você já havia ouvido isso antes?”

“Não, Venerável senhor. Como eu entendo, o Abençoado disse: ‘Potthapada, a partir do momento em que um *bhikkhu* alcançou esse controle da percepção, ele prossegue através de passos atentos sucessivos até que alcance o pico da percepção ... Ele alcança a cessação... E assim é a forma como ocorre através de passos atentos sucessivos a realização da cessação última da percepção.’”

“Isso é correto, Potthapada.”

19. “Mas Venerável senhor, o Abençoado descreve apenas um pico da percepção ou vários?”

“Eu descrevo um e vários picos da percepção.”

“E como o Abençoado descreve um e vários?”

“De acordo com o modo como ele alcança a cessação, Potthapada, desse modo eu descrevo o pico da percepção. <sup>li</sup> Assim é como descrevo um pico da percepção e vários picos da percepção.”

20. “Agora, Venerável senhor, a percepção surge primeiro e o conhecimento depois, ou o conhecimento surge primeiro e a percepção depois, ou a percepção e o conhecimento surgem simultaneamente?”

“Potthapada, a percepção surge primeiro, depois o conhecimento. E o surgimento do conhecimento ocorre do surgimento da percepção. Ele compreende que: ‘É na dependência disso <sup>lii</sup> que surgiu o meu conhecimento.’ Dessa forma é possível ver que a percepção surge primeiro, e o conhecimento depois, e o surgimento do conhecimento ocorre do surgimento da percepção.”

21. “Agora, Venerável senhor, a percepção é o eu da pessoa, ou a percepção é uma coisa e o eu outra?”

“Bem, Potthapada, qual eu você afirma?”

“Senhor, eu afirmo um eu grosseiro, possuído de forma, composto dos quatro elementos e que se alimenta de comida.”

“Mas com tal eu grosseiro, Potthapada, então para você a percepção seria uma coisa e o eu outra. Você pode ver isso da seguinte forma: mesmo enquanto esse eu grosseiro permanece, algumas percepções surgem e outras desaparecem. Assim você pode ver que a percepção tem que ser uma coisa, o eu outra.

22. “Então, Venerável senhor, eu afirmo um eu feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades.”

“Mas com tal eu feito pela mente, Potthapada, então para você a percepção seria uma coisa e o eu outra. Você pode ver isso da seguinte forma: mesmo enquanto esse eu feito pela mente permanece, algumas percepções surgem e outras desaparecem. Assim você pode ver que a percepção tem que ser uma coisa, o eu outra.”

23. “Venerável senhor, eu afirmo um eu sem forma feito de percepção.”

“Mas com tal eu sem forma feito de percepção, Potthapada, então para você a percepção seria uma coisa e o eu outra. Você pode ver isso da seguinte forma: mesmo enquanto esse eu sem forma feito de percepções permanece, algumas percepções surgem e outras desaparecem. Assim você pode ver que a percepção tem que ser uma coisa, o eu outra.”

24. “Mas Venerável senhor, é possível que eu saiba se a percepção é o eu de uma pessoa, ou se a percepção é uma coisa e o eu outra?”

“Potthapada, é difícil para alguém que possua outras idéias, aceita outros ensinamentos, aprova outros ensinamentos, dedicando-se a um outro treinamento e seguindo um outro mestre saber se a percepção é o eu de uma pessoa, ou se a percepção é uma coisa e o eu outra.”

25. “Bem, Venerável senhor, se essa questão do eu e da percepção é difícil para alguém como eu - diga-me: O mundo é eterno? [lii](#) Somente isso é verdadeiro e todo o restante é falso?”

“Potthapada, eu não declarei que o mundo é eterno e que todo o restante é falso.”

“Bem, Venerável senhor, o mundo não é eterno?”

“Eu não declarei que o mundo não é eterno ...”

“Bem, Venerável senhor, o mundo é infinito ... é finito? ...”

“Eu não declarei que o mundo é finito e que todo o restante é falso.”

26. “Bem, Venerável senhor, a alma é a mesma coisa que o corpo ... a alma é uma coisa e o corpo outra?”

“Eu não declarei que a alma é uma coisa e o corpo outra.”

27. “Bem, Venerável senhor, o *Tathagata* existe após a morte? Somente isso é verdadeiro e todo o restante é falso?”

“Eu não declarei que o *Tathagata* existe após a morte ...”

“Bem, Venerável senhor, o *Tathagata* não existe após a morte ... ambos existe e não existe após a morte? ... nem existe, nem não existe após a morte?”

“Eu não declarei que o *Tathagata* nem existe, nem não existe após a morte, e que todo o restante é falso.”

28. “Mas, Venerável senhor, por que o Abençoado não declarou essas coisas?”

“Potthapada, essas coisas não trazem benefício, não pertencem aos fundamentos da vida santa, não conduzem ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *Nibbana*. É por isso que eu não declarei isso.”

29. “Mas, Venerável senhor, o que o Abençoado declarou?”

“Potthapada, eu declarei: ‘Isto é o sofrimento, esta é a origem do sofrimento, esta é a cessação do sofrimento e este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento.’”

30. “Mas, Venerável senhor, por que o Abençoado declarou isso?”

“Porque Potthapada, isso traz benefício, pertence aos fundamentos da vida santa, conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *Nibbana*. É por isso que eu declarei isso.”

“Assim é, Venerável senhor, assim é, Abençoado. E agora é o momento para que o Abençoado faça o que for mais apropriado.” Então o Abençoado levantou do seu assento e partiu.

31. Então os errantes, assim que o Abençoado partiu, censuraram, zombaram e mofaram Potthapada de todas as formas, dizendo: “Tudo que o contemplativo Gotama diz, Potthapada concorda com ele: ‘Assim é, Venerável senhor, assim é, Abençoado!’ Nós não entendemos uma palavra em todo o discurso do contemplativo Gotama: ‘O mundo é eterno ou não? - É finito ou infinito? - A alma é a mesma coisa que o corpo ou diferente? - O *Tathagata* existe após a morte ou não, ou ambos, ou nenhuma delas?’”

Potthapada respondeu: “Eu também não entendo se o mundo é eterno ou não ... ou se o *Tathagata* existe após a morte ou não, ou ambos, ou nenhuma delas. Mas o contemplativo Gotama ensina uma forma de prática real e verdadeira que está de acordo com o Dhamma e fundamentada no Dhamma. E por que um homem como eu não deveria expressar aprovação por uma prática real e verdadeira como essa, tão bem ensinada pelo contemplativo Gotama?”

32. Dois ou três dias depois, Citta, o filho do treinador de elefantes, foi com Potthapada ver o Abençoado. Citta homenageou o Abençoado e sentou a um lado. Potthapada cumprimentou o Abençoado, sentou a um lado e contou o que aconteceu.

33. “Potthapada, todos esses errantes são cegos e sem visão, você é o único entre eles que possui visão. Algumas coisas eu ensinei e aponte, Potthapada, como sendo definidas, outras como sendo indefinidas. Quais coisas aponte como indefinidas? ‘O mundo é eterno’ declarei como sendo indefinido ...’ O *Tathagata* existe após a morte ...’ Por que? Porque elas não trazem benefício ... É por isso que eu as declarei como indefinidas.

“Mas, quais coisas eu aponte como definidas? ‘Isto é sofrimento, esta é a origem do sofrimento, esta é a cessação do sofrimento e este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento.’ Por que? Porque elas trazem benefício, pertencem aos fundamentos da vida santa, conduzem ao desencantamento, ao desapego, à

cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É por isso que eu as declarei como definidas.

34. “Potthapada, há alguns contemplativos e *Brâmanes* que declaram e acreditam que após a morte o eu fica completamente feliz e livre de enfermidades. Eu fui até eles e perguntei se de fato era isso que eles declaravam e acreditavam, e eles responderam: ‘Sim.’ Então eu disse: ‘Vocês, amigos, vivendo no mundo, o conhecem e vêm como um lugar plenamente feliz?’ E eles responderam: ‘Não.’ Eu disse: ‘Vocês já experimentaram uma noite ou dia ou metade de uma noite ou dia que fosse, completamente feliz?’ e eles responderam: ‘Não.’ Eu disse: ‘Vocês conhecem um caminho ou uma prática através da qual um mundo completamente feliz possa ser produzido?’ e eles responderam: ‘Não.’ Eu disse: ‘Vocês ouviram as vozes de divindades que renasceram num mundo completamente feliz, dizendo: “Pratiquem bem, estimados senhores. Pratiquem com diligência, estimados senhores, para alcançar um mundo completamente feliz, porque foi através dessa prática que nós mesmos renascemos neste mundo completamente feliz?”’ e eles responderam: ‘Não.’ O que você pensa Potthapada? Sendo esse o caso, a conversa daqueles contemplativos e *Brâmanes* não seriam apenas tolices?”  
“Sim, Venerável senhor, sendo esse o caso, a conversa daqueles contemplativos e *Brâmanes* seriam apenas tolices.”

35. “É o mesmo que se um homem dissesse: ‘Eu estou apaixonado pela moça mais bonita deste país.’ Então lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país pela qual você está apaixonado – você sabe se ela é da classe nobre ou da classe dos *Brâmanes* ou da classe dos comerciantes ou da classe dos trabalhadores?’ e ele responderia: ‘Não.’ Então lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país com a qual você está apaixonado – você sabe o nome e o clã dela? ... Se ela é alta ou baixa ou com estatura média?... Se ela tem a complexão escura, clara ou dourada?... Em qual vilarejo, vila ou cidade ela vive?’ e ele responderia: ‘Não.’ E então lhe perguntariam: ‘Bom homem, você então está apaixonado por uma moça que você nem conhece ou viu?’ e ele responderia: ‘Sim.’ O que você pensa, Potthapada, em sendo assim, a conversa daquele homem não seria apenas tolice?”  
“Sim, Venerável senhor, a conversa ... seria apenas tolice.”

36. “E assim também é com esses contemplativos e *Brâmanes* que declaram e acreditam que após a morte o eu fica completamente feliz e livre de enfermidades ... a conversa daqueles contemplativos e *Brâmanes* não seriam apenas tolices?”  
“Sim, Venerável senhor ... apenas tolices.”

37. “É como se um homem fosse construir uma escadaria para um palácio numa encruzilhada. As pessoas poderiam dizer: ‘Essa escadaria para o palácio – você sabe se a frente do palácio estará para o leste ou oeste, norte ou sul ou se o palácio será alto, baixo ou médio?’ e ele diria: ‘Não.’ E elas poderiam dizer: ‘Bem então, você não sabe ou imagina para que tipo de palácio está construindo a escadaria?’ e ele responderia: ‘Não.’ A conversa daquele homem não seria apenas tolice?”  
“Sim, Venerável senhor ... apenas tolice.”

38. (Igual ao verso 34)

39. “Potthapada, há essas três aquisições de um eu: [liv](#) o eu grosseiro, o eu feito pela mente, o eu adquirido sem forma. O que é o eu grosseiro? Possui forma, composto dos quatro grandes elementos, alimentado por comida. O que é o eu feito pela mente? Possui forma, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades. O que é o eu sem forma? Sem forma e feito de percepção.

40. “Eu ensino o Dhamma para o abandono do eu grosseiro, de tal modo que ao praticá-lo, as qualidades mentais impuras sejam abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortaleçam, e você entre e permaneça na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo. Se o pensamento lhe ocorrer que quando as qualidades mentais impuras são abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortalecem, e você entrar e permanecer na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo, você estará permanecendo com o sofrimento, isso não deve ser visto dessa forma. [lv](#) Quando as qualidades mentais impuras são abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortalecem, e você entra e permanece na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo, não há nada além de felicidade, êxtase, tranqüilidade, atenção plena e plena consciência, e uma permanência feliz e prazerosa.

41. “Eu também ensino o Dhamma para o abandono do eu feito pela mente ... (igual ao verso 40).

42. “Eu também ensino o Dhamma para o abandono do eu sem forma ... (igual ao verso 40).

43. “No passado fui perguntado: ‘O que amigo é esse eu grosseiro para cujo abandono você ensina o Dhamma, de tal modo que ao praticá-lo, as qualidades mentais impuras sejam abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortaleçam, e você entre e permaneça na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo?’ Sendo perguntado dessa forma, eu respondi: ‘Esse é [lvi](#) o eu grosseiro, para cujo abandono ensino o Dhamma ...’”

44. “No passado fui perguntado: ‘O que amigo é esse eu feito pela mente ...?’” (igual ao verso 43).

45. “No passado fui perguntado: ‘O que amigo é esse eu sem forma ...?’ (igual ao verso 43). O que você pensa Potthapada? Esse enunciado não se torna bem fundamentado?” “Certamente, Venerável senhor, esse enunciado se torna bem fundamentado.”

46. “É o mesmo que se um homem construísse uma escadaria para um palácio que estivesse abaixo daquele palácio. As pessoas poderiam lhe perguntar: ‘E agora, essa escadaria que você está construindo para um palácio, você sabe se o palácio estará de frente para o leste, ou oeste, ou norte, ou sul, ou se será alto, baixo ou médio?’ e ele diria: ‘Essa escadaria está exatamente embaixo do palácio.’ Você não pensa que a afirmação desse homem estaria bem fundamentada?”

“Certamente, Venerável senhor, essa afirmação estaria bem fundamentada.”

47. “Da mesma forma, no passado fui perguntado: ‘O que é esse eu grosseiro ...?’ ‘O que é esse eu feito pela mente ...?’ ‘O que é esse eu sem forma ...?’ eu respondi: ‘Esse é o eu adquirido (grosseiro, feito pela mente, sem forma) para cujo abandono ensino o Dhamma, de tal modo que ao praticá-lo, as qualidades mentais impuras sejam abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortaleçam, e você entre e permaneça na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo.’ Você não pensa que essa afirmação estaria bem fundamentada?”

“Certamente, Venerável senhor, essa afirmação estaria bem fundamentada.”

48. Com isso, Citta, o filho do treinador de elefantes, disse ao Abençoado: “Venerável senhor, sempre que o eu grosseiro está presente, seria errado assumir a existência do eu feito pela mente, ou do eu sem forma? Então somente o eu grosseiro é verdadeiro? E assim com o eu feito pela mente e o eu sem forma?”

49. “Citta, sempre que o eu grosseiro está presente, este não é classificado quer seja como um eu feito pela mente nem é classificado como um eu sem forma. É classificado apenas como um eu grosseiro. Sempre que o eu feito pela mente está presente, este não é classificado quer seja como um eu grosseiro nem como um eu sem forma. É classificado apenas como um eu feito pela mente. Sempre que o eu sem forma está presente, este não é classificado quer seja como um eu grosseiro nem como um eu feito pela mente. É classificado apenas como um eu sem forma.

“Citta, suponha que lhe perguntem: ‘Você existiu no passado ou você não existiu, você existirá no futuro ou você não existirá?’ como você responderia?”

“Venerável senhor, se me perguntassem isso, eu responderia: ‘Eu existi no passado, eu não não existi; eu existirei no futuro, eu não não existirei; eu existo agora, eu não não existo.’ Assim, Senhor, seria a minha resposta.”

50. “Mas, Citta, se eles perguntassem: ‘O eu que você tinha no passado, essa foi a sua única aquisição verdadeira de um eu, e a do futuro e a do presente são falsas? Ou é aquela que você terá no futuro a sua única aquisição verdadeira de um eu, e a do passado e a do presente são falsos? Ou o eu adquirido no presente é o único verdadeiro, e as aquisições do passado e do futuro são falsas?’ como você responderia?”

“Venerável senhor, se eles me perguntassem isso, eu responderia: ‘Meu eu adquirido no passado era naquela ocasião a única verdadeira aquisição de um eu, as do futuro e do presente eram falsas. O meu eu adquirido no futuro será então a única verdadeira aquisição de um eu, as do passado e do presente serão falsas. Meu eu adquirido no presente é agora a única verdadeira aquisição de um eu, as do passado e do futuro são falsas.’ Assim é como eu responderia.”

51. “Da mesma forma, Citta, sempre que o eu grosseiro está presente, este não é classificado quer seja como um eu feito pela mente nem é classificado como um eu sem forma ... apenas como um eu sem forma.

52. “Da mesma forma, Citta, da vaca obtemos o leite, do leite a coalhada, da coalhada a manteiga, da manteiga a manteiga clarificada e da manteiga clarificada o creme da manteiga clarificada. E quando há leite, não falamos de coalhada, de manteiga, de manteiga clarificada, de creme da manteiga clarificada, falamos de leite; quando há coalhada, não falamos de manteiga ...; quando há creme de manteiga clarificada ... falamos de creme de manteiga clarificada.

53. “Assim também, sempre que o eu grosseiro está presente, este não é classificado quer seja como um eu feito pela mente nem é classificado como um eu sem forma. É classificado apenas como um eu grosseiro. Sempre que o eu feito pela mente está presente, este não é classificado quer seja como um eu grosseiro nem como um eu adquirido sem forma. É classificado apenas como um eu feito pela mente. Sempre que o eu sem forma está presente, este não é classificado quer seja como um eu grosseiro nem como um eu feito pela mente. É classificado apenas como um eu sem forma. Mas, Citta, esses são apenas nomes, expressões, modos de linguagem, designações de uso corrente no mundo, que o *Tathagata* usa sem se agarrar nelas.”  
[lvii](#)

54. Quando isso foi dito, o errante Potthapada disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha. Que o Mestre Gotama me aceite como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da vida!”

55. Mas Citta, o filho do treinador de elefantes, disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha. Que eu possa receber a admissão na vida santa sob o Mestre Gotama, que eu possa receber a admissão completa!”

56. E Citta, o filho do treinador de elefantes, recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa. Permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, o Venerável Citta alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o Venerável Citta, filho do treinador de elefantes, tornou-se mais um dos *arahants*.

## 10 Subha Sutta

### Subha

Ananda explica para um jovem *Brâmane* a nobre virtude, concentração e sabedoria

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Venerável Ananda estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika, não muito tempo depois do *parinibbana* do Abençoado. Agora, naquela ocasião, Subha, o filho de Todeyya, estava em Savathi para tratar de negócios.

1.2. Então, Subha disse para um certo jovem: “Rapaz, vá até onde está o Venerável Ananda e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se ele está com saúde, forte e vivendo com conforto, dizendo: ‘Seria bom, Venerável senhor, se o Venerável Ananda fosse até a residência de Subha, o filho de Todeyya, por compaixão.’”

1.3 “Muito bem, senhor,” respondeu o rapaz. Então, ele foi até o Venerável Ananda e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e relatou a sua mensagem.

1.4. O Venerável Ananda respondeu: “Agora não é o momento apropriado, meu jovem, pois hoje eu tomei alguns medicamentos. Talvez seja possível ir amanhã, quando o momento e a ocasião forem apropriados.” E o rapaz levantou do seu assento e foi até onde estava Subha e relatou o que havia acontecido, adicionando: “Minha missão foi cumprida, o Venerável Ananda provavelmente poderá vir amanhã.”

1.5. E de fato, ao amanhecer o Venerável Ananda se vestiu e tomando a tigela e o manto externo e acompanhado pelo Venerável Cetaka foi até a moradia de Subha e sentou num assento que havia sido preparado. Então, Subha foi até o Venerável Ananda e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “O Venerável Ananda foi durante muito tempo o acompanhante do Venerável Gotama, estando sempre próximo a ele e em sua companhia. Você, Venerável Ananda, sabe quais são as coisas

que o Venerável Gotama elogiava e com as quais ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas. Quais, Venerável Ananda, eram essas coisas?”

1.6. “Subha, as coisas que o Abençoado elogiava e com as quais ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas são agrupadas em três divisões. Quais três? A divisão da nobre virtude, a divisão da nobre concentração e a divisão da nobre sabedoria. Essas são as três divisões das coisas que o Abençoado elogiava e com as quais ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas.”

“Muito bem, Venerável Ananda, qual é a divisão da nobre virtude que o Venerável Gotama elogiava e com a qual ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas?”

1.7-29. “Jovem senhor, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude, etc. ([DN 2, versos 41-63](#)). Assim, um *bhikkhu* é consumado em virtude.

1.30. “Essa é a divisão da nobre virtude que o Abençoado elogiava ... Mas ainda há mais para ser feito.”

“É maravilhoso, Venerável Ananda, é admirável! Essa divisão da nobre virtude é perfeitamente realizada, ela não permanece incompleta. E eu não vejo essa nobre virtude sendo realizada dessa forma por nenhum outro contemplativo ou *Brâmane* das outras escolas. E se qualquer um deles encontrasse essa perfeição dentro de si mesmos, eles ficariam tão satisfeitos que diriam: ‘Nós fizemos o suficiente! O objetivo do nosso ascetismo foi alcançado! Não há mais nada para ser feito!’ E no entanto, o Venerável Ananda afirma que ainda há mais para ser feito!”

### **[Fim da primeira recitação]**

2.1 “Venerável Ananda, qual é a divisão da nobre concentração que o Venerável Gotama elogiava e com a qual ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas?”

2.2-18. “Como um *bhikkhu* guarda as portas das faculdades dos sentidos? Ele protege as portas das faculdades dos sentidos e alcança os quatro *jhanas*. ([DN 2, versos 64-82](#)) Isso ele alcança através da concentração.

2.19. “Essa é a divisão da nobre concentração que o Abençoado elogiava ... Mas ainda há mais para ser feito.”

“É maravilhoso, Venerável Ananda, é admirável! Essa divisão da nobre concentração é perfeitamente realizada, ela não permanece incompleta. E eu não vejo essa nobre concentração sendo realizada dessa forma por nenhum outro contemplativo ou *Brâmane* das outras escolas. E se qualquer um deles encontrasse essa perfeição dentro de si mesmos, eles ficariam tão satisfeitos que diriam: ‘Nós fizemos o suficiente! O objetivo do nosso ascetismo foi alcançado! Não há mais nada para ser feito!’ E no entanto o Venerável Ananda afirma que ainda há mais para ser feito!”

2.20. “Venerável Ananda, qual é a divisão da nobre sabedoria que o Venerável Gotama elogiava e com a qual ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas?”

2.21-22. “E assim, com a sua mente concentrada ele realiza vários insights ([DN 2, versos 83-84](#)). Isso ele compreende através da sabedoria.

2.23-36. “Ele penetra as Quatro Nobres Verdades, o caminho que conduz à cessação das impurezas ([DN 2, versos 85-97](#)). Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

2.37. “Essa é a divisão da nobre sabedoria que o Abençoado elogiava e com a qual ele instruía, estimulava, motivava e encorajava as pessoas. Além disso não há mais nada para ser feito.”

“É maravilhoso, Venerável Ananda, é admirável! Essa divisão da nobre sabedoria é perfeitamente realizada, ela não permanece incompleta. E eu não vejo essa nobre sabedoria sendo realizada dessa forma por nenhum outro contemplativo ou *Brâmane* das outras escolas. E não há mais nada para ser feito!”

“Magnífico, Venerável Ananda! Magnífico, Venerável Ananda! O Venerável Ananda esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Venerável Ananda me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

## 11 Kevaddha Sutta

### Kevaddha

Kevaddha pede ao Buda que realize façanhas supra-humanas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Nalanda, no manguezal de Pavarika. Então, o chefe de família Kevaddha foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, esta Nalanda é rica, próspera, com muitos habitantes e repleta de gente que tem fé no Abençoado. Seria bom se o Abençoado ordenasse que algum *bhikkhu* realize feitos supra-humanos. Dessa forma Nalanda passará a ser ainda mais devota do Abençoado.”

O Abençoado respondeu: “Kevaddha, não é dessa forma que eu ensino o Dharmma aos *bhikkhus*, dizendo: ‘Vão, *bhikkhus*, realizem feitos supra-humanos para os discípulos leigos vestidos de branco!’”

2. Uma segunda vez Kevaddha disse: “Venerável senhor, não quero ser importuno, mas ainda assim digo: ‘Esta Nalanda é rica, próspera ... ainda mais devota do Abençoado.’”

E o Abençoado respondeu da mesma forma que antes.

3. Quando Kevaddha repetiu o seu pedido pela terceira vez, o Abençoado disse: “Kevaddha, há três tipos de maravilhas que eu declarei, tendo realizado por mim mesmo através do conhecimento direto. Quais três? A maravilha dos poderes espirituais, a maravilha da telepatia, a maravilha do ensinamento.

4. “Qual é a maravilha dos poderes espirituais? Neste caso, Kevaddha, um *bhikkhu* exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um, ele se torna vários ... (igual ao [DN 2, verso 87](#)) ele exerce poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*. Então, alguém que tem fé e confiança vê ele fazer esse tipo de coisas.

5. “Ele conta aquilo para outro que é cético e descrente, dizendo: “É maravilhoso, senhor, é admirável, o grande poder e habilidade daquele contemplativo ...” E aquele homem poderá dizer: “Senhor, há algo chamado o encanto de Gandhara. [lviii](#) É através disso que aquele *bhikkhu* se torna vários ...” O que você pensa, Kevaddha, um cético não diria isso para um crente?”

“Ele diria, Venerável senhor.”

“É por isso, Kevaddha, que vendo o perigo nesses feitos, eu não os aprecio, eu os rejeito e desprezo.”

6. “E qual é a maravilha da telepatia? Neste caso, Kevaddha, um *bhikkhu* lê a mente de outros seres, outras pessoas, lê os seus estados mentais, os seus pensamentos e ponderações, e diz: ‘Assim é a sua mente, assim é como ela tende, assim é o seu coração.’ Então, alguém que tem fé e confiança vê ele fazer esse tipo de coisas.

7. “Ele conta aquilo para outro que é cético e descrente, dizendo: “É maravilhoso, senhor, é admirável, o grande poder e habilidade daquele contemplativo ...” E aquele homem poderá dizer: “Senhor, há algo chamado o encanto de Manika. É através

disso que aquele *bhikkhu* lê a mente de outros seres ...” O que você pensa, Kevaddha, um cético não diria isso para um crente?”

“Ele diria, Venerável senhor.”

“É por isso, Kevaddha, que vendo o perigo nesses feitos, eu não os aprecio, eu os rejeito e desprezo.”

8. “E qual é a maravilha do ensinamento? Neste caso, Kevaddha, um *bhikkhu* dá um ensinamento deste modo: ‘Considere deste modo, não considere daquele, dirija a sua mente desse modo, não daquele, abandone aquilo, obtenha isto e persevere nisso.’ Isso, Kevaddha, é chamado a maravilha do ensinamento.

9-66. “Outra vez, Kevaddha, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude ([DN 2, versos 41-63](#)). Ele protege as portas das faculdades dos sentidos e alcança os quatro *jhanas* ([DN 2, versos 64-82](#)); ele realiza vários insights ([DN 2, versos 83 -84](#)); Ele penetra as Quatro Nobres Verdades, o caminho que conduz à cessação das impurezas ([DN 2, versos 85-97](#)). Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’” Isso, Kevaddha, é chamado a maravilha do ensinamento.

67. “Kevaddha, eu experimentei essas maravilhas através do meu próprio conhecimento direto. Certa vez, Kevaddha, este pensamento surgiu na mente de um certo *bhikkhu* nesta mesma comunidade de *bhikkhus*: ‘Onde esses quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim?’ Então, ele alcançou uma tal concentração da mente que, quando a sua mente estava concentrada, o caminho que conduz aos *devas* apareceu na sua frente.

68. “Então chegando ao mundo dos *devas* dos Quatro Grandes Reis ele perguntou: ‘Amigos, onde os quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim?’ Quando isto foi dito, os *devas* dos Quatro Grandes Reis responderam: ‘*Bhikkhu*, nós não sabemos onde os quatro grandes elementos têm fim. Mas os Quatro Grandes Reis são mais elevados e sublimes que nós, eles devem saber onde os quatro grandes elementos têm fim.’”

69. “Então, aquele *bhikkhu* foi até os Quatro Grandes Reis e fez a mesma pergunta, e eles responderam: ‘Nós não sabemos ... Mas os *devas* do Trinta e Três que são mais elevados e sublimes que nós, eles devem saber...’”

70. “Então, aquele *bhikkhu* foi até os *devas* do Trinta e Três que responderam: ‘Nós não sabemos ... Mas *Sakka*, o senhor dos *devas* que é mais elevado e sublime que nós, ele deve saber...”

71. “*Sakka*, o senhor dos *devas* respondeu: ‘Os *devas* de *Yama* devem saber ...”

72. “Os *devas* de *Yama* disseram: ‘*Suyama*, o filho dos *devas*, deve saber ...”

73. “*Suyama* disse: ‘Os *devas* de *Tusita* devem saber ...”

74. “Os *devas* de *Tusita* disseram: ‘*Santusita*, o filho dos *devas*, deve saber ...”

75. “*Santusita* disse: ‘Os *devas* de *Nimmanarati* devem saber ...”

76. “Os *devas* de *Nimmanarati* disseram: ‘*Sunimmita*, o filho dos *devas*, deve saber ...”

77. “*Sunimitta* disse: ‘Os *devas* de *Paranimmita-Vasavatti* devem saber ...”

78. “Os *devas* de *Paranimmita-Vasavatti* disseram: ‘*Vasavatti*, o filho dos *devas*, deve saber ...”

79. “*Vasavatti* disse: Os *devas* do cortejo de *Brahma* devem saber ...”

80. “Então, aquele *bhikkhu* alcançou uma tal concentração da mente que, quando a sua mente estava concentrada, o caminho que conduz aos *devas* do cortejo de *Brahma* apareceu na sua frente. Então, ele foi até os *devas* do cortejo de *Brahma* e fez a mesma pergunta e eles responderam: ‘Nós também não sabemos ... Mas ali está *Brahma*, o Grande *Brahma*, o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso, Senhor, Deus e Criador, Soberano, Providência Divina, Pai de todos aqueles que são e serão. Ele é maior e mais sublime que nós. Ele deve saber onde os quatro grandes elementos têm fim.’

‘Mas onde, amigos, está o Grande *Brahma* agora?’

‘*Bhikkhu*, nós também não sabemos onde, como ou quando *Brahma* irá aparecer.

Porém, quando os sinais são vistos - uma luz aparece e surge um brilho - então, *Brahma* aparecerá. Pois esses sinais são os presságios da aparição de *Brahma*.’

81. “Então, não demorou muito para que *Brahma* aparecesse. E aquele *bhikkhu* foi até o Grande *Brahma* e perguntou: ‘Amigo, onde os quatro grandes elementos - o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar - têm fim?’ Quando isto foi dito, o Grande *Brahma* respondeu: ‘*Bhikkhu*, eu sou *Brahma*, o Grande *Brahma*, o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso, Senhor, Deus e Criador, Soberano, Providência Divina, Pai de todos aqueles que são e serão.’

82. “Uma segunda vez o *bhikkhu* disse para o Grande *Brahma*: ‘Amigo, eu não lhe perguntei se você é *Brahma*, o Grande *Brahma*, o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso, Senhor, Deus e Criador, Soberano, Providência Divina,

Pai de todos aqueles que são e serão. Eu perguntei onde esses quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim.’ E uma segunda vez o Grande *Brahma* respondeu da mesma forma ao *bhikkhu*.

83. “Uma terceira vez o *bhikkhu* disse: ‘Amigo, eu não lhe perguntei isso, eu perguntei onde esses quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim.’ Então, Kevaddha, o Grande *Brahma* tomou o braço daquele *bhikkhu* e o conduziu para um lado e disse: ‘*Bhikkhu*, esses *devas* acreditam que não há nada que *Brahma* não veja, não há nada que ele não saiba, não há nada que ele não tenha conhecimento. É por isso que não falei na presença deles. Mas *bhikkhu*, eu não sei onde os quatro grandes elementos têm fim. Portanto, *bhikkhu*, você agiu de modo incorreto ao passar pelo Abençoado em busca de uma resposta para essa pergunta noutra lugar. Agora, *bhikkhu*, você deve ir até o Abençoado e fazer-lhe essa pergunta e qualquer resposta que ele der, aceite-a.’

84. “Então, da mesma forma como um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido o *bhikkhu* desapareceu do mundo de *Brahma* e imediatamente apareceu na minha frente. Depois de me cumprimentar ele sentou a um lado e disse: ‘Venerável senhor, onde esses quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim?’

85. “Eu respondi: ‘No passado, *bhikkhu*, quando navegantes saíam em viagem pelo mar, eles levavam no seu barco um pássaro capaz de avistar terra firme. Quando eles não conseguiam ver a terra, eles soltavam o pássaro. Ele voava para o leste, sul, oeste, norte, para o zênite e para todos os pontos intermediários do quadrante. Se ele não visse terra em nenhuma direção, ele retornava para o barco. Se ele visse terra em alguma dessas direções, ele teria ido em definitivo. [lix](#) Da mesma forma, *bhikkhu*, você foi tão longe, até o mundo de *Brahma*, em busca de uma resposta para a sua questão e sem encontrá-la você retornou à minha presença. Mas, *bhikkhu*, você não deve formular a sua questão desse modo: ‘Onde esses quatro grandes elementos – o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar – têm fim?’ Ao invés disso, assim é como essa questão deve ser formulada:

“Onde a terra, água, fogo e ar,  
Grande e pequeno, fino e grosseiro,  
puro e impuro – não encontram apoio?  
Onde a mentalidade-materialidade (nome e forma)  
cessa sem deixar vestígios?

E a resposta é:

“Na consciência desprovida de atributos,  
ilimitada e toda luminosa. [lx](#)  
Nisso a terra, água, fogo e ar,  
Grande e pequeno, fino e grosseiro,

puro e impuro – não encontram apoio.  
Nisso a mentalidade-materialidade (nome e forma)  
cessa sem deixar vestígios.  
Com a cessação [do agregado] da consciência,  
tudo isso cessa.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O chefe de família Kevaddha ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## 12 Lohicca Sutta

### Lohicca

Quem é um bom mestre?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, até que por fim acabou chegando em Salavatika. Naquela ocasião, o *Brâmane* Lohicca estava vivendo em Salavatika, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Pasenadi de Kosala.

2. Agora, naquela ocasião, uma idéia perniciosa havia surgido na mente de Lohicca: “Suponha que um contemplativo ou *Brâmane* descubra uma certa doutrina benéfica e que tendo feito isso ele não a declare para ninguém; pois o que pode um homem fazer por outro? É como se um homem, tendo rompido um antigo grilhão, criasse um novo. Eu declaro que esse tipo de coisa é uma ação ruim enraizada no apego, pois o que pode um homem fazer por outro?”

3. Então, Lohicca ouviu que o contemplativo Gotama havia chegado em Salavatika, e acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação ... (igual ao [DN 4.2](#)). É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

4. E Lohicca disse para o barbeiro Bhesika: “Amigo Bhesika, vá até onde está o contemplativo Gotama e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto, dizendo: “Que o Mestre Gotama e a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã do *Brâmane* Lohicca.”

5. “Muito bem, senhor,” respondeu Bhesika, e executou a sua tarefa. O Abençoado concordou em silêncio.

6. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Bhesika levantou-se do seu assento, e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Ele foi até onde estava Lohicca e relatou que o Abençoado havia concordado.

7. Então, quando a noite terminou Lohicca fez com que se preparassem vários tipos de boa comida na sua própria residência e quando tudo estava pronto ele mandou Bhesika anunciar que a refeição estava pronta. O Abençoado se vestiu e carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* para Salavatika.

8. Bhesika seguiu o Abençoado de perto. E ele disse: “Venerável senhor, esta idéia perniciosa surgiu na mente do *Brâmane* Lohicca ... deveras, Venerável senhor, isso é o que o *Brâmane* Lohicca está pensando.”

“Pode muito bem ser assim, Bhesika, pode muito bem ser assim.”

9. Então, o Abençoado chegou na casa de Lohicca e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Lohicca serviu e satisfaz o Abençoado e os *bhikkhus* com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Lohicca sentou a um lado, num assento mais baixo, e o Abençoado disse:

“Lohicca, é verdade que esta idéia perniciosa surgiu na sua mente ... (igual ao verso 2)?”

“Sim, Venerável Gotama.”

10. “O que você pensa, Lohicca? Você tem soberania sobre Salavatika?”

“Sim, Venerável Gotama.”

“Muito bem, então se alguém dissesse: ‘O *Brâmane* Lohicca tem soberania sobre Salavatika e ele deve desfrutar por inteiro de todos os frutos e receitas de Salavatika, sem dar nada aos outros’ – alguém que assim falasse não seria uma ameaça para os habitantes de Salavatika?”

“Ele seria uma ameaça, Venerável Gotama.”

“E como tal, ele estaria preocupado com o bem-estar deles ou não?”

“Ele não estaria, Venerável Gotama.”

“E, não estando preocupado com o bem-estar deles, o coração dele estaria pleno de amor ou de má vontade?”

“Má vontade, Venerável Gotama.”

“E num coração pleno de má vontade, há o entendimento incorreto ou o entendimento correto?”

“Entendimento incorreto, Venerável Gotama.”

“Mas Lohicca, eu declaro que o entendimento incorreto conduz a um dos dois destinos – o inferno ou o renascimento como um animal.”

11. “O que você pensa, Lohicca? O Rei Pasenadi de Kosala tem soberania sobre Kasi-Kosala?”

“Ele tem, Venerável Gotama.”

“Muito bem, então se alguém dissesse: ‘O Rei Pasenadi de Kosala tem soberania sobre Kasi-Kosala, ele deve desfrutar por inteiro de todos os frutos e receitas de Kosala, sem dar nada aos outros’ – alguém que assim falasse não seria uma ameaça para os habitantes de Kosala? ... o coração dele não estaria pleno de má vontade ... e isso seria entendimento incorreto?”

“Seria, Venerável Gotama.”

12. “Portanto, Lohicca, você concorda que com certeza qualquer um que diga o mesmo do *Brâmane* Lohicca ... isso seria entendimento incorreto.

13. “Do mesmo modo, Lohicca, se alguém dissesse: ‘Suponha que um contemplativo ou *Brâmane* descubra uma certa doutrina benéfica e que tendo feito isso ele não a declare para ninguém; pois o que pode um homem fazer por outro?’ ele seria uma ameaça para os jovens de boas famílias que, seguindo o Dhamma e Disciplina ensinado pelo *Tathagata*, atingem sucessivos estágios de distinção como a realização do fruto do entrar na correnteza, do retornar uma vez, do não retornar e do *arahant* - e de todos aqueles cujos frutos da conduta amadurecerão num renascimento nos mundos dos *devas*. Sendo uma ameaça, ele não tem amor bondade e o seu coração está enraizado na má vontade e isso constitui entendimento incorreto, que conduz a um dos dois destinos – o inferno ou o renascimento como um animal.

14. “E qualquer um que diga o mesmo do Rei Pasenadi, seria uma ameaça para os súditos do Rei, você e os outros ...

15. (igual ao verso 13)

16. “Lohicca, há esses três tipos de mestres no mundo que são censuráveis e qualquer um que critique esses mestres, a sua crítica será apropriada, verdadeira, de acordo com a realidade e justificável. Quais três? É o caso, Lohicca, em que há um tipo de mestre que deixou a vida em família e seguiu a vida santa, mas que não alcançou o objetivo da vida contemplativa. E sem ter alcançado esse objetivo, ele ensina os seus discípulos uma doutrina, dizendo: ‘Isso é pelo seu bem, isso é para a sua felicidade.’ Mas os seus discípulos não querem ouvir, eles não dão ouvidos, eles não despertam o pensamento da iluminação e as instruções do mestre são desprezadas. Ele deve ser criticado, dizendo: ‘Este Venerável deixou a vida em família ... as suas instruções são desprezadas.’ É como se um homem insistisse nos galanteios a uma mulher que o rejeita e tentasse abraçá-la embora ela o afaste.’ Esse é o primeiro mestre censurável ...

17. “É o caso, em que há um tipo de mestre que deixou a vida em família e seguiu a vida santa, mas que não alcançou o objetivo da vida contemplativa. E sem ter alcançado esse objetivo, ele ensina os seus discípulos uma doutrina, dizendo: ‘Isso é pelo seu bem, isso é para a sua felicidade.’ E os seus discípulos querem ouvir, eles dão ouvidos, eles despertam o pensamento da iluminação e as instruções do mestre não são desprezadas. Ele deve ser criticado, dizendo: ‘Este Venerável deixou a vida em família ... as suas instruções não são desprezadas.’ É como se negligenciando o seu próprio terreno, ele pensasse que o terreno do vizinho precisasse ser limpo de ervas daninhas. Esse é o segundo mestre que é censurável ...

18. “É o caso, em que há um tipo de mestre que deixou a vida em família e seguiu a vida santa, e que alcançou o objetivo da vida contemplativa. Tendo alcançado esse objetivo, ele ensina os seus discípulos uma doutrina, dizendo: ‘Isso é pelo seu bem, isso é para a sua felicidade.’ E os seus discípulos não querem ouvir, eles não dão ouvidos, eles não despertam o pensamento da iluminação e as instruções do mestre são desprezadas. Ele também deve ser criticado dizendo: ‘Este Venerável deixou a vida em família ... as suas instruções são desprezadas.’ É como se tendo rompido um antigo grilhão, fosse criado um novo. Esse é o terceiro mestre que é censurável ... E esses são os três tipos de mestres no mundo que são censuráveis.”

19. Então Lohicca disse: “Venerável Gotama, há mestres no mundo que não são censuráveis?”

20-55. “É o caso, Lohicca, em que um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa e pratica a virtude, guarda as portas dos sentidos, alcança o primeiro *jhana* ([DN 2 versos 41-76](#)). Sempre que o discípulo de um mestre alcança uma excelente distinção como essa, esse mestre não deve ser criticado no mundo. E se alguém criticar esse mestre, essa crítica será inapropriada, falsa, em desacordo com a realidade e injustificável.”

56-62. “Ele alcança os outros três *ghanas* ([DN 2 versos 77-82](#)) ele realiza vários insights ([DN 2 versos 83-84](#)). Sempre que o discípulo de um mestre alcança uma excelente distinção como essa, esse mestre não deve ser criticado no mundo ...

63-77. “Ele penetra as Quatro Nobres Verdades, o caminho que conduz à cessação das impurezas ([DN 2 versos 85-97](#)). Sempre que o discípulo de um mestre alcança uma excelente distinção como essa, esse mestre não deve ser criticado no mundo. E se alguém criticar esse mestre, essa crítica será inapropriada, falsa, em desacordo com a realidade e injustificável.”

78. Com base nisso o *Brâmane* Lohicca disse: “Venerável Gotama, é como se um homem agarrasse pelo cabelo alguém que tendo tropeçado estivesse caindo num abismo, eu também estava caindo num abismo e fui resgatado pelo Venerável Gotama. Magnífico, Venerável Gotama! Magnífico, Venerável Gotama! Venerável Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no

Venerável Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Venerável Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida!”

### 13 *Tevijja Sutta*

#### O Conhecimento Tríplice – O Caminho para *Brahma*

O Buda ensina os *Brahmaviharas* para dois jovens *Brâmanes*

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande sangha de *bhikkhus* até que por fim acabou chegando em um vilarejo *Brâmane* denominado Manasakata e se instalou ao norte do vilarejo em um manguezal às margens do Rio Aciravati.

2. Agora, naquela ocasião muitos *Brâmanes* prósperos e bem conhecidos estavam em Manasakata, isto é, o *Brâmane* Canki, o *Brâmane* Tarukkha, o *Brâmane* Pokkharasati, o *Brâmane* Janussoni, o *Brâmane* Todeyya.

3. Vasettha e Bharadvaja estavam caminhado ao longo da estrada, como costumavam fazer, quando iniciaram uma discussão sobre o tema do caminho correto e do incorreto.

4. O estudante *Brâmane* Vasettha disse: “Este é o único caminho correto, este é o caminho direto, o caminho da salvação que conduz aquele que o segue à união com *Brahma*, da forma como foi ensinado pelo *Brâmane* Pokkharasati!” [lx](#)

5. E o estudante *Brâmane* Bharadvaja disse: “Este é o único caminho correto ... da forma como foi ensinado pelo *Brâmane* Tarukkha!”

6. Mas o estudante *Brâmane* Vasettha não foi capaz de convencer o estudante *Brâmane* Bharadvaja, nem o estudante *Brâmane* Bharadvaja foi capaz de convencer o estudante *Brâmane* Vasettha.

7. Então o estudante *Brâmane* Vasettha disse para o estudante *Brâmane* Bharadvaja: “O contemplativo Gotama está ao norte do vilarejo e acerca desse contemplativo existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

Vamos até o contemplativo Gotama perguntar-lhe sobre isso, aquilo que ele nos disser, deveríamos aceitar.” E o estudante *Brâmane* Bharadvaja concordou.

8. Assim, os dois foram até o Abençoado e eles se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado eles sentaram a um lado e Vasettha disse: “Mestre Gotama, quando estávamos caminhando ao longo da estrada começamos a discutir sobre os caminhos corretos e incorretos. Eu disse: ‘Este é o único caminho correto ... da forma como foi ensinado pelo *Brâmane* Pokkharasati’ e Bharadvaja disse: ‘Este é o único caminho correto ... da forma como foi ensinado pelo *Brâmane* Tarukkha.’ Essa é a nossa disputa, a nossa rixa, nossa diferença.”

9. “Então, Vasettha, você diz que o caminho para a união com *Brahma* é ensinado pelo *Brâmane* Pokkharasati e Bharadvaja diz que ele é ensinado pelo *Brâmane* Tarukha. Mas sobre o que é a disputa, a rixa, a diferença?”

10. “Caminhos corretos e incorretos Mestre Gotama. Existem vários tipos de *Brâmanes* que ensinam diferentes caminhos: o *Addhariya*, o *Tittiriya*, o *Chandoka*, o *Chandava*, o *Brahmacariya* - todos esses caminhos conduzem à união com *Brahma*? Como se houvesse próximo a uma cidade ou vilarejo muitos caminhos diferentes, todos esses caminhos chegariam juntos no mesmo lugar? E da mesma forma, os caminhos dos vários *Brâmanes* ... conduzem aqueles que os seguem à união com *Brahma*?”

11. “Você diz: ‘Eles conduzem,’ Vasettha?” - “Eu digo: ‘Eles conduzem,’ Mestre Gotama.”

12. “Mas, Vasettha, existe pelo menos um desses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, que tenha visto *Brahma* cara a cara?”

“Não Mestre Gotama.”

“Então o mestre de algum desses mestres viu *Brahma* cara a cara?”

“Não, Mestre Gotama.”

“Então os ancestrais até a sétima geração passada do mestre de algum desses mestres viu *Brahma* cara a cara?”

“Não, Mestre Gotama.”

13. “Como então, Vasettha, os antigos *Brâmanes* videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras antigos, que antigamente eram recitados, falados e compilados, e que ainda hoje os *Brâmanes* recitam e repetem, repetindo o que foi dito e recitando o que foi recitado – isto é, Atthaka, Vamaka, Vamadeva, Vessamitta, Yamataggi, Angirasa, Bharadvaja, Vasettha, Kassapa e Bhagu [lxii](#) – eles alguma vez disseram: ‘Nós sabemos e vemos como e onde *Brahma* aparece’?”

“Não, Mestre Gotama.”

14. “Portanto, Vasettha, nenhum desses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, viu *Brahma* cara a cara, tampouco um dos mestres desses *Brâmanes*, ou os mestres dos mestres, nem mesmo as últimas sete gerações ancestrais de um dos mestres. Nem mesmo um dos antigos sábios poderia dizer: ‘Nós sabemos e vemos, quando, como e onde *Brahma* aparece.’ Então aquilo que esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas estão dizendo é: ‘Nós ensinamos este caminho para a união com *Brahma* que nós não conhecemos nem vemos, este é o único caminho correto ... conduzindo à união com *Brahma*.’ O que você pensa, Vasettha? Sendo esse o caso, aquilo que esses *Brâmanes* declaram não se mostra sem fundamento?”

“Sim, de fato, Mestre Gotama.”

15. “Bem, Vasettha, quando esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas ensinam um caminho que eles não conhecem nem vêm, dizendo: ‘Esse é o único caminho direto ...,’ não é possível que isso seja correto. Como uma fila de homens cegos segurando um no outro, o primeiro nada vê, o do meio nada vê e o último nada vê – assim é a conversa desses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas: o primeiro nada vê, o do meio nada vê, o último nada vê. A conversa desses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas aparece como motivo de risos, como meras palavras, vazias e inúteis.”

16. “O que você pensa, Vasettha? Esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, vêm o sol e a lua da mesma forma como as outras pessoas os vêm, e quando o sol e a lua nascem e se põem, eles rezam, cantam louvores e veneram com as mãos postas?”

“Eles assim fazem, Mestre Gotama.”

17. “O que você pensa, Vasettha? Esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, que vêm o sol e a lua da mesma forma que as outras pessoas, eles podem indicar um caminho para a união com o sol e a lua, dizendo: ‘Este é o único caminho ... que conduz à união com o sol e a lua?’”

“Não, Mestre Gotama.”

18. “Portanto, Vasettha, esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas não podem indicar um caminho para a união com o sol e a lua, vistos por eles. E, também, nenhum deles viu *Brahma* cara a cara ... nem mesmo as últimas sete gerações ancestrais de um dos mestres. Nem mesmo um dos antigos sábios poderia dizer: ‘Nós sabemos e vemos quando, como e onde *Brahma* aparece.’ Aquilo que esses *Brâmanes* declaram não se mostra sem fundamento?”

“Sim, de fato, Mestre Gotama.”

19. “Vasettha, suponha que um homem dissesse: ‘Eu estou apaixonado pela moça mais bonita deste país.’ Então eles lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país pela qual você está apaixonado – você sabe se ela é da classe nobre ou da classe dos *Brâmanes*, ou da classe dos comerciantes, ou da classe dos trabalhadores?’ e ele responderia: ‘Não.’ Então eles lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país pela qual você está apaixonado – você sabe o nome e o clã dela? ... Se ela é alta ou baixa ou com estatura média? ... Se ela tem a complexão escura, clara ou dourada? ... Qual vilarejo, vila ou cidade ela vive?’ e ele

responderia: 'Não.' E então eles lhe perguntariam: 'Bom homem, você então está apaixonado por uma moça que você nem conhece ou viu?' e ele responderia: 'Sim.' O que você pensa, Vasettha, em sendo assim, a conversa daquele homem não seriam apenas tolices?"

"Com certeza, Mestre Gotama."

20. "Então, Vasettha, é assim: nenhum desses *Brâmanes* ... viu *Brahma* cara a cara, tampouco um dos mestres desses *Brâmanes* ..."

"Sim, de fato, Mestre Gotama."

"Correto, Vasettha. Quando esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas ensinam um caminho que eles não conhecem e vêm, não é possível que isso seja correto."

21. "Vasettha, é como se um homem fosse construir uma escadaria para um palácio numa encruzilhada. As pessoas poderiam dizer: 'Essa escadaria para o palácio – você sabe se a frente do palácio estará para o leste ou oeste, norte ou sul ou se o palácio será alto, baixo ou médio?' e ele diria: 'Não.' E elas poderiam dizer: 'Bem então, você não sabe ou imagina para que tipo de palácio está construindo a escadaria?' e ele responderia: 'Não.' A conversa daquele homem não seriam apenas tolices?"

"Com certeza, Mestre Gotama."

22-23. (igual ao verso 20)

24. "Vasettha, é como se este Rio Aciravati estivesse cheio de água até a borda de forma que um corvo pudesse nele beber, e um homem viesse desejando cruzar até a outra margem, até o outro lado e, estando em pé na margem, ele chamasse: 'Venha para cá outra margem, venha para cá!' O que você pensa, Vasettha? A outra margem do Rio Aciravati viria para esta margem por conta do chamado, pedido, súplica ou sedução daquele homem?"

"Não, Mestre Gotama."

25. "Bem então, Vasettha, aqueles *Brâmanes*, mestres nos três Vedas que com persistência negligenciam aquilo que um *Brâmane* deveria fazer e com persistência fazem aquilo que um *Brâmane* não deveria fazer, declarando: 'Nós fazemos súplicas a Indra, Soma, Varuna, Isana, Pajapati, *Brahma*, Mahiddhi, Yama.' Mas esses *Brâmanes* que com persistência negligenciam aquilo que um *Brâmane* deveria fazer ... poderão, como consequência do seu chamado, pedido, súplica ou sedução, obter após a morte, na dissolução do corpo, a união com *Brahma* – isso não é possível."

26. "Vasettha, é como se este Rio Aciravati estivesse cheio de água até a borda de forma que um corvo pudesse nele beber, e um homem viesse desejando cruzar até a outra margem ... mas ele estivesse atado e aprisionado nesta margem por uma forte corrente, com as mãos atrás das costas. O que você pensa, Vasettha? Aquele homem seria capaz de cruzar até a outra margem?"

"Não, Mestre Gotama."

27. “Da mesma forma, Vasettha, na disciplina dos nobres esses cinco elementos do prazer sensual são chamados de correntes e grilhões. Quais cinco? Formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons conscientizados através do ouvido ... Aromas conscientizados através do nariz ... Sabores conscientizados através da língua ... Tangíveis conscientizados através do corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses cinco elementos do prazer sensual na disciplina dos nobres são chamados de correntes e grilhões. Vasettha, aqueles *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, estão escravizados, apaixonados por esses cinco elementos do prazer sensual, dos quais eles desfrutam com um senso de culpa, sem se dar conta do perigo, sem saber como escapar.”

28. “Mas que esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, que com persistência negligenciam aquilo que um *Brâmane* deveria fazer ... que estão escravizados por esses cinco elementos do prazer sensual ... sem saber como escapar, possam alcançar depois da morte, com a dissolução do corpo, a união com *Brahma* – isso não é possível.”

29. “É como se este Rio Aciravati estivesse cheio de água até a borda de forma que um corvo pudesse nele beber, e um homem viesse desejando cruzar até a outra margem ... e ele se deitasse na margem, cobrindo a cabeça com um xale. O que você pensa, Vasettha? Aquele homem seria capaz de chegar até a outra margem?”  
“Não, Mestre Gotama.”

30. “Da mesma forma, Vasettha, na disciplina dos nobres esses cinco obstáculos são chamados de obstruções, empecilhos, envolvedores, coberturas. Quais cinco? O obstáculo do desejo sensual, da má vontade, da preguiça e torpor, da inquietação e ansiedade, da dúvida. Esses cinco são chamados obstáculos, obstruções, empecilhos, envolvedores, coberturas. E esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas estão aprisionados, confinados, obstruídos, enredados por esses cinco obstáculos. Mas que esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, que com persistência negligenciam aquilo que um *Brâmane* deveria fazer ... que estão aprisionados ... enredados por esses cinco obstáculos, possam alcançar depois da morte, com a dissolução do corpo, a união com *Brahma* – isso não é possível.”

31. “O que você pensa, Vasettha? O que você ouviu dito pelos *Brâmanes* que são veneráveis, anciãos, os mestres dos mestres? *Brahma* é sobrecarregado por esposa e riqueza ou ele não é sobrecarregado?”  
“Não é sobrecarregado, Mestre Gotama.”

“Ele é cheio de raiva ou sem raiva?”

“Sem raiva, Mestre Gotama.”

“Ele é cheio de má vontade ou sem má vontade?”

“Sem má vontade, Mestre Gotama.”

“Ele é impuro ou puro?”

“Puro, Mestre Gotama.”

“Ele é disciplinado ou indisciplinado?”

“Disciplinado, Mestre Gotama.”

32. “E o que você pensa, Vasettha? Os *Brâmanes*, mestres nos três Vedas são sobrecarregados por esposas e riqueza ou não sobrecarregados?”

“Sobrecarregados, Mestre Gotama.”

“Eles são cheios de raiva ou sem raiva?”

“Cheios de raiva, Mestre Gotama.”

“Eles são cheios de má vontade ou sem má vontade?”

“Cheios de má vontade, Mestre Gotama.”

“Eles são impuros ou puros?”

“Impuros, Mestre Gotama.”

“Eles são disciplinados ou indisciplinados?”

“Indisciplinados, Mestre Gotama.”

33. “Portanto, Vasettha, os *Brâmanes*, mestres nos três Vedas são sobrecarregados por esposas e riqueza e *Brahma* não é sobrecarregado. Existe alguma comunhão, algo em comum entre esses *Brâmanes* sobrecarregados e *Brahma* que não é sobrecarregado?”

“Não, Mestre Gotama.”

34. “Isso é correto, Vasettha. Que esses *Brâmanes* sobrecarregados, mestres nos três Vedas, possam após a morte, com a dissolução do corpo, estar unidos com *Brahma* que não é sobrecarregado – isso não é possível.”

35. “Da mesma forma, esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas cheios de raiva ... cheios de má vontade ... impuros ... indisciplinados, têm alguma comunhão, algo em comum com *Brahma*?”

“Não, Mestre Gotama.”

36. “Isso é correto, Vasettha. Que esses *Brâmanes* possam após a morte estar unidos com *Brahma* isso não é possível. Mas esses *Brâmanes*, mestres nos três Vedas, tendo sentado à margem do rio, afundam com desespero, pensando poder encontrar uma passagem segura para a outra margem. Por conseguinte o seu conhecimento tríplice é chamado de o deserto tríplice, a selva tríplice, a destruição tríplice.’

37. Depois dessas palavras Vasettha disse: “Mestre Gotama, eu ouvi dizer: ‘O Contemplativo Gotama sabe o caminho para a união com *Brahma*.’”

“O que você pensa, Vasettha? Suponha que houvesse um homem que tivesse nascido e crescido em Manasakata, e alguém que viesse para Manasakata e estivesse perdido, perguntasse qual era o caminho. Aquele homem, nascido e crescido em Manasakata, ficaria num estado de confusão e perplexidade?”

“Não, Mestre Gotama. E por que não? Porque aquele homem conheceria todos os caminhos.”

38. “Vasettha, poder-se-ia dizer que aquele homem ao ser perguntado o caminho pudesse ficar confuso e perplexo, mas o *Tathagata*, ao ser perguntado sobre o mundo de *Brahma* e o caminho para chegar lá, com certeza não ficaria confuso ou perplexo. Pois, Vasettha, eu conheço *Brahma* e o mundo de *Brahma* e o caminho para o mundo de *Brahma* e o caminho da prática pelo qual o mundo de *Brahma* poderá ser conquistado.”

39. Com isso Vasettha disse: “Mestre Gotama, eu ouvi dizer: ‘O Contemplativo Gotama sabe o caminho para a união com *Brahma*.’ Seria bom se o Mestre Gotama pudesse nos ensinar o caminho para a união com *Brahma*, que o Mestre Gotama ajude o povo de *Brahma*!”

“Então, Vasettha, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável Senhor,” Vasettha respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

40-75. “Vasettha, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Um discípulo segue a vida santa, pratica a virtude e alcança o primeiro *jhana*. (igual ao [DN 2, versos 43-75](#))

76. “Então, com o coração pleno de amor bondade, ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade.

77. “Como se um poderoso trompetista fizesse com pouca dificuldade uma proclamação aos quatro quadrantes, da mesma forma através desta meditação, Vasettha, através desta libertação da mente através do amor bondade ele não deixa

nada sem ser tocado, nada no reino do sensual sem ser tocado. Esse, Vasettha, é o caminho para a união com *Brahma*.

78. “Então, com o coração pleno de compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade.

79. “Como se um poderoso trompetista fizesse com pouca dificuldade uma proclamação aos quatro quadrantes, da mesma forma através desta meditação, Vasettha, através desta libertação da mente através da compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade ele não deixa nada sem ser tocado, nada no reino do sensual sem ser tocado. Esse, Vasettha, é o caminho para a união com *Brahma*.

80. “O que você pensa, Vasettha? Um *bhikkhu* que assim permaneça será sobrecarregado por esposa e riqueza ou não sobrecarregado?”  
“Não sobrecarregado, Venerável Gotama. Ele não terá raiva ... má vontade ... será puro e disciplinado, Venerável Gotama.”

81. “Então, Vasettha, o *bhikkhu* não é sobrecarregado e *Brahma* não é sobrecarregado. Esse *bhikkhu* não sobrecarregado tem algo em comum com *Brahma* não sobrecarregado?”  
“Sim, de fato, Venerável Gotama.”

“Isso é correto, Vasettha. Então que esse *bhikkhu* não sobrecarregado, após a morte, com a dissolução do corpo, possa alcançar a união com *Brahma* não sobrecarregado – isso é possível. Da mesma forma um *bhikkhu* sem raiva ... sem má vontade ... puro ... disciplinado ... Então, que esse *bhikkhu* após a morte, com a dissolução do corpo, possa alcançar a união com *Brahma* disciplinado – isso é possível.”

82. Depois que isso foi dito os jovens *Brâmanes* Vasettha e Bharadvaja disseram para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da vida.”

### *14 Mahapadana Sutta*

O Grande Discurso sobre a Linhagem

Os últimos sete Budas regressando 91 éons no tempo

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika, no acampamento de Kareri. E vários *bhikkhus* que haviam se reunido, depois de retornar da esmola de alimentos, após a refeição, sentados no pavilhão de Kareri, começaram a discutir com seriedade sobre vidas passadas e eles diziam: “Deste modo era numa vida passada”, ou “Daquele modo era.”

1.2. Então, o Abençoado por meio do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ouviu aquilo que eles diziam. Levantando do seu assento, ele foi até o pavilhão de Kareri, sentou-se num assento que havia sido preparado e disse: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui, agora, *bhikkhus*? E qual é a discussão que foi interrompida?” E eles lhe disseram.

1.3. “Muito bem, *bhikkhus*, vocês gostariam de ouvir um discurso apropriado sobre vidas passadas?”

“Venerável Senhor, agora é o momento! Seria bom se o Venerável senhor pudesse discursar sobre vidas passadas, tendo ouvido do Abençoado os *bhikkhus* o recordarão!”

“Bem então, *bhikkhus*, ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

1.4. “*Bhikkhus*, noventa e um éons atrás, o Abençoado, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, Buda Vipassi surgiu no mundo. Trinta e um éons atrás, o Buda Sikhi surgiu; nesse mesmo éon, o Buda Vessabhu surgiu. E neste presente éon afortunado, os Budas Kakusandha, Konagamana e Kassapa surgiram no mundo. E, *bhikkhus*, neste presente éon afortunado, eu surgi no mundo como um *arahant*, Perfeitamente Iluminado.

1.5. “O Buda Vipassi nasceu como um *Khattiya*, (nobre), e cresceu numa família *Khattiya*; o Buda Sikhi da mesma maneira; o Buda Vessabhu da mesma maneira; o Buda Kakusandha nasceu como um *Brâmane* e cresceu numa família *Brâmane*; o Buda Konagamana da mesma maneira; o Buda Kassapa da mesma maneira; e eu, *bhikkhus*, que agora sou o Buda, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, nasci como um *Khattiya* e cresci numa família *Khattiya*.

1.6. “O Buda Vipassi pertencia ao clã Kondañña; o Buda Sikhi também; o Buda Vessabhu também; o Buda Kakusandha pertencia ao clã Kassapa; o Buda Konagamana também; o Buda Kassapa também; eu que sou agora o Buda, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, pertencço ao clã Gotama.

1.7. “Na época do Buda Vipassi o tempo de vida era de oitenta mil anos; na época do Buda Sikhi setenta mil anos; na época do Buda Vessabhu sessenta mil; na época do Buda Kakusandhu quarenta mil; na época do Buda Konagamana trinta mil; na época

do Buda Kassapa era de vinte mil anos. Na minha época o tempo de vida é curto, limitado e passageiro: é raro que alguém viva até os cem anos.

1.8. “O Buda Vipassi realizou a perfeita iluminação ao pé de uma árvore *padiri*; o Buda Sikhi ao pé de uma mangueira branca; o Buda Vessabhu ao pé de uma árvore *sal*; o Buda Kakusandha ao pé de uma acácia; o Buda Konagamana ao pé de uma figueira; o Buda Kassapa ao pé de uma figueira-de-bengala; e eu realizei a perfeita iluminação ao pé de uma figueira-dos-pagodes.

1.9. “O Buda Vipassi tinha o par de nobres discípulos Khanda e Tissa; o Buda Sikhi tinha Abhibhu e Sambhava; o Buda Vessabhu tinha Sona e Uttara; o Buda Kakusandha tinha Vidhura e Sanjiva; o Buda Konagamana tinha Bhiyyosa e Uttara; o Buda Kassapa tinha Tissa e Bharadvaja; e eu agora tenho o par de nobres discípulos Sariputta e Moggallana.

1.10. “O Buda Vipassi tinha três congregações de discípulos: uma com seis milhões e oitocentos mil, outra com cem mil e outra com oitenta mil *bhikkhus* e nessas três congregações todos eram *arahants*; o Buda Sikhi tinha três congregações de discípulos: uma com cem mil, outra com oitenta mil, outra com setenta mil *bhikkhus* – todos *arahants*; o Buda Vessabhu tinha três congregações: uma com oitenta mil, outra com setenta mil, outra com sessenta mil *bhikkhus* – todos *arahants*; o Buda Kakusandha tinha uma congregação com quarenta mil *bhikkhus* – todos *arahants*; o Buda Konagamana tinha uma congregação com trinta mil *bhikkhus* – todos *arahants*; o Buda Kassapa tinha uma congregação com vinte mil *bhikkhus* – todos *arahants*; eu, *bhikkhus*, tenho uma congregação de discípulos, mil duzentos e cinqüenta *bhikkhus* e essa única congregação consiste só de *arahants*.

1.11. “O acompanhante pessoal do Buda Vipassi era o *bhikkhu* Asoka; do Buda Sikhi era Khemankara; do Buda Vessabhu era Upasannaka; do Buda Kakusandhu era Vuddhija; do Buda Konagamana era Sotthija; do Buda Kassapa era Sabbamitta; meu acompanhante pessoal agora é Ananda.

1.12. “O pai do Buda Vipassi era o Rei Bandhuma, a sua mãe era a Rainha Bandhumati, e a capital real do Rei Bandhuma era Bandhumati. O pai do Buda Sikhi era o Rei Aruna, a sua mãe era a Rainha Pabhavati; a capital real do Rei Aruna era Arunavati. O pai do Buda Vessabhu era o Rei Suppatita, a sua mãe era a Rainha Yasavati; a capital real do Rei Suppatita era Anopama. O pai do Buda Kakusandha era o *Brâmane* Aggidatta, a sua mãe era a *Brâmane* Visakha. O rei naquela época era Khema; a sua capital era Khemavati. O pai do Buda Konagamana era o *Brâmane* Yaññadatta, a sua mãe era a *Brâmane* Uttara. O rei naquela época era Sobha; a sua capital era Sobhavati. O pai do Buda Kassapa era o *Brâmane* Brahmadatta, a sua mãe era a *Brâmane* Dhanavati. O rei naquela época era Kiki; a sua capital era Benares. E agora, *bhikkhus*, meu pai é o Rei Suddhodana, minha mãe era a Rainha Maya e a capital real é Kapilavatthu.”

Isso foi o que o Abençoado disse e em seguida ele levantou do seu assento e foi para a sua moradia.

1.13. Pouco tempo depois do Abençoado haver partido uma outra discussão teve início entre os *bhikkhus*: “É maravilhoso, amigos, é admirável, quão poderoso e hábil é o *Tathagata*! Pois ele é capaz de saber sobre os Budas do passado – que realizaram o *parinibbana*, eliminaram [o emaranhado da] proliferação, cortaram o desejo, deram fim ao ciclo e superaram todo o sofrimento – que para aqueles Abençoados, o nascimento deles havia sido assim, os seus nomes foram esses, os seus clãs foram esses, as suas virtudes eram assim, o estado deles [de concentração] era assim, a sabedoria deles era assim, a sua permanência [nas realizações] era assim, a libertação deles foi assim. Mas então, amigos, qual é o tipo de conhecimento penetrante através do qual ele se recorda disso tudo ... ? Algum *deva* revelou esse conhecimento para ele?” Essa era a conversa daqueles *bhikkhus* que viria a ser interrompida.

1.14. Então o Abençoado, saindo do seu isolamento foi até o pavilhão de Kareri, sentou-se num assento que havia sido preparado e disse: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, *bhikkhus*? E qual é a discussão que foi interrompida?” E eles lhe disseram.

1.15. “O *Tathagata* compreende essas coisas ... através da penetração dos princípios do Dhamma; e os *devas* também lhe contaram. Muito bem, *bhikkhus*, vocês querem ouvir ainda mais sobre vidas passadas?”

“Venerável Senhor, agora é o momento! Seria bom se o Venerável senhor pudesse discursar sobre vidas passadas, tendo ouvido do Abençoado os *bhikkhus* o recordarão!”

“Bem então, *bhikkhus*, ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

1.16. “*Bhikkhus*, noventa e um éons atrás, o Abençoado, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, Buda Vipassi surgiu no mundo. Ele nasceu como um *Khattiya* e cresceu numa família *Khattiya*. Ele pertencia ao clã Kondañña. O tempo de vida dele era de oitenta mil anos. Ele realizou a perfeita iluminação ao pé de uma árvore *padiri*. Ele tinha o par de nobres discípulos Khanda e Tissa. Ele tinha três congregações de discípulos: uma com seis milhões e oitocentos mil, outra com cem mil e outra com oitenta mil *bhikkhus* e nessas três congregações todos eram *arahants*. O seu acompanhante pessoal era o *bhikkhu* Asoka. O seu pai era o Rei Bandhuma, a sua mãe era a Rainha Bandhumati e a capital real do Rei Bandhuma era Bandhumati.

1.17. “Então, *bhikkhus*, o *Bodhisatta* Vipassi faleceu no paraíso de Tusita e descendeu no ventre da sua mãe. Essa, *bhikkhus*, é a lei.

“É a lei, *bhikkhus*, que quando um *Bodhisatta* falece no paraíso de Tusita e descende no ventre da sua mãe, então uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas* aparece no mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, com os

seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. E mesmo nos intervalos abismais entre os mundos, vazios, sombrios e completamente escuros, onde a lua e o sol, apesar de fortes e poderosos, não são capazes de fazer prevalecer a sua luz – lá também aparece uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas*. E os seres que ali nasceram percebem uns aos outros através daquela luz: “Então, outros seres, de fato, surgiram aqui.” E este imenso universo se agita, sacode e treme e lá também aparece uma luminosidade grande e imensurável superando o esplendor dos *devas*. Essa é a lei.

“É a lei que quando um *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe, quatro jovens *devas* vêm protegê-lo nos quatro quadrantes de modo que nenhum humano ou não humano, ou qualquer um, possam causar dano ao *Bodhisatta* ou à mãe dele. Essa é a lei.

1.18. “É a lei que quando um *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe, ela se torna virtuosa de forma intrínseca, abstendo-se de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais, da linguagem mentirosa e do vinho, álcool e outros embriagantes que causam a negligência. Essa é a lei.

1.19. “É a lei que quando um *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe, nenhum pensamento sensual surge nela com relação aos homens, e ela está inacessível a qualquer homem que tenha uma mente lasciva. Essa é a lei.

1.20. “É a lei que quando um *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe, ela obtém os cinco elementos do prazer sensual e assim provida e dotada, ela deles desfruta. Essa é a lei.

1.21. “É a lei que quando um *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe, nenhum tipo de aflição surge nela, ela está feliz e livre do cansaço corporal. Ela vê o *Bodhisatta* no seu ventre com todos os seus membros, sem estar desprovido de qualquer faculdade. Suponham que um fio azul, amarelo, vermelho, branco ou marrom fosse passado por uma fina gema de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, e um homem com boa visão a tomasse nas mãos e examinasse assim: ‘Esta é uma fina gema de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada e através dela passa esse fio azul, amarelo, vermelho, branco ou marrom’; assim também quando o *Bodhisatta* descende no ventre da sua mãe ... Ela vê o *Bodhisatta* no seu ventre com todos os seus membros, sem estar desprovido de qualquer faculdade.” Essa é a lei.

1.22 “É a lei que a mãe do *Bodhisatta* morre sete dias depois do seu nascimento e renasce no paraíso de Tusita. Essa é a lei.

1.23. “É a lei que outras mulheres dão à luz depois de carregar o feto no ventre por nove ou dez meses, mas não a mãe do *Bodhisatta*. A mãe do *Bodhisatta* dá à luz depois de carregá-lo no ventre por exatos dez meses. Essa é a lei.

1.24. “É a lei que outras mulheres dão à luz sentadas ou deitadas, mas não a mãe do *Bodhisatta*. A mãe do *Bodhisatta* dá à luz em pé. Essa é a lei.

1.25. “É a lei que quando o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe, primeiro *devas* o recebem e depois os seres humanos. Essa é a lei.

1.26. “É a lei que quando o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe, ele não toca a terra. Os quatro jovens *devas* o recebem e o colocam à frente da sua mãe dizendo: ‘Alegre-se, rainha, um filho com grande poder acaba de nascer.’ Essa é a lei.

1.27. “É a lei que quando o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe ele sai imaculado, sem manchas de água ou humores ou sangue ou qualquer tipo de impureza, limpo e imaculado. Suponham que houvesse uma gema colocada sobre um tecido de Kasi, então a gema não iria manchar o tecido ou o tecido a gema. Por que isso? Devido à pureza de ambos. Assim também quando o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe ... limpo e imaculado. Essa é a lei.

1.28. “É a lei que quando o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe dois jatos de água aparecem jorrando do céu, um frio e o outro quente, para banhar o *Bodhisatta* e a sua mãe. Essa é a lei.

1.29. “É a lei que assim que o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe ele fica em pé, firme com os pés sobre a terra; então ele caminha sete passos para o norte, e com um pára-sol branco mantido sobre si, ele inspeciona cada quadrante e pronuncia as palavras do Líder do Rebanho: ‘Eu sou o superior no mundo; Eu sou o melhor no mundo; Eu sou o primeiro no mundo. Este é o meu último nascimento; agora não haverá outro devir para mim.’ [lxiii](#) Essa é a lei.

1.30. “É a lei que assim que o *Bodhisatta* sai do ventre da sua mãe, então uma grande e imensurável luminosidade, superando o esplendor dos *devas*, aparece no mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, com os seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. E mesmo nos intervalos abismais entre os mundos, vazios, sombrios e completamente escuros, onde a lua e o sol, apesar de fortes e poderosos, não são capazes de fazer prevalecer a sua luz – lá também aparece uma grande e imensurável luminosidade superando o esplendor dos *devas*. E os seres que ali nasceram percebem uns aos outros através daquela luz: ‘Então outros seres, de fato, surgiram aqui.’ E este imenso universo se agita, sacode e treme e lá também aparece uma luminosidade grande e imensurável superando o esplendor dos *devas*. Essa é a lei.

1.31. “*Bhikkhus*, quando o Príncipe Vipassi nasceu, eles o mostraram ao Rei Bandhuma e disseram: ‘Majestade, o seu filho nasceu. Condescenda, Senhor, olhe para ele.’ O rei olhou para o príncipe e depois disse para os *Brâmanes* que têm conhecimento das marcas: ‘Vocês senhores, têm conhecimento das marcas, examinem o príncipe.’ Os *Brâmanes* examinaram o príncipe e disseram para o Rei

Bandhuma: ‘Senhor, alegre-se pois um filho poderoso nasceu. É um ganho para você, Senhor, é um grande ganho para você, Senhor, que um filho assim tenha nascido na sua família. Senhor, este príncipe está dotado com as trinta e duas marcas de um Grande Homem. O grande homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. Se ele viver a vida em família ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que governará de acordo com o Dhamma; conquistador dos quatro pontos cardeais, que estabelecerá a segurança no seu reino e que possuirá os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalo Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele terá mais de mil filhos que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos inimigos. Ele governará, tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se tornará um *arahant*, um Buda Perfeitamente Iluminado, aquele que remove o véu do mundo.’

1.32. “E quais, Senhor, são essas trinta e duas marcas? [lxiv](#) (1) Ele tem os pés chatos. (2) Nas solas dos seus pés há rodas com mil raios e cubo, toda completa. (3) Ele tem os calcanhares protuberantes. (4) Os dedos dos pés e das mãos são longos. (5) As mãos e os pés são suaves e delicados. (6) As mãos e os pés são reticulados. (7) Os seus tornozelos são alongados. (8) As suas pernas são como as de um antílope. (9) Quando ele fica em pé sem se inclinar, as palmas de ambas mãos tocam os joelhos. (10) A sua genitália está contida numa bacia. (11) A sua complexão é brilhante, de cor dourada. (12) A sua pele é sutil e devido à sutileza da sua pele, a poeira e a sujeira não aderem ao seu corpo. (13) Os pelos do corpo crescem separadamente, cada um no seu poro. (14) As pontas dos pelos do corpo são curvadas para cima; a cor dos pelos é preta azulada, enrolados para a direita. (15) Ele tem os membros retos de um *Brahma*. (16) Ele tem sete convexidades. (17) Ele tem o torso de um leão. (18) Não há um sulco entre os ombros. (19) Ele tem as proporções de uma figueira-de-bengala; a envergadura dos seus braços equivale à altura do seu corpo, e a altura do seu corpo equivale à envergadura dos seus braços. (20) O seu pescoço e ombros são nivelados. (21) O seu paladar é excepcionalmente apurado. (22) Ele tem a mandíbula de um leão. (23) Ele tem quarenta dentes. (24) Os seus dentes são nivelados. (25) Os seus dentes não têm espaços. (26) Os seus dentes são bem brancos. (27) Ele tem uma língua muito grande. (28) Ele tem uma voz divina, como o gorjeio de um pássaro. (29) Os seus olhos são de um azul profundo. (30) Ele tem os cílios de um touro. (31) Ele tem pelos no espaço entre as sobrancelhas e eles são brancos com o brilho do algodão macio. (32) A sua cabeça tem o formato de um turbante.’

1.33. “Senhor, este príncipe está dotado com as trinta e duas marcas de um Grande Homem. O grande homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. Se ele viver a vida em família ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que irá governar de acordo com o Dhamma ... Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se tornará um *arahant*, um Buda Perfeitamente Iluminado, aquele que remove o véu do mundo.’

“Então o Rei Bandhuma, tendo provido aqueles *Brâmanes* com roupas novas, satisfizes todos os desejos deles.

1.34. “E o Rei Bandhuma nomeou umas para o Príncipe Vipassi. Algumas o amamentavam, algumas o banhavam, algumas o carregavam, algumas o embalavam. Uma sombrinha branca era mantida sobre a cabeça dele durante o dia e noite para protegê-lo do frio, calor, poeira, sujeira e orvalho. E o Príncipe Vipassi era muito amado pelo povo. Da mesma forma como todos amam uma flor de lótus azul, amarela ou branca, assim também todos amavam o Príncipe Vipassi. Assim ele era levado de colo em colo.

1.35. “E o Príncipe Vipassi tinha uma voz doce, uma bela voz, encantadora e deliciosa. Assim como nas montanhas do Himalaia há um pássaro com a voz mais doce, mais bela, mais encantadora e deliciosa que os demais pássaros, da mesma forma a voz do Príncipe Vipassi era a mais fina de todos.

1.36. “E devido aos resultados de *kamma* passado, o olho divino estava presente no Príncipe Vipassi, por meio do qual ele era capaz de enxergar a uma légua de distância quer fosse dia ou noite.

1.37. “E o Príncipe Vipassi era atento sem pestanejar, como os reis do Trinta e Três. E porque diziam que ele era atento sem pestanejar, o príncipe passou a ser chamado ‘Vipassi’. Quando o Rei Bandhuma estava julgando um caso, ele sentava o Príncipe Vipassi no seu joelho e o instruía sobre o caso. Então, colocando-o no chão, o seu pai lhe explicava com cuidado os pontos em questão. E por essa razão ainda mais o chamavam Vipassi.

1.38. “Então, o Rei Bandhuma fez com que se construíssem três palácios para o Príncipe Vipassi, um para a estação fria, um para a estação quente e um para a estação das chuvas. Durante os quatro meses da estação das chuvas ele era entretido no palácio para a estação das chuvas por menestréis e não havia nenhum homem entre eles, e ele não saía nunca do palácio.”

### **[Fim da primeira recitação (a seção do nascimento)]**

2.1. “Então, *bhikkhus*, depois de haver passado muitos anos, muitas centenas e milhares de anos, o Príncipe Vipassi disse para o seu cocheiro: ‘Arreie algumas finas carruagens, cocheiro! Nós iremos até o parque das delícias para inspecioná-lo!’ O cocheiro assim fez e depois comunicou ao Príncipe: ‘Alteza Real, as finas carruagens estão arreadas, faça como julgar adequado.’ E o Príncipe Vipassi subiu na carruagem e saiu em procissão para o parque das delícias.

2.2 “E enquanto ele estava sendo conduzido para o parque das delícias, o Príncipe Vipassi viu um velho, curvado como o suporte de um telhado, apoiando-se sobre uma bengala, cambaleante, frágil, a juventude perdida. Vendo aquilo ele disse para o cocheiro:

"Cocheiro, qual é o problema daquele homem? O cabelo dele não é igual ao cabelo dos outros homens, o corpo dele não é igual ao corpo dos outros homens."

"Príncipe, isso é o que é chamado um homem velho."

"Mas por que ele é chamado homem velho?"

"Ele é chamado velho, Príncipe, porque não tem mais muito tempo de vida."

"Mas eu estou sujeito a ficar velho e não estou livre da velhice?"

"Nós dois, Príncipe, estamos sujeitos a ficar velhos e não estamos livres da velhice."

"Muito bem, então, cocheiro, já basta de parque das delícias por hoje. Regresse ao palácio."

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e levou o Príncipe Vipassi de volta ao palácio.[lxv](#)

Chegando ao palácio, o Príncipe Vipassi foi tomado pela lamentação e tristeza, chorando: "Que vergonha essa coisa do nascimento, pois para aquele que nasce a velhice tem que se manifestar!"

2.3. "Então, o Rei Bandhuma chamou o cocheiro e disse: 'Então, o príncipe não se divertiu no parque das delícias? Ele não ficou feliz?'"

"Majestade, o príncipe não se divertiu, ele não estava feliz lá."

"O que foi que ele viu no caminho?" Então o cocheiro contou ao Rei tudo que havia acontecido.

2.4. "Então o Rei Bandhuma pensou: 'O Príncipe Vipassi não deve renunciar ao trono, ele não deve deixar a vida em família e seguir a vida santa – as palavras dos *Brâmanes* estudados nas marcas não devem se concretizar!' Assim o Rei proveu o Príncipe Vipassi com ainda mais prazeres dos cinco sentidos, de modo que ele governasse o reino e não deixasse a vida em família pela vida santa ... E assim o príncipe seguiu desfrutando os prazeres na dependência dos cinco sentidos.

2.5 "Depois de passados muitas centenas de milhares de anos o Príncipe Vipassi ordenou ao seu cocheiro que o levasse até o parque das delícias (igual ao verso 2.1)

2.6 "E enquanto ele estava sendo conduzido para o parque das delícias, o Príncipe Vipassi viu um homem, aflito, sofrendo e gravemente enfermo, deitado emporcalhado no seu próprio excremento e urina, erguido por uns e deitado por outros. Vendo aquilo ele disse para o cocheiro:

"Cocheiro, qual é o problema daquele homem? Os olhos dele não são como os olhos dos outros homens, a cabeça dele não é igual à cabeça dos outros homens."

"Príncipe, isso é o que é chamado um homem enfermo."

"Mas por que ele é chamado homem enfermo?"

"Ele é chamado enfermo, Príncipe, porque ele dificilmente irá se recuperar da enfermidade."

"Mas eu estou sujeito à enfermidade e não estou livre da enfermidade?"

"Nós dois, Príncipe, estamos sujeitos à enfermidade e não estamos livres da enfermidade."

"Muito bem, então, cocheiro, já basta de parque das delícias por hoje. Regresse ao palácio."

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e levou o Príncipe Vipassi de volta ao palácio.

Chegando ao palácio, o Príncipe Vipassi foi tomado pela lamentação e tristeza, chorando: "Que vergonha essa coisa do nascimento, pois aquele que nasce tem que experimentar a enfermidade!"

2.7. "Então, o Rei Bandhuma chamou o cocheiro, que contou ao Rei tudo que havia acontecido.

2.8. "O Rei proveu o Príncipe Vipassi com ainda mais prazeres dos cinco sentidos, de modo que ele governasse o reino e não deixasse a vida em família pela vida santa ...

2.9 "Depois de passados muitas centenas de milhares de anos o Príncipe Vipassi ordenou ao seu cocheiro que o levasse até o parque das delícias ... (igual ao verso 2.1)

2.10. "E enquanto ele estava sendo conduzido para o parque das delícias, o Príncipe Vipassi viu muitas pessoas se aglomerando, vestidas com roupas de várias cores e carregando um caixão. Vendo aquilo ele disse para o cocheiro:

"Cocheiro, por que aquelas pessoas carregam aquele caixão?"

"Príncipe, isso é o que se chama um homem morto."

"Leve-me até onde está o homem morto."

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e assim fez. E o Príncipe Vipassi olhou para o corpo do homem morto. Então ele disse para o cocheiro:

"Por que ele é chamado homem morto?"

"Príncipe, ele é chamado homem morto porque agora os seus pais e parentes não o verão mais e ele também não os verá mais."

"Mas eu estou sujeito à morte e não estou livre da morte?"

"Nós dois, Príncipe, estamos sujeitos à morte e não estamos livres da morte."

"Muito bem, então, cocheiro, já basta de parque das delícias por hoje. Regresse ao palácio."

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e levou o Príncipe Vipassi de volta ao palácio.

Chegando ao palácio, o Príncipe Vipassi foi tomado pela lamentação e tristeza, chorando: "Que vergonha essa coisa do nascimento, pois para aquele que nasce, a morte tem que se manifestar!"

2.11. "Então, o Rei Bandhuma chamou o cocheiro, que contou ao Rei tudo que havia acontecido.

2.12. "O Rei proveu o Príncipe Vipassi com ainda mais prazeres dos cinco sentidos ...

2.13 "Depois de passados muitas centenas de milhares de anos o Príncipe Vipassi ordenou ao seu cocheiro que o levasse até o parque das delícias ... (igual ao verso 2.1)

2.14. "E enquanto ele estava sendo conduzido para o parque das delícias, o Príncipe Vipassi viu um homem com a cabeça raspada, um contemplativo vestido com um manto de cor ocre. Vendo aquilo ele disse para o cocheiro:

"Cocheiro, qual é o problema daquele homem? A cabeça dele não é igual à cabeça dos outros homens, a roupa dele não é igual à roupa dos outros homens."

"Príncipe, isso é o que se chama um contemplativo."

"Mas por que ele é chamado contemplativo?"

"Ele é chamado contemplativo, Príncipe, porque de modo correto ele segue o Dhamma, de modo correto ele vive tranquilo, realiza ações hábeis, pratica méritos, ele é inofensivo, com a correta compaixão pelos seres vivos."

"Cocheiro, bendito aquele que seguiu a vida santa ... Leve-me até onde ele está."

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e assim fez. E o Príncipe Vipassi questionou o homem que havia seguido a vida santa.

"Príncipe, como um contemplativo eu de modo correto sigo o Dhamma ... e tenho correta compaixão pelos seres vivos."

"Bendito aquele que seguiu a vida santa ..."

2.15. "Então, o Príncipe Vipassi disse para o cocheiro: 'Você conduza a carruagem de volta ao palácio. Mas eu ficarei aqui, rasparei o cabelo e a barba, vestirei os mantos de cor ocre; deixarei a vida em família e seguirei a vida santa.'

"Muito bem, Príncipe", o cocheiro disse e regressou ao palácio. E o Príncipe Vipassi, raspando o cabelo e a barba e vestindo os mantos de cor ocre, deixou a vida em família e seguiu a vida santa.

2.16. "E uma grande multidão na capital real, Bandhumati, oitenta e quatro mil pessoas, [lxvi](#) ouviram que o Príncipe Vipassi havia seguido a vida santa. E eles pensaram: 'Com certeza esse não é um ensinamento e disciplina comuns, não é uma vida santa comum, para que o Príncipe Vipassi raspasse o cabelo e a barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa. Se o Príncipe fez isso, por que nós não deveríamos fazer o mesmo?' E assim, *bhikkhus*, uma grande multidão, com oitenta e quatro mil pessoas, tendo raspado o cabelo e barba e vestido os mantos de cor ocre, seguiram a vida santa com o *Bodhisatta* Vipassi [lxvii](#) E com essa congregação o *Bodhisatta* esmolava nos vilarejos, vilas e cidades reais.

2.17. "Então, o *Bodhisatta* Vipassi, tendo se retirado para um local isolado, pensou o seguinte: 'Não é apropriado que eu viva com uma multidão assim. Eu devo viver só, afastado dessa multidão.' Assim, depois de algum tempo ele deixou aquela multidão e permaneceu só. As oitenta e quatro mil pessoas foram numa direção, o *Bodhisatta* noutra.

2.18. 'Então, quando o *Bodhisatta* estava só, num local afastado, ele pensou: 'Este mundo encontra-se num estado deplorável: há o nascimento e a decadência, há a morte e o renascimento em outros estados. E ninguém sabe como escapar desse sofrimento, desse envelhecimento e morte. Quando será encontrada a libertação desse sofrimento, desse envelhecimento e morte?'

"Então, *bhikkhus*, o *Bodhisatta* pensou: 'Com o quê estando presente, ocorre o envelhecimento e morte? O que condiciona o envelhecimento e morte?' Então, como resultado do discernimento proveniente da atenção com sabedoria a compreensão surgiu: 'O nascimento estando presente, o envelhecimento e morte ocorre, o nascimento condiciona o envelhecimento e morte.' [lxviii](#)

“Então, ele pensou: ‘O quê condiciona o nascimento?’ E a compreensão surgiu: ‘Ser/existir condiciona o nascimento’ ... ‘O quê condiciona o ser/existir?’ ... ‘O apego condiciona o ser/existir’ ... ‘O desejo condiciona o apego’ ... ‘A sensação condiciona o desejo’ ... ‘O contato condiciona a sensação’ ... ‘As seis bases dos sentidos condicionam o contato’ ...’ A mentalidade-materialidade (nome e forma) condiciona as seis bases dos sentidos’ ... ‘A consciência condiciona a mentalidade-materialidade (nome e forma).’ Então, o *Bodhisatta* Vipassi pensou: ‘Com o quê estando presente, ocorre a consciência? O que condiciona a consciência?’ Então, como resultado do discernimento proveniente da atenção com sabedoria a compreensão surgiu: ‘A mentalidade-materialidade (nome e forma) condiciona a consciência.’

2.19. “Então, *bhikkhus*, o *Bodhisatta* Vipassi pensou: ‘Esta consciência regressa até a mentalidade-materialidade (nome e forma) e não vai mais além. Essa é a extensão do nascimento, envelhecimento, morte, falecimento e renascimento, isto é, da mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge a consciência, da consciência como condição surge a mentalidade-materialidade (nome e forma), da mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surgem as seis bases dos sentidos, as seis bases dos sentidos condicionam o contato, o contato condiciona a sensação, a sensação condiciona o desejo, o desejo condiciona o apego, o apego condiciona o ser/existir, o ser/existir condiciona o nascimento, o nascimento condiciona o envelhecimento, morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero. E assim toda essa massa de sofrimento tem origem.’ E com este pensamento: ‘Origem, origem’, surgiu a visão, surgiu o conhecimento, surgiu a sabedoria, surgiu o conhecimento verdadeiro, surgiu a iluminação em relação a coisas nunca antes ouvidas.

2.20. “Então, ele pensou: ‘Com o quê estando ausente, não ocorre o envelhecimento e morte? Com a cessação do quê ocorre a cessação do envelhecimento e morte?’ Então, como resultado do discernimento proveniente da atenção com sabedoria a compreensão surgiu: ‘Estando ausente o nascimento, o envelhecimento e morte não ocorre. Com a cessação do nascimento ocorre a cessação do nascimento e morte’ ... ‘Com a cessação do quê ocorre a cessação do nascimento?’ ... ‘Com a cessação do ser/existir ocorre a cessação do nascimento’ ... ‘Com a cessação do apego ocorre a cessação do ser/existir’ ... ‘Com a cessação do desejo ocorre a cessação do apego’ ... ‘Com a cessação da sensação ocorre a cessação do desejo’ ... ‘Com a cessação do contato ocorre a cessação da sensação’ ... ‘Com a cessação das seis bases dos sentidos ocorre a cessação do contato’ ... Com a cessação da mentalidade-materialidade (nome e forma) ocorre a cessação das seis bases dos sentidos’ ... Com a cessação da consciência ocorre a cessação da mentalidade-materialidade (nome e forma)’ ... ‘Com a cessação da mentalidade-materialidade (nome e forma) ocorre a cessação da consciência.’

2.21. “Então, o *Bodhisatta* Vipassi pensou: ‘Eu encontrei o caminho do insight, (*vipassana*), para a iluminação, isto é: cessando a mentalidade-materialidade (nome e forma) cessa a consciência, cessando a consciência cessa a mentalidade-materialidade (nome e forma). Cessando a mentalidade-materialidade (nome e

forma), cessam as seis bases dos sentidos. Cessando as seis bases dos sentidos, cessa o contato. Cessando o contato, cessa a sensação. Cessando a sensação, cessa o desejo. Cessando o desejo, cessa o apego. Cessando o apego, cessa o ser/existir. Cessando o ser/existir, cessa o nascimento. Cessando o nascimento, envelhecimento, morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero, tudo cessa. Essa é a cessação de toda essa massa de sofrimento.' E com este pensamento: 'Cessação, cessação,' surgiu a visão, surgiu o conhecimento, surgiu a sabedoria, surgiu o conhecimento verdadeiro, surgiu a iluminação em relação a coisas nunca antes ouvidas.

2.22. "Então, *bhikkhus*, numa outra ocasião o *Bodhisatta Vipassi* permaneceu contemplando a origem e cessação dos cinco agregados influenciados pelo apego: 'Assim é o corpo, esta é a sua origem, esta é a sua cessação; assim é a sensação ...; assim é a percepção ...; assim são as formações mentais ...; assim é a consciência, esta é a sua origem, esta é a sua cessação.' Enquanto ele contemplava a origem e cessação dos agregados influenciados pelo apego, depois de não muito tempo, a sua mente se libertou de todas as impurezas sem deixar nenhum vestígio."

### [Fim da segunda recitação]

3.1. "Então, *bhikkhus*, o Abençoado, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, Buda Vipassi pensou: 'E se eu agora ensinasse o Dhamma?' Depois ele pensou: 'Este Dhamma que eu alcancei é profundo, difícil de ver e difícil de compreender, pacífico e sublime, que não pode ser alcançado através do mero raciocínio, ele é sutil, para ser experimentado pelos sábios. Mas esta população se delicia com a adesão, está excitada com a adesão, desfruta da adesão. É difícil para uma população como esta ver esta verdade, isto é, a condicionalidade isto/aquilo e a origem dependente. E também é difícil de ver esta verdade, isto é, o cessar de todas as formações, o abandono de todas aquisições, o fim do desejo, desapego, cessação, *nibbana*. Se eu fosse ensinar o Dhamma, os outros não me entenderiam e isso seria fatigante, problemático para mim.'

3.2. "Então, estes versos nunca antes ouvidos, ocorreram para o Buda Vipassi:

'Isso que realizei, porque devo proclamá-lo?  
Aqueles cheios de cobiça e raiva nunca compreenderão.  
Este Dhamma vai contra a correnteza, sutil, profundo,  
difícil de ver, ninguém, cego pela paixão, poderá vê-lo.'

"Pensando dessa forma, a mente do Buda Vipassi tendia à inação ao invés do ensino do Dhamma. Então, *bhikkhus*, o *Brahma Sahampati*, sabendo com a mente dele o pensamento na mente do Buda Vipassi pensou: 'O mundo estará perdido, o mundo estará destruído, já que a mente do *Tathagata*, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, se inclina à inação ao invés do ensino do Dhamma.'

3.3. "Então, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, *Brahma Sahampati*

desapareceu do mundo de *Brahma* e apareceu na frente do Buda Vipassi. Ele arrumou o seu manto externo sobre o ombro e juntou as mãos numa reverenciosa saudação, dizendo: 'Venerável senhor, que o Abençoado ensine o Dhamma, que o Iluminado ensine o Dhamma. Há seres com pouca poeira sobre os olhos que estão decaindo por não ouvir o Dhamma. Há aqueles que entenderão o Dhamma.'

3.4. "Então, o Buda Vipassi explicou, (conforme versos acima), porque ele estava se inclinando pela inação ao invés do ensino do Dhamma.

3.5.-6. "E *Brahma* Sahampati apelou uma segunda e uma terceira vez para que o Buda Vipassi ensinasse ... Então, o Buda Vipassi, tendo ouvido o pedido de *Brahma* e por compaixão pelos seres, inspecionou o mundo com o olho de um Buda. Inspeccionando o mundo com o olho de um Buda, ele viu seres com pouca poeira sobre os olhos e com muita poeira sobre os olhos, com faculdades aguçadas e com faculdades embotadas, com boas qualidades e com más qualidades, fáceis de serem ensinados e difíceis de serem ensinados e alguns que permaneciam vendo medo e culpa no outro mundo. Como num lago com flores de lótus azuis ou vermelhas ou brancas, algumas flores de lótus que nascem e crescem n'água florescem imersas n'água sem sair fora d'água, enquanto que outras flores de lótus, que nascem e crescem n'água, pousam sobre a superfície d'água, e ainda outras flores de lótus, que nascem e crescem n'água, sobem acima do nível d'água e permanecem sem serem molhadas pela água; assim também, inspeccionando o mundo com o olho de um Buda, ele viu seres com pouca poeira sobre os olhos ...

3.7. "Então, sabendo o seu pensamento, *Brahma* se dirigiu ao Buda Vipassi com estes versos:

'Tal como alguém que esteja no pico de uma montanha  
é capaz de ver todas as pessoas embaixo,  
da mesma forma, Oh sábio, sábio que tudo vê,  
suba ao palácio do Dhamma.  
Que o Conquistador da Tristeza  
inspecione esta raça humana,  
engolfada na tristeza, subjugada  
pelo nascimento e envelhecimento.

Levante-se, Oh herói, vitorioso na batalha!  
Oh líder da caravana, sem dívidas, saia pelo mundo.  
Ensine o Dhamma, Oh Abençoado:  
existem aqueles que irão compreender.'

"E o Buda Vipassi respondeu a *Brahma* com versos:

'Para eles estão abertas as portas para o Imortal,  
que aqueles com ouvidos mostrem agora a sua fé.  
Pensando que seria problemático, Oh *Brahma*,

eu não falei o Dhamma sutil e sublime.’

"Então, o *Brahma* Sahampati pensou: ‘Eu criei a oportunidade para que o Abençoado ensine o Dhamma.’ E depois de homenagear o Buda Vipassi, mantendo-o à sua direita, ele então desapareceu.

3.8. “Então, o Buda Vipassi pensou: ‘Para quem devo primeiro ensinar o Dhamma? Quem irá compreender com rapidez este Dhamma?’ Então lhe ocorreu: ‘Khanda o filho do Rei e Tissa o filho do capelão, que vivem na capital Bandhumati. Eles são sábios, inteligentes e possuem sabedoria; faz muito tempo que eles possuem pouca poeira sobre os olhos. Se eu ensinar o Dhamma primeiro para Khanda e Tissa, eles irão compreendê-lo com rapidez.’ E assim o Buda Vipassi com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, desapareceu dali onde ele estava, ao pé da árvore da iluminação e reapareceu na capital real Bandhumati, no parque do gamo de Khema.

3.9. “O Buda Vipassi disse para o guarda do parque: ‘Guarda, vá até Bandhumati e diga para o Príncipe Khanda e o filho do capelão Tissa: “Senhores, o Abençoado Vipassi, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, chegou em Bandhumati e está no parque do gamo de Khema. Ele deseja vê-los.”’

“Muito bem, senhor,’ o guarda do parque disse e foi comunicar a sua mensagem.

3.10. “Então, Khanda e Tissa, tendo arreado algumas finas carruagens saíram de Bandhumati na direção do parque do gamo de Khema. Eles foram até onde as carruagens permitiam e depois desceram e continuaram a pé até onde estava o Buda Vipassi. Ao chegar eles se cumprimentaram e sentaram a um lado.

3.11. “Então, o Buda Vipassi transmitiu o ensino gradual a Khanda e Tissa, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Quando ele percebeu que a mente de Khanda e Tissa estava pronta, receptiva, livre de obstáculos, satisfeita, clara, com serena confiança, ele explicou o ensinamento particular dos Budas: o sofrimento, a sua origem, a sua cessação e o caminho. Como um pano limpo, com todas as manchas removidas, irá absorver um corante de modo adequado, assim também, enquanto Khanda e Tissa estavam ali sentados, a visão imaculada do Dhamma surgiu neles: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.”

3.12. “E eles, tendo visto o Dhamma, realizado o Dhamma, compreendido o Dhamma, examinado a fundo o Dhamma; superaram a dúvida, se libertaram da perplexidade, conquistaram a intrepidez e se tornaram independentes dos outros na Revelação do Mestre, disseram:

‘Magnífico, Venerável Senhor! Magnífico, Venerável Senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça

para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Abençoado e no Dhamma. Que o Abençoado nos dê a admissão na vida santa e a admissão completa!

3.13. “E assim o Príncipe Khanda e Tissa receberam a admissão na vida santa do Buda Vipassi e eles receberam a admissão completa. Então, o Buda Vipassi os instruiu, motivou, estimulou e encorajou com um discurso do Dhamma, mostrando o perigo, a degradação e a contaminação das coisas condicionadas e o benefício de *nibbana*. E ao serem instruídos, motivados, estimulados e encorajados com esse discurso, depois de não muito tempo, a mente deles se libertou de todas as impurezas sem deixar nenhum vestígio.”

3.14. “E uma grande multidão com oitenta e quatro mil pessoas de Bandhumati ouviram que o Buda Vipassi estava no parque do gamo de Khema e que Khanda e Tissa haviam raspado o cabelo e a barba, vestido os mantos de cor ocre e deixado a vida em família e seguido a vida santa. E eles pensaram: ‘Com certeza esse não é um ensinamento e disciplina comuns ... pelo qual o Príncipe Khanda e Tissa o filho do capelão seguiram a vida santa. Se eles podem fazer isso na presença do Buda Vipassi, porque nós também não?’ E assim aquela grande multidão com oitenta e quatro mil pessoas saíram de Bandhumati para o parque do gamo de Khema onde estava o Buda Vipassi. Ao chegarem eles o cumprimentaram e sentaram a um lado.

3.15. “Então, o Buda Vipassi transmitiu o ensino gradual para aquela multidão, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Como um pano limpo ... irá absorver um corante de modo adequado, assim também, enquanto aquela multidão estava ali sentada, a visão imaculada do Dhamma surgiu neles: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.”

3.16. (igual ao verso 3.12)

3.17. “E aquelas oitenta e quatro mil pessoas receberam a admissão na vida santa do Buda Vipassi e elas receberam a admissão completa. Então, o Buda Vipassi as instruiu ... (igual ao verso 3.13) depois de não muito tempo, a mente delas se libertou de todas as impurezas sem deixar nenhum vestígio.

3.18. “Então, o primeiro grupo de oitenta e quatro mil pessoas que havia seguido a vida santa ouviu: o Buda Vipassi veio para Bandhumati e está no parque do gamo de Khema, ensinando o Dhamma.”

3.19.-21. “E tudo aconteceu da mesma forma que antes ... depois de não muito tempo, a mente delas se libertou de todas as impurezas sem deixar nenhum vestígio.

3.22. “Naquela época, na capital real Bandhumati, houve uma grande reunião com seis milhões, oitocentos mil *bhikkhus*. E quando o Buda Vipassi havia se retirado

para o seu isolamento ele pensou: ‘Agora estão reunidos na capital esse grande número de *bhikkhus*. E se eu lhes desse permissão: peregrinem, *bhikkhus*, pelo bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, para o bem, bem-estar e felicidade de *devas* e humanos. Que dois não sigam pela mesma estrada. Ensinem, *bhikkhus*, o Dhamma que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final com o correto fraseado e significado. Revelem a vida santa que é perfeita e imaculada. Há seres com pouca poeira sobre os olhos, que estão decaindo por não ouvir o Dhamma. Há aqueles que entenderão o Dhamma. Mas ao final de exatamente seis anos vocês devem se reunir na capital real Bandhumati para recitar o código de disciplina.’”

3.23. “Então, o *Brahma* Sahampati, sabendo com a mente dele o pensamento na mente do Buda Vipassi com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, desapareceu do mundo de *Brahma* e apareceu na frente do Buda Vipassi. Ele arrumou o seu manto externo sobre o ombro e juntou as mãos numa reverenciosa saudação, dizendo: ‘Exatamente assim, Venerável Senhor, exatamente assim, Abençoado! Que o Abençoado dê permissão para que esta grande assembléia peregrine pelo mundo pelo bem-estar de muitos ... por compaixão pelo mundo ... Há seres com pouca poeira sobre os olhos, que estão decaindo por não ouvir o Dhamma. Há aqueles que entenderão o Dhamma. E nós também faremos o mesmo que os *bhikkhus*, ao final de seis anos nos reuniremos na capital real Bandhumati para recitar o código de disciplina.’”

“Tendo dito isso, o *Brahma* homenageou o Abençoado e mantendo-o à sua direita, desapareceu em seguida.

3.24.-25. “Assim, o Buda Vipassi saiu do seu isolamento e relatou aos *bhikkhus* o que havia ocorrido.

3.26. “‘Eu permito, *bhikkhus*, que vocês peregrinem pelo bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, para o bem, bem-estar e felicidade de *devas* e humanos. Que dois não sigam pela mesma estrada. Ensinem, *bhikkhus*, o Dhamma que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final com o correto fraseado e significado. Revelem a vida santa que é perfeita e imaculada. Há seres com pouca poeira sobre os olhos, que estão decaindo por não ouvir o Dhamma. Há aqueles que entenderão o Dhamma. Mas ao final de exatamente seis anos vocês devem se reunir na capital real Bandhumati para recitar o código de disciplina.’ E a maioria daqueles *bhikkhus* partiram naquele mesmo dia para peregrinar pelo país.

3.27. “E naquela época haviam oitenta e quatro mil albergues religiosos em Jambudipa. [lxix](#) E ao final do primeiro ano os *devas* proclamaram: ‘Senhores, um ano se passou, restam cinco. Ao final de cinco anos vocês devem retornar para Bandhumati para recitar o código de disciplina,’ e da mesma forma ao final de dois, três, quatro e cinco anos. E quando seis anos haviam-se passado os *devas*

anunciaram: ‘Senhores, seis anos se passaram, agora é o momento para ir para a capital real Bandhumati para recitar o código de disciplina!’ E aqueles *bhikkhus*, alguns através dos seus próprios poderes e alguns através dos poderes dos *devas*, todos no mesmo dia foram para Bandhumati para recitar o código de disciplina.

3.28. “Então, o Buda Vipassi transmitiu estes preceitos para os *bhikkhus* reunidos:

‘O autodomínio paciente é o maior sacrifício,  
supremo é *nibbana*, assim dizem os Budas.  
Não é um contemplativo aquele que fere os outros,  
não é um asceta aquele que fere os outros.

Evitar todo o mal, cultivar o bem,  
purificar a própria mente:  
esse é o ensinamento dos Budas.

Não insultar, não magoar,  
contenção de acordo com as regras,  
moderação ao comer, manter-se afastado,  
dedicar-se à mente superior,  
esse é o ensinamento dos Budas.’

3.29. “Certa vez, *bhikkhus*, eu estava em Ukkattha, no bosque de Subhaga, ao pé de uma grande árvore *sal*. Estando ali afastado me ocorreu: ‘Não há nenhum mundo que não tenha sido visitado por mim há tanto tempo como aquele dos *devas* das moradas puras. E se eu os visitasse agora?’ E assim, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, eu desapareci de Ukkattha e apareci entre os *devas* de *Aviha*. E muitos milhares deles vieram me saudar e ficaram em pé a um lado. Então, eles disseram: ‘Senhor, faz noventa e um éons desde que o Buda Vipassi surgiu no mundo.’

“O Buda Vipassi nasceu como um *Khattiya* e cresceu numa família *Khattiya*. Ele pertencia ao clã *Kondañña*. O tempo de vida dele foi de oitenta mil anos. Ele realizou a perfeita iluminação ao pé de uma árvore *padiri*. Ele tinha o par de nobres discípulos *Khanda* e *Tissa*. Ele tinha três congregações de discípulos: uma com seis milhões e oitocentos mil, outra com cem mil e outra com oitenta mil *bhikkhus* e nessas três congregações todos eram *arahants*. O seu acompanhante pessoal era o *bhikkhu* *Asoka*. O seu pai era o Rei *Bandhuma*, a sua mãe era a Rainha *Bandhumati* e a capital real do Rei *Bandhuma* era *Bandhumati*. A renúncia do Buda Vipassi foi assim, a sua vida santa foi assim, a sua busca foi assim, a sua perfeita iluminação foi assim e assim ele girou a roda.

“E nós, senhor, que vivemos a vida santa sob o Buda Vipassi, tendo nos libertado dos desejos sensuais, renascemos aqui.”

3.30. “Da mesma forma muitos milhares de *devas* vieram ... (referindo-se de modo semelhante a Sikhi e os outros Budas conforme o verso 1.12). Eles disseram: ‘Senhor, neste éon afortunado o Buda surgiu no mundo. Ele nasceu como um *Khattiya* ... ele pertence ao clã Gotama; na época dele o tempo de vida é curto, limitado e passageiro: é raro que alguém viva até os cem anos. Ele realizou a perfeita iluminação ao pé de uma figueira-dos-pagodes; ele tem o par de nobres discípulos Sariputta e Moggallana; ele tem uma congregação de discípulos, mil duzentos e cinquenta *bhikkhus* e essa única congregação consiste apenas de *arahants*; o seu acompanhante pessoal é Ananda; o seu pai é o Rei Suddhodana, a sua mãe foi a Rainha Maya e a capital real é Kapilavatthu. A renúncia do Abençoado foi assim, a sua vida santa foi assim, a sua busca foi assim, a sua perfeita iluminação foi assim e assim ele girou a roda. E nós, senhor, que vivemos a vida santa sob o Abençoado, tendo nos libertado dos desejos sensuais, renascemos aqui.’

3.31.-32. “Então, eu fui com os *devas* do *Aviha* até os *devas* do *Atappa* e com eles até os *devas* do *Sudassa* e com eles até os *devas* do *Sudassi* e com todos eles até os *devas* do *Akanittha*. E muitos milhares deles vieram me saudar e ficaram em pé a um lado. Então, eles disseram: ‘Senhor, faz noventa e um éons desde que o Buda Vipassi surgiu no mundo. ... (igual aos versos 3.29-30).

3.33. “E assim é, *bhikkhus*, que tendo penetrado o elemento do Dhamma, o *Tathagata* se recorda dos Budas do passado que realizaram o *parinibbana*, eliminaram [o emaranhado da] proliferação, cortaram o desejo, deram fim ao ciclo e superaram todo o sofrimento; ele se recorda dos nascimentos deles, dos seus nomes, dos seus clãs, dos seus pares de discípulos, das suas congregações: ‘Esses Abençoados nasceram assim, foram chamados assim, o clã deles era assim, as suas virtudes eram assim, o estado deles [de concentração] era assim, a sabedoria deles era assim, a sua permanência [nas realizações] era assim, a libertação deles foi assim.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 15 Mahanidana Sutta

### O Grande Discurso da Origem Dependente

Origem Dependente - o princípio central dos ensinamentos do Buda

1. Assim ouvi. Certa ocasião o Abençoado estava entre os Kurus em uma cidade denominada Kammasadhamma, então o Venerável Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse:

“É maravilhoso e admirável, Venerável senhor, que essa origem dependente seja tão profunda e difícil de ser vista, no entanto para mim ela parece tão simples, clara como a luz do dia.”

“Não diga isso, Ananda! Não diga isso, Ananda! Esta origem dependente é um ensinamento profundo, difícil de ser visto. É por não entender, não compreender e não penetrar de forma completa este ensinamento que os seres ficam confusos como um novelo embaraçado, como uma corda embolada cheia de nós, como juncos enredados, e não conseguem escapar da transmigração, dos planos de miséria, dos destinos ruins, dos mundos inferiores.

2. “Ananda, se alguém for perguntado: ‘O envelhecimento e morte surgem devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o envelhecimento e morte?’ a resposta deveria ser: ‘Com o nascimento como condição surge o envelhecimento e morte.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘O nascimento surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o nascimento?’ A resposta deveria ser: ‘Com o ser/existir como condição surge o nascimento.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘O ser/existir surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o ser/existir?’ A resposta deveria ser: ‘Com o apego como condição surge o ser/existir.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘O apego surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o apego?’ A resposta deveria ser: ‘Com o desejo como condição surge o apego.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘O desejo surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o desejo?’ A resposta deveria ser: ‘Com a sensação como condição surge o desejo.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘A sensação surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge a sensação?’ A resposta deveria ser: ‘Com o contato como condição surge a sensação.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘O contato surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge o contato?’ A resposta deveria ser: ‘Com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge o contato.’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘A mentalidade-materialidade (nome e forma) surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge a mentalidade-materialidade (nome e forma)?’ A resposta deveria ser: ‘Com a consciência como condição surge a mentalidade-materialidade (nome e forma).’

“Ananda, se alguém for perguntado: ‘A consciência surge devido a uma condição específica?’ A resposta deveria ser: ‘Sim.’ Se alguém for perguntado: ‘Através de qual condição surge a consciência?’ A resposta deveria ser: ‘Com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge a consciência.’

3. “Portanto Ananda, com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge a consciência; com a consciência como condição surge a mentalidade-materialidade (nome e forma); com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge o contato; com o contato como condição surge a sensação; com a sensação como condição surge o desejo; com o desejo como condição surge o apego; com o apego como condição surge o ser/existir; com o ser/existir como condição surge o nascimento; e com o nascimento como condição surgem o envelhecimento e morte, tristeza, lamentação dor, angústia e desespero. Essa é a origem de toda essa massa de sofrimento.

### **Envelhecimento e Morte**

4. “Foi dito: ‘Com o nascimento como condição surge o envelhecimento e morte.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum nascimento de qualquer tipo em nenhum lugar – isto é, de *devas* no mundo dos *devas*, fantasmas famintos, demônios, seres humanos, quadrúpedes, animais com asas e répteis, cada um no seu próprio mundo – se não houvesse nenhum nascimento de seres de qualquer tipo em nenhum mundo, então, com a completa ausência de nascimento, com a cessação do nascimento, haveria como discernir o envelhecimento e morte?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o envelhecimento e morte, isto é, o nascimento.

### **Nascimento**

5. “Foi dito: ‘Com o ser/existir como condição surge o nascimento.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum ser/existir de qualquer tipo em nenhum lugar, isto é, não houvesse ser/existir no reino da esfera sensual, ser/existir no reino da forma, ou ser/existir no reino sem forma – então, com a completa ausência de ser/existir, com a cessação do ser/existir, haveria como discernir o nascimento?” [lxx](#)

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o nascimento, isto é, o ser/existir.”

### **Ser/existir**

6. “Foi dito: ‘Com o apego como condição surge o ser/existir.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum apego de qualquer tipo em nenhum lugar, isto é, nenhum apego a prazeres sensuais, apego a idéias, apego a preceitos e rituais ou apego a idéias da existência de um eu – então, com a completa ausência do apego, com a cessação do apego, haveria como discernir o ser/existir?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o ser/existir, isto é, o apego.”

### **Apego**

7. “Foi dito: ‘Com o desejo como condição surge o apego.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum desejo de qualquer tipo em nenhum lugar, isto é, nenhum desejo por formas visíveis, desejo por sons, desejo por aromas, desejo por sabores, desejo por tangíveis ou desejo por objetos mentais – então, com a completa ausência do desejo, com a cessação do desejo, haveria como discernir o apego?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o apego, isto é, o desejo.”

### **Desejo**

8. “Foi dito: ‘Com a sensação como condição surge o desejo.’ <sup>lxxi</sup> Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhuma sensação de qualquer tipo em nenhum lugar, isto é, nenhuma sensação originada do contato no olho, nenhuma sensação originada do contato no ouvido, nenhuma sensação originada do contato no nariz, nenhuma sensação originada do contato na língua, nenhuma sensação originada do contato no corpo, nenhuma sensação originada do contato na mente – então, com a completa ausência da sensação, com a cessação da sensação, haveria como discernir o desejo?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o desejo, isto é, a sensação.

### **Dependente do Desejo**

9. “Então, Ananda, na dependência do desejo surge o apego; na dependência do apego surge a busca; na dependência da busca surge o ganho; na dependência do ganho surge a decisão; na dependência da decisão surge o desejo e cobiça; na dependência do desejo e cobiça surge o apego; na dependência do apego surge a posse; na dependência da posse surge a mesquinharia; na dependência da mesquinharia surge a salvaguarda; e devido à salvaguarda, muitos fenômenos ruins e prejudiciais surgem – tomar clavas e armas, conflitos, brigas e disputas, linguagem ofensiva, difamação e falsidades. [lxxii](#)

10. “Foi dito: ‘Devido à salvaguarda, muitos fenômenos ruins e prejudiciais surgem – tomar clavas e armas, conflitos, brigas e disputas, linguagem ofensiva, difamação e falsidades.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhuma salvaguarda de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência de salvaguardas, com a cessação de salvaguardas, aqueles vários fenômenos ruins e prejudiciais surgiriam?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para aqueles vários fenômenos ruins e prejudiciais, isto é, as salvaguardas.

11. “Foi dito: ‘Na dependência da mesquinharia surge a salvaguarda,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhuma mesquinharia de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência da mesquinharia, com a cessação da mesquinharia, haveria como discernir a salvaguarda?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a salvaguarda, isto é, a mesquinharia.

12. “Foi dito: ‘Na dependência da posse surge a mesquinharia’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhuma posse de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência da posse, com a cessação da posse, haveria como discernir a mesquinharia?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a mesquinharia, isto é, a posse.

13. “Foi dito: ‘Na dependência do apego surge a posse,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum apego de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência do apego, com a cessação do apego, haveria como discernir a posse?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a posse, isto é, o apego.

14. “Foi dito: ‘Na dependência do desejo e cobiça surge o apego,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum desejo e cobiça de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência do desejo e cobiça, com a cessação do desejo e cobiça, haveria como discernir o apego?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o apego, isto é, o desejo e cobiça.

15. “Foi dito: ‘Na dependência da decisão surge o desejo e cobiça.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhuma decisão de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência da decisão, com a cessação da decisão, haveria como discernir o desejo e cobiça?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o desejo e cobiça, isto é, a decisão.

16. “Foi dito: ‘Na dependência do ganho surge a decisão,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum ganho de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência do ganho, com a cessação do ganho, haveria como discernir a decisão?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a decisão, isto é, o ganho.

17. “Foi dito: ‘Na dependência da busca surge o ganho,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente

nenhuma busca de qualquer tipo em nenhum lugar, então, com a completa ausência da busca, com a cessação da busca, haveria como discernir o ganho?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o ganho, isto é, a busca.

18. “Foi dito: ‘Na dependência do desejo surge a busca,’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum desejo de qualquer tipo em nenhum lugar – isto é, nenhum desejo por prazeres sensuais, desejo por existir ou desejo por não existir - então, com a completa ausência do desejo, com a cessação do desejo, haveria como discernir a busca?

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a busca, isto é, o desejo.

“Assim, Ananda, esses dois fenômenos, sendo uma dualidade, convergem para uma unidade na sensação. [lxxiii](#)

### **Sensação**

19. “Foi dito: ‘Com o contato como condição surge a sensação.’ [lxxiv](#) Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se não houvesse absolutamente e completamente nenhum contato de qualquer tipo em nenhum lugar, isto é, nenhum contato no olho, nenhum contato no ouvido, nenhum contato no nariz, nenhum contato na língua, nenhum contato no corpo, nenhum contato na mente – então, com a completa ausência do contato, com a cessação do contato, haveria como discernir a sensação?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a sensação, isto é, o contato.

### **Contato**

20. “Foi dito: ‘Com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge o contato.’ [lxxv](#) Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se aquelas qualidades, sinais, detalhes e indicadores, através dos quais há a conceituação de um corpo mental (atividade mental), estiverem todas ausentes, haveria como discernir o contato de designação no corpo material, (corpo físico)?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Se aquelas qualidades, sinais, detalhes e indicadores, através dos quais há a conceituação de um corpo material, estiverem todas ausentes, haveria como discernir o contato de colisão no corpo mental?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Se aquelas qualidades, sinais, detalhes e indicadores, através dos quais há a conceituação de um corpo mental e de um corpo material, estiverem todas ausentes, haveria como discernir ou o contato de designação, ou o contato de colisão?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Se aquelas qualidades, sinais, detalhes e indicadores, através dos quais há a conceituação da mentalidade-materialidade (nome e forma), estiverem todas ausentes, haveria como discernir o contato?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para o contato, isto é, a materialidade (nome e forma)-mentalidade.

### **Mentalidade-materialidade (nome e forma)**

21. “Foi dito: ‘Com a consciência como condição surge a mentalidade-materialidade (nome e forma).’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se a consciência não se estabelecesse no ventre da mãe, a mentalidade-materialidade (nome e forma) se estabeleceria no ventre?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

“Se, após se estabelecer no ventre, a consciência fosse embora, a mentalidade-materialidade (nome e forma) seria gerada nesse novo ser?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

“Se a consciência de um jovem ou uma jovem fosse interrompida, a mentalidade-materialidade (nome e forma) cresceria, se desenvolveria e alcançaria a maturidade?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para mentalidade-materialidade (nome e forma), isto é, a consciência.

22. “Foi dito: ‘Com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge a consciência.’ Isso, Ananda, deve ser compreendido desta forma: Se a consciência não pudesse se estabelecer na mentalidade-materialidade (nome e forma), haveria como discernir a origem dessa massa de sofrimento de futuros nascimentos, envelhecimento e morte?”

“Com certeza não, Venerável senhor.”

“Então, Ananda, essa é a causa, a fonte, a origem e condição para a consciência, isto é, a mentalidade-materialidade (nome e forma). [lxxvi](#)

“Essa é a extensão, Ananda, na qual há o nascimento, envelhecimento, morte, falecimento e renascimento. Essa é a extensão na qual há meios de designação, de linguagem, de conceituação. Essa é a extensão na qual se estende a esfera para a sabedoria, a extensão na qual o ciclo gira para a manifestação (discernimento) deste mundo, isto é, a mentalidade-materialidade (nome e forma) junto com a consciência. [lxxvii](#)

### **Descrições do Eu [lxxviii](#)**

23. “De que formas, Ananda, alguém descrevendo o eu, o descreve? Descrevendo o eu como tendo forma e finito, ele o descreve assim: ‘Meu eu possui forma e é finito.’ Ou descrevendo o eu como tendo forma e infinito, ele o descreve assim: ‘Meu eu possui forma e é infinito.’ Ou descrevendo o eu como sem forma e finito, ele o descreve assim: ‘Meu eu é sem forma e finito.’ Ou descrevendo o eu como sem forma e infinito, ele o descreve assim: ‘Meu eu é sem forma e infinito.’”

24. “Nesse sentido, Ananda, aquele que descreve o eu como tendo forma e finito, ou ele descreve esse eu [como apenas existindo] no presente, ou ele o descreve com tal natureza que este irá [naturalmente] se tornar possuído de forma e finito [no futuro/após a morte], ou ele acredita que ‘Embora ainda não seja desse modo, eu o converterei de modo que seja assim.’ Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como tendo forma e finito está por trás disso.

“Aquele que descreve o eu como tendo forma e infinito ou ele descreve esse eu... (igual acima). Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como tendo forma e infinito está por trás disso.

“Aquele que descreve o eu como sem forma e finito ou ele descreve esse eu... (igual acima). Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como sendo sem forma e finito está por trás disso.

“Aquele que descreve o eu como sendo sem forma e infinito ou ele descreve esse eu [como apenas existindo] no presente, ou ele o descreve com tal natureza que este irá [naturalmente] se tornar possuído de forma e finito [no futuro/após a morte], ou ele acredita que ‘Embora ainda não seja desse modo, eu o converterei de modo que seja

assim.'. Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como sendo sem forma e infinito está por trás disso.

“É dessa forma, Ananda, que alguém descrevendo o eu, o descreve.

### **Não Descrições do Eu**

25. “De que forma, Ananda, alguém não descrevendo o eu, não o descreve? Não descrevendo o eu como tendo forma e finito, ele não o descreve assim: ‘Meu eu possui forma e é finito.’ Ou não descrevendo o eu como tendo forma e infinito, ele não o descreve assim: ‘Meu eu possui forma e é infinito.’ Ou não descrevendo o eu como sem forma e finito, ele não o descreve assim: ‘Meu eu é sem forma e finito.’ Ou não descrevendo o eu como sem forma e infinito, ele não o descreve assim: ‘Meu eu é sem forma e infinito.’”

26. “Nesse sentido, Ananda, aquele que não descreve o eu como tendo forma e como finito, não descreve esse eu [como apenas existindo] no presente, nem o descreve com tal natureza que este irá [naturalmente] se tornar possuído de forma e finito [no futuro/após a morte], nem acredita que 'Embora ainda não seja desse modo, eu o converterei de modo que seja assim.' Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como tendo forma e finito não está por trás disso.

“Aquele que não descreve o eu como tendo forma e infinito, não descreve esse eu... (igual acima). Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como tendo forma e infinito não está por trás disso.

“Aquele que não descreve o eu como sendo sem forma e finito, não descreve esse eu... (igual acima). Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como sendo sem forma e limitado não está por trás disso.

“Aquele que não descreve o eu como sendo sem forma e infinito, não descreve esse eu [como apenas existindo] no presente, nem o descreve com tal natureza que este irá [naturalmente] se tornar possuído de forma e finito [no futuro/após a morte], nem acredita que 'Embora ainda não seja desse modo, eu o converterei de modo que seja assim.' Em sendo assim, pode ser apropriado dizer que uma idéia estabelecida [de um eu] como sendo sem forma e infinito não está por trás disso.

“É dessa forma, Ananda, que alguém não descrevendo o eu, não o descreve.

### **Pressuposições do eu [lxxix](#)**

27. “De que formas, Ananda, alguém pressupondo [a idéia de] um eu, o pressupõe? Alguém que pressupõe [a idéia de] um eu, ou pressupõe a sensação como o eu, dizendo: ‘A sensação é o meu eu.’ Ou ele pressupõe: ‘A sensação não é o meu eu; meu eu não experimenta sensações.’ Ou ele pressupõe: ‘A sensação não é o meu eu, mas o

meu eu não está sem a experiência da sensação. Meu eu sente; pois o meu eu está sujeito à sensação.' [lxxx](#)

28. “Nesse sentido, Ananda, aquele que diz ‘A sensação é o meu eu’ deveria ser perguntado: ‘Amigo, existem esses três tipos de sensação: sensação prazerosa, sensação dolorosa e sensação nem prazerosa, nem dolorosa. Desses três tipos de sensação, qual delas você considera como o eu?’

“Ananda, na ocasião em que alguém experimenta uma sensação prazerosa, ele, naquela mesma ocasião, não experimenta uma sensação dolorosa, ou uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa; naquela ocasião ele experimenta apenas uma sensação prazerosa. Na ocasião em que alguém experimenta uma sensação dolorosa, ele, naquela mesma ocasião, não experimenta uma sensação prazerosa, ou uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa; naquela ocasião ele experimenta apenas uma sensação dolorosa. Na ocasião em que alguém experimenta uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, ele, naquela mesma ocasião não experimenta uma sensação prazerosa, ou uma sensação dolorosa; naquela ocasião ele experimenta apenas uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa.

29. “Ananda, a sensação prazerosa é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, a decair, desaparecer e cessar. A sensação dolorosa é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, a decair, desaparecer e cessar. A sensação nem prazerosa, nem dolorosa é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, a decair, desaparecer e cessar.

“Se, ao experimentar uma sensação prazerosa, alguém pensa: ‘Este é o meu eu,’ então com a cessação daquela sensação prazerosa ele pensaria: ‘Meu eu desapareceu.’ Se, ao experimentar uma sensação dolorosa, alguém pensa: ‘Este é o meu eu,’ então com a cessação daquela sensação dolorosa ele pensaria: ‘Meu eu desapareceu.’ Se, ao experimentar uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, alguém pensa: ‘Este é o meu eu,’ então com a cessação daquela sensação nem prazerosa, nem dolorosa ele pensaria: ‘Meu eu desapareceu.’

“Assim aquele que diz ‘A sensação é o meu eu’ pressupõe como eu algo que, até mesmo no aqui e agora, é impermanente, uma mistura de prazer e dor e sujeito ao surgimento e à cessação. Por conseguinte, Ananda, devido a isso não é aceitável que se pressuponha: ‘A sensação é o meu eu.’

30. “Ananda, aquele que diz ‘A sensação não é o meu eu; meu eu não experimenta sensações’ – ele deveria ser perguntado: ‘Amigo, onde não há absolutamente nada para ser sentido, a idéia “Eu sou” poderia ocorrer?’

“Com certeza não, Venerável senhor,”

Por conseguinte, Ananda, devido a isso não é aceitável que se pressuponha: ‘A sensação não é o meu eu; meu eu não experimenta sensações.’

31. “Ananda, aquele que diz ‘A sensação não é o meu eu, mas o meu eu não está sem a experiência da sensação. Meu eu sente; pois o meu eu está sujeito à sensação’ - ele deveria ser perguntado: ‘Amigo, se a sensação cessasse completamente e totalmente sem deixar nenhum vestígio, então, com a completa ausência de sensações, com a cessação das sensações, a idéia “Eu sou isso” poderia ocorrer?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

Por conseguinte, Ananda, devido a isso não é aceitável que se pressuponha: ‘A sensação não é o meu eu, mas o meu eu não está sem a experiência da sensação. Meu eu sente; pois o meu eu está sujeito à sensação.’

32. “Ananda, quando um *bhikkhu* não pressupõe a sensação como sendo o eu e não pressupõe o eu como desprovido da experiência das sensações e não pressupõe: ‘Meu eu sente; pois meu eu está sujeito às sensações’ – então, sem ter essas pressuposições, ele não se apega a nada no mundo. Não se apegando, ele não fica agitado. Sem estar agitado, ele realiza *nibbana*. Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

“Ananda, se alguém dissesse de um *bhikkhu*, cuja mente foi dessa forma libertada, que ele possui a idéia de que ‘Um *Tathagata* existe após a morte’ – isso não seria apropriado ou se ele possuir a idéia de que ‘Um *Tathagata* não existe após a morte’ – isso não seria apropriado; ou se ele possuir a idéia de que ‘Um *Tathagata* tanto existe como não existe após a morte’ – isso não seria apropriado; ou se ele possuir a idéia de que ‘Um *Tathagata* nem existe, nem não existe após a morte’ – isso não seria apropriado. Por que? Tendo o conhecimento direto da extensão da designação e da extensão dos objetos de designação, da extensão da linguagem e da extensão dos objetos de linguagem, da extensão da conceituação e da extensão dos objetos de conceituação, da extensão da sabedoria e da extensão dos objetos da sabedoria, da extensão na qual o ciclo gira: tendo o conhecimento direto disso o *bhikkhu* está libertado. Dizer que - ‘um *bhikkhu* que está libertado, tendo o conhecimento direto disso, não sabe e não vê, é a sua opinião’ – não seria apropriado.

### **As sete estações da Consciência**

33. “Ananda, existem essas sete estações da consciência e duas bases. Quais são as sete?

“Existem, Ananda, seres que são diversos no corpo e diversos na percepção, tais como os seres humanos, alguns *devas* e alguns seres nos planos inferiores. Essa á primeira estação da consciência.

“Existem seres que são diversos no corpo mas idênticos na percepção, tal como os *devas* do cortejo de *Brahma* que são gerados através do primeiro *jhana*. Essa é a segunda estação da consciência.

“Existem seres que são idênticos no corpo mas diversos na percepção, tal como os *devas* do *Abhassara*. Essa é a terceira estação da consciência.

“Existem seres que são idênticos no corpo e idênticos na percepção, tal como os *devas* do *Subhakinna*. Essa é a quarta estação da consciência.

“Existem seres que, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ entram e permanecem na base do espaço infinito. Essa é a quinta estação da consciência.

“Existem seres que, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ entram e permanecem na base da consciência infinita. Essa é a sexta estação da consciência.

“Existem seres que, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ entram e permanecem na base do nada. Essa é a sétima estação da consciência.

“A base de seres não perceptivos e a base da nem percepção, nem não percepção – essas são as duas bases.

34. “Por conseguinte, Ananda, se alguém compreende a primeira estação da consciência, aquela dos seres diversos no corpo e diversos na percepção e se ele compreende a sua origem, a sua cessação, a sua gratificação, o seu perigo e a sua escapatória, é apropriado que ele busque prazer nisso?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

“Se alguém compreende as demais estações da consciência ... a base dos seres não perceptivos ... a base da nem percepção, nem não percepção e se ele compreende a sua origem, a sua cessação, a sua gratificação, o seu perigo e a sua escapatória, é apropriado que ele busque prazer nisso?”

“Com certeza não, Venerável senhor,”

“Ananda, quando um *bhikkhu* – tendo compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória em relação a essas sete estações da consciência e as duas bases – está libertado através do desapego, então ele é chamado de um *bhikkhu* libertado através da sabedoria.

**As oito libertações** [lxxxi](#)

35. “Ananda, existem essas oito libertações. Quais são as oito?”

Possuindo forma, ele vê a forma: essa é a primeira libertação. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior: essa é a segunda libertação. Ele está decidido apenas pelo belo: essa é a terceira libertação. Com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente que o ‘espaço é infinito,’ ele entra e permanece na base do espaço infinito: essa é a quarta libertação. Com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ ele entra e permanece na base da consciência infinita: essa é a quinta libertação. Com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ ele entra e permanece na base do nada: essa é a sexta libertação. Com a completa superação da base do nada, ele entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção: essa é a sétima libertação. Com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, ele entra e permanece na cessação da sensação e percepção: essa é a oitava libertação.”

36. “Ananda, quando um *bhikkhu* alcança essas oito libertações na seqüência para diante, na seqüência para trás e em ambas as seqüências, para diante e para trás; quando ele as alcança e emerge delas quando quiser, do modo que quiser e por quanto tempo quiser e quando, com a eliminação das impurezas mentais, ele permanece num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora, então ele é chamado de um *bhikkhu* que está libertado de ambas as formas. E, Ananda, não existe outra libertação de ambas as formas mais elevada ou mais sublime do que essa.”

Isto foi o que o Abençoado disse. O Venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *16 Mahaparinibbana Sutta*

### *O Grande Discurso do Parinibbana*

O relato dos últimos dias da vida do Buda, o seu falecimento e a distribuição das suas relíquias

1.1. Assim ouvi. [lxxxii](#) Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha na montanha do Pico do Abutre. Naquela ocasião, o Rei Ajatasattu Vedehiputta desejava guerrear com os Vajjias. [lxxxiii](#) Ele disse: “Atacarei os Vajjias que são muito fortes e poderosos. Irei aniquilá-los e destruí-los, causar-lhes-ei ruína e destruição!”

1.2. E o Rei Ajatasattu disse para o seu primeiro-ministro, o *Brâmane* Vassakara: “*Brâmane*, vá até o Abençoado e preste uma homenagem em meu nome, com a sua

cabeça aos pés dele e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto, dizendo: ‘Venerável senhor, o Rei Ajatasattu Vedehiputta de Magadha deseja atacar os Vajjias e diz: “Atacarei os Vajjias ... causar-lhes-ei ruína e destruição!” E o que quer que o Abençoado diga, relate-o fielmente para mim, pois os *Tathagatas* nunca mentem.”

1.3. “Muito bem, Venerável senhor,” disse Vassakara e tendo preparado as carruagens reais, ele montou numa delas e saiu com toda a pompa da realeza de Rajagaha em direção ao Pico do Abutre. Ele foi até onde a estrada permitia e depois continuou a pé até onde o Abençoado estava e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele se sentou a um lado e relatou a mensagem do Rei.

1.4. Agora, o Venerável Ananda estava em pé atrás do Abençoado, ventilando-o. O Abençoado disse:

“Ananda, você ouviu dizer que os Vajjias se reúnem em assembléia regular e frequentemente?”

“Eu ouvi que eles assim o fazem.”

“Ananda, enquanto os Vajjias se reunirem em assembléias com frequência e regularmente, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem. Você ouviu dizer que os Vajjias se reúnem em harmonia, se separam em harmonia e conduzem os seus negócios em harmonia?”

“Eu ouvi, Venerável senhor, que eles assim o fazem.”

“Ananda, enquanto os Vajjias se reunirem em harmonia, se separarem em harmonia e conduzirem os seus negócios em harmonia, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem. Você ouviu dizer que os Vajjias não permitem aquilo que ainda não foi autorizado e não restringem aquilo que foi autorizado, mas prosseguem de acordo com aquilo que foi autorizado na sua tradição ancestral?”

“Eu ouvi, Venerável senhor”

“... Você ouviu dizer que eles honram, respeitam, reverenciam e saúdam os seus anciãos e consideram que a eles se deve dar ouvidos? ... que eles não raptam à força as mulheres e as filhas dos outros e as obrigam a viver com eles? ... que eles honram, respeitam, veneram e saúdam os santuários Vajjias dentro das cidades e fora delas, não retirando o apoio adequado feito e dado anteriormente? ... que medidas adequadas são tomadas para a segurança dos *arahants*, para que esses *arahants* possam viver lá no futuro, e que aqueles que lá vivem possam permanecer com conforto?”

“Eu ouvi, Venerável senhor.”

“Ananda, enquanto medidas adequadas forem tomadas para a segurança dos *arahants*, para que esses *arahants* possam viver lá no futuro, e que aqueles que lá vivem possam permanecer com conforto é de se esperar que eles prosperem e não que declinem.”

1.5. Então, o Abençoado disse para o *Brâmane* Vassakara:

“Certa vez, *Brâmane*, quando eu estava no Santuário Sarandada em Vesali, eu ensinei aos Vajjias esses sete princípios para prevenir o declínio e enquanto eles mantiverem esses sete princípios, enquanto esses princípios permanecerem vigentes, é de se esperar que os Vajjias prosperem e não que declinem.”

Em vista disso, Vassakara respondeu: “Venerável Gotama, se os Vajjias mantiverem mesmo que um desses princípios, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem – quanto mais todos os sete. Com certeza os Vajjias nunca serão conquistados pelo Rei Ajatasattu através da força das armas, mas sim através da propaganda e colocando-os uns contra os outros. E agora, Venerável Gotama, estou muito ocupado e tenho muito que fazer.”

“*Brâmane*, faça como julgar adequado.” Então, Vassakara, satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento e partiu.

1.6. Pouco tempo depois de Vassakara haver partido o Abençoado disse:

“Ananda, vá até os *bhikkhus* que se encontram em Rajagaha e convoque-os para o salão de assembléias.”

“Muito bem, Venerável senhor,” Ananda disse e assim fez. Então, ele voltou até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficou em pé a um lado e disse: “Venerável senhor, a ordem dos *bhikkhus* está reunida. Agora é o momento para o Abençoado fazer o que julgar adequado.”

Então, o Abençoado levantou do seu assento, foi até o salão de assembléias e sentou num assento que havia sido preparado e disse: “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês sete coisas que conduzem ao bem-estar. Ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte::

“Enquanto os *bhikkhus* se reunirem em assembléia com freqüência e regularmente, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem ... se reunirem em harmonia, se separarem em harmonia e conduzirem os seus afazeres em harmonia ... não permitirem aquilo que ainda não foi autorizado e não abolirem aquilo que foi autorizado, mas prosseguirem de acordo com aquilo que foi autorizado nas regras de treinamento ... honrarem, respeitarem, reverenciarem e saudarem os *bhikkhus*

seniores que foram ordenados há muito tempo, os pais e líderes da ordem ... não forem uma presa dos desejos que neles surgirem e que conduzem ao renascimento ... se dedicarem a viver nas florestas ... mantiverem a sua atenção plena estabelecida, para que no futuro os bons companheiros venham até eles, e aqueles que já vieram se sintam bem na companhia deles ... enquanto os *bhikkhus* mantiverem essas sete coisas e forem vistos fazendo isso, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem.

1.7. “Eu ensinarei para vocês outras sete coisas que conduzem ao bem-estar. Ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

“Contanto que os *bhikkhus* não se regozijem, não se deliciem e não fiquem absortos em atividades, conversas, sono e convívio social ... não abriguem ou fiquem sob a influência de desejos inábeis e prejudiciais ... não tenham amigos, colegas ou companheiros prejudiciais ... não fiquem satisfeitos com realizações parciais; contanto que os *bhikkhus* mantenham essas sete coisas e sejam vistos agindo assim, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem.

1.8. “Eu ensinarei para vocês outras sete coisas ... Enquanto os *bhikkhus* mantiverem a fé, a vergonha e o temor de cometer transgressões, o aprendizado, a energia estimulada, a atenção plena estabelecida, a sabedoria ...

1.9. “Eu ensinarei para vocês outras sete coisas ... Enquanto os *bhikkhus* desenvolverem os fatores da iluminação: da atenção plena, da investigação dos fenômenos, da energia, do êxtase, da tranquilidade, da concentração, da equanimidade ...

1.10. “Eu ensinarei para vocês outras sete coisas que conduzem ao bem-estar ... Enquanto os *bhikkhus* desenvolverem a percepção da impermanência, do não-eu, da repulsa (do corpo), dos perigos (do corpo), do abandono, do desapego, da cessação ... é de se esperar que eles prosperem e não que declinem.

1.11. “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês seis coisas que conduzem à vida em comunidade. Enquanto os *bhikkhus*, tanto em público como em particular, praticarem ações com amor bondade com o corpo, linguagem e mente para com os seus companheiros na vida santa ... compartilhem com os seus virtuosos companheiros qualquer coisa que recebam como oferendas apropriadas, inclusive o conteúdo das suas tigelas de esmolar, sem guardar apenas para si ... observar consistentemente, sem alteração e ininterruptamente aquelas regras de conduta que são imaculadas, que conduzem à libertação, elogiadas pelos sábios, puras e que conduzem à concentração, e perseverar nisso juntamente com os seus companheiros, tanto em público como em particular ... continuar com o entendimento nobre que conduz à libertação, à completa destruição do sofrimento, permanecendo com esse insight juntamente com os seus companheiros, tanto em

público como em particular; Enquanto os *bhikkhus* mantiverem essas seis coisas e forem vistos fazendo isso, é de se esperar que eles prosperem e não que declinem.”

1.12. Então, enquanto o Abençoado estava na montanha do Pico do Abutre, ele freqüentemente aconselhava os *bhikkhus* desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria. A concentração quando imbuída da virtude, traz grandes frutos e benefícios. A sabedoria, quando imbuída da concentração, traz grandes frutos e benefícios. A mente imbuída de sabedoria se liberta completamente das impurezas, isto é, da impureza do desejo sensual, de ser/existir, do entendimento incorreto e da ignorância.”

1.13. E quando o Abençoado tinha permanecido em Rajagaha pelo tempo que desejava, ele disse para o Venerável Ananda: “Venha, Ananda, vamos para Ambalattika.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda, e o Abençoado foi para lá com uma grande comitiva de *bhikkhus*.

1.14. E o Abençoado ficou no parque real em Ambalattika, e lá também ele freqüentemente aconselhava os *bhikkhus* desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria ...” (igual ao verso 1.12).

1.15. Tendo permanecido em Ambalattika pelo tempo que desejava, ele disse para o Venerável Ananda: “Vamos para Nalanda,” e assim eles fizeram. Em Nalanda o Abençoado ficou no manguezal de Pavarika.

1.16. Então, o Venerável Sariputta foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.”

“Sublime de fato é essa sua afirmação bramada, Sariputta, você rugiu o definitivo e categórico rugido do leão: ‘Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.’ Você agora, Sariputta, compreendeu com a sua mente as mentes de todos os *arahants*, os Perfeitamente Iluminados, que surgiram no passado e assim compreendeu: ‘Esses Abençoados tinham tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação?’”

“Não, Venerável senhor.”

“Então, Sariputta, você compreendeu com a sua mente as mentes de todos os *arahants*, os Perfeitamente Iluminados, que surgirão no futuro e assim

compreendeu: ‘Esses Abençoados terão tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação?’”

“Não, Venerável senhor.”

“Então, Sariputta, você compreendeu com a sua mente a minha própria mente – eu sendo no momento o *arahant*, o Perfeitamente Iluminado - e assim compreendeu: ‘O Abençoado tem tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação?’”

“Não, Venerável senhor.”

“Sariputta, se você não tem o conhecimento compreendendo as mentes dos *arahants*, os Perfeitamente Iluminados do passado, do futuro e do presente, porque você faz essa sublime afirmação bramada e ruge o definitivo e categórico rugido do leão: ‘Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.’”

1.17. “Eu não tenho, Venerável senhor, o conhecimento compreendendo as mentes dos *arahants*, os Perfeitamente Iluminados do passado, do futuro e do presente, mas ainda assim compreendi isso através da inferência do Dhamma. Suponha, Venerável senhor, que um rei tivesse uma cidade fronteira com sólidas muralhas, proteções e abóbadas e com um único portão. O guardião ali postado seria sábio, competente e inteligente; alguém que não permite a entrada de desconhecidos e admite que entrem os conhecidos. Enquanto ele patrulha seguindo o caminho que circunda a cidade ele não vê uma fissura ou abertura nas muralhas grande o suficiente para permitir que mesmo um gato passe. Ele poderia pensar: ‘Qualquer criatura de bom tamanho que entre ou saia desta cidade, todas entram e saem através deste portão.’

“Do mesmo modo, Venerável senhor, eu compreendi isso através da inferência do Dhamma: Todos os *arahants*, Perfeitamente Iluminados, que surgiram no passado, todos esses Abençoados primeiro abandonaram os cinco obstáculos, corrupções da mente e enfraquecedores da sabedoria; e depois, com as suas mentes bem estabelecidas nos quatro fundamentos da atenção plena, eles desenvolveram corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma eles despertaram para a insuperável iluminação perfeita. E, Venerável senhor, todos os *arahants*, Perfeitamente Iluminados, que irão surgir no futuro, todos esses Abençoados irão primeiro abandonar os cinco obstáculos, corrupções da mente e enfraquecedores da sabedoria; e depois, com as suas mentes bem estabelecidas nos quatro fundamentos da atenção plena, eles irão desenvolver corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma despertarão para a insuperável perfeita iluminação. E, Venerável senhor, o Abençoado, que é no presente o *arahant*, o Perfeitamente Iluminado, primeiro abandonou os cinco obstáculos, corrupções da mente e enfraquecedores da sabedoria; e depois, com a sua mente bem estabelecida nos quatro fundamentos

da atenção plena, desenvolveu corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma despertou para a insuperável perfeita iluminação."

1.18. Então, enquanto estava em Nalanda, no manguezal de Pavarika, o Abençoado freqüentemente aconselhava os *bhikkhus* desta forma: "Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria ...". (igual ao verso 1.12).

1.19. Tendo permanecido em Nalanda pelo tempo que desejava, o Abençoado disse para Ananda: "Vamos para Pataligama," e assim eles fizeram.

1.20. Em Pataligama eles ouviram: "O Abençoado acaba de chegar aqui." E os discípulos leigos de Pataligama foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram-se a um lado e disseram: "Que o Abençoado concorde em visitar o nosso salão de assembléias!" E o Abençoado concordou em silêncio.

1.21. Então, quando eles viram que ele havia concordado, eles se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, foram até o salão de assembléias. Eles cobriram o salão completamente com coberturas e prepararam assentos, arranjaram um grande jarro com água e penduraram uma lamparina de azeite. Então, eles foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ficaram em pé a um lado e disseram: "Venerável senhor, o salão de assembléias foi coberto completamente com coberturas e os assentos foram preparados, um grande jarro com água foi arranjado e uma lamparina de azeite foi pendurada. Agora é o momento para o Abençoado fazer aquilo que julgar adequado."

1.22. Então, o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até o salão de assembléias. Ao chegar, ele lavou os pés e depois entrou no salão e sentou-se próximo à coluna central olhando para o leste. E os *bhikkhus* lavaram os pés e depois entraram no salão e sentaram-se na parede do lado oeste olhando para o leste, com o Abençoado à sua frente. E os discípulos leigos de Pataligama lavaram os pés e entraram no salão e sentaram-se na parede do lado leste olhando para o oeste, com o Abençoado à sua frente.

1.23. Então, o Abençoado se dirigiu aos discípulos leigos de Pataligama: "O homem imoral, chefes de família, por ter decaído da virtude, enfrenta cinco perigos. Quais são eles? Em primeiro lugar ele sofre grande perda de posses devido à sua negligência. Em segundo lugar, ele obtém má reputação devido à sua imoralidade e má conduta. Em terceiro lugar, em qualquer assembléia que ele entre, quer seja de *Khattiyas*, *Brâmanes*, chefes de família ou contemplativos, ele se comporta de modo inseguro e tímido. Em quarto lugar, ele morre confuso. Em quinto lugar, com a dissolução do corpo após a morte, ela reaparece num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Esses são os cinco perigos para aquele que é imoral.

1.24. “Cinco bênçãos, chefes de família, são obtidas pelo homem íntegro através da prática da virtude. Quais são elas? Em primeiro lugar, devido à sua diligência ele obtém muitas posses. Em segundo lugar, ele obtém boa reputação devido à sua moralidade e boa conduta. Em terceiro lugar, em qualquer assembléia que ele entre, quer seja de *Khattiyas*, *Brâmanes*, chefes de família ou contemplativos, ele se comporta de modo seguro e autoconfiante. Em quarto lugar, ele não morre confuso. Em quinto lugar, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num destino feliz, no paraíso. Essas são as cinco bênçãos para aquele que é íntegro através da prática da virtude.”

1.25. Então, o Abençoado instruiu, motivou, estimulou e encorajou os discípulos leigos de Pataligama com um discurso do Dhamma, durante a maior parte da noite. Depois ele os dispensou, dizendo: “Chefes de família, a noite quase terminou. Agora é o momento para vocês fazerem o que julgarem adequado.”

“Muito bem, Venerável senhor,” eles responderam e então se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiram. E o Abençoado passou o restante da noite no salão de assembléias vazio.

1.26. Agora, naquela ocasião, Sunidha e Vassakara, os ministros de Magadha, estavam construindo uma fortaleza em Pataligama como defesa contra os Vajjias. E ao mesmo tempo uma multidão de milhares de *devas* estava estabelecendo residência em Pataligama. E naquelas partes em que os *devas* poderosos se estabeleciam, eles faziam com que as mentes dos oficiais reais mais poderosos escolhessem aqueles lugares para se estabelecerem, e onde os *devas* intermediários e aqueles em posição inferior se estabeleciam, eles também faziam com que a mente dos oficiais com graduações correspondentes escolhessem aqueles lugares para se estabelecerem.

1.27. E o Abençoado, por meio do olho divino, que ultrapassa o humano, viu aqueles milhares de *devas* se estabelecendo em Pataligama. E, ao se levantar com o raiar do dia, ele disse para o Venerável Ananda: “Ananda, quem está construindo uma fortaleza em Pataligama?”

“Venerável senhor, Sunidha e Vassakara, os ministros de Magadha, estão construindo uma fortaleza contra os Vajjias.”

1.28. “Ananda, é como se Sunidha e Vassakara tivessem se aconselhado com os *devas* do Trinta e Três para a construção da fortaleza em Pataligama. Eu vi por meio do olho divino que milhares de *devas* estavam se estabelecendo ali ... (igual ao verso 26). Ananda, até onde se estende o reino dos nobres, até onde se estendem as suas rotas de comércio, esta será a cidade principal, Pataliputta, dispersando as suas sementes por toda parte. E Pataliputta enfrentará três perigos: do fogo, da água e da dissensão interna.”

1.29. Então, Sunidha e Vassakara foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficaram em pé a um lado e disseram: “Que o Venerável Gotama juntamente com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar amanhã uma refeição oferecida por nós!” E o Abençoado concordou em silêncio.

1.30. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Sunidha e Vassakara foram para casa e fizeram com que fossem preparados vários tipos de boa comida. Quando tudo estava pronto eles anunciaram a hora para o Abençoado: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.” Então, o Abençoado se vestiu e, carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* para a casa de Sunidha e Vassakara e sentou-se num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Sunidha e Vassakara serviram e satisfizeram o Abençoado e os *bhikkhus* com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Sunidha e Vassakara sentaram a um lado num assento mais baixo.

1.31. Estando ali sentados, o Abençoado agradeceu com estes versos:

“Onde quer que permaneça, o homem sábio  
deveria alimentar os virtuosos da vida santa.  
Tendo dado oferendas para os dignos,  
ele comparte os seus méritos com os *devas* locais.

Assim reverenciados, eles também o honram.  
Amáveis tal qual uma mãe  
em relação ao seu próprio filho, seu único filho;  
aquele que assim desfruta da graça dos *devas*,  
por eles é amado, encontra boa fortuna.”

Depois disso o Abençoado levantou do seu assento e partiu.

1.32. Sunidha e Vassakara seguiram o Abençoado de perto, dizendo: “Qualquer portão pelo qual o contemplativo Gotama saia hoje, esse será chamado de portão Gotama; e qualquer vau que ele use para cruzar o Ganges, esse será chamado vau Gotama.” E assim, o portão pelo qual o Abençoado saiu foi chamado portão Gotama.

1.33. Então, o Abençoado chegou no Rio Ganges. E justamente então, o rio estava tão cheio que um corvo poderia beber nele. E algumas pessoas estavam procurando um barco, algumas buscavam uma balsa e outras estavam amarrando juncos para formar uma balsa para cruzar até o outro lado. Mas o Abençoado, com a mesma rapidez com que um homem forte estende o seu braço que está flexionado ou flexiona o seu braço que está estendido, desapareceu desta margem do Ganges e reapareceu com o seu grupo de *bhikkhus* na outra margem.

1.34. E o Abençoado viu aquelas pessoas procurando um barco, em busca de uma balsa, amarrando juncos para formar uma balsa para cruzar até o outro lado. E ao ver o que elas queriam fazer, ele recitou este verso:

“Quando querem cruzar o mar, um lago ou lagoa,  
as pessoas constroem uma ponte ou balsa –  
os sábios já cruzaram.”

### **[Fim da primeira recitação]**

2.1. O Abençoado disse para Ananda: “Vamos para Kotigama.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda, e o Abençoado foi para Kotigama com uma grande comitiva de *bhikkhus*.

2.2. Então, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, é por não compreender, não penetrar as Quatro Nobres Verdades que eu, bem como vocês, durante muito tempo perambulamos e transmigramos neste ciclo de nascimento e morte. Quais são elas? Por não compreender a Nobre Verdade do Sofrimento é que nós perambulamos e transmigramos, por não compreender a Nobre Verdade da Origem do Sofrimento..., da Cessação do Sofrimento..., e do Caminho que conduz à Cessação do Sofrimento que nós perambulamos e transmigramos neste ciclo de nascimento e morte. E por compreender e penetrar essa mesma Nobre Verdade do Sofrimento, da Origem do Sofrimento, da Cessação do Sofrimento e do Caminho que conduz à Cessação do Sofrimento, que o desejo por ser/existir foi cortado, o suporte para o ser/existir foi destruído, não há mais vir a ser a nenhum estado.”

2.3. Tendo dito isso, o Abençoado, o Mestre disse:

“Por não ver as Quatro Nobres Verdades,  
longo e desgastante é o caminho  
de nascimento a nascimento.  
Vendo-as, a causa do nascimento é removida,  
o sofrimento desenraizado,  
o renascimento está terminado.”

2.4. Então, enquanto o Abençoado estava em Kotigama, ele aconselhava os *bhikkhus* freqüentemente desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria. A concentração quando imbuída de virtude, traz grandes frutos e benefícios. A sabedoria, quando imbuída de concentração, traz grandes frutos e benefícios. A mente imbuída de sabedoria se liberta completamente das impurezas, isto é, da impureza do desejo sensual, de ser/existir, do entendimento incorreto e da ignorância.”

2.5. Quando o Abençoado havia permanecido em Kotigama pelo tempo que desejava, ele disse para o Venerável Ananda: “Venha, Ananda, vamos para Nadika.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda, e o Abençoado foi para Nadika, ficando na Casa de Tijolos.

2.6. O Venerável Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, o *bhikkhu* Salha e a *bhikkhuni* Nanda morreram em Nadika. Qual é o destino deles, qual é o seu futuro percurso? O discípulo leigo Sudatta e a discípula leiga Sujata, os discípulos leigos Kakudha, Kalinga, Nikata, Katissabha, Tuttha, Santuttha, Bhadda e Subhadda todos eles morreram em Nadika. Qual é o destino deles, qual é o seu futuro percurso?”

2.7. “Ananda, o *bhikkhu* Salha, com a eliminação das impurezas mentais, permanece num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora. A *bhikkhuni* Nanda, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, reapareceu espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo. O discípulo leigo Sudatta, com a destruição de três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se tornou um que retorna uma vez, retornando uma vez a este mundo para dar um fim ao sofrimento. A discípula leiga Sujata, com a destruição de três grilhões, se tornou uma que entrou na correnteza, não mais destinada aos mundos inferiores, com o destino fixo, ela tem a iluminação como destino. O discípulo leigo Kakudha, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, reapareceu espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo. Da mesma forma Kalinga, Nikata, Katissabha, Tuttha, Santuttha, Bhadda e Subhadda. Ananda, em Nadika mais de cinquenta discípulos leigos, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, reapareceram espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá realizarão o *parinibbana* sem nunca mais retornarem daquele mundo. Mais de noventa, com a destruição de três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se tornaram aqueles que retornam uma vez, retornando uma vez a este mundo para dar um fim ao sofrimento. E muito mais que quinhentos, com a destruição de três grilhões, se tornaram aqueles que entraram na correnteza, não mais destinados aos mundos inferiores, com o destino fixo, eles têm a iluminação como destino.

2.8. “Não é surpreendente, Ananda, que um ser humano morra. Mas se cada vez que alguém morrer você vier me perguntar sobre o seu destino, isso criaria problemas para o *Tathagata*. Portanto, Ananda, eu ensinarei para você uma exposição do Dhamma chamada o Espelho do Dhamma, através do qual um nobre discípulo, se ele assim desejar, poderá por si próprio declarar de si mesmo: ‘Eu sou um daqueles que deu fim ao inferno, fim ao reino animal, fim ao reino dos fantasmas, fim aos planos de miséria, fim aos destinos ruins, fim aos mundos inferiores. Eu entrei na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, tenho a iluminação como destino.’

2.9. “E qual, Ananda, é esse Espelho do Dhamma, através do qual um nobre discípulo, se ele assim desejar, poderá por si próprio declarar isso de si mesmo? Aqui, Ananda, o nobre discípulo possui convicção comprovada no Buda assim: ‘O Abençoado é ... mestre de *devas* e humanos, desperto e sublime.’ Ele possui convicção comprovada no Dhamma ... na Sangha ... Ele possui as virtudes apreciadas pelos nobres – intactas ... que conduzem à concentração.

“Esse, Ananda, é o Espelho do Dhamma, através do qual um nobre discípulo ... por si próprio pode declarar de si mesmo: ‘Eu sou um daqueles que deu fim ao inferno ... Eu entrei na correnteza, ... tenho a iluminação como destino.’ (igual ao verso 8).

2.10. Então, o Abençoado, enquanto estava em Nadika, com freqüência aconselhava os *bhikkhus* desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria ...” (igual ao verso 2.4).

2.11. Quando o Abençoado havia permanecido em Nadika pelo tempo que desejava ... o Abençoado foi com uma grande comitiva de *bhikkhus* para Vesali, ficando no bosque de Ambapali.

2.12. Lá o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, um *bhikkhu* deve ter atenção plena e plena consciência, essa é a minha instrução para vocês! E como um *bhikkhu* tem atenção plena? Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... mente como mente ... objetos mentais como objetos mentais, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Assim é como um *bhikkhu* tem atenção plena.

2.13. “E como um *bhikkhu* tem plena consciência? Aqui um *bhikkhu* age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio. Assim é como um *bhikkhu* tem plena consciência. Um *bhikkhu* deve ter atenção plena e plena consciência, essa é a minha instrução para vocês!”

2.14. Agora a cortesã Ambapali ouviu que o Abençoado havia chegado em Vesali e que estava no bosque dela. Ela fez com que se preparassem as melhores carruagens e saiu de Vesali em direção ao parque. Ela foi até onde a estrada permitia e depois continuou a pé até onde estava o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ela sentou a um lado e o Abençoado a instruiu, motivou, estimulou e encorajou com um discurso do Dhamma. Estando satisfeita, Ambapali disse: “Que o Venerável Gotama concorde em aceitar amanhã uma refeição junto com a Sangha dos *bhikkhus*!” O Abençoado concordou em

silêncio, e quando Ambapali viu que ele havia concordado, ela se levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

2.15. E os Licchavis de Vesali ouviram que o Abençoado havia chegado em Vesali e que estava no parque de Ambapali. Eles fizeram com que se preparassem as melhores carruagens e saíram de Vesali. E alguns dos jovens Licchavi estavam todos em azul, com maquiagem azul, roupas azuis e adereços azuis, enquanto que outros estavam em amarelo, alguns em vermelho, alguns em branco, com maquiagem branca, roupas brancas e adereços brancos.

2.16. E Ambapali guiou a sua carruagem contra os Licchavis, eixo contra eixo, roda contra roda e canga contra canga. E eles lhe disseram: “Ambapali, por que você guia a sua carruagem assim contra nós?”

“Porque, jovens senhores, o Abençoado foi convidado junto com a Sangha dos *bhikkhus* para a refeição de amanhã.”

“Ambapali, troque essa refeição por cem mil moedas!”

“Jovens senhores, se vocês me dessem toda a Vesali com toda a sua renda eu não abriria mão de uma refeição tão importante!”

Então, os Licchavis estalaram os dedos, dizendo: “Nós fomos derrotados pela mulher da manga, [lxxxiv](#) fomos ludibriados pela mulher da manga!” E saíram em direção ao bosque de Ambapali.

2.17. E o Abençoado ao ver os Licchavis vindo à distância, disse: “*Bhikkhus*, qualquer um de vocês que não tenha visto os *devas* do Trinta e Três, olhem para esse grupo de Licchavis! Olhem bem e vocês terão uma idéia dos *devas* do Trinta e Três!”

2.18. Então, os Licchavis foram com as suas carruagens até onde a estrada permitia e depois continuaram a pé até onde estava o Abençoado e eles se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado eles sentaram a um lado e o Abençoado os instruiu, motivou, estimulou e encorajou com um discurso do Dhamma. Estando satisfeitos, eles disseram: “Que o Venerável Gotama concorde em aceitar amanhã uma refeição junto com a Sangha dos *bhikkhus*!”

“Mas, Licchavis, eu já aceitei a refeição de amanhã da cortesã Ambapali.” E os Licchavis estalaram os dedos, dizendo:

“Nós fomos derrotados pela mulher da manga, fomos ludibriados pela mulher da manga!” Depois de ficarem satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado, eles se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiram.

2.19. E quando a noite havia quase terminado, Ambapali fez com que se preparassem vários tipos de boa comida e anunciou para o Abençoado que a refeição estava pronta. Então, o Abençoado vestiu os seus mantos e carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* para a casa de Ambapali e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Ambapali serviu e satisfez o Abençoado e os *bhikkhus* com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Ambapali sentou-se a um lado, num assento mais baixo e disse: “Venerável senhor eu dou este parque para a Sangha dos *bhikkhus* tendo o Abençoado como o seu cabeça.” O Abençoado aceitou o parque e depois ele a instruiu, motivou, estimulou e encorajou com um discurso do Dhamma, depois do que ele levantou do seu assento e partiu.

2.20. Então, enquanto o Abençoado estava em Kotigama, aconselhava os *bhikkhus* freqüentemente desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria ... (igual ao verso 2.4).

2.21. Quando o Abençoado havia permanecido no bosque de Ambapali pelo tempo que desejava ... ele foi com uma grande comitiva de *bhikkhus* para o pequeno vilarejo de Beluvagamaka.

2.22. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma: “Venham, *bhikkhus*, entrem no retiro das chuvas onde quer que vocês tenham amigos, conhecidos e familiares nas proximidades de Vesali. Eu mesmo entrarei no retiro das chuvas aqui em Beluvagamaka.”

“Sim, Venerável senhor,” aqueles *bhikkhus* responderam e eles entraram no retiro das chuvas onde tinham amigos, conhecidos e familiares nas proximidades de Vesali, enquanto que o Abençoado entrou no retiro das chuvas ali mesmo em Beluvagamaka.

2.23. Então, quando o Abençoado havia entrado no retiro das chuvas, ele foi acometido por uma grave enfermidade e dores terríveis próximas da morte o assaltaram. Mas o Abençoado suportou aquilo, com atenção plena e plena consciência, sem ficar aflito. Então este pensamento ocorreu ao Abençoado: “Não é apropriado que eu realize o *parinibbana* sem ter falado com os meus assistentes e sem ter me despedido da Sangha dos *bhikkhus*. Que eu então suprima esta enfermidade através da energia e siga vivendo depois de decidir pela formação vital. Então, o Abençoado suprimiu aquela enfermidade através da energia e seguiu vivendo, tendo decidido pela formação vital.

2.24. O Abençoado então se recuperou daquela enfermidade. Pouco tempo depois dele haver se recuperado, ele saiu da sua moradia e sentou num assento que havia sido preparado à sombra atrás da habitação. Então, o Venerável Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “É esplêndido, Venerável senhor que o Abençoado esteja resistindo bem, é esplêndido que ele

tenha se recuperado! Mas, Venerável senhor, quando o Abençoado estava enfermo foi como se o meu corpo estivesse sedado, eu me senti perdido, as coisas não estavam claras para mim. Todavia, eu tinha este tanto de consolo: que o Abençoado não iria realizar o *parinibbana* sem ter feito algum pronunciamento relacionado à Sangha dos *bhikkhus*.”

2.25. “O que mais, Ananda, espera de mim a Sangha dos *bhikkhus*? Eu ensinei o Dhamma sem fazer qualquer distinção entre ensinamentos esotéricos e exotéricos, não há nada, Ananda, concernente aos ensinamentos que o *Tathagata* tenha retido até o final com o punho cerrado de um mestre que não transmite todos os ensinamentos. Se, Ananda, alguém pensar, ‘Eu assumirei o controle da Sangha dos *bhikkhus*,’ ou ‘A Sangha dos *bhikkhus* está sob o meu comando,’ é ele que deveria fazer um pronunciamento desses para a Sangha dos *bhikkhus*. Mas, o *Tathagata* não pensa assim, ‘Eu assumirei o controle da Sangha dos *bhikkhus*,’ ou ‘A Sangha dos *bhikkhus* está sob o meu comando,’ então porque deveria o *Tathagata* fazer algum pronunciamento desses para a Sangha dos *bhikkhus*?”

“Eu agora estou velho, Ananda, com a idade avançada, atribulado pelos anos, avançado na vida, já no último estágio. Este é o meu octogésimo ano. Assim como uma carroça velha é mantida por meio de ataduras, da mesma forma o corpo do *Tathagata* é mantido por meio de uma combinação de ataduras. Sempre que, Ananda, através da não atenção a todos os sinais e pela cessação de certas sensações, o *Tathagata* entra e permanece na concentração sem sinais da mente, nessa ocasião, Ananda, o corpo do *Tathagata* fica mais confortável.

2.26. “Portanto, Ananda, sejam ilhas para vocês mesmos, refúgios para vocês mesmos, não buscando nenhum refúgio externo; com o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como refúgio, buscando nenhum outro refúgio. E como, Ananda, um *bhikkhu* é uma ilha para ele mesmo, um refúgio para ele mesmo, buscando nenhum refúgio externo; com o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como o seu refúgio, buscando nenhum outro refúgio? Neste caso, Ananda, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... mente como mente ... objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Esses *bhikkhus*, Ananda, que agora ou depois que eu me for, permanecerem como uma ilha para eles mesmos, como um refúgio para eles mesmos, sem nada mais como refúgio, com o Dhamma como uma ilha, o Dhamma como refúgio, sem nada mais como refúgio, eles serão para mim os *bhikkhus* mais eminentes dentre aqueles que têm interesse em aprender.”

### **[Fim da segunda recitação]**

3.1 Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Vesali para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em

Vesali e retornado, após a refeição ele se dirigiu ao Venerável Ananda da seguinte forma: “Leve com você o seu pano para sentar, Ananda; vamos até o Santuário de Capala para passar o dia.”

“Sim, Venerável senhor,” o Venerável Ananda respondeu, e tomando o seu pano para sentar seguiu de perto atrás do Abençoado.

3.2. O Abençoado foi até o Santuário de Capala e sentou num assento que havia sido preparado. O Venerável Ananda depois de homenagear o Abençoado sentou a um lado. O Abençoado então disse para o Venerável Ananda: “Encantadora é Vesali, Ananda. Encantador é o santuário Udena, encantador é o santuário Gotamaka, encantador é o santuário Sattamba, encantador é o santuário Bahuputta, encantador é o santuário Sarandada, encantador é o santuário Capala.

3.3. “Qualquer um, Ananda, que tenha desenvolvido e cultivado as quatro bases do poder espiritual, que tenha feito delas o seu veículo, a sua base, que as tenha estabilizado, que nelas tenha se exercitado e que as tenha aperfeiçoado, poderia, se ele assim desejasse, seguir vivendo durante aquele éon ou o tempo que restasse de um éon. [lxxxv](#) O *Tathagata*, Ananda, desenvolveu e cultivou as quatro bases do poder espiritual, fez delas o seu veículo, a sua base, estabilizou-as, se exercitou nelas e aperfeiçoou-as. Se ele assim desejasse, o *Tathagata* poderia seguir vivendo durante este éon ou o tempo que resta do éon.”

3.4. Mas, embora um sinal tão óbvio tenha sido dado ao Venerável Ananda pelo Abençoado, embora uma insinuação tão óbvia lhe tenha sido feita, ele foi incapaz de compreendê-la. Ele não implorou ao Abençoado: “Venerável senhor, que o Abençoado siga vivendo durante este éon! Que o Iluminado siga vivendo durante este éon, para o bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, pelo bem, bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.” Até esse ponto a mente dele estava obcecada por *Mara*.

3.5. Uma segunda vez... Uma terceira vez... (Igual ao verso 3.4).

3.6. Então, o Abençoado se dirigiu ao Venerável Ananda: “Você pode ir, Ananda, quando lhe for conveniente.”

“Sim, Venerável senhor,” o Venerável Ananda respondeu e levantando-se do seu assento, homenageou o Abençoado e mantendo-o à sua direita, sentou ao pé de uma árvore ao lado.

3.7. Então, pouco tempo depois que o Venerável Ananda havia partido, *Mara*, o Senhor do Mal, foi até o Abençoado e disse: “Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! Que o Iluminado agora realize o *parinibbana*! Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado! Esta afirmação, Venerável senhor, foi feita pelo Abençoado: ‘Eu não realizarei o *parinibbana*, Senhor do Mal, até que eu tenha discípulos *bhikkhus* que sejam sábios, disciplinados, confiantes, libertados do

cativeiro, estudados, defensores do Dhamma, praticando de acordo com o Dhamma, praticando do modo correto, comportando-se de modo apropriado; que tenham aprendido a doutrina do mestre e sejam capazes de explicá-la, ensiná-la, proclamá-la, estabelecê-la, revelá-la, analisá-la e elucidá-la; que sejam capazes de refutar completamente com argumentos as doutrinas dos outros e que sejam capazes de ensinar o Dhamma que é eficaz.’

3.8. “Mas no momento, Venerável senhor, o Abençoado tem discípulos *bhikkhus* que são sábios... que são capazes de ensinar o Dhamma que é eficaz. Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! Que o Iluminado agora realize o *parinibbana*! Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado! E esta afirmação, Venerável senhor, foi feita pelo Abençoado: ‘Eu não realizarei o *parinibbana*, Senhor do Mal, até que eu tenha discipulas *bhikkhuni* ... até que eu tenha discípulos leigos ... até que eu tenha discipulas leigas que sejam sábias... e que sejam capazes de ensinar o Dhamma que é eficaz.’ Mas no momento, Venerável senhor, o Abençoado tem discipulas leigas que são sábias, disciplinadas, confiantes, libertadas do cativeiro, estudadas, defensoras do Dhamma, praticando de acordo com o Dhamma, praticando do modo correto, comportando-se de modo apropriado; que aprenderam a doutrina do mestre e que são capazes de explicá-la, ensiná-la, proclamá-la, estabelecê-la, revelá-la, analisá-la e elucidá-la; que são capazes de refutar completamente com argumentos as doutrinas dos outros e que são capazes de ensinar o Dhamma que é eficaz. Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! Que o Iluminado agora realize o *parinibbana*! Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado! E esta afirmação, Venerável senhor, foi feita pelo Abençoado: ‘Eu não realizarei o *parinibbana*, Senhor do Mal, até que esta minha vida santa tenha se tornado bem sucedida e próspera, extensa, popular, expandida, bem proclamada entre os *devas* e humanos.’ A vida santa do Abençoado, Venerável senhor, se tornou bem sucedida e próspera, extensa, popular, expandida, bem proclamada entre os *devas* e humanos. Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! Que o Iluminado agora realize o *parinibbana*! Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado!”

3.9. Quando isso foi dito, o Abençoado disse para *Mara* o Senhor do Mal: “Fique tranqüilo, Senhor do Mal. Não tardará muito até que ocorra o *parinibbana* do *Tathagata*. Daqui a três meses o *Tathagata* realizará o *parinibbana*.”

3.10. Então, o Abençoado, no santuário de Capala, com atenção plena e plena consciência renunciou à sua formação vital. E quando o Abençoado renunciou à sua formação vital, ocorreu um grande terremoto, assustador e aterrorizador e o estrondo de trovões sacudiram o céu. Então, tendo compreendido o significado daquilo, o Abençoado naquela ocasião recitou estes versos inspirados:

“Comparando o incomparável  
com a existência continuada,  
o sábio renunciou à formação de ser/existir.  
Regozijando-se no íntimo, concentrado, ele rompeu

a continuada existência tal qual uma armadura.”

3.11. E o Venerável Ananda pensou: “É maravilhoso, é admirável que surja esse grande terremoto, assustador e aterrorizador com estrondo de trovões que sacodem o céu! O que será que causou isso?”

3.12. Ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e perguntou sobre aquilo.

3.13. “Ananda, há oito razões, oito causas para o surgimento de um grande terremoto. Esta grande terra está estabelecida na água, a água no vento, o vento no espaço. E quando um vento forte sopra, este agita a água e devido à agitação da água a terra treme. Essa é a primeira razão.

3.14. “Em segundo lugar há algum contemplativo ou *Brâmane* que desenvolveu poderes supra-humanos ou um *deva* forte e poderoso cuja consciência terra está pouco desenvolvida e a sua consciência água é imensurável, e ele faz com que a terra se sacuda e se agite, e trema violentamente. Essa é a segunda razão.

3.15. “Outra vez, quando um *Bodhisatta* plenamente atento e plenamente consciente, falece no paraíso de Tusita e descende no ventre da sua mãe, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a terceira razão.

3.16. “Outra vez, quando um *Bodhisatta* plenamente atento e plenamente consciente, emerge do ventre da sua mãe, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a quarta razão.

3.17. “Outra vez, quando o *Tathagata* realiza a perfeita iluminação, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a quinta razão.

3.18. “Outra vez, quando o *Tathagata* coloca em movimento a Roda do Dhamma, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a sexta razão.

3.19. “Outra vez, quando o *Tathagata*, plenamente atento e plenamente consciente, renuncia à sua formação vital, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a sétima razão.

3.20. “Outra vez, quando o *Tathagata* realiza o *parinibbana*, então a terra se sacode e se agita, e treme violentamente. Essa é a oitava razão. Essas, Ananda, são as oito razões, as oito causas para o surgimento de um grande terremoto.

3.21. “Ananda, há esses oito tipos de assembléias. Quais são elas? A assembléia de *Khattiyas*, a assembléia de *Brâmanes*, de chefes de família, de contemplativos, dos *devas* dos Quatro Grandes Reis, dos *devas* do Trinta e Três, dos *Maras*, dos *Brahmas*.

3.22. “Eu me lembro bem, Ananda, das muitas centenas de assembléias de *Khattiyas* das quais eu participei; e antes que eu me sentasse com eles, conversasse com eles ou participasse da conversa deles, eu adotava a aparência e linguagem deles, qualquer que fosse. E eu os instruí, motivava, estimulava e encorajava com um discurso do Dhamma. E enquanto eu falava, eles não sabiam quem eu era e se perguntavam: “Quem é esse que fala dessa forma – um *deva* ou humano?” E tendo-os instruído dessa forma, eu desaparecia e ainda assim eles não sabiam: “Quem que acabou de desaparecer – um *deva* ou humano?”

3.23. “Eu me lembro bem de muitas centenas de assembléias de *Brâmanes*, ... de chefes de família, ... de contemplativos, ... de *devas* dos Quatro Grandes Reis, ... dos *devas* do Trinta e Três, ... dos *Maras*, ... dos *Brahmas* e ainda assim eles não sabiam: “Quem que acabou de desaparecer – um *deva* ou humano?” Essas, Ananda, são as oito assembléias.

3.24. “Ananda, há oito bases para a transcendência. Quais são as oito?”

3.25. “Percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, limitada, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a primeira base para a transcendência.

3.26. “Percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, imensurável, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a segunda base para a transcendência.

3.27. “Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, limitada, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a terceira base para a transcendência

3.28. “Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, imensurável, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a quarta base para a transcendência.

3.29. “Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul. Como uma flor de linho que é azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul ou como o tecido de Benares liso dos dois lados que é azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior... com luminosidade azul; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a quinta base para a transcendência.

3.30. “Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, amarela, de cor amarela, amarela na aparência, com luminosidade amarela. Como uma flor amarela, de cor amarela, amarela na aparência, com luminosidade amarela ou como o tecido de Benares liso dos dois lados, que é amarelo, de cor amarela, amarelo na aparência, com luminosidade amarela; assim também, não percebendo a forma no

interior, ele vê a forma no exterior... com luminosidade amarela; ao transcendê-la, ele percebe assim: 'Eu sei, eu vejo.' Essa é a sexta base para a transcendência..

3.31. "Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, vermelha, de cor vermelha, vermelha na aparência, com luminosidade vermelha. Como uma flor de hibisco, que é vermelha, de cor vermelha, vermelha na aparência, com luminosidade vermelha ou como o tecido de Benares liso dos dois lados, que é vermelho, de cor vermelha, vermelho na aparência, com luminosidade vermelha; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior... com luminosidade vermelha; ao transcendê-la, ele percebe assim: 'Eu sei, eu vejo.' Essa é a sétima base para a transcendência.

3.32. "Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, branca, de cor branca, branca na aparência, com luminosidade branca. Como a estrela da manhã, que é branca, de cor branca, branca na aparência, com luminosidade branca ou como o tecido de Benares liso dos dois lados, que é branco, de cor branca, branco na aparência, com luminosidade branca; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior...com luminosidade branca; ao transcendê-la, ele percebe assim: 'Eu sei, eu vejo.' Essa é a oitava base para a transcendência. Essas, Ananda, são as oito bases para a transcendência.

3.33. "Ananda, há essas oito libertações. Quais são as oito? Possuindo forma material, ele vê a forma: essa é a primeira libertação. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior: essa é a segunda libertação. Ele está decidido apenas pelo belo: essa é a terceira libertação. Com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente que o 'espaço é infinito,' ele entra e permanece na base do espaço infinito: essa é a quarta libertação. Com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a 'consciência é infinita,' ele entra e permanece na base da consciência infinita: essa é a quinta libertação. Com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que 'não há nada,' ele entra e permanece na base do nada: essa é a sexta libertação. Com a completa superação da base do nada, ele entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção: essa é a sétima libertação. Com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, ele entra e permanece na cessação da sensação e percepção: essa é a oitava libertação."

3.34. "Ananda, certa ocasião, eu estava em Uruvela às margens do rio Neranjara ao pé da figueira-dos-pagodes, pouco tempo depois de ter realizado a perfeita iluminação. Então *Mara*, o Senhor do Mal, veio até a mim, ficou em pé a um lado e disse: 'Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! Que o Iluminado agora realize o *parinibbana*! Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado!'

3.35. "Em vista disso, eu disse para *Mara*: 'Eu não realizarei o *parinibbana*, Senhor do Mal, até que eu tenha discípulos *bhikkhus* que sejam sábios, ... (igual ao verso 3.7)

... discípulas *bhikkhunis*... até que eu tenha discípulos leigos ... até que eu tenha discípulas leigas, que sejam sábias ... e que sejam capazes de ensinar o Dhamma que é eficaz. Eu não realizarei o *parinibbana*, Senhor do Mal, até que esta minha vida santa tenha se tornado bem sucedida e próspera, extensa, popular, expandida, bem proclamada entre os *devas* e humanos.'

3.36. "E justamente agora, hoje, Ananda, no santuário de Capala, *Mara* veio até a mim, ficou em pé a um lado e disse: 'Venerável senhor, que o Abençoado agora realize o *parinibbana*! ... Agora é o momento para o *parinibbana* do Abençoado!'

3.37. "E eu disse: 'Fique tranqüilo, Senhor do Mal. Não tardará muito até que ocorra o *parinibbana* do *Tathagata*. Daqui a três meses o *Tathagata* realizará o *parinibbana*.' Portanto agora, hoje, Ananda, no santuário de Capala, o *Tathagata* com atenção plena e plena consciência renunciou à sua formação vital."

3.38. Em vista disso, o Venerável Ananda disse: "Venerável senhor, que o Abençoado possa ficar por um éon, que o Iluminado possa ficar por um éon, para o bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos!"

"Basta, Ananda! Não implore ao *Tathagata*, porque o tempo para tais súplicas já passou!"

3.39. Uma segunda e uma terceira vez o Venerável Ananda fez o mesmo pedido. "Ananda, você tem fé na iluminação do *Tathagata*?"

"Sim, Venerável senhor."

"Então por que você incomoda o *Tathagata* com esse pedido três vezes?"

3.40. "Mas Venerável senhor, eu ouvi isso da própria boca do Abençoado, eu compreendi isso da própria boca do Abençoado: 'Qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado as quatro bases do poder espiritual ... poderia, se ele assim desejasse, seguir vivendo durante aquele éon ou o tempo que restasse de um éon.'"

"Você tem fé, Ananda?" - "Sim, Venerável senhor."

"Então, Ananda, o erro foi seu, você falhou, pois tendo sido dada uma sugestão tão clara, um sinal tão evidente pelo *Tathagata*, você não compreendeu e não implorou ao *Tathagata* para que permanecesse por um éon ... Se, Ananda, você tivesse implorado, o *Tathagata* teria recusado duas vezes, mas na terceira ele teria consentido. Portanto, Ananda, o erro foi seu, você falhou."

3.41. "Certa vez, Ananda, eu estava em Rajagaha, na Montanha do Pico do Abutre e lá eu disse: 'Ananda, encantadora é Rajagaha. Encantador é o Pico do Abutre. Qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado as quatro bases do poder espiritual ...

poderia, se ele assim desejasse, seguir vivendo durante aquele éon ...' (igual ao verso 3). Mas você, Ananda, apesar de ter sido dada uma sugestão tão clara, não compreendeu e não implorou ao *Tathagata* para que permanecesse por um éon ...

3.42. “Certa vez eu estava em Rajagaha no Parque das Figueiras ..., no Penhasco dos Ladrões ..., na Caverna Satapanni na encosta do Monte Vebhara ..., na Pedra negra na encosta do Monte Isigili ..., na encosta ao lado da Lagoa das Cobras no Bosque Frio ..., no Parque Tapoda ..., no Santuário dos Esquilos em Veluvana ..., no manguezal de Jivaka ... e também em Rajagaha no Parque do Gamo Maddakucchi.

3.43. “Em todos esses lugares eu lhe disse: “Ananda, encantador é este lugar...”

3.44. “Qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado as quatro bases do poder espiritual... poderia, se ele assim desejasse, seguir vivendo durante aquele éon ...” (igual ao verso 3)

3.45. “Certa vez eu estava em Vesali no Santuário Udena ...

3.46. “Certa vez eu estava em Vesali no Santuário Gotamaka ..., no Santuário Sattambaka ..., no Santuário Bahuputta ..., no Santuário Sarandada ...

3.47. “E agora, hoje, no Santuário de Capala eu disse: “Esses lugares são encantadores. Ananda, qualquer um que tenha desenvolvido e cultivado as quatro bases do poder espiritual ... poderia, se ele assim desejasse, seguir vivendo durante aquele éon .... O *Tathagata* desenvolveu esses poderes ... e ele poderia, Ananda, seguir vivendo durante este éon ou o tempo que resta do éon.”

“Mas você, Ananda, falhou em compreender essa sugestão tão clara, esse sinal tão evidente e não implorou ao *Tathagata* para que permanecesse por um éon. Se, Ananda, você tivesse implorado, o *Tathagata* teria recusado duas vezes, mas na terceira ele teria consentido.

3.48. “Ananda, eu já não lhe disse antes: Todas aquelas coisas que para nós são queridas, estimadas e prazerosas estão sujeitas à mudança, separação e alteração? Então, como poderia ser possível que tudo aquilo que nasce, veio a ser, condicionado, que está sujeito à dissolução, não desapareça – isso é impossível. E isso foi renunciado, abandonado, rejeitado, deixado de lado, abdicado: o *Tathagata* renunciou à sua formação vital. O *Tathagata* disse de uma vez por todas: ‘O *parinibbana* do *Tathagata* não será postergado. Daqui a três meses o *Tathagata* realizará o *parinibbana*.’ Que o *Tathagata* possa retroceder nessa declaração para continuar vivendo, isso não é possível. Agora venha, Ananda, vamos para o Salão com um pico na Cumeeira na Grande Floresta.”

“Muito bem, Venerável senhor.”

3.49. E o Abençoado foi com o Venerável Ananda para o Salão com um pico na Cumeeira na Grande Floresta. Ao chegar ele disse: “Ananda, vá e reúna no salão de assembléias os *bhikkhus* que se encontram na vizinhança de Vesali.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda, e assim ele fez. Ele então voltou até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo ficou em pé a um lado e disse: “Venerável senhor, a Sangha dos *bhikkhus* está reunida. Agora é o momento, Abençoado, faça como julgar adequado.”

3.50. Então, o Abençoado entrou no salão de assembléias e sentou num assento que havia sido preparado e disse para os *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, esses ensinamentos que compreendi através do conhecimento direto e que tornei do seu conhecimento, vocês devem aprendê-los completamente, cultivá-los, desenvolvê-los e praticá-los freqüentemente, que a vida santa se estabeleça e que dure por muito tempo, para o bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.”

“E quais, *bhikkhus*, são esses ensinamentos? Eles são os quatro fundamentos da atenção plena, os quatro esforços corretos, as quatro bases do poder, as cinco faculdades dominantes, os cinco poderes, os sete fatores de iluminação e o Nobre Caminho Óctuplo. Esses, *bhikkhus*, são os ensinamentos que compreendi através do conhecimento direto e que tornei do seu conhecimento, vocês devem aprendê-los completamente, cultivá-los, desenvolvê-los e praticá-los freqüentemente, que a vida santa se estabeleça e que dure por muito tempo, para o bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.”

3.51. Então, o Abençoado disse para os *bhikkhus*: “Dessa forma, *bhikkhus*, eu os encorajo: todas as coisas condicionadas estão sujeitas à dissolução. Esforcem-se pelo objetivo com diligência. O momento do *parinibbana* do *Tathagata* está próximo. Daqui a três meses o *Tathagata* realizará o *parinibbana*.”

Tendo dito isso, o Abençoado, o Mestre disse:

“Com a idade madura.  
Meu tempo de vida determinado.  
Agora deixo vocês,  
tendo me estabelecido como refúgio.  
*Bhikkhus*, sejam incansáveis,  
plenamente atentos, disciplinados,  
guardem as suas mentes,  
com os pensamentos bem controlados.  
Aquele que, incansável,  
mantém o Dhamma e a Disciplina,  
deixando o nascimento de lado,  
dará um fim ao sofrimento.”

### [Fim da terceira recitação]

4.1. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Vesali para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Vesali e de haver retornado, após a refeição, ele olhou para Vesali com o seu olhar de elefante e disse: “Ananda, esta é a última vez que o *Tathagata* olhará para Vesali. Agora iremos para Bhandagama.”

“Muito bem, Venerável senhor”, e o Abençoado saiu com uma grande comitiva de *bhikkhus* para Bhandagama.

4.2. Lá, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, é por não compreender, não penetrar quatro coisas que eu, bem como vocês, durante muito tempo perambulamos e transmigramos neste ciclo de nascimento e morte. Quais quatro? Por não compreender a nobre virtude, por não compreender a nobre concentração, por não compreender a nobre sabedoria, por não compreender a nobre libertação, que eu, bem como vocês, durante muito tempo perambulamos e transmigramos neste ciclo de nascimento e morte. E é compreendendo e penetrando a nobre virtude, a nobre concentração, a nobre sabedoria e a nobre libertação que o desejo por ser/existir foi cortado, a tendência para o devir foi exausta e não há mais nascimento.”

4.3. Tendo dito isso, o Abençoado, o Mestre disse:

“Virtude, concentração, sabedoria e completa libertação.  
Essas coisas maravilhosas Gotama compreendeu.  
O Dhamma que ele discerniu  
foi ensinado aos seus *bhikkhus*:  
aquele, cuja visão deu um fim ao sofrimento,  
realizou *nibbana*.”

4.4. Então, o Abençoado, enquanto estava em Bhandagama, freqüentemente aconselhava os *bhikkhus* desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria. A concentração, quando imbuída da virtude, traz grandes frutos e benefícios. A sabedoria, quando imbuída de concentração, traz grandes frutos e benefícios. A mente imbuída de sabedoria se liberta completamente das impurezas, isto é, da impureza do desejo sensual, de ser/existir, do entendimento incorreto e da ignorância.”

4.5. Quando o Abençoado havia permanecido em Bhandagama pelo tempo que desejava, ele disse: “Ananda, vamos para Hatthigama ..., para Ambagama ..., para Jambugama ...” proferindo o mesmo discurso em cada um desses lugares. Então, ele disse: “Ananda, vamos para Bhoganagara.”

4.6. “Muito bem, Venerável senhor”, Ananda disse, e o Abençoado foi com uma grande comitiva de *bhikkhus* para Bhoganagara.

4.7. Em Bhoganagara o Abençoado ficou no Santuário Ananda. Lá ele disse para os *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, eu ensinarei para vocês quatro critérios. Ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam.

4.8. “Suponham que um *bhikkhu* dissesse: ‘Amigos, eu ouvi e recebi isto da boca do próprio Abençoado: este é o Dhamma, esta é a Disciplina, esse é o ensinamento do Mestre’, então, *bhikkhus*, vocês não devem nem aprovar e nem desaprovar as palavras dele. Então, sem aprovar ou desaprovar, as palavras e expressões dele devem ser cuidadosamente anotadas e comparadas com os *Suttas* e revisadas sob a luz da Disciplina. Se elas, depois dessa comparação e revisão, não estiverem em conformidade com os *Suttas* ou a Disciplina, a conclusão tem que ser: ‘Com certeza essa não é a palavra do Buda, esse *bhikkhu* entendeu de maneira incorreta’, e o assunto deve ser rejeitado. Mas se através dessa comparação e revisão for constatado que elas estão em conformidade com os *Suttas* ou a Disciplina, a conclusão deve ser: ‘Com certeza essa é a palavra do Buda, esse *bhikkhu* entendeu da maneira correta.’ Esse é o primeiro critério.

4.9. “Suponham que um *bhikkhu* dissesse: ‘Em tal lugar há uma comunidade de *bhikkhus* seniores e mestres distinguidos. Eu ouvi e recebi isso dessa comunidade’, então, *bhikkhus*, vocês não devem nem aprovar e nem desaprovar as palavras dele ... (igual ao verso 4.8). Esse é o segundo critério.

4.10. “Suponham que um *bhikkhu* dissesse: ‘Em tal lugar há muitos *bhikkhus* seniores estudados, portadores da tradição, que conhecem o Dhamma, a Disciplina, o código de regras... (igual ao verso 4.8). Esse é o terceiro critério.

4.11. “Suponham que um *bhikkhu* dissesse: ‘Em tal lugar há um *bhikkhu* sênior estudado... eu ouvi e recebi isso desse *bhikkhu* sênior... (igual ao verso 4.8). Mas se através dessa comparação e revisão for constatado que elas estão em conformidade com os *Suttas* ou a Disciplina, a conclusão deve ser: ‘Com certeza essa é a palavra do Buda, esse *bhikkhu* entendeu de maneira correta.’ Esse é o quarto critério.

4.12. Então, o Abençoado, enquanto estava em Bhoganagara, freqüentemente aconselhava os *bhikkhus* desta forma: “Isto é virtude, isto é concentração, isto é sabedoria...”

4.13. Quando o Abençoado havia permanecido em Bhoganagara pelo tempo que desejava, ele disse: “Ananda, vamos para Pava.”

“Muito bem, Venerável senhor”, disse Ananda e o Abençoado foi com uma grande comitiva de *bhikkhus* para Pava, onde ele ficou no manguezal do ferreiro Cunda.

4.14. E Cunda ouviu que o Abençoado havia chegado em Pava e que estava no seu manguezal. Então, ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e o Abençoado instruiu, motivou, estimulou e encorajou o ferreiro Cunda com um discurso do Dhamma.

4.15. Então, Cunda disse: “Que o Venerável Gotama concorde em aceitar amanhã uma refeição, junto com a Sangha dos *bhikkhus!*” E o Abençoado concordou em silêncio.

4.16. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Cunda levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

4.17. Quando a noite havia quase terminado, Cunda fez com que se preparassem vários tipos de boa comida, com fartura de ‘delícias de porco’ [lxxxvi](#), e anunciou para o Abençoado que a refeição estava pronta. Quando tudo estava pronto eles anunciaram a hora para o Abençoado: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.”

4.18. Então, o Abençoado vestiu os seus mantos e, carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* para a casa de Cunda, sentando num assento que havia sido preparado ele disse: “Sirva a ‘delícias de porco’ que foi preparada para mim e sirva o restante da boa comida para os *bhikkhus*.”

“Muito bem, Venerável senhor,” Cunda disse e assim fez.

4.19. Então, o Abençoado disse para Cunda: “O que tiver sobrado da ‘delícias de porco’ você deve enterrá-lo numa cova, porque, Cunda, eu não vejo ninguém neste mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, nesta população com os seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo, que ao comer isso possa ser capaz de digerí-lo, exceto o *Tathagata*. “Muito bem, Venerável senhor”, disse Cunda e tendo enterrado o que havia sobrado da ‘delícias de porco’ numa cova ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado. Então, o Abençoado, depois de instruí-lo, motivá-lo, estimulá-lo e encorajá-lo com um discurso do Dhamma, levantou do seu assento e partiu.

4.20. E logo depois do Abençoado ter comido a refeição dada pelo ferreiro Cunda, uma doença terrível se abateu sobre ele, com diarreia sangrenta e dores terríveis como se estivesse a ponto de morrer. Porém, o Abençoado suportou tudo com atenção plena e plena consciência, sem se queixar. Então, o Abençoado disse: “Ananda, vamos para Kusinara”. [lxxxvii](#)

E o Venerável Ananda respondeu “Sim, Venerável senhor.”

Tendo comido a refeição de Cunda (assim ouvi),  
ele sofreu com grave enfermidade, dolorosa, mortal;

por ter comido ‘delícias de porco’  
severa doença se apoderou do Mestre.  
Tendo se purificado, o Abençoado disse:  
“Agora irei para Kusinara.”

4.21. Então saindo da estrada, o Abençoado foi até o pé de uma árvore e disse:  
“Venha, Ananda, dobre um manto em quatro para mim, estou cansado e quero  
sentar.”

“Muito bem, Venerável senhor,” e Ananda assim fez.

4.22. O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e disse: “Ananda,  
traga-me um pouco de água, tenho sede e quero beber.”

Ananda respondeu: “Venerável senhor, quinhentas carroças passaram por esta  
estrada. A água foi perturbada pelas rodas e não está boa, ela está suja e turva. Mas,  
Venerável senhor, o rio Kakuttha que está próximo tem água limpa, agradável,  
fresca, pura, com margens aprazíveis, deliciosas. Lá o Abençoado poderá beber a  
água e refrescar os membros.”

4.23. Uma segunda vez o Abençoado disse: “Ananda, traga-me um pouco de água ...”  
e Ananda respondeu da mesma forma.

4.24. Uma terceira vez o Abençoado disse: “Ananda, traga-me um pouco de água,  
tenho sede e quero beber.”

“Muito bem, Venerável senhor,” Ananda disse e tomando a tigela foi até o rio. E  
aquele rio, cujas águas haviam sido perturbadas pelas rodas, que não estavam boas,  
que estavam sujas e turvas, à medida que Ananda se aproximava, começaram a fluir  
puras, límpidas e imaculadas.

4.25. E o Venerável Ananda pensou: “Maravilhosos, admiráveis são os grandes  
poderes do *Tathagata*! Essas águas foram perturbadas pelas rodas ..., e à medida  
que me aproximei começaram a fluir puras, límpidas e imaculadas!” Ele colocou a  
água na tigela e a levou para o Abençoado e disse o que ele estava pensando,  
acrescentando: “Que o Abençoado beba a água, que o Iluminado beba!” E o  
Abençoado bebeu a água.

4.26. Naquele momento o Malla Pukkusa, um pupilo de Alara Kalama, estava  
seguindo pela estrada principal de Kusinara para Pava. Vendo o Abençoado sentado  
sob a árvore, ele foi até lá e depois de cumprimentá-lo ele sentou a um lado. Então,  
ele disse: “É maravilhoso, é admirável, quão tranquilos são esses contemplativos!”

4.27. “Certa vez, Venerável senhor, Alara Kalama caminhava pela estrada principal e  
saindo dela ele foi sentar ao pé de uma árvore próxima para descansar. E  
quinhentas carroças passaram perto dele com muito ruído. Um homem que

caminhava atrás das carroças foi até Alara Kalama e disse: ‘Venerável senhor, você não viu quinhentas carroças passarem perto daqui?’ - ‘Não, amigo, eu não vi.’ - ‘Mas você não as ouviu, Venerável senhor?’ - ‘Não, amigo, eu não as ouvi.’ - ‘Muito bem, você estava dormindo, Venerável senhor?’ - ‘Não, amigo, eu não estava dormindo.’ - ‘Então, Venerável senhor, você estava consciente?’ - ‘Sim, amigo.’ - ‘Portanto, Venerável senhor, estando consciente e desperto você nem viu e nem ouviu as quinhentas carroças passarem perto de você, muito embora o seu manto esteja sujo com poeira?’ - ‘Assim foi, amigo.’ E aquele homem pensou: ‘É maravilhoso, é admirável! Esses contemplativos são tão tranquilos, tão conscientes e despertos, o homem nem viu e nem ouviu quinhentas carroças passarem perto dele!’ E ele seguiu o seu caminho elogiando os eminentes poderes de Alara Kalama.”

4.28. “Muito bem, Pukkusa, o que você pensa? O que você considera mais difícil de ser alcançado – estando consciente e desperto, nem ver e nem ouvir quinhentas carroças passarem por perto ou, estando consciente e desperto, nem ver e nem ouvir nada quando os *devas* da chuva despejam uma tormenta com raios e trovões?”

4.29. “Venerável senhor, como pode alguém comparar nem ouvir e nem ver quinhentas carroças com isso – ou mesmo, seiscentas, setecentas, oitocentas, novecentas ou mil ou milhares de carroças, com isso? Nem ver e nem ouvir uma furiosa tempestade é mais difícil.”

4.30. “Certa vez, Pukkusa, quando eu estava em Atuma, num celeiro, os *devas* da chuva despejaram uma tormenta com raios e trovões, e dois lavradores, irmãos, e quatro bois foram mortos. E muitas pessoas saíram de Atuma para onde os dois irmãos e os quatro bois foram mortos.

4.31. “E, naquele momento, Pukkusa, eu havia saído do celeiro e estava caminhando para lá e para cá. Um homem da multidão veio ter comigo e depois de me cumprimentar ficou parado a um lado. E eu disse:

4.32. “‘Amigo, porque essas pessoas estão todas reunidas aqui?’ - ‘Venerável senhor, houve uma grande tormenta e dois lavradores, irmãos, e quatro bois foram mortos. Mas você, Venerável senhor, onde você onde estava?’ - ‘Eu estava bem aqui, amigo.’ - ‘Mas o que você viu, Venerável senhor?’ - ‘Eu não vi nada, amigo.’ - ‘Ou o que você ouviu?’ - ‘Eu não ouvi nada, amigo.’ - ‘Você estava dormindo, Venerável senhor?’ - ‘Eu não estava dormindo, amigo.’ - ‘Então, Venerável senhor, você estava consciente?’ - ‘Sim, estava, amigo.’ - ‘Portanto, Venerável senhor, estando consciente e desperto você nem viu e nem ouviu a tormenta com raios e trovões?’ - ‘Assim foi, amigo.’

4.33. “E aquele homem, Pukkusa, pensou: ‘É maravilhoso, é admirável! Esse contemplativo é tão tranquilo que embora consciente e desperto não viu e nem ouviu a tormenta com raios e trovões!’ Proclamando os meus eminentes poderes, ele me homenageou e mantendo-me à sua direita, partiu.”

4.34. Em vista disso, Pukkusa, o Malla, disse: “Venerável senhor, eu rejeito os eminentes poderes de Alara Kalama como se eles tivessem sido soprados por um vento forte ou arrastados pela correnteza veloz de um rio! Magnífico, Venerável senhor! Magnífico, Venerável senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da vida.”

4.35. Então, Pukkusa disse para um certo homem: “Vá e traga-me dois conjuntos de mantos dourados, brilhantes e prontos para serem usados.”

“Sim, Venerável senhor,” o homem respondeu e assim fez. E Pukkusa ofereceu os mantos para o Abençoado, dizendo: “Aqui, Venerável senhor, estão dois conjuntos de mantos dourados. Que o Abençoado os aceite por compaixão!”

“Muito bem, Pukkusa, vista-me num manto e Ananda no outro.”

“Muito bem, Venerável senhor”, Pukkusa disse e assim fez. [lxxxviii](#)

4.36. Então, o Abençoado instruiu, motivou, estimulou e encorajou Pukkusa com um discurso do Dhamma. Então, Pukkusa levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

4.37. Pouco tempo depois que Pukkusa havia partido, Ananda, tendo arrumado os mantos no corpo do Abençoado, observou que comparado com o tom da pele do Abençoado o manto parecia desluzido. E ele disse: “É maravilhoso, é admirável, Venerável senhor, quão límpida e brilhante está a complexão do Abençoado! Parece ainda mais brilhante que os mantos dourados nos quais você está vestido.”

“Assim é, Ananda. Há duas ocasiões nas quais a complexão do *Tathagata* se mostra particularmente límpida e brilhante. Quais são elas? Uma é na noite em que o *Tathagata* realiza a perfeita iluminação, a outra é a noite em que ele realiza o *parinibbana*. Nessas duas ocasiões a complexão do *Tathagata* se mostra particularmente límpida e brilhante.”

4.38. “Esta noite, Ananda, na última vigília, no bosque de árvores sal dos Mallas perto de Kusinara, entre duas árvores sal, o *Tathagata* realizará o *parinibbana*. E agora, Ananda, vamos para o rio Kakuttha.”

“Muito bem, Venerável senhor.” Ananda disse.

Dois mantos dourados foi a oferenda de Pukkusa:  
mais brilhante que o manto

era a complexão do Abençoado.

4.39. Então, o Abençoado foi com uma grande comitiva de *bhikkhus* para o rio Kakuttha. Ele entrou na água, se banhou, bebeu e ao sair foi para o manguezal onde disse para o Venerável Cundaka: ‘Venha, Cundaka, dobre uma manto em quatro para mim. Estou cansado e quero me deitar.’

“Muito bem, Venerável senhor,” Cundaka disse e assim fez.

4.40. Então, o Abençoado deitou no seu lado direito, na postura do leão, com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na mente o horário para despertar. E o Venerável Cundaka sentou em frente ao Abençoado.

4.41. O Buda foi para o rio Kakuttha  
com as águas límpidas, brilhantes e agradáveis,  
lá o Mestre mergulhou o corpo cansado.  
*Tathagata* sem igual no mundo.  
Cercado pelos *bhikkhus* dos quais ele era o cabeça.  
O Mestre Abençoado, Protetor do Dhamma,  
foi para o Manguezal do grande Sábio,  
e para o *bhikkhu* Cundaka ele disse:  
“Deitarei num manto dobrado em quatro.”  
E assim solicitado pelo grande Experto,  
Cundaka arrumou o manto em quatro.  
O Mestre deitou os membros cansados para descansar  
enquanto Cundaka vigiava à sua frente.

4.42. Então, o Abençoado disse para o Venerável Ananda: “Pode acontecer, Ananda, que o ferreiro Cunda sinta remorso, pensando: ‘É minha culpa, é devido à minha falha que o *Tathagata* morreu depois da última refeição oferecida por mim!’ Mas o remorso de Cunda deve ser dissipado desta forma: ‘Esse é o seu mérito, Cunda, a sua boa ação, que o *Tathagata* tenha realizado o *parinibbana* depois da última refeição oferecida por você, pois, amigo Cunda, eu ouvi da própria boca do Abençoado que essas duas oferendas de comida produzem grandes frutos, grandes benefícios, mais frutuosas e vantajosas do que quaisquer outras. Quais duas? Aquela refeição depois da qual o *Tathagata* realiza a perfeita iluminação, a outra depois da qual ele realiza o *parinibbana*. Essas duas oferendas são mais frutuosas e vantajosas do que todas as demais. A sua ação, Cunda, conduz a uma vida longa, a uma bela aparência, à felicidade, à fama, ao paraíso e à senhoria.” Dessa forma, Ananda, o remorso de Cunda deve ser dissipado.

4.43. Então, o Abençoado, tendo resolvido aquela questão, recitou este verso:

“Dando, o mérito se incrementa,  
com contenção, a raiva é controlada.  
Quem é hábil abandona as coisas prejudiciais.

À medida que a cobiça, a raiva e a delusão diminuem,  
*nibbana* é realizado.”

### [Fim da quarta recitação]

5.1. O Abençoado disse: “Ananda, vamos cruzar o rio Hiraññavati para ir até o bosque de árvores-sal dos Mallas perto de Kusinara.”

“Muito bem, Venerável senhor,” Ananda disse, e o Abençoado com uma grande comitiva de *bhikkhus* cruzou o rio e foi para o bosque de árvores sal.

Lá, o Abençoado disse: “Ananda, prepare para mim um leito entre as árvores-sal gêmeas, com a cabeça para o norte. Eu estou cansado e quero me deitar.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda e assim fez. Então, o Abençoado deitou no seu lado direito, na postura do leão, com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na mente o horário para despertar.

5.2. E daquelas árvores sal gêmeas, fora de época, brotaram flores em abundância que caíram sobre o corpo do *Tathagata*, dispersando-se e cobrindo o seu corpo, homenageando-o. Flores divinas da árvore de coral caíram do céu, sândalo divino caiu do céu, dispersando-se e cobrindo o corpo do *Tathagata*, homenageando-o. Música e canções divinas se ouviam do céu, em homenagem ao *Tathagata*.

5.3. E o Abençoado disse: “Ananda, essas árvores sal brotaram flores em abundância fora de época ... Música e canções divinas se ouvem do céu, em homenagem ao *Tathagata*. Nunca antes o *Tathagata* foi tão honrado, reverenciado, estimado, cultuado e adorado. E no entanto, Ananda, qualquer *bhikkhu*, *bhikkhuni*, discípulo leigo, discípula leiga, que permanecer praticando o Dhamma de modo apropriado e com perfeição realizar o caminho do Dhamma, ele ou ela honram o *Tathagata*, o reverenciam e estimam e prestam a ele a suprema homenagem. Portanto, Ananda, ‘Nós permaneceremos praticando o Dhamma de modo apropriado e com perfeição realizaremos o caminho do Dhamma’ - esse deve ser o seu lema.”

5.4. Naquele momento o Venerável Upavana estava em frente ao Abençoado, abanando-o. Então, o Abençoado disse para ele sair dali: “Saia para o lado, *bhikkhu*, não fique na minha frente.” E o Venerável Ananda pensou: “Esse Venerável Upavana foi durante muito tempo o acompanhante do Buda, estando sempre próximo, para ser chamado e comandado. E agora na derradeira hora o Abençoado diz que ele se mova e não fique na sua frente. Porque ele fez isso?”

5.5. E ele perguntou ao Abençoado sobre isso. “Ananda, os *devas* de dez sistemas cósmicos se reuniram para ver o *Tathagata*. Num raio de doze *yojanas* em volta do bosque de árvores sal dos Mallas, perto de Kusinara, não há espaço que possa ser ocupado por um fio de cabelo de tão densamente ocupado pelos poderosos *devas*, e eles estão reclamando: ‘Nós viemos de tão longe para ver o *Tathagata*. É muito raro

ver um *Tathagata*, um Buda Perfeitamente Iluminado, surgir no mundo e hoje na última vigília da noite o *Tathagata* realizará o *parinibbana*, e esse poderoso *bhikkhu* está parado em frente ao Abençoado, impedindo-nos de ver o *Tathagata* pela última vez.”

5.6. “Mas, Venerável senhor, que tipo de *devas* o Abençoado está vendo?”

“Ananda, há os *devas* do céu cujas mentes estão atadas à terra, eles estão chorando e arrancando os cabelos, levantando os braços, jogando-se no chão e contorcendo-se, clamando: ‘Demasiado cedo o Abençoado está morrendo, demasiado cedo o Iluminado está morrendo, demasiado cedo o Olho do Mundo está desaparecendo!’ E há os *devas* da terra cujas mentes estão atadas à terra, que se comportam da mesma forma. Mas aqueles *devas* que se libertaram do desejo, suportam com paciência, dizendo: “Todas as coisas condicionadas são impermanentes – qual o benefício disso tudo?”

5.7. “Venerável senhor, antes os *bhikkhus* que haviam passado o retiro das chuvas em diferentes lugares vinham para ver o *Tathagata* e nós costumávamos dar-lhes as boas vindas para que *bhikkhus* bem treinados pudessem vê-lo e homenageá-lo. Mas com o falecimento do Abençoado, não teremos mais a oportunidade de fazer isso.”

5.8. “Ananda, há quatro lugares que ao serem vistos despertarão um senso de urgência e emoção nos devotos.. Quais quatro? ‘Aqui o *Tathagata* nasceu’, [lxxxix](#) é o primeiro. ‘Aqui o *Tathagata* realizou a perfeita iluminação’, [xc](#) é o segundo. ‘Aqui o *Tathagata* colocou em movimento a insuperável roda do Dhamma’, [xci](#) é o terceiro. ‘Aqui o *Tathagata* realizou o *parinibbana*’, [xcii](#) esse é o quarto. E, Ananda, os *bhikkhus* e *bhikkhunis* fiéis, os discípulos leigos e as discípulas leigas fiéis, visitarão esses lugares. E qualquer um que morrer com um coração devoto enquanto estiver numa peregrinação por esses santuários, irá, na dissolução do corpo, após a morte, renascer num bom destino, no paraíso.”

5.9. “Venerável senhor, como devemos nos comportar em relação às mulheres?”

“Não olhem para elas, Ananda.”

“Mas se olharmos, como devemos nos comportar, Venerável senhor?”

“Não falem com elas, Ananda.”

“Mas se elas falarem conosco, como devemos nos comportar?”

“Pratiquem a atenção plena, Ananda.”

5.10. “Venerável senhor, o que devemos fazer com os restos mortais do *Tathagata*?”

“Não se preocupem com os preparativos para o funeral, Ananda. Vocês devem se esforçar pelo objetivo supremo, dediquem-se ao objetivo supremo e permaneçam com a suas mentes, incansavelmente, ardorosamente, dedicadas ao objetivo supremo. Há *Khattiyas*, *Brâmanes* e chefes de família sábios que são devotos do *Tathagata*: eles cuidarão do funeral.”

5.11. “Mas, Venerável senhor, o que faremos com os restos mortais do *Tathagata*?”

“Ananda, eles devem ser tratados do mesmo modo que os restos mortais de um monarca que gira a roda.”

“E como é isso, Venerável senhor?”

“Ananda, os restos mortais de um monarca que gira a roda são envoltos num pano de linho novo. Este deve ser envolto com algodão penteado e este num tecido novo. Tendo feito isso quinhentas vezes, o corpo do rei é colocado num caixão de ferro, que é coberto com um outro recipiente de ferro. Depois, tendo feito uma pira funerária com todos os tipos de perfumes, o corpo do rei é cremado e uma estupa é construída numa encruzilhada. Isso, Ananda, é o que se faz com os restos mortais de um monarca que gira a roda, e deve ser feito o mesmo com os restos mortais do *Tathagata*. Uma estupa deve ser construída numa encruzilhada para o *Tathagata*. E qualquer um, que, com o coração devoto, lá depositar coroas de flores ou perfumes, doces e corantes, irá colher benefícios e felicidade por muito tempo.

5.12. “Ananda, há quatro pessoas dignas de uma estupa. Quais quatro? Um *Tathagata*, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado; um *Paccekabuddha*; um discípulo do *Tathagata* e um monarca que gira a roda. E porque cada um desses é digno de uma estupa? Porque, Ananda, com o pensamento: ‘Esta é uma estupa de um *Tathagata*, de um *Paccekabuddha*, de um discípulo do *Tathagata* ou de um monarca que gira a roda’, os corações das pessoas se pacificam e depois, na dissolução do corpo, após a morte, elas renascem num destino feliz, no paraíso. Essa é a razão e essas são as quatro pessoas dignas de uma estupa.”

5.13. E o Venerável Ananda foi para a sua habitação e lá ficou lamentando, encostado ao umbral da porta: “Ai de mim, ainda sou um treinando com muito por fazer! E o Mestre que tanta compaixão tinha por mim está morrendo!”

Então, o Abençoado perguntou aos *bhikkhus* onde estava Ananda e eles lhe disseram. Então, ele disse para um certo *bhikkhu*: “Vá, *bhikkhu*, e diga para Ananda em meu nome: ‘Amigo Ananda, o Mestre o chama.’”

“Sim, Venerável senhor,” disse o *bhikkhu* e assim fez.

“Muito bem, amigo,” Ananda respondeu para aquele *bhikkhu* e foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou-se a um lado.

5.14. E o Abençoado disse: “Já basta, Ananda, chega de chorar e lamentar! Eu já não lhe disse que todas aquelas coisas que para nós são queridas, estimadas e prazerosas estão sujeitas à mudança, separação e alteração? Então, como pode ser, Ananda – visto que o que quer que tenha nascido, que veio a ser, que é condicionado, que está sujeito à dissolução – como pode não falecer? Durante muito tempo, Ananda, você esteve em companhia do *Tathagata*, demonstrando amor bondade através de ações com o corpo, linguagem e mente, benéficas, abençoadas, com toda a confiança e desinteressadas. Você realizou muito mérito, Ananda. Esforce-se e em pouco tempo você se verá livre das impurezas. [xciii](#)

5.15. Então, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, todos aqueles que foram Budas, *arahants*, Perfeitamente Iluminados no passado, tiveram um acompanhante como Ananda, e assim também será com os veneráveis Abençoados que surgirem no futuro. *Bhikkhus*, Ananda é sábio. Ele sabe quando é o momento apropriado para os *bhikkhus* verem o *Tathagata*, quando é o momento apropriado para as *bhikkhunis*, para os discípulos leigos, para as discípulas leigas, para reis, para ministros reais, para os líderes de outras seitas e para os pupilos destes.

5.16. “Ananda possui quatro qualidades extraordinárias e maravilhosas. Quais são elas? Quando um grupo de *bhikkhus* vem ver Ananda, eles se alegram ao vê-lo, e quando Ananda faz um discurso do Dhamma eles se alegram com isso, e quando ele silencia eles ficam desapontados. E da mesma forma com relação às *bhikkhunis*, aos discípulos leigos e às discípulas leigas. E essas quatro qualidades se aplicam a um monarca que gira a roda: se ele for visitado por um grupo de *Khattiyas*, de *Brâmanes*, de chefes de família ou de contemplativos, eles se alegram ao vê-lo e ao ouvi-lo e quando ele silencia eles ficam desapontados. E da mesma forma ocorre com Ananda.”

5.17. Depois disso o Venerável Ananda disse: “Venerável senhor, que o Abençoado não morra nesta pequena cidade miserável feita de paus-a-pique, cercada pela floresta no meio do nada! Venerável senhor, há outras grandes cidades tais como Campa, Rajagaha, Savatthi, Saketa, Kosambi ou Benares. Nesses lugares há *Khattiyas*, *Brâmanes* e chefes de família prósperos que são devotos do *Tathagata* e proverão um funeral adequado para o *Tathagata*.”

“Ananda, não diga que aqui é uma pequena cidade miserável feita de paus-a-pique, cercada pela floresta no meio do nada!”

5.18. Certa vez, Ananda, houve um rei chamado Mahasudassana que girou a roda, um monarca justo de acordo com o Dhamma, conquistador dos quatro pontos cardeais, inconquistável, que havia estabelecido a segurança no seu reino. E esse Rei Mahasudassana tinha nesta mesma Kusinara, sob o nome Kusavati, a sua capital. E essa cidade tinha doze *yojanas* de extensão de leste a oeste e sete *yojanas* de extensão de norte a sul. Kusavati era rica, próspera e populosa, repleta de gente e bem suprida. Como a cidade dos *devas* Alakamanda é rica, próspera e populosa, repleta de *yakkhas* e bem suprida, assim também era a capital real Kusavati. E

Kusavati nunca se via livre de dez tipos de sons durante o dia ou noite: o som de elefantes, cavalos, carruagens, tambores, caixas, alaúdes, canto, címbalos, gongos e exclamações ‘coma, beba e divirta-se’ como décimo.

5.19. “E agora, Ananda, vá até Kusinara e anuncie para os Mallas de Kusinara: “Esta noite, Vasetthas, na última vigília, o *Tathagata* realizará o *parinibbana*. Venham vê-lo, Vasetthas, venham vê-lo para que vocês não se arrependam depois dizendo: ‘O *Tathagata* morreu na nossa comunidade e nós não aproveitamos a oportunidade para vê-lo pela última vez!’”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse Ananda, e tomando o manto externo e a tigela foi com um acompanhante até Kusinara.

5.20. Exatamente naquela ocasião os Mallas de Kusinara haviam se reunido para tratar de negócios no seu salão de assembleias. O Venerável Ananda foi até o salão de assembleias e chegando anunciou: “Esta noite, Vasetthas, na última vigília, o *Tathagata* realizará o *parinibbana*. Venham vê-lo, Vasetthas, venham vê-lo para que vocês não se arrependam depois dizendo: ‘O *Tathagata* morreu na nossa comunidade e nós não aproveitamos a oportunidade para vê-lo pela última vez!’”

5.21. Ao ouvirem o Venerável Ananda, os Mallas, com os seus filhos, filhas e esposas foram abatidos pela tristeza e angústia, com a mente subjugada pelo pesar, o que fez com que eles chorassem e arrancassem os cabelos. Então, todos foram para o bosque de árvores sal onde estava o Venerável Ananda.

5.22. E Ananda pensou: “Se eu permitir que os Mallas de Kusinara saúdem o Abençoado um por um, a noite terá passado antes que todos o tenham saudado. Melhor fazer com que eles prestem a sua homenagem família por família, dizendo: ‘Venerável senhor, o Malla fulano de tal com os seus filhos, esposa, criados e amigos homenageiam o Abençoado aos seus pés.’” E assim ele os apresentou dessa forma, permitindo que todos os Mallas de Kusinara prestassem a homenagem ao Abençoado na primeira vigília.

5.23. E naquela ocasião, um errante chamado Subhadda estava em Kusinara, e ele ouviu que o contemplativo Gotama iria realizar o *parinibbana* na última vigília da noite. Ele pensou: ‘Eu ouvi dos Veneráveis errantes, com idade avançada, mestres dos mestres, que um *Tathagata*, um Buda Perfeitamente Iluminado, surge muito raramente no mundo. E esta noite, na última vigília, o contemplativo Gotama irá realizar o *parinibbana*. Agora uma dúvida surgiu na minha mente e eu tenho certeza que o contemplativo Gotama poderá me dar um ensinamento para dissipar essa dúvida.’

5.24. Assim, Subhadda foi até o bosque de árvores sal dos Mallas, onde estava o Venerável Ananda e contou- lhe o que ele havia pensado: “Venerável Ananda, poderei ver o contemplativo Gotama?” Mas Ananda respondeu: “Já basta, amigo

Subhadda, não perturbe o *Tathagata*, o Abençoado está cansado.” E Subhadda fez o mesmo pedido uma segunda e uma terceira vez, mas mesmo assim Ananda recusou.

5.25. Mas o Abençoado ouviu a conversa entre Ananda e Subhadda, e ele disse para Ananda: “Já basta, Ananda, não impeça Subhadda, deixe que ele veja o *Tathagata*. Pois qualquer coisa que Subhadda me perguntar ele assim fará em busca da iluminação e não para me aborrecer e aquilo que eu responder ele compreenderá com presteza.”

Então, Ananda disse: “Entre, amigo Subhadda, o Abençoado lhe deu permissão.”

5.26. Então, Subhadda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável Gotama, esses contemplativos e *Brâmanes*, líderes de ordens, líderes de grupos, mestres de grupos, conhecidos e famosos fundadores de seitas religiosas, considerados como santos por muitos, como Purana Kassapa, Makkhali Gosala, Ajita Kesakambali, Pakudha Kaccayana, Sanjaya Belatthaputta e o Nigantha Nataputta – todos eles realizaram a verdade como cada um deles crê ou nenhum deles a realizou, ou alguns realizaram e outros não?”

“Já basta, Subhadda, não importa se todos ou nenhum, ou alguns realizaram a verdade. Vou ensinar para você o Dhamma, Subhadda. Ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, Venerável senhor,” Subhadda respondeu. O Abençoado disse o seguinte

5.27. “Em qualquer doutrina e disciplina em que o nobre caminho óctuplo não seja encontrado, nenhum contemplativo da primeira ... segunda ... terceira ... quarta ordem [que entrou na correnteza, retorna uma vez, não retorna, ou *arahant*] é encontrado. Agora, Subhadda, neste Dhamma e Disciplina o nobre caminho óctuplo é encontrado, contemplativos da primeira ... segunda ... terceira ... quarta ordem são encontrados. O nobre caminho óctuplo é encontrado nesta doutrina e disciplina e exatamente aqui existem contemplativos da primeira ... segunda ... terceira ... quarta ordem. Essas outras seitas estão desprovidas de verdadeiros contemplativos; mas se nesta, os *bhikkhus* viverem a vida com perfeição, o mundo não ficará vazio de *arahants*.”

Vinte nove anos eu tinha  
quando saí em busca do Bem.  
Agora mais de cinqüenta anos se passaram  
desde o dia em que segui a vida santa  
para perambular no domínio do Dhamma  
fora do qual não há contemplativos  
[da primeira, segunda, terceira e quarta ordem].  
Outras seitas estão vazias,  
mas se os *bhikkhus* viverem com perfeição,  
no mundo não faltarão *arahants*.

5.28. Em vista disso, o errante Subhadda disse: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.

5.29. “Subhadda, que pertencia anteriormente a uma outra seita e que quer ser admitido na vida santa e a admissão completa neste Dhamma e Disciplina, terá um período de noviciado de quatro meses. Ao final dos quatro meses se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos com ele, eles lhe darão a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*. Eu reconheço diferenças entre indivíduos neste assunto.”

“Venerável senhor, se aqueles que pertenceram anteriormente a uma outra seita, e querem a admissão na vida santa e a admissão completa nesse Dhamma e Disciplina, vivem como noviços durante quatro meses e ao final dos quatro meses os *bhikkhus* que estiverem satisfeitos com ele lhe dão admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*, eu viverei como noviço durante quatro anos. Ao final dos quatro anos, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, que me dêem a admissão na vida santa e a admissão completa como *bhikkhu*.”

Mas o Abençoado disse para Ananda: “Que Subhadda receba a admissão completa!”

“Muito bem, Venerável senhor,” Ananda respondeu.

5.30. E Subhadda disse para o Venerável Ananda: “Amigo Ananda, é um grande ganho para todos vocês e um grande benefício para aqueles que tenham obtido a admissão completa na presença do Mestre.”

Então, Subhadda recebeu a admissão na vida santa na presença do Mestre e também a admissão completa. E a partir do momento da sua ordenação, permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, o Venerável Subhadda alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o Venerável Subhadda tornou-se mais um dos *arahants*. Ele foi o último discípulo pessoal do Abençoado.

### **[Fim da quinta recitação]**

6.1. E o Abençoado disse para Ananda: “Ananda, pode ser que você pense: ‘As instruções do Mestre cessaram, agora não temos mais mestre!’ Você não deve

pensar dessa forma, Ananda, pois aquilo que ensinei e expliquei como o Dhamma e a Disciplina, irá, com o meu falecimento, ser o seu mestre.”

6.2. “E quanto aos *bhikkhus* que têm o hábito de se dirigirem uns aos outros como ‘amigo’, esse hábito deve ser abolido depois do meu falecimento. Os *bhikkhus* seniores devem se dirigir aos mais júniores pelo seu nome, nome de clã ou como ‘amigo’, enquanto que os *bhikkhus* júniores devem se dirigir aos seniores como ‘Senhor’ ou ‘Venerável’.

6.3. “Se desejarem, a Sangha poderá abolir as regras menores depois do meu falecimento. [xciv](#)”

6.4. “Depois do meu falecimento o *bhikkhu* Channa deve receber a punição de *Brahma*.”

“Mas, Venerável senhor, o que é a punição de *Brahma*?”

“Qualquer coisa que o *bhikkhu* Channa quiser ou disser, nenhum *bhikkhu* deve falar com ele ou admoestá-lo, ou ensiná-lo.”

6.5. Então, o Abençoado disse para os *bhikkhus*: “Pode ser, *bhikkhus*, que algum *bhikkhu* tenha dúvidas ou incertezas com relação ao Buda, o Dhamma, a Sangha ou com relação ao caminho de prática. Perguntem, *bhikkhus*! Não sintam remorso mais tarde, pensando: ‘O Mestre estava conosco e nós perdemos a oportunidade de esclarecer nossa dúvida!’ Em vista dessas palavras, os *bhikkhus* ficaram em silêncio. O Abençoado repetiu as suas palavras uma segunda e uma terceira vez e ainda assim os *bhikkhus* ficaram em silêncio. Então, o Abençoado disse: “Talvez, *bhikkhus*, vocês não perguntem por respeito ao mestre. Então, *bhikkhus*, que cada um diga ao seu amigo.” Mas ainda assim eles ficaram em silêncio.

6.6. E o Venerável Ananda disse: “É maravilhoso é admirável Venerável senhor! Eu posso ver que nesta assembléia não há nenhum *bhikkhu* que tenha dúvidas ou incertezas ...”

“Você, Ananda, fala com base na fé. Mas o *Tathagata* sabe que nesta assembléia não há nenhum *bhikkhu* que tenha dúvidas ou incertezas com relação ao Buda, o Dhamma, a Sangha, ou com relação ao caminho de prática. Ananda, entre esse quinhentos discípulos não há nenhum que pelo menos não tenha entrado na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, tendo a iluminação como destino.”

6.7. Então, o Abençoado disse para os *bhikkhus*: “Dessa forma, *bhikkhus*, eu os encorajo: todas as coisas condicionadas estão sujeitas à dissolução. Esforcem-se pelo objetivo com diligência”. Essas foram as últimas palavras do *Tathagata*.

6.8. Então, o Abençoado entrou no primeiro *jhana*. Emergindo dele ele entrou no segundo *jhana* ... no terceiro ... no quarto *jhana* ... na esfera do espaço infinito ... na esfera da consciência infinita ... na esfera do nada ... na esfera da nem percepção, nem não percepção. Emergindo dela, ele entrou na cessação da percepção e sensação.

Então, o Venerável Ananda disse para o Venerável Anuruddha: “Venerável Anuruddha, o Abençoado faleceu.” “Não, amigo, Ananda, o Abençoado não faleceu, ele está na cessação da sensação e percepção.”

6.9. Então, o Abençoado, emergindo da cessação da percepção e sensação, entrou na esfera da nem percepção, nem não percepção. Emergindo dela, ele entrou na esfera do nada... na esfera da consciência infinita... na esfera do espaço infinito... no quarto *jhana*... no terceiro... no segundo... no primeiro *jhana*. Emergindo do primeiro *jhana* ele entrou no segundo... no terceiro... no quarto *jhana*. No quarto *jhana*, ele faleceu.

6.10. E quando o Abençoado realizou o *parinibbana*, ocorreu um grande terremoto, assustador e aterrorizador e o estrondo de trovões sacudiram o céu. E o *Brahma Sahampati* recitou estes versos:

“Todos os seres no mundo, todos os corpos  
estão sujeitos à dissolução:  
até mesmo o Mestre, sem igual no mundo,  
o Senhor poderoso e Buda perfeito faleceu.”

E Sakka, o senhor dos *devas*, recitou estes versos:

“Impermanentes são as coisas condicionadas  
sujeitas à origem e cessação,  
tendo surgido, elas são destruídas,  
a sua cessação é a verdadeira bem-aventurança.”

E o Venerável Anuruddha recitou estes versos:

“Sem inspirar e expirar – só com a mente firme  
o Sábio liberto da cobiça faleceu para a paz.  
Com a mente inabalável ele suportou todas as dores:  
em *nibbana* a mente iluminada está liberta.”

E o Venerável Ananda recitou estes versos:

“Assustador foi o terremoto,  
todos os pelos ficaram em pé,  
quando o Buda consumado faleceu.”

E aqueles *bhikkhus* que ainda não haviam superado o desejo estavam chorando e arrancando os cabelos, levantando os braços, jogando-se ao chão e contorcendo-se, clamando: “Demasiado cedo o Abençoado está morrendo, demasiado cedo o Iluminado está morrendo, demasiado cedo o Olho do Mundo está desaparecendo!”

Mas aqueles *bhikkhus* que se libertaram do desejo, suportaram com paciência, dizendo: “Todas as coisas condicionadas são impermanentes – qual o benefício disso tudo?”

6.11. Então, o Venerável Anuruddha disse: “Amigos, já basta dessa choradeira e lamentação! O Abençoado já não lhes disse que todas aquelas coisas que para nós são queridas, estimadas e prazerosas estão sujeitas à mudança, separação e alteração? Então por que tudo isso? Como poderia ser possível que tudo aquilo que nasce, veio a ser, condicionado, que está sujeito à dissolução, não desapareça – isso é impossível. Os *devas*, amigos, estão resmungando.”

“Venerável Anuruddha, que tipo de *devas* você pode perceber?”

“Amigo Ananda, há os *devas* do céu cujas mentes estão atadas à terra, eles estão chorando e arrancando os cabelos ... E há os *devas* da terra cujas mentes estão atadas à terra, que se comportam da mesma forma. Mas aqueles *devas* que se libertaram do desejo, suportam com paciência, dizendo: “Todas as coisas condicionadas são impermanentes – qual o benefício disso tudo?””

6.12. Então, o Venerável Anuruddha e o Venerável Ananda passaram o resto da noite conversando sobre o Dhamma. E o Venerável Anuruddha disse: “Agora, amigo Ananda, vá para Kusinara e anuncie para os Mallas: ‘Vasetthas, o Abençoado faleceu. Agora é o momento de vocês fazerem como julgarem adequado.’”

“Sim, Venerável senhor,” disse Ananda; ele então se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo foi com um acompanhante para Kusinara. Naquela ocasião, os Mallas de Kusinara estavam reunidos no seu salão de assembléias tratando de negócios. E o Venerável Ananda foi até eles e comunicou a mensagem do Venerável Anuruddha. Ao ouvirem as palavras do Venerável Ananda, os Mallas ... foram abatidos pela tristeza e angústia, com a mente subjugada pelo pesar o que fez com que eles chorassem e arrancassem os seus cabelos.

6.13. Então, os Mallas ordenaram que alguns homens trouxessem perfumes e coroas de flores e reuniram todos os músicos. E com os perfumes e coroas de flores e todos os músicos e com quinhentos jogos de tecidos eles foram para o bosque de árvores sal onde se encontrava o corpo do Abençoado. E lá eles honraram, demonstraram o seu apreço, veneraram e adoraram o corpo do Abençoado com danças, canções e música, com grinaldas e perfumes, erigindo coberturas e tendas circulares para passar o dia ali. E eles pensaram: “É muito tarde para cremar o corpo do Abençoado hoje. Faremos isso amanhã.” E assim, homenageando-o dessa maneira, eles esperaram pelo segundo, terceiro, quarto, quinto e sexto dia.

6.14. E no sétimo dia os Mallas de Kusinara pensaram: “Nós honramos o suficiente o corpo do Abençoado com danças, canções ..., agora devemos cremar o seu corpo depois de carregá-lo através do portão do sul.” Então oito chefes Malla, tendo lavado a cabeça e vestido roupas novas, declararam: “Agora levantaremos o corpo do Abençoado,” mas não conseguiram fazer isso. Em vista disso eles foram até o Venerável Anuruddha e relataram o que havia acontecido: “Porque não conseguimos levantar o corpo do Abençoado?”

“Vasetthas, a sua vontade é uma coisa, mas a vontade dos *devas* é outra.”

6.15. “Venerável senhor, qual é a vontade dos *devas*?”

“Vasetthas, a sua vontade é, tendo honrado o suficiente o corpo do Abençoado com danças e canções ..., cremar o seu corpo depois de carregá-lo através do portão sul. Mas a vontade dos *devas* é depois de ter honrado os corpo do Abençoado com danças e canções divinas ..., carregá-lo através do portão norte da cidade, passando pelo meio da cidade e saindo pelo portão leste para o santuário Makuta-Bandhana dos Mallas e lá cremar o corpo.”

“Venerável senhor, se essa é a vontade dos *devas*, que assim seja.”

6.16. Nessa ocasião, até mesmo os esgotos e amontoados de lixo em Kusinara estavam cobertos até a altura dos joelhos com flores da árvore coral. E os *devas*, bem como os Mallas de Kusinara, honraram o corpo do Abençoado com danças e canções divinas e humanas ...; e eles carregaram o corpo para o norte da cidade, atravessaram o portão norte, cruzaram pelo meio da cidade e saíram pelo portão leste para o santuário Makuta-Bandhana dos Mallas, onde deitaram o corpo.

6.17. Então, eles perguntaram ao Venerável Ananda: “Venerável senhor, como devemos tratar o corpo de um *Tathagata*?”

“Vasetthas, vocês devem tratá-lo do mesmo modo que os restos mortais de um monarca que gira a roda.”

“E como é isso, Venerável senhor?”

“Vasetthas, os restos mortais de um monarca que gira a roda são envoltos num pano de linho novo. Este deve ser envolto com algodão penteado ... Depois, tendo feito uma pira funerária com todos os tipos de perfumes, o corpo do rei é cremado e uma estupa é construída numa encruzilhada ...”

6.18. Então, os Mallas ordenaram que fossem trazidos os tecidos e cuidaram do corpo do Abençoado da forma apropriada ...

6.19. Agora, exatamente nessa ocasião o Venerável Mahakassapa [xcv](#) estava caminhando pela estrada principal de Pava a Kusinara com uma grande comitiva, com uns quinhentos *bhikkhus*. E saindo da estrada o Venerável Mahakassapa sentou-se à sombra de uma árvore. E aconteceu que um certo Ajivika vinha caminhando pela estrada principal em direção a Pava e ele havia pego uma flor da árvore coral em Kusinara. O Venerável Mahakassapa o viu vindo à distância e disse: “Amigo, você conhece o nosso Mestre?”

“Sim, amigo, eu conheço. O contemplativo Gotama faleceu faz uma semana. Foi lá que eu peguei esta flor da árvore coral.”

E aqueles *bhikkhus* que ainda não haviam superado o desejo estavam chorando e arrancando os cabelos ... Mas aqueles *bhikkhus* que se libertaram do desejo, suportaram com paciência, dizendo: “Todas as coisas condicionadas são impermanentes – qual o benefício disso tudo?”

6.20. E sentado junto com o grupo estava um certo Subhadda, que havia seguido a vida santa já com a idade avançada e ele disse para aqueles *bhikkhus*: “Já basta, amigos, não chorem, não se lamentem! Ainda bem que nos livramos do Grande Contemplativo. Sempre fomos importunados com as observações dele: ‘Não é apropriado que você faça isso, não é apropriado que você faça aquilo!’ Agora podemos fazer o que quisermos!”

Mas o Venerável Mahakassapa disse para os *bhikkhus*: “Amigos, já basta desse choro e lamentação! O Abençoado já não lhes disse que todas aquelas coisas que para nós são queridas e estimadas e prazerosas estão sujeitas à mudança, separação e alteração? Então porque tudo isso? Como poderia ser possível que tudo aquilo que nasce, veio a ser, condicionado, que está sujeito à dissolução, não desapareça – isso é impossível.”

6.21. Enquanto isso, quatro chefes Mallas, tendo lavado as suas cabeças e vestido roupas novas, disseram: “Nós iremos acender a pira funerária do Abençoado,” mas eles foram incapazes de fazer isso. Eles foram até o Venerável Anuruddha e perguntaram porque estava acontecendo aquilo.

“Vasetthas, a sua vontade é uma coisa, mas a vontade dos *devas* é outra.”

“Bem, Venerável senhor, qual é a vontade dos *devas*?”

“Vasetthas, a vontade dos *devas* é a seguinte: ‘O Venerável Mahakassapa está caminhando pela estrada principal de Pava para Kusinara com uma grande comitiva de uns quinhentos *bhikkhus*. A pira funerária do Abençoado não se acenderá até que o Venerável Mahakassapa homenageie o Abençoado com a sua cabeça aos pés dele.’”

“Venerável senhor, se essa é a vontade dos *devas*, que assim seja.”

6.22. Então, o Venerável Mahakassapa foi até o santuário Makuta-Bandhana dos Mallas, para a pira funerária, e cobrindo o ombro com o manto, juntou as palmas das mãos em saudação e circundou a pira três vezes, depois ele descobriu os pés do Abençoado e o homenageou com a sua cabeça aos pés dele, e os quinhentos *bhikkhus* fizeram o mesmo. E quando eles terminaram, a pira funerária do Abençoado pegou fogo por si mesma.

6.23. E quando o corpo do Abençoado foi cremado, o que tinha sido pele, músculos, tendões, líquido sinovial, tudo isso desapareceu e nem mesmo cinzas ou pó restaram, só relíquias restaram. [xcvi](#)F Como quando a manteiga líquida é queimada, não restam cinzas nem pó, assim também com o corpo do Abençoado ..., só relíquias restaram. E todos os quinhentos jogos de tecidos, mesmo o tecido interno e o externo, também queimaram. E quando o corpo do Abençoado estava cremado, uma chuva caiu do céu e uma outra jorrou das árvores sal extinguindo a pira funerária. E os Mallas de Kusinara derramaram água perfumada sobre a pira com o mesmo propósito. Então, os Mallas no seu salão de assembleias, reverenciaram as relíquias durante uma semana com danças, canções, grinaldas e música, depois de fazer uma gelosia com lanças circundada por uma parede feita com arcos.

6.24. E o Rei Ajatasattu Vedehiputta de Magadha ouviu que o Abençoado havia falecido em Kusinara. Ele enviou uma mensagem para os Mallas de Kusinara: “O Abençoado era um *Khattiya* e eu sou um *Khattiya*. Eu sou digno de receber uma parte dos restos mortais do Abençoado. Construirei uma grande estupa para guardá-las.” Os Licchavis de Vesali ouviram e mandaram uma mensagem: “O Abençoado era um *Khattiya* e nós somos *Khattiyas*. Nós somos dignos de receber uma parte dos restos mortais do Abençoado. Nós construiremos uma grande estupa para guardá-las.” Os *Sakyas* de Kapilavatthu ouviram e mandaram uma mensagem: “O Abençoado era o líder do nosso clã. Nós somos dignos de receber uma parte dos restos mortais do Abençoado. Nós construiremos uma grande estupa para guardá-las.” Os Bulayas de Allakappa e os Koliyas de Ramagama responderam de modo semelhante. O *Brâmane* de Vethadipa ouviu e mandou uma mensagem: “O Abençoado era um *Khattiya* e eu sou um *Brâmane* ...”, e os Mallas de Pava enviaram uma mensagem: “O Abençoado era um *Khattiya* e nós somos *Khattiyas*. Nós somos dignos de receber uma parte dos restos mortais do Abençoado. Nós construiremos uma grande estupa para guardá-las.”

6.25. Ao ouvirem isso, os Mallas de Kusinara se dirigiram à multidão, dizendo: “O Abençoado morreu na nossa comunidade. Nós não daremos nenhuma parte dos restos mortais do Abençoado. Em vista disso o *Brâmane* Dona se dirigiu à multidão com estes versos:

“Ouçam, senhores, a minha proposta:  
moderação é o ensinamento do Buda.  
Não é correto que o conflito surja  
ao compartilhar os restos do melhor dentre os homens.  
Vamos nos unir em harmonia e paz,

com amizade dividir em oito porções:  
que as estupas sejam construídas em todas as direções,  
que todos possam vê-los e crescer na fé!”

“Muito bem, *Brâmane*, você então divida os restos do Abençoado do melhor modo e da forma mais justa!”

“Muito bem, amigos,” disse Dona. E ele dividiu os restos do melhor modo e da forma mais justa, em oito porções e depois disse para a assembléia: “Senhores, por favor dêem uma urna para mim, eu construirei uma grande estupa para guardá-la.” E assim a urna foi dada para Dona.

6.26. Agora, os Moriyas de Pippalavana ouviram que o Abençoado havia falecido e enviaram uma mensagem: “O Abençoado era um *Khattiya* e nós somos *Khattiyas*. Nós somos dignos de receber uma parte dos restos mortais do Abençoado. Nós construiremos uma grande estupa para guardá-las.”

“Não sobrou nenhuma porção dos restos do Abençoado, tudo já foi repartido. Então, vocês devem levar os carvões.” E assim eles levaram os carvões.

6.27. Então, o Rei Ajatasattu de Magadha construiu uma grande estupa para as relíquias do Abençoado em Rajagaha. Os Licchavis de Vesali construíram um em Vesali, os *Sakyas* de Kapilavatthu construíram um em Kapilavatthu, os Bulayas de Allakappa construíram um em Allakappa, os Koliyas de Ramagama construíram um em Ramagama, o *Brâmane* de Vethadipa construiu um em Vethadipa, os Mallas de Pava construíram um em Pava, os Mallas de Kusinara construíram uma grande estupa em Kusinara, o *Brâmane* Dona construiu uma grande estupa para a urna, e os Moriyas de Pippalavana construíram uma grande estupa para os carvões em Pippalavana. Assim, oito estupas foram construídos para as relíquias, uma nona para a urna e uma décima para os carvões. Assim era antigamente.

6.28. Oito porções de relíquias restaram dele,  
aquele que tudo via. Destas, sete ficaram  
em Jambudipa com honras, a oitava  
em Ramagama guardada pelos reis *naga*.  
Um dente foi guardado pelos *devas* do Trinta e três,  
os reis de Kalinga têm um, os *nagas* também.  
Eles derramam a sua glória sobre a terra fértil.  
Assim o Sábio é honrado pelos honrados.  
*Devas* e *nagas*, reis, os homens mais nobres  
juntam as mãos em respeito, pois é difícil  
encontrar outro igual por incontáveis eons.

## 17 Mahasudassana Sutta

### O Grande Esplendor (A Renúncia de um Rei)

A história do rei Mahasudassana

1.1. Assim ouvi. [xcvii](#) Em certa ocasião, o Abençoado estava em Kusinara, no bosque de árvores sal dos Mallas pouco antes do *parinibbana*.

1.2. Então, o Venerável Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, que o Abençoado não morra nesta pequena cidade miserável feita com paus-a-pique, cercada pela floresta no meio de nada! Venerável senhor, há outras grandes cidades tais como Campa, Rajagaha, Savatthi, Saketa, Kosambi ou Benares. Nesses lugares há *Khattiyas*, *Brâmanes* e chefes de família prósperos que são devotos do *Tathagata* e proverão um funeral adequado para o *Tathagata*.”

1.3. “Ananda, não diga que aqui é uma pequena cidade miserável feita com paus-a-pique, cercada pela floresta no meio de nada! Certa vez, Ananda houve um rei chamado Mahasudassana que girou a roda, um monarca justo de acordo com o Dhamma, conquistador dos quatro pontos cardeais, inconquistável, que havia estabelecido a segurança no seu reino. E esse Rei Mahasudassana tinha nesta mesma Kusinara, sob o nome Kusavati, a sua capital. E essa cidade tinha doze *yojanas* de extensão de leste a oeste, e sete *yojanas* de extensão de norte a sul. Kusavati era rica, próspera e populosa, repleta de gente e bem suprida. Tal como a cidade dos *devas* Alakamanda é rica, próspera e populosa, repleta de *yakkhas* e bem suprida, da mesma forma a capital real Kusavati. E Kusavati nunca se via livre de dez tipos de sons durante o dia ou noite: o som de elefantes, cavalos, carruagens, tambores, caixas, alaúdes, canto, címbalos, gongos e exclamações ‘coma, beba e se divirta’ como décimo.

1.4. “A capital real Kusavati estava cercada com sete muralhas. Uma de ouro, outra de prata, outra de berilos, outra de cristais, outra de rubis, outra de esmeraldas e outra com todo tipo de pedras preciosas.

1.5. “Os portões de Kusavati tinham quatro cores: dourada, prateada, a cor do berilo e do cristal. E antes de cada portão haviam sete pilares com três ou quatro alturas de um homem. Um era de ouro, o outro de prata, outro de berilos, outro de cristais, outro de rubis, outro de esmeraldas e outro com todo tipo de pedras preciosas.

1.6. “Kusavati era cercada por sete fileiras de palmeiras, dos mesmos materiais. As árvores de ouro tinham o tronco de ouro e as folhas e frutos de prata, as árvores de prata tinham o tronco de prata e as folhas e frutos de ouro. As árvores de berilo tinham o tronco de berilos e as folhas e frutos de cristais, as árvores de cristais tinham o tronco de cristais e as folhas e frutos de berilos. As árvores de rubis tinham o tronco de rubis e as folhas e frutos de esmeraldas, as árvores de esmeraldas tinham os troncos de esmeraldas e as folhas e frutos de rubis, enquanto que as

árvores com todo o tipo de pedras preciosas tinham essas pedras no tronco, folhas e frutos. O som das folhas tocadas pelo vento era agradável, delicioso, doce e embriagante, tal como o som dos cinco tipos de instrumentos musicais tocados num concerto por músicos hábeis e bem treinados. E, Ananda, os licenciosos e beberrões em Kusavati tinham os seus desejos apaziguados pelo som das folhas tocadas pelo vento.

1.7. “O Rei Mahasudassana possuía os sete tesouros e os quatro tipos de poder. Quais eram os sete tesouros? Certa vez o Rei lavou a cabeça no *Uposatha* do décimo quinto dia e foi até o terraço no topo do palácio para o *Uposatha*, a Roda Preciosa surgiu para ele, com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos. Ao vê-la, o Rei Mahasudassana pensou: ‘Eu ouvi que quando um Rei *Khattiya* ungido tiver lavado a cabeça no *Uposatha* do décimo quinto dia e tiver ido até o terraço no topo do palácio para o *Uposatha* e ali aparecer a roda preciosa com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos, então ele se tornará um Monarca que gira a roda. Eu sou então um Monarca que gira a roda?’

1.8. “Então, levantando-se do seu assento e arrumando o manto externo sobre o ombro, o Rei tomou um vaso com água com a mão esquerda, borrifou a Roda com a mão direita e disse: ‘Gire para adiante, boa roda preciosa; triunfe, boa roda preciosa!’ Então, a roda girou para adiante na direção leste e o Rei a seguiu com o seu exército. Agora, em qualquer região na qual a Roda parasse, ali o Rei estabelecia residência com o seu exército.

1.9. “E aqueles que antes a ele se opunham na região leste vinham e diziam: ‘Venha, grande Rei; bem vindo, grande Rei; comande, grande Rei; aconselhe, grande Rei.’ O Rei assim dizia: ‘Vocês não devem matar seres vivos; vocês não devem tomar aquilo que não for dado; vocês não devem agir de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais; vocês não devem dizer mentiras; vocês não devem beber bebidas embriagantes; sejam moderados na alimentação.’ E aqueles que antes a ele se opunham na região leste se tornaram seus súditos.

1.10. “Então, a roda mergulhou no oceano do leste e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante, na direção sul ... E aqueles que se opunham na região sul se submeteram ao Rei. Então, a roda mergulhou no oceano do sul e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante, na direção oeste ... E aqueles que se opunham na região oeste se submeteram ao Rei. Então, a roda mergulhou no oceano do oeste e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante, na direção norte ... E aqueles que se opunham na região norte se submeteram ao Rei.

1.11. “Agora, quando a roda preciosa triunfou sobre a terra de oceano a oceano, ela retornou para a capital real e permaneceu como que presa pelo eixo ao portão do principal palácio do Rei Mahasudassana, como um adorno no portão do palácio principal. Assim foi como a roda preciosa apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.12. “Então, o elefante precioso apareceu para o Rei Mahasudassana, todo branco, com postura sétupla, com poderes supra-humanos, voando através do espaço, o rei dos elefantes chamado ‘*Uposatha*.’ Ao vê-lo, a mente do Rei teve confiança nele assim: ‘Seria maravilhoso montar no elefante, se ele se submetesse ao treinamento!’ Então, o elefante precioso se submeteu ao treinamento como um fino elefante puro-sangue bem domesticado há muito tempo. E assim sucedeu que o Rei, ao testar o elefante precioso, montava nele pela manhã e depois de atravessar toda a terra até a margem do oceano, retornava à capital real para a refeição matinal. Assim foi como o elefante precioso apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.13. “Então, o cavalo precioso apareceu para o Rei Mahasudassana, todo branco, com a cabeça negra e lustrosa e a crina como a erva *munja*, com poderes supra-humanos, voando através do espaço, o rei dos cavalos chamado ‘*Valahaka*’, [‘Nuvem de Tormenta’]. Ao vê-lo, a mente do Rei teve confiança nele assim: ‘Seria maravilhoso montar no cavalo, se ele se submetesse ao treinamento!’ Então, o cavalo precioso se submeteu ao treinamento tal como um fino cavalo puro-sangue bem domesticado há muito tempo. E assim sucedeu que o Rei, ao testar o cavalo precioso, montava nele pela manhã e depois de atravessar toda a terra até a margem do oceano, retornava à capital real para a refeição matinal. Assim foi como o cavalo real apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.14. “Então, a jóia preciosa apareceu para o Rei Mahasudassana. A jóia era um fino berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada. Agora, a luminosidade da jóia preciosa se espalhava ao redor por uma légua. E assim aconteceu que quando o Rei estava testando a jóia preciosa, ele colocou em formação o seu exército e instalando a jóia no topo do seu estandarte, ele saiu nas trevas e escuridão da noite. Então, todos os [habitantes dos] vilarejos próximos começaram o seu trabalho devido à luz, pensando que fosse dia. Assim foi como a jóia preciosa apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.15. “Então, a mulher preciosa apareceu para o Rei Mahasudassana, bela, atraente e graciosa, possuindo a complexão da suprema beleza, nem muito alta nem muito baixa, nem muito magra nem muito robusta, nem muito escura nem muito clara, superando a beleza humana, sem alcançar a beleza divina. O toque da mulher preciosa era tal que se igualava a um tufo de paina ou um tufo de algodão. Quando estava frio os membros dela estavam quentes; quando estava quente os membros dela estavam frios. Do seu corpo emanava o perfume do sândalo e da sua boca o perfume do lótus. Ela se levantava antes do Rei e se deitava depois dele. Ela era ávida por servir, com conduta agradável e com a linguagem doce. Como ela nunca foi infiel ao Rei, sequer em pensamento, como poderia ela sê-lo com o corpo? Assim foi como a mulher preciosa apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.16. “Então, o tesoureiro precioso apareceu para o Rei Mahasudassana. O olho divino nascido do *kamma* passado se manifestou nele e através deste ele via depósitos ocultos de tesouros, com e sem proprietários. Ele se aproximava do Rei e dizia: ‘Senhor, fique tranquilo. Eu tomarei conta dos seus assuntos financeiros.’ E

assim aconteceu quando o Rei estava testando o tesoureiro precioso, ele embarcou num navio e saindo pelo rio Ganges, no meio da correnteza ele disse para o tesoureiro precioso: 'Eu preciso de ouro e lingotes, tesoureiro.' – 'Então, senhor, deixe que o barco seja dirigido para uma das margens.' – 'Tesoureiro, na verdade é aqui que preciso de ouro e lingotes.' Então, o tesoureiro precioso mergulhou ambas as mãos na água e ergueu um pote cheio de ouro e lingotes e disse para o Rei: 'Isso é o suficiente, senhor? O oferecido é suficiente, o ofertado é suficiente?' – 'Isso é suficiente, tesoureiro, o suficiente foi feito, o suficiente foi ofertado.' Assim foi como o tesoureiro precioso apareceu para o Rei Mahasudassana.

1.17. "Então, o conselheiro precioso apareceu para o Rei Mahasudassana, sábio, esperto e sagaz, capaz de fazer com que o Rei promovesse aquilo que fosse digno de ser promovido, de descartar aquilo que devesse ser descartado e de estabelecer aquilo que devesse ser estabelecido. Ele se aproximava do Rei e dizia: 'Senhor, fique tranqüilo. Eu o aconselharei.' Assim foi como o conselheiro precioso apareceu para o Rei Mahasudassana. Esses eram os sete tesouros que o Rei Mahasudassana possuía.

1.18. "Novamente, Ananda, o Rei possuía quatro poderes. Quais eram eles? Primeiro, o Rei era belo, atraente e elegante, possuindo a complexão da beleza suprema, e ele superava todos os outros homens nesse aspecto.

1.19. "Segundo, o Rei vivia por muito tempo superando todos os outros homens nesse aspecto.

1.20. "Terceiro, ele estava livre das enfermidades e aflições, possuindo boa digestão que não era nem muito fria, nem muito quente, superando todos os outros homens nesse aspecto.

1.21. "Quarto, ele era querido e estimado pelos *Brâmanes* e chefes de família. Como um pai é querido e estimado pelos seus filhos, assim também o Rei era querido e estimado pelos *Brâmanes* e chefes de família. *Brâmanes* e chefes de família também eram queridos e estimados pelo Rei. Como os filhos são queridos e estimados pelo pai, assim também *Brâmanes* e chefes de família eram queridos e estimados pelo Rei. Certa vez o Rei estava num parque das delícias com o seu exército completo. Então, os *Brâmanes* e chefes de família foram até ele e disseram o seguinte: 'Senhor, conduza devagar para que possamos vê-lo por mais tempo.' E assim ele disse para o seu cocheiro: 'Cocheiro, conduza mais devagar para que eu possa ver os *Brâmanes* e chefes de família por mais tempo.' Esses são os quatro tipos de poder que o Rei Mahasudassana possuía.

1.22. "Então, o Rei Mahasudassana pensou: 'E se eu construísse piscinas com flores de lótus entre as palmeiras?' E assim ele fez. As piscinas foram revestidas com azulejos de quatro cores, ouro, prata, berilo e cristal, cada piscina tendo quatro escadas, uma de ouro, outra de prata, outra de berilo e outra de cristal. E a escada de ouro tinha quatro pilares de ouro com corrimão e balaústres de prata, a escada de prata tinha quatro pilares de prata e corrimão e balaústres de ouro, e assim por

diante. E as piscinas com flores de lótus tinham dois tipos de grade, ouro e prata – as grades de ouro tinham pilares de ouro, corrimão e balaústres de prata e as grades de prata tinham pilares de prata, corrimão e balaústres de ouro.

1.23. “Então, o Rei pensou: ‘E se eu abastecesse cada piscina com as flores adequadas para fazer grinaldas – flores de lótus azuis, amarelas, vermelhas e brancas que durassem por todas as estações sem desbotar?’ E assim ele fez. Então ele pensou: ‘E se eu colocasse banhistas na beira das piscinas para banhar aqueles que lá fossem?’ E assim ele fez. Então, ele pensou: ‘E se eu instalasse postos de caridade próximos às piscinas de modo que aqueles que necessitam comida possam comer, aqueles que necessitam bebida possam beber, aqueles que necessitam roupas possam se vestir, aqueles que necessitam transporte possam ser transportados, aqueles que necessitam descanso possam descansar, aqueles que necessitam uma esposa possam se casar e aqueles que necessitam de moedas de ouro possam obtê-las?’ E assim ele fez.

1.24. “Então, os *Brâmanes* e chefes de família obtiveram muita riqueza e foram até o Rei e disseram: ‘Senhor, aqui está a riqueza que juntamos especialmente para o Rei, por favor aceite-a!’ ‘Obrigado, amigos, mas eu tenho riqueza suficiente proveniente das rendas de acordo com as leis. Fiquem com essa riqueza e além disso, aceitem um pouco mais!’ Tendo sido dessa forma recusados pelo Rei, eles se reuniram num canto e consideraram: ‘Não seria correto que levássemos essa riqueza de volta para casa. E se nós construíssemos uma moradia para o Rei Mahasudassana.’ Então, eles foram até o Rei e disseram: ‘Senhor, nós construiremos uma moradia para você,’ e o Rei concordou em silêncio.

1.25. “Então, Sakka, o senhor dos *devas*, compreendendo com a sua mente o pensamento na mente do Rei Mahasudassana, disse para o criado *deva* Vissakamma: ‘Venha, amigo Vissakamma, construa uma moradia para o Rei Mahasudassana, um palácio chamado Dhamma.’ ‘Muito bem, Senhor,’ Vissakamma respondeu, e com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido ele desapareceu do paraíso do Trinta e Três e apareceu na frente do Rei Mahasudassana, dizendo: ‘Senhor, eu construirei uma moradia para você, um palácio chamado Dhamma.’ O Rei concordou em silêncio e Vissakamma construiu o Palácio do Dhamma.

1.26. “O Palácio do Dhamma, Ananda, tinha uma légua de extensão de leste a oeste e meia légua de extensão de norte a sul. Todo o palácio até o equivalente à altura de três homens estava recoberto com azulejos de quatro cores: ouro, prata, berilo e cristal e ele continha oitenta e quatro mil colunas das mesmas cores. O palácio tinha vinte quatro escadarias com as mesmas quatro cores e as escadarias de ouro tinham pilares de ouro com corrimão e balaústres de prata ... (igual ao verso 23). O palácio também tinha oitenta e quatro mil cômodos com as mesmas cores. No cômodo de ouro havia um sofá de prata, no cômodo de prata havia um sofá de ouro, no cômodo de berilo havia um sofá de marfim e no cômodo de cristal um sofá de sândalo. Na porta do cômodo de ouro havia a representação de uma palmeira de prata, com o

tronco de prata, folhas e frutos de ouro ... Na porta do cômodo de prata havia a representação de uma palmeira de ouro, com o tronco de ouro, folhas e frutos de prata, na porta do cômodo de berilo havia a representação de uma palmeira de cristal, com o tronco de cristal, folhas e frutos de berilo, na porta do cômodo de cristal havia a representação de uma palmeira de berilo, com tronco de berilo, folhas e frutos de cristal.

1.27. “Então, o Rei pensou: ‘E seu eu fizesse um bosque de palmeiras todas de ouro em frente à porta do grande salão com cumeeira onde passo os dias?’ E assim ele fez.

1.28. “Em volta do Palácio do Dhamma havia duas grades, uma de ouro, outra de prata. A de ouro tinha pilares de ouro, corrimão e balaústres de prata e a grade de prata tinha pilares de prata, corrimão e balaústres de ouro.

1.29. “O Palácio do Dhamma estava circundado por duas carreiras com sinos. Uma carreira era de ouro com sinos de prata, a outra de prata com sinos de ouro. E quando as carreiras eram tocadas pelo vento o som produzido era agradável, delicioso, doce e embriagante, tal como o som dos cinco tipos de instrumentos musicais tocados num concerto por músicos hábeis e bem treinados. E os licenciosos e beberrões em Kusavati tinham os seus desejos apaziguados pelo som dos sinos tocados pelo vento.

1.30. “Quando o Palácio do Dhamma foi concluído, era difícil de olhar para ele, ofuscava os olhos, como no último mês da estação das chuvas, no outono, quando o céu está claro e sem nuvens, é difícil manter os olhos no sol rompendo a névoa, assim também era o Palácio do Dhamma depois de concluído.

1.31. “Então, o Rei pensou: ‘E se eu construísse uma piscina com flores de lótus chamada Dhamma em frente ao Palácio do Dhamma?’ E assim ele fez. A piscina tinha uma légua de extensão de leste a oeste e meia légua de extensão de norte a sul, e foi revestida com azulejos de quatro cores, ouro, prata, berilo e cristal, com quatro escadas, uma de ouro, outra de prata, outra de berilo e outra de cristal. E a escada de ouro tinha quatro pilares de ouro ... (igual ao verso 22).

1.32. “A piscina do Dhamma estava circundada por sete tipos de palmeiras. O som produzido pelas folhas tocadas pelo vento era agradável, delicioso, doce e embriagante, tal como o som dos cinco tipos de instrumentos musicais tocados num concerto por músicos hábeis e bem treinados. E, Ananda, os licenciosos e beberrões em Kusavati tinham os seus desejos apaziguados pelo som dos sinos tocados pelo vento.

1.33. “Quando o Palácio do Dhamma e a Piscina do Dhamma haviam sido concluídos, o Rei Mahasudassana, tendo satisfeito todos os desejos daqueles que na época eram contemplativos ou *Brâmanes*, ou venerados como tais, foi para o Palácio do Dhamma.”

## [Fim da primeira recitação]

2.1. “Então, o Rei Mahasudassana pensou: ‘De qual *kamma* é o fruto, de qual *kamma* é o resultado, o fato de eu agora ser tão forte e poderoso?’ Então, ele pensou: ‘Esse é o fruto de três tipos de *kamma*: da generosidade, do autocontrole e da contenção”

2.2. “Então, o Rei foi até o grande salão com cumeeira e parando na porta exclamou: ‘Que o pensamento de cobiça cesse! Que o pensamento de má vontade cesse! Que o pensamento de crueldade cesse! Que não ocorram mais pensamentos de cobiça, má vontade ou crueldade!’

2.3. “Então, o Rei entrou no grande salão com cumeeira e sentou com as pernas cruzadas num sofá de ouro e afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, ele entrou e permaneceu no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, ele entrou e permaneceu no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, ele entrou e permaneceu no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Com o completo desaparecimento da felicidade, ele entrou e permaneceu no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

2.4. “Então, o Rei, saiu do grande salão com cumeeira e foi para o salão com cumeeira de ouro e sentou com as pernas cruzadas num sofá de prata e permaneceu permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permaneceu permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. E ele fez o mesmo com a mente imbuída de compaixão, alegria altruísta e equanimidade.

2.5. “O Rei Mahasudassana tinha oitenta e quatro mil cidades e a capital Kusavati era a principal, ele tinha oitenta e quatro mil palácios e o Palácio do Dhamma era o principal; ele tinha oitenta e quatro mil salões com cumeeira e o grande salão com cumeeira era o principal; ele tinha oitenta e quatro mil sofás de ouro, prata, marfim, sândalo, cobertos com colchas felpudas, coberta com colchas de lã branca, colchas bordadas, peles de antílope e gamo, coberta com um baldaquino e com almofadas vermelhas para a cabeça e os pés; ele tinha oitenta e quatro mil elefantes adornados com ornamentos de ouro, com estandartes de ouro e cobertos com redes de ouro, *Uposatha* o elefante real era o principal; ele tinha oitenta e quatro mil carruagens cobertas com peles de leão, peles de tigre, peles de leopardos ou com tecidos

alaranjados adornados com ornamentos de ouro, com estandartes de ouro e cobertas com redes de ouro, a carruagem *Vejayanta* era a principal; ele tinha oitenta e quatro mil jóias sendo que a jóia preciosa era a principal; ele tinha oitenta e quatro mil esposas sendo que a Rainha Subhadda era a principal; ele tinha oitenta e quatro mil chefes de família sendo que o chefe de família precioso era o principal; ele tinha oitenta e quatro mil empregados *Khattiya* sendo que o conselheiro precioso era o principal; ele tinha oitenta e quatro mil vacas com ubres como fina juta e baldes de prata; ele tinha oitenta e quatro mil fardos de roupas feitas do mais fino linho, algodão, seda e lã; ele tinha oitenta e quatro mil oferendas de arroz que ali estavam para alimentar os necessitados, noite e dia.

2.6. “Naquela época, os oitenta e quatro mil elefantes do Rei Mahasudassana o serviam noite e dia. E ele pensou: ‘Esses oitenta e quatro mil elefantes me servem noite e dia. E se ao final de cada século quarenta e dois mil elefantes me servissem e fizessem um rodízio?’ E ele deu instruções nesse sentido para o conselheiro precioso e assim foi feito.

2.7. “E, Ananda, depois de muitas centenas, centenas de milhares de anos, a Rainha Subhadda pensou: ‘Já faz muito tempo que não vejo o Rei Mahasudassana. E se eu fosse vê-lo?’ Assim ela disse para as suas aias: ‘Venham agora, lavem as cabeças e vistam roupas limpas. Já faz muito tempo que não vimos o Rei Mahasudassana. Devemos ir vê-lo.’ ‘Sim, Majestade’, elas responderam e se arrumaram e depois foram ter com a Rainha. A Rainha Subhadda disse para o conselheiro precioso: ‘Amigo conselheiro, reúna o exército com quatro divisões. Já faz muito tempo que não vimos o Rei Mahasudassana. Devemos ir vê-lo.’ ‘Muito bem, Majestade’, o conselheiro precioso respondeu e tendo reunido o exército, ele comunicou à Rainha: ‘Agora é o momento Majestade, faça como julgar adequado.’

2.8. “Então, a Rainha Subhadda com o exército com quatro divisões e mais as suas aias foi até o Palácio do Dhamma e depois de entrar foi até o grande salão com cumeeira e parou encostada ao umbral da porta. E o Rei Mahasudassana, pensando: ‘Que barulho tão forte, como de uma multidão?’ saiu por uma porta e viu a Rainha Subhadda encostada ao umbral da porta. Ele disse: ‘Fique aí, Rainha! Não entre!’

2.9. “Então, o Rei Mahasudassana disse para um certo homem: ‘Aqui, rapaz, vá até o grande salão com cumeeira, traga para fora o sofá de ouro e coloque-o entre as palmeiras de ouro.’ ‘Muito bem, senhor’, o homem disse, e assim fez. Então, o Rei Mahasudassana se deitou no seu lado direito, na postura do leão com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente.

2.10. “Então, a Rainha Subhadda pensou: ‘As faculdades do Rei Mahasudassana estão serenas, a sua complexão está límpida e brilhante, Oh! – espero que ele não esteja morto.’ Assim ela disse: ‘Senhor, das suas oitenta e quatro mil cidades, Kusavati é a principal. Faça um desejo, desperte o desejo em viver lá!’ Dessa forma, recordando-o de todas as suas posses reais (igual ao verso 2.5) ela o exortou a desejar continuar vivo.

2.11. “Em vista disso, o Rei Mahasudassana disse para a Rainha: ‘Durante muito tempo, Rainha, você disse palavras agradáveis, deliciosas, prazerosas para mim, mas agora neste momento as suas palavras são desagradáveis, ruins, desprazerosas.’ ‘Senhor, o que então devo falar?’

‘Assim é como você deve falar: “Todas as coisas prazerosas e sedutoras estão sujeitas à mudança, ao desaparecimento, tornando-se diferentes. Senhor, não morra cheio de desejos. Morrer cheio de desejos é doloroso e censurável. Das sua oitenta e quatro mil cidades, Kusavati é a principal: abandone o desejo, abandone a cobiça em viver lá ... Dos seus oitenta e quatro mil palácios, o Palácio do Dhamma é o principal: abandone o desejo, abandone a cobiça em viver lá ...” (e assim por diante, igual ao verso 2.5)

2.12. “Em vista disso, a Rainha Subhadda gritou e desatou a chorar. Depois, limpando as lágrimas, ela disse: ‘Senhor, todas as coisas prazerosas e sedutoras estão sujeitas à mudança ... Senhor, não morra cheio de desejos.’

2.13. “Pouco tempo depois, o Rei Mahasudassana morreu e da mesma forma que um chefe de família ou o seu filho podem se sentir letárgicos depois de uma deliciosa refeição, assim foi a sensação que ele sentiu ao falecer, e ele teve um renascimento favorável no mundo de *Brahma*.

“Durante oitenta e quatro mil anos o Rei Mahasudassana brincou com jogos infantis, durante oitenta e quatro mil anos ele atuou como vice-regente; durante oitenta e quatro mil anos ele governou o reino; durante oitenta e quatro mil anos, como um leigo ele viveu a vida santa no Palácio do Dhamma. E tendo praticado as quatro moradas puras, ao morrer, com a dissolução do corpo ele renasceu no mundo de *Brahma*.

2.14. “Agora, Ananda, você poderá pensar assim: ‘Com certeza, uma outra pessoa era o Rei Mahasudassana naquela ocasião.’ Mas essa não deve ser a interpretação. Era eu o Rei Mahasudassana naquela ocasião. Aquelas oitenta e quatro mil cidades, entre as quais Kusavati era a principal, eram minhas ... as oitenta e quatro mil oferendas de arroz ... eram minhas.

2.15. “E daquelas oitenta e quatro mil cidades eu habitava apenas uma, Kusavati, ... das oitenta e quatro mil esposas que eu tinha, apenas uma cuidava de mim, e elas se chamavam Khattiyani ou Velamikani; dos oitenta e quatro mil fardos de roupas eu tinha apenas um ...; das oitenta e quatro mil oferendas de arroz havia apenas uma medida que eu comia.

2.16. “Você vê, Ananda, como todos esses estados condicionados do passado mudaram e desapareceram! Portanto, Ananda, os estados condicionados são impermanentes, eles são instáveis, eles não nos confortam, e em sendo esse o caso,

Ananda, nós não deveríamos nos regozijar nos estados condicionados, nós deveríamos deixar de ter interesse neles e libertarmo-nos deles.

2.17. “Seis vezes, Ananda, eu me recordo de haver descartado o corpo neste lugar e na sétima vez eu o descartei como um Monarca que girou a roda, um monarca justo de acordo com o Dhamma, conquistador dos quatro pontos cardeais, inconquistável, que havia estabelecido a segurança no meu reino e que possuía sete tesouros. Mas, Ananda, eu não vejo nenhum lugar neste mundo, com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas* ou nesta população, com os seus contemplativos e *Brâmanes*, príncipes e povo, onde o *Tathagata* irá pela oitava vez descartar o corpo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Tendo dito isso, o Mestre disse mais:

“Impermanentes são as coisas condicionadas, sujeitas à origem e cessação. Tendo surgido, elas são destruídas, a sua cessação é a verdadeira bem-aventurança.”

## 18 *Janavasabha Sutta*

Janavasabha - *Brahma* Discursa para os *Devas*

Um *yakkha* se apresenta ao Buda declarando que numa vida passada ele foi o Rei Bimbisara de Magadha

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Nadika na Casa de Tijolos. Naquela ocasião, o Abençoado estava explicando o renascimento de vários discípulos que haviam falecido em distintas regiões: Kasi e Kosala, Vajjia e Malla, Ceti e Vamsa, Kuru e Pancala, Maccha e Surasena, dizendo: “Este aqui renasceu ali, aquele renasceu lá.” Mais de cinquenta discípulos de Nadika, tendo destruído os cinco primeiros grilhões, reapareceram espontaneamente [nas moradas puras] e lá irão realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo; mais de noventa discípulos, tendo destruído três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, são aqueles que retornam uma vez, que retornarão a este mundo uma vez mais e então darão um fim ao sofrimento, e mais de quinhentos discípulos, tendo destruído três grilhões, entraram na correnteza, não mais destinados aos mundos inferiores, com o destino fixo, eles têm a iluminação como destino.

2. Esse relato chegou aos ouvidos dos discípulos em Nadika e eles ficaram alegres, satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

3. E o Venerável Ananda ouviu acerca do relato do Abençoado e da alegria dos Nadikas.

4. Ele pensou: “Há também os discípulos desde muito tempo de Magadha que morreram e desapareceram. Alguém pensaria que Anga e Magadha não tinham nenhum discípulo que tivesse morrido. No entanto, eles também eram devotos do Buda, do Dhamma e da Sangha, e eles praticavam a virtude com perfeição. O

Abençoado não declarou o destino deles. Seria bom ter uma declaração nesse sentido: isso faria com que a multidão tivesse fé e assim alcançasse um bom renascimento.”

“Agora, o Rei Seniya Bimbisara de Magadha era um monarca justo que governava de acordo com a lei, amigo de *Brâmanes*, chefes de família, habitantes das cidades e do campo, de modo que a sua fama havia se espalhado por todos os cantos: ‘Aquele monarca justo que nos trouxe tanta felicidade está morto. A vida era fácil para nós que vivíamos sob o seu domínio justo. E ele era um devoto do Buda, do Dhamma e da Sangha e praticava a virtude com perfeição.’ Assim as pessoas diziam: ‘O Rei Bimbisara, que elogiava o Abençoado até o dia da sua morte, morreu!’ O Abençoado não declarou o destino dele e seria bom ter uma declaração ... Além disso, foi em Magadha que o Abençoado realizou a perfeita iluminação. Visto que o Abençoado realizou a perfeita iluminação em Magadha, porque ele não declara o destino daqueles que lá morreram? Pois se o Abençoado não fizer uma declaração dessas, isso irá causar muita infelicidade ao povo de Magadha. Em sendo esse o caso, porque o Abençoado não faz uma declaração dessas?”

5. E depois de assim refletir em solidão, em benefício dos discípulos de Magadha, o Venerável Ananda levantou ao amanhecer e foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável Senhor, eu ouvi o que foi declarado com relação aos habitantes de Nadika.” (igual aos versos 1-2)

6. “Eles eram todos devotos do Buda, do Dhamma e da Sangha e praticavam a virtude com perfeição. O Abençoado não declarou o destino deles ... (igual ao verso 4) porque o Abençoado não faz uma declaração dessas?” Então, tendo assim falado em benefício dos discípulos de Magadha, ele levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

7. Assim que Ananda partiu, o Abençoado tomando a tigela e o manto externo, foi para Nadika para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Nadika e de haver retornado, após a refeição ele foi para a Casa de Tijolos. Depois de lavar os pés e entrar na casa, considerando e refletindo a respeito da questão dos discípulos de Magadha, ele sentou num assento que havia sido preparado, dizendo: “Eu saberei o destino e fortuna futura deles, quem quer que seja.” E assim ele soube o destino e fortuna de cada um deles. Então ao anoitecer, emergindo do seu isolamento, o Abençoado saiu da Casa de Tijolos e sentou num assento que havia sido preparado na sombra da casa.

8. Então o Venerável Ananda foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável Senhor, a complexão do Abençoado está pura e brilhante, revelando a mente tranqüila do Abençoado. O Abençoado ficou satisfeito com a sua permanência hoje?”

9. “Ananda, depois que você falou comigo sobre os discípulos de Magadha, eu tomei a tigela e o manto externo e fui para Nadika para esmolar alimentos. Depois ... fui

para a Casa de Tijolos e considere a questão dos discípulos de Magadha ... E soube o destino e fortuna de cada um deles. Então um *yakkha* que ali passava exclamou: 'Eu sou Janavasabha, Venerável senhor! Eu sou Janavasabha, Abençoado!' Ananda, você conhece alguém que anteriormente nasceu com o nome Janavasabha?"

"Eu devo admitir, Venerável senhor, que nunca ouvi esse nome; e no entanto ao ouvir o nome 'Janavasabha' meus cabelos ficaram em pé, e eu pensei: 'Aquele cujo nome é Janavasabha não pode ser um *yakkha* com um nível tão baixo!'"

10. "Ananda, imediatamente depois de ter ouvido aquela voz, o *yakkha* apareceu na minha frente como uma visão nobre e exclamou pela segunda vez: 'Eu sou Bimbisara, Venerável senhor! Eu sou Bimbisara, Abençoado! Agora, pela sétima vez renasci na comitiva do Rei Vessavana. Tendo falecido como um rei dos humanos, agora renasci entre seres não humanos.

Sete estados aqui e sete estados lá, catorze nascimentos,  
essas são as vidas das quais posso me recordar.

Durante muito tempo, Venerável senhor, compreendi estar livre dos mundos inferiores, e agora surge em mim o desejo de tornar-me um daqueles que retorna uma vez.' Eu disse: 'É surpreendente, é admirável que o Venerável *yakkha* Janavasabha diga isso. Com base em que você sabe dessa realização específica tão elevada?'"

11. "Não é de outra forma, Venerável senhor, não é de outra forma, Abençoado, que através dos seus ensinamentos! Desde o momento em que obtive comprovada convicção, a partir de então, Venerável senhor, durante muito tempo compreendi estar livre dos mundos inferiores, e agora surge em mim o desejo de tornar-me um daqueles que retorna uma vez. Então, Venerável senhor, tendo sido enviado pelo Rei Vessavana para tratar de negócios com o Rei Virulhaka, eu vi o Abençoado entrar na Casa de Tijolos e sentar-se considerando a questão dos discípulos de Magadha ... E visto que eu havia acabado de ouvir o Rei Vessavana anunciar para a sua assembléia ... o destino daqueles discípulos, não é surpresa que eu tenha pensado: 'Eu irei ver o Abençoado e relatar isso para ele.' E essas, Venerável senhor, são as duas razões pelas quais eu vim ver o Abençoado." (Janavasabha continua:)

12. "Venerável senhor, no passado, há muito tempo, no *Uposatha* do décimo quinto dia, no final da estação das chuvas, na noite de lua cheia, todos os *devas* do Trinta e Três estavam reunidos no Salão Sudhamma – uma grande congregação de seres divinos e os Quatro Grandes Reis dos quatro quadrantes também lá estavam. Ali estava o Grande Rei Dhatarattha do leste liderando os seus discípulos, voltado para o oeste; o Grande Rei Virulhaka do sul ... voltado para o norte; o Grande Rei Viruipakkha do oeste ... voltado para o leste; e o Grande Rei Vessavana do norte ... voltado para o sul.

“Nessas ocasiões, essa era a ordem na qual eles sentavam e depois deles vinham os nossos assentos. E aqueles *devas* que, tendo vivido a vida santa sob o Abençoado, haviam recentemente renascido no Paraíso do Trinta e Três, eclipsavam os outros *devas* em luminosidade e glória. E por essa razão os *devas* do Trinta e Três ficavam satisfeitos, felizes, cheios de prazer e alegria, dizendo: “A hoste dos *devas* está crescendo, a hoste dos *asuras* está diminuindo!”

13. “Então, Venerável senhor, Sakka, o senhor dos *devas*, vendo a satisfação dos *devas* do Trinta e Três, recitou estes versos com alegria:

“Os *devas* do Trinta e Três se alegram,  
o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata* e a verdade do Dhamma,  
vendo *devas* recém chegados, luminosos e gloriosos  
que viveram a vida santa, agora bem renascidos.  
Eclipsando todos os demais em fama e esplendor,  
os discípulos distinguidos do Sábio poderoso.  
Vendo isso, os *devas* do Trinta e Três se alegram,  
o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata* e a verdade do Dhamma.”

Em vista disso, os *devas* do Trinta e Três se alegraram ainda mais dizendo: “A hoste dos *devas* está crescendo, a hoste dos *asuras* está diminuindo!”

14. “E então, eles consultaram e deliberaram juntos sobre o assunto pelo qual eles haviam se reunido no salão Sudhamma, e os Quatro Grandes Reis os aconselharam e alertaram, permanecendo imóveis nos seus assentos.

Os Reis, instruíram, registrando as palavras ditas,  
permanecendo calmos, serenos, nos seus assentos.

15. “E então, Venerável senhor, uma luminosidade gloriosa surgiu do norte e o esplendor visto era mais intenso que o brilho dos *devas*. E Sakka disse para os *devas* do Trinta e Três: “Senhores, quando esses sinais são vistos, quando essa luz aparece e surge um brilho, então *Brahma* irá aparecer. Pois esses sinais são os presságios da aparição de *Brahma*.”

Quando esses sinais são vistos, *Brahma* logo aparecerá:  
esse é o sinal de *Brahma*, luminosidade ampla e grandiosa.

16. “Então, os *devas* do Trinta e Três sentaram nos seus lugares dizendo: “Vamos ver o que sai dessa luminosidade e depois de descobrir isso, iremos ao seu encontro.” Os Quatro Grandes Reis, sentando nos seus assentos disseram o mesmo. Assim, todos estavam de acordo.

17. “Venerável senhor, sempre que o *Brahma* Sanankumara aparece para os *devas* do Trinta e Três, ele aparece assumindo uma forma mais grosseira, porque a sua aparência natural não pode ser percebida pelos olhos deles. Quando ele aparece para os *devas* do Trinta e Três, ele supera todos os *devas* em luminosidade e glória, como uma figura feita de ouro supera o brilho de uma figura humana. E, Venerável senhor, quando o *Brahma* Sanankumara aparece para os *devas* do Trinta e Três, nenhum deles o cumprimenta ou se levanta, ou lhe oferece um assento. Eles ficam todos sentados com as mãos postas, pernas cruzadas, pensando que ele irá sentar na almofada daquele *deva* do qual ele deseja algo. E aquele em cuja almofada ele senta fica excitado e contente como se fosse um rei *Khattiya* ungido que estivesse assumindo o governo.

18. “Então, Venerável senhor, o *Brahma* Sanankumara, depois de assumir uma forma mais grosseira, apareceu para os *devas* do Trinta e Três com a forma do jovem Pancasikha. Levitando, ele apareceu flutuando no ar com as pernas cruzadas, da mesma forma que um homem forte poderia sentar-se sobre uma almofada no chão. E vendo o contentamento dos *devas* do Trinta e Três, ele recitou estes versos com alegria:

“Os *devas* do Trinta e Três se alegram,  
o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata* e a verdade do Dhamma,  
vendo *devas* recém-chegados, luminosos e gloriosos  
que viveram a vida santa, agora bem renascidos.  
Eclipsando todos os demais em fama e esplendor,  
os discípulos distinguidos do Sábio poderoso.  
Vendo isso, os *devas* do Trinta e Três se alegram,  
o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata*, e a verdade do Dhamma.”

19. “Agora, com relação ao discurso do *Brahma* Sanankumara e quanto ao seu jeito de falar, a sua voz tem oito qualidades: ela é clara, inteligível, melodiosa, audível, envolvente, eufônica, profunda e sonora. E ao se dirigir com essa voz à assembléia, o som não ia além desta. Quem quer que tenha uma voz como essa, diz-se, tem a voz de *Brahma*.

20. “E o *Brahma* Sanankumara, multiplicando a sua forma por trinta e três, sentou com as pernas cruzadas nas almofadas de cada um dos *devas* do Trinta e Três e disse: ‘O que pensam os senhores do Trinta e Três? Dado que o Abençoado, por compaixão pelo mundo e em benefício e felicidade de muitos, agiu pelo bem-estar de *devas* e humanos e aqueles, quem quer que seja, que tomaram refúgio no Buda, no Dhamma e na Sangha e que observaram os preceitos de virtude, com a morte e a dissolução do corpo renasceram na companhia dos *devas* do *Parinimmita-Vasavatti* ou dos *devas* do *Nimmanaratti*, ou dos *devas* do *Tusita*, ou dos *devas* do *Yama*, ou na comitiva do Trinta e Três, ou dos Quatro Grandes Reis – ou no mínimo na companhia dos *gandhabbas*.

21. “Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse. E cada um dos *devas* ao qual ele se dirigia pensava: “Ele está sentado na minha almofada, ele está falando apenas comigo.”

Todas as formas assumidas falam com uma única voz,  
e depois de falar, todas silenciam ao mesmo tempo.  
E assim os *devas* do Trinta e Três, o seu líder também,  
cada um pensa: “Ele fala apenas comigo.”

22. “Então, o *Brahma* Sanankumara assumiu uma única forma, sentou-se na almofada de Sakka e disse: “O que pensam os senhores do Trinta e Três? Esse Venerável, o Buda, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, conheceu e viu as quatro bases para o poder espiritual e como desenvolvê-las, aperfeiçoá-las e praticá-las. Quais quatro? Neste caso, um *bhikkhu* desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido ao desejo e às formações volitivas do esforço ... devido à energia ... devido à mente ... devido à investigação e às formações volitivas do esforço. Essas são as quatro bases para o poder espiritual ... E todos os contemplativos e *Brâmanes* que no passado realizaram esses poderes, todos eles os desenvolveram e cultivaram dessas quatro formas, e o mesmo se aplica a todos que no futuro ou que no presente realizam esses poderes. Os senhores do Trinta e Três vêem em mim esses poderes?” - “Sim, *Brahma*.” - “Muito bem, eu também desenvolvi e pratiquei dessas quatro formas.”

23. “Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse. Ele prosseguiu: “O que pensam os senhores do Trinta e Três? Há três passagens para a bem-aventurança proclamada pelo Abençoado que sabe e vê. Quais são elas? Em primeiro lugar, alguém permanece associado aos prazeres sensuais, sujeito a condições inábeis. Em algum momento ele ouve o nobre Dhamma, ele dá ouvidos e pratica conforme indicado. Fazendo isso ele passa a viver dissociado daqueles prazeres sensuais e condições inábeis. Como resultado dessa dissociação, a felicidade surge, e ainda mais, a alegria. Como o prazer pode trazer o gozo, com a felicidade ele experimenta a alegria.

24. “Em segundo lugar, alguém não tranquilizou as formações corporais, verbais e mentais. Em algum momento ele ouve o nobre Dhamma, ... e as suas formações corporais, verbais e mentais são tranquilizadas. E como resultado dessa tranquilização a felicidade surge, e ainda mais, a alegria ...

25. “Em terceiro lugar, alguém realmente não sabe o que é correto e o que é incorreto, o que é censurável e o que não é, o que deve ser praticado e o que não deve, o que é vulgar e o que é nobre, o que tem qualidade inferior, superior ou mista. Em algum momento ele ouve o nobre Dhamma, ele dá ouvidos e pratica conforme indicado. Como resultado, ele passa a saber na realidade, o que é correto e o que é incorreto, o que é censurável e o que não é, o que deve ser praticado e o que não deve, o que é vulgar e o que é nobre, o que tem qualidade inferior, superior ou mista. Naquele que assim sabe e vê, a ignorância desaparece e surge o conhecimento. Com

o desaparecimento da ignorância e o surgimento do conhecimento, a felicidade surge, e ainda mais, a alegria. Como o prazer pode trazer o gozo, com a felicidade ele experimenta a alegria. Essas são as três passagens para a bem-aventurança proclamada pelo Abençoado que sabe e vê.”

26. “Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse. Ele prosseguiu: “O que pensam os senhores do Trinta e Três? Que tão bem o Abençoado que sabe e vê enunciou os quatro fundamentos da atenção plena para realizar aquilo que é benéfico! Quais são os fundamentos? Aqui, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Permanecendo assim contemplando o corpo como um corpo, ele se torna perfeitamente concentrado e perfeitamente tranqüilo. Estando assim perfeitamente concentrado e perfeitamente tranqüilo ele obtém o conhecimento e visão do corpo como um corpo externamente. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... contemplando a mente como mente ... contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Permanecendo assim contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ele se torna perfeitamente concentrado e perfeitamente tranqüilo. Estando assim perfeitamente concentrado e perfeitamente tranqüilo ele obtém o conhecimento e visão dos objetos mentais como objetos mentais externamente. Esses são os quatro fundamentos da atenção plena enunciados pelo Abençoado que sabe e vê, para realizar aquilo que é benéfico.”

27. “Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse. Ele prosseguiu: “O que pensam os senhores do Trinta e Três? Que tão bem o Abençoado que sabe e vê enunciou os sete suportes da concentração, para o desenvolvimento da perfeita concentração e a perfeição da concentração! Quais são eles? Eles são o entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto e atenção plena correta. A unificação da mente equipada com esses sete fatores é chamada de nobre concentração correta com os seus suportes e seus requisitos. Do entendimento correto surge o pensamento correto, do pensamento correto surge a linguagem correta, da linguagem correta surge a ação correta, da ação correta surge o modo de vida correto, do modo de vida correto surge o esforço correto, do esforço correto surge a atenção plena correta, da atenção plena correta surge a concentração correta, da concentração correta surge o conhecimento correto, do conhecimento correto surge a libertação correta. Se alguém deveras declarasse: ‘O Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, visível no aqui e agora, com efeito imediato, que convida ao exame, que conduz para adiante, para ser experimentado pelos sábios por eles mesmos’, dizendo: ‘Abertas estão as portas para o Imortal!’, ele estaria falando de acordo com a verdade suprema. Pois de fato, senhores, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, visível no aqui e agora, com efeito imediato, que convida ao exame, que conduz para adiante, para ser experimentado pelos sábios por eles mesmos, e, também, as portas para o Imortal estão abertas!”

“Aqueles que possuem convicção comprovada no Buda, Dhamma e Sangha e que possuem as virtudes apreciadas pelos nobres, esses seres que aqui renasceram por conta do seu treinamento no Dhamma, totalizando mais de dois mil e quatrocentos discípulos de Magadha que faleceram, com o abandono dos três primeiros grilhões, eles entraram na correnteza, não mais destinados aos mundos inferiores, com o destino fixo, eles têm a iluminação como destino, e de fato, aqui também há aqueles que irão retornar apenas mais uma vez.

Mas desse outro grupo que de fato  
tem ainda maior mérito, a minha mente  
não é capaz de avaliá-los de nenhum modo,  
por temor de dizer uma inverdade.

28. “Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse. E com relação a isso o Grande Rei Vessavana refletiu: “É maravilhoso, é admirável, que um Mestre tão glorioso tenha surgido, que exista uma proclamação tão gloriosa do Dhamma e que esses caminhos gloriosos para o sublime tenham sido revelados!” Então, o *Brahma* Sanankumara, percebendo com a sua mente o pensamento na mente do Rei Vessavana disse o seguinte: O que você pensa, Rei Vessavana? No passado houve um Mestre tão glorioso e com tal proclamação, com caminhos como esses revelados, e no futuro também haverá.”

29. Isso foi o que o *Brahma* Sanankumara disse para os *devas* do Trinta e Três. E o Grande Rei Vessavana, tendo ouvido aquilo pessoalmente, relatou aos seus discípulos. E o *yakkha* Janavasabha, tendo ouvido aquilo pessoalmente, relatou ao Abençoado. E o Abençoado tendo ouvido pessoalmente, e também sabendo através dos seus poderes supra-humanos, relatou para o Venerável Ananda, que, então, relatou aos monges e monjas, aos discípulos leigos e às discípulas leigas.

E assim a vida santa cresceu e prosperou e se espalhou amplamente ao ser proclamada para a humanidade.

## *19 Mahagovinda Sutta*

### O Grande Administrador – Uma Vida Passada de Gotama

A história do Grande Administrador que foi o ministro de sete reis e depois decidiu seguir a vida santa

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha, no Pico do Abutre. Então, quando a noite estava bem avançada, o *gandhabba* Pancasikha iluminou todo o Pico do Abutre com uma belíssima luminosidade e se aproximou do Abençoado. Ao se aproximar ele homenageou o Abençoado e ficando em pé a um lado Pancasikha disse: “Venerável senhor, eu gostaria de relatar aquilo que vi e observei pessoalmente quando estava na presença dos *devas* do Trinta e Três.” - “Diga Então, Pancasikha”, o Abençoado disse.

2.-3. “Venerável senhor, no passado, há muito tempo, no *Uposatha* do décimo quinto dia, no final da estação das chuvas, na noite de lua cheia, todos os *devas* do Trinta e Três estavam reunidos no Salão Sudhamma ... (igual ao [DN 18.12](#)) ... E por essa razão os *devas* do Trinta e Três ficavam satisfeitos, felizes, cheios de prazer e alegria, dizendo: “A hoste dos *devas* está crescendo, a hoste dos *asuras* está diminuindo!”. Então, Sakka recitou estes versos:

‘Os *devas* do Trinta e Três se alegram, o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata* e a verdade do Dhamma,  
vendo *devas* recém-chegados, luminosos e gloriosos  
que viveram a vida santa, agora bem renascidos.  
Eclipsando todos os demais em fama e esplendor,  
os discípulos distinguidos do Sábio poderoso.  
Vendo isso, os *devas* do Trinta e Três se alegram,  
o seu líder também,  
elogiando o *Tathagata* e a verdade do Dhamma.’

Em vista disso, os *devas* do Trinta e Três se alegraram ainda mais dizendo: ‘A hoste dos *devas* está crescendo, a hoste dos *asuras* está diminuindo!’

4. [Pancasikha continua:] “Então, Sakka, vendo a satisfação deles, disse para os *devas* do Trinta e Três: ‘Senhores, vocês gostariam de ouvir oito afirmações verdadeiras em louvor do Abençoado?’ E obtendo a concordância deles ele declarou:

5. “O que pensam os senhores do Trinta e Três? Com relação ao modo como o Abençoado se esforçou pelo bem-estar e pela felicidade de *devas* e humanos, por compaixão pelo mundo e pelo bem-estar e felicidade de muitos – não podemos encontrar um outro mestre dotado dessas qualidades, quer consideremos o passado ou o presente, que não seja o Abençoado.

6. “Bem proclamado, deveras, é o Dhamma do Abençoado, visível no aqui e agora, com efeito imediato, que convida ao exame, que conduz para adiante, para ser experimentado pelos sábios por eles mesmos – e não podemos encontrar nenhum outro proclamador de uma doutrina que conduza para adiante como essa, quer seja no passado ou no presente, que não seja o Abençoado.

7. “O Abençoado explicou bem o que é correto e o que é incorreto, o que é censurável e o que não é, o que deve ser praticado e o que não deve, o que é vulgar e o que é nobre, o que tem qualidade inferior, superior ou mista. E não podemos encontrar nenhum outro proclamador dessas coisas .... que não seja o Abençoado.

8. “Novamente, o Abençoado explicou bem para os seus discípulos o caminho que conduz a *nibbana*, e eles coalescem, *nibbana* e o caminho, igual às águas do Ganges e do Yamuna coalescem e fluem juntas. E não podemos encontrar nenhum outro proclamador do caminho para *nibbana* .... que não seja o Abençoado.

9. “E o Abençoado obteve companheiros, tanto treinandos como aqueles que, tendo vivido a vida santa eliminaram as impurezas, e o Abençoado permanece junto deles, todos regozijando-se naquela única coisa. E não podemos encontrar nenhum outro mestre .... que não seja o Abençoado.

10. “As oferendas dadas ao Abençoado são bem dadas, a fama dele está bem estabelecida, tanto assim que, eu penso, os *Khattiyas* continuarão apegados a ele, no entanto o Abençoado aceita as suas esmolas de alimentos sem presunção. E não podemos encontrar nenhum outro mestre que faça isso .... que não seja o Abençoado.

11. “E o Abençoado age de acordo com o que ele fala, e fala de acordo com as suas ações. E não podemos encontrar nenhum outro mestre que faça isso, com relação a cada detalhe da doutrina .... que não seja o Abençoado.

12. “O Abençoado superou a dúvida, foi além do ‘como’ e ‘porque’, ele realizou o objetivo da vida santa suprema. E não podemos encontrar nenhum outro mestre que tenha feito isso, quer consideremos o passado ou o presente, que não seja o Abençoado.’

“E quando Sakka assim proclamou essas oito afirmações verdadeiras em louvor do Abençoado, os *devas* do Trinta e Três ficaram ainda mais satisfeitos, felizes, cheios de prazer e alegria com aquilo que haviam ouvido em louvor ao Abençoado.

13. “Então, alguns *devas* exclamaram: ‘Ah, se pelo menos quatro Budas Perfeitamente Iluminados surgissem no mundo e ensinassem o Dhamma como o Abençoado! Isso seria pelo bem-estar e pela felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos!’ E alguns disseram: ‘Que não fossem quatro Budas Perfeitamente Iluminados – três bastariam!’ E outros disseram: ‘Que não fossem três – dois bastariam!’

14. “Com relação a isso Sakka disse: ‘É impossível, senhores, não pode acontecer que dois Budas, Perfeitamente Iluminados, possam surgir ao mesmo tempo no mundo - não existe essa possibilidade. Que este Abençoado continue a viver por muitos anos, livre da doença e enfermidade! Isso seria pelo bem-estar e pela felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos!’

“Então, os *devas* do Trinta e Três consultaram e deliberaram juntos sobre o assunto pelo qual eles haviam se reunido no salão Sudhamma, e os Quatro Grandes Reis aconselharam e alertaram com relação a esse assunto, permanecendo imóveis nos seus assentos.

15-16. “Uma luminosidade gloriosa surgiu do norte e o esplendor visto era mais intenso que o brilho dos *devas*. E Sakka disse para os *devas* do Trinta e Três: “Senhores, quando esses sinais são vistos, quando essa luz aparece e surge um

brilho, então *Brahma* irá aparecer. Pois esses sinais são os presságios da aparição de *Brahma*.” ... (igual ao [DN 18.15-17](#)).

17. “Então, o *Brahma* Sanankumara, tendo descido do seu mundo, e vendo o contentamento deles, recitou estes versos:

‘Os *devas* do Trinta e Três se alegram, o seu líder também ... ’ (igual verso 2 acima)

18. “Agora com relação ao discurso do *Brahma* Sanankumara ... (igual ao [DN 18.19](#)).

19. “Então, os *devas* do Trinta e três disseram para o *Brahma* Sanankumara: ‘Muito bem, *Brahma*! Nós nos regozijamos com aquilo que ouvimos. Sakka, o senhor dos *devas* também nos declarou oito afirmações verdadeiras em louvor do Abençoado, e nós também nos regozijamos com isso.’ Então, *Brahma* disse para Sakka: ‘Muito bem, senhor dos *devas*. E nós também gostaríamos de ouvir essas oito afirmações verdadeiras em louvor do Abençoado.’ ‘Muito bem, Grande *Brahma*’, Sakka disse, e ele repetiu aquelas oito afirmações:

20.-27. “O que você pensa, Venerável *Brahma* ...? (igual aos versos 5-12). E o *Brahma* Sanankumara ficou satisfeito, feliz, cheio de prazer e alegria com aquilo que ouviu em louvor do Abençoado.

28. “Então, o *Brahma* Sanankumara depois de assumir uma forma mais grosseira, apareceu para os *devas* do Trinta e Três com a forma do jovem Pancasikha ... (igual ao [DN18.18](#)) ... E assim de pernas cruzadas ele disse para os *devas* do Trinta e Três: ‘Há quanto tempo o Abençoado possui poderosa sabedoria?’

29. “Certa vez, houve um rei chamado Disampati. O seu ministro era um *Brâmane* chamado Administrador. O filho do rei era um jovem chamado Renu e o filho do administrador se chamava Jotipala. O príncipe Renu e Jotipala, junto com outros seis *Khattiyas*, formavam um grupo de oito amigos. Depois de um certo tempo o Administrador morreu e o Rei Disampati enlutado dizia: “Ai de mim, exatamente agora que havíamos transferido todas as nossas responsabilidades para o Administrador e estávamos nos entregando aos prazeres dos cinco sentidos, o Administrador morreu!”

“Ouvindo isso, o príncipe Renu disse: “Senhor, não se entristeça tanto pela morte do Administrador! O filho dele, Jotipala, é mais esperto que o pai era e sabe distinguir bem o que é vantajoso. Você deveria deixar que Jotipala administre todos os negócios que você havia delegado ao pai dele.” - “É verdade isso, meu filho?” - “Sim, senhor.”

30. “Então, o Rei chamou um homem e disse: “Venha, meu bom homem, vá até o jovem Jotipala e diga: ‘Que o Venerável Jotipala esteja bem! o Rei Disampati o chama, ele gostaria de vê-lo.’” - “Muito bem, Majestade”, o homem respondeu, e comunicou a mensagem. Ao receber a mensagem, Jotipala disse: “Muito bem, senhor”, e foi ver o

Rei. Ao chegar na presença do Rei eles se cumprimentaram de forma cortês e ele sentou a um lado. O Rei disse: “Desejamos que o Venerável Jotipala administre os nossos negócios. Não recuse. Eu o colocarei no lugar do seu pai e o ungirei como Administrador.” - “Muito bem, Venerável senhor”, Jotipala respondeu.

31. “Assim, o rei Disampati nomeou Jotipala como administrador no lugar do seu pai. E uma vez nomeado, Jotipala realizou os negócios que o seu pai realizava, não fazendo nenhum tipo de negócio que o seu pai não havia feito. Ele completou todas as tarefas que o seu pai havia contemplado, nenhuma outra. E as pessoas diziam: “Esse *Brâmane* é deveras um administrador! De fato ele é um grande administrador!” E assim foi como o jovem *Brâmane* Jotipala passou a ser conhecido como o Grande Administrador.

32. “E um certo dia, o Grande Administrador foi até o grupo de seis nobres e disse: “O rei Disampati está velho, com a idade avançada, atribulado pelos anos, avançado na vida, já no último estágio. A sua vida está próxima do fim e ele não irá durar muito mais. Quem poderá dizer quanto tempo as pessoas irão viver? Quando o rei Disampati morrer, os ‘fazedores de reis’ com certeza irão ungir o príncipe Renu como rei. Vocês devem ir até o príncipe Renu e dizer: ‘Nós somos os amigos amados, estimados e favoritos do príncipe Renu, compartilhando das suas alegrias e tristezas. Nosso rei Disampati está velho ... Quando ele morrer, os fazedores de reis com certeza irão ungir o príncipe Renu como rei. Se o príncipe Renu obtiver o reinado, que ele o comparta conosco.”

33. “Muito bem, senhor’, os seis nobres disseram e foram até o príncipe Renu e falaram com ele da forma proposta pelo Grande Administrador. ‘Muito bem, senhores, quem, além de mim, deveria prosperar? Vocês. Senhores, se eu obtiver o reinado, comparti-lo-ei com vocês.’

34. “No seu devido tempo o rei Disampati morreu e os fazedores de reis ungiram o príncipe Renu como rei. E tendo sido feito rei, Renu se entregou aos prazeres dos cinco sentidos. Então, o Grande Administrador foi até os seis nobres e disse: “Senhores, agora que o rei Disampati morreu, o príncipe Renu que foi ungido como rei, se entregou aos prazeres dos cinco sentidos. Quem sabe o que irá resultar disso? Os prazeres sensuais são embriagantes. Vocês deveriam ir ter com ele e dizer: ‘O Rei Disampati está morto e o príncipe Renu foi ungido como Rei. Você lembra da sua promessa, senhor?’”

“Eles assim fizeram e o Rei disse: “Senhores, eu lembro da minha palavra. Quem é capaz de dividir este reino poderoso tão largo no norte e tão estreito no sul, em sete partes iguais?” - “Quem de fato, senhor, exceto o Grande Administrador?”

35. “Assim o rei Renu mandou um homem até o Grande Administrador dizendo: “Senhor, o Rei o chama.” O homem foi e o Grande Administrador veio até o Rei e depois de cumprimentá-lo com cortesia sentou a um lado. Então, o Rei disse: “Venerável Administrador, vá e divida este reino poderoso, tão largo no norte e tão

estreito no sul, em sete partes iguais.” - “Muito bem, Senhor,” disse o Grande Administrador, e assim ele fez.

36. “ E o reino de Renu estava no centro:

Dantapura vai para os Kalingas, Potaka para os Assakas,  
Mahissati para os Avantis, Roruka para os Soviras.

Mithila para os Videhas, Campa para os Angas,  
Benares para os Kasi, assim distribuiu o Administrador.

Os seis nobres ficaram satisfeitos com os seus ganhos respectivos e o êxito do plano: “Aquilo que queríamos, desejávamos, objetivávamos e nos esforçamos para conseguir, nós obtivemos!”

Sattabhu, Brahmadata, Vessabhu e Bharata,  
Renu e dois Dhataratthas, esses são os sete  
reis Bharat.’

#### **[Fim da primeira recitação]**

37. “Então, os seis nobres foram até o Grande Administrador e disseram:

“Venerável Administrador, você tem sido um amigo fiel, sincero e amado pelo Rei Renu e assim também por nós. Por favor administre os nossos negócios! Nós esperamos que você não recuse.” Assim ele administrou os reinos de sete reis ungidos e ele ensinou os mantras para sete *Brâmanes* ilustres e setecentos pupilos avançados.

38. “Com o passar do tempo, esta boa reputação havia se espalhado com relação ao Grande Administrador: “O Grande Administrador pode ver *Brahma* com os seus próprios olhos, conversa com ele cara a cara e o consulta!” E ele pensou: “Agora essa boa reputação tem se espalhado a meu respeito, que eu posso ver *Brahma* com os meus próprios olhos, ... mas isso não é verdade. No entanto, eu ouvi, dito por anciãos e *Brâmanes* respeitados, mestres de mestres, que qualquer um que se isole em meditação durante os quatro meses das chuvas, desenvolvendo a absorção na compaixão, poderá ver *Brahma* com os próprios olhos, conversar com ele cara a cara e consultá-lo. E se eu fizesse isso!”

39. “Assim, o Grande Administrador foi até o Rei Renu e relatou o que havia acontecido e do seu desejo de ir para um retiro e desenvolver a absorção na compaixão. “E ninguém deve se aproximar de mim, exceto para me trazer comida.” - “Venerável Administrador, faça como julgar adequado.”

40. “Os seis nobres responderam da mesma forma: “Venerável Administrador, faça como julgar adequado.”

41. “Ele foi até os sete *Brâmanes* e os setecentos pupilos e contou sobre a sua intenção, adicionando: “Portanto, senhores, vocês sigam recitando os mantras que ouviram e aprenderam e ensinem-nos para os outros.” - “Venerável Administrador, faça como julgar adequado”, eles responderam.

42. “Então, ele foi falar com as suas quarenta esposas, e elas disseram: “Venerável Administrador, faça como julgar adequado.”

43. “Assim, o Grande Administrador construiu uma nova moradia no lado leste da cidade e lá se isolou durante os quatro meses das chuvas, desenvolvendo a absorção na compaixão, e ninguém se aproximou dele, exceto para levar comida. Mas ao final dos quatro meses ele não sentiu nada além de cansaço e insatisfação pensando: “Eu ouvi ... que qualquer um que se isole em meditação durante os quatro meses das chuvas, desenvolvendo a absorção na compaixão, poderá ver *Brahma* com os próprios olhos ... Mas eu não consigo ver *Brahma* com os meus próprios olhos e não posso conversar ou discutir com ele ou consultá-lo!”

44. “Agora, o *Brahma* Sanankumara soube com a sua mente o pensamento na mente dele. Então, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, *Brahma* Sanankumara desapareceu do mundo de *Brahma* e apareceu na frente do Grande Administrador. E o Grande Administrador sentiu medo e terror, seus cabelos ficaram em pé em vista daquela aparição que ele nunca havia visto antes. E assim medroso e aterrorizado, com os cabelos em pé, ele se dirigiu ao *Brahma* Sanankumara com estes versos:

“Oh visão esplêndida, gloriosa e divina,  
quem é você, Senhor? Eu anseio saber o seu nome.”

“No paraíso eu sou conhecido por todos:  
*Brahma* Sanankumara – assim sou conhecido.”

“Um assento, água para os pés, doces,  
são apropriados para um *Brahma*. Que o Venerável  
decida pela hospitalidade.”

“Nós aceitamos aquilo que é oferecido: agora diga  
o que você deseja de nós – um favor,  
benefício nesta mesma vida ou na seguinte.  
Diga, Venerável Administrador, o que você deseja.”

45. “Então, o Grande Administrador pensou: “O *Brahma* Sanankumara me oferece um favor. O que devo pedir – benefício nesta vida ou naquelas que virão?” Então, ele pensou: “Eu sou um experto nas vantagens nesta vida e outros me consultam sobre isso. E se eu pedisse para o *Brahma* Sanankumara algo que beneficie a vida que virá?” E ele se dirigiu ao *Brahma* com estes versos:

“Eu pergunto ao *Brahma* Sanankumara o seguinte, duvidando, pergunto a quem não tem dúvidas (em nome de outros também pergunto): fazendo o quê os mortais podem alcançar o imortal mundo de *Brahma*?”

“Aquele que rejeita todos os pensamentos possessivos, só, diligente, cheio de compaixão, afastado do fedor, livre da cobiça - assim estabelecido, treinando assim, os mortais poderão alcançar o imortal mundo de *Brahma*.”

46. “”Eu compreendo ‘Rejeita todos os pensamentos possessivos’. Isso significa que ele renuncia todas as suas posses, grandes ou pequenas, abandona os seus familiares, muitos ou poucos, raspa o cabelo e barba, deixa a vida em família e segue a vida santa. Assim é como entendo ‘Rejeita todos os pensamentos possessivos’. Eu compreendo ‘Só, diligente’. Isso significa que ele vai só e escolhe um local na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna numa encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia ... Eu compreendo ‘Cheio de compaixão’. Isso significa que ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de compaixão, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Assim é como entendo ‘Cheio de compaixão’. Mas as palavras do Venerável sobre ‘Afastado do fedor’ eu não entendo:

O que você quer dizer, *Brahma*, com ‘fedor’ entre os homens?  
Perdoe a minha ignorância, Oh sábio, com relação a isso.  
Qual obstáculo faz com que alguém feda e supure,  
direcionado ao inferno, separado do mundo de *Brahma*?”

“Raiva, mentira, dissimulação e trapaça,  
avareza, arrogância e inveja,  
cobiça, dúvida e o dano a outrem,  
ambição e ódio, estupor e delusão:  
o fedor repulsivo que emana disso  
direciona ao inferno, separa do mundo de *Brahma*.”

“Entendo as palavras do Venerável acerca do fedor, mas essas coisas não são fáceis de superar vivendo a vida em família. Portanto, eu deixarei a vida em família pela vida santa.” “Venerável Administrador, faça como julgar adequado.”

47. “Assim, o Grande Administrador foi até o Rei Renu e disse: “Venerável Senhor, por favor nomeie um outro ministro para cuidar dos seus negócios. Eu quero deixar

a vida em família para seguir a vida santa. Depois do que *Brahma* me disse sobre o fedor do mundo, que não pode ser superado com facilidade vivendo a vida em família, eu seguirei a vida santa:

Rei Renu, soberano deste reino, eu declaro,  
você mesmo deve governar, eu não mais o aconselharei!”

“Se lhe falta algo, eu proverei,  
se algo o magoa, meu abraço real o protegerá.  
Você é o meu pai, eu o seu filho, Administrador, fique!”

“Nada me falta, ninguém aqui me magoa;  
não ouvi voz humana – em casa não posso ficar.”

“‘Não-humano’ – quem é ele que pede que você  
de uma vez abandone a sua casa e todos nós?”

“Antes de ir para o retiro eu pensei num sacrifício,  
acendendo o fogo sagrado, espalhando o capim *kusa*.  
Mas agora – o *Brahma* eterno do mundo de *Brahma* apareceu.  
Eu perguntei, ele respondeu: agora não posso mais ficar.”

“Venerável Administrador, nas suas palavras eu confio.  
Essas palavras uma vez ouvidas, você não tem outra escolha.  
Nós o seguiremos: Administrador, seja o nosso Mestre.  
Como uma pedra de berilo, da mais pura água,  
assim purificada, nós seguiremos a sua trilha.  
Se o Venerável Administrador deixar a vida em família  
pela vida santa, eu farei o mesmo.  
Onde quer que você vá, nós o seguiremos.”

48. “Então, o Grande Administrador foi até os seis nobres e disse: “Meus senhores, por favor nomeiem um outro ministro para cuidar dos seus negócios. Eu quero deixar a vida em família para seguir a vida santa ...” E os seis nobres se afastaram para conversar: “Esses *Brâmanes* cobiçam o dinheiro. Talvez possamos convencer o Grande Administrador oferecendo-lhe dinheiro.” Assim eles voltaram e disseram: “Senhor, há muita riqueza nestes sete reinos. Tome quanto quiser.” - “Basta, senhores, eu já recebi riqueza suficiente dos senhores. É exatamente isso que estou renunciando para deixar a vida em família e seguir a vida santa, como expliquei antes.”

49. “Então, os seis nobres se afastaram para conversar: “Esses *Brâmanes* cobiçam as mulheres. Talvez possamos convencer o Grande Administrador oferecendo-lhe mulheres.” Assim eles voltaram e disseram: “Senhor, há muitas mulheres nestes sete reinos. Escolha aquelas que quiser.” - “Basta, senhores, eu já tenho quarenta esposas

e estou deixando-as para deixar a vida em família e seguir a vida santa, como expliquei antes.”

50. “Se o Venerável Administrador deixar a vida em família pela vida santa, nós faremos o mesmo. Onde quer que você vá, nós o seguiremos:

“Se vocês renunciarem a esses prazeres que aprisionam as pessoas comuns, esforcem-se, sejam fortes e agüentem com paciência!  
Esse é o caminho direto, o caminho incomparável,  
o caminho da verdade, protegido pelo bem, para o mundo de *Brahma*.”

51. “Assim, Venerável Administrador, espere apenas sete anos e depois nós também iremos seguir a vida santa. Onde quer que você vá, nós o seguiremos.”

“Senhores, sete anos é muito tempo, eu não posso esperar sete anos! Quem pode dizer quanto tempo as pessoas viverão? Nós temos que prosseguir para o próximo mundo, temos que aprender através da sabedoria, temos que fazer aquilo que é certo e viver a vida santa, pois nada que nasce é imortal. Agora seguirei a vida santa como expliquei antes.”

52. “Muito bem, Venerável Administrador, espere apenas seis anos, ... cinco anos, ... quatro anos, ... três anos, ... dois anos, ... um ano e depois nós também iremos seguir a vida santa. Onde quer que você vá, nós o seguiremos.”

53. “Senhores, um ano é muito tempo ...” - “Então, espere sete meses ...”

54. “Senhores, sete meses é muito tempo ...” - “Então, espere seis meses, ... cinco meses, ... quatro meses, ... três meses, ... dois meses, ... um mês, ... meio mês ...”

55. “Senhores, meio mês é muito tempo ...” - “Então, Venerável Administrador, espere apenas sete dias enquanto transferimos os nossos reinos para os nossos filhos e filhas. Ao final de sete dias seguiremos a vida santa. Onde quer que você vá, nós o seguiremos.” - “Sete dias não é muito tempo, senhores. Eu concordo com sete dias.”

56. “Então, o Grande Administrador foi até os sete *Brâmanes* e os seus setecentos pupilos e disse: “Agora, veneráveis senhores, vocês precisam buscar um outro mestre que lhes ensine os mantras. Eu quero deixar a vida em família para seguir a vida santa. Depois do que *Brahma* me disse sobre o fedor do mundo, que não pode ser superado com facilidade vivendo a vida em família, eu seguirei a vida santa.” - “Venerável Administrador, não faça isso! Há pouco poder e benefício na vida santa e muito poder e benefício na vida de um *Brâmane*!” - “Não digam isso, senhores! Além do mais, quem tem mais poder e benefícios do que eu? Eu tenho sido tratado como se fosse um rei dos reis, como *Brahma* para os *Brâmanes*, como uma divindade para os chefes de família e eu estou renunciando a tudo isso para deixar a vida em família e seguir a vida santa, como expliquei antes.” - “Se o Venerável Administrador deixar

a vida em família pela vida santa, nós faremos o mesmo. Onde quer que você vá, nós o seguiremos.'

57. “Então, o Grande Administrador foi até as suas quarenta esposas e disse: “Quem assim desejar poderá retornar para a sua própria família ou buscar um outro esposo. Eu quero deixar a vida em família ...” - “Você é o único esposo que desejamos, o único companheiro. Se o Venerável Administrador deixar a vida em família pela vida santa, nós faremos o mesmo. Onde quer que você vá, nós o seguiremos.”

58. “E assim, ao final de sete dias, o Administrador raspou o cabelo e a barba, vestiu os mantos de cor ocre e deixou a vida em família e seguiu a vida santa. E com ele foram os sete reis *Khattiya* unguídos, os sete *Brâmanes* prósperos e distinguidos com os seus setecentos pupilos, as suas quarenta esposas, muitos milhares de *Khattiyas*, muitos milhares de *Brâmanes*, muitos milhares de chefes de família, até mesmo algumas mulheres do harém.

“E assim, seguido por essa comitiva o Grande Administrador perambulava pelos vilarejos, vilas e cidades reais. E sempre que ele chegava num vilarejo ou cidade, ele era tratado como se fosse um rei dos reis, como *Brahma* para os *Brâmanes*, como uma divindade para os chefes de família. E naqueles tempos, sempre que alguém espirrasse ou tropeçasse, o costume era dizer: “Que o Grande administrador seja louvado! Que o Ministro de Sete seja louvado!”

59. “E o Grande Administrador permanecia permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanecia permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Ele permanecia ... permeando o mundo todo com a mente imbuída de compaixão, ... com a mente imbuída de alegria altruísta, ... com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. E assim ele ensinava aos seus discípulos o caminho para a união com o mundo de *Brahma*.

60. “E todos aqueles que naquela época foram os pupilos do Grande Administrador e que obtiveram completa proficiência nos seus ensinamentos, ao morrerem, com a dissolução do corpo, renasceram num destino feliz, no mundo de *Brahma*. E aqueles que não obtiveram completa proficiência nos seus ensinamentos renasceram entre os *devas* do *Paranimmita-Vasavatti* ou entre os *devas* do *Nimmanarati*, ou entre os *devas* do *Tusita*, ou entre os *devas* do *Yama*, ou entre os *devas* do Trinta e Três, ou entre os *devas* dos Quatro Grandes Reis. E nenhum deles renasceu num mundo mais baixo do que o dos *gandhabbas*. Portanto, a vida santa de todas aquelas pessoas não foi infrutífera ou estéril, mas produtora de frutos e benefícios.’

61. “Você se recorda disso, Abençoado?” - “Eu lembro, Pancasikha. Naquela ocasião, eu era o *Brâmane*, o Grande Administrador, e eu ensinei para aqueles discípulos o caminho para a união com o mundo de *Brahma*.”

“No entanto, Pancasikha, aquela vida santa não conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*, mas somente ao renascimento no mundo de *Brahma*, enquanto que a minha vida santa conduz inevitavelmente ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. Esse é o Nobre Caminho Óctuplo, isto é, Entendimento Correto, Pensamento Correto, Linguagem Correta, Ação Correta, Modo de Vida Correto, Esforço Correto, Atenção Plena Correta. Concentração Correta.

62. “E, Pancasikha, aqueles meus discípulos que obtiveram completa proficiência nos meus ensinamentos, compreendendo por si mesmos com o conhecimento direto, eles aqui e agora entram e permanecem na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas. E aqueles que não obtiveram completa proficiência, alguns com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irão reaparecer espontaneamente [nas Moradas Puras] para lá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo; alguns com a destruição de três grilhões, e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se tornarão aqueles que retornam uma vez, retornando uma vez a este mundo para dar um fim ao sofrimento; e alguns com a destruição de três grilhões, se tornarão aqueles que entraram na correnteza, não mais destinados aos mundos inferiores, com o destino fixo, eles têm a iluminação como destino. Portanto, a vida santa de todas essas pessoas não foi infrutífera ou estéril, mas produtora de frutos e benefícios.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O *gandhabba* Pancasikha ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado. E depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, ele desapareceu em seguida.

## 20 Mahasamaya Sutta

### Devas Visitam o Buda

Um *sutta* quase todo em verso com um enfoque mitológico

1. Assim ouvi. [xcviii](#) Em certa ocasião, o Abençoado estava entre os *Sakyas* em Kapilavatthu, no Parque de Nigrodha, com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, todos *arahants*. E *devas* de dez sistemas cósmicos com frequência visitavam o Abençoado e a Sangha dos *bhikkhus*.

2. E ocorreu a quatro *devas* das Moradas Puras: “O Abençoado está em Kapilavatthu, com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, todos *arahants*. E se nós fôssemos até onde ele está e cada um recitasse um verso?”

3. Então, aqueles *devas*, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, desapareceram das Moradas Puras e apareceram na frente do Abençoado. Eles então o cumprimentaram e ficaram em pé a um lado e um deles recitou este verso:

“Notável esta assembléia na floresta que os *devas* encontraram e nós aqui estamos para ver a irmandade inconquistável.”

Outro disse:

“Os *bhikkhus* com as mentes concentradas são retos: eles guardam os seus sentidos como o cocheiro as suas rédeas.”

Outro disse:

“Barras e barreiras rompidas, o umbral da cobiça removido, imaculados seguem os sábios puros como elefantes bem treinados.”

E um outro disse:

“Quem toma refúgio no Buda, não tomará um caminho descendente: tendo deixado o corpo ele irá se unir às hostes dos *devas*.”

4. Então, o Abençoado disse para os *bhikkhus*: “*Bhikkhus*, com freqüência acontece que os *devas* de dez sistemas cósmicos vêm ver o *Tathagata* e a Sangha dos *bhikkhus*. Assim aconteceu com os supremos Budas do passado e assim será com aqueles do futuro, e assim é comigo agora. Eu detalharei para vocês os nomes dos grupos de *devas*, anunciá-los-ei e ensiná-los-ei para vocês. Ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.” – “Sim, Venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

5. “Eu lhes direi em versos: a qual mundo cada um pertence.

Aqueles que permanecem diligentes e decididos,  
como leões em cavernas nas montanhas,  
superaram o medo e o terror, as suas mentes  
claras e puras, imaculadas e tranqüilas.

No parque em Kapilavatthu o Abençoado percebeu,  
quinhentos *Arahants* e mais  
amantes das suas palavras. Ele lhes disse:

“*Bhikkhus*, vejam a hoste dos *devas* se aproximando!”

E os *bhikkhus* se esforçaram com empenho para ver.

6. Com a visão supra-humana assim tendo surgido,  
alguns viram cem *devas*, outros mil.  
Enquanto alguns viam setenta mil, outros viam  
inumeráveis *devas* em todos os lados.  
E Aquele-que-sabe-com-o-Insight estava consciente  
de tudo aquilo que eles eram capazes de ver e compreender.

E para os amantes das suas palavras o Abençoado  
voltando-se disse: “Os *devas* se aproximam.  
Olhem e tentem conhecê-los, *bhikkhus*, enquanto  
eu declaro os seus nomes em verso!”

7. “Sete mil *yakkhas* do mundo de Kapila,  
bem dotados de poder e habilidades poderosas,  
belos de ver, com uma esplêndida comitiva vieram  
até este parque regozijando-se por ver esses *bhikkhus*.

E seis mil *yakkhas* do Himalaia, com distintas tonalidades,  
bem dotados de poder e habilidades poderosas,  
belos de ver, com uma esplêndida comitiva vieram  
até este parque regozijando-se por ver esses *bhikkhus*.

Do Monte Sata mais três mil *yakkhas*  
com distintas tonalidades ...

A soma são dezesseis mil *yakkhas* ao todo,  
com distintas tonalidades ...

8. Da hoste de Vessamitta quinhentos mais  
com distintas tonalidades ...

Kumbhira também veio de Rajagaha  
(cuja moradia é na encosta do Vepulla):  
cem mil *yakkhas* o seguem.

9. O Rei Dhatarattha, governante do Leste,  
senhor dos *gandhabbas*, um rei poderoso,  
veio com a sua comitiva. Ele tem  
muitos filhos, todos com o nome *Indra*,  
todos bem dotados de habilidades poderosas ...

O Rei Virulha, governante do Sul,  
senhor dos *kumbandhas*, um rei poderoso ...

O Rei Virupakkha, governante do Oeste,  
senhor dos *nagas*, um rei poderoso ...

O Rei Kuvera, governante do Norte,  
senhor dos *yakkhas*, um rei poderoso ...

Do Leste brilhou o Rei Dhatarattha,  
do Sul Virulhaka e do Oeste  
Virupakkha, Kuvera do Norte:  
assim abrangiam o parque de Kapilavatthu  
os Quatro Grandes Reis em todo o seu esplendor.”

10. Com eles vieram os seus vassalos peritos no logro,  
todos hábeis enganadores: primeiro Kutendu,  
depois Vetendu, Vitti e Vitucca,  
Candana e Kamasettha em seguida,  
Kinnughandu e Nighandu,  
Panada, Opamanna, Matali  
(cocheiro dos *devas*), Nata,  
Cittasena dos *gandhabbas*,  
Raja, Janesabha, Pancasikha,  
Timbaru com Suriyavaccasa  
sua filha – estes e outros mais, vieram  
até este parque regozijando-se ao verem esses *bhikkhus*.

11. De Nabhasa, Vesali, Tacchaka  
vieram *nagas*, kambalas, assataras,  
Payagas com os seus congêneres. De Yamuna  
veio Dhatarattha com uma comitiva esplêndida,  
Eravana também, o poderoso senhor dos *nagas*  
veio para a reunião no parque.  
E aqueles que nascem duas vezes, com asas e nítida visão,  
vieram voando os *garudas* (inimigos dos *nagas*) -  
Citra e Supanna.  
Mas aqui os reis *naga* estão seguros: o Abençoado  
impôs uma trégua. Com a linguagem gentil  
eles e os *nagas* compartilham da paz do Buda.

12. *Asuras* também, golpeados pelas mãos de *Indra*,  
vivendo agora nos oceanos, hábeis na mágica,  
os irmãos resplandecentes de Vasava vieram,  
os Kalakanjas, terríveis de olhar,  
Danaveghasas, Vepacitti,  
Sucitti e Paharadha também,  
derrotaram Namuci, e os cem filhos de Bali,  
(todos chamados Veroca), com um bando

de guerreiros que se juntaram ao seu senhor Rahu,  
que lhes veio trazer bons votos.

13. *Devas* das águas, terra e fogo e ar,  
os Varunas com os seus serventes. Soma  
e Yasa também. *Devas* nascidos do amor  
e compaixão, com uma comitiva esplêndida,  
esses dez, com hostes décuplas variadas,  
bem dotados de poder e habilidades poderosas, belos de ver,  
vieram até este parque regozijando-se ao verem esses *bhikkhus*.

14. Venhu também veio com os seus Sahalis,  
os Asamas, os gêmeos Yama,  
e aqueles *devas* que servem à lua e ao sol,  
*devas* das constelações, *devas* das nuvens,  
Sakka o senhor dos Vasus,  
generoso doador em vidas passadas,  
esses dez, com hostes décuplas variadas ...

15. Os Sahabhus, radiantes, luminosos,  
vieram em seguida, coroados com o fogo.  
Os Ariththakas, os Rojas, azuis como a flor do milho,  
com Varuna e Sahadhamma, Accuta, Anejaka,  
Suleyya, Rucira, os Vasavanesis,  
esses dez, com hostes décuplas variadas ...

16. Os *Samanas* e *Maha-Samanas*, ambos,  
seres com forma humana e mais do que forma humana,  
os *devas* ‘Corrompidos pelo Prazer’  
e com a ‘Mente corrompida’,  
*devas* verdes e os vermelhos também,  
*Paragas*, *Maha-Paragas* com as comitivas,  
esses dez, com hostes décuplas variadas ...

17. Sukkas, Karumhas, Arunas, Veghanasas,  
seguem a trilha de Odatagayha.  
Vicakkhanas, Sadamattas, Haragajas,  
aqueles *devas* chamados ‘Esplendor Mesclado’, e  
Pajunna o trovejante, que também faz chover,  
esses dez, com hostes décuplas variadas ...

18. Os Khemiyas, os Tusitas e Yamas,  
os Katthakas com comitiva, Lambitakas,  
os chefes Lama e os *devas* das chamas  
(os Asavas), aqueles que se deliciam com as formas  
que fizeram, e aqueles que se apropriam daquilo feito

pelos outros esses dez, com hostes décuplas variadas ...

19. Essas sessenta hostes de *devas*, de vários tipos, todas vieram ordenadas, e outras também, na sua devida ordem. Eles disseram: “Ele que transcendeu o nascimento, ele para quem não restam obstáculos, que cruzou a torrente, ele, livre das impurezas, iremos ver, o Poderoso, atravessando livre sem transgressões, como se fosse a nuvem que passa pelo meio das nuvens.”

20. Subrahma em seguida, e com ele Paramatta, Sanankumara, Tissa, que eram filhos do poderoso, eles também vieram. *Maha-Brahma*, que governa mil sistemas cósmicos, no supremo mundo de *Brahma*, lá surgido, luminoso, difícil de mirar, com toda a sua comitiva. Dez dos seus subordinados, cada um governa um mundo de *Brahma*, e entre eles Harita, que governa cem mil.

21. E quando todos eles haviam chegado em grande número, com *Indra* a as hostes de *Brahma* também, em seguida, também vieram as hostes de *Mara*, e agora veja a tolice daquele Negro. Pois ele disse: “Venham, agarrem e prendam a todos! Com a cobiça pegaremos todos! Cerquem-nos, não deixem ninguém escapar, seja quem for!” Assim o senhor da guerra encorajava as suas tropas tenebrosas. Com a palma ele golpeou o solo e produziu um ruído terrível, como quando uma nuvem explode numa tormenta com trovões, relâmpagos e chuva pesada - e depois- recuou, enraivecido, mas impotente!

22. E Aquele-que-sabe-com-o-Insight viu tudo aquilo compreendendo o seu significado. Para os *bhikkhus* ele disse: “As hostes de *Mara* estão vindo, *bhikkhus* – sejam diligentes!” Eles deram ouvidos às palavras do Buda e permaneceram alertas.

E as hostes de *Mara* se afastaram daqueles nos quais

nem a cobiça, nem o medo poderiam se estabelecer.

“Vitoriosos, superando o medo, eles venceram:  
os discípulos se regozijam com o mundo todo!”

## 21 *Sakkapanha Sutta* As Perguntas de Sakka

Sakka, o senhor dos *devas*, tem dúvidas e decide ir até o Buda para aclará-las

1.1. Assim ouvi. [xcix](#) Em certa ocasião, o Abençoado estava em Magadha, ao leste de Rajagaha, próximo do vilarejo *Brâmane* denominado Ambasanda, ao norte do vilarejo no Monte Vediya, na Caverna Indasala. E naquela ocasião, Sakka, o senhor dos *devas*, <sup>c</sup> sentiu um forte desejo de ver o Abençoado. E Sakka pensou: “Onde estará agora o Abençoado, o *arahant*, Perfeitamente Iluminado?” Então, percebendo onde se encontrava o Abençoado, Sakka disse para os *devas* do Trinta e Três: “Senhores, o Abençoado está em Magadha ... na Caverna Indasala. E se nós fôssemos visitar o Abençoado?” - “Muito bem, Venerável senhor,” responderam os *devas* do Trinta e Três.

1.2. Então, Sakka disse para o *gandhabba* Pancasikha: “O Abençoado está em Magadha ... na Caverna Indasala. Eu proponho visitá-lo.” - “Muito bem, Venerável senhor,” Pancasikha disse e tomando o seu alaúde amarelo feito com a madeira da marmeleira-da-índia, ele seguiu acompanhando Sakka. E, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, Sakka, cercado pelos *devas* do Trinta e Três e acompanhado por Pancasikha, desapareceu do paraíso dos Trinta e Três e apareceu em Magadha ... no Monte Vediya.

1.3. Então, uma tremenda luz brilhou sobre o Monte Vediya, iluminando o vilarejo de Ambasanda – tão imenso era o poder dos *devas* – que nos vilarejos ao redor todos diziam: “Vejam o Monte Vediya está queimando hoje – está ardendo – está em chamas! O que estará acontecendo para que o Monte Vediya e Ambasanda estejam iluminados dessa forma?” E eles estavam tão aterrorizados que até os seus pelos ficaram eriçados.

1.4. Então, Sakka disse: “Pancasikha, é difícil para aqueles como nós se aproximarem dos *Tathagatas* quando eles estão desfrutando dos prazeres da meditação, e por essa razão, não acessíveis. Mas se você, Pancasikha, primeiro atraísse o ouvido do Abençoado, então, depois, poderíamos nos aproximar para ver o Abençoado, o *arahant*, Perfeitamente Iluminado.” - “Muito bem, Venerável senhor, Pancasikha respondeu e tomando o seu alaúde se aproximou da Caverna Indasala. Pensando: “Aqui não estou nem muito longe e nem muito perto do Abençoado e ele irá ouvir a

minha voz,” ele ficou em pé a um lado. Então, ao som do seu alaúde, ele cantou estes versos louvando o Buda, o Dhamma, os *Arahants* e o amor:

1.5. “Senhora, saúdo o seu pai Timbaru,  
Oh Suriyavaccasa, eu concedo a homenagem devida  
para aquele que gerou uma donzela tão bela,  
que é a razão da minha fascinação.

Deliciosa como a brisa para alguém suado,  
ou como um trago refrescante para alguém sedento,  
a sua beleza radiante é muito estimada  
como o Dhamma para os *arahants*.

Como o medicamento para o enfermo,  
ou o alimento para o faminto,  
traga-me, graciosa donzela, doce liberdade  
como a água fresca para as chamas que me consomem.

O elefante, oprimido pelo calor do verão,  
busca um lago de lótus onde flutuem  
pétalas e pólen dessas flores,  
assim nos seus seios delicados eu mergulharia.

Como um elefante, cutucado com a agulhada,  
não dá atenção a picadas de lança e arpão,  
da mesma forma eu, desatento, sem saber o que faço,  
embriagado pelo seu formoso corpo.

Por você meu coração está aprisionado,  
todos os meus pensamentos se transformam, e eu  
não consigo mais encontrar o meu caminho:  
sou como um peixe preso num anzol com isca.

Venha, abraçe-me, donzela de coxas belas,  
aprisione-me com os seus belos olhos,  
aperte-me em seus braços, é tudo que peço!  
Meu desejo inicialmente era tênue, Oh donzela  
com cachos ondulantes, mas cresceu rapidamente,  
como crescem as oferendas que os *arahants* recebem.

Qualquer mérito que eu tenha obtido com as oferendas  
para os Nobres, que a minha recompensa  
quando frutificar, seja o seu amor!

Como o filho dos *Sakyas* arrebatado em *jhana*  
decidido e diligente, busca o imortal,

assim decidido eu busco o seu amor, meu Sol!

Como o Sábio se alegraria, se ele  
realizasse a suprema iluminação,  
assim também eu me alegraria em unir-me a você. ❏

Se Sakka, o senhor dos *devas* do Trinta e Três  
por acaso me oferecesse uma benção,  
é você que eu cobiçaria, meu amor por você é muito forte.

O seu pai, sábia donzela, eu venero  
como a uma árvore sal em plena florescência,  
pela sua filha, tão bela e doce.”

1.6. Ao ouvir isso, o Abençoado disse: “Pancasikha, o som das suas cordas combina tão bem com a sua canção e a sua canção com as suas cordas, sendo que nenhum se sobressai em relação ao outro. Quando você compôs esses versos sobre o Buda, o Dhamma, os *arahants* e o amor?” - “Venerável senhor, foi quando o Abençoado estava às margens do Rio Neranjara, sob a figueira-dos-pagodes, antes da sua iluminação. Naquela época eu me apaixonei pela jovem Bhadda, brilhante como o sol, filha do Rei Timbaru dos *gandhabbas*. Mas a jovem estava apaixonada por outro. Era Sikhaddi, o filho do cocheiro Matali que ela preferia. E quando descobri que não poderia conquistá-la de nenhum modo, tomei o meu alaúde e fui até a casa do Rei Timbaru e lá cantei estes versos:

1.7. (Versos igual a 1.5). “Venerável senhor, depois de ouvir os versos, a jovem Bhadda Suriyavaccasa disse: ‘Senhor, eu não me encontrei com esse Venerável Abençoado, embora já tenha ouvido falar dele quando estive no salão Sudhamma dos *devas* do Trinta e Três para dançar. Visto que você elogia tanto esse Venerável Abençoado, vamos nos encontrar hoje.’ E assim, Venerável senhor, eu me encontrei com a jovem, não naquela ocasião, mas mais tarde.”

1.8. Então, Sakka pensou: “Pancasikha e o Abençoado estão conversando amigavelmente,” assim ele chamou Pancasikha: “Estimado Pancasikha, cumprimente o Abençoado em meu nome, dizendo: ‘Venerável senhor, Sakka, senhor dos *devas*, junto com os seus ministros e acompanhantes, presta uma homenagem aos pés do Abençoado.” - “Muito bem, Venerável senhor,” disse Pancasikha, e assim ele fez.

“Pancasikha, que Sakka, o senhor dos *devas*, os seus ministros e acompanhantes sejam felizes, pois todos eles desejam a felicidade: *devas*, humanos, *asuras*, *nagas*, *gandhabbas* e quaisquer outros grupos de seres que existam!” pois essa é a forma como os *Tathagatas* saúdam esses seres poderosos. Depois das saudações, Sakka entrou na Caverna Indasala, cumprimentou o Abençoado e ficou em pé a um lado e os *devas* do Trinta e Três, junto com Pancasikha, fizeram o mesmo.

1.9. Então, na Caverna Indasala as passagens irregulares se aplainaram, as partes estreitas se alargaram e a caverna escura se iluminou devido ao poder dos *devas*. Então, o Abençoado disse para Sakka: “É maravilhoso, é admirável que o Venerável Kosiya com tantos afazeres, com tantas coisas para fazer, tenha vindo até aqui!” - “Venerável senhor, faz muito tempo que desejo visitar o Abençoado, mas tenho estado sempre tão atarefado que fui incapaz de vir antes. Certa vez o Abençoado estava em Savatthi na cabana Salala e eu fui até Savatthi para ver o Abençoado.

1.10. “Naquela ocasião, o Abençoado estava sentado em meditação e Bhunjati, a esposa do Rei Vessavana estava atendendo o Abençoado, venerando-o com as palmas das mãos juntas. Eu lhe disse: ‘Senhora, por favor cumprimente o Abençoado por mim e diga: “Sakka, o senhor dos *devas*, com os seus ministros e acompanhantes, presta uma homenagem aos pés do Abençoado.” Mas ela disse: “Senhor, não é o momento apropriado para ver o Abençoado, ele está em retiro.” - “Muito bem então, senhora, quando o Abençoado levantar da meditação, por favor lhe diga o que acabo de dizer.” - “Venerável senhor, aquela senhora o saudou em meu nome e o Abençoado se recorda do que ela disse?” - “Ela me cumprimentou, senhor dos *devas*, e eu me recordo daquilo que ela disse. Eu também me recordo que foi o ruído das rodas da sua carruagem que fez com que eu emergisse da minha meditação.”

1.11. “Venerável senhor, aqueles *devas* que nasceram no mundo do Trinta e Três antes de mim disseram e asseguraram que sempre que um *Tathagata*, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado surge no mundo, as hostes dos *devas* aumentam e aquelas dos *asuras* diminuem em número. Na verdade, eu mesmo testemunhei isso. Havia, Venerável senhor, aqui mesmo em Kapilavatthu uma moça *Sakya* chamada Gopika que tinha convicção no Buda, no Dhamma e na Sangha, e que era escrupulosa ao observar os preceitos de virtude. Ela rejeitou o status de mulher e desenvolveu o pensamento de se tornar um homem. Depois, após a morte, com a dissolução do corpo, ela foi para um destino feliz, renascendo no paraíso entre os *devas* do Trinta e Três, como um dos nossos filhos, passando a ser conhecido como Gopaka, o filho dos *devas*. E além disso, havia três *bhikkhus* que, depois de viver a vida santa sob o Abençoado, renasceram na condição inferior de *gandhabbas*. Eles viviam gozando dos prazeres dos cinco sentidos, como nossos criados. Em vista disso, Gopaka os censurava dizendo: ‘O que estavam fazendo, senhores, que não ouviram os ensinamentos do Abençoado? Eu era uma mulher que tinha convicção no Buda ... eu rejeitei o status de mulher ... e renasci entre os *devas* do Trinta e Três e sou conhecido como Gopaka, o filho dos *devas*. Mas vocês depois de terem vivido a vida santa renasceram na condição inferior de *gandhabbas*!’ E sendo assim censurados, dois daqueles *devas* de imediato desenvolveram a atenção plena e assim alcançaram o mundo do cortejo de *Brahma*. Mas um deles permaneceu entregue aos prazeres sensuais.

1.12 [Gopaka disse:]

“Uma vez discípula Daquele-que-vê,  
tinha então o nome Gopika.

Com firme convicção no Buda e Dhamma  
eu servi a Sangha com alegria.  
Pelo leal serviço que lhe dediquei  
olhem para mim agora, um filho de Sakka,  
poderoso, no mundo do Trinta e Três.  
Luminoso; Gopaka o meu nome.  
Então vi *bhikkhus* de antigamente, que não superaram  
o nível de um *gandhabba*,  
que antes tiveram uma vida humana  
e viveram a vida guiada pelo Buda.  
Nós lhes demos comida e bebida  
e os servimos nas nossas casas.  
Não tinham eles ouvidos, e mesmo abençoados,  
ainda assim não conseguiram entender a lei do Buda?  
Cada um tem que entender por si mesmo  
o Dhamma ensinado, bem proclamado,  
por Aquele-que-vê. Eu, servindo-os,  
ouvi as boas palavras dos Nobres,  
e assim nasci, um filho de Sakka,  
poderoso, no mundo do Trinta e Três,  
e luminoso, enquanto que vocês  
embora tenham servido o Príncipe dos Homens  
e tenham vivido a insuperável vida que ele ensinou,  
renasceram num estado humilde,  
e não alcançaram um status apropriado,  
algo triste de ser visto  
um companheiro do Dhamma que tenha decaído tanto  
que, *gandhabbas*, vocês  
meramente servem aos *devas*,  
e quanto a mim – eu estou mudado!  
Da vida em família, mulher, eu  
agora renasci masculino, um *deva*,  
regozijando-me com o prazer celestial!

Sendo assim censurados por Gopaka,  
um verdadeiro discípulo de Gotama,  
aflitos, sofridos, eles responderam:  
'Ai de nós, vamos, esforcemos-nos com todo empenho,  
e não sejamos mais escravos dos outros!'  
E dos três, dois se esforçaram com empenho,  
e mantiveram na mente as palavras do Mestre.  
Eles purificaram a mente da cobiça,  
compreendendo o perigo dos desejos,  
e como o elefante que rompe  
todas as amarras, eles romperam  
os grilhões da cobiça,

aqueles grilhões do Senhor do Mal  
tão difíceis de superar – e assim,  
os verdadeiros *devas*, do Trinta e Três,  
com Indra e Pajapati,  
entronizados no Salão do Conselho,  
aqueles dois heróis, com as paixões purificadas,  
superaram-nos e os deixaram para trás.

Ao vê-los, Vasava, consternado,  
o cabeça daquela multidão de *devas*,  
exclamou: ‘Vejam como esses de um nível inferior  
superam os *devas* do Trinta e Três!’  
Então ouvindo os temores do seu superior  
Gopaka disse para Vasava:  
‘Senhor Indra, no mundo dos homens  
um Buda, chamado *Sakyamuni*, [ci](#)  
obteve o domínio da cobiça,  
e esses seus discípulos, com a atenção plena  
falha ao serem demandados pela morte,  
agora a reconquistaram com a minha ajuda.  
Embora um deles tenha ficado para trás  
e ainda permaneça com os *gandhabbas*,  
estes dois, determinados pela suprema sabedoria,  
em profunda absorção desdenham os *devas*!  
Que nenhum discípulo duvide  
que a verdade também pode ser realizada  
por aqueles que se encontram nestes mundos.  
Para aquele que cruzou a torrente e deu  
um fim às dúvidas, damos a nossa homenagem  
ao Buda, Vitorioso.’

Mesmo aqui eles realizaram a verdade e assim  
faleceram para uma maior eminência.  
Esses dois conquistaram um lugar mais elevado que este  
no mundo do cortejo de *Brahma*. E nós  
viemos, Venerável senhor, com a esperança de que possamos realizar  
essa verdade, e se o Abençoado permitir,  
formular algumas questões.”

1.13. Então, o Abençoado pensou: “Sakka tem vivido uma vida pura há muito tempo. Qualquer pergunta que ele fizer será objetiva e não frívola e ele entenderá as minhas respostas com rapidez.” Assim, o Abençoado respondeu a Sakka com estes versos:

“Pergunte, Sakka, tudo que desejar!  
Aquilo que você perguntar, irei satisfazer a sua mente.”

## [Fim da primeira recitação]

2.1. Tendo sido assim convidado, Sakka, o senhor dos *devas*, fez a primeira pergunta para o Abençoado: “Através de quais grilhões, senhor, os seres são aprisionados – *devas*, humanos, *asuras*, *nagas*, *gandhabbas* e quaisquer outros tipos que existam – através dos quais, embora eles desejem viver sem raiva, sem causar dano, sem hostilidade, sem maldade e em paz, eles no entanto vivem com raiva, causando dano uns aos outros, com hostilidade e maldade?”

Essa foi a primeira pergunta de Sakka para o Abençoado, e o Abençoado respondeu: “Senhor dos *devas*, são os grilhões da inveja e do egoísmo que agrilhoam os seres de modo que, embora eles desejem viver sem raiva, ... eles no entanto vivem com raiva, causando dano uns aos outros, com hostilidade e maldade.” Essa foi a resposta do Abençoado, e Sakka, satisfeito, exclamou: “Assim é, Abençoado, assim é, Abençoado! Através da resposta do Abençoado eu superei a dúvida e me livreí da incerteza!”

2.2. Então, Sakka, tendo expressado a sua satisfação, fez uma outra pergunta: “Mas senhor, o que dá origem à inveja e o egoísmo, qual é a sua origem, como eles nascem, como eles surgem? Devido à presença do que eles surgem, devido à ausência do que eles não surgem?”

“Inveja e egoísmo, senhor dos *devas*, surgem dos gostos e desgostos, essa é a sua origem, assim é como eles nascem, assim é como surgem. Quando isso está presente, eles surgem; quando isso está ausente, eles não surgem.”

“Mas, senhor, o que dá origem aos gostos e desgostos? ... Devido à presença do que eles surgem, devido à ausência do que eles não surgem?”

“Eles surgem, senhor dos *devas*, do desejo ... Devido à presença do desejo eles surgem, devido à ausência do desejo eles não surgem.”

“Mas senhor, o que dá origem ao desejo?” ...

“Desejo, senhor dos *devas*, surge do pensamento ... Quando a mente pensa em algo, o desejo surge; quando a mente não pensa em nada, o desejo não surge.”

“Mas, senhor, o que dá origem ao pensamento?” ...

“Pensamento, senhor dos *devas*, surge da tendência para a proliferação ... Quando essa tendência está presente, o pensamento surge; quando ela está ausente, o pensamento não surge.”

2.3. “Muito bem, senhor, qual prática foi adotada pelo *bhikkhu* que alcançou o caminho correto que é necessário para conduzir à cessação da tendência para a proliferação?”

“Senhor dos *devas*, eu declaro que há dois tipos de felicidade: o tipo que deve ser desenvolvido e o tipo que deve ser evitado. O mesmo se aplica à infelicidade e a equanimidade. Porque declarei isso com relação à felicidade? Assim é como entendi a felicidade: Quando observei que ao buscar tal felicidade, os fatores inábeis aumentam e os fatores hábeis diminuem, então essa felicidade deve ser evitada. E quando observei que ao buscar tal felicidade os fatores inábeis diminuem e os fatores hábeis aumentam, então essa felicidade deve ser buscada. Agora, aquela felicidade que é acompanhada pelo pensamento aplicado e sustentado, [ciii](#) e aquela que não é acompanhada, a última é a melhor. O mesmo se aplica à infelicidade e à equanimidade. E essa, senhor dos *devas*, é a prática adotada pelo *bhikkhu* que alcançou o caminho correto ... conduzindo à cessação da tendência para a proliferação.” E Sakka expressou a sua satisfação com a resposta do Abençoado.

2.4. Então, Sakka, tendo expressado a sua satisfação, fez uma outra pergunta: “Muito bem, senhor, qual prática foi adotada pelo *bhikkhu* que alcançou a disciplina exigida pelas regras?”

“Senhor dos *devas*, eu declaro que há dois tipos de conduta corporal: o tipo que deve ser desenvolvido e o tipo que deve ser evitado. O mesmo se aplica à conduta com a linguagem e com a mente. Porque declarei isso com relação à conduta corporal? Assim é como entendi a conduta corporal: Quando observei que ao praticar certas ações, os fatores inábeis aumentam e os fatores hábeis diminuem, então, esse tipo de conduta corporal deve ser evitada. E quando observei que ao praticar certas ações os fatores inábeis diminuem e os fatores hábeis aumentam, então, esse tipo de conduta corporal deve ser buscada. É por isso que faço essa distinção. O mesmo se aplica à conduta com a linguagem e com a mente. E essa, senhor dos *devas*, é a prática adotada pelo *bhikkhu* que alcançou a disciplina exigida pelas regras.” E Sakka expressou a sua satisfação com a resposta do Abençoado.

2.5. Então, Sakka fez uma outra pergunta: “Muito bem, senhor, qual prática foi adotada pelo *bhikkhu* que alcançou o controle das suas faculdades dos sentidos?”

“Senhor dos *devas*, eu declaro que as coisas conscientizadas através do olho são de dois tipos: O tipo que deve ser desenvolvido e o tipo que deve ser evitado. O mesmo se aplica às coisas conscientizadas através do ouvido, nariz, língua, corpo e mente.” Em vista disso, Sakka disse: “Venerável senhor, eu entendo completamente o verdadeiro significado daquilo que o Abençoado esboçou de forma resumida. Venerável senhor, qualquer objeto percebido através do olho, se a sua busca conduz ao aumento dos fatores inábeis e a diminuição dos fatores hábeis, esse objeto não deve ser buscado; se a busca conduz à diminuição dos fatores inábeis e o aumento dos fatores hábeis, esse objeto deve ser buscado. E o mesmo se aplica às coisas conscientizadas através do ouvido, nariz, língua, corpo e mente. Assim é como entendo completamente o verdadeiro significado daquilo que o Abençoado esboçou de forma resumida, e assim através da resposta do Abençoado eu superei a dúvida e me livre de incerteza.”

2.6. Então, Sakka fez uma outra pergunta: “Senhor, todos os contemplativos e *Brâmanes* ensinam a mesma doutrina, praticam a mesma disciplina, querem a mesma coisa e buscam o mesmo objetivo?”

“Não, senhor dos *devas*, não é assim.”

“Mas por que, senhor, não é assim?”

“O mundo, senhor dos *devas*, é composto de muitos e variados elementos. Sendo assim, os seres se apegam a uma ou outra dessas várias coisas e ao que quer que eles se apeguem eles se entregam a isso com intensidade e declaram: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso!’ Por conseguinte, nem todos ensinam a mesma doutrina, praticam a mesma disciplina, querem a mesma coisa e buscam o mesmo objetivo.”

“Senhor, todos os contemplativos e *Brâmanes* possuem o conhecimento supremo, estão libertados dos grilhões, perfeitos na vida santa, realizaram o verdadeiro objetivo?”

“Não, senhor dos *devas*.”

“Por que não, senhor?”

“Apenas aqueles, senhor dos *devas*, que estão libertados através da destruição do desejo possuem o conhecimento supremo, estão libertados dos grilhões, perfeitos na vida santa e realizaram o verdadeiro objetivo.” E Sakka ficou satisfeito com a resposta.

2.7. Então, Sakka disse: “A paixão, senhor, é uma enfermidade, um câncer, uma flecha. Ela seduz um homem, arrastando-o para este ou aquele estado de ser/existir, e assim ele renasce em estados superiores ou inferiores. Enquanto outros contemplativos e *Brâmanes* com idéias discordantes não me deram a oportunidade de fazer estas perguntas, o Abençoado intruiu-me em detalhe e assim removeu o espinho da dúvida e incerteza.”

“Senhor dos *devas*, você reconhece ter feito as mesmas perguntas para outros contemplativos e *Brâmanes*?”

“Sim, Venerável senhor.”

“Então, se você não se importa, por favor diga-me o que eles disseram.”

“Eu não me importo de contar para o Abençoado ou alguém como ele.”

“Então diga, senhor dos *devas*.”

“Venerável senhor, eu fui até aqueles que são considerados contemplativos e *Brâmanes* devido à sua vida em solidão nas florestas e eu fiz a eles as mesmas perguntas. Mas ao invés de me darem uma resposta apropriada, eles me perguntavam: ‘Quem é você, Venerável senhor?’ Eu respondia que era Sakka, senhor dos *devas*, e eles me perguntavam o que me havia levado a eles. Então, eu lhes ensinava o Dhamma até o ponto em que eu havia ouvido e praticado. Mas eles ficavam muito satisfeitos mesmo com esse tanto e diziam: ‘Nós vimos Sakka, o senhor dos *devas*, e ele respondeu as perguntas que fizemos!’ E eles se tornaram meus pupilos ao invés de eu deles. Mas eu, Venerável senhor, sou um discípulo do Abençoado, entrei na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, tenho a iluminação como destino.”

“Senhor dos *devas*, você admite ter alguma vez experimentado antes regozijo e felicidade como a que você agora experimenta?”

“Sim, Venerável senhor.”

“E quando foi isso?”

“No passado, Venerável senhor, irrompeu a guerra entre os *devas* e os *asuras*, e os *devas* derrotaram os *asuras*. Depois da batalha, vitorioso, eu pensei: ‘Qualquer que seja o alimento dos *devas*, bem como o alimento dos *asuras*, de agora em diante desfrutaremos de ambos.’ Mas, Venerável senhor, essa felicidade e satisfação que era devida a golpes e ferimentos, não conduz ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*. Mas aquela felicidade e satisfação que é obtida ouvindo o Dhamma do Abençoado, que não provém de golpes e ferimentos, conduz ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*.”

2.8. “E, senhor dos *devas*, quais são as coisas que vêm à sua mente quando você experimenta uma felicidade e satisfação como essa?”

“Venerável senhor, nessa ocasião, seis coisas com as quais me regozijo me vêm à mente:

‘Eu que apenas existo como um *deva*, consegui a oportunidade, devido ao *kamma*, de uma outra vida humana.’

Essa, Venerável senhor, é a primeira coisa que me ocorre.

‘Deixando para trás este mundo não humano de *devas*, inevitavelmente buscarei o ventre que quero encontrar.’

Essa, Venerável senhor, é a segunda coisa ...

‘Meus problemas solucionados,

com satisfação viverei de acordo com a lei do Buda,  
controlado e plenamente atento, com plena consciência.’

Essa, Venerável senhor, é a terceira coisa ...

‘E se dessa forma eu realizar a iluminação,  
como aquele-que-sabe permanecerai,  
aguardando o meu fim.’

Essa, Venerável senhor, é a quarta coisa ...

‘Então, quando novamente deixar o mundo humano,  
eu serei uma vez mais um *deva*,  
com um nível mais alto.’

Essa, Venerável senhor, é a quinta coisa ...

‘Mais gloriosos que os *devas* são os *devas* do *Akanittha*,  
entre os quais farei minha última morada.’

Essa, Venerável senhor, é a sexta coisa que me ocorre, e essas são as seis coisas com  
as quais me regozijo.

2.9. “Por muito tempo perambulei, insatisfeito,  
com dúvidas, em busca do *Tathagata*. Eu pensei, os  
eremitas que vivem em isolamento e no ascetismo  
com certeza devem ser iluminados: irei procurá-los.  
‘O que devo fazer para ser bem sucedido, e que  
curso conduz ao fracasso?’ –  
mas, assim perguntados, eles não foram capazes  
de me dizer como trilhar o caminho.  
Ao invés disso, ao descobrirem que eu era o rei  
dos *devas*, eles me perguntavam porque fui até eles,  
e era eu quem lhes ensinava aquilo que sabia  
do Dhamma, e em vista disso, regozijando-se  
eles exclamavam: ‘É Vasava, o Senhor, nós o vimos!’  
Mas agora – eu vi o Buda e as minhas dúvidas  
se dissiparam, meus medos se apaziguaram,  
e agora ao Iluminado eu presto  
a devida homenagem, a ele que removeu a flecha  
do desejo, ao Buda, o Abençoado inigualável  
herói poderoso, parente do sol!  
Como *Brahma* é venerado pelos *devas*,  
assim também, hoje, nós o veneramos,  
Iluminado e Mestre insuperável,  
que não pode ser igualado

por ninguém no mundo humano,  
ou nos paraísos, a morada dos *devas*!”

2.10. Então Sakka, o senhor dos *devas*, disse para o *gandhabba* Pancasikha:  
“Estimado Pancasikha, você me ajudou muito ao chamar a atenção do Abençoado.  
Pois foi através de você que fomos admitidos na presença do Abençoado, um  
*arahant*, Perfeitamente Iluminado. Eu serei como um pai para você, você será o rei  
dos *gandhabbas*, e eu lhe darei Bhadda Suriyavaccasa, que você tanto deseja.”

Então, Sakka, o senhor dos *devas*, tocou a terra com a sua mão e exclamou três  
vezes:

“Honra ao Abençoado, o *Arahant*, o  
Buda Perfeitamente Iluminado!  
Honra ao Abençoado, o *Arahant*, o  
Buda Perfeitamente Iluminado!  
Honra ao Abençoado, o *Arahant*, o  
Buda Perfeitamente Iluminado!”

E enquanto ele falava, o olho imaculado do Dhamma surgiu em Sakka, o senhor dos  
*devas*, e ele compreendeu: ‘Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à  
cessação.’ E a mesma coisa também ocorreu com oitenta mil *devas*.

Essas foram as questões que Sakka, o senhor dos *devas*, desejava perguntar e que  
foram respondidas pelo Abençoado. Por conseguinte, este discurso é chamado “As  
Perguntas de Sakka.”

## 22 *Mahasatipatthana Sutta* Os Fundamentos da Atenção Plena

Um importante ensinamento sobre meditação

1. Assim ouvi. [civ](#) Certa ocasião, estava o Abençoado entre os Kurus numa cidade denominada Kammasadhamma. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:  
“*Bhikkhus*.” – “Venerável Senhor,” eles responderam. O Abençoado disse o seguinte:
2. “*Bhikkhus*, este é o caminho direto para a purificação dos seres, para superar a tristeza e a lamentação, para o desaparecimento da dor e da angústia, para alcançar o caminho verdadeiro, para a realização de *nibbana* – isto é, os quatro fundamentos da atenção plena. [cv](#)”
3. “Quais são os quatro? Aqui, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando

as sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando a mente como mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

( Contemplação do Corpo )

( 1. Atenção Plena na Respiração )

4. "E como, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo? Aqui um *bhikkhu*, dirigindo-se à floresta ou à sombra de uma árvore ou a um local isolado; senta-se com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelecendo a plena atenção à sua frente, ele inspira com atenção plena justa, ele expira com atenção plena justa. Inspirando longo, ele compreende : 'Eu inspiro longo'; ou expirando longo, ele compreende: 'Eu expiro longo.' Inspirando curto, ele compreende: 'Eu inspiro curto'; ou expirando curto, ele compreende: 'Eu expiro curto.' Ele treina dessa forma: 'Eu inspiro experienciando todo o corpo [da respiração]'; ele treina dessa forma: 'Eu expiro experienciando todo o corpo [da respiração].' Ele treina dessa forma: 'Eu inspiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração]': ele treina dessa forma: 'Eu expiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração].' Da mesma forma como um torneiro habilidoso ou seu aprendiz, quando faz uma volta longa, compreende: 'Eu faço uma volta longa'; ou, quando faz uma volta curta, compreende: 'Eu faço uma volta curta'; da mesma forma, inspirando longo, um *Bhikkhu* compreende: 'Eu inspiro longo'... ele treina dessa forma: 'Eu devo expirar tranquilizando a formação do corpo.'

(Insight)

5. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, ou ele permanece contemplando o corpo como um corpo externamente, ou ele permanece contemplando o corpo como um corpo tanto interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem no corpo, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem no corpo, ou ele permanece contemplando ambos, fenômenos que surgem e fenômenos que desaparecem no corpo. Ou então, a atenção plena de que 'existe um corpo' se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

( 2. As Quatro Posturas )

6. "Novamente, *bhikkhus*, quando caminhando, um *bhikkhu* compreende: 'Eu estou caminhando'; quando em pé, ele compreende: 'Eu estou em pé'; quando sentado, ele compreende: 'Eu estou sentado'; quando deitado, ele compreende: 'Eu estou deitado'; ou ele compreende a postura do corpo conforme for o caso.

7. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, externamente, tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

( 3. Plena Consciência )

8. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.

9. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, externamente, tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

( 4. Repulsa – As Partes do Corpo )

10. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo para cima, a partir da sola dos pés e para baixo, a partir do topo da cabeça, limitado pela pele e repleto de muitos tipos de coisas repulsivas, portanto: 'Neste corpo existem cabelos, pêlos do corpo, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, tutano, rins, coração, fígado, diafragma, baço, pulmões, intestino grosso, intestino delgado, conteúdo do estômago, fezes, bÍlis, fleuma, pus, sangue, suor, gordura, lágrimas, saliva, muco, líquido sinovial e urina.' Como se houvesse um saco com uma abertura em uma extremidade cheio de vários tipos de grãos, como arroz sequilho, arroz vermelho, feijões, ervilhas, milhete e arroz branco, e um homem com vista boa o abrisse e examinasse: 'Isto é arroz sequilho, arroz vermelho, feijões, ervilhas, milhete e arroz branco'; da mesma forma, um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo ... repleto de muitos tipos de coisas repulsivas: ' Neste corpo existem cabelos ... e urina.'

11. "Dessa maneira, ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, externamente, tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

( 5. Elementos )

12. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo que, não importando a sua posição ou postura, consiste de elementos da seguinte forma: 'Neste corpo há o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, e o elemento ar.' Do mesmo modo, como se um açougueiro habilidoso ou seu aprendiz tivesse matado uma vaca e estivesse sentado numa encruzilhada com a vaca em pedaços; assim também um *bhikkhu* examina esse mesmo corpo que ... consiste de elementos, portanto: 'Neste corpo há o elemento terra, o elemento água, o elemento fogo e o elemento ar.'

13. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, externamente, tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

( 6. As Nove Contemplações do Cemitério )

14. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado em um cemitério, um, dois, ou três dias depois de morto, inchado, lívido e esvaindo matéria, um *bhikkhu* compara seu corpo com ele: 'Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.'

15. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, externamente, tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

16. "Novamente, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, sendo devorado por corvos, gaviões, abutres, cães, chacais ou vários tipos de vermes, um *bhikkhu* compara seu mesmo corpo com ele: 'Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.'

17. "... Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

18-24. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, um esqueleto com carne e sangue, que se mantém unido por tendões ... um esqueleto descarnado lambuzado de sangue, que se mantém unido por tendões ... um esqueleto descarnado e sem sangue, que se mantém unido por tendões ... ossos desconectados espalhados em todas as direções – aqui um osso da mão, ali um osso do pé, aqui um osso da perna, ali um osso da coxa, aqui um osso da bacia, ali um osso da coluna vertebral, aqui uma costela, ali um osso do peito, aqui um osso do braço, ali um osso do ombro, aqui um osso do pescoço, ali um osso da mandíbula, aqui um dente, ali um crânio - um *Bhikkhu* compara seu corpo com ele, portanto: 'Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.'

25. "... Assim também é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo.

26-30. "Novamente, *bhikkhus*, como se ele visse um cadáver jogado num cemitério, os ossos brancos desbotados, a cor de conchas ... ossos amontoados, com mais de um ano ... ossos apodrecidos e esfarelados convertidos em pó, um *bhikkhu* compara seu corpo com ele, portanto: 'Este corpo também tem a mesma natureza, se tornará igual, não está isento desse destino.'

(Insight)

31. "Dessa forma ele permanece contemplando o corpo como um corpo internamente, ou ele permanece contemplando o corpo como um corpo externamente, ou ele permanece contemplando o corpo como um corpo tanto interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem no corpo, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem no corpo, ou ele permanece contemplando ambos, fenômenos que surgem e fenômenos que desaparecem no corpo. Ou então, a atenção plena 'de que existe um corpo' se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo no corpo.

( Contemplação das Sensações )

32. "E como, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando sensações como sensações? [cvi](#) Aqui, sentindo uma sensação prazerosa, um *bhikkhu* compreende: 'Eu sinto uma sensação prazerosa'; quando sente uma sensação dolorosa, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação dolorosa'; quando sente uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa'. Quando sente uma sensação prazerosa mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação prazerosa mundana'; quando sente uma sensação prazerosa não mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação prazerosa não mundana'; quando sente uma sensação dolorosa mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação dolorosa mundana'; quando sente uma sensação dolorosa não mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação dolorosa não mundana'; quando sente uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa mundana'; quando sente uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa não mundana, ele compreende: 'Eu sinto uma sensação nem prazerosa, nem dolorosa não mundana'

(Insight)

33. "Dessa forma ele permanece contemplando as sensações como sensações internamente ou ele permanece contemplando as sensações como sensações externamente, ou ele permanece contemplando as sensações como sensações tanto

interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem nas sensações, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem nas sensações, ou ele permanece contemplando ambos fenômenos que surgem e fenômenos que desaparecem nas sensações. Ou então, a atenção plena 'de que existem sensações' se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando sensações como sensações.

( Contemplação da Mente )

34. "E como, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando a mente como mente? [cvii](#) Aqui um *bhikkhu* compreende a mente afetada pelo desejo como mente afetada pelo desejo e a mente não afetada pelo desejo como mente não afetada pelo desejo. Ele compreende a mente afetada pela raiva como mente afetada pela raiva e a mente não afetada pela raiva como mente não afetada pela raiva. Ele compreende a mente afetada pela delusão como mente afetada pela delusão e a mente não afetada pela delusão como mente não afetada pela delusão. Ele compreende a mente contraída como mente contraída e a mente distraída como mente distraída. Ele compreende a mente transcendente como mente transcendente e a mente não transcendente como mente não transcendente. Ele compreende a mente superável como mente superável e a mente não superável como mente não superável. Ele compreende a mente concentrada como mente concentrada e a mente não concentrada como mente não concentrada. Ele compreende a mente libertada como mente libertada e a mente não libertada como mente não libertada.

(Insight)

35. "Dessa forma ele permanece contemplando a mente como mente internamente ou ele permanece contemplando a mente como mente externamente, ou ele permanece contemplando a mente como mente tanto interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem na mente, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem na mente, ou ele permanece contemplando ambos, os fenômenos que surgem como os fenômenos que desaparecem na mente. Ou então, a atenção plena 'de que existe a mente' se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando a mente como mente.

( Contemplação dos Objetos Mentais )

( 1. Os Cinco Obstáculos )

36. "E como, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais? Aqui um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos

mentais como objetos mentais referentes aos cinco obstáculos. E como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes aos cinco obstáculos? Aqui, havendo nele desejo sensual, um *bhikkhu* compreende: 'Existe em mim desejo sensual'; ou não havendo nele desejo sensual, ele compreende: 'Não existe em mim desejo sensual'; e ele também compreende como se despertam os desejos sensuais que ainda não despertaram e como acontece o abandono de desejos sensuais despertados e como acontece para que desejos sensuais abandonados não despertem no futuro.

"Havendo nele má vontade ... havendo nele preguiça e torpor ... havendo nele inquietação e ansiedade ... havendo nele dúvida, um *bhikkhu* compreende: 'Existe dúvida em mim'; ou não havendo dúvida nele, ele compreende: 'Não existe dúvida em mim'; e ele compreende como se desperta a dúvida que ainda não se despertou e como acontece o abandono da dúvida desperta e como acontece para que a dúvida abandonada não desperte no futuro.

(Insight)

37. "Dessa forma ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais internamente ou ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais externamente, ou ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais tanto interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem nos objetos mentais, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem nos objetos mentais, ou ele permanece contemplando ambos, os fenômenos que surgem como os fenômenos que desaparecem nos objetos mentais. Ou então, a atenção plena 'de que existem os objetos mentais' se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais.

( 2. Os Cinco Agregados )

38. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes aos cinco agregados influenciados pelo apego. E como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes aos cinco agregados influenciados pelo apego? Aqui um *bhikkhu* compreende: 'Assim é a forma material, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a sensação, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a percepção, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim são as formações volitivas, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a consciência, essa é a sua origem, essa é a sua cessação.'

39. "Dessa forma ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais internamente, externamente e tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é

como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais em termos dos cinco agregados do apego.

( 3. As Seis Bases )

40. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes às seis bases internas e externas. E como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes às seis bases internas e externas? Aqui um *bhikkhu* compreende o olho, ele compreende as formas e ele compreende o grilhão que surge na dependência de ambos; ele também compreende como surge o grilhão que ainda não surgiu, como se abandona o grilhão que já surgiu e como o grilhão abandonado não surgirá no futuro.

"Ele compreende o ouvido, ele compreende os sons ... ele compreende o nariz, ele compreende os aromas ... ele compreende a língua, ele compreende os sabores ... ele compreende o corpo, ele compreende os tangíveis ... ele compreende a mente, ele compreende os objetos mentais e ele compreende o grilhão que surge na dependência de ambos; ele também compreende como surge o grilhão que ainda não surgiu, como se abandona o grilhão que já surgiu e como o grilhão abandonado não surgirá no futuro.

41. "Dessa forma ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais internamente, externamente e tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes as seis bases internas e externas.

( 4. Os Sete Fatores da Iluminação )

42. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes aos sete fatores da iluminação. E como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais referentes aos sete fatores da iluminação? Aqui, estando presente nele o fator da iluminação da atenção plena, um *bhikkhu* compreende: 'O fator da iluminação da atenção plena está em mim'; ou se o fator da iluminação da atenção plena não estiver presente nele, ele compreende: 'O fator da iluminação da atenção plena não está em mim'; e ele também compreende como estimular o fator da iluminação da atenção plena que não está estimulado e como o fator da iluminação da atenção plena que está estimulado alcança a sua plenitude através do desenvolvimento.

"Estando presente nele o fator da iluminação da investigação dos fenômenos ... Estando presente nele o fator da iluminação da energia ... Estando presente nele o fator da iluminação do êxtase ... Estando presente nele o fator da iluminação da tranquilidade ... Estando presente nele o fator da iluminação da concentração ... Estando presente nele o fator da iluminação da equanimidade, um *bhikkhu*

compreende: 'O fator da iluminação da equanimidade está em mim'; ou se o fator da iluminação da equanimidade não estiver presente nele, ele compreende: 'O fator da iluminação da equanimidade não está em mim'; e ele também compreende como estimular o fator da iluminação da equanimidade que não está estimulado e como o fator da iluminação da equanimidade que está estimulado alcança a sua plenitude através do desenvolvimento.

43. "Dessa forma ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais internamente, externamente e tanto interna como externamente ... E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais em relação aos sete fatores da iluminação.

( 5. As Quatro Nobres Verdades )

44. "Novamente, *bhikkhus*, um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais em relação às quatro nobres verdades. E como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais em relação às quatro nobres verdades? Aqui um *bhikkhu* compreende como na verdade é: 'Isto é sofrimento'; ele compreende como na verdade é: 'Isto é a origem do sofrimento'; ele compreende como na verdade é: 'Esta é a cessação do sofrimento'; ele compreende como na verdade é: 'Este é o caminho que leva à cessação do sofrimento.' [cviii](#)

45. "E o que, amigos, é a nobre verdade do sofrimento? O nascimento é sofrimento; o envelhecimento é sofrimento; a morte é sofrimento; tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero são sofrimento; não obter o que se deseja é sofrimento; em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento.

"E o que, amigos, é nascimento? O nascimento dos seres nas várias classes de seres, o próximo nascimento, o estabelecimento [num ventre], a geração, a manifestação dos agregados, a obtenção das bases para contato – a isto se denomina nascimento.

"E o que, amigos, é o envelhecimento? O envelhecimento dos seres nas várias categorias de seres, a sua idade avançada, os dentes quebradiços, os cabelos grisalhos, a pele enrugada, o declínio da vida, o enfraquecimento das faculdades – a isto se denomina envelhecimento.

"E o que, amigos, é a morte? O falecimento de seres nas várias categorias de seres, a sua morte, a dissolução, o desaparecimento, o morrer, a finalização do tempo, a dissolução dos agregados, o cadáver descartado – a isto se denomina morte.

"E o que, amigos, é a tristeza? A tristeza, entristecimento, sofrimento, tristeza interior, arrependimento interior, de alguém que sofreu alguma desgraça ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina tristeza.

“E o que, amigos, é a lamentação? O pranto e o lamento, chorar e lamentar, o choro e a lamentação de alguém que sofreu alguma desgraça ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina lamentação.

“E o que, amigos, é a dor? Dor no corpo, desconforto corporal, a sensação dolorosa e desconfortável que surge do contato corporal – a isto se denomina dor.

“E o que, amigos, é a angústia? Dor mental, desconforto mental, a sensação dolorosa e desconfortável que surge do contato mental – a isto se denomina angústia.

“E o que, amigos, é o desespero? A confusão e o desespero, a tribulação e a desesperação de alguém que sofreu alguma desgraça ou que está afetado por alguma situação dolorosa – a isto se denomina desespero.

“E o que, amigos, é ‘não obter o que se deseja é sofrimento’? Para os seres sujeitos ao nascimento surge o desejo: ‘Ah, que nós não estivéssemos sujeitos ao nascimento! Que o nascimento não viesse para nós!’ Mas isto não pode ser obtido pelo desejo e não obter o que se deseja é sofrimento. Para os seres sujeitos ao envelhecimento ... sujeitos à enfermidade ... sujeitos à morte ... sujeitos à tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero, surge o desejo: ‘Ah, que nós não estivéssemos sujeitos à tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero! Que a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero não surjam para nós!’ Mas isto não pode ser obtido pelo desejo e não obter o que se deseja é sofrimento.

“E o que, amigos são os cinco agregados influenciados pelo apego que, em resumo, são sofrimento? Eles são: o agregado da forma material influenciado pelo apego, o agregado da sensação influenciado pelo apego, o agregado da percepção influenciado pelo apego, o agregado das formações volitivas influenciado pelo apego e o agregado da consciência influenciado pelo apego. Esses são os cinco agregados influenciados pelo apego que, em resumo, são sofrimento. A isto se denomina a nobre verdade do sofrimento.

46. “E o que, amigos, é a nobre verdade da origem do sofrimento? É o desejo que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir. [cix](#)

“E onde surge e se estabelece esse desejo? Qualquer coisa no mundo que seja cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo.

“E o que no mundo é cativante e tentador? O olho no mundo é cativante e tentador. O ouvido ... O nariz ... A língua ... O corpo ... A mente no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo. Formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo são cativantes e tentadores, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Consciência no olho, consciência no ouvido, consciência no nariz, consciência na língua, consciência no corpo, consciência na mente no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Contato no olho, contato no ouvido, contato no nariz, contato na língua, contato no corpo, contato na mente no mundo é cativante e tentador, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Sensação tendo como condição o contato no olho, contato no ouvido, contato no nariz, contato na língua, contato no corpo, contato na mente no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Percepção de formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Intenção por formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Desejo por formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Pensamento aplicado às formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso surge e se estabelece o desejo.

“Pensamento sustentado nas formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso surge e se estabelece o desejo. A isto se denomina a nobre verdade da origem do sofrimento.

47. “E o que, amigos, é a nobre verdade da cessação do sofrimento? É o desaparecimento e cessação sem deixar nenhum vestígio daquele mesmo desejo, abrir mão, descartar, libertar-se, despegar desse mesmo desejo. E como ocorre o abandono desse desejo, como ocorre a sua cessação?

“Qualquer coisa no mundo que seja cativante e tentadora, nisso ocorre a cessação. E o que no mundo é cativante e tentador. O ouvido ... O nariz ... A língua ... O corpo ... A mente no mundo é cativante e tentadora, nisso surge e se estabelece o desejo. Formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo são cativantes e tentadores, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Consciência no olho, consciência no ouvido, consciência no nariz, consciência na língua, consciência no corpo, consciência na mente no mundo é cativante e tentadora, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Contato no olho, contato no ouvido, contato no nariz, contato na língua, contato no corpo, contato na mente no mundo é cativante e tentador, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Sensação tendo como condição o contato no olho, contato no ouvido, contato no nariz, contato na língua, contato no corpo, do contato na mente no mundo é cativante e tentadora, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Percepção de formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentadora, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Intenção por formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Desejo por formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Pensamento aplicado às formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação.

“Pensamento sustentado nas formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais no mundo é cativante e tentador, nisso ocorre o abandono desse desejo, nisso ocorre a sua cessação. A isto se denomina a nobre verdade da cessação do sofrimento.

48. “E o que, amigos, é a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento? É justamente este Nobre Caminho Óctuplo; isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta. [cx](#)

“E o que, amigos, é entendimento correto? Entendimento do sofrimento, entendimento da origem do sofrimento, entendimento da cessação do sofrimento e entendimento do caminho que conduz à cessação do sofrimento – a isto se denomina entendimento correto.

“E o que, amigos, é pensamento correto? O pensamento da renúncia, o pensamento da não má vontade e o pensamento da não crueldade – a isto se denomina pensamento correto.

“E o que, amigos, é linguagem correta? Abster-se da linguagem mentirosa, abster-se da linguagem maliciosa, abster-se da linguagem grosseira e abster-se de linguagem frívola – a isto se denomina linguagem correta.

“E o que, amigos, é ação correta? Abster-se de matar seres vivos, abster-se de tomar o que não seja dado e abster-se de conduta imprópria com relação aos prazeres sensuais – a isto se denomina ação correta.

“E o que, amigos, é modo de vida correto? Aqui um nobre discípulo, tendo abandonado o modo de vida incorreto, ganha o seu pão através do modo de vida correto – a isto se denomina modo de vida correto.

“E o que, amigos, é esforço correto? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo de abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. A isto se denomina esforço correto.

“E o que amigos, é atenção plena correta? Aqui um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando a mente como mente, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. A isto se denomina atenção plena correta.

“E o que, amigos, é concentração correta? Aqui, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. A isto se denomina concentração correta.

“A isto se denomina a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento.

(Insight)

49. "Dessa forma ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais internamente ou ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais externamente, ou ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais tanto interna como externamente. Ou então, ele permanece contemplando fenômenos que surgem nos objetos mentais, ou ele permanece contemplando fenômenos que desaparecem nos objetos mentais, ou ele permanece contemplando ambos, os fenômenos que surgem como os fenômenos que desaparecem nos objetos mentais. Ou então, a atenção plena ‘de que existem os objetos mentais’ se estabelece somente na medida necessária para o conhecimento e para a continuidade da atenção plena. E ele permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana. Assim é como um *bhikkhu* permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais em relação às Quatro Nobres Verdades.

( Conclusão )

50. "*Bhikkhus*, qualquer um que desenvolver esses quatro fundamentos da atenção plena dessa maneira durante sete anos, um de dois resultados pode ser esperado: ou o conhecimento supremo aqui e agora, ou o ‘não-retorno’ [cxi](#) se ainda houver algum resíduo de apego.

"Sem falar em sete anos, *bhikkhus*. Qualquer um que desenvolver esses quatro fundamentos da atenção plena dessa maneira durante seis anos ... cinco anos ... quatro anos ... três anos ... dois anos ... um ano, um de dois resultados pode ser esperado: ou o conhecimento supremo aqui e agora, ou o ‘não-retorno’ se ainda houver algum resíduo de apego.

"Sem falar em um ano, *bhikkhus*. Qualquer um que desenvolver esses quatro fundamentos da atenção plena dessa maneira durante sete meses ... seis meses ... cinco meses ... quatro meses ... três meses ... dois meses ... um mês ... meio mês, um de dois resultados pode ser esperado: ou o conhecimento supremo aqui e agora, ou o ‘não-retorno’ se ainda houver algum resíduo de apego.

"Sem falar em meio mês, *bhikkhus*. Qualquer um que desenvolver esses quatro fundamentos da atenção plena dessa maneira durante sete dias, um de dois resultados pode ser esperado: ou o conhecimento supremo aqui e agora, ou o ‘não-retorno’ se ainda houver algum resíduo de apego.

51. "Assim, foi em referência a isto que foi dito: ‘*Bhikkhus*, este é o caminho direto para a purificação dos seres, para superar a tristeza e lamentação, para o

desaparecimento da dor e angústia, para alcançar o caminho verdadeiro, para a realização de *nibbana* - isto é, os quatro fundamentos da atenção plena”

Isto foi o que o Abençoado disse. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 23 *Payasi Sutta* Debate com um Cético

O Príncipe Payasi não acredita em vidas futuras, ou que as ações boas ou más produzam frutos correspondentes

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Venerável Kumara-Kassapa estava perambulando pela região de Kosala, com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, e ele acabou chegando numa cidade denominada Setavya. Ele ficou ao norte de Setavya na Floresta de Simsapa. Agora, naquela ocasião, o Príncipe Payasi vivia em Setavya, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe havia sido dada pelo rei Pasenadi de Kosala.

2. Uma idéia perniciosa havia surgido na mente do Príncipe Payasi: “Não existe outro mundo, não há seres que renascem espontaneamente, não existe fruto ou resultado de ações boas ou más.” E ao mesmo tempo, os *Brâmanes* chefes de família de Setavya ouviram: “O contemplativo Kumara-Kassapa, um discípulo do contemplativo Gotama, estava perambulando pela região de Kosala, com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*; ele chegou a Setavya e está ao norte de Setavya na Floresta de Simsapa; e acerca desse Venerável Kassapa existe essa boa reputação: ‘Ele é estudado, experiente, sábio, bem informado, um excelente orador, capaz de dar boas respostas, um Venerável, um *arahant*. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’” Assim, os *Brâmanes* chefes de família de Setavya, saíram de Setavya pelo portão ao norte em grupos e bandos e se dirigiram para a Floresta de Simsapa.

3. Agora, naquela ocasião, o Príncipe Payasi havia se retirado para o andar superior do seu palácio para a sesta. Então, ele viu os *Brâmanes* chefes de família de Setavya, saindo de Setavya em grupos e bandos e se dirigindo para a Floresta de Simsapa. Ao vê-los ele perguntou ao seu ministro porque estava ocorrendo aquilo. O ministro disse: “Senhor, é o contemplativo Kumara-Kassapa, um discípulo do contemplativo Gotama ... e acerca desse Venerável Kassapa existe essa boa reputação ... É por isso que eles estão indo vê-lo.”

“Muito bem, então ministro, vá até os *Brâmanes* chefes de família de Setavya e diga: ‘Senhores, o Príncipe Payasi diz o seguinte: “Por favor, esperem, senhores. O Príncipe Payasi também irá ver o contemplativo Kassapa.’” Esse contemplativo

Kumara-Kassapa ensinará esses tolos e inexperientes *Brâmanes* chefes de família de Setavya que existe um outro mundo, que há seres que renascem espontaneamente e que existe fruto ou resultado de ações boas ou más. Mas esse tipo de coisas não existe.”

“Muito bem, Venerável senhor,” disse o ministro, e assim ele comunicou a mensagem.

4. O Príncipe Payasi, junto com os *Brâmanes* chefes de família de Setavya, foi até a Floresta de Simsapa onde estava o Venerável Kumara-Kassapa e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele sentou a um lado. E alguns homenagearam o Venerável Kumara-Kassapa ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns anunciaram o seu nome e clã ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

5. Então, o Príncipe Payasi disse para o Venerável Kumara-Kassapa: “Venerável Kassapa, eu acredito nesta doutrina e idéia: não existe outro mundo, não há seres que renascem espontaneamente, não existe fruto ou resultado de ações boas ou más.”

“Muito bem, Príncipe, eu nunca vi ou ouvi uma doutrina ou idéia como essa que você afirma. E assim, Príncipe, eu o questionarei sobre isso e você responda como considerar adequado. O que você pensa, Príncipe, o sol e a lua estão neste mundo ou noutro, eles são *devas* ou humanos?”

“Venerável Kassapa, eles estão noutro mundo e eles são *devas*, não humanos.”

“Da mesma forma, Príncipe, você deveria considerar: ‘Existe um outro mundo, há seres que renascem espontaneamente, existe fruto ou resultado de ações boas ou más.’”

6. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ...”

“Você tem alguma justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, eu tenho amigos, companheiros e parentes, que tiram a vida de outros seres, tomam o que não é dado, se comportam de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, dizem mentiras, empregam a linguagem maliciosa, grosseira e frívola, que são cobiçosos, possuem má vontade e têm entendimento incorreto. Com o tempo eles se enfermam e sofrem adoentados. E quando tenho

certeza de que eles não irão se recuperar, eu vou até eles e digo: 'Há certos contemplativos e *Brâmanes* que declaram e acreditam que aqueles que tiram a vida ... têm entendimento incorreto, irão, com a dissolução do corpo, após a morte, renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Agora, vocês fizeram essas coisas e se aquilo que aqueles contemplativos e *Brâmanes* dizem for verdade, é para lá que vocês irão. Agora, se com a dissolução do corpo vocês renascerem num estado de privação, ... venham até mim e declarem que existe um outro mundo, que há seres que renascem espontaneamente, que existe fruto ou resultado de ações boas ou más. Vocês, senhores, são responsáveis e confiáveis e aquilo que vocês virem será como se eu mesmo tivesse visto, assim será.' Mas embora eles concordem, eles não vêm para me contar e tampouco mandam um mensageiro. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para a afirmação: 'Não existe outro mundo, não há seres que renascem espontaneamente, não existe fruto ou resultado de ações boas ou más.'"

7. "Quanto a isso, Príncipe, eu lhe farei uma pergunta em retorno. Responda como quiser. O que você pensa, Príncipe? Suponha que trouxessem à sua presença um ladrão pego em flagrante e dissessem: 'Este homem, Senhor, é um ladrão pego em flagrante. Sentencie-o a qualquer punição que você desejar.' E você poderá dizer: 'Prendam os braços deste homem para trás com uma corda forte, raspem a cabeça dele e conduzam-no ao rufar dos tambores pelas ruas e praças e para fora da cidade pelo portão sul, lá, dêem um fim nele aplicando a pena capital, decepando a sua cabeça!' E eles, dizendo: 'Muito bem', assentindo, poderiam ... conduzi-lo pelo portão sul e lá decepar a cabeça dele. Agora, se aquele ladrão dissesse para os carrascos: 'Estimados carrascos, nesta cidade ou vilarejo eu tenho amigos, companheiros e parentes, por favor esperem até que eu os tenha visitado,' ele obteria o seu desejo? Ou eles simplesmente decepariam a cabeça daquele ladrão tagarela?"

"Ele não obteria o seu desejo, Venerável Kassapa. Eles simplesmente decepariam a cabeça dele."

"Portanto, Príncipe, aquele ladrão não conseguiria sequer que os seus carrascos esperassem enquanto ele visitava os seus amigos e parentes. Então, como poderiam os seus amigos, companheiros e parentes que praticaram todas essas ações inábeis, tendo morrido e renascido no inferno, persuadir os guardiões do inferno, dizendo: 'Estimados guardiões do inferno, por favor, esperem enquanto relatamos ao Príncipe Payasi que existe um outro mundo, que há seres que renascem espontaneamente, que existe fruto ou resultado de ações boas ou más?' Por conseguinte, Príncipe, admita que existe um outro mundo ...

8. "Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo..."

"Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?"

"Eu tenho, Venerável Kassapa."

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, eu tenho amigos ... que se abstêm de tirar a vida de outros seres, de tomar o que não é dado, que não se comportam de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, não dizem mentiras, não empregam a linguagem maliciosa, grosseira e frívola, que não são cobiçosos, não possuem má vontade e têm entendimento correto. Com o tempo eles se enfermam ... E quando tenho certeza que eles não irão se recuperar, eu vou até eles e digo: ‘Há certos contemplativos e *Brâmanes* que declaram e acreditam que aqueles que se abstêm de tirar a vida ... têm entendimento correto, irão, com a dissolução do corpo, após a morte, renascer num destino feliz, no paraíso. Agora, vocês fizeram essas coisas e se aquilo que aqueles contemplativos e *Brâmanes* dizem for verdade, é para lá que vocês irão. Agora, se com a dissolução do corpo vocês renascerem num destino feliz ... venham até mim e declarem que existe um outro mundo ... Vocês, senhores, são responsáveis e confiáveis e aquilo que vocês virem será como se eu mesmo tivesse visto, assim será.’ Mas embora eles concordem, eles não vêm para me contar e tampouco mandam um mensageiro. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo ...’”

9. “Muito bem, então, Príncipe, eu explicarei com um símile, pois alguns sábios compreendem o significado de um enunciado através de um símile. Suponha que um homem caísse de cabeça numa fossa e você dissesse para os seus auxiliares: ‘Tirem aquele homem da fossa!’ E eles dissessem: ‘Muito bem,’ e assim fizessem. Então, você lhes diria que limpassem por completo o corpo daquele homem com raspadeiras feitas de bambu e depois lhe dessem um banho triplo com marga amarela. Depois você lhes diria que friccionassem o corpo dele com óleo e depois o limpassem três vezes com sabão em pó fino. E você os instruiria para que aparassem o cabelo e barba dele e o enfeitassem com finas grinaldas, perfumes e roupas. Por fim, você lhes diria que o conduzissem ao seu palácio e permitissem que ele desfrutasse dos prazeres dos cinco sentidos, e assim fariam eles. O que você pensa, Príncipe? Aquele homem, depois de banhado, com a barba e cabelo aparados, engrinaldado e adornado, vestido de branco, depois de ter sido conduzido ao palácio, desfrutado e gozado dos prazeres dos cinco sentidos, gostaria de ser novamente mergulhado naquela fossa?”

“Não, Venerável Kassapa.”

“Porque não?”

“Porque aquela fossa é imunda, fétida, horrível, nojenta e em geral é assim considerada.”

“Exatamente da mesma maneira, Príncipe, os seres humanos são imundos, fétidos, horríveis e nojentos e em geral são assim considerados pelos *devas*. Então, porque deveriam os seus amigos ... que não praticaram ações inábeis ... (igual ao verso 8), e

que com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso, retornar e dizer: 'Existe um outro mundo ... existe fruto ou resultado de ações boas ou más?' Por conseguinte, Príncipe, admita que existe um outro mundo ...

10. "Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ..."

"Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?"

"Eu tenho, Venerável Kassapa."

"Qual é, Príncipe?"

"Venerável Kassapa, eu tenho amigos que se abstêm ... de dizer mentiras, do álcool, vinho e outros embriagantes. Com o tempo eles se enfermam ... 'Há certos contemplativos e *Brâmanes* que declaram e acreditam que aqueles que se abstêm de tirar a vida ... e do álcool, vinho e outros embriagantes ... irão, com a dissolução do corpo, após a morte, renascer num destino feliz, no paraíso, como companheiros dos *devas* do Trinta e Três ...' Mas embora eles concordem, eles não vêm para me contar e tampouco mandam um mensageiro. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: 'Não existe outro mundo ...'"

11. "Quanto a isso, Príncipe, eu lhe farei uma pergunta em retorno. Responda como quiser. Aquilo, Príncipe, que para os humanos são cem anos para os *devas* do Trinta e Três é um dia e uma noite. Trinta dessas noites resultam num mês, doze desses meses, num ano e mil desses anos é o tempo de vida dos *devas* do Trinta e Três. Agora, suponha que eles pensassem: 'Depois que gozarmos dos prazeres dos sentidos por dois ou três dias iremos até Payasi para contar-lhe que existe um outro mundo, que há seres que renascem espontaneamente, que existe fruto ou resultado de ações boas ou más,' eles fariam isso?"

"Não, Venerável Kassapa, porque nós já teríamos morrido há muito tempo. Mas, Venerável Kassapa, quem lhe disse que os *devas* do Trinta e Três existem e que eles vivem por tanto tempo? Eu não acredito que os *devas* do Trinta e Três existam ou que vivam por tanto tempo."

"Príncipe, imagine um homem que seja cego de nascimento e que não possa ver objetos claros ou escuros ou objetos azuis, amarelos, vermelhos, ou carmesins, não possa ver o plano e o rugoso, não possa ver as estrelas e a lua. Ele poderia dizer: 'Não existem objetos claros e escuros e ninguém que possa vê-los ... não existe o sol ou a lua e ninguém que possa vê-los. Eu não tenho consciência disso e portanto, isso não existe.' Ele estaria falando da forma correta, Príncipe?"

"Não, Venerável Kassapa. Existem objetos claros e escuros ..., existe um sol e uma lua e qualquer um que diga: 'Eu não tenho consciência disso e portanto isso não existe' não estaria falando da forma correta."

“Bem, Príncipe, parece que a sua resposta é igual à resposta do homem cego ao me perguntar como sei dos *devas* do Trinta e Três e da sua longevidade. Príncipe, o outro mundo não pode ser visto da forma como você pensa, através do olho físico. Príncipe, aqueles contemplativos e *Brâmanes* que buscam nos lugares isolados na floresta, um local que seja tranquilo, com pouco ruído – eles ali permanecem afastados, decididos, ardentes, purificando o olho divino e com esse olho divino purificado que supera o poder do olho humano, eles tanto vêm este mundo como o mundo que está além e os seres que renascem espontaneamente. Assim, Príncipe, é como o outro mundo pode ser visto e não da forma como você pensa, através do olho físico. Por conseguinte, Príncipe, admita que existe um outro mundo, que há seres que renascem espontaneamente, que existe fruto ou resultado de ações boas ou más.”

12. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ...”

“Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Bem, Venerável Kassapa, eu vejo aqui alguns contemplativos e *Brâmanes* que observam a virtude e são bem comportados, que desejam viver, não querem morrer, que desejam o prazer e abominam a dor. E me parece que se esses bons contemplativos e *Brâmanes* que são tão virtuosos e bem comportados sabem que depois da morte eles desfrutarão de uma situação melhor, então essas boas pessoas deveriam agora mesmo tomar veneno, tomar uma faca e se matar, enforcar-se ou pular de um penhasco. Mas, embora eles tenham esse conhecimento, eles ainda assim desejam viver, não querem morrer, eles desejam o prazer e abominam a dor. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo ...’”

13. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile, pois alguns sábios compreendem o significado de um enunciado através de um símile. Certa vez, Príncipe, certo *Brâmane* tinha duas esposas. Uma tinha um filho de dez ou doze anos, enquanto que a outra estava grávida e próxima de dar à luz quando o *Brâmane* morreu. Então, aquele jovem disse para a mulher grávida: ‘Senhora, toda a riqueza e posses, prata ou ouro, que possa existir, será tudo meu. Meu pai fez de mim o seu herdeiro.’ Em resposta, a senhora *Brâmane* disse para o jovem: ‘Espere, jovem, até que eu dê à luz. Se o bebê for um menino, uma parte será dele e se for uma menina, ela se tornará sua serva.’ O jovem repetiu as suas palavras uma segunda vez e recebeu a mesma resposta. Quando ele as repetiu pela terceira vez, a senhora tomou uma faca e indo para um cômodo privado, cortou a barriga, pensando: ‘Se pelo menos pudesse descobrir se é um menino ou menina!’” E assim ela destruiu a si

mesma e o feto, bem como a riqueza, tal como fazem os tolos que buscam a sua herança sem sabedoria, desatentos aos perigos ocultos.

“Do mesmo modo você, Príncipe, irá tolamente enfrentar perigos ocultos ao buscar um outro mundo sem sabedoria, como aquela senhora *Brâmane* ao buscar a sua herança. Mas, Príncipe, aqueles contemplativos e *Brâmanes* que observam a virtude e são bem comportados não buscam acelerar o amadurecimento daquilo que ainda não está maduro, mas ao invés disso, com sabedoria eles aguardam o seu amadurecimento. A vida é benéfica para esses contemplativos e *Brâmanes*, pois quanto mais tempo esses contemplativos e *Brâmanes* virtuosos e bem comportados permanecerem vivos, mais méritos eles criarão; eles praticam para o bem-estar de muitos, para a felicidade de muitos, por compaixão pelo mundo, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos. Por conseguinte, Príncipe, admita que existe um outro mundo...”

14. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ...”

“Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, suponha que tragam à minha presença um ladrão pego em flagrante e digam: ‘Este homem, Senhor, é um ladrão pego em flagrante. Sentencie-o a qualquer punição que você desejar.’ E eu diga: ‘Tomem esse homem e coloquem-no vivo dentro de uma jarra. Fechem a boca da jarra com uma pele umedecida coberta com uma grossa camada de argila úmida, coloquem-na num forno e acendam o fogo.’ E assim eles fazem. Quando temos certeza que o homem está morto, removemos a jarra, quebramos a argila, destampamos a boca e observamos com cuidado: ‘Talvez possamos ver a alma dele escapando.’ Mas nós não vemos nenhuma alma escapando. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo...’”

15. “Quanto a isso, Príncipe, eu lhe farei uma pergunta em retorno. Responda como quiser. Você admite que ao ir para a sua sesta ao meio-dia você teve visões prazerosas de parques, florestas, campinas e lagos com flores de lótus?”

“Eu tive, Venerável Kassapa.”

“E nessa ocasião você não é observado por corcundas, anões, meninas e donzelas?”

“Eu sou, Venerável Kassapa.”

“E eles observam a sua alma entrando ou saindo do seu corpo?”

“Não, Venerável Kassapa.”

“Então eles não vêm a sua alma entrando ou saindo do seu corpo, mesmo você estando vivo. Portanto, como poderia você ver a alma de um homem morto entrando ou saindo do seu corpo? Por conseguinte, Príncipe, admita que existe um outro mundo ...”

16. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ...”

“Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, suponha que tragam à minha presença um ladrão ... E eu diga: ‘Pesem este homem vivo na balança, depois o estrangulem e pesem-no outra vez.’ E assim eles fazem. E enquanto ele estava vivo, ele era mais leve, maleável e flexível, mas depois de morto, ele ficou mais pesado, rígido e inflexível. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo ...’”

17. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Suponha que um homem pesasse uma bola de ferro que tivesse sido aquecida durante todo um dia, inflamada, ardendo com intensidade, brilhando. E suponha que depois de algum tempo, quando ela tivesse esfriado, ele a pesasse novamente. Em qual momento a bola estaria mais leve, maleável e mais flexível: quando estava quente, inflamada, ardendo com intensidade, brilhando ou quando estava fria e extinta?”

“Venerável Kassapa, quando a bola de ferro está quente, inflamada, ardendo com intensidade, brilhando, com o predomínio dos elementos do fogo e ar, então ela estará mais leve, maleável e flexível. Quando esses elementos não predominarem, ela tiver esfriado e extinta, ela se tornará mais pesada, rígida e inflexível.”

“Bem então, Príncipe, ocorre o mesmo com o corpo. Quando ele tem vida, calor e consciência, o corpo fica leve, maleável e flexível. Mas quando está privado da vida, calor e consciência, o corpo fica pesado, rígido e inflexível. Da mesma forma, Príncipe, você deveria considerar: ‘Existe um outro mundo ...’”

18. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo...”

“Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, suponha que tragam à minha presença um ladrão ... E eu diga: ‘Executem esse homem sem ferir a sua cutícula, pele, músculos, tendões, ossos ou medula,’ e assim eles fazem. Quando ele está meio morto, eu digo: ‘Agora, deem esse homem de costas e talvez possamos ver a sua alma emergindo.’ Eles assim fazem, mas não podemos ver a sua alma emergindo. Então eu digo: ‘Virem-no com a cara para baixo, ... para o lado, ... o outro lado, ... coloquem-no em pé, ... coloquem-no de cabeça para baixo, golpeiem-no com os punhos, ... atirem pedras nele, ... batam nele com paus, ... golpeiem-no com espadas, ... sacudam-no com isto ou aquilo e talvez possamos ver a sua alma emergindo.’ Eles fazem todas essas coisas, mas embora esse homem tenha olhos, ele não percebe objetos ou as suas bases, embora tenha ouvidos, ele não ouve sons ..., embora ele tenha nariz, não cheira aromas ..., embora ele tenha língua, não saboreia sabores ..., embora ele tenha um corpo, não sente os tangíveis ou as suas bases. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo...’”

19. “Muito bem, então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, houve um trompetista que pegou o seu trompete e foi para um vilarejo na região fronteira. Chegando, ele foi até o centro do vilarejo e soprou o seu trompete três vezes e depois o colocou no chão e sentou-se. Então, Príncipe, as pessoas pensaram: ‘De onde vem esse som tão delicioso, tão doce, tão embriagante, tão convincente e cativante?’ Elas foram até o trompetista e perguntaram sobre isso. ‘Amigos, deste trompete é que provém esse som delicioso.’ Então elas deitaram o trompete no chão e imploraram: ‘Cante, senhor trompete, cante!’ Mas o trompete não emitiu nenhum som. Então, eles o colocaram com a boca para baixo, ... de lado, ... do outro lado, ... em pé, ... de cabeça para baixo, ... golpearam-no com os punhos, ... atiraram pedras nele, ... bateram nele com paus, ... golpearam-no com espadas, ... sacudiram-no com isto ou aquilo, implorando: ‘Cante, senhor trompete, cante!’ Mas o trompete não emitiu nenhum som. O trompetista pensou: ‘Que tola essa gente fronteira! Estupidamente eles procuram o som do trompete!’ E enquanto aquelas pessoas o observavam, ele tomou o trompete, soprou três vezes e foi embora. E aquelas pessoas pensaram: ‘Parece que quando o trompete é acompanhado por um homem, pelo esforço e pelo vento, então ele produz um som. Mas quando não é acompanhado por um homem, pelo esforço e pelo vento, então o trompete não produz nenhum som.’”

“Do mesmo modo, Príncipe, quando este corpo tem vida, calor e consciência, então, ele vai e regressa, fica em pé e senta e deita, vê coisas com os olhos, ouve sons com os ouvidos, cheira aromas com o nariz, saboreia sabores com a língua, toca tangíveis com o corpo e percebe os objetos mentais com a mente. Mas quando não tem vida, calor ou consciência, ele não faz nenhuma dessas coisas. Da mesma forma, Príncipe, você deveria considerar: ‘Existe um outro mundo...’”

20. “Não importa o que você diga com relação a isso, Venerável Kassapa, eu ainda penso que não existe outro mundo ...”

“Você tem alguma outra justificativa para essa afirmação, Príncipe?”

“Eu tenho, Venerável Kassapa.”

“Qual é, Príncipe?”

“Venerável Kassapa, suponha que tragam à minha presença um ladrão ... E eu diga: ‘Arranquem a pele externa desse homem e talvez possamos ver a sua alma emergindo.’ Então, digo para que arranquem a pele interna, os músculos, tendões, ossos, medula ... mas nós não vemos nenhuma alma escapando. Essa, Venerável Kassapa, é a razão para afirmar: ‘Não existe outro mundo ...’”

21. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, houve um asceta com o cabelo emaranhado e sujo que adorava o fogo e que vivia na floresta numa cabana feita de folhas. Certa tribo estava migrando e o seu líder ficou, por uma noite, próximo da moradia do adorador do fogo e depois partiu. Então, o adorador do fogo pensou que ele poderia ir até o local para ver se encontraria algo que pudesse ser útil para ele. Ele levantou cedo e foi até o local e lá ele encontrou um pequeno bebê, menino, deitado de costas, abandonado. Ao vê-lo ele pensou: ‘Não seria correto que eu o ignorasse deixando que um ser humano morra. É melhor que eu leve essa criança para a minha cabana, tome conta dela, alimente-a e crie-a.’ E assim ele fez. Quando o menino tinha dez ou doze anos, o asceta com alguns assuntos para tratar na vizinhança, disse para o menino: ‘Eu irei até a vizinhança, meu filho. Você tome conta do fogo e não permita que ele apague. Se ele apagar, aqui está um machado, aqui estão alguns gravetos para acender o fogo para que você possa reacendê-lo e cuidar dele.’ Depois de instruir o menino dessa forma, o asceta foi até a vizinhança. Mas o menino, entretido com os seus brinquedos, deixou que o fogo se apagasse. Então, ele pensou: ‘O meu pai disse: “ ... aqui está um machado... para que você possa reacender o fogo e cuidar dele.” Agora é melhor que eu faça isso!’ Então, ele picou os gravetos com o machado, pensando: ‘Espero que consiga acender o fogo desse modo.’ Mas ele não conseguiu acender o fogo. Ele cortou os gravetos para acender o fogo em dois, três, quatro, cinco, dez, cem pedaços, ele os lascou, ele os moeu num almofariz, ele os peneirou ao vento, pensando: ‘Espero que consiga acender o fogo desse modo.’ Mas ele não conseguiu acender o fogo, e quando o asceta regressou, depois de ter concluído os seus assuntos, ele disse: ‘Filho, porque você deixou o fogo apagar?’ e o menino relatou aquilo que havia acontecido. O asceta pensou: ‘Que estúpido é esse menino, que falta de bom senso! Que maneira mais impensada de tentar acender um fogo!’ Assim, enquanto o menino observava, ele tomou os gravetos para acender o fogo e o reacendeu, dizendo: ‘Filho, esse é o modo para reacender um fogo, não a maneira incorreta, estúpida e tola que você tentou!’

“Do mesmo modo, Príncipe, você está procurando um outro mundo de modo incorreto, estúpido e tolo. Príncipe, abandone essa idéia perniciosa, deixe-a de lado! Não permita que ela lhe traga desgraça e sofrimento por muito tempo!”

22. “Muito embora você diga isso, Venerável Kassapa, eu ainda não suporto abandonar essa idéia perniciosa. O Rei Pasenadi de Kosala conhece as minhas idéias e assim também os reis no estrangeiro. Se eu abandonar essas idéias, eles dirão: ‘Que tolo é o Príncipe Payasi, estupidamente ele se agarrava a idéias incorretas!’ Eu permanecerei apegado a essas idéias com raiva, desdém e ressentimento!”

23. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, Príncipe, uma grande caravana com mil carroças estava viajando do leste para o oeste. E aonde quer que fossem eles rapidamente consumiam todo o capim, madeira e toda a vegetação. Agora, essa caravana tinha dois líderes, cada um responsável por quinhentas carroças. E eles pensaram: ‘Esta é uma grande caravana com mil carroças. Onde quer que nós vamos, consumimos todas as provisões. Talvez devêssemos dividir a caravana em dois grupos com quinhentas carroças cada um,’ e assim eles fizeram. Então, um dos líderes juntou capim, madeira e água em abundância e partiu. Depois de dois ou três dias de jornada ele viu vindo na sua direção um homem escuro com os olhos vermelhos, tremendo e com uma coroa de nenúfares brancos, com as roupas e o cabelo molhados, conduzindo uma carroça puxada por um burro cujas rodas estavam salpicadas pela lama. Ao ver aquele homem, o líder disse: ‘De onde você vem, senhor?’ - ‘De tal e qual lugar.’ - ‘E para onde você vai?’ - ‘Para tal e qual lugar.’ - ‘Tem chovido muito na floresta que está mais à frente?’ - ‘Ah, sim senhor, tem chovido muito na floresta que está mais à frente; as estradas estão bem umedecidas e há capim, madeira e água em abundância. Jogue fora o capim, madeira e água que você traz consigo, senhor! Você avançará com maior rapidez com as carroças mais leves, e assim os bois não se cansarão!’ O líder da caravana disse para os carroceiros aquilo que o homem havia dito: ‘Joguem fora o capim, madeira e água ...,’ e assim eles fizeram. Mas no acampamento seguinte eles não encontraram nenhuma capim, madeira e água, nem no segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto ou sétimo, e assim eles acabaram arruinados e aniquilados. E todos que faziam parte da caravana, homens e gado, foram devorados por aquele *yakkha*, só restando os seus ossos.

“E quando o líder da segunda caravana estava seguro que a primeira caravana havia avançado o suficiente, ele se abasteceu de capim, madeira e água em abundância. Depois de dois ou três dias de jornada este líder viu, vindo na sua direção, um homem escuro com os olhos vermelhos ... que o aconselhou a jogar fora as suas provisões de capim, madeira e água. Então, o líder disse para os carroceiros: ‘Este homem está-nos dizendo que joguemos fora o capim, madeira e água que temos. Mas ele não é um dos nossos amigos ou parentes, então porque deveríamos confiar nele? Portanto, não joguem fora o capim, madeira e água que temos; que a caravana continue o seu caminho com as provisões que trouxemos e não joguem fora nada!’ Os carroceiros concordaram e fizeram aquilo que ele disse. E no acampamento seguinte eles não encontraram nenhum capim, madeira e água, nem no segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto ou sétimo, mas neste último eles viram que a outra caravana havia sido arruinada e aniquilada, e eles viram os ossos daqueles homens e do gado que haviam sido devorados pelo *yakkha*. Então, o líder da caravana disse

para os carroceiros: ‘Aquela caravana foi arruinada e aniquilada devido à estupidez do seu líder. Agora deixemos para trás aquelas mercadorias de pouco valor que trazemos e tomemos da outra caravana o que há de mais valor.’ E assim eles fizeram. E com aquele líder sábio eles atravessaram a floresta em segurança.

“Do mesmo modo, Príncipe, você será arruinado e aniquilado se continuar procurando um outro mundo de modo incorreto, estúpido e tolo. Aqueles que pensam, que podem confiar em qualquer coisa que ouvirem, estão destinados à ruína e aniquilação, como aqueles carroceiros. Príncipe, abandone essa idéia perniciosa, deixe-a de lado! Não permita que ela lhe traga desgraça e sofrimento por muito tempo!”

24. “Muito embora você diga isso, Venerável Kassapa, eu ainda não suporto abandonar essa idéia perniciosa... Se eu abandoná-la, eles dirão: ‘Que tolo é o Príncipe Payasi...’”

25. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, um pastor de porcos estava indo do seu vilarejo para um outro vilarejo. Então, ele viu um monte de esterco seco que havia sido jogado fora e ele pensou: ‘Aqui há bastante esterco seco que alguém jogou fora, isso é alimento para os meus porcos. Eu devo levar isso comigo. Ele abriu a sua capa, recolheu nela o esterco, fez uma trouxa colocando-a sobre a cabeça e seguiu o seu caminho. No caminho de volta caiu uma pesada chuva, mas sem deixar de carregar a trouxa de esterco ele seguiu o seu caminho, salpicado com o esterco que se esvaía e pingava por todos os lados até a ponta dos seus dedos. Aqueles que o viam diziam: ‘Você deve estar louco! Você deve estar maluco! Porque você está carregando essa trouxa com esterco que está se esvaindo e pingando por todos os lados até a ponta dos seus dedos?’ - ‘Vocês é que estão loucos! Vocês é que estão malucos! Isto é comida para os meus porcos.’ Príncipe, você fala como o carregador de esterco na minha história. Príncipe, abandone essa idéia perniciosa, deixe-a de lado! Não permita que ela lhe traga desgraça e sofrimento por muito tempo!”

26. “Muito embora você diga isso, Venerável Kassapa, eu ainda não suporto abandonar essa idéia perniciosa ... Se eu abandoná-la, eles dirão: ‘Que tolo é o Príncipe Payasi ...’”

27. “Muito bem então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, dois jogadores estavam usando nozes no lugar de dados. Um deles, sempre que a jogada não o favorecia, engolia a noz. O outro se deu conta do que ele estava fazendo e disse: ‘Tudo bem, meu amigo, você é o vencedor! Passe me as nozes para que eu lhes faça uma oferenda.’ - ‘Está bem,’ disse o primeiro e lhe deu as nozes. Então, o segundo recheou as nozes com veneno e depois disse: ‘Venha, vamos jogar!’ O outro concordou e eles jogaram novamente e uma vez mais o primeiro jogador, sempre que a jogada não o favorecia, engolia a noz. O segundo ficou só observando o outro fazer isso e depois recitou este verso:

‘Os dados estão besuntados com algo que queima,  
porém ele engole sem saber.  
Engula, trapaceiro, engula bem -  
o amargor será igual ao inferno!’

“Príncipe, você fala igual ao jogador na minha história. Príncipe, abandone essa idéia perniciosa, deixe-a de lado! Não permita que ela lhe traga desgraça e sofrimento por muito tempo!”

28. “Muito embora você diga isso, Venerável Kassapa, eu ainda não suporto abandonar essa idéia perniciosa ... Se eu abandoná-la, eles dirão: ‘Que tolo é o Príncipe Payasi ...’”

29. “Muito bem, então, Príncipe, eu explicarei com um símile ... Certa vez, os habitantes de certa vizinhança migraram. E um homem disse para o seu amigo: ‘Venha, vamos até aquela vizinhança, poderemos encontrar algo de valor!’ O amigo dele concordou e assim eles foram para aquela vizinhança e chegaram numa das ruas do vilarejo. Lá eles viram um monte de cânhamo que havia sido jogado fora e um deles disse: ‘Veja este monte de cânhamo. Você faz uma trouxa, eu faço outra e nós dois levaremos isso embora,’ o outro concordou e assim eles fizeram. Então, chegando a uma outra rua do vilarejo, eles encontraram fios de cânhamo e um deles disse: ‘Essa pilha de fios de cânhamo é exatamente a razão pela qual queríamos o cânhamo. Joguemos fora a trouxa de cânhamo e sigamos cada um com um monte de fios de cânhamo.’ - ‘Eu já carreguei essa trouxa de cânhamo por uma longa distância e ela está bem amarrada, isso será o suficiente para mim – quanto a você, faça o que quiser!’ Assim o companheiro jogou fora o cânhamo e tomou o fio de cânhamo.

“Chegando a uma outra rua do vilarejo eles encontraram panos feitos de cânhamo e um deles disse: ‘Esta pilha de panos de cânhamo é exatamente a razão pela qual queríamos o cânhamo e os fios de cânhamo. Jogue fora a sua trouxa de cânhamo, que eu jogarei fora o meu monte de fios de cânhamo e nós seguiremos cada um com um monte de panos de cânhamo.’ Mas o outro respondeu do mesmo modo que antes, assim o companheiro jogou fora o monte de fios de cânhamo e tomou o monte de panos de cânhamo. Num outro vilarejo eles viram um monte de linho, ..., em outro, fios de linho, ..., em outro, panos de linho, ..., em outro, algodão, ..., em outro, fios de algodão, ..., em outro, panos de algodão, ... , em outro, ferro, ..., em outro, cobre, ... , em outro, estanho, ..., em outro, chumbo, ..., em outro, prata, ... , em outro, ouro. Então um deles disse: ‘Este monte de ouro é exatamente a razão pela qual queríamos o cânhamo, fios de cânhamo, panos de cânhamo, linho, fios de linho, panos de linho, algodão, fios de algodão, panos de algodão, ferro, cobre, estanho, chumbo, prata. Jogue fora a sua trouxa de cânhamo, que eu jogarei fora o meu monte de prata e nós seguiremos cada um com um monte de ouro.’ Eu já carreguei essa trouxa de cânhamo por uma longa distância e ela está bem amarrada, isso será o suficiente para mim – quanto a você, faça o que quiser!’ Assim o companheiro jogou fora o monte de prata e tomou o monte de ouro.

“Então, eles regressaram ao vilarejo deles. Aquele que voltou com uma trouxa de cânhamo não satisfez aos seus pais, nem à sua esposa e filhos e tampouco aos seus amigos e companheiros, e ele não obteve para si mesmo nenhuma alegria ou felicidade. Mas aquele que voltou com um monte de ouro satisfez os seus pais, sua esposa e filhos, seus amigos e companheiros, e ele obteve para si mesmo muita alegria e felicidade.”

“Príncipe, você fala como o carregador de cânhamo na minha história. Príncipe, abandone essa idéia perniciosa, deixe-a de lado! Não permita que ela lhe traga desgraça e sofrimento por muito tempo!”

30. “Eu estava satisfeito e contente com o primeiro símile do Venerável Kassapa, mas queria ouvir as suas respostas perspicazes a estas perguntas, porque supus que era um adversário digno. Magnífico, Venerável Kassapa! Magnífico, Venerável Kassapa! O Venerável Kassapa esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Venerável Kassapa, eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Venerável Kassapa me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida. E, Venerável Kassapa, eu gostaria de oferecer um grande sacrifício. Instrua-me, Venerável Kassapa, como isso deve ser feito para o meu bem-estar e felicidade por muito tempo.”

31. “Príncipe, quando um sacrifício, onde são mortos touros, bois ou novilhos, bodes ou carneiros, ou vários outros tipos de seres vivos, é realizado; e os participantes têm entendimento incorreto, pensamento incorreto, linguagem incorreta, ação incorreta, modo de vida incorreto, esforço incorreto, atenção plena incorreta e concentração incorreta, então, esse sacrifício não traz grandes frutos ou benefícios, ele não é muito brilhante e não tem luminosidade. Suponha Príncipe, que um agricultor fosse para a floresta com um arado e sementes, e lá, num pedaço de terra não cultivado, com solo pobre, onde os tocos não tivessem sido desenraizados, ele semeasse sementes que estivessem quebradas, apodrecidas, velhas, arruinadas pelo vento e pelo calor, e que elas fossem plantadas no solo da forma inadequada, e que os *devas* da chuva não mandassem as chuvas no momento apropriado – essas sementes germinariam, se desenvolveriam e cresceriam, e o agricultor obteriam uma colheita abundante?”

“Não, Venerável Kassapa.”

“Então, Príncipe, ocorre o mesmo com um sacrifício no qual são mortos touros ... os participantes têm entendimento incorreto ... concentração incorreta. Mas quando nenhuma dessas criaturas é morta e os participantes têm entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta, então aquele sacrifício traz grandes frutos ou benefícios, ele é muito brilhante e tem luminosidade. Suponha,

Príncipe, que um agricultor fosse para a floresta com um arado e sementes, e lá, num pedaço de terra bem cultivado com solo rico, do qual os tocos tivessem sido desenraizados, ele semeasse sementes que não estivessem quebradas, apodrecidas, ou velhas, arruinadas pelo vento e pelo calor, e que elas fossem plantadas no solo de forma adequada e que os *devas* da chuva mandassem as chuvas no momento apropriado – essas sementes germinariam, se desenvolveriam e cresceriam, e o agricultor obteria uma colheita abundante?”

“Sim, Venerável Kassapa.”

“Do mesmo modo, Príncipe, um sacrifício no qual não são mortos touros, ... os participantes têm entendimento correto, ... concentração correta, então, esse sacrifício traz grandes frutos ou benefícios, ele é muito brilhante e tem luminosidade.”

32. Então, o Príncipe Payasi estabeleceu uma caridade para contemplativos e *Brâmanes*, peregrinos, mendigos e para os necessitados. A comida servida era arroz de segunda com mingau azedo e também a roupa oferecida era grosseira e áspera. Um jovem *Brâmane* chamado Uttara foi colocado como responsável pela distribuição. Em relação a isso ele dizia: “Através desta caridade estou associado ao Príncipe Payasi neste mundo, mas não no mundo que está além.”

E o Príncipe Payasi depois de ouvir aquelas palavras pediu que ele viesse à sua presença e aí perguntou-lhe se ele havia dito aquilo. “Sim, senhor.”

“Mas porque você disse esse tipo de coisa? Amigo Uttara, nós, que desejamos ganhar mérito, não esperamos uma recompensa pela nossa caridade?”

“Mas, senhor, a comida que você dá - arroz de segunda com mingau azedo – você não iria querer tocá-la nem com o pé, quanto menos comê-la! E as roupas grosseiras e ásperas – você não iria querer tocá-las nem com o pé, quanto menos vesti-las! Senhor, você é amável e generoso conosco, mas como podemos reconciliar tal amabilidade e generosidade com a má vontade e mesquinhez?”

“Muito bem Uttara, então, providencie para que a comida oferecida seja aquela que eu como e as roupas, as que eu visto.”

“Muito bem, senhor,” Uttara disse e assim ele fez.

E o Príncipe Payasi, porque havia estabelecido aquela caridade com má vontade e não com as suas próprias mãos, sem o cuidado apropriado, como se de modo descuidado jogasse algo fora, renasceu com a dissolução do corpo, após a morte, na companhia dos Quatro Grandes Reis, na mansão vazia Serisaka. Mas Uttara, que havia dado a caridade sem má vontade, com as suas próprias mãos e com o interesse apropriado, não de modo descuidado, com a dissolução do corpo, após a morte, renasceu num destino feliz, no paraíso, na companhia dos *devas* do Trinta e Três.

33. Agora, naquela ocasião, o Venerável Gavampati tinha o hábito de ir até a mansão vazia Serisaka para a sua sesta do meio-dia. E Payasi foi até o Venerável Gavampati e depois de cumprimentá-lo ficou em pé a um lado. E o Venerável Gavampati disse o seguinte: “Quem é você, amigo?”

“Senhor, eu sou o Príncipe Payasi.”

“Amigo, você não é aquele que costumava dizer: ‘Não existe outro mundo, não há seres que renascem espontaneamente, não existe fruto ou resultado de ações boas ou más?’”

“Sim, senhor, eu sou aquele que costumava dizer isso, mas fui convertido dessa idéia perniciosa pelo nobre Kumara-Kassapa.”

“E onde renasceu o jovem *Brâmane* Uttara, que estava a cargo da distribuição da sua caridade?”

“Senhor, ele que deu a caridade sem má vontade ... renasceu num destino feliz, no paraíso, na companhia dos *devas* do Trinta e Três, mas eu, que dei com má vontade ... renasci aqui na mansão vazia Serisaka. Senhor, por favor, quando você retornar para o mundo humano, diga para as pessoas darem sem má vontade ... e diga-lhes onde o Príncipe Payasi e o jovem *Brâmane* Uttara renasceram.”

34. E assim o Venerável Gavampati, ao retornar ao mundo humano, declarou: “Vocês devem dar sem má vontade, com as próprias mãos e com o cuidado apropriado, não de modo descuidado. O Príncipe Payasi não fez isso e com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu na companhia dos Quatro Grandes Reis na mansão vazia de Serisaka, enquanto que o administrador da sua caridade, o jovem *Brâmane* Uttara, que deu sem má vontade, com as suas próprias mãos e com o cuidado apropriado, não de modo descuidado, renasceu na companhia dos *devas* do Trinta e Três.”

## 24 *Patika Sutta*

### Patika o Charlatão

Sunakkhatta decide deixar o Buda pois ele não realiza milagres e não explica a origem das coisas

1.1 Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava entre os Mallas em uma cidade denominada Anupiya. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Anupiya para esmolar alimentos. Então, o Abençoado pensou: “Ainda é muito cedo para esmolar alimentos em Anupiya. E se eu fosse até o errante Bhaggava-gotta no Parque dos Errantes.”

1.2. Então, o errante Bhaggava-gotta disse: “Bem vindo Abençoado! Já faz muito tempo desde que o Abençoado encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Abençoado sente; este assento está preparado.” O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e Bhaggava tomou um assento mais baixo, sentou a um lado e disse para o Abençoado:

“Venerável senhor, faz alguns dias Sunakkhatta, filho dos Licchavis, veio até mim e disse: ‘Bhaggava, eu deixei o Abençoado. Eu não estou mais sob o mando dele.’ Isso é verdade, Abençoado?”

“É verdade, Bhaggava.”

1.3. “Faz alguns dias, Sunakkhatta veio até mim e depois de me cumprimentar sentou a um lado e disse: ‘Venerável senhor, eu estou deixando o Abençoado, eu não estou mais sob o seu mando.’ Então eu disse para ele: ‘Muito bem, Sunakkhatta, em algum momento eu lhe disse: “Venha, Sunakkhatta, coloque-se sob o meu mando”?’ - ‘Não, Venerável senhor.’ - ‘Ou alguma vez você disse para mim: “Venerável senhor, eu estarei sob o seu mando”?’ - ‘Não, Venerável senhor.’ - ‘Então, Sunakkhatta, se eu não disse isso para você e você não disse isso para mim – homem tolo, quem é você e do que você está abrindo mão? Considere, homem tolo, que o erro é todo seu.’

1.4. “Bem, Venerável senhor, você não realizou nenhum milagre.’ [cxii](#) ‘E alguma vez eu lhe disse: “Coloque-se sob o meu mando, Sunakkhatta, que eu realizarei milagres para você”?’ - ‘Não, Venerável senhor.’ - ‘Ou alguma vez você me disse: “Senhor, eu estarei sob o seu mando se você realizar milagres para mim”?’ - ‘Não, Venerável senhor.’ - ‘Então parece, Sunakkhatta, que eu não fiz esse tipo de promessa e você não impôs essa condição. Em sendo esse o caso, homem tolo, quem é você e do que você está abrindo mão?’

“O que você pensa, Sunakkhatta? Quer milagres sejam ou não realizados, o propósito de eu ensinar o Dhamma é conduzir aquele que o pratica à completa destruição do sofrimento?’ - ‘Assim é, Venerável senhor.’ - ‘Portanto, Sunakkhatta, quer milagres sejam ou não realizados, o propósito de eu ensinar o Dhamma é conduzir aquele que o pratica à completa destruição do sofrimento. Então, qual seria o propósito da realização de milagres? Considere, homem tolo, que o erro é todo seu.’

1.5. “Bem, Venerável senhor, você não explica a origem das coisas.’ - ‘E alguma vez eu lhe disse: “Coloque-se sob o meu mando, Sunakkhatta, que eu explicarei a origem das coisas para você”?’ - ‘Não, Venerável senhor.’ ... Em sendo esse o caso, homem tolo, quem é você e do que você está abrindo mão?’

1.6. “Sunakkhatta, de vários modos você falou em meu louvor para os Vajjias, dizendo: “Esse Abençoado é um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e

humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo.”

De vários modos você falou em louvor do Dhamma, dizendo: “O Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, visível no aqui e agora, com efeito imediato, que convida ao exame, que conduz para adiante, para ser experimentado pelos sábios por eles mesmos.”

De vários modos você falou em louvor da Sangha, dizendo: “A Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho, pratica o caminho reto, pratica o caminho verdadeiro, pratica o caminho adequado, isto é, os quatro pares de pessoas, os oito tipos de indivíduos; esta Sangha dos discípulos do Abençoado é merecedora de dádivas, merecedora de hospitalidade, merecedora de oferendas, merecedora de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo.”

“Desses vários modos você falou em meu louvor, em louvor do Dhamma e em louvor da Sangha para os Vajjias. E eu lhe digo, eu declaro para você, Sunakkhatta, haverá aqueles que dirão: “Sunakkhatta, filho dos Licchavis, foi incapaz de seguir a vida santa sob o contemplativo Gotama e sendo assim incapaz ele abandonou o treinamento e regressou para a vida comum.” Isso, Sunakkhatta, é o que eles dirão.’ E, Bhaggava, com essas minhas palavras Sunakkhatta deixou este Dhamma e Disciplina como alguém condenado ao inferno.

1.7. “Em certa ocasião, Bhaggava, eu estava entre os Khulus, numa cidade denominada Uttarakā. Então, ao amanhecer, tomando a minha tigela e o manto externo fui para Uttarakā esmolar alimentos, tendo Sunakkhatta como meu acompanhante. E naquela ocasião, o asceta nu Korakkhattiya, um “homem cachorro”, estava caminhando nas quatro patas, se espichando sobre o chão e mastigando e comendo a sua comida apenas com a boca. Vendo aquilo, Sunakkhatta pensou: ‘Ora, aquele é um verdadeiro *arahant* asceta, que caminha nas quatro patas, se espicha sobre o chão e mastiga e come a sua comida apenas com a boca.’ E eu, compreendendo o seu pensamento com a minha mente, disse-lhe: ‘Homem tolo, você afirma ser um discípulo do *Sakya*?’ - ‘Venerável senhor, o que você quer dizer com essa pergunta?’ - ‘Sunakkhatta, ao ver esse asceta nu caminhando nas quatro patas, você não pensou: “Ora, aquele é um verdadeiro *arahant* asceta, que caminha nas quatro patas, se espicha sobre o chão e mastiga e come a sua comida apenas com a boca?”’ - ‘Eu pensei, Venerável senhor. O Abençoado inveja o estado de *arahant* dos outros?’ - ‘Eu não invejo o estado de *arahant* dos outros, seu tolo! Só você é capaz de ter essa idéia deturpada. Deixe isso de lado para que não lhe traga dano e sofrimento por muito tempo! Esse asceta nu Korakkhattiya, que você considera ser um verdadeiro *arahant*, irá morrer em sete dias de indigestão e depois da morte ele irá renascer entre os *asuras* Kalakanjas, que é o nível mais baixo dos *asuras*. E quando ele estiver morto, o seu corpo será abandonado num monte de capim *birana* no cemitério a céu aberto. Se você quiser, Sunakkhatta, vá até o cadáver e pergunte se ele sabe o seu destino. E pode ser que ele lhe diga: “Amigo Sunakkhatta, eu sei o

meu destino. Eu renasci entre os *asuras* Kalakanjas, que é o nível mais baixo dos *asuras*.”

1.8. “Então Sunakkhatta foi até Korakkhattiya e contou-lhe o que eu havia profetizado, adicionando: ‘Portanto, amigo Korakkhattiya, seja bastante cuidadoso com aquilo que você comer e beber, para que fique provado que as palavras do contemplativo Gotama estão erradas!’ E Sunakkhatta tinha tanta certeza que seria provado que as palavras do *Tathagata* estavam erradas que ele contou os sete dias um por um. Mas no sétimo dia Korakkhattiya morreu de indigestão e depois de morrer ele renasceu entre os *asuras* Kalakanjas, e o corpo dele foi abandonado num monte de capim *birana* no cemitério a céu aberto.

1.9. “Sunakkhatta ouviu aquilo e assim ele foi até o monte de capim *birana* no cemitério a céu aberto onde Korakkhattiya estava deitado, ele bateu no corpo três vezes com a mão e disse: ‘Amigo Korakkhattiya, você sabe o seu destino?’ E Korakkhattiya se sentou, esfregou as costas com a mão e disse: ‘Amigo Sunakkhatta, eu sei o meu destino. Eu renasci entre os *asuras* Kalakanjas, que é o nível mais baixo dos *asuras*.’ E depois disso, ele novamente caiu de costas.

1.10. “Então, Sunakkhatta veio até onde eu estava e depois de me cumprimentar, sentou a um lado e eu disse: ‘Bem, Sunakkhatta, o que você pensa? Aquilo que lhe disse com respeito ao ‘homem cachorro’ Korakkhattiya aconteceu ou não?’ - ‘Aconteceu da forma como você disse, Venerável senhor, e não de outra forma.’ - ‘Muito bem, o que você pensa, Sunakkhatta? Um milagre foi realizado ou não?’ - ‘Com certeza, Venerável senhor, em sendo assim, um milagre foi realizado.’ - ‘Muito bem então, homem tolo, você ainda diz para mim, depois de ter realizado esse milagre: “Bem, Venerável senhor, você não realizou nenhum milagre?” Considere, homem tolo, que o erro é todo seu.’ E com essas minhas palavras Sunakkhatta deixou este Dhamma e Disciplina como alguém condenado ao inferno.

1.11. “Em certa ocasião, Bhaggava, eu estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira. E naquela época havia um asceta nu em Vesali chamado Kalaramutthaka que desfrutava de grandes ganhos e fama na capital dos Vajjias. Ele tinha adotado sete regras de treinamento: ‘Enquanto eu viver serei um asceta nu e nunca vestirei roupas; enquanto eu viver permanecerei casto abstendo-me das relações sexuais; enquanto eu viver me alimentarei com bebidas fortes e carne, abstendo-me do arroz cozido e do iogurte; enquanto eu viver não irei além do templo Udena ao leste de Vesali, o templo Gotamaka ao sul, o templo Sattamba a oeste, nem o templo Bahuputta ao norte.’ E foi por ter adotado essas sete regras que ele desfrutava de grandes ganhos e fama entre todos na capital dos Vajjias.

1.12. “Agora, Sunakkhatta foi até Kalaramutthaka e fez-lhe uma pergunta que ele não foi capaz de responder e devido a isso ele demonstrou sinais de raiva, ódio e petulância. Mas Sunakkhatta pensou: ‘Pode ser que eu ofenda esse verdadeiro asceta *arahant*. Eu não quero que nada aconteça que cause o meu dano e sofrimento por muito tempo!’

1.13. “Então, Sunakkhatta veio até onde eu estava e depois de me cumprimentar, sentou a um lado e eu disse: ‘Homem tolo, você afirma ser um discípulo do *Sakya*?’ - ‘Venerável senhor, o que você quer dizer com essa pergunta?’ - ‘Sunakkhatta, você não foi ver Kalaramutthaka para fazer uma pergunta que ele não seria capaz de responder, e devido a isso ele não demonstrou sinais de raiva, ódio e petulância? E você não pensou: “Pode ser que eu ofenda esse verdadeiro asceta *arahant*. Eu não quero que nada aconteça que cause o meu dano e sofrimento por muito tempo?”’ - ‘Eu pensei, Venerável senhor. O Abençoado inveja o estado de *arahant* dos outros?’ - ‘Eu não invejo o estado de *arahant* dos outros, seu tolo! Só você é capaz de ter essa idéia deturpada. Deixe isso de lado para que não lhe traga dano e sofrimento por muito tempo! Esse asceta nu Kalaramutthaka, que você considera ser um verdadeiro *arahant*, estará em pouco tempo vestido e casado, alimentando-se com arroz cozido e iogurte. Ele irá além de todos os templos de Vesali e morrerá depois de perder completamente a sua reputação.’ E de fato tudo isso aconteceu.

1.14. “Então, Sunakkhatta, depois de ouvir o que havia acontecido, veio até onde eu estava ... e eu disse: ‘Bem, Sunakkhatta, o que você pensa? Aquilo que lhe disse com respeito à Kalaramutthaka aconteceu ou não? ... Um milagre foi realizado ou não?’ ... E com essas minhas palavras Sunakkhatta deixou este Dhamma e Disciplina como alguém condenado ao inferno.

1.15. “Em certa ocasião, Bhaggava, eu estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um pico na cumeeira. E naquela época havia um asceta nu em Vesali chamado Patikaputta que desfrutava de grandes ganhos e fama na capital dos Vajjias. E ele fez esta declaração na assembléia de Vesali: ‘O contemplativo Gotama afirma ser um homem sábio, eu afirmo o mesmo. É correto que um homem sábio demonstre isso realizando milagres. Se o contemplativo Gotama vier metade do caminho para me encontrar, eu farei o mesmo. Então, poderemos, ambos, realizar milagres, e se o contemplativo Gotama realizar um milagre, eu realizarei dois. Se ele realizar dois, eu realizarei quatro. E se ele realizar quatro, eu realizarei oito. Não importa quantos milagres o contemplativo Gotama realize, eu realizarei o dobro!’

1.16. “Então, Sunakkhatta veio até onde eu estava e depois de me cumprimentar, sentou a um lado e contou-me aquilo que Patikaputta havia dito. Eu disse: ‘Sunakkhatta, esse asceta nu Patikaputta não será capaz de encontrar-se frente a frente comigo, exceto se ele retirar as suas palavras, abandonar aqueles pensamentos e desistir dessas idéias. E se ele pensar de outra forma, a cabeça dele se partirá em pedaços.

1.17. “Venerável senhor, que o Abençoado tenha cuidado com o que diz, que o Iluminado tenha cuidado com o que diz!’ - ‘O que você quer dizer com isso?’ - ‘Venerável senhor, o Abençoado poderá fazer uma afirmação definitiva sobre a vinda de Patikaputta. Mas ele poderá vir numa forma alterada e dessa forma falsificar as palavras do Abençoado!’

1.18. “Mas Sunakkhatta, o *Tathagata* faria alguma afirmação ambígua?” - ‘Venerável senhor, o Abençoado sabe através da sua própria mente o que aconteceria com Patikaputta? Ou algum *deva* contou para o *Tathagata*?’ - ‘Sunakkhatta, eu sei através da minha própria mente e também um *deva* me contou. Pois Ajita, o general dos Licchavis, morreu noutro dia e renasceu na companhia dos *devas* do Trinta e Três. Ele veio me ver e disse: “Venerável senhor, Patikaputta o asceta nu é um mentiroso insolente! Ele declarou na capital dos Vajjias: ‘Ajita, o general dos Licchavis, renasceu no grande inferno!’ Pois eu não renasci no grande inferno, mas na companhia dos *devas* do Trinta e Três. Ele é um mentiroso, insolente...” Portanto, Sunakkhatta, eu sei aquilo que disse através da minha própria mente, mas também um *deva* me contou. E agora, Sunakkhatta, irei para Vesali esmolar alimentos. Depois de regressar, após a refeição, irei para o descanso do meio dia para o parque de Patikaputta. Você pode contar-lhe o que quiser.’

1.19. “Então, depois de ter-me vestido e tomado a tigela e o manto externo fui para Vesali esmolar alimentos. Depois de regressar fui até o parque de Patikaputta para o descanso do meio dia. Nesse ínterim Sunakkhatta foi apressado para Vesali e declarou para todos os Licchavis proeminentes: ‘Amigos, o Abençoado foi para Vesali esmolar alimentos e depois disso ele irá para o descanso do meio dia no parque de Patikaputta. Venham, amigos, venham! Os dois grandes ascetas irão realizar milagres!’ E todos os Licchavis proeminentes pensaram: ‘Os dois grandes ascetas irão realizar milagres! Vamos acompanhá-lo!’ E ele foi para os distinguidos e abastados *Brâmanes* e chefes de família e para os ascetas de várias escolas e disse-lhes a mesma coisa e assim eles também pensaram: ‘Vamos acompanhá-lo!’ E assim todas aquelas pessoas, centenas e milhares, vieram juntas para o parque de Patikaputta.

1.20. “Patikaputta ouviu que todas aquelas pessoas tinham vindo para o seu parque e que o contemplativo Gotama tinha vindo para o descanso do meio dia. Ao ouvir essas notícias ele ficou tomado de medo e tremores e com os cabelos em pé. E assim aterrorizado e tremendo e com os cabelos em pé ele se dirigiu para o albergue dos errantes, Tinduka. Quando o grupo de pessoas soube que ele havia ido para o albergue Tinduka, eles instruíram um homem para que fosse até Patikaputta e lhe dissesse: ‘Amigo Patikaputta, venha! Todas essas pessoas vieram até o seu parque e o contemplativo Gotama foi até lá para o descanso do meio dia. Posto que você declarou na assembléia em Vesali: “O contemplativo Gotama afirma ser um homem sábio, eu afirmo o mesmo ... (igual ao verso 15) ... Não importa quantos milagres o contemplativo Gotama realize, eu realizarei o dobro!” Então, agora venha até a metade do caminho, o contemplativo Gotama já veio até a metade do caminho para encontrá-lo e está sentado para o descanso do meio dia no seu parque.’

1.21. “Então, aquele homem foi e comunicou a sua mensagem e ao ouvir aquilo Patikaputta disse: ‘Eu estou indo, amigo, eu estou indo!’ Mas apesar de se contorcer de todas as formas, ele não foi capaz de se levantar do seu assento. Então, aquele homem disse: ‘Qual é o seu problema, amigo Patikaputta? O seu traseiro está preso ao assento, ou é o assento que está preso ao seu traseiro? Você segue dizendo: “Eu

estou indo, amigo, eu estou indo!” , mas você só se contorce e não se levanta do assento.’ E mesmo ouvindo essas palavras, Patikaputta outra vez se contorceu sem conseguir se levantar.

1.22. “E quando aquele homem compreendeu que Patikaputta seria incapaz de se levantar, ele regressou para a assembléia e relatou a situação. Então, eu lhes disse: ‘Patikaputta o asceta nu não será capaz de encontrar-se frente a frente comigo exceto se ele retirar as suas palavras, abandonar aqueles pensamentos e desistir das suas idéias. E se ele pensar de outra forma, a cabeça dele se partirá em pedaços.’”

### **[Fim da primeira recitação]**

2.1. “Então, Bhaggava, um dos ministros dos Licchavis se levantou do seu assento e disse: ‘Bem, senhores, esperem um pouco para ver se eu consigo trazer Patikaputta para a assembléia.’ Assim, ele foi até o albergue Tinduka e disse para Patikaputta: ‘Venha Patikaputta, será melhor se você vier. Todas essas pessoas vieram até o seu parque e o contemplativo Gotama foi até lá para o descanso do meio dia. Se você vier, faremos de você o vencedor e deixaremos que o contemplativo Gotama seja derrotado.’

2.2. “Patikaputta disse: ‘Eu estou indo, amigo, eu estou indo!’ Mas apesar de se contorcer de todas as formas, ele não foi capaz de se levantar do seu assento ...

2.3. “Assim o ministro regressou para a assembléia e relatou a situação. Depois eu disse: ‘Patikaputta não será capaz de encontrar-se comigo ... Mesmo se os bons Licchavis pensassem: “Vamos amarrá-lo com correias e tentar arrastá-lo com bois emparelhados!” ele romperia as correias. Ele não será capaz de encontrar-se comigo ...’

2-4. Então, Jaliya, um pupilo do asceta com a tigela de madeira, se levantou do seu assento ..., foi até o albergue Tinduka e disse para Patikaputta: ‘Venha Patikaputta,... Se você vier, faremos de você o vencedor e deixaremos que o contemplativo Gotama seja derrotado.’

2.5. “Patikaputta disse: ‘Eu estou indo, amigo, eu estou indo!’ Mas apesar de se contorcer de todas as formas, ele não foi capaz de se levantar do seu assento ...

2.6. “Então, quando Jaliya compreendeu a situação, ele disse: ‘Patikaputta, certa vez há muito tempo atrás, o leão, o rei dos animais, pensou: “E se eu fizesse o meu covil perto de certa floresta. Assim eu poderia sair ao anoitecer, me espreguiçar, inspecionar os quatro quadrantes, rugir o meu rugido de leão três vezes e depois ir para o pasto do gado. Eu poderia então escolher o melhor do rebanho como minha caça, teria um festim com carne macia e regressaria para o meu covil.” E assim ele fez.

2.7. “Agora, havia um velho chacal, forte e orgulhoso, que tinha engordado com os restos do leão. E ele pensou: “Que diferença existe entre eu e o leão, o rei dos animais? E se eu fizesse o meu covil perto de certa floresta ...’ Assim ele escolheu um covil e saindo ao anoitecer, inspecionou os quatro quadrantes e pensou: “Agora rugirei um rugido de leão três vezes”, e ele emitiu um uivo típico da sua espécie, um uivo de chacal. Pois o que há de comum entre um uivo miserável de um chacal e o rugido de um leão? Do mesmo modo, Patikaputta, você vive das realizações do Abençoado e se alimenta dos restos do Abençoado, imaginando que você pode se colocar ao lado dos *Tathagatas, arahants* e Budas Perfeitamente Iluminados. Mas o que possuem os miseráveis Patikaputtas em comum com eles?”

2.8. “Então, incapaz, mesmo com a ajuda dessa parábola, de fazer com que Patikaputta se levantasse do seu assento, Jaliya recitou este verso:

‘Pensando ser um leão, o chacal diz:  
“Eu sou o rei dos animais”, e tenta rugir  
o rugido de um leão, mas ao invés disso só uiva.  
Um leão é um leão e um chacal sempre um chacal.  
Do mesmo modo, Patikaputta, você vive das realizações do Abençoado ...’

2.9. “E incapaz, mesmo com a ajuda dessa parábola, de fazer com que Patikaputta se levantasse do seu assento, Jaliya recitou este verso:

‘Seguindo as pegadas de outrem e alimentando-se  
de restos, ele se esquece da sua natureza de chacal,  
pensando: “Eu sou um leão”, ele tenta rugir  
um rugido poderoso, mas ao invés disso só uiva.  
Um leão é um leão e um chacal sempre um chacal.  
Do mesmo modo, Patikaputta, você vive das realizações do Abençoado ...’

2.10. “E incapaz, mesmo com a ajuda dessa parábola, de fazer com que Patikaputta se levantasse do seu assento, Jaliya recitou este verso:

‘Empanturrando-se com sapos e ratos da eira,  
e cadáveres jogados fora nos cemitérios a céu aberto,  
nas florestas solitário o chacal pensa:  
“Eu sou o rei dos animais”, e tenta rugir  
o rugido de um leão, mas ao invés disso só uiva.  
Um leão é um leão e um chacal sempre um chacal.

Do mesmo modo, Patikaputta, você vive das realizações do Abençoado e se alimenta dos restos do Abençoado, imaginando que você pode se colocar ao lado dos *Tathagatas, arahants* e Budas Perfeitamente Iluminados. Mas o que possuem os miseráveis Patikaputtas em comum com eles?”

2.11. “Então, incapaz, mesmo com a ajuda dessa parábola, de fazer com que Patikaputta se levantasse do seu assento, Jaliya regressou para a assembléia e relatou a situação.”

2.12. “Então, eu disse: ‘Patikaputta não será capaz de encontrar-se comigo ... Mesmo se os bons Licchavis pensassem: “Vamos amarrá-lo com correias e tentar arrastá-lo com bois emparelhados!” ele romperia as correias. Ele não será capaz de encontrar-se comigo ...’

2.13. “Então, Bhaggava, eu instruí, motivei, estimulei e encorajei aquela assembléia com um discurso do Dhamma. E tendo assim libertado aquela assembléia do cativeiro, dessa forma resgatando oitenta e quatro mil seres do caminho do perigo, eu entrei no elemento fogo e levitei no ar tão alto quanto a altura de sete palmeiras, projetando um raio da altura de mais sete, chamejante e perfumado, assim reapareci no salão com um pico na cumeeira na Grande Floresta.

“E lá, Sunakkhatta veio ter comigo e depois de me cumprimentar sentou a um lado e eu disse: ‘O Que você pensa, Sunakkhatta? Aquilo que lhe disse com respeito a Patikaputta aconteceu ou não?’ - ‘Aconteceu, Venerável senhor.’ - ‘E um milagre foi realizado ou não?’ - ‘Foi, Venerável senhor.’ - ‘Bem então, homem tolo, você ainda diz depois de eu ter realizado esse milagre: “Bem, Venerável senhor, você não realizou nenhum milagre”? Considere, homem tolo, que o erro é todo seu.’ E, Bhaggava, com essas minhas palavras Sunakkhatta deixou este Dhamma e Disciplina como alguém condenado ao inferno.

2.14. “Bhaggava, eu sei o começo de todas as coisas, e eu não somente sei isso, mas aquilo que supera isso em valor. Mas eu não estou sob a influência daquilo que sei e não estando sob essa influência eu compreendi por mim mesmo esse desatamento, através do qual é impossível que o *Tathagata* siga pelo caminho errado. Há, Bhaggava, alguns contemplativos e *Brâmanes* que declaram como sua doutrina que todas as coisas começaram através da criação por um deus. Ao me aproximar deles eu digo: ‘Veneráveis senhores, é verdade que vocês declaram que todas as coisas começaram através da criação por um deus, ou *Brahma*?’ - ‘Sim’, eles respondem. Então, eu pergunto: ‘Nesse caso, como os veneráveis mestres declaram ter isso acontecido?’ Mas eles são incapazes de dar-me uma resposta e assim eles me perguntam em retorno. E eu respondo:

2.15.-17. “Haverá um tempo quando, cedo ou tarde, após um longo período, este mundo irá se contrair... os seres nascem principalmente no mundo de Abhassara ... e assim eles permanecem por um longo tempo. Mas cedo ou tarde, depois de um longo período, o mundo começa novamente a se expandir... Então um ser, com a exaustão do seu tempo... renasce no palácio vazio de *Brahma*. Ele sente falta de companhia e outros seres surgem, ele e os outros seres acreditam que ele os criou ([DN1.2.2-6](#)). Assim, veneráveis senhores, é como ocorre de vocês ensinarem que todas as coisas começaram através da criação de um deus, ou *Brahma*.’ E eles dizem: ‘Nós ouvimos isso, Venerável Gotama, tal como você explicou.’ Mas eu sei o começo de todas as

coisas... e não estando sob essa influência eu compreendi por mim mesmo esse desatamento, através do qual é impossível que o *Tathagata* siga pelo caminho errado.

2.18. “Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que declaram que todas as coisas começaram devido à corrupção pelo prazer. Tendo me aproximado deles eu perguntei se essa era a sua doutrina. ‘Sim’, eles responderam. Eu perguntei como isso aconteceu e quando eles foram incapazes de explicar, eu disse: ‘Há, amigos, certos *devas* chamados Corrompidos pelo Prazer. Eles gastam um tempo excessivo se regozijando ... e com a dissipação da atenção plena aqueles seres deixam aquele estado ([DN 1.2.7-9](#)). Assim, veneráveis senhores, é como ocorre de vocês ensinarem que todas as coisas começaram devido à corrupção pelo prazer.’ E eles dizem: ‘Nós ouvimos isso, Venerável Gotama, tal como você explicou.’

2.19. “Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que declaram que todas as coisas começaram devido à corrupção da mente. Ao me aproximar deles eu perguntei se essa era a sua doutrina. ‘Sim’, eles responderam. Eu perguntei como isso aconteceu e quando eles foram incapazes de explicar, eu disse: ‘Há, amigos, certos *devas* chamados Mente Corrompida. Eles gastam um tempo excessivo observando um ao outro com inveja... Por conta da mente corrompida o corpo e a mente deles ficam exaustos. E eles deixam aquele estado ([DN 1.2.10-13](#)). Assim, veneráveis senhores, é como ocorre de vocês ensinarem que todas as coisas começaram devido à corrupção da mente.’ E eles dizem: ‘Nós ouvimos isso, Venerável Gotama, tal como você explicou.’

2.20. “Há, Baggava, alguns contemplativos e *Brâmanes* que declaram que todas as coisas começaram devido ao acaso. Ao me aproximar deles eu perguntei se essa era a sua doutrina. ‘Sim’, eles responderam. Eu perguntei como isso aconteceu e quando eles foram incapazes de explicar, eu disse: ‘Há, amigos, certos *devas* chamados não percipientes. Assim que uma percepção surge neles, eles deixam aquele mundo... eles se recordam da sua última existência, mas não se recordam de nenhuma antes daquela ([DN 1.2.31](#)) Eles pensam: “antes eu não era, mas agora sou. Não sendo, passei a ser.” Assim, veneráveis senhores, é como ocorre de vocês ensinarem que todas as coisas começaram devido ao acaso.’ E eles dizem: ‘Nós ouvimos isso, Venerável Gotama, tal como você explicou.’ Mas eu sei o começo de todas as coisas, e eu não somente sei isso, mas aquilo que supera isso em valor. Mas eu não estou sob a influência daquilo que sei e não estando sob essa influência eu compreendi por mim mesmo esse desatamento, através do qual é impossível que o *Tathagata* siga pelo caminho errado.

2.21. “E, Bhaggava, eu que ensino isso e declaro isso sou, de modo errôneo, falso, mentiroso e em vão, acusado por alguns contemplativos e *Brâmanes* que dizem: ‘O contemplativo Gotama está no caminho errado e assim estão os seus *bhikkhus*. Ele declarou que todos aqueles que alcançaram o estágio de libertação chamado de ‘belo’ vê tudo como repulsivo.’ Mas eu não digo isso. O que digo é que sempre que alguém alcançar o estágio de libertação chamado de ‘belo’ ele sabe que é belo.”

“De fato, Venerável senhor, aqueles que acusam o Abençoado e os seus *bhikkhus* de erro, estão eles mesmos no caminho errado. Estou tão satisfeito com o Abençoado que creio que o Abençoado poderia me ensinar como alcançar e permanecer na libertação chamada de ‘belo’.

“É difícil que você, Bhaggava, possuindo outras idéias, aceitando um outro ensinamento, aprovando um outro ensinamento, dedicando-se a um outro treinamento e seguindo um outro mestre, alcance e permaneça na libertação chamada de ‘belo’. Você precisa se esforçar com determinação depositando a sua convicção em mim, Bhaggava.”

“Venerável senhor, mesmo se for difícil para eu alcançar e permanecer na libertação chamada de ‘belo’, ainda assim deposito a minha convicção no Abençoado.” [cxiii](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. O errante Bhaggava ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

## *25 Udumbarika-Sihanada Sutta*

### O Rugido do Leão em Udumbarika

O errante Nigrodha se gaba ser capaz de confundir o Buda com apenas uma pergunta

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha na montanha do Pico do Abutre. E naquela ocasião, o errante Nigrodha estava no alojamento de errantes Udumbarika, com uma grande comitiva de uns três mil errantes. E numa certa manhã, bem cedo, o chefe de família Sandhana foi até Rajagaha para ver o Abençoado. Então, ele pensou: “Não é o momento apropriado para ver o Abençoado. Ele está isolado meditando; não é o momento apropriado para ver os *bhikkhus* meditadores, eles estão em retiro. Talvez eu deva ir para o alojamento de errantes Udumbarika e visitar Nigrodha.” E assim ele fez.

2. Lá estava Nigrodha com uma grande assembléia de errantes que estavam fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade, (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas.

3. Então, Nigrodha viu Sandhana chegando à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o chefe de família Sandhana, discípulo do contemplativo Gotama. Ele

é um dos muitos discípulos leigos vestidos de branco do contemplativo Gotama em Rajagaha. Esses veneráveis gostam do silêncio e recomendam o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, pensará em juntar-se a nós.” Então, os errantes ficaram em silêncio.

4. Então, Sandhana foi até Nigrodha e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado ele disse: ‘Veneráveis senhores, o modo como os errantes de outras seitas se comportam quando se reúnem é uma coisa: eles fazem muito ruído e conversam sobre muitos assuntos inúteis ... O modo do Abençoado é diferente: ele procura um local na floresta, nas profundezas da mata, livre de ruído, com pouco barulho, distante da multidão enlouquecedora, sem a perturbação de pessoas, bem adequado para o isolamento.’

5. Então, Nigrodha respondeu: “Muito bem, chefe de família, você sabe com quem o contemplativo Gotama conversa? Com quem ele fala? De quem ele obtém a sua sabedoria? A sabedoria do contemplativo Gotama é destruída pela vida solitária, ele não está habituado às assembléias, ele não tem habilidade para conversar, ele está desligado. Tal como um búfalo que caminhe em círculos permanece na borda, da mesma forma ocorre com o contemplativo Gotama. Na verdade, chefe de família, se o contemplativo Gotama viesse até esta assembléia, nós o confundiríamos com uma única pergunta, nós o derrubaríamos como um pote vazio.”

6. Agora, o Abençoado com o elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ouviu essa conversa entre Sandhana e Nigrodha. Descendo do Pico do Abutre ele foi até o pasto do pavão próximo ao reservatório de Sumagadha e ali ficou caminhando para cá e para lá ao ar livre. Então, Nigrodha o viu e ordenou que o seu grupo ficasse em ordem, dizendo: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o contemplativo Gotama. Esse Venerável gosta do silêncio e recomenda o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, pensará em juntar-se a nós. Se ele assim fizer nós lhe faremos esta pergunta: ‘Venerável senhor, qual é a doutrina na qual o Abençoado treina os seus discípulos, que assim treinados e para poderem dela se beneficiar, reconhecem como principal suporte e perfeição na vida santa?’ Os errantes ficaram em silêncio.

7. Então, o Abençoado foi até Nigrodha, que lhe disse: “Venha Abençoado! Bem vindo Abençoado! Já faz muito tempo desde que o Abençoado encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Abençoado sente; este assento está preparado.” O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e Nigrodha sentou a um lado, num assento mais baixo. O Abençoado disse: “Nigrodha, qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui, agora? E qual é a discussão que foi interrompida?” Nigrodha respondeu: “Venerável senhor, nós vimos o Abençoado caminhando para cá e para lá no pasto do pavão próximo ao reservatório de Sumagadha e pensamos: ‘Se o contemplativo Gotama viesse até aqui nós poderíamos lhe fazer esta pergunta: Venerável senhor, qual é a doutrina na qual o Abençoado treina os seus discípulos, que assim treinados e para poderem dela se beneficiar, a reconhecem como principal suporte e perfeição na vida santa?’”

“Nigrodha, é difícil para alguém que possui outras idéias, aceita outros ensinamentos, aprova outros ensinamentos, que se dedica a um outro treinamento e segue um outro mestre, compreender a doutrina que eu ensino para os meus discípulos ... Vamos então, Nigrodha, pergunte-me sobre o seu próprio ensinamento, sobre a sua extrema austeridade. Como são praticadas as condições de austeridade e mortificação, e como elas não são realizadas?”

Em vista disso houve uma grande comoção e ruído entre os errantes e eles exclamaram: “É maravilhoso, é admirável o poder do contemplativo Gotama em conter a sua própria teoria e convidar os outros que discutam a deles!”

8. Silenciando-os, Nigrodha disse: “Venerável senhor, nós ensinamos as austeridades supremas e as consideramos como essenciais, nós nos dedicamos a elas. Em sendo esse o caso, o que constitui a sua realização ou não realização?”

“Suponha, Nigrodha, que um mortificador, permaneça nu, rejeite as convenções ... (igual ao [DN 8.14](#)). Ele se veste com cânhamo, com mortalhas, com trapos, com casca de árvores ... Ele arranca cabelos e barba, dedicando-se à prática de arrancar os cabelos e barba ... Ele se alimenta com imundície, dedicando-se à prática de comer os quatro tipos de imundície (esterco de vaca, urina de vaca, cinzas e argila). Ele nunca bebe água fria. Ele purifica o corpo com três imersões na água a cada dia. O que você pensa, Nigrodha, dessa forma a austeridade suprema é realizada, ou não?”

“De fato, Venerável senhor, ela é realizada.”

“Mas, Nigrodha, eu sustento que essa austeridade suprema é falha em vários aspectos.”

9. “De que modo, Venerável senhor, você sustenta que ela é falha?”

“Tome o caso, Nigrodha, de um mortificador que pratique uma certa austeridade. Como resultado, ele fica satisfeito e contente por ter realizado o seu fim. E isso é uma falha daquele mortificador. Ou então, ao fazer isso ele elogia a si mesmo e menospreza os outros. E isso é uma falha daquele mortificador. Ou então, ele se embriaga com a arrogância, encantado e por conseguinte negligente. E isso é uma falha daquele mortificador.

10. “Novamente, um mortificador pratica uma certa austeridade e isto lhe traz ganhos, honrarias e fama. Como resultado, ele fica satisfeito e contente por ter realizado o seu fim ... Ou então, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros ... Ou então ele se embriaga com a arrogância, encantado e por conseguinte negligente. E isso é uma falha daquele mortificador. Novamente, um mortificador pratica uma certa austeridade e ele divide a sua comida em duas partes, dizendo: ‘Isto me satisfaz, aquilo não me satisfaz!’ E aquilo que não o satisfaz ele rejeita com má vontade, enquanto que aquilo que o satisfaz ele come com cobiça, de modo

imprudente e ávido, sem ver o perigo, sem pensar nas conseqüências. E isso é uma falha daquele mortificador. Novamente, um mortificador pratica uma certa austeridade por conta dos ganhos, honrarias e fama, pensando: 'Os reis e os seus ministros me honrarão, os *Khattiyas* e *Brâmanes* e chefes de família e mestres religiosos.' E isso é uma falha daquele mortificador.

11. "Novamente, um mortificador deprecia algum contemplativo ou *Brâmane*, dizendo: 'Veja como ele vive com abundância, comendo todo o tipo de coisas! Quer se propaguem pelas raízes, caules, juntas, germinações e sementes, ele devora tudo com aquele seu maxilar feroz, e os outros o chamam de contemplativo!' E isso é uma falha daquele mortificador. Ou ele vê outro contemplativo ou *Brâmane* sendo superestimado pelas famílias, sendo honrado e respeitado e venerado, e ele pensa: 'Eles superestimam aquele ricoço, eles o honram, respeitam e veneram, enquanto que eu, que sou o verdadeiro contemplativo e mortificador, não recebo esse tipo de tratamento!' Assim ele fica invejoso e ciumento por causa daqueles chefes de família. E isso é uma falha daquele mortificador.

"Novamente, um mortificador senta numa posição proeminente. E isso é uma falha daquele mortificador. Ou ele anda pomposamente entre as famílias, como se dizendo: 'Veja, essa é a minha renúncia!' E isso é uma falha daquele mortificador. Ou ele se comporta de forma dissimulada. Ao ser perguntado: 'Você aprova isso?' embora ele não aprove, ele diz: 'Aprovo', ou embora ele aprove, ele diz: 'Não aprovo.' Dessa forma ele se torna um mentiroso consciente. E isso é uma falha daquele mortificador.

12. "Novamente, um mortificador, quando o *Tathagata* ou um discípulo do *Tathagata* apresenta de uma certa forma o Dhamma com o qual ele deveria concordar, ele evita concordar. E isso é uma falha daquele mortificador. Ou ele é malvado e mal-humorado. E isso é uma falha daquele mortificador. Ou ele é raivoso e rancoroso, invejoso e avarento, dissimulador e trapaceiro, teimoso e arrogante, com desejos inábeis e sob a influência deles, com entendimento incorreto e dado a opiniões extremadas; ele é maculado com o mundano, muito apegado, não abrindo mão de nada. E isso é uma falha daquele mortificador. O que você pensa, Nigrodha? Essas coisas são falhas na austeridade suprema, ou não?"

"Com certeza elas são, Venerável senhor. Poderia ocorrer que um único mortificador possuísse todas essas falhas, sem falar dos que têm só uma ou outra."

13.-14. Agora, Nigrodha, tome o caso de um mortificador que pratique uma certa austeridade. Como resultado, ele não fica satisfeito e contente por ter realizado o seu fim. Nesse caso, com relação a isso ele está purificado. Novamente, ele não elogia a si mesmo e nem menospreza os outros ... (de modo semelhante com todos os exemplos nos versos 10-11). Assim, ele não se torna um mentiroso consciente. Com relação a isso ele está purificado.

15. “Novamente, um mortificador, quando o *Tathagata* ou um discípulo do *Tathagata* apresenta o Dhamma de uma maneira que deveria merecer a sua concordância, concorda. Com relação a isso ele está purificado. E ele não é malvado nem mal-humorado. Com relação a isso ele está purificado. E ele não é raivoso nem rancoroso, não é invejoso nem avarento, não é dissimulador nem trapaceiro, não é teimoso nem arrogante, sem desejos inábeis e não sob a influência deles, sem entendimento incorreto e não dado a opiniões extremadas; ele não é maculado com o mundano, não é muito apegado, abrindo mão com facilidade. Com relação a isso ele está purificado. O que você pensa, Nigrodha? A austeridade suprema é purificada por essas coisas, ou não?”

“Com certeza ela é, Venerável senhor, ela alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Não, Nigrodha, ela não alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne. Ela apenas penetra a casca externa.”

16. “Bem então, Venerável senhor, como a austeridade alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne? Seria bom se o Abençoado fizesse com que a minha austeridade alcançasse a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Nigrodha, tome o caso de um mortificador que observa a contenção quádrupla. E o que é isso? Nesse caso, um mortificador não fere um ser vivo, não ocasiona que um ser vivo seja ferido, não aprova que se cause um ferimento; ele não toma aquilo que não for dado ou ocasiona que seja tomado aquilo que não for dado, ou aprova que se tome; ele não diz uma mentira, ou ocasiona que se conte uma mentira, ou aprova a mentira; ele não deseja os prazeres sensuais, ocasiona que outros assim façam, ou aprova esse desejo. Dessa forma, um mortificador observa a contenção quádrupla. E através dessa contenção, através dessa austeridade, ele toma um curso ascendente e não decai para coisas inferiores.

“Depois ele busca um local solitário, uma ravina, uma caverna numa encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia. Então, depois de retornar da esmola de alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelece a plena atenção à sua frente. Tendo abandonado a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça, ele purifica a sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, compadecido pelo bem-estar de todos os seres vivos; ele purifica a sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, percebendo a luz, e plenamente consciente; ele purifica a sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente tranqüila; ele purifica a sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele sobrepuja a dúvida, esclarecido acerca dos estados hábeis; ele purifica a sua mente da dúvida.

17. “Tendo abandonado esses cinco obstáculos e visando enfraquecer as contaminações através do insight, ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. E ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão, ... alegria altruísta, ... equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. O que você pensa, Nigrodha? A austeridade suprema é purificada por essas coisas, ou não?”

“Com certeza ela é, Venerável senhor, ela alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Não, Nigrodha, ela não alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne. Ela apenas penetra a casca interna.”

18. “Bem então, Venerável senhor, como a austeridade alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne? Seria bom se o Abençoado fizesse com que a minha austeridade alcançasse a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Nigrodha, tome o caso de um mortificador que observa a contenção quádrupla ... (igual aos versos 16-17), sem hostilidade e sem má vontade. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas ... Lá eu tinha tal nome, pertencia a tal clã ... ( igual ao [DN 2.93](#)) ... Falecendo daquele estado, eu ressurgi aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. O que você pensa, Nigrodha? A austeridade suprema é purificada por essas coisas, ou não?”

“Com certeza ela é, Venerável senhor, ela alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Não, Nigrodha, ela não alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne. Ela apenas penetra o alburno.”

19. “Bem então, Venerável senhor, como a austeridade alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne? Seria bom se o Abençoado fizesse com que a minha austeridade alcançasse a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Nigrodha, tome o caso de um mortificador que observa a contenção quádrupla ... sem hostilidade e sem má vontade ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. E depois, por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, ele vê seres falecendo e renascendo ... (igual ao [DN 2.95](#)) ... ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações. O que você pensa, Nigrodha? A austeridade suprema é purificada por essas coisas, ou não?”

“Com certeza ela é, Venerável senhor, ela alcança a sua plenitude, penetrando até o cerne.”

“Assim é de fato, Nigrodha, que a austeridade é purificada de tal modo que alcança a sua plenitude e penetra até o cerne. E, portanto, Nigrodha, quando você pergunta: ‘Qual, Abençoado, é a doutrina na qual o Abençoado treina os seus discípulos que, assim treinados e para poderem dela se beneficiar, a reconhecem como principal suporte e perfeição na vida santa?’ Eu digo que é com algo muito mais abrangente e excelente que eu os treino, através do qual eles ... a reconhecem como seu principal suporte e perfeição na vida santa.”

Em vista disso, houve uma grande comoção e ruído entre os errantes e eles exclamaram: “Nós e o nosso mestre estamos arruinados! Nós não sabemos nada mais elevado ou abrangente que os nossos ensinamentos!”

20. E quando o chefe de família Sandhana percebeu: “Esses errantes estão na verdade ouvindo e acompanhando as palavras do Abençoado e inclinando as suas mentes na direção da sabedoria superior, ele disse para Nigrodha: ‘Venerável Nigrodha, você disse para mim: “Muito bem, chefe de família, você sabe com quem o contemplativo Gotama conversa? ... A sabedoria do contemplativo Gotama é destruída pela vida solitária, ele não está habituado às assembléias, ele não tem habilidade para conversar, ele está desligado.” Então, agora o Abençoado veio até aqui, porque você não o confunde com uma única pergunta e o derruba como um pote vazio?” E com essas palavras Nigrodha permaneceu sentado em silêncio, consternado, com os ombros caídos e a cabeça baixa, deprimido e sem resposta.

21. Vendo o estado em que ele estava, o Abençoado disse: “É verdade, Nigrodha, que você disse isso?”

“Venerável senhor, é verdade que eu disse isso, de modo tolo, equivocado e maldoso.”

“O que você pensa, Nigrodha? Você alguma vez ouviu ser dito por errantes anciãos, veneráveis, mestres de mestres, que aqueles que no passado foram *arahants*, Budas Perfeitamente Iluminados costumavam, quando se reuniam, fazer uma grande baderna e conversar em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis ... da maneira como você e os seus mestres fazem? Ou eles na verdade disseram que aqueles Abençoados procuravam um local na floresta, nas profundezas da mata, livre de ruído, com pouco barulho, distante da multidão enlouquecedora, sem a perturbação de pessoas, bem adequado para o isolamento, tal qual eu faço agora?”

“Venerável senhor, eu ouvi ser dito que aqueles que eram *arahants*, Budas Perfeitamente Iluminados não fazem uma grande baderna ... mas procuram um local isolado na floresta, ... tal qual o Abençoado faz agora.”

“Nigrodha, você é uma pessoa inteligente, amadurecida pelos anos. Alguma vez lhe ocorreu pensar: ‘O Abençoado é iluminado, ele ensina uma doutrina da iluminação, ele é contido e ele ensina uma doutrina da contenção, ele é tranqüilo e ele ensina uma doutrina da tranqüilidade. Ele foi além e ele ensina uma doutrina para ir além, ele realizou *nibbana* e ele ensina uma doutrina para a realização de *nibbana*’?”

22. Em vista disso, Nigrodha disse para o Abençoado: “Uma transgressão foi cometida por mim, Venerável senhor, em que eu fui tão tolo, tão atrapalhado e tão inábil, que falei dessa forma com o Abençoado. Que o Abençoado por favor aceite esta confissão da minha transgressão como tal, de forma que eu possa me refrear no futuro!”

“Deveras, Nigrodha, uma transgressão foi cometida por você, em que você foi tão tolo, tão atrapalhado e tão inábil, em falar de mim dessa forma. Porém, porque você vê a sua transgressão como tal e faz correções de acordo com o Dhamma, nós aceitamos a sua confissão. Pois é motivo de crescimento no Dhamma e Disciplina dos nobres quando, vendo uma transgressão como tal, a pessoa faz correções de acordo com o Dhamma e pratica a contenção no futuro.

“Mas, Nigrodha, eu lhe digo isto: Que um homem inteligente, sincero, honesto e verdadeiro venha até mim e eu o instruirei, eu lhe ensinarei o Dhamma. Se ele praticar aquilo que for ensinado, então dentro de sete anos ele irá alcançar e permanecer no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Sem falar em sete anos, seis anos, cinco anos, quatro anos, três anos, dois anos, um ano, sete meses, seis meses, cinco, quatro, três, dois meses, um mês, meio mês. Sem falar em meio mês – em sete dias ele poderá alcançar aquele objetivo.

23. “Nigrodha, pode ser que você pense: ‘O contemplativo Gotama diz isso apenas para obter mais discípulos.’ Mas você não deve pensar dessa forma. Que o seu mestre continue sendo o seu mestre. Ou você poderá pensar: ‘Ele quer que nós abandonemos as nossas regras.’ Mas você não deve pensar dessa forma. Que as suas regras continuem as mesmas. Ou você poderá pensar: ‘Ele quer que nós abandonemos o nosso modo de vida.’ Mas você não deve pensar dessa forma. Que o seu modo de vida continue o mesmo. Ou você poderá pensar: ‘Ele quer que façamos coisas que de acordo com o nosso ensinamento são erradas e assim são consideradas por nós.’ Mas você não deve pensar dessa forma. Que aquelas coisas que você considera erradas continuem a ser consideradas assim. Ou você poderá pensar: ‘Ele quer nos afastar daquelas coisas que de acordo com o nosso ensinamento são corretas e assim são consideradas por nós.’ Mas você não deve pensar dessa forma. Que aquelas coisas que você considera corretas continuem a ser consideradas assim. Nigrodha, eu não falo devido a nenhuma dessas causas ...

“Há, Nigrodha, coisas inábeis que não foram abandonadas, contaminadas, que conduzem ao renascimento, aterrorizantes, que produzem resultados dolorosos no

futuro, associadas ao nascimento, envelhecimento e morte. É para o abandono dessas coisas que eu ensino o Dhamma. Se você praticar de acordo, essas coisas contaminadas serão abandonadas, e as coisas que conduzem à purificação irão se desenvolver e se incrementar, e você irá alcançar e permanecer, realizando por si mesmo no aqui e agora a plenitude da perfeição da sabedoria.”

24. Em vista dessas palavras os errantes permaneceram sentados em silêncio, consternados, com os ombros caídos e a cabeça baixa, deprimidos e sem resposta, tão tomadas por *Mara* estavam as mentes deles. Então, o Abençoado disse: “Cada um desses homens tolos está tomado pelo Senhor do Mal de modo que nenhum deles pensa: ‘Vamos agora seguir a vida santa proclamada pelo contemplativo Gotama, que nós possamos aprendê-la - pois o que importam sete dias?’”

Então, o Abençoado, tendo rugido o rugido do leão no parque de Udumbarika, levantou e pousou no Pico do Abutre. E o chefe de família Sandhana também regressou para Rajagaha.

## 26 *Cakkavatti-Sihanada Sutta*

### O Rugido do Leão ao Girar a Roda

A visão do papel de um monarca que faz girar a roda e da evolução do mundo

1. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Magadhas em Matula. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma: “*Bhikkhus*”. – “Venerável Senhor”, eles responderam. O Abençoado disse o seguinte:

“*Bhikkhus*, sejam ilhas para vocês mesmos, refúgios para vocês mesmos, buscando nenhum refúgio externo; com o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como o seu refúgio, buscando nenhum outro refúgio. E como, um *bhikkhu* é uma ilha para ele mesmo, um refúgio para ele mesmo, buscando nenhum refúgio externo; com o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como o seu refúgio, buscando nenhum outro refúgio? Quando ele permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo; quando ele permanece contemplando as sensações como sensações, ... quando ele permanece contemplando a mente como mente, ... quando ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo, então, verdadeiramente, ele é uma ilha para ele mesmo, um refúgio para ele mesmo, buscando nenhum refúgio externo; tendo o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como o seu refúgio, buscando nenhum outro refúgio.

“Mantenham-se no seu próprio domínio *bhikkhus*, no seu território ancestral. Se vocês assim fizerem, então *Mara* não terá sua oportunidade, *Mara* não se estabelecerá. É acumulando estados benéficos que o mérito se incrementa.

2. “Certa vez, *bhikkhus*, houve um monarca chamado Dalhanemi que girou a roda, um monarca justo que governou de acordo com o Dhamma; conquistador dos quatro pontos cardeais, que estabeleceu a segurança no seu reino e que possuía os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalo Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele tinha mais de mil filhos que eram corajosos e heróicos e que aniquilavam os exércitos inimigos. Ele governava tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixasse a vida em família e seguisse a vida santa, então ele se tornaria um *arahant*, um Buda Perfeitamente Iluminado, aquele que remove o véu do mundo.

3. “Depois de muitas centenas e milhares de anos o Rei Dalhanemi disse para um certo homem: ‘Meu homem, no momento em que você vir que a Roda Preciosa tenha deslizado da sua posição, relate isso para mim.’ - ‘Sim, senhor,’ o homem respondeu. E depois de muitas centenas e milhares de anos o homem viu que a Roda Preciosa havia deslizado da sua posição. Vendo isso, ele relatou esse fato ao Rei. Então o Rei Dalhanemi mandou buscar o seu primogênito, o príncipe herdeiro, e disse: ‘Meu filho, a Roda Preciosa deslizou da sua posição. E eu ouvi dizer que quando isso acontecesse para um monarca que gira a roda, ele não teria mais muito tempo de vida. Eu estou saciado dos prazeres humanos, agora é o momento de buscar os prazeres divinos. Você, meu filho, assuma o controle desta terra circundada pelo oceano. Eu irei raspar o meu cabelo e barba, vestirei os mantos de cor ocre e deixarei a vida em família pela vida santa.’ E tendo instalado, da forma requerida, o seu filho mais velho como rei, o Rei Dalhanemi raspou o seu cabelo e barba, vestiu os mantos de cor ocre e deixou a vida em família pela vida santa. E sete dias depois que o sábio real havia seguido a vida santa, a Roda Preciosa desapareceu.

4. “Então um certo homem veio até o Rei *Khattiya* ungido e disse: ‘Senhor, você deve ser informado que a Roda Preciosa desapareceu.’ Em vista disso o Rei sentiu pesar e tristeza. Ele foi até o sábio real e relatou-lhe o que havia acontecido. E o sábio real disse: ‘Meu filho, você não deve sentir pesar ou tristeza pelo desaparecimento da Roda Preciosa. A Roda Preciosa não é uma herança de família. Mas agora, meu filho, você precisa se tornar um Monarca que gira a roda. E então poderá ocorrer que, se você realizar os deveres de um Monarca que gira a roda, no *Uposatha* do décimo quinto dia, tendo lavado a sua cabeça e ido para o terraço no topo do palácio para o dia de *Uposatha*, a Roda Preciosa surgirá para você, com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos.’

5. “Mas qual, senhor, é o dever de um Monarca que gira a roda?” - “É o seguinte, meu filho: Você, na dependência do Dhamma, honrando-o, reverenciando-o, amando-o, homenageando-o e venerando-o, tendo o Dhamma como sua insígnia e bandeira, reconhecendo no Dhamma o seu mestre, você deve estabelecer guarda, defesa e

proteção de acordo com o Dhamma para a sua própria família, suas tropas, seus nobres e vassallos, para *Brâmanes* e chefes de família, pessoas que vivam nas cidades e no campo, contemplativos e *Brâmanes*, para animais e pássaros. Não permita que o crime prevaleça no seu reino e para os necessitados, lhes dê o que necessitem. E quaisquer contemplativos e *Brâmanes* que no seu reino tiverem renunciado à vida dos prazeres sensuais e estiverem dedicados à renúncia e à nobreza, cada um se domesticando, cada um se acalmando, cada um se esforçando para dar um fim ao desejo, se de tempos em tempos eles vierem consultá-lo quanto a o que é benéfico e o que é prejudicial, o que é criticável e o que é isento de crítica, o que deve ser seguido e o que não deve ser seguido e qual ação irá no longo prazo conduzir ao dano e sofrimento e qual irá conduzir ao bem-estar e felicidade, você deveria ouvi-los e dizer-lhes que evitem o mal e façam o bem. Esses, meu filho, são os deveres de um Monarca que gira a roda.”

“Sim, senhor,” respondeu o Rei, e ele realizou os deveres de um Monarca que gira a roda. E ao fazer isso, no *Uposatha* do décimo quinto dia, tendo lavado a cabeça e ascendido até o terraço no topo do seu palácio para o dia de *Uposatha*, a Roda Preciosa surgiu para ele, com mil raios, com a roda, o cubo, completa em todos os aspectos. Então o Rei pensou: “Eu ouvi que quando um Rei *Khattiya* ungido vê essa roda no último dia da quinzena, ele se tornará um Monarca que gira a roda. Que eu possa me tornar um monarca assim!”

6. “Então, levantando-se do seu assento e arrumando o manto externo sobre o ombro, o Rei tomou um vaso com água com a mão esquerda, borrifou a Roda com a mão direita e disse: ‘Gire para adiante, boa roda preciosa; triunfe, boa roda preciosa!’ Então a roda preciosa girou para adiante na direção leste e o Rei a seguiu com o seu exército. E em qualquer região na qual a Roda parasse, o Rei estabelecia residência com o seu exército. E aqueles que antes a ele se opunham na região leste vinham e diziam: ‘Venha, grande Rei; bem vindo, grande Rei; comande, grande Rei; aconselhe, grande Rei.’ E o Rei dizia: ‘Vocês não devem matar seres vivos; vocês não devem tomar aquilo que não for dado; vocês não devem agir de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais; vocês não devem dizer mentiras; vocês não devem beber bebidas embriagantes; sejam moderados na alimentação.’ E aqueles que antes a ele se opunham na região leste se tornavam seus súditos.

7. “Então, a roda preciosa mergulhou no oceano do leste e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante, na direção sul ... E aqueles que se opunham na região sul se submeteram ao Rei. Então, a roda preciosa mergulhou no oceano do sul e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante, na direção oeste ... E aqueles que se opunham na região oeste se submeteram ao Rei. Então, a roda preciosa mergulhou no oceano do oeste e emergiu outra vez. E nisso, ela girou para adiante na direção norte ... E aqueles que se opunham na região norte se submeteram ao Rei.

“Agora, quando a roda preciosa triunfou sobre a terra de oceano a oceano, ela retornou para a capital real e permaneceu como que presa pelo eixo ao portão do principal palácio do Rei, como um adorno no portão do palácio principal.

8. “E um segundo Monarca que gira a roda fez o mesmo e um terceiro, um quarto, um quinto, um sexto e um sétimo monarca também .... disse para um certo homem vigiar se a Roda Preciosa deslizasse da sua posição (igual ao verso 3). E sete dias depois do sábio real ter seguido a vida santa, a Roda Preciosa desapareceu.

9. “Então um certo homem veio até o Rei e disse: ‘Senhor, você deve ser informado que a Roda Preciosa desapareceu.’ Em vista disso o Rei sentiu pesar e tristeza. Mas ele não foi até o sábio real para lhe perguntar sobre os deveres de um Monarca que gira a roda. Ao invés disso, ele governou o povo de acordo com as suas próprias idéias, e sendo assim governado, o povo não prosperou tão bem quanto havia prosperado sob os reis anteriores, que haviam realizado os deveres de um Monarca que gira a roda. Então os ministros, conselheiros, funcionários do tesouro, guardas e porteiros e os recitadores de mantras vieram até o Rei e disseram: ‘Senhor, enquanto você governar o povo de acordo com as suas próprias idéias, diferente da forma que ele foi governado sob os monarcas anteriores, o povo não irá prosperar bem. Senhor, há ministros ... no seu reino, nós mesmos inclusive, que preservaram o conhecimento sobre como um Monarca que gira a roda deveria governar. Pergunte-nos, Majestade e nós lhe diremos!’

10. “Então o Rei ordenou que os ministros e todos os demais se reunissem e ele os consultou. E eles explicaram os deveres de um Monarca que gira a roda. E tendo ouvido o que eles disseram, o Rei estabeleceu guarda, defesa e proteção, mas ele não atendeu as necessidades dos necessitados e como resultado a pobreza se espalhou. Com a disseminação da pobreza, um homem tomou algo que não lhe havia sido dado, dessa forma cometendo o que passou a ser chamado de roubo. Eles o prenderam e o trouxeram perante o Rei dizendo: ‘Majestade, este homem tomou algo que não lhe foi dado, que chamamos de roubo.’ O Rei disse: ‘É verdade que você tomou algo que não lhe havia sido dado – que é chamado de roubo?’ - ‘Sim é, Majestade.’ - ‘Por que?’ - ‘Majestade, eu não tenho nada para o meu sustento.’ Então o Rei lhe deu alguns bens dizendo: ‘Com isto, meu bom homem, você poderá se manter, sustentar sua mãe e pai, manter uma esposa e filhos, levar adiante um negócio e presentear os contemplativos e *Brâmanes*, o que irá promover o seu bem-estar espiritual e conduzir a um feliz renascimento com um resultado prazeroso no plano celestial.’ - ‘Muito bem, Majestade,’ o homem respondeu.

11. “E exatamente a mesma coisa aconteceu com um outro homem.

12. “Então, as pessoas ouviram que o Rei estava distribuindo bens para aqueles que tomassem algo que não lhes houvesse sido dado e assim elas pensaram: ‘E se nós fizéssemos o mesmo!’ E então um outro homem tomou algo que não lhe havia sido dado e eles o trouxeram perante o Rei. O Rei perguntou porque ele havia feito aquilo e ele respondeu: ‘Majestade, eu não tenho nada para o meu sustento.’ Então o Rei pensou: ‘Se eu der bens para todos aqueles que tomarem algo que não lhes foi dado, os roubos irão crescer cada vez mais. Melhor eu dar um fim nisso, dar um fim de uma vez por todas, cortar a cabeça dele.’ Assim ele ordenou aos soldados: ‘Prendam

os braços deste homem para trás com uma corda forte, raspem a cabeça dele e conduzam-no ao rufar dos tambores pelas ruas e praças e para fora da cidade pela porta do sul, lá dêem um fim nele aplicando a pena capital, decepando a sua cabeça!' E assim eles fizeram.

13. "Ouvindo sobre o ocorrido, as pessoas pensaram: 'Vamos obter espadas afiadas e depois poderemos tomar de qualquer um aquilo que não nos for dado, daremos um fim em todos, daremos um fim em todos de uma vez por todas, cortaremos as suas cabeças.' Assim, tendo obtido algumas espadas afiadas, elas se lançaram em assaltos homicidas sobre vilarejos, vilas e cidades e também se dedicaram ao roubo nas estradas, matando as suas vítimas cortando-lhes a cabeça.

14. "Assim, por não haver generosidade para com os necessitados, a pobreza se disseminou, do incremento da pobreza, o tomar o que não é dado se disseminou, do incremento do roubo, o uso de armas se disseminou, do incremento do uso de armas, o ato de tirar a vida se disseminou e do incremento do ato de tirar a vida, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido oitenta mil anos passaram a viver apenas quarenta mil. E um homem da geração que viveu por quarenta mil anos tomou algo que não lhe foi dado. Ele foi trazido perante o Rei que lhe perguntou: 'É verdade que você tomou algo que não lhe foi dado - que é chamado de roubo?' - 'Não, Majestade,' ele respondeu, dizendo assim uma mentira deliberada.

15. "Assim, por não haver generosidade para com os necessitados ... o tirar a vida se disseminou e do incremento do tirar a vida, a mentira se disseminou e do incremento da mentira, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido quarenta mil anos passaram a viver apenas vinte mil. E um homem da geração que viveu por vinte mil anos tomou algo que não lhe foi dado. Um outro homem o denunciou para o Rei, dizendo: 'Senhor, o fulano tomou algo que não lhe foi dado,' falando assim mal de outrem.

16. "Assim, por não haver generosidade para com os necessitados ... o falar com malícia se disseminou e como consequência, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido vinte mil anos passaram a viver apenas dez mil. E na geração que viveu por dez mil anos, alguns eram belos e outros eram feios. E aqueles que eram feios, sentindo inveja daqueles que eram belos, cometiam adultério com as esposas deles.

17. "Assim, por não haver generosidade para com os necessitados ... a conduta sexual imprópria se disseminou e como consequência, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido dez mil anos passaram a viver apenas cinco mil. E na geração que viveu por cinco mil anos, duas coisas se

disseminaram: a linguagem grosseira e a linguagem frívola, e como conseqüência, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu, e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido cinco mil anos passaram a viver, alguns, apenas dois mil e quinhentos e outros, dois mil. E na geração que viveu por dois mil e quinhentos anos, a cobiça e a raiva se disseminaram, e como conseqüência, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu, e como resultado da diminuição do tempo de vida e da beleza, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido dois mil e quinhentos anos passaram a viver apenas mil. E na geração que viveu por mil anos, o entendimento incorreto se disseminou ... e como conseqüência, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido mil anos passaram a viver apenas quinhentos. E na geração que viveu por quinhentos anos, três coisas se disseminaram: o incesto, o desejo excessivo e as práticas depravadas ... e como conseqüência, os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido quinhentos anos passaram a viver, alguns, apenas duzentos e cinquenta e outros, apenas duzentos. E na geração que viveu por duzentos e cinquenta anos, três coisas se disseminaram: falta de respeito pela mãe e pelo pai, por contemplativos e *Brâmanes*, e pelo cabeça do clã.

18. “Assim, por não haver generosidade para com os necessitados ... a falta de respeito pela mãe e pelo pai, por contemplativos e *Brâmanes*, e pelo cabeça do clã se disseminou, e como conseqüência, o tempo de vida das pessoas diminuiu, a sua beleza diminuiu, e os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido duzentos e cinquenta anos passaram a viver apenas cem.

19. “*Bhikkhus*, virá um tempo em que os filhos dessas pessoas terão um tempo de vida de dez anos. E com isso, as meninas estarão prontas para casar com cinco anos de idade. E assim, estes sabores desaparecerão: manteiga líquida, manteiga, óleo de sésamo, melação e sal. Para essas pessoas o grão de *kudriisa* será o alimento principal, da mesma forma como o arroz e o caril (curry) são hoje. E com elas, os dez tipos de conduta virtuosa irão desaparecer por completo e os dez tipos de conduta não virtuosa irão prevalecer: para aqueles que possuírem um tempo de vida de dez anos não haverá uma palavra para “virtude” então, como poderá haver alguém que pratique ações virtuosas? Aquelas pessoas que não tenham respeito pela mãe e pelo pai, por contemplativos e *Brâmanes*, e pelo cabeça do clã, serão aquelas que desfrutarão de honra e prestígio. Tal como é agora com as pessoas que demonstram respeito pela mãe e pelo pai, por contemplativos e *Brâmanes*, e pelo cabeça do clã, que são elogiadas e honradas, assim será com aqueles que fizerem o oposto.

20. “Entre aqueles com um tempo de vida de dez anos ninguém irá se dar conta de mãe ou tia, da cunhada da mãe, ou da esposa do mestre, ou da esposa do pai de alguém, e assim por diante – haverá completa promiscuidade no mundo igual a bodes e cabras, porcos e porcas, cães e chacais. Entre eles, haverá forte inimizade, ódio violento, raiva violenta e pensamentos de matar, mãe contra filho e filho contra mãe, pai contra filho e filho contra pai, irmão contra irmão, irmão contra irmã, da mesma forma como o caçador sente ódio pelo animal que ele está caçando.

21. “E para aqueles com um tempo de vida de dez anos, haverá um tempo de ‘intervalo das espadas’ de sete dias, durante o qual eles verão um ao outro como animais selvagens. Espadas afiadas irão surgir nas mãos deles e o pensamento: ‘Ali está um animal selvagem!’ eles irão matar uns aos outros com aquelas espadas. Mas haverá alguns que irão pensar: ‘Não matem mais ou que não haja mais mortes! Vamos para florestas remotas, rios difíceis de atravessar, ou montanhas inacessíveis, e vivamos das raízes e frutas da floresta.’ E isso eles fazem por sete dias. Então, ao final dos sete dias, eles emergem dos seus esconderijos e se regozijam em comunhão dizendo: ‘Seres bons, vejo que vocês estão vivos!’ E então o seguinte pensamento irá ocorrer nesses seres: ‘Foi só por termos nos habituado aos modos ruins e prejudiciais que sofremos a perda dos nossos semelhantes, façamos o bem! Que coisas boas poderemos fazer? Vamos abster-nos de tirar a vida – essa será uma boa prática.’ E assim eles se abstêm de tirar a vida e, tendo adotado essa ação benéfica, eles a praticarão. E por ter realizado essas coisas benéficas, o seu tempo de vida se incrementa e a beleza se incrementa. E os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido dez anos passaram a viver vinte anos.

22. “Então irá ocorrer a esses seres: ‘É pela adoção de práticas benéficas que incrementamos nosso tempo de vida e a beleza, portanto, dediquemo-nos ainda mais a práticas benéficas. Vamos nos abster de tomar aquilo que não nos for dado, da conduta sexual imprópria, da linguagem mentirosa, da linguagem maliciosa, da linguagem grosseira, da linguagem frívola, da cobiça, da má vontade, do entendimento incorreto; vamos nos abster de três coisas: incesto, desejo excessivo e práticas depravadas; vamos ter respeito pela mãe e pelo pai, por contemplativos e *Brâmanes* e pelo cabeça do clã e vamos perseverar nessas ações benéficas.’

“E assim eles farão essas coisas e como conseqüência disso o seu tempo de vida e a beleza se incrementarão. Os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido vinte anos passaram a viver até quarenta, os filhos deles passaram a viver até oitenta, os filhos deles passaram a viver até cento e sessenta, os filhos deles passaram a viver até trezentos e vinte, os filhos deles passaram a viver até seiscentos e quarenta; os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido de seiscentos e quarenta anos passaram a viver até dois mil anos, os seus filhos passaram a viver até quatro mil anos, os filhos deles passaram a viver até oito mil anos e os seus filhos passaram a viver até vinte mil anos. Os filhos daqueles cujo tempo de vida havia sido de vinte mil anos passaram a viver até quarenta mil anos e os filhos deles passaram a viver até oitenta mil anos.

23. “Entre aquelas pessoas com um tempo de vida de oitenta mil anos, as meninas estarão prontas para casar com quinhentos anos de idade. E essas pessoas conhecerão apenas três tipos de enfermidades: desejo, jejum e envelhecimento. E na época dessas pessoas, este continente de Jambudipa será poderoso e próspero; vilarejos, vilas e cidades estarão muito próximas uma das outras. Jambudipa, tal como Avici estará tão cheio de gente quanto uma mata está cheia de capim e arbustos. Nessa época, a Benares de hoje será uma cidade real denominada

Ketumati, rica, próspera e populosa, repleta de gente e bem suprida. Em Jambudipa haverá oitenta e quatro mil cidades lideradas por Ketumati como a capital real.

24. “E na época das pessoas com um tempo de vida de oitenta mil anos, irá surgir na capital Ketumati um rei chamado Sankha, um monarca que irá girar a roda, um monarca justo de acordo com o Dhamma, conquistador dos quatro pontos cardeais... (igual ao verso 2).

25. “E na época das pessoas com um tempo de vida de oitenta mil anos, irá surgir no mundo um Abençoado chamado Metteyya, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele irá declarar - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e povo. Ele irá ensinar o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele irá revelar uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. Ele será acompanhado por milhares de *bhikkhus* tal como eu sou acompanhado por centenas.

26. “Então o Rei Sankha irá reconstruir o palácio que uma vez foi construído para o Rei Maha-Panada e tendo ali vivido, ele irá renunciá-lo e presenteá-lo para os contemplativos e *Brâmanes*, os mendigos, os transeuntes, os destituídos. Então, raspando o cabelo e a barba, ele irá vestir os mantos de cor ocre e deixar a vida em família pela vida santa sob a orientação do supremo Metteyya. Permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, ele alcançará e permanecerá no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora.

27. “*Bhikkhus*, sejam ilhas para vocês mesmos, refúgios para vocês mesmos, buscando nenhum refúgio externo; com o Dhamma como a sua ilha, o Dhamma como o seu refúgio, buscando nenhum outro refúgio. E como, um *bhikkhu* é uma ilha para ele mesmo ... ? Quando ele permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo; quando ele permanece contemplando as sensações como sensações, ... quando ele permanece contemplando a mente como mente, ... quando ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

28. “Mantenham-se no seu próprio domínio *bhikkhus*, no seu território ancestral. Se vocês assim o fizerem, o seu tempo de vida irá se incrementar, a sua beleza irá se incrementar, a sua felicidade irá se incrementar, a sua riqueza irá se incrementar, seu poder irá se incrementar.

“E qual é o tempo de vida para um *bhikkhu*? Neste caso, um *bhikkhu* desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido ao desejo e às formações volitivas do esforço. Ele desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido à energia e às formações volitivas do esforço. Ele desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido à mente e às formações volitivas do esforço. Ele desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido à investigação e às formações volitivas do esforço. Ao praticar com freqüência essas quatro bases do poder espiritual, ele poderá se quiser, viver por todo um século, ou a parte que faltar para um século. Isso é o que chamo de tempo de vida para um *bhikkhu*.

“E o que é a beleza para um *bhikkhu*? Neste caso, um *bhikkhu* pratica a conduta correta, ele vive contido pelas regras do *Patimokkha*, perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha ele treina adotando os preceitos de virtude. Essa é a beleza para um *bhikkhu*.

“E o que é a felicidade para um *bhikkhu*? Neste caso um *bhikkhu*, afastado dos prazeres sensuais entra no primeiro *jhana*, segundo, terceiro, quarto *jhana*. Essa é a felicidade para um *bhikkhu*.

“E o que é riqueza para um *bhikkhu*? Neste caso um *bhikkhu*, permanece com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Depois, com a mente imbuída de compaixão, ... com a mente imbuída de alegria altruísta, ... com a mente imbuída de equanimidade, ... ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Essa é a riqueza de um *bhikkhu*.

“E o que é o poder para um *bhikkhu*? Neste caso, um *bhikkhu*, com a eliminação das impurezas, permanece num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora. Esse é o poder para um *bhikkhu*.

“*Bhikkhus*, eu não considero que exista um outro poder tão difícil de ser conquistado quanto o poder de *Mara*. É apenas acumulando estados benéficos que o mérito se incrementa.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 27 *Agañña Sutta* O Conhecimento da Gênese

Um relato da evolução do mundo

1. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi, no palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente. [cxiv](#) Naquela ocasião Vasettha e Bharadvaja estavam vivendo com os *bhikkhus* na expectativa de se tornarem *bhikkhus*. Ao anoitecer o Abençoado saiu do seu retiro e estava caminhando para cá e para lá ao ar livre.

2. Vasettha notou aquilo e disse para Bharadvaja: ‘Amigo Bharadvaja, o Abençoado saiu e está caminhando para cá e para lá. Vamos até ele. Podemos ter a boa fortuna de ouvir um discurso do Dhamma do próprio Abençoado.’ - ‘Sim, de fato,’ disse Bharadvaja, e assim eles foram até o Abençoado, o cumprimentaram e passaram a caminhar junto com ele.

3. Então o Abençoado disse para Vasettha: ‘Vasettha, vocês dois nasceram e foram educados como *Brâmanes* e vocês deixaram a vida em família dos *Brâmanes* pela vida santa. Os *Brâmanes* não os insultam e ofendem?’

‘De fato, Senhor, os *Brâmanes* nos insultam e ofendem. Eles não reprimem o usual desbordo de censuras.’

‘Bem, Vasettha, que tipo de censuras eles lançam?’

‘Senhor, o que os *Brâmanes* dizem é o seguinte: “A casta dos *Brâmanes* é a casta superior, outras castas são inferiores; a casta dos *Brâmanes* tem a tez clara, as outras castas têm a tez escura; os *Brâmanes* são purificados, os não *Brâmanes* não são, os *Brâmanes* são os verdadeiros filhos de *Brahma*, nascidos da boca dele, nascidos de *Brahma*, criados por *Brahma*, herdeiros de *Brahma*. E você, você desertou da classe mais elevada e foi para a classe inferior de contemplativos carecas insignificantes, serviçais, com a tez escura, nascidos dos pés de *Brahma*! Não é correto, não é apropriado que você se misture com esse tipo de gente!” Assim é como os *Brâmanes* nos censuram, Senhor.’

4. ‘Então, Vasettha, ao dizer isso os *Brâmanes* se esquecem da tradição ancestral deles. Porque podemos ver as mulheres *Brâmanes*, as esposas dos *Brâmanes*, que menstruam e engravidam, têm bebês e os amamentam. E no entanto esses *Brâmanes* nascidos de um útero dizem terem nascido da boca de *Brahma* ... Esses *Brâmanes* deturpam *Brahma*, dizem mentiras e obtêm muito demérito.

5. ‘Existem, Vasettha, estas quatro castas: os *Khattiyas*, os *Brâmanes*, os comerciantes e os artesãos. E algumas vezes um *Khattiya* tira uma vida, toma algo que não foi dado, comete um ato sexual ilícito, diz mentiras, se entrega à linguagem maliciosa, linguagem grosseira ou frívola, é cobiçoso, possui má vontade ou tem entendimento incorreto. Assim, como tais coisas não são virtuosas e assim são

consideradas, passíveis de crítica e assim são consideradas, a serem evitadas e assim são consideradas, não apropriadas para um nobre e assim são consideradas, escuras com um resultado sombrio e criticadas pelos sábios, elas são algumas vezes encontradas entre os *Khattiyas*, e o mesmo se aplica aos *Brâmanes*, comerciantes e artesãos.

6. 'Algumas vezes também um *Khattiya* evita tirar uma vida ... não é cobiçoso, não possui má vontade ou não tem entendimento incorreto. Assim, como tais coisas são virtuosas e assim são consideradas, não são passíveis de crítica e assim são consideradas, a serem seguidas e assim são consideradas, apropriadas para um nobre e assim são consideradas, claras com um resultado luminoso e não criticadas pelos sábios, elas são algumas vezes encontradas entre os *Khattiyas*, e o mesmo se aplica aos *Brâmanes*, comerciantes e artesãos.

7. 'Agora, como ambas as qualidades, escuras e claras, que são criticadas e não criticadas pelos sábios, estão espalhadas indiscriminadamente entre as quatro castas, um sábio não reconhece a reivindicação de que a casta dos *Brâmanes* seja a superior. Por que isso? Porque, Vasettha, qualquer um, dentre as quatro castas, que se torne um *bhikkhu*, um *arahant* com as impurezas destruídas, que viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o verdadeiro objetivo, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo – é proclamado como superior em virtude do Dhamma e não do não-Dhamma.

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

8. 'Esta ilustração irá aclarar como o Dhamma é a melhor coisa neste mundo e no próximo. O Rei Pasenadi de Kosala sabe que: "O contemplativo Gotama do vizinho clã dos *Sakyas* seguiu a vida santa." Agora os *Sakyas* são vassalos do Rei de Kosala. Eles lhe oferecem os seus serviços com humildade e o saúdam, eles se levantam e homenageiam-no, servindo-o da forma apropriada. E, da mesma forma como os *Sakyas* oferecem os seus serviços com humildade ... assim também o Rei oferece o seu serviço com humildade para o *Tathagata*, pensando, "Se o contemplativo Gotama é bem nascido, eu sou mal nascido; se o contemplativo Gotama é forte, eu sou fraco; se o contemplativo Gotama tem a aparência agradável, eu sou desagradável; se o contemplativo Gotama é influente, eu tenho pouca influência." Agora, é por honrar o Dhamma, considerar muito o Dhamma, estimar o Dhamma, homenagear o Dhamma com reverência que o Rei Pasenadi oferece os seus serviços com humildade ao *Tathagata*, servindo-o da forma apropriada:

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

9. 'Vasettha, todos vocês, embora com nascimentos, nomes, clãs e famílias distintas, que deixaram a vida em família para seguir a vida santa, se perguntados quem são,

deveriam responder: “Nós somos contemplativos, discípulos do *Sakya*.” Aquele cuja confiança no *Tathagata* está assentada, enraizada, estabelecida, sólida, que é inabalável por nenhum contemplativo ou *Brâmane*, ou *deva*, ou *Mara*, ou *Brahma*, ou qualquer um no mundo, pode verdadeiramente afirmar: “Eu sou um verdadeiro filho do Abençoado, nascido da boca dele, nascido do Dhamma, criado pelo Dhamma, um herdeiro do Dhamma.” Por que isso? Porque, Vasettha, isso designa o *Tathagata*: “O Corpo do Dhamma”, isto é, “O Corpo de *Brahma*,” ou “Tornar-se Dhamma”, isto é, “Tornar-se *Brahma*.”

10. ‘Haverá um tempo, Vasettha, quando, cedo ou tarde, após um longo período, este mundo irá se contrair. Numa época de contração, os seres nascem principalmente no mundo de *Abhassara*. E lá eles permanecem, feitos de mentalidade, alimentados pelo êxtase, luminosos, movendo-se através do espaço, gloriosos – e assim eles permanecem por um longo tempo. Mas cedo ou tarde, depois de um longo período, o mundo começa novamente a se expandir. Numa época de expansão, os seres do mundo de *Abhassara*, tendo lá falecido, renascem principalmente neste mundo. Aqui eles permanecem, feitos de mentalidade, alimentados pelo êxtase, luminosos, movendo-se através do espaço, gloriosos – e assim eles permanecem por um longo tempo.

11. ‘Neste período, Vasettha, há apenas uma massa d’água e uma escuridão completa, uma escuridão cega. Nem o sol, nem a lua aparecem, nenhuma constelação aparece, a noite e o dia não se distinguem, nem meses e nem quinzenas, nem anos ou estações do ano, e nem macho, nem fêmea, os seres são considerados apenas como seres. E cedo ou tarde, após um longo tempo, um terra saborosa se espalha sobre as águas onde aqueles seres estavam. Parecida com a pele que se forma sobre o leite quente quando este esfria. Com cor, aroma e sabor. Da cor da manteiga e muito doce, igual ao mel selvagem puro.

12. Então algum ser possuído de caráter cobiçoso diz: “Eu pergunto, o que poderá ser isso?” e ele prova a terra saborosa com o seu dedo. Ao fazer isso, ele é tomado pelo sabor, e o desejo surge nele. Então outros seres, tomando o exemplo deste ser, também provam dela com os seus dedos. Eles também são tomados pelo sabor, e o desejo surge neles. Assim eles agarram aquela matéria com as mãos, partindo-a em pedaços para poder comê-la. E o resultado foi que a luminosidade que eles possuíam desaparece. E como resultado do desaparecimento da luminosidade deles, surgiram a lua e o sol, distinguiram-se a noite e o dia, surgiram meses e quinzenas e o ano com as suas estações. Até esse ponto o mundo voltou a se expandir.

13. ‘E aqueles seres continuaram por um bom tempo se banquetear com aquela terra saborosa, alimentando-se dela, sendo nutridos por ela. E enquanto faziam isso, os seus corpos se tornaram mais grosseiros, e uma diferença na aparência se desenvolveu entre eles. Alguns seres ficaram com boa aparência, outros feios. E aqueles com boa aparência desprezavam os outros dizendo: “Nós temos melhor aparência que eles.” E porque eles se tornaram arrogantes e presunçosos devido à sua aparência, a terra saborosa desapareceu. Com isso eles se reuniram e

lamentaram, exclamando: “Ah! Aquele sabor! Ah! Aquele sabor!” E assim quando hoje em dia as pessoas dizem : “Ah! Aquele sabor!” quando obtêm algo agradável, elas estão repetindo um dito antigo sem se dar conta disso.

14. ‘E então, quando a terra saborosa havia desaparecido, um fungo surgiu, sob a forma de um cogumelo. Com cor, aroma e sabor agradáveis. Da cor da manteiga e muito doce, igual ao mel selvagem puro. E aqueles seres passaram a se alimentar do fungo. E isso continuou por um bom tempo. E ao continuar se alimentando do fungo os seus corpos ficaram ainda mais grosseiros e as diferenças nas aparências se tornaram ainda mais marcadas. E aqueles com boa aparência desprezavam os outros ... E porque eles se tornaram arrogantes e presunçosos devido à sua aparência, o fungo doce desapareceu. Em seguida surgiram trepadeiras, crescendo como o bambu ... e elas também eram muito doces, igual ao mel selvagem puro.

15. ‘E aqueles seres passaram a se alimentar daquelas trepadeiras. E ao fazer isso, os seus corpos ficaram ainda mais grosseiros e a diferença nas aparências se tornaram ainda mais marcadas ... E eles se tornaram ainda mais arrogantes e assim as trepadeiras também desapareceram. Devido a isso eles se reuniram e lamentaram, exclamando: “Ai de nós, as nossas trepadeiras se foram! O que perdemos!” E assim quando hoje em dia as pessoas ao serem perguntadas porque estão preocupadas, respondem “Ah! O que perdemos!” elas estão repetindo um dito antigo sem se dar conta disso.

16. ‘E depois que as trepadeiras haviam desaparecido, o arroz surgiu no campo aberto, livre de pó e das cascas, perfumado e limpo. E aquilo que eles colhiam para a janta amadurecia novamente na manhã seguinte e aquilo que eles colhiam para o café da manhã amadurecia novamente à noite, sem qualquer indício de cultivo. Todos aqueles seres passaram a se alimentar daquele arroz e isso continuou por um bom tempo. E ao fazer isso, os seus corpos ficaram ainda mais grosseiros e a diferença nas aparências se tornaram ainda mais marcadas. E as fêmeas desenvolveram os órgãos sexuais femininos e os machos desenvolveram órgãos sexuais masculinos. E as mulheres se tornaram excessivamente preocupadas com os homens e os homens com as mulheres. Devido a essa preocupação excessiva mútua, a paixão foi desperta e os seus corpos arderam com o desejo. E mais tarde, devido a essa queimação, eles se entregaram à atividade sexual. Mas aqueles que os viam lhes arremessavam terra, cinzas e estrume de vaca, exclamando: “Morra, animal imundo! Como pode um ser fazer esse tipo de coisa ao outro!” Como hoje, em alguns distritos, quando uma nora é expulsa, algumas pessoas lhe arremessam terra, algumas cinzas e algumas estrume de vaca, sem se dar conta que estão repetindo um costume antigo. Aquilo que era considerado comportamento ruim naqueles dias, hoje é considerado bom comportamento.

17. ‘E aqueles seres que naqueles tempos se entregavam ao sexo não tinham permissão para entrar no vilarejo ou cidade por um ou dois meses. Por conseguinte, aqueles que se entregavam a esse tipo de prática imoral por longos períodos começaram a construir habitações para se gratificarem sob um abrigo.

‘Agora, ocorreu a um daqueles seres que tinha a propensão pela preguiça: “Bem, porque devo me preocupar em colher o arroz ao anoitecer para o jantar e pela manhã para o café da manhã? Porque não colho tudo de uma vez para ambas as refeições?” E assim ele fez. Então um outro se aproximou dele dizendo: “Venha, vamos colher arroz.” - “Não é necessário, meu amigo, eu já colhi arroz suficiente para ambas as refeições.” Então o outro seguindo o exemplo do primeiro, colheu de cada vez arroz suficiente para dois dias, dizendo: “Isso deve ser o suficiente.” Então um outro veio dizendo para o segundo: “Venha, vamos colher arroz.” - “Não é necessário, meu amigo, eu já colhi arroz suficiente para dois dias” (o mesmo para 4, depois 8 dias). No entanto, quando esses seres passaram a armazenar o arroz e viver disso, o pó e as cascas começaram a envolver o arroz e onde o arroz era colhido ele não mais crescia, e era possível notar onde havia ocorrido a colheita, e o arroz passou a crescer em pencas isoladas.

18. ‘E então aqueles seres se reuniram lamentando: “Entre nós predominam os hábitos ruins e prejudiciais: inicialmente nós éramos feitos de mentalidade, alimentados pelo êxtase ... (todos os eventos repetidos até o último, sendo cada nova mudança atribuída aos ‘hábitos ruins e prejudiciais’) ... e o arroz passou a crescer em pencas isoladas. Então, agora vamos dividir o arroz em áreas delimitadas.” E assim eles fizeram.

19. ‘Então, Vasettha, um ser com a natureza cobiçosa, enquanto tomava conta do seu pedaço de terra, tomou um outro lote que não lhe havia sido dado e desfrutou dos frutos desse lote. Devido a isso ele foi agarrado e lhe disseram: “Você fez uma coisa maldosa, apoderando-se de um lote de uma outra pessoa! Jamais faça isso outra vez!” - “Eu não farei,” ele respondeu, mas ele fez a mesma coisa uma segunda e uma terceira vez. E novamente ele foi agarrado e criticado e alguns o golpearam com os punhos, alguns com pedras e outros com paus. E dessa forma, Vasettha, o tomar aquilo que não foi dado, censura, mentira e punição, tiveram a sua origem.

20. ‘Então aqueles seres se reuniram e lamentaram o surgimento daquelas coisas ruins entre eles: tomar aquilo que não foi dado, censura, mentira e punição. E eles pensaram: “E se nós nomeássemos alguém que mostrasse raiva quando a raiva fosse devida, censurasse aqueles que deveriam ser censurados e banisse aqueles que merecessem ser banidos! E como recompensa nós lhe déssemos uma parcela do arroz.” Assim eles se aproximaram daquele que entre eles possuía os mais finos atributos, o mais admirável, mais agradável e capaz, pedindo que fizesse aquilo por eles em retribuição por uma parcela de arroz, e ele aceitou.

21. “A escolha do Povo” é o significado de *Maha-Sammata*, que foi o primeiro título introduzido. “Senhor dos Campos” é o significado de *Khattiya*, o segundo título. E “Ele satisfaz a todos com o Dhamma” é o significado de Raja, o terceiro título a ser introduzido. Esta, então, Vasettha é a origem da classe dos *Khattiyas*, de acordo com os títulos ancestrais que lhes foram conferidos. Eles se originaram dentre estes

mesmos seres, tal como nós, sem diferenças e de acordo com o Dhamma, não de outra forma.

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

22. 'Então alguns daqueles seres pensaram: "Coisas ruins surgiram entre os seres, tal como tomar aquilo que não foi dado, censura, mentira, punição e banimento. Devemos colocar de lado essas coisas ruins e prejudiciais." E assim eles fizeram. "Eles colocaram de lado as coisas ruins e prejudiciais" que é o significado de *Brâmane* e que foi o primeiro título introduzido para essas pessoas. Eles construíram cabanas de palha nas florestas e nelas meditavam. Com o fogo extinto e o pilão colocado de lado, esmolando alimentos para a refeição da noite e da manhã, eles se dirigiam aos vilarejos e cidades, depois retornando para as suas cabanas de palha para meditar. As pessoas viam isso e notavam como eles meditavam. "Eles Meditam" é o significado de *Jhayaka*, que foi o segundo título introduzido.

23. 'No entanto, como alguns daqueles seres não eram capazes de meditar em cabanas de palha, eles se estabeleceram próximo dos vilarejos e cidades e compilavam livros. As pessoas os viam fazendo isso e não meditando. "Agora, esses não Meditam" é o significado de *Ajjhayaka*, que foi o terceiro título introduzido. Naquela época, esta era considerada como uma designação inferior mas agora é a mais elevada. Esta, então, *Vasettha*, é a origem da classe dos *Brâmanes* de acordo com os títulos ancestrais que lhes foram conferidos. Eles se originaram dentre estes mesmos seres, tal como nós, sem diferenças e de acordo com o Dhamma, não de outra forma.

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

24. 'E então, *Vasettha*, alguns dos seres, tendo se dividido em pares, adotaram várias profissões e esse "Vários" é o significado de *Vessa*, que passou a ser o título dessas pessoas. Esta, então, é a origem da classe dos *Vessas* de acordo com os títulos ancestrais que lhes foram conferidos. Eles se originaram dentre estes mesmos seres...

25. 'E então, *Vasettha*, aqueles seres que restaram se dedicaram à caça. "Aqueles que vivem da caça são a base" e esse é o significado de *Sudda*, que passou a ser o título dessas pessoas. Esta, então é a origem da classe dos *Suddas* de acordo com os títulos ancestrais que lhes foram conferidos. Eles se originaram dentre estes mesmos seres...

26. 'E então, *Vasettha*, ocorreu que um dos *Khattiya*, insatisfeito com o seu próprio Dhamma, deixou a vida em família pela vida santa, pensando: "Eu me tornarei um contemplativo." E um *Brâmane* fez o mesmo e um *Vessa* fez o mesmo e assim também um *Sudda*. E assim surgiram quatro classes de contemplativos. Eles se

originaram dentre aqueles mesmos seres, tal como eles, sem diferenças e de acordo com o Dhamma, não de outra forma.

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

27. 'E, Vasettha, um *Khattiya* que tiver conduzido a vida de modo inábil com o corpo, linguagem e mente e que possua entendimento incorreto, irá, como conseqüência desse entendimento incorreto e das suas ações, na dissolução do corpo depois da morte, renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. O mesmo ocorrerá para um *Brâmane*, um *Vessa* ou um *Sudda*.

28. 'Da mesma forma, um *Khattiya* que tiver conduzido a vida de modo hábil com o corpo, linguagem e mente e que possua entendimento correto, irá, como conseqüência desse entendimento correto e das suas ações, na dissolução do corpo depois da morte, renascer num destino feliz, no paraíso. O mesmo ocorrerá para um *Brâmane*, um *Vessa* ou um *Sudda*.

29. 'E um *Khattiya* que tiver realizado ações de ambos os tipos com o corpo, linguagem e mente e cujo entendimento seja mesclado, irá, como conseqüência desse entendimento mesclado e das suas ações, na dissolução do corpo depois da morte, experimentar ambos, prazer e dor. O mesmo experimentará um *Brâmane*, um *Vessa* ou um *Sudda*.

30. 'E um *Khattiya* que tiver autocontrole do corpo, linguagem e mente e que tenha desenvolvido os sete fatores da iluminação, irá realizar o *parinibbana* nesta mesma vida. O mesmo ocorrerá para um *Brâmane*, um *Vessa* ou um *Sudda*.

31. 'E, Vasettha, qualquer um, dentre as quatro castas, que como *bhikkhu* se torne um *arahant* com as impurezas destruídas, que viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o verdadeiro objetivo, destruiu os grilhões da existência e está completamente liberto através do conhecimento supremo, será proclamado como superior entre todos os demais de acordo com o Dhamma, não de outra forma.

O Dhamma é a melhor coisa para as pessoas  
nesta vida bem como na próxima.

32. 'Vasettha, foi o *Brahma* Sanankumara quem disse estes versos:

“Os *Khattiya* são os melhores dentre as pessoas  
para aqueles cujo padrão é o clã,  
mas aquele com a conduta e o conhecimento consumados  
é o melhor dentre *devas* e humanos.”

Esse verso foi declamado da forma correta, não incorreta; dito com correção, não incorreção; conectado com o que é benéfico, não desconectado. Eu também digo, Vasettha:

“Os *Khattiya* são os melhores dentre as pessoas para aqueles cujo padrão é o clã, mas aquele com a conduta e o conhecimento consumados é o melhor dentre *devas* e humanos.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Vasettha and Bharadvaja ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

## 28 *Sampasadaniya Sutta*

### Serena Convicção

Sariputta explica as razões porque tem completa convicção no Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Nalanda, no manguezal de Pavarika. Então, o Venerável Sariputta foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.”

“Sublime de fato é essa sua afirmação bramada, Sariputta, você rugiu o definitivo e categórico rugido do leão: ‘Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.’ Você agora, Sariputta, compreendeu com a sua mente as mentes de todos os *arahants*, os Perfeitamente Iluminados, que surgiram no passado e assim compreendeu: ‘Esses Abençoados tinham tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação?’”

“Não, Venerável senhor.”

“Então, Sariputta, você compreendeu com a sua mente as mentes de todos os *arahants*, os Perfeitamente Iluminados, que surgirão no futuro e assim compreendeu: ‘Esses Abençoados terão tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação?’”

“Não, Venerável senhor.”

“Então, Sariputta, você compreendeu com a sua mente a minha própria mente – eu sendo no momento o *arahant*, o Perfeitamente Iluminado - e assim compreendeu: ‘O

Abençoado tem tal virtude ou tais qualidades, ou tal sabedoria, ou tal permanência, ou tal libertação’?”

“Não, Venerável senhor.”

“Sariputta, se você não tem o conhecimento compreendendo as mentes dos *arahants*, os Perfeitamente Iluminados do passado, do futuro e do presente, porque você faz essa sublime afirmação bramada e ruge o definitivo e categórico rugido do leão: ‘Venerável senhor, eu tenho tamanha confiança no Abençoado que acredito que não existe ou nunca existirá no presente um outro contemplativo ou *Brâmane* com mais conhecimento do que o Abençoado com respeito à iluminação.’?”

2. “Eu não tenho, Venerável senhor, o conhecimento compreendendo as mentes dos *arahants*, os Perfeitamente Iluminados do passado, do futuro e do presente, mas ainda assim compreendi isso através da inferência do Dhamma. Suponha, Venerável senhor, que um rei tivesse uma cidade fronteiriça com sólidas muralhas, proteções e abóbadas e com um único portão. O guardião ali postado seria sábio, competente e inteligente; alguém que não permite a entrada de desconhecidos e admite a entrada dos conhecidos. Enquanto ele patrulha, seguindo o caminho que circunda a cidade, ele não vê uma fissura ou abertura nas muralhas, grande o suficiente mesmo para permitir que um gato passe. Ele poderia pensar: ‘Quaisquer criaturas com bom tamanho que entrem ou saiam desta cidade, todas entram e saem através deste portão.’

Do mesmo modo, Venerável senhor, eu compreendi isso através da inferência do Dhamma: Todos os *arahants*, Perfeitamente Iluminados, que surgiram no passado, todos esses Abençoados primeiro abandonaram os cinco obstáculos, corrupções da mente, enfraquecedores da sabedoria; e depois, com as suas mentes bem estabelecidas nos quatro fundamentos da atenção plena, eles desenvolveram corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma eles despertaram para a insuperável perfeita iluminação. E, Venerável senhor, todos os *arahants*, Perfeitamente Iluminados, que irão surgir no futuro, todos esses Abençoados primeiro irão abandonar os cinco obstáculos, corrupções da mente e enfraquecedores da sabedoria; e depois, com as suas mentes bem estabelecidas nos quatro fundamentos da atenção plena, eles irão desenvolver corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma eles irão despertar para a insuperável perfeita iluminação. E, Venerável senhor, o Abençoado, que é no presente o *arahant*, o Perfeitamente Iluminado, primeiro abandonou os cinco obstáculos, corrupções da mente, enfraquecedores da sabedoria; e depois, com a sua mente bem estabelecida nos quatro fundamentos da atenção plena, desenvolveu corretamente os sete fatores da iluminação; e dessa forma despertou para a insuperável perfeita iluminação.”

“Então, em certa ocasião fui até o Abençoado para ouvir o Dhamma. E o Abençoado me ensinou o Dhamma de forma excelente e perfeita, contrastando o escuro com o claro. Ao fazer isso, eu realizei o insight daquele Dhamma e entre várias coisas eu

estabeleci uma em particular, que foi a serena convicção no Mestre, que o Abençoado é um Buda perfeitamente iluminado, que o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado e que a Sangha dos *bhikkhus* pratica o bom caminho.

3. “Também, Venerável senhor, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação aos fatores hábeis, isto é: os quatro fundamentos da atenção plena, os quatro esforços corretos, as quatro bases para o poder, as cinco faculdades, os cinco poderes, os sete fatores da iluminação, o nobre caminho óctuplo. Através destes um *bhikkhu*, com a eliminação das impurezas mentais, pode permanecer num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora. Esse é o ensinamento insuperável com relação aos fatores hábeis. Isso o Abençoado compreende completamente e além disso não há nada mais para ser compreendido; e com relação à compreensão desses fatores hábeis, não há nenhum outro contemplativo ou *Brâmane* mais eminente ou iluminado que o Abençoado.

4- “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à elucidação das bases dos sentidos: há as seis bases dos sentidos internas e externas: olho e formas, ouvido e sons, nariz e aromas, língua e sabores, corpo e tangíveis, mente e objetos mentais. Esse é o ensinamento insuperável com relação à elucidação das bases dos sentidos ...

5. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação às formas de renascimento, de quatro modos: alguém se estabelece no ventre materno sem saber, permanece sem saber e sai sem saber. Esse é o primeiro modo. Ou, alguém se estabelece no ventre materno com saber, permanece sem saber e sai sem saber. Esse é o segundo modo. Ou, alguém se estabelece no ventre materno com saber, permanece com saber e sai sem saber. Esse é o terceiro modo. Ou, alguém se estabelece no ventre materno com saber, permanece com saber e sai com saber. Esse é o quarto modo. Esse é o ensinamento insuperável com relação às formas de renascimento, de quatro modos ...

6. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à telepatia, de quatro modos. Através de um sinal visível ele diz: ‘Isso é o que você está pensando, assim é a sua mente, o seu pensamento é assim.’ E o tanto que ele declarar, assim é, não de outra forma. Esse é o primeiro modo. Ou, ele não diz através de um sinal visível mas ouvindo um som feito por humanos, não humanos, ou *devas* ... Esse é o segundo modo. Ou ele diz não através de um som, mas aplicando a mente e se ocupando com algo transmitido pelo som ... Esse é o terceiro modo. Ou ele diz, não com base em algum desses modos, mas ao alcançar um estado de concentração mental sem o pensamento aplicado e sustentado, adivinhando os pensamentos na mente ele diz: ‘À medida que a força mental de fulano for dirigida para algo, os seus pensamentos se voltarão para isso.’ E o tanto que ele declarar, assim é, não de outra forma. Esse é o quarto modo. Esse é o ensinamento insuperável com relação à telepatia, de quatro modos ...

7. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à realização da visão, de quatro modos. Aqui, um contemplativo ou *Brâmane* através do ardor, esforço, devoção, diligência e atenção correta, alcança tal concentração da mente que ele examina esse mesmo corpo para cima a partir da sola dos pés, e para baixo a partir do topo da cabeça, limitado pela pele e repleto de muitos tipos de impurezas repelentes, portanto: ‘Neste corpo existem cabelos, pêlos do corpo, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, tutano, rins, coração, fígado, diafragma, baço, pulmões, intestino grosso, intestino delgado, conteúdo do estômago, fezes, bÍlis, fleuma, pus, sangue, suor, gordura, lágrimas, saliva, muco, líquido sinovial, e urina.’ (igual ao [DN 22.10](#)) Essa é a primeira realização da visão. Novamente, tendo feito isso e ainda mais, ele examina os ossos cobertos pela pele, músculos e sangue. Essa é a segunda realização. Novamente, tendo feito isso e ainda mais, ele compreende o contÍnuo da consciÍncia estabelecido neste mundo e no seguinte. Essa é a terceira realização. Novamente, tendo feito isso e ainda mais, ele compreende o contÍnuo da consciÍncia que não é estabelecido neste mundo e tampouco no seguinte. Essa é a quarta realização. Esse é o ensinamento insuperável com relação à realização da visão, de quatro modos.

8. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação aos diferentes tipos de pessoas. Há esses sete tipos: uma pessoa libertada de ambos os modos, libertada através da sabedoria, que toca com o corpo, com entendimento realizado, libertada pela fé, discípulo do Dhamma, discípulo pela fé. Esse é o ensinamento insuperável com relação aos diferentes tipos de pessoas ...

9. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à prática. Há esses sete fatores da iluminação: atenção plena, investigação dos fenômenos, energia, êxtase, tranqÜilidade, concentração, equanimidade. Esse é o ensinamento insuperável com relação à prática...

10. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação aos tipos de prática, que são quatro: prática dolorosa com lento conhecimento direto, prática dolorosa com rápido conhecimento direto, prática prazerosa com lento conhecimento direto, prática prazerosa com rápido conhecimento direto. No caso da prática dolorosa com lento conhecimento direto, o progresso é pobre devido a ambos, a dor e a lentidão. No caso da prática dolorosa com rápido conhecimento direto o progresso é pobre devido à dor. No caso da prática prazerosa com lento conhecimento direto, o progresso é pobre devido à lentidão. No caso da prática prazerosa com rápido conhecimento direto o progresso é excelente devido a ambos, o prazer e a rapidez de compreensão. Esse é o ensinamento insuperável com relação aos tipos de prática ...

11. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à conduta adequada com a linguagem: como alguém deve evitar não somente todo o tipo de linguagem que envolva a mentira, mas também a linguagem que traz discórdia ou caracterizada pelo desdém triunfante, e ele deve empregar

palavras sábias, palavras apreciadas, no momento adequado. Esse é o ensinamento insuperável com relação à conduta adequada com a linguagem ...

12. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à conduta virtuosa apropriada. Alguém deve ser honesto e sincero, sem empregar a fraude, mexericos, insinuações ou humilhações, sem visar a busca constante de mais ganhos, mas com as portas dos sentidos protegidas, moderado, pacificador, que se dedica à atenção plena, diligente, energético, um meditador, com a linguagem adequada, com o comportamento perfeito, decidido e sensível, que não vive em busca de prazeres sensuais, mas atento e prudente. Esse é o ensinamento insuperável com relação à conduta virtuosa apropriada ...

13. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação aos modos como as instruções são recebidas, que são de quatro tipos: O Abençoado sabe, observando através da sua própria atenção com sabedoria: ‘Este aqui, seguindo as instruções, com a completa destruição de três grilhões irá entrar na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, ele tem a iluminação como destino’; ‘aquele ali, seguindo as instruções, com a completa destruição de três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se tornará um daqueles que retorna uma vez, e tendo retornado uma vez mais a este mundo, dará um fim ao sofrimento’; ‘aquele outro, seguindo as instruções, com a completa destruição dos cinco primeiros grilhões, irá renascer espontaneamente nas Moradas Puras e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo’; ‘aquele, seguindo as instruções, com a completa destruição das impurezas, permanecerá num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora.’ Esse é o ensinamento insuperável com relação aos modos como as instruções são recebidas ...

14. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à compreensão da libertação dos outros. O Abençoado sabe, observando através da sua própria atenção com sabedoria: ‘Este aqui, com a completa destruição de três grilhões irá entrar na correnteza ...’ depois, com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se tornará um daqueles que retorna uma vez ...; com a completa destruição dos cinco primeiros grilhões, irá renascer espontaneamente ...; com a completa destruição das impurezas, permanecerá num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria ...’

15. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação à doutrina da eternidade. Há três teorias desse tipo: (1) Aqui, um contemplativo ou *Brâmane*, através do ardor, esforço ... , se recorda das vidas passadas ... até várias centenas de milhares de nascimentos ... (igual ao [DN 1.1.31](#)) Assim, ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. E ele diz: ‘Eu conheço o passado, se o universo estava se expandindo ou contraindo, mas eu não conheço o futuro, se haverá expansão ou contração. O eu e o mundo são eternos, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar.

Esses seres correm em círculos, transitam, falecem e renascem, mas assim permanecem eternamente.’ (2) Novamente, um contemplativo ou *Brâmane* se recorda das existências passadas ... (igual a (1), mas “até vinte ciclos ...”). (3) Novamente, um contemplativo ou *Brâmane* se recorda das existências passadas ... (igual a (1), mas “até dez, vinte, trinta, quarenta ciclos ...”). Esse é o ensinamento insuperável com relação à doutrina da eternidade ...

16. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação às vidas passadas. Aqui, um contemplativo ou *Brâmane* ... se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinqüenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão: ‘Lá eu tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Há *devas* cujo tempo de vida é incalculável, no entanto qualquer existência que eles tenham experimentado antes, quer seja no reino da matéria sutil ou no reino imaterial, quer seja consciente, inconsciente ou nem consciente, nem inconsciente, eles se recordam dos detalhes dessas vidas passadas. Esse é o ensinamento insuperável com relação às vidas passadas ...

17. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação ao conhecimento da morte e renascimento dos seres. Aqui, um contemplativo ou *Brâmane* ... alcança uma tal concentração da mente que por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram no plano de privação, um destino ruim, os planos inferiores, no inferno. Porém estes seres - dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso.’ Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados, e ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações ... Esse é o ensinamento insuperável com relação ao conhecimento da morte e renascimento dos seres ...

18. “Também, insuperável é o modo como o Abençoado ensina o Dhamma com relação aos poderes supra-humanos. Estes são de dois tipos. Há o tipo que está atado às contaminações e ao apego, que é chamado de “não-nobre”, e há o tipo que está livre das contaminações e do apego, que é chamado de “nobre.” O que é o poder supra-humano “não-nobre”? Neste caso um contemplativo ou *Brâmane* exerce os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um, ele se torna vários; tendo sido vários, ele se torna um; ele aparece e desaparece; ele cruza sem nenhum problema uma parede, um cercado, uma montanha ou através do espaço; ele mergulha e sai da terra como se fosse água; ele caminha sobre a água sem afundar como se fosse terra; sentado de pernas cruzadas ele cruza o espaço como se fosse um pássaro; com a sua mão ele toca e acaricia a lua e o sol, tão forte e poderosos; ele exerce poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*. Esse é o poder supra-humano “não nobre”. E qual é o poder supra-humano nobre? Neste caso, se um *bhikkhu* desejar: 'Que eu permaneça percebendo o não-repulsivo no repulsivo,' ele permanece percebendo o não- repulsivo no repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o repulsivo no não- repulsivo,' ele permanece percebendo o repulsivo no não-repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o não-repulsivo no repulsivo e no não-repulsivo,' ele permanece percebendo o não-repulsivo no repulsivo e no não-repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu permaneça percebendo o repulsivo no não-repulsivo e no repulsivo,' ele permanece percebendo o repulsivo no não- repulsivo e no repulsivo. Se ele desejar: 'Que eu, evitando ambos, o repulsivo e o não-repulsivo, permaneça com equanimidade, com atenção plena e plena consciência,' ele permanece equânime, com atenção plena e plena consciência. Esse é o poder supra-humano “nobre”, que está livre das contaminações e do apego. Esse é o ensinamento insuperável com relação aos poderes supra-humanos. Isso o Abençoado compreende completamente e além disso não há nada mais para ser compreendido; e com relação à compreensão desses fatores hábeis, não há nenhum outro contemplativo ou *Brâmane* mais eminente ou iluminado que o Abençoado.

19. “Tudo aquilo, Venerável senhor, que é possível ser alcançado pelo membro de um clã dotado de convicção, através do esforço e determinação, através do esforço humano, empenho humano e resistência humana, isso foi alcançado pelo Abençoado. Pois o Abençoado não se entrega aos prazeres sensuais, que são baixos, vulgares, grosseiros, ignóbeis, para os mundanos e não para os nobres, e que não trazem benefício; nem à mortificação, que é dolorosa, ignóbil e que não traz benefício. O Abençoado é capaz, aqui e agora, de desfrutar a insuperável bem-aventurança dos quatro *jhanas*.

“Venerável senhor, se eu fosse perguntado: ‘Muito bem, amigo Sariputta, houve no passado algum contemplativo ou *Brâmane* mais louvado em relação à iluminação do que o Abençoado?’ Eu devo dizer: ‘Não.’ Se perguntado: ‘Haverá alguém assim no futuro?’ Eu devo dizer: ‘Não.’ Se perguntado: ‘Há alguém assim no presente?’ Eu devo dizer: ‘Não.’ Novamente, se eu fosse perguntado: ‘Houve no passado alguém assim igual em iluminação ao Abençoado?’ Eu devo dizer: ‘Sim.’ Se perguntado: ‘Haverá alguém assim no futuro?’ Eu devo dizer: ‘Sim.’ Mas se eu for perguntado: ‘Há

alguém assim igual em iluminação ao Abençoado no presente?’ Eu devo dizer: ‘Não.’ E se eu então fosse perguntado: ‘Venerável Sariputta, porque você atribui esse reconhecimento mais elevado a um e não ao outro?’ Eu devo dizer: ‘Eu ouvi dos lábios do próprio Abençoado: “Houve no passado e haverá no futuro, Budas Perfeitamente Iluminados iguais a mim com relação à iluminação.” Eu também ouvi dos lábios do próprio Abençoado que não é possível, não pode acontecer que dois Budas Perfeitamente Iluminados, possam surgir ao mesmo tempo em um mundo - não existe essa possibilidade.’

“Venerável senhor, se eu respondesse dessa forma a essas questões, eu estaria falando aquilo que foi dito pelo Abençoado sem deturpá-lo com algo contrário aos fatos? Eu estaria explicando de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da minha declaração?”

“Com certeza, Sariputta, se você respondesse dessa forma você não estaria me deturpando, você estaria explicando de acordo com o Dhamma sem dar margem à censura.”

20. Em vista disso o Venerável Udayi disse para o Abençoado: “É maravilhoso, Venerável senhor, é admirável quão contente o Abençoado está, quão satisfeito e contido quando favorecido com tal poder e influência, ele não se exhibe! Se os errantes de outras seitas fossem capazes de discernir neles mesmos só uma dessas qualidades, eles a proclamariam com um estandarte! É maravilhoso ... ele não se exhibe!”

“Muito bem, então, Udayi, observe: assim é. Se os errantes de outras seitas fossem capazes de discernir neles mesmos só uma dessas qualidades, eles a proclamariam com um estandarte. Mas o *Tathagata* está contente ... ele não se exhibe!”

21. Então, o Abençoado disse para Sariputta: “Sariputta, você deve repetir com freqüência esta explicação do Dhamma para os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, para os discípulos leigos e as discípulas leigas. Assim, algumas pessoas tolas que têm dúvidas ou incertezas em relação ao *Tathagata*, ao ouvirem esta explicação do Dhamma, a dúvida e a incerteza delas em relação ao *Tathagata* serão abandonadas.”

Assim foi como o Venerável Sariputta proclamou a sua convicção no Abençoado. E dessa forma, um dos nomes para esta exposição é “A Serena Convicção.”

## 29 *Pasadika Sutta* O Discurso Encantador

Uma discussão sobre bons e maus mestres

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava entre os *Sakyas*, no prédio da escola, no manguezal pertencente à família Vedhanna. Agora, naquela ocasião o Nigantha Nataputta havia acabado de falecer em Pava. Com a sua morte os Niganthas se dividiram, partiram ao meio; envolvidos em rixas e brigas, mergulhados em discussões, apunhalando uns aos outros usando as palavras como adagas: “Você não compreende este Dhamma e Disciplina. Eu compreendo este Dhamma e Disciplina. Como poderia você compreender este Dhamma e Disciplina? O seu jeito está errado. O meu jeito está certo. Eu sou consistente. Você é inconsistente. O que deveria ter sido dito primeiro, você disse por último. O que deveria ter sido dito por último, você disse primeiro. Aquilo que você pensou com tanto cuidado foi virado de pernas para o ar. A sua doutrina foi refutada, foi provado que você está errado. Vá e aprenda melhor, ou desembarace-se se puder!” Parecia que não havia nada além de um massacre entre os discípulos de Nigantha Nataputta. E os seus discípulos leigos vestidos de branco estavam desgostosos, consternados e desapontados com os discípulos de Nigantha Nataputta. Eles se sentiam do mesmo modo em relação ao Dhamma e Disciplina dele, que havia sido mal proclamado e mal exposto, que não conduzia à emancipação, não conduzia à paz, exposto por alguém que não era perfeitamente iluminado, e agora eles estavam com o santuário quebrado, sem um refúgio.

2. Então, o noviço Cunda, que havia passado o retiro das chuvas em Pava, foi até o Venerável Ananda que estava em Samagama e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e contou o que estava acontecendo. O Venerável Ananda então disse para o noviço Cunda: “Amigo Cunda, essas são notícias que devem ser relatadas ao Abençoado. Venha, vamos até o Abençoado para contar-lhe isso.” - “Sim, Venerável senhor,” o noviço Cunda respondeu.

3. Então, o Venerável Ananda e o noviço Cunda foram juntos até o Abençoado e contaram o que estava acontecendo. Ele disse: “Cunda, esse é o caso de uma doutrina e disciplina que são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranquilização das paixões porque o seu proclamador não era perfeitamente iluminado.

4. “Em sendo esse o caso, Cunda, um discípulo vivendo de acordo com essa doutrina não será capaz de manter uma conduta apropriada, nem segui-la, mas desviar-se dela. Alguém poderá lhe dizer: ‘Amigo, isso é o que você recebeu, essa é a sua oportunidade. O seu mestre não é perfeitamente iluminado, a sua doutrina e disciplina são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranquilização das paixões. Você não será capaz de viver de acordo com essa doutrina mas desviar-se dela.’ Nesse caso, Cunda, o mestre deve ser censurado, a doutrina deve ser censurada, mas o pupilo é elogiável. E se alguém dissesse para aquele pupilo: ‘Venha agora, Venerável senhor, pratique de acordo com a doutrina e disciplina proclamadas e transmitidas pelo seu mestre’ – então, aquele que deu o encorajamento, a coisa encorajada e aquele que seguiu essa prática, irão todos obter muito demérito. Por que? Porque a doutrina e disciplina são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranquilização das paixões.

5. “Mas aqui, Cunda, há um mestre que não é perfeitamente iluminado, a sua doutrina e disciplina são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranqüilização das paixões, e um discípulo vive de acordo com aquela doutrina e disciplina, age de acordo com elas. Alguém poderá lhe dizer: ‘Amigo, isso que você recebeu não é bom, a sua oportunidade é ruim, o seu mestre não é perfeitamente iluminado, a sua doutrina e disciplina são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranqüilização das paixões, no entanto você continua vivendo de acordo com ela.’ Nesse caso, o mestre, a doutrina e o discípulo são todos censuráveis. E se alguém dissesse: ‘Muito bem, Venerável senhor, seguindo essa prática você será bem sucedido,’ aquele que dá o encorajamento, a coisa encorajada e aquele que ao ouvir esse encorajamento, faz um esforço ainda maior, irão todos obter muito demérito. Por que? Porque a doutrina e disciplina são mal proclamadas, expostas de modo não edificante e ineficazes na tranqüilização das paixões.

6. “Mas aqui há um mestre que é perfeitamente iluminado: a sua doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões porque o seu proclamador é perfeitamente iluminado, porém um discípulo não vive de acordo com essa doutrina e disciplina mas desvia-se dela. Nesse caso, alguém poderá lhe dizer: ‘Amigo, você fracassou, você perdeu a sua oportunidade. O seu mestre é perfeitamente iluminado, sua doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões, mas você não a seguiu, você se desviou dela.’ Nesse caso, o mestre e a doutrina são elogiáveis, mas o pupilo é censurável. E se alguém dissesse: ‘Muito bem, Venerável senhor, você deve seguir o ensinamento proclamado pelo seu mestre,’ então, aquele que dá o encorajamento, a coisa encorajada e aquele que praticar dessa forma, irão todos obter muito mérito. Por que? Porque a doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões.

7. “Mas aqui, Cunda, há um mestre que é perfeitamente iluminado: a sua doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões porque o seu proclamador é perfeitamente iluminado, e um discípulo a adotou, segue-a, praticando-a do modo apropriado e se dedicando a ela. Alguém poderá lhe dizer: ‘Amigo, isso que você recebeu é bom, essa é a sua oportunidade, o seu mestre é perfeitamente iluminado: a sua doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões porque o seu proclamador é perfeitamente iluminado, e você está mantendo a doutrina e disciplina do seu mestre.’ Nesse caso, o mestre e a doutrina são elogiáveis, e o pupilo também é elogiável. E se alguém dissesse para aquele pupilo: ‘Muito bem, Venerável senhor, seguindo essa prática você será bem sucedido,’ aquele que dá o encorajamento, a coisa encorajada e aquele que ao ouvir esse encorajamento, faz um esforço ainda maior, irão todos obter muito mérito. Por que? Porque assim é quando a doutrina e disciplina são bem proclamadas, expostas de

modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões, porque o seu proclamador é um mestre perfeitamente iluminado.

8. “Mas agora, Cunda, suponha que um Mestre tenha surgido no mundo, um *arahant* Perfeitamente Iluminado, e que a sua doutrina e disciplina sejam bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões. Mas os seus discípulos não tenham obtido a proficiência naquele verdadeiro Dhamma, para eles a completa pureza da vida santa ainda não se tornou clara e evidente de acordo com o seu desdobramento lógico e ainda não se firmou entre eles, estando ainda no processo de serem bem proclamadas entre os humanos por ocasião do falecimento do Mestre. Em vista disso, Cunda, a morte do Mestre seria algo muito triste para os seus discípulos. Por que? Eles pensariam: ‘Nosso Mestre surgiu no mundo em nosso benefício, mas nós não obtivemos proficiência no verdadeiro Dhamma, que ainda estava no processo de ser bem proclamado entre os humanos, e agora o nosso Mestre faleceu!’ Em vista disso, a morte do Mestre seria algo muito triste para os seus discípulos.

9. “Mas suponha que um Mestre tenha surgido no mundo, um *arahant* Perfeitamente Iluminado, e que a sua doutrina e disciplina sejam bem proclamadas, expostas de modo edificante e eficazes na tranqüilização das paixões, e os seus discípulos tenham obtido proficiência no verdadeiro Dhamma, que para eles a completa pureza da vida santa tenha se tornado clara e evidente de acordo com o seu desdobramento lógico e tenha se firmado entre eles, estando ao mesmo tempo bem proclamado entre os humanos por ocasião do falecimento do Mestre. Em vista disso, a morte do Mestre não seria algo muito triste para os seus discípulos. Por que? Ele pensariam: ‘Nosso Mestre surgiu no mundo em nosso benefício, e nós obtivemos proficiência no verdadeiro Dhamma, estando ao mesmo tempo bem proclamado entre os humanos, e agora o nosso Mestre faleceu!’ Em vista disso, a morte do Mestre não seria algo muito triste para os seus discípulos.

10. “Mas, Cunda, se a vida santa é assim circunstanciada e não há um mestre que é sênior, ancião, ordenado faz tempo, maduro e veterano, então nesse caso, a vida santa será imperfeita. Mas se existe um mestre assim, então nesse caso a vida santa poderá ser aperfeiçoada.

11. “Se, por um lado, houver um mestre que é sênior, mas se não houver entre os *bhikkhus*, discípulos seniores que sejam experientes, treinados, hábeis, que realizaram a paz e se libertaram do cativeiro, que são capazes de proclamar o verdadeiro Dhamma, capazes de refutar através do verdadeiro Dhamma quaisquer doutrinas opostas que possam surgir, e ao fazer isso dar uma exposição do Dhamma bem fundamentada, então, a vida santa não estará aperfeiçoada.

12. “Se por outro lado, houver um mestre que é sênior e discípulos seniores, mas não houver *bhikkhus* intermediários com essas qualidades, ... ou [apesar da presença destes] não houver *bhikkhus* júniores com essas qualidades, ... não houver *bhikkhunis* seniores, ... não houver *bhikkhunis* intermediárias ou júniores, ... não

houver discípulos leigos vestidos de branco, ... celibatários ou não, ... não houver discípulas leigas vestidas de branco, ... celibatárias ou não, ou se o ensinamento não prosperar e florescer, não se espalhar, não for bem conhecido, não for proclamado por todas partes, ... ou [mesmo se essas condições forem satisfeitas] não tiver obtido o primeiro lugar no apoio popular, então a vida santa não estará aperfeiçoada.

13. “Se, no entanto, todas essas condições forem satisfeitas, então a vida santa estará aperfeiçoada.

14. “Mas, Cunda, eu agora surgi no mundo, um *arahant* Perfeitamente Iluminado, o Dhamma é bem proclamado, ... os meus discípulos são proficientes no verdadeiro Dhamma, ... a completa pureza da vida santa se tornou clara e evidente de acordo com o seu desdobramento lógico ... Mas agora sou um mestre envelhecido, ancião, que seguiu a vida santa há muito tempo, e a minha vida está chegando ao fim.

15. “No entanto, entre os *bhikkhus* há mestres seniores que são experientes, treinados, hábeis, que realizaram a paz e se libertaram do cativo, que são capazes de proclamar o verdadeiro Dhamma, capazes de refutar através do verdadeiro Dhamma quaisquer doutrinas opostas que possam surgir, e ao fazer isso dar uma exposição do Dhamma bem fundamentada. E há *bhikkhus* intermediários que são disciplinados e experientes, há noviços que são disciplinados e experientes, há *bhikkhunis* seniores, intermediárias e júniores que são disciplinadas e experientes, há discípulos leigos vestidos de branco, celibatários ou não, há discípulas leigas vestidas de branco, celibatárias ou não, e a vida santa que eu proclamo prospera e floresce, está espalhada, é bem conhecida, proclamada por todas partes, bem proclamada entre os humanos.

16. “Entre todos os mestres que agora existem no mundo, Cunda, eu não vejo nenhum que tenha alcançado uma posição de fama e a quantidade de discípulos que eu alcancei. De todas as ordens e grupos no mundo, eu não vejo nenhuma tão famosa e com tão boa companhia como a minha Sangha de *bhikkhus*. Se alguém fosse se referir a alguma vida santa como sendo perfeitamente bem sucedida e perfeita, onde não falta nada e não há nada supérfluo, bem proclamada na perfeição da sua pureza, é esta vida santa que eles estariam descrevendo. Era Uddaka Ramaputta que costumava dizer: ‘Ele vê, mas não enxerga.’ O que seria isso, que vendo, alguém não enxerga? É possível ver a lâmina de uma navalha afiada, mas não enxergar o seu fio. Isso é o que ele queria dizer com: ‘Ele vê, mas não enxerga.’ Ele se referia a uma coisa vulgar, mundana, ignóbil, sem nenhum significado para a vida santa, uma mera navalha.

“Mas se alguém fosse usar essa expressão de modo apropriado: ‘Ele vê, mas não enxerga,’ seria da seguinte forma. Aquilo que ele vê é um modo de vida santo que é completamente bem sucedido e perfeito, onde não falta nada e não há nada supérfluo, bem proclamado na perfeição da sua pureza. Se ele deduzisse alguma coisa disso, pensando: ‘Desta forma ela será mais pura,’ ele não enxergaria isso. E se ele fosse adicionar alguma coisa, pensando: ‘Desta forma ela será mais completa,’ ele

não enxergaria isso. Esse é o significado do ditado: ‘Ele vê, mas não enxerga.’ Portanto, Cunda, se alguém for se referir a algum modo de vida santo como sendo completamente bem sucedido e perfeito, ... é esta vida santa que eles estariam descrevendo.

17. “Portanto, Cunda, todos vocês para quem eu ensinei essas verdades, que realizei por mim mesmo através do conhecimento direto, devem se reunir e recitá-las, colocando o significado lado a lado e o fraseado lado a lado, sem dissensões, de modo que esta vida santa possa continuar e se manter durante muito tempo pelo bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos. E quais são as coisas que vocês devem recitar juntos? Elas são: os quatro fundamentos da atenção plena; os quatro esforços corretos; as quatro bases para o poder; as cinco faculdades dominantes; os cinco poderes; os sete fatores da Iluminação; o Nobre Caminho Óctuplo. Essas são as coisas que vocês devem recitar juntos.

18. “E assim vocês devem praticar, reunidos em harmonia e sem dissensões. Se um companheiro cita o Dhamma na assembléia e se você pensar que ele entendeu mal o significado ou o fraseado é equivocado, você não deve nem aplaudir e nem rejeitar, mas dizer para ele: ‘Amigo, se você quer dizer assim ou assado, você deveria colocá-lo desta ou daquela forma: qual é o mais apropriado?’ ou: ‘Se você diz assim ou assado, você quer dizer isto ou aquilo: qual é o mais apropriado?’ Se ele responder: ‘Este significado é expressado melhor assim do que assado’, ou : ‘O significado deste fraseado é isto ao invés daquilo,’ então, as palavras dele não devem ser nem rejeitadas e nem depreciadas, mas você deve explicar a ele com cuidado o significado correto e o fraseado correto.

19. “Novamente, Cunda, se um companheiro na vida santa cita o Dhamma na assembléia e se você pensar que ele entendeu mal o significado embora o fraseado seja correto, você não deve nem aplaudir e nem rejeitar, mas dizer para ele: ‘Amigo, essas palavras podem significar isto ou aquilo: qual significado é o mais apropriado?’ E se ele responder: ‘Elas significam isto,’ então as palavras dele não devem ser nem rejeitadas e nem depreciadas, mas você deve explicar a ele com cuidado o significado correto.

20. “E de modo semelhante, se você pensar que o significado é correto mas o fraseado é equivocado, ... você deve explicar a ele com cuidado o significado correto e o fraseado correto.

21. “Mas, Cunda, se você pensar que o significado está correto e o fraseado está correto, ... você deve dizer: “Muito bem! E você deve aplaudi-lo e cumprimentá-lo dizendo: ‘Nós somos afortunados, nós somos abençoados por tê-lo encontrado, amigo, um companheiro na vida santa que é tão bem versado em ambos, no significado e no fraseado!’

22. “Cunda, eu não ensino o Dhamma para coibir as contaminações que surgem apenas nesta vida. Eu não ensino o Dhamma somente para a destruição delas nas vidas futuras, mas para coibi-las nesta vida, bem como para a sua destruição nas vidas futuras. Por conseguinte, Cunda, que o manto que eu o autorizei a usar seja usado apenas para protegê-lo do frio, protegê-lo do calor, protegê-lo do contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes, e para ocultar as partes íntimas. Que a comida esmolada que eu o autorizei a pedir seja suficiente apenas para manter a resistência e continuidade do corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa, considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.’ Que a moradia que eu o autorizei a ter seja somente para proteção do frio, para proteção do calor, para proteção do contato com moscas, mosquitos, vento, sol e criaturas rastejantes e somente com o propósito de evitar os perigos do clima e para desfrutar do isolamento. Que os medicamentos que eu o autorizei a tomar sejam somente para proteção contra sensações aflitivas que já surgiram e para se beneficiar da boa saúde.

23. “Pode ser, Cunda, que os errantes de outras seitas digam: ‘Os contemplativos que seguem o *Sakya* têm o vício de uma vida dedicada ao prazer.’ Em sendo assim, eles devem ser perguntados: ‘Que tipo de vida dedicada ao prazer, amigo? Pois esse tipo de vida pode assumir muitas formas.’ Há, Cunda, quatro tipos de vida dedicadas ao prazer que são baixas, vulgares, grosseiras, ignóbeis e que não trazem benefício, não conduzem ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*. Quais são elas? Primeiro, uma pessoa tola sente prazer e gozo em matar seres vivos. Segundo, alguém sente prazer e gozo em tomar aquilo que não é dado. Terceiro, alguém sente prazer e gozo em dizer mentiras. Quarto, alguém se entrega à paixão e gozo dos prazeres dos cinco sentidos. Esses são os quatro tipos de vida dedicadas ao prazer que são baixas, vulgares, ... não conduzem ao desencantamento, ... iluminação e *nibbana*.

24. “E pode ser que os errantes de outras seitas digam: ‘Os discípulos do *Sakya* são dados a esses quatro tipos de busca do prazer?’ A resposta deve ser: ‘Não!’ pois eles não estariam falando a seu respeito da forma correta, eles o estariam caluniando com afirmações falsas e mentirosas.

“Cunda, há esses quatro tipos de vida dedicadas ao prazer que por inteiro conduzem ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*. Quais são elas? Primeiro, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade

sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.' Com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

“Esses são os quatro tipos de vida dedicadas ao prazer que por inteiro conduzem ao desencantamento, desapego, cessação, paz, conhecimento direto, iluminação e *nibbana*. Portanto se os errantes de outras seitas dissessem que os discípulos do *Sakya* são dados a esses quatro tipos de busca do prazer, a resposta deve ser: 'Sim,' pois eles estariam falando a seu respeito da forma correta, eles não o estariam caluniando com afirmações falsas e mentirosas.

25. “Então esses errantes poderão perguntar: 'Muito bem, então, aqueles dados a esses quatro tipos de busca do prazer – quantos frutos, quantos benefícios eles podem esperar obter?' E você deveria responder: 'Eles podem esperar obter quatro frutos, quatro benefícios. Quais são eles? O primeiro é quando um *bhikkhu* com a completa destruição de três grilhões entra na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, ele tem a iluminação como destino; o segundo é quando um *bhikkhu* com a completa destruição de três grilhões e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, se torna um daqueles que retorna uma vez, e tendo retornado uma vez mais a este mundo, dará um fim ao sofrimento; o terceiro é quando um *bhikkhu* com a completa destruição dos cinco primeiros grilhões, renasce espontaneamente nas Moradas Puras e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo. O quarto é quando um *bhikkhu* com a completa destruição das impurezas, permanece num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora. Esses são os quatro frutos e quatro benefícios obtidos por aquele que é dado a esses quatro tipos de busca do prazer.'

26. “Então, esses errantes poderão dizer: 'As doutrinas dos discípulos do *Sakya* não estão bem fundamentadas.' A resposta deveria ser: 'Amigos, o Abençoado que sabe e vê proclamou e ensinou para os seus discípulos princípios que não devem ser transgredidos enquanto durar a vida. Tal qual um pilar com um ferrolho ou um pilar de ferro com uma base profunda, bem plantado e inabalável, inabaláveis são essas doutrinas que ele ensinou. E qualquer *bhikkhu* que é um *arahant*, cujas impurezas foram destruídas, que viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o verdadeiro objetivo, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo, é incapaz de fazer nove coisas: (1) Ele é incapaz de tirar a vida de um ser vivo de modo deliberado; (2) ele é incapaz de tomar aquilo que não for dado para constituir um roubo (3) ele é incapaz de manter relações sexuais; (4) ele é incapaz de contar uma mentira deliberada; (5) ele é incapaz de armazenar coisas para o gozo dos sentidos como fazia na vida em família; (6) ele é incapaz de agir de modo incorreto devido ao desejo; (7) ele é incapaz de agir de modo incorreto devido à raiva; (8) ele é incapaz de agir de modo incorreto devido à delusão; (9) ele é incapaz de agir de modo

incorreto devido ao medo. Essas são as nove coisas que um *arahant*, cujas impurezas foram destruídas ...”

27. “Ou esses errantes poderão dizer: ‘Com relação ao passado, o contemplativo Gotama demonstra conhecimento e insight ilimitados, mas não com relação ao futuro, com relação ao que será e como será.’ Seria supor que o conhecimento e o insight referente a uma coisa são produzidos pelo conhecimento e insight em relação a algo diferente, como imaginam os tolos. Com relação ao passado, o *Tathagata* tem conhecimento das vidas passadas. Ele é capaz de se recordar o quanto queira do passado. Quanto ao futuro, este conhecimento, que tem origem na iluminação surge nele: ‘Este é o último nascimento, não haverá mais ser/existir.’

28. “Se ‘passado’ se refere ao que não é fato, a fábulas, ao que não traz benefício, o *Tathagata* não responde. Se ‘passado’ se refere ao que é fato, não é fábula, mas que não traz benefício, o *Tathagata* não responde. Mas se ‘passado’ se refere ao que é fato, não é fábula, e que traz benefício, então, o *Tathagata* sabe o momento mais apropriado para responder. O mesmo se aplica ao futuro e ao presente. Portanto, Cunda, o *Tathagata* é chamado aquele que declara o tempo, o fato, o benefício, o Dhamma e a Disciplina. É por isso que ele é chamado *Tathagata*.

29. “Cunda, tudo aquilo no mundo, com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e o povo, que é visto, ouvido, sentido, conscientizado, buscado, procurado, ponderado pela mente: o *Tathagata* despertou completamente para tudo isso. Por isso ele é chamado o *Tathagata*. Desde a noite em que o *Tathagata* despertou completamente para a insuperável perfeita iluminação até a noite na qual ele realize o *parinibbana*, tudo aquilo que o *Tathagata* disse, falou, explicou é assim (*tatha*) e não de outra forma. Por isso ele é chamado o *Tathagata*. Neste mundo, com os seus *devas*, *Maras* e *Brahmas*, esta população com seus contemplativos e *Brâmanes*, seus príncipes e o povo, o *Tathagata* é o Conquistador, o Não-conquistado, Omnisciente, Todo Poderoso. Por isso ele é chamado o *Tathagata*.

30. “Ou esses errantes poderão dizer: ‘O *Tathagata* existe após a morte: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ A resposta deveria ser: ‘Amigo, isso não foi declarado pelo Abençoado.’ ... ‘O *Tathagata* não existe após a morte?’ ... ‘O *Tathagata* tanto existe como não existe após a morte?’ ... ‘O *Tathagata* nem existe, nem não existe após a morte?’ A resposta deveria ser: ‘Amigo, isso não foi declarado pelo Abençoado.’

31. “Então, eles poderão dizer: ‘Porque o contemplativo Gotama não declarou isso?’ A resposta deveria ser: ‘Amigos, porque não traz benefício, não pertence aos fundamentos da vida santa, não conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É por isso que o Abençoado não declarou isso.’

32. “Ou eles poderão dizer: ‘Muito bem, amigo, então o que declarou o contemplativo Gotama?’ A resposta deveria ser: ‘Isto é sofrimento’ – ele declarou. ‘Esta é a origem do sofrimento’ – ele declarou. ‘Esta é a cessação do sofrimento’ – ele declarou. ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’ – ele declarou.”

33. “Então, eles poderão dizer: ‘Por que o contemplativo Gotama declarou isso?’ A resposta deveria ser: ‘Amigos, porque isso traz benefício, pertence aos fundamentos da vida santa, conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É por isso que o Abençoado declarou isso.’

34. “Cunda, aquelas especulações sobre o começo das coisas eu lhe expliquei como devem ser expostas, devo agora explicar-lhe como elas não devem ser expostas? E da mesma forma com relação ao futuro? Quais são as especulações com relação ao passado ...? Há contemplativos e *Brâmanes* que dizem e acreditam que: ‘O eu e o mundo são eternos: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso’. ‘O eu e o mundo não são eternos’ ... ‘O eu e o mundo são tanto, eternos como não eternos’ ... ‘O eu e o mundo não são nem eternos e nem não eternos’ ... ‘O eu e o mundo são criados por si mesmos’ ... ‘Eles são criados por outrem’ ... ‘Eles são tanto, criados por si mesmos como por outrem’ ... ‘Eles não são nem criados por si mesmos e nem por outrem, mas têm origem fortuita: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso’. E da mesma forma com relação ao prazer e a dor.

35.-36. “Agora, Cunda, eu vou até esses contemplativos e *Brâmanes* que têm essas idéias e ao serem perguntados eles confirmam que essas são as suas idéias, eu não aceito as suas afirmações. Por que não? Porque, Cunda, diferentes seres têm opiniões diferentes com relação a esses assuntos. Nem considero essas teorias em pé de igualdade com a minha, quanto menos superior. Eu sou superior em relação a eles no que diz respeito à exposição suprema. Quanto às especulações sobre o começo das coisas que eu lhe expliquei como devem ser expostas, por que deveria eu agora explicar-lhe como elas não devem ser expostas?

37. “E em relação aos especuladores sobre o futuro? Há alguns contemplativos e *Brâmanes* que dizem: ‘Após a morte o eu é material e intacto: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso’; ‘... imaterial’; ‘... ‘tanto material como imaterial’; ‘... nem material e nem imaterial’; ‘O eu é perceptivo após a morte’; ‘... não perceptivo’; ‘... tanto’; ‘... nenhum dos dois’; ‘O eu é aniquilado, destruído, não existe depois da morte: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso’.

38,-39. “Agora, Cunda, eu vou até esses contemplativos e *Brâmanes* que têm essas idéias e ao serem perguntados eles confirmam que essas são as suas idéias, eu não aceito as suas afirmações. Por que não? Porque, Cunda, diferentes seres têm opiniões diferentes em relação a esses assuntos. Nem considero essas teorias em pé de igualdade com a minha, quanto menos superior. Eu sou superior com relação a eles no que diz respeito à exposição suprema. Quanto às especulações sobre o futuro

que eu lhe expliquei como devem ser expostas, por que deveria eu agora explicar-lhe como elas não devem ser expostas?

40. “E, Cunda, para a destruição de todas essas idéias em relação ao passado e o futuro, para transcendê-las, eu ensinei e estabeleci os quatro fundamentos da atenção plena. Quais quatro? Aqui, Cunda, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações, ... mente como mente, ... ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. É assim, Cunda, que eu ensinei e estabeleci os quatro fundamentos da atenção plena para a destruição de todas essas idéias em relação ao passado e o futuro, para transcendê-las.”

41. Durante todo esse tempo o Venerável Upavana estava em pé atrás do Abençoado, ventilando-o. Então, ele disse ao Abençoado: “É admirável, Venerável senhor, é maravilhoso! Venerável senhor, esta exposição do Dhamma é encantadora – muito encantadora! Venerável senhor, qual é o nome deste discurso do Dhamma?”

“Quanto a isso, Upavana, você poderá se lembrar deste discurso do Dhamma como ‘O Discurso Encantador.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. O Venerável Upavana ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

### *30 Lakkhana Sutta* As Marcas de um Grande Homem

As trinta e duas marcas de um grande homem e as suas origens como frutos de *kamma*

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. “*Bhikkhus!*” ele disse, e os monges responderam: “Venerável Senhor.” O Abençoado disse: “*Bhikkhus*, há essas trinta e duas marcas peculiares a um Grande Homem, e o grande homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. Se ele viver a vida em família, ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que governará de acordo com o Dhamma; conquistador dos quatro pontos cardeais, que estabelecerá a segurança no seu reino e que possuirá os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalinho Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele terá mais de mil filhos, que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos inimigos. Ele governará, tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se

tornará um *arahant*, um Buda Perfeitamente Iluminado, aquele que remove o véu do mundo.

1.2. “E quais são essas trinta e duas marcas? (1) Ele tem os pés chatos. (2) Nas solas dos seus pés há rodas com mil raios e cubo, toda completa. (3) Ele tem os calcanhares protuberantes. (4) Os dedos dos pés e das mãos são longos. (5) As mãos e os pés são suaves e delicados. (6) As mãos e os pés são reticulados. (7) Os seus tornozelos são alongados. (8) As suas pernas são como as de um antílope. (9) Quando ele fica em pé sem se inclinar, as palmas de ambas mãos tocam os joelhos. (10) A sua genitália está contida numa bacia. (11) A sua complexão é brilhante, de cor dourada. (12) A sua pele é sutil e devido à sutileza da sua pele, a poeira e a sujeira não aderem ao seu corpo. (13) Os pelos do corpo crescem separadamente, cada um no seu poro. (14) As pontas dos pelos do corpo são curvadas para cima; a cor dos pelos é preta azulada, enrolados para a direita. (15) Ele tem os membros retos de um *Brahma*. (16) Ele tem sete convexidades. (17) Ele tem o torso de um leão. (18) Não há um sulco entre os ombros. (19) Ele tem as proporções de uma figueira-de-bengala; a envergadura dos seus braços equivale à altura do seu corpo, e a altura do seu corpo equivale à envergadura dos seus braços. (20) O seu pescoço e ombros são nivelados. (21) O seu paladar é excepcionalmente apurado. (22) Ele tem a mandíbula de um leão. (23) Ele tem quarenta dentes. (24) Os seus dentes são nivelados. (25) Os seus dentes não têm espaços. (26) Os seus dentes são bem brancos. (27) Ele tem uma língua muito grande. (28) Ele tem uma voz divina, como o gorjeio de um pássaro. (29) Os seus olhos são de um azul profundo. (30) Ele tem os cílios de um touro. (31) Ele tem pelos no espaço entre as sobrancelhas e eles são brancos com o brilho do algodão macio. (32) A sua cabeça tem o formato de um turbante.

1.3. “Essas, *bhikkhus*, são as trinta e duas marcas peculiares a um Grande Homem e o grande homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro ... E os sábios de outras seitas conhecem essas trinta e duas marcas, mas eles não sabem qual é o *kamma* para obtê-las.

1.4. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada, existência passada, em que o *Tathagata* tenha nascido como um ser humano, ele realizou ações importantes com bons propósitos, inabalável na conduta hábil com o corpo, linguagem e mente, generoso, virtuoso, observando o *Uposatha*, honrando os pais, contemplativos, *Brâmanes* e o cabeça do clã; ele praticou outras ações meritórias; por ter realizado esse *kamma*, acumulando-o em abundância e profusão, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu num destino feliz, no paraíso, onde, em relação aos outros *devas*, os seus predicados eram superiores em dez aspectos: tempo de vida no paraíso, beleza, felicidade, esplendor, influência, nas suas visões, sons, aromas, sabores e contatos paradisíacos. Falecendo ali e renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (1) Ele tem os pés chatos, de maneira que ele coloca o pé por igual no chão, levanta o pé por igual e toca o chão com toda a sola do pé por igual.

1.5. “Sendo dotado com essa marca, se viver a vida em família, ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que irá governar ... sem bastão ou espada, através do Dhamma. Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Ele não poderá ser impedido por nenhum inimigo com má intenção. Esse é o fruto dele como um Monarca que gira a roda. Se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, ..., então ele se tornará um Buda Perfeitamente Iluminado, ... Como tal, qual fruto ele obtém? Ele não poderá ser impedido por nenhum inimigo ou adversário interno ou externo, pela cobiça, raiva ou delusão, nem por nenhum contemplativo ou *Brâmane*, nenhum *deva*, *Mara* ou *Brahma*, ou qualquer ser no mundo. Esse é o fruto dele como um Buda.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.6. Com relação a isso foi dito:

“Verdadeiro, íntegro, domesticado e tranqüilizado,  
puro e virtuoso, observando o *Uposatha*,  
generoso, inofensivo, em paz  
ele assumiu essa tremenda tarefa,  
e na sua conclusão renasceu no paraíso,  
uma permanência feliz e alegre.  
Renascendo entre os humanos,  
os seus pés chatos tocaram o solo.  
Videntes reunidos então declararam:  
‘Aquele cuja sola do pé toca por igual o solo  
nenhum obstáculo irá obstruir o seu caminho,  
se viverá a vida em família,  
ou deixará o mundo para trás:  
isso a marca não evidencia.  
Se for um leigo, nenhum adversário,  
nenhum inimigo irá impedi-lo.  
Não há poder humano que possa  
privá-lo do seu fruto de *kamma*.  
Ou se a sua escolha for a vida santa:  
propenso à renúncia e com a  
visão clara – ele será o líder de homens,  
sem igual, nunca mais irá renascer:  
essa é a sua lei.”

1.7. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata*, ao nascer como um ser humano, viveu pela felicidade de muitos, um dissipador do medo e terror, proporcionando abrigo e proteção de acordo com a lei, atendendo todas as necessidades e por ter realizado esse *kamma*, ... ele renasceu num destino feliz, no paraíso ... Falecendo ali e renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (2) Nas solas dos seus pés há rodas com mil raios e cubo, toda completa.

1.8. “Sendo dotado com essa marca, se viver a vida em família ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo ... Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Ele tem um grande séqüito: ele estará cercado por *Brâmanes* chefes de família, cidadãos e aldeãos, tesoureiros, guardas, porteiros, ministros, reis tributários, arrendatários e pajens. Esse é o fruto dele como um Monarca que gira a roda. Se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, ..., então ele se tornará um Buda Perfeitamente Iluminado, ... Como tal, qual fruto ele obtém? Ele tem um grande séqüito: ele estará cercado por *bhikkhus*, *bhikkhunis*, discípulos leigos homens e mulheres, *devas* e humanos, *asuras*, *nagas* e *gandhabbas*. Esse é o fruto dele como um Buda.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.9. Com relação a isso foi dito:

“Em tempos passados, em vidas passadas  
como homem, fazendo o bem para muitos,  
dissipando o medo e o terror,  
ávido em proteger e defender,  
ele assumiu essa tremenda tarefa,  
e no final da vida ele renasceu no paraíso,  
uma permanência feliz e alegre.  
Renascendo entre os humanos,  
os seus pés têm a marca das rodas,  
cada uma com mil raios, completa.  
Videntes reunidos então declararam,  
vendo aquelas muitas marcas de mérito:  
‘Grande será o seu séqüito,  
todos os seus inimigos serão subjugados.  
Isso a marca evidencia com clareza.  
Se ele não renunciar ao mundo,  
ele irá girar a Roda e governar a terra.  
Os nobres serão os seus vassalos,  
todos sob seu poder.  
Mas se a sua escolha for a vida santa:  
propenso à renúncia e com a  
visão clara - homens e *devas*  
*asuras*, *sakkas*, *rakkhasas*,  
*gandhabbas*, *nagas*, *garudas*,  
bestas com quatro patas também o servirão,  
sem rival, entre *devas* e humanos,  
venerado por todos, glorioso.”

1.10. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* tendo nascido como um ser humano, abandonou tirar a vida de outros seres, se absteve de tirar a vida de outros seres; permaneceu com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos, por ter realizado esse *kamma*, ... ele renasceu num destino feliz, no paraíso ... Falecendo ali e renascendo aqui no mundo humano,

ele adquiriu estas três marcas de um Grande Homem: (3) Ele tem os calcanhares protuberantes, (4) Os dedos dos pés e das mãos são longos, e (15) Ele tem os membros retos de um *Brahma*.

1.11. “Sendo dotado com essas marcas, se viver a vida em família, ... Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Ele tem vida longa, duradoura, alcançando uma idade madura e durante esse tempo nenhum inimigo humano será capaz de matá-lo ... Como um Buda, qual fruto ele obtém? Ele tem vida longa ... nenhum inimigo, quer seja um contemplativo ou *Brâmane*, um *deva*, *Mara* ou *Brahma*, ou qualquer um no mundo será capaz de matá-lo. Esse é o fruto dele como um Buda.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.12. Com relação a isso foi dito:

“Conhecendo bem o terror da morte,  
daqueles seres que ele se absteve de matar.  
Essa bondade frutificou com o nascimento no paraíso,  
onde ele gozou os frutos do seu mérito.  
Renascendo entre os humanos  
portando essas três marcas:  
os seus calcanhares são cheios e muito longos,  
como *Brahma*, os seus membros são retos,  
belo de ser visto, membros bem formados,  
os dedos macios, suaves e longos.  
Através dessas três marcas de excelência  
sabe-se que esse jovem terá vida longa.  
‘Longa será a vida em família  
ainda mais longa como contemplativo  
praticando os nobres poderes:  
assim indicam as três marcas.’”

1.13. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* foi um doador de finas comidas, deliciosas e saborosas, firmes ou macias, e de bebidas, por ter realizado esse *kamma*, ... ele renasceu num destino feliz, no paraíso ... Falecendo ali e renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (16) Ele tem sete convexidades, em ambas as mãos, ambos os pés, ambos os ombros e no tronco.

1.14 “Sendo dotado com essa marca, ... Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Ele recebe finas comidas e bebidas ... Como um Buda, da mesma forma.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.15. Com relação a isso foi dito:

“Doador de deliciosas comidas  
e as bebidas mais finas.

Essa bondade lhe trouxe um feliz renascimento,  
e durante muito tempo ele permaneceu no paraíso.  
Renascendo entre os humanos,  
ele porta as sete convexidades.  
Videntes reunidos então declararam,  
ele irá desfrutar de fina comida e bebida:  
não somente na vida em família -  
pois embora ele renuncie ao mundo  
e corte os grilhões da vida mundana,  
ainda assim ele receberá comida deliciosa!”

1.16. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* foi amado devido às quatro condições para a simpatia: generosidade, linguagem agradável, conduta benéfica e imparcialidade, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (5) As mãos e os pés são suaves e delicados, e (6) As mãos e os pés são reticulados.

1.17. “Sendo dotado com essas marcas, ... Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Todos no seu séquito são amigáveis: *Brâmanes* chefes de família, cidadãos e aldeãos, tesoureiros, guardas, porteiros, ... e pajens. Como um Buda, qual fruto ele obtém? Todos no seu séquito são amigáveis: *bhikkhus*, *bhikkhunis*, discípulos leigos homens e mulheres, *devas* e humanos, *asuras*, *nagas* e *gandhabbas*. Esse é o fruto dele como um Buda.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.18. Com relação a isso foi dito:

“Através da generosidade e da ajuda,  
linguagem agradável e justiça  
que beneficia a todos,  
com a morte renasceu no paraíso.  
Renascendo entre os humanos,  
com as mãos e os pés suaves e delicados,  
com as mãos e os pés reticulados.  
Belo de ser visto:  
assim estava dotado o bebê.  
‘Ele será um Monarca que gira a roda,  
cercado por um grupo de fiéis.  
Com a linguagem justa, praticando ações hábeis,  
a conduta virtuosa e sábia.  
Mas se ele desprezar os prazeres dos sentidos,  
um Conquistador, ele ensinará o caminho,  
e, deliciando-se com as suas palavras,  
todos aqueles que o ouvirem irão segui-lo  
no caminho do Dhamma!’”

1.19. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* se tornou um orador do Dhamma, explicando para as pessoas aquilo que conduz ao bem-estar delas, portador da felicidade e bem-estar dos seres, provedor do Dhamma, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (7) Os seus tornozelos são alongados, e (14) As pontas dos pelos do corpo são curvadas para cima; a cor dos pelos é preta azulada, enrolados para a direita.

1.20. “Sendo dotado com essas marcas, ... Como um Monarca que gira a roda, qual fruto ele obtém? Ele será o chefe, o principal, o mais elevado, supremo entre aqueles que não renunciaram ... Como um Buda, ele será o chefe, o principal, o mais elevado, supremo entre todos os seres. Esse é o fruto dele como um Buda.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.21. Com relação a isso foi dito:

“Certa vez ele falou sobre tudo que é bom,  
discursando em voz alta para toda a humanidade,  
provendo bênçãos a todos os seres,  
concessor liberal da lei.  
Por tal conduta e ações,  
o nascimento no paraíso foi a sua recompensa.  
Renascendo entre os humanos, com duas marcas,  
marcas de felicidade suprema:  
as pontas dos pelos do corpo curvadas para cima,  
os tornozelos alongados,  
bem formado e belo.  
‘Se ele viver a vida em família,  
as maiores riquezas serão suas,  
nenhum outro mais grandioso será encontrado:  
em *Jambudipa* como Senhor ele reinará.  
Se, com força suprema, abandonar o mundo,  
ele será o chefe dos seres,  
nenhum outro mais grandioso será encontrado:  
como Senhor do mundo ele reinará.”

1.22. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* se tornou um habilidoso representante de uma arte, uma ciência, um modo de conduta ou ação, pensando: ‘O que posso aprender rapidamente, praticar com rapidez, sem desgaste desnecessários?’ ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (8) As suas pernas são como as de um antílope.

1.23. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda, ele rapidamente adquire todas as coisas compatíveis com um Monarca que gira a roda, as coisas que correspondem a um Monarca que gira a roda, que o delicias e que são apropriadas. Como um Buda, da mesma forma.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.24. Com relação a isso foi dito:

“Artes e ciências, conduta e ações:  
‘Que eu aprenda com facilidade’, ele diz.  
Habilidades que não ferem a nenhum ser vivo  
rapidamente ele aprendeu, com pouco esforço.  
Através dessas ações, hábeis e doces,  
belos e graciosos serão os seus membros,  
da pele macia os pelos ficam em pé.  
As pernas como de um antílope:  
riqueza, dizem, em breve será sua.  
‘Cada poro lhe trará fortuna,  
se ele permanecer na vida em família.  
Mas se ele preferir abandonar o mundo  
decidido pela renúncia,  
com a visão clara, rapidamente,  
ele irá encontrar todas as coisas  
apropriadas a esse caminho sublime.”

1.25. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* foi até um contemplativo ou *Brâmane* e perguntou: ‘Venerável senhor, o que é benéfico e o que é prejudicial, o que é criticável e o que é isento de crítica, o que deve ser seguido e o que não deve ser seguido e qual ação irá no longo prazo conduzir ao dano e sofrimento e qual irá conduzir ao bem-estar e felicidade?’ ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (12) A sua pele é sutil e devido à sutileza da sua pele, a poeira e a sujeira não aderem ao seu corpo.

1.26. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda, ele será muito sábio e entre aqueles que não renunciaram, não haverá ninguém igual ou superior em sabedoria ... Como um Buda, ele possuirá grande sabedoria, ampla sabedoria, jubilosa sabedoria, ágil sabedoria, aguçada sabedoria, penetrante sabedoria, e entre todos os seres não haverá ninguém igual ou superior em sabedoria.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.27. Com relação a isso foi dito:

“No passado, em vidas passadas,  
ávido por saber, um investigador,  
ele acompanhou os contemplativos:  
ansioso por aprender a verdade, ouvia com atenção.  
Dava ouvidos às palavras dos outros  
sobre o objetivo da vida.  
Como fruto, renascendo entre os humanos  
a sua pele era macia e suave.  
Videntes reunidos então declararam:  
‘Ele discernirá significados sutis,

se não abandonar o mundo,  
ele será um monarca que gira a roda  
sábio em discernir todas as sutilezas,  
igualado ou superado por ninguém.  
Mas se ele preferir abandonar o mundo  
decidido pela renúncia,  
a sua sabedoria será suprema,  
perfeita e completa iluminação.”

1.28. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* viveu sem raiva, perfeitamente calmo, e mesmo depois que muitas palavras haviam sido ditas não abusava ou ficava agitado, ou furioso, ou agressivo, não demonstrando raiva, ódio ou ressentimento, mas tinha o hábito de presentear finos tapetes macios, mantos, linhos finos, algodão, seda e artigos de lã, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (11) A sua complexão é brilhante, de cor dourada.

1.29. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda ele irá receber essas coisas finas, ... Como um Buda, da mesma forma.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.30. Com relação a isso foi dito:

“Com a boa vontade estabelecida ele deu  
roupas macias e finas como dádivas.  
Em vidas passadas ele assim deu  
como um deus da chuva que faz chover.  
Essa bondade lhe proporcionou  
um nascimento no paraíso  
onde ele desfrutou dos frutos do seu mérito.  
Tendo passado aquele tempo,  
como o ouro bem trabalhado  
é o seu corpo, mais belo que todos  
os grandes deuses como *Indra*.  
‘Se viver a vida em família,  
ele irá regular este mundo malvado,  
e, por aquilo que fez, receberá  
roupas da mais fina qualidade,  
tapetes e colchas apenas os melhores.  
Mas se ele preferir abandonar o mundo,  
esse tipo de coisas ele também irá receber:  
os frutos da virtude não são perdidos.”

1.31. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* reunificou aqueles há muito tempo perdidos com os seus parentes, amigos e companheiros, que deles sentiam falta, reunificou mãe com filho e filho com mãe, pai com filho e filho com

pai, irmão com irmão, irmão com irmã e irmã com irmão, fazendo com que se unam com grande alegria, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (10) A sua genitália está contida numa bainha.

1.32. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda ele terá muitos filhos, mais de mil filhos, que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos hostis. Como um Buda, da mesma forma.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

1.33. Com relação a isso foi dito:

“No passado, em vidas passadas,  
amigos e parentes há muito perdidos,  
companheiros também, ele reunificou,  
assim unindo-os com alegria.  
Essa boa ação frutificou no nascimento no paraíso,  
alegria e felicidade a sua recompensa.  
Renascendo entre os humanos,  
com a genitália contida numa bainha.  
‘Muitos filhos ele terá,  
mais de mil filhos,  
corajosos e heróicos, conquistadores,  
e filiais também, a alegria de um leigo.  
Mas se ele abandonar o mundo,  
ainda mais filhos ele terá:  
aqueles que dependem dos seus ensinamentos.  
E assim, renunciando ou não, essa marca  
anuncia esses frutos.”

### **[Fim da primeira recitação]**

2.1. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata*, considerando o bem-estar das pessoas, soube a natureza de cada um, conheceu ele mesmo cada um e soube como eles diferiam: ‘Este aqui merece tal e qual, aquele lá merece tal e qual’, assim ele os distinguiu, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (19) Ele tem as proporções de uma figueira-de-bengala, a envergadura dos seus braços equivale à altura do seu corpo e a altura do seu corpo equivale à envergadura dos seus braços e (9) Quando ele fica em pé sem se inclinar, as palmas de ambas as mãos tocam os joelhos.

2.2. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, ele será próspero, com muita riqueza e recursos, tendo um tesouro cheio de ouro e prata, todos os tipos de bens e os celeiros estarão cheios de grãos. Como um Buda, ele será rico e próspero e estes serão os seus tesouros: fé, virtude, vergonha de cometer transgressões, temor de cometer transgressões, aprendizado, renúncia e sabedoria.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

### 2.3. Com relação a isso foi dito:

“Ponderando, observando,  
buscando o bem-estar de todos,  
vendo: ‘Este merece isto,  
aquele merece aquilo’, ele os julgava.  
Agora ele pode sem se curvar  
tocar os joelhos com ambas as mãos,  
com altura e envergadura igual a uma árvore,  
esse é o fruto de ações virtuosas.  
Aqueles que conhecem as marcas e sinais,  
expertos nessa arte declaram:  
‘As coisas apropriadas na vida em família  
como criança ele terá em abundância,  
muita riqueza mundana como senhor do mundo,  
próprio para um leigo, será sua.  
Mas se ele abandonar o mundo,  
ele obterá a riqueza insuperável.”

2.4. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* desejando o bem-estar de muitos, o seu benefício, conforto, libertação do cativo, pensando como eles poderiam incrementar a sua fé, virtude, aprendizado, renúncia, no Dhamma, na sabedoria, nas riquezas e posses, nos bípedes e quadrúpedes, nas esposas e filhos, nos criados, empregados e ajudantes, nos parentes, amigos e companheiros, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas três marcas de um Grande Homem: (17) Ele tem o torso de um leão, (18) Não há um sulco entre os ombros, e (20) O seu pescoço e ombros são nivelados.

2.5. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, ele não perderá nada: riquezas e posses, bípedes e quadrúpedes, esposas e filhos, sem perder nada ele obterá sucesso em tudo. Como um Buda, ele não perderá nada: fé, virtude, aprendizado, renúncia ou sabedoria – sem perder nada ele obterá sucesso em tudo.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

### 2.6. Com relação a isso foi dito:

“Fé, virtude, aprendizado, sabedoria,  
contenção e justiça, muitas outras coisas boas,  
riqueza, posses, esposas e filhos,  
rebanhos, parentes, amigos e companheiros,  
força, beleza e felicidade:  
essas coisas ele desejou para os outros  
que eles mantivessem-nas sem perdas.  
‘Assim, com o torso de um leão, ele nasceu,  
sem um sulco entre os ombros,

e com o pescoço e ombros nivelados.  
Com *kamma* passado bem guardado,  
essas marcas evitaram todas as perdas,  
na vida em família ele tem riqueza de posses,  
esposas e filhos e quadrúpedes,  
ou se renunciar, nada possuindo,  
a perfeita iluminação será sua,  
onde não há deficiências.”

2.7. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* evitou ferir os seres com a mão, pedras, pau ou espada, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (21) O seu paladar é excepcionalmente apurado. Qualquer coisa que ele toque com a ponta da língua ele experimenta na sua garganta e o sabor se dispersa por toda parte.

2.8. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda, ele terá poucas aflições ou enfermidades, a sua digestão será boa, nem demasiado fria nem demasiado quente. Como um Buda, da mesma forma, ele tolera e se mantém equilibrado ante o esforço.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.9. Com relação a isso foi dito:

“Não ferindo ninguém, com a mão, paus ou pedras,  
não matando ninguém com a espada,  
inofensivo, sem ameaçar ninguém com o cativoiro,  
com o nascimento feliz ele obteve os frutos  
dessas ações hábeis, e depois renascendo,  
com o paladar bem estabelecido.  
Aqueles que conhecem as marcas declaram:  
‘Muita felicidade será o seu destino  
como leigo ou contemplativo:  
esse é o significado dessa marca.”

2.10. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* estava acostumado a olhar para as pessoas sem desconfiança, soslaio ou dissimulação, mas diretamente, aberto e objetivo, com o olhar gentil, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (29) Os seus olhos são de um azul profundo, e (30) Ele tem os cílios de um touro.

2.11. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, ele será visto com amor pelas pessoas comuns; ele será popular e amado pelos *Brâmanes* chefes de família, cidadãos e aldeãos, tesoureiros, guardas, porteiros, ... pagens. Como um Buda, ele será popular e amado pelos *bhikkhus*, *bhikkhunis*, discípulos leigos homens e mulheres, *devas* e humanos, *asuras*, *nagas* e *gandhabbas*.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.12. Com relação a isso foi dito:

“Sem olhar com desconfiança, de soslaio ou desviando o olhar, ele olha para as pessoas direto e franco com sinceridade e gentileza nos olhos. Renascendo num lugar feliz, ele ali goza os frutos das suas boas ações. Renascendo aqui, os seus cílios são iguais aos de um touro; os olhos azuis. Aqueles que conhecem essas coisas declaram, (interpretando essas marcas com habilidade), ‘Uma criança com olhos tão finos será alguém admirado com alegria. Se for um leigo, ele assim agradará o olhar de todos. Se for um contemplativo, então, será amado como curandeiro das aflições de todos.’”

2.13. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* se tornou o mais hábil no comportamento, um líder na ação correta com o corpo, linguagem e mente, em generosidade, virtude, conduta, observando o *Uposatha*, honrando os pais, contemplativos, *Brâmanes* e o cabeça do clã, e praticando outras ações meritórias, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (32) A sua cabeça tem o formato de um turbante.

2.14. “Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda, ele receberá a lealdade dos chefes de família *Brâmanes*, cidadãos ... Como um Buda, ele receberá a lealdade de monges, monjas, ... Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.15. Com relação a isso foi dito:

“Ele liderava o modo de conduta, decidido a viver de modo correto. Assim ele tinha a lealdade de todos, e a sua recompensa foi o paraíso. Depois de gozar essa recompensa, ele renasceu com a cabeça com o formato de um turbante. Aqueles que conhecem as marcas declaram: ‘Ele será o primeiro entre os homens, todos irão servi-lo nesta vida tal qual ocorreu antes. Se for um nobre com riqueza, obterá o serviço do seu povo, mas se ele deixar este mundo, este homem

será um mestre da doutrina,  
e todos virão para ouvir  
o ensinamento que ele proclamar.”

2.16. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* rejeitou a linguagem mentirosa, ele se absteve das mentiras e falou só a verdade, dedicado à verdade, confiável, consistente, sem enganar o mundo, ... renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (13) Os pelos do corpo crescem separadamente, cada um no seu poro, e (31) Ele tem pelos no espaço entre as sobrancelhas e eles são brancos com o brilho do algodão macio.

2.17. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, ele será obedecido pelo *Brâmanes* chefes de família ... Como um Buda, ele será obedecido pelos monges ...” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.18. Com relação a isso foi dito:

“Fiel à sua promessa em vidas passadas,  
com a linguagem sincera, ele evita todas as mentiras.  
Não quebra a sua palavra com ninguém,  
ele agrada com a verdade e honestidade.  
Brancos e brilhantes macios como o algodão  
os pelos entre as sobrancelhas,  
e em cada poro não crescem dois pelos,  
mas estão sempre separados.  
Videntes reunidos então declararam,  
(interpretando essas marcas com habilidade):  
‘Com essa marca entre as sobrancelhas,  
e com esses pelos, ele será obedecido  
por todos, e se for leigo,  
respeitá-lo-ão por suas ações passadas;  
se renunciar, sem posses,  
como um Buda será venerado.’”

2.19. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* rejeitou a linguagem maliciosa, o que ele ouvia aqui, ele não contava ali para separar aquelas pessoas destas. O que ele ouvia lá, ele não contava aqui para separar estas pessoas daquelas. Assim, ele reconciliava aquelas pessoas que estavam divididas, promovia a amizade, ele amava a concórdia, se deliciava com a concórdia, desfrutava da concórdia, dizia coisas que criavam a concórdia. Renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (23) Ele tem quarenta dentes, e (25) Os seus dentes não têm espaços.

2.20. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, os seus súditos: *Brâmanes* chefes de família, cidadãos ... não enfrentarão divisões entre si. Da

mesma forma como um Buda, os seus discípulos: *bhikkhus*, *bhikkhunis*, ... , não enfrentarão divisões entre si.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.21. Com relação a isso foi dito:

“Ele não dizia palavras mal-intencionadas  
que causassem ou incrementassem a discórdia,  
prolongando conflitos e amargor,  
conduzindo ao fim de boas amizades.  
As suas palavras conduziam à paz  
re-estabelecendo laços partidos.  
Ele usou o seu poder para dar um fim a todos os conflitos,  
na harmonia o seu prazer.  
Renasceu num destino feliz, lá  
desfrutando os frutos das suas boas ações.  
Renascendo aqui, os seus dentes não têm espaços,  
quarenta dentes, firmes.  
‘Se for um nobre com riqueza,  
os seus súditos serão amáveis;  
se for um contemplativo, livre das impurezas,  
bem estabelecidos serão os seus discípulos.’”

2.22. “*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* rejeitou a linguagem grosseira, ele se absteve da linguagem grosseira. Ele dizia palavras que eram gentis, que agradavam aos ouvidos, carinhosas, que penetravam o coração, que eram corteses, desejadas por muitos e que agradavam a muitos. Renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (27) Ele tem uma língua muito grande, e (28) Ele tem uma voz divina, como o gorjeio de um pássaro.

2.23. “Sendo dotado com essas marcas, ... como um Monarca que gira a roda, a sua voz será persuasiva: todos os *Brâmanes* chefes de família, cidadãos ... darão ouvidos às suas palavras. Como um Buda, também, ele terá a voz persuasiva: todos os *bhikkhus*, *bhikkhunis*, ... darão ouvidos às suas palavras.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.24. Com relação a isso foi dito:

“Ele não empregava linguagem abusiva,  
grosseira e dolorosa, que fere as pessoas,  
a sua voz era gentil, amável e doce,  
que agradava os corações das pessoas,  
deleitando os seus ouvidos.  
Renasceu num destino feliz, lá  
desfrutando os frutos das suas boas ações.  
Saboreando essa recompensa,

dotado com uma voz divina, aqui  
ele renasceu com uma língua muito grande.  
'E aquilo que ele disser terá muito impacto.  
Se for leigo, ele muito prosperará.  
Mas se esse homem abandonar o mundo,  
as pessoas levarão a sério as suas palavras,  
e muito se beneficiarão com tudo que ele disser.'"

2.25. "*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* rejeitou a linguagem frívola, ele se absteve da linguagem frívola. Ele falava na hora certa, dizia o que é fato, aquilo que é bom, falava de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele dizia palavras que são úteis, racionais, moderadas e que traziam benefício. Renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu esta marca de um Grande Homem: (22) Ele tem a mandíbula de um leão.

2.26. "Sendo dotado com essa marca, ... como um Monarca que gira a roda, ele não poderá ser vencido por nenhum inimigo ou oponente humano. Como um Buda, ele não poderá ser vencido por nenhum inimigo ou coisa hostil interna ou externa, pela cobiça, raiva ou delusão, por qualquer contemplativo ou *Brâmane, deva, Mara, Brahma* ou qualquer coisa no mundo." Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.27. Com relação a isso foi dito:

"Nenhuma conversa frívola ou tolice,  
fruto da distração.  
As coisas prejudiciais ele deixou de lado.  
Falando apenas pelo bem dos homens.  
E assim, ao falecer, o paraíso foi o seu destino  
para gozar o fruto das ações bem feitas.  
Renascendo aqui mais uma vez,  
com a mandíbula de um leão.  
'Ele será um rei invencível,  
senhor de homens, poderoso,  
como o Senhor do Trinta e Três,  
como o supremo dos *devas*,  
*gandhabbas, sakkas, asuras*  
em vão se esforçarão para derrotá-lo.  
Como leigo ele estará presente  
em todos os quadrantes do mundo.'"

2.28. "*Bhikkhus*, em qualquer vida passada ... o *Tathagata* rejeitou o modo de vida incorreto, viveu de acordo com o modo de vida correto, abstendo-se de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas, do suborno, burla e fraude. Ele se absteve de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar. Renascendo aqui no mundo humano, ele adquiriu estas duas marcas de um Grande Homem: (24) Os seus dentes são nivelados e (26) Os seus dentes são bem brancos.

2.29. “Sendo dotado com essas marcas, se ele viver a vida em família, ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo ... Como um Monarca que gira a roda, os seus súditos ... *Brâmanes* chefes de família ... serão puros.

2.30. “Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, ... Como um Buda, os seus discípulos ... *bhikkhus, bhikkhunis* ... serão puros.” Isso foi o que o Abençoado declarou.

2.31. Com relação a isso foi dito:

“O modo de vida incorreto ele abandonou  
e assumiu um modo puro e correto.  
As coisas prejudiciais foram deixadas de lado,  
agindo apenas pelo benefício de todos.  
O paraíso lhe trouxe doce recompensa  
pelas ações realizadas, as quais são elogiadas  
por aqueles que são hábeis e sábios:  
ele comparte das delícias e alegrias  
como o Senhor do Trinta e Três.  
Renascendo no mundo humano,  
como resíduo do fruto da virtude,  
os seus dentes são nivelados,  
puros e brancos também.  
Videntes reunidos então declararam,  
ele será o mais sábio da humanidade,  
e puros serão os discípulos,  
daquele cujos dentes nivelados brilham como penas.  
Como rei, os seus súditos o  
revenciarão ao seu comando.  
Não oprimidos pela força, eles se  
esforçarão pelo bem-estar e felicidade.  
Mas se ele viver como contemplativo,  
livre daquilo que é inábil, a sede saciada,  
removendo o véu; com a dor  
e a fadiga eliminadas, ele verá  
este mundo e o além, e lá ele verá  
leigos e renunciantes que se congregam  
para por de lado, como ele ensinou,  
aquelas coisas impuras e prejudiciais que ele censura.  
Assim, os seus discípulos são puros,  
pois ele elimina dos seus corações  
os estados inábeis e corruptos.”

## *31 Sigalovada Sutta*

Exortação para Sigala –  
O Código de Disciplina para a Pessoa Leiga

O código de disciplina para o chefe de família, descrito pelo Buda para o leigo Sigala

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava no Bambual, no Santuário dos Esquilos, próximo a Rajagaha. Agora naquela ocasião, o jovem Sigala, o filho de um chefe de família, tendo se levantado cedo pela manhã e partido de Rajagaha, estava com as roupas úmidas e o cabelo úmido, orando, com as mãos postas, para as várias direções – o Leste, o Sul, o Oeste, o Norte, o Nadir, e o Zênite.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Rajagaha para esmolar alimentos. Ao ver o jovem Sigala orando daquela forma para as várias direções, ele disse:

"Por que razão você, jovem chefe de família, tendo se levantado cedo pela manhã e partido de Rajagaha, está com as roupas úmidas e o cabelo úmido, orando, com as mãos postas, para as várias direções – o Leste, o Sul, o Oeste, o Norte, o Nadir, e o Zênite?"

"Meu pai, senhor, quando estava morrendo, me disse para fazer isso. E eu, senhor, respeitando, reverenciando e honrando a palavra do meu pai, levanto-me cedo pela manhã, parto de Rajagaha e oro, com as mãos postas, para essas seis direções."

"Mas, jovem chefe de família, essa não é a forma, que, de acordo com a disciplina dos nobres, as seis direções devem ser veneradas."

"Como então, senhor, devem, de acordo com a disciplina dos nobres, as seis direções ser veneradas? Seria bom, senhor, se o Abençoado me ensinasse a maneira apropriada para venerar as seis direções de acordo com a disciplina dos nobres."

"Então, jovem chefe de família, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer." – "Sim, senhor," ele respondeu. O Abençoado disse o seguinte::

3. "Jovem chefe de família, (1) erradicando os quatro vícios de conduta, (2) não cometendo nenhuma ação ruim e prejudicial com base em quatro causas, (3) não seguindo pelos seis caminhos para a dissipação da fortuna, é evitando essas catorze coisas ruins que um nobre discípulo cobre as seis direções, e através dessa prática conquista a vitória em ambos mundos: ele é favorecido neste mundo e no mundo vindouro e com a dissolução do corpo, após a morte, ele irá para um destino feliz, no paraíso.

(1) "Quais são os quatro vícios de conduta que ele erradicou? Destruir a vida, tomar aquilo que não for dado, conduta sexual ilícita e linguagem mentirosa. Esses são os quatro vícios que ele erradicou." Assim falou o Abençoado.

4. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

‘Matar e roubar, mentir,  
adultério, o sábio reprovava.

5. (2) "Quais são as quatro causas de ações ruins e prejudiciais que ele evita? As ações ruins e prejudiciais têm origem no desejo, têm origem na raiva, têm origem da ignorância, têm origem no medo. Se o nobre discípulo não agir com base no desejo, raiva, ignorância e medo, ele não fará o mal com base em nenhuma das quatro causas."

6. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

‘Desejo e raiva, medo e ignorância:  
quem transgride o Dhamma com base nisso,  
perde toda reputação  
tal como a lua no quarto minguante.

Desejo e raiva, medo e ignorância:  
quem nunca cede a isso  
cresce em retidão e reputação  
tal como a lua no quarto crescente.

7. (3) "Quais são os seis caminhos para dissipação da fortuna que ele não segue?"

- (a) entregar-se a substâncias embriagantes que causam a paixão cega e a negligência;
- (b) vaguear pelas ruas em horas inadequadas;
- (c) freqüentar espetáculos públicos;
- (d) entregar-se ao jogo;
- (e) associar-se a más companhias;
- (f) o hábito da indolência;

8. (a) "Existem esses seis perigos por entregar-se a substâncias embriagantes que causam a paixão cega e negligência:

- (i) perda de fortuna,
- (ii) aumento nas brigas,
- (iii) suscetibilidade à doença,
- (iv) ganhar uma má reputação,
- (v) exposição desavergonhada do corpo,
- (vi) enfraquecimento do intelecto.

9. (b) "Existem esses seis perigos por vaguear pelas ruas em horas inadequadas:

- (i) ele está desprotegido e desguardado,
- (ii) sua mulher e filhos estão desprotegidos e desguardados,
- (iii) seu patrimônio está desprotegido e desguardado,
- (iv) ele é suspeito de crimes,
- (v) ele é vítima de rumores falsos,
- (vi) ele enfrenta todo tipo de problemas.

10. (c) "Existem esses seis perigos por freqüentar espetáculos públicos:

"Ele sempre está pensando:

- (i) onde está a dança?
- (ii) onde estão cantando?
- (iii) onde está a música?
- (iv) onde está a recitação?
- (v) onde estão os tambores?
- (vi) onde estão batendo palmas?

11. (d) "Existem esses seis perigos por entregar-se ao jogo:

- (i) o ganhador cria inimigos
- (ii) o perdedor se angustia pela fortuna perdida,
- (iii) perda de patrimônio,
- (iv) a sua palavra não é confiável numa assembléia,
- (v) ele é desprezado por seus amigos e companheiros,
- (vi) ele não é procurado para matrimônio; pois as pessoas dizem que ele é um jogador e não está em condições de cuidar de uma esposa.

12. (e) "Existem esses seis perigos por associar-se a más companhias, ou seja: qualquer jogador, qualquer libertino, qualquer bêbado, qualquer trapaceiro, qualquer vigarista, qualquer brigão é o seu amigo e companheiro.

13. (f) "Existem esses seis perigos por ter o vício da indolência:

"Ele não faz nenhum trabalho, dizendo:

- (i) está extremamente frio,
- (ii) está extremamente quente,
- (iii) é muito tarde da noite,
- (iv) é muito cedo pela manhã,
- (v) que ele está extremamente faminto,
- (vi) que ele está demasiadamente satisfeito.

14. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

‘Alguns são companheiros na bebida, e alguns

professam amizade apenas na sua frente,  
alguns são amigos apenas  
quando lhes convém.

Deitar-se tarde, adultério,  
irascibilidade, malevolência,  
amizades ruins e avareza,  
essas seis coisas destroem um homem.

Ele que tem amigos malvados  
e se entrega às más ações,  
neste mundo e no próximo também  
esse homem irá sofrer.

Dados, mulheres, bebidas, dança,  
dormir durante o dia, vaguear em horas inadequadas,  
más companhias, avareza –  
essas nove causam a ruína de um homem.

Quem joga com os dados e bebe embriagantes  
procura mulheres que são queridas por outros  
como as suas próprias vidas,  
se associa com os malvados e não com os anciãos –  
ele declina tal como a lua durante o quarto minguante.

Quem é bêbado, pobre, destituído,  
ainda sedento enquanto bebe,  
freqüenta os bares, se afunda em dívidas  
como uma pedra na água,  
rapidamente traz má reputação para sua família.

Quem por hábito dorme durante o dia,  
fica desperto até altas horas da noite,  
está sempre embriagado, é licencioso,  
não está em condições para ter uma vida em família.

Quem diz está muito quente, muito frio, muito tarde,  
e deixa as coisas por fazer,  
as oportunidades para fazer o bem  
passam desapercibidas por tais homens.

Porém aquele que vê no frio ou no calor  
menos que num pedaço de capim,  
e que faz o que deve ser feito,  
não irá perder a felicidade."

15. "Esses quatro, jovem chefe de família, devem ser entendidos como inimigos disfarçados de amigos:

- (1) aquele que se apropria das posses de um amigo,
- (2) aquele que faz falsos elogios,
- (3) aquele que bajula,
- (4) aquele que traz a ruína.

16. (1) "De quatro formas, aquele que se apropria das posses deve ser entendido como um inimigo disfarçado como um amigo:

- (i) ele toma tudo,
- (ii) ele dá pouco e pede muito,
- (iii) ele faz as suas tarefas por medo,
- (iv) ele se associa para proveito próprio.

17. (2) "De quatro formas, aquele que faz falsos elogios deve ser entendido como um inimigo disfarçado de um amigo:

- (i) ele faz declarações amigáveis relativas ao passado,
- (ii) ele faz declarações amigáveis relativas ao futuro,
- (iii) ele tenta obter os favores de alguém através de palavras vazias,
- (iv) quando a oportunidade para fazer um serviço surge, ele expressa a sua inabilidade.

18. (3) "De quatro formas, aquele que bajula deve ser entendido como um inimigo disfarçado de um amigo:

- (i) ele aprova as más ações do seu amigo,
- (ii) ele desaprova as boas ações do seu amigo,
- (iii) ele o elogia apenas na sua presença,
- (iv) ele fala mal na sua ausência.

19. (4) "De quatro formas, aquele que traz a ruína deve ser entendido como um inimigo disfarçado de um amigo:

- (i) ele é um companheiro no entregar-se aos embriagantes que causam paixão cega e negligência,
- (ii) ele é um companheiro em vaguear pelas ruas em horas inadequadas,
- (iii) ele é um companheiro em freqüentar espetáculos públicos,
- (iv) ele é um companheiro em entregar-se ao jogo.

Assim falou o Abençoado.

20. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

O amigo que se apropria,  
o amigo que faz falsos elogios,  
o amigo que bajula,  
o amigo que traz a ruína,  
esses quatro o sábio observa como inimigos,  
evita-os à distância como caminhos do perigo.

21. "Esses quatro, jovem chefe de família, devem ser entendidos como amigos com bom coração:

- (1) ele oferece ajuda,
- (2) ele é o mesmo na alegria e na tristeza,
- (3) ele dá bons conselhos,
- (4) ele se compadece.

22. (1) "De quatro formas, aquele que oferece ajuda deve ser entendido como um amigo com bom coração:

- (i) ele cuida do negligente,
- (ii) ele protege a fortuna do negligente,
- (iii) ele se torna um refúgio quando você está em perigo,
- (iv) quando você tem compromissos ele lhe dá o dobro dos suprimentos necessários.

23. (2) "De quatro formas, aquele que é o mesmo na alegria e na tristeza deve ser entendido como um amigo com bom coração:

- (i) ele revela os próprios segredos
- (ii) ele guarda os segredos do outro,
- (iii) no infortúnio ele não abandona o outro,
- (iv) ele sacrifica a sua própria vida pelo bem do outro.

24. (3) "De quatro formas, aquele que dá bons conselhos deve ser entendido como um amigo com bom coração:

- (i) ele o refreia de fazer o mal,
- (ii) ele o encoraja a fazer o bem,
- (iii) ele o informa acerca daquilo que ele não sabe,
- (iv) ele aponta o caminho para o paraíso.

25. (4) "De quatro formas, aquele que se compadece deve ser entendido como um amigo com bom coração:

- (i) ele não se alegra com o seu infortúnio,
- (ii) ele se alegra com o seu sucesso,
- (iii) ele não permite que outros falem mal a seu respeito,

(iv) ele elogia aqueles que falam coisas boas a seu respeito."

Assim falou o Abençoado.

26. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

O amigo que oferece ajuda,  
o amigo na alegria e na tristeza,  
o amigo que dá bons conselhos,  
o amigo que se compadece -  
esses quatro tipos de amigos o sábio  
deve neles reconhecer o seu verdadeiro valor  
e guardá-los com cuidado no coração  
tal como uma mãe o seu próprio filho.

O nobre e virtuoso brilha como a chama de um fogo.  
Ele que obtém sua fortuna sem prejudicar aos outros  
como uma abelha que coleta o néctar,  
as riquezas para ele se acumulam  
como o rápido crescimento de um formigueiro.

Com a riqueza assim obtida o leigo pode  
dedicar-se ao bem dos seus,  
ele deve dividir a sua fortuna em quatro:  
(Isso irá trazer mais benefícios).

Uma porção ele usa para as suas necessidades,  
duas porções ele gasta no seu negócio,  
a quarta parte ele guarda para tempos difíceis.

27. "E como, jovem chefe de família, um nobre discípulo protege as seis direções?  
Essas seis coisas devem ser encaradas como as seis direções. A mãe e o pai devem  
ser encarados como o Leste, os mestres como o Sul, a mulher e filhos como o Oeste,  
os amigos e sócios como o Norte, os serviçais e empregados como o Nadir, os  
contemplativos e *Brâmanes* como o Zênite.

28. "De cinco formas um homem deve servir à sua mãe e ao seu pai como o Leste:

- (i) Tendo me dado sustento eu lhes darei sustento,
- (ii) Eu farei as suas tarefas,
- (iii) Eu mantereí a tradição da família,
- (iv) Eu me farei digno da minha herança,
- (v) além disso eu farei oferendas em honra dos meus pais quando eles se forem.

"De cinco formas, a mãe e o pai sendo assim servidos como o Leste pelo seu filho,  
irão retribuir:

- (i) eles o refreiam do mal,
- (ii) eles o encorajam a fazer o bem,
- (iii) eles o treinam em uma profissão,
- (iv) eles arranjam um casamento adequado,
- (v) no momento adequado eles lhe dão a sua herança.

Dessa forma o Leste está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo.

29. "De cinco formas um pupilo deve servir ao seu mestre como o Sul:

- (i) levantando-se do assento para saudá-lo,
- (ii) acompanhando-o,
- (iii) sendo atencioso,
- (iv) servindo-o,
- (v) obtendo proficiência naquilo que é ensinado.

"De cinco formas, o mestre sendo assim servido como o Sul pelo seu pupilo, irá retribuir:

- (i) ele o treina com instruções completas,
- (ii) ele faz com que aquilo que deve ser entendido, tenha sido entendido,
- (iii) ele o instrui em todas artes e ciências,
- (iv) ele o recomenda para os seus amigos e colegas,
- (v) ele proporciona segurança de todas as formas.

Dessa forma o Sul está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo.

30. "De cinco formas um esposo deve servir a esposa como o Oeste:

- (i) honrando-a,
- (ii) não depreciando-a,
- (iii) sendo-lhe fiel,
- (iv) dando-lhe autoridade,
- (v) dando-lhe ornamentos.

"De cinco formas, a esposa sendo assim servida como o Oeste pelo seu esposo, irá retribuir:

- (i) ela organiza o trabalho da forma adequada,
- (ii) ela é gentil com os criados
- (iii) ela é fiel,
- (iv) ela protege o que ele traz,
- (v) ela é habilidosa e diligente em tudo que faz.

Dessa forma o Oeste está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo

31. "De cinco formas um membro de um clã deve servir aos seus amigos e associados como o Norte:

- (i) com presentes,
- (ii) com palavras amáveis,
- (iii) cuidando do bem estar deles,
- (iv) sendo imparcial,
- (v) pela sinceridade.

"De cinco formas, os seus amigos e associados sendo assim servidos como o Norte pelo membro de um clã, irão retribuir:

- (i) eles o protegem quando ele está negligente,
- (ii) eles protegem o seu patrimônio quando ele está negligente,
- (iii) eles se tornam um refúgio quando ele está em perigo,
- (iv) eles não o abandonam nos seus problemas,
- (v) eles mostram consideração pela sua família.

Dessa forma o Norte está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo.

32. "De cinco formas um senhor deve cuidar dos seus serviçais e empregados como o Nadir:

- (i) dando-lhes trabalho de acordo com as suas habilidades,
- (ii) dando-lhes comida e pagamento,
- (iii) cuidando deles na doença,
- (iv) compartilhando iguarias com eles,
- (v) dando-lhes folga periodicamente.

"De cinco formas, os seus serviçais e empregados sendo assim servidos como o Nadir por um senhor, irão retribuir:

- (i) eles se levantam antes dele,
- (ii) eles vão dormir depois dele,
- (iii) eles somente tomam o que lhes é dado,
- (iv) eles realizam bem as suas tarefas,
- (v) eles preservam o seu bom nome e reputação.

Dessa forma o Nadir está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo.

33. "De cinco formas um chefe de família deve servir os contemplativos e *Brâmanes* como o Zênite:

- (i) com amor bondade através das ações,
- (ii) com amor bondade através das palavras,

- (iii) com amor bondade através dos pensamentos,
- (iv) por manter a sua casa aberta para eles,
- (v) satisfazendo as suas necessidades materiais.

"Os contemplativos e *Brâmanes* sendo assim servidos como o Zênite por um chefe de família, irão retribuir:

- (i) eles o refreiam de fazer o mal,
- (ii) eles o encorajam a fazer o bem,
- (iii) eles o amam com um coração benevolente,
- (iv) eles lhe ensinam aquilo que ele ainda não ouviu,
- (v) eles esclarecem o que ele já ouviu,
- (vi) eles indicam o caminho para os paraísos.

Dessa forma o Zênite está coberto, fazendo com que esteja em paz e livre do medo." Assim falou o Abençoado.

34. E tendo dito isso, o Mestre disse ainda mais:

A mãe e o pai são o Leste,  
os Mestres são o Sul,  
esposa e filhos são o Oeste,  
os amigos e associados são o Norte.

Serviçais e empregados são o Nadir,  
os contemplativos e *Brâmanes* são o Zênite;  
quem está preparado para conduzir a vida em família,  
essas seis direções deve venerar.

Quem é sábio e virtuoso,  
gentil e inteligente,  
humilde e livre do orgulho,  
alguém assim será honrado.

Quem é energético e não é indolente,  
no infortúnio inabalável,  
sem falhas na conduta, sagaz,  
alguém assim será honrado.

Quem é hospitaleiro e amistoso,  
acolhedor, um anfitrião sem avareza,  
um guia, um instrutor, um amigo,  
alguém assim será honrado.

Generosidade, linguagem doce,  
auxiliar os outros,

imparcialidade com todos,  
conforme for o caso.

Essas coisas fazem com que o mundo gire,  
como o eixo da roda em um veículo em movimento.  
Se isso não existisse no mundo,  
nem a mãe nem o pai receberiam,  
respeito e honra dos seus filhos.

Mas como essas qualidades são mantidas  
em grande apreço pelos sábios,  
elas recebem proeminência,  
e com razão são louvadas por todos.

Quando o Abençoado disse isso, Sigala, o jovem chefe de família, disse o seguinte:

"Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida."

### *32 Atanatiya Sutta*

Os Versos Protetores Atanata

Este *sutta* é um paritta, um composto de versos protetores

1. Assim ouvi. [cxv](#) Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha no Pico do Abutre. E os Quatro Grandes Reis, com um grande grupo de *yakkhas*, *gandhabbas*, *kumbhandas* e *nagas*, com a noite chegando ao seu fim, estabeleceram a guarda, a defesa e a vigilância sobre os quatro quadrantes e foram ver o Abençoado iluminando todo o pico do abutre com a sua luminosidade. Depois de cumprimentá-lo eles sentaram a um lado. Alguns *yakkhas* homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

2. Estando ali sentado, o Rei Vessavana disse para o Abençoado: "Venerável senhor, há *yakkhas* proeminentes que não têm fé no Abençoado e outros que têm fé; e da mesma forma há *yakkhas* com status intermediário e inferior que não têm fé no Abençoado e outros que têm fé. Mas, Venerável senhor, a maioria dos *yakkhas* não tem fé no Abençoado. Por que ocorre isso? O Abençoado ensina um código para abster-se de tirar a vida de outros seres, de tomar aquilo que não for dado, da conduta sexual imprópria, da linguagem mentirosa, do álcool, vinho e outros

embriagantes. Mas a maioria dos *yakkhas* não se abstém dessas coisas e se assim fizessem seria para eles desagradável e repugnante. Agora, Venerável senhor, há discípulos do Abençoado que habitam as clareiras remotas nas florestas, onde há pouco ruído e gritaria, distante da multidão enlouquecedora, distante das pessoas, apropriado para o retiro. E há *yakkhas* proeminentes que vivem nesses lugares, que não têm fé nas palavras do Abençoado. Para proporcionar segurança para esses discípulos, que o Abençoado aprenda os versos protetores *Atanata*, através dos quais *bhikkhus* e *bhikkhunis*, discípulos leigos e discípulas leigas podem permanecer guardados, protegidos, incólumes e tranquilos.” O Abençoado concordou em silêncio.

3. Então, o Rei Vessavana, percebendo que o Abençoado havia concordado, de imediato recitou estes versos protetores *Atanata*:

“Glória a Vipassi,  
Aquele que é esplêndido e com a visão poderosa.  
Glória também a Sikhi,  
compassivo com todos.  
Glória a Vessabhu,  
imerso em puro ascetismo.  
A Kakusandha também a glória,  
vitorioso sobre as hostes de *Mara*.  
Glória também a Konagamana,  
um perfeito *Brâmane*.  
Glória a Kassapa,  
libertado em todos os aspectos.  
Glória a Angirasa,  
o filho radiante dos *Sakyas*,  
mestre do Dhamma, ele  
que subjuga todo o sofrimento.  
E aqueles que deste mundo se libertaram,  
vendo a natureza das coisas,  
eles com a linguagem tão suave,  
poderosos e sábios também,  
para aquele que auxilia ambos, *devas* e humanos,  
Gotama eles louvam:  
treinado na sabedoria, na conduta também,  
poderoso e hábil também.

4. “O ponto de onde o sol nasce,  
filho de Aditya, num arco poderoso,  
cujo despertar dispersa e faz desaparecer  
a noite amortalhadora,  
de modo que com o sol nascente  
surge aquilo que as pessoas chamam Dia,  
lá também essa massa de água,

o inchaço profundo e poderoso do oceano,  
que os homens conhecem, e isso eles chamam  
Oceano ou o Mar Inchado.

Este quadrante é o Leste, ou Primeiro:  
assim denominado pelas pessoas.  
Esse quadrante é protegido por um rei,  
forte, poderoso e famoso é ele,  
senhor de todos os *gandhabbas*.  
Dhatarattha o seu nome,  
honrado pelos *gandhabbas*.  
Ele aprecia as suas canções e danças.  
Ele tem muitos filhos poderosos,  
oitenta, dez e um, dizem,  
e todos com o mesmo nome  
de Indra, senhor da força.  
E quando o Buda os fita,  
Buda, parente do Sol,  
à distância eles homenageiam  
ao Senhor da verdadeira sabedoria:  
'Saudações, oh homem de raça nobre!  
Saudações, oh primeiro entre os homens!  
Por bondade você nos fitou,  
e, embora não-humanos, nós o honramos!  
Freqüentemente perguntados, reverenciamos  
Gotama o Conquistador? -  
Nós respondemos: 'Nós reverenciamos  
Gotama, o grande Conquistador,  
treinado na sabedoria, na conduta também,  
Buda Gotama nós o saudamos!'"

5. "Onde habitam aqueles  
que os humanos chamam de *petas*  
de linguajar abusivo, difamador,  
homicidas e cobiçosos,  
ladrões e ardilosos trapaceiros,  
esse quadrante é o Sul, eles dizem:  
assim denominado pelas pessoas.  
Esse quadrante é protegido por um rei,  
forte, poderoso e famoso é ele,  
senhor dos *kumbhandas*,  
Virulhaka o seu nome.  
Honrado pelos *kumbhandas*,  
ele aprecia as suas canções e danças ...  
(continua como no 4).

6. "O ponto de onde o sol se põe,

filho de Aditya, num arco poderoso,  
cujo poente dá um fim ao dia  
e a noite, A Mortalha, dizem os homens,  
surge novamente substituindo o dia,  
lá também essa massa de água,  
o inchaço profundo e poderoso do oceano,  
os homens conhecem, e a isso eles chamam  
Oceano ou o Mar Inchado.  
Este quadrante é o Oeste, ou Último:  
assim denominado pelas pessoas.  
Esse quadrante é protegido por um rei,  
forte, poderoso e famoso é ele,  
senhor de todos os *gandhabbas*.  
Viropakkha o seu nome,  
honrado pelos *nagas*.  
Ele aprecia as suas canções e danças ...  
(continua igual ao 4).

7. “Ao norte onde se encontra a encantadora Kuru,  
sob o poderoso Neru,  
lá vivem homens, uma raça feliz,  
sem posses, sem esposas.  
Eles não precisam semear,  
nem precisam arar:  
por si mesmo o plantio madura  
e se apresenta para o consumo dos homens.  
Livre das cascas e do pó,  
de aroma doce, o arroz mais fino,  
cozinhando sobre fogões de pedra,  
esse é o alimento que eles apreciam.  
O boi a sua montaria,  
assim eles percorrem os campos.  
usando mulheres como montaria,  
assim eles percorrem os campos;  
usando homens como montaria,  
assim eles percorrem os campos;  
usando virgens como montaria,  
assim eles percorrem os campos;  
usando meninos como montaria,  
assim eles percorrem os campos.  
E assim, carregados por essas montarias,  
toda a região eles percorrem  
a serviço do seu rei.  
Elefantes eles montam e cavalos também,  
carroças adequadas para mercadorias eles também têm.  
Palanquins esplêndidos

para a comitiva real.  
Cidades eles também têm, bem construídas,  
ascendendo para os céus:  
Atanata, Kusinata,  
Parakusinata,  
Natapuriya,  
e Parakusitanata.  
Kapivanta ao norte,  
Janogha e outras cidades também,  
Navanavatiya, Ambara-  
Ambaravatiya  
Atakamanda, cidade real,  
mas onde Kuvera habita, o seu senhor  
é chamado Visana, donde o rei  
recebe o nome Vessavana.  
Aqueles que apóiam as suas missões são  
Tatola, Tattala,  
Tototala,  
Tejasi, Tatojasi,  
Sura, Raja, Arittha, Nemi.  
Há a poderosa água Dharani,  
fonte da chuva derramada pelas nuvens  
quando começa a estação das chuvas.  
Bhagalavati ali está, o salão  
que é o lugar de reunião dos *yakkhas*,  
à sua volta árvores frutíferas perenes  
cheias de muitos tipos de pássaros,  
onde pavões gritam e as garças piam,  
e o cuco convida gentilmente.  
O pássaro *jiva* que pia: 'Viva!'  
E aquele que canta: 'Alcem seus corações!'  
O faisão, *kuliraka*,  
o pássaro-da-floresta e o pássaro-do-arroz também,  
e o pássaro-mynah que imita os homens,  
e aquele cujo nome é 'pernas de pau.'  
E lá se encontra para sempre o belíssimo  
lago de Kuvera com as flores de lótus.  
Este quadrante é o Norte, dizem:  
assim denominado pelas pessoas.  
Esse quadrante é protegido por um rei,  
forte, poderoso e famoso é ele,  
senhor de todos os *yakkhas*.  
Kuvera o seu nome,  
honrado pelos *yakkhas*.  
Ele aprecia as suas canções e danças.  
Ele tem muitos filhos poderosos,

oitenta, dez e um, dizem,  
e todos com o mesmo nome  
de Indra, senhor da força.  
E quando o Buda os fita,  
Buda, parente do Sol,  
à distância eles homenageiam  
o Senhor da verdadeira sabedoria:  
'Saudamos o homem da raça nobre!  
Saudamos o primeiro entre os homens!  
Por bondade você nos fitou,  
e, embora não-humanos, nós o honramos!  
Freqüentemente perguntados, reverenciamos  
Gotama o Conquistador? -  
Nós respondemos: 'Nós reverenciamos  
Gotama, grande Conquistador,  
treinado na sabedoria, na conduta também,  
Buda Gotama nós o saudamos!'"

8. "Esses, Venerável senhor, são os versos protetores *Atanata*, através dos quais *bhikkhus* e *bhikkhunis*, discípulos leigos e discípulas leigas podem permanecer guardados, protegidos, incólumes e tranquilos. Se qualquer *bhikkhu* ou *bhikkhuni*, discípulo leigo ou discípula leiga aprender bem esses versos e soube-los de cor, então, se algum ser não-humano, *yakkha* masculino ou feminino ou prole de um *yakkha*, ou o serviçal principal ou criado dos *yakkhas*, ou qualquer *gandhabba* masculino ou feminino, ... *kumbhanda*, ... *naga*, ... se aproximar daquela pessoa com uma intenção hostil, enquanto ele ou ela estiver caminhando ou começando a caminhar, em pé ou começando a ficar em pé, sentada ou sentando-se, deitada ou deitando-se, esse ser não-humano não ganharia nenhuma honra ou respeito no vilarejo ou cidade. Um ser desses não obteria nenhum apoio ou moradia na minha cidade real Alakamanda, ele não seria admitido na assembléia dos *yakkhas*, nem seria ele aceitável em casamento. E todos os seres não-humanos, cheios de raiva, iriam subjugar-lo com abusos. E aí eles curvariam a sua cabeça como uma tigela vazia e depois partiriam o seu crânio em sete pedaços.

9. "Há, Venerável senhor, alguns seres não-humanos que são ferozes, selvagens e terríveis. Eles não dão atenção nem aos Quatro Grandes Reis, nem aos oficiais dele e tampouco aos serviçais dele. Dizem que eles estão em revolta contra os Grandes Reis. Tal qual os chefes dos bandidos que foram vencidos pelo Rei de Magadha não dão atenção a ele, nem aos oficiais dele e tampouco aos serviçais dele, da mesma forma eles se comportam. Agora, se algum *yakkha* ou prole de um *yakkha*, ... *gandhabba*, ... se aproximar de qualquer *bhikkhu* ou *bhikkhuni*, discípulo leigo ou discípula leiga ... com uma intenção hostil, essa pessoa deve alarmar, gritar e chamar aqueles *yakkhas*, os grandes *yakkhas*, os seus comandantes e comandantes em chefe, dizendo: 'Este *yakkha* me agarrou, me machucou, me feriu, me causou dano e não quer soltar de mim!'

10. “Quais são os *yakkhas*, os grandes *yakkhas*, os seus comandantes e comandantes em chefe? Eles são:

Inda, Soma, Varuna,  
Bharadvaja, Pajapati,  
Candana, Kamasetlha,  
Kinnughandu e Nighandu,  
Panada, Opamanna,  
*Devasuta*, Matali,  
Cittasena o *gandhabba*,  
Na1a, Raja, Janesabha,  
Satagira, Hemavata,  
Punnaka, Karatiya, Gula,  
Sivaka, Mucalinda também,  
Vessamitta, Yugandhara,  
Gopala, Suppagedha,  
Hiri, Netti e Mandiya,  
Pancalacanda, Alavaka,  
Pajunna, Sumana, Sumukha,  
Dadimukha, Mani também,  
Manicara, Digha  
E por fim, Serissaka.

Esse são os *yakkhas*, os grandes *yakkhas*, os seus comandantes e comandantes em chefe que devem ser chamados no caso de um ataque desses.

11. “Esses, Venerável senhor, são os versos protetores *Atanata*, através dos quais *bhikkhus* e *bhikkhunis*, discípulos leigos e discípulas leigas podem permanecer guardados, protegidos, incólumes e tranquilos. E agora, Venerável senhor, precisamos partir, estamos muito ocupados e temos muito que fazer.” - “Agora é o momento, Grandes Reis, façam como julgar adequado.”

Então, os Quatro Grandes Reis levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiram. E os *yakkhas* levantaram dos seus assentos e alguns depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiram, alguns trocaram saudações corteses com ele; alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação; alguns permaneceram em silêncio e todos eles partiram.

12. Então, quando a noite havia terminado, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* desta forma: “*Bhikkhus*, na noite passada, os Quatro Grandes Reis vieram ver o Abençoado (repete os versos 1-11).

13. “*Bhikkhus*, aprendam os versos protetores *Atanata*. *Bhikkhus*, obtenham proficiência nos versos protetores *Atanata*. *Bhikkhus*, lembrem-se dos versos protetores *Atanata*. Os versos protetores *Atanata* trazem benefício, através deles

*bhikkhus* e *bhikkhunis*, discípulos leigos homens e mulheres permanecerão guardados, protegidos, incólumes e tranqüilos.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

### 33 Sangiti Sutta

#### Recitando Juntos

O ensinamento do Buda sob a forma de listas para recitação

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava viajando em Malla com uma grande sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*. Chegando em Pava, a capital Malla, ele ficou no mangueiral do ferreiro Cunda.

1.2. Agora, naquela ocasião, um novo salão para assembléias, chamado Ubbhataka, havia sido construído recentemente para os Mallas de Pava e ele ainda não havia sido habitado de modo nenhum por nenhum contemplativo ou *Brâmane* ou ser humano. Tendo ouvido que o Abençoado estava no mangueiral de Cunda, os Mallas de Pava foram vê-lo. Depois de cumprimentá-lo eles sentaram a um lado e disseram: “Venerável senhor, um novo salão para assembléias, chamado Ubbhataka, foi recentemente construído para os Mallas de Pava e ele ainda não foi habitado de modo nenhum por nenhum contemplativo ou *Brâmane* ou ser humano. Venerável senhor, que o Abençoado seja o primeiro a usá-lo. Depois que o Abençoado tiver primeiro usado o salão, então, os Mallas de Pava irão usá-lo. Isso será para a felicidade e bem-estar deles por muito tempo.”

1.3. O Abençoado concordou em silêncio. Então, quando eles viram que ele havia concordado, eles se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, foram até o salão de assembléias. Eles cobriram o salão completamente com coberturas e prepararam assentos, e eles arranjaram um grande jarro com água e penduraram uma lamparina de azeite. Então, eles foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ficaram em pé a um lado e relataram o que haviam feito, acrescentando: “Agora é o momento para o Abençoado fazer aquilo que julgar adequado.”

1.4. Então, o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até o salão de assembléias. Ao chegar, ele lavou os pés e depois entrou no salão e sentou próximo à coluna central olhando para o leste. E os *bhikkhus* lavaram os pés e depois entraram no salão e sentaram na parede do lado oeste olhando para o leste, com o Abençoado à sua frente. E os Mallas de Pava lavaram os pés e entraram no salão e sentaram na parede do lado leste olhando para o oeste, com o Abençoado à sua frente. Então, o Abençoado, até tarde da noite, instruiu, motivou, estimulou e encorajou os Mallas de Pava com um discurso do

Dhamma. Então, ele os dispensou dizendo: “Vasetthas, a noite já terminou. Agora façam aquilo que julgarem adequado.” - “Muito bem, Venerável senhor,” os Mallas responderam. Então, os Mallas homenagearam o Abençoado e mantendo-o à sua direita, partiram.

1.5. Assim que os Mallas haviam partido o Abençoado inspecionando a comunidade de *bhikkhus* sentados em silêncio, disse para o Venerável Sariputta: “Os *bhikkhus* estão livres da preguiça e torpor, Sariputta. Sariputta, discursar o Dhamma para eles. As minhas costas estão me incomodando. Eu irei descansá-las.” - “Sim, Venerável senhor,” o Venerável Sariputta respondeu. Então, o Abençoado dobrou em quatro o seu manto feito de retalhos e deitou no seu lado direito, na postura do leão, com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na mente o horário para levantar.

1.6. Agora, naquela ocasião, o Nigantha Nataputta havia acabado de falecer em Pava. Com a sua morte os Niganthas se dividiram, partiram ao meio; envolvidos em rixas e brigas... (igual ao [DN 29.1](#)). Parecia que não havia nada além de um massacre entre os discípulos de Nigantha Nataputta. E os discípulos leigos, vestidos de branco, estavam desgostosos, consternados e desapontados com os discípulos de Nigantha Nataputta. E sentiam-se da mesma forma em relação ao Dhamma e Disciplina dele, que havia sido mal proclamado e mal exposto, que não conduzia à emancipação, não conduzia à paz, exposto por alguém que não era perfeitamente iluminado; agora eles estavam com o santuário quebrado, sem um refúgio.

1.7. E o Venerável Sariputta se dirigiu aos *bhikkhus*, referindo-se àquela situação, dizendo: “Tão mal proclamada era a sua doutrina e disciplina, tão mal exposta e tão ineficaz em conduzir à emancipação a paz, doutrina esta exposta por alguém que não era perfeitamente iluminado. Mas, amigos, este Dhamma foi bem proclamado pelo Abençoado, um *arahant*, Perfeitamente Iluminado. E assim nós deveríamos recitá-lo juntos [cxvi](#) sem dissensões, para que esta vida santa possa continuar e se manter durante muito tempo, pelo bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos. E qual é o Dhamma que foi bem proclamado pelo Abençoado ...?”

“Há uma coisa que foi perfeitamente proclamada pelo Abençoado que sabe e vê, o Buda Perfeitamente Iluminado. E assim nós deveríamos recitá-la juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

1.8. “Qual é essa uma coisa? (*eko dhammo*).

(1) “Todos os seres se mantêm por meio do alimento, (*aharatthitika*).

(2) “Todos os seres se mantêm por meio de condições, (*sankharatthitika*).

1.9. “Há [conjuntos de] duas coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... Quais são elas?”

- (1) “Mentalidade-materialidade (nome e forma), (*naman ca rupan ca*).
- (2) “Ignorância e desejo por ser/existir, (*avijja ca bhavatanha ca*).
- (3) “A idéia da existência e a idéia da não existência, (*bhava-ditthi ca vibhava-ditthi ca*).
- (4) “Ausência de vergonha de cometer transgressões e ausência de temor de cometer transgressões, (*ahirikan ca anottappan ca*).
- (5) “Vergonha de cometer transgressões e temor de cometer transgressões, (*hiri ca ottappan ca*).
- (6) “Rudeza e simpatia pelo prejudicial, (*dovacassata ca papamittata ca*).
- (7) “Gentileza e simpatia pelo benéfico, (*sovacassata ca kalyanamittata ca*).
- (8) “Habilidade de compreender as transgressões e os procedimentos para reabilitação, (*apatti-kusalata ca apatti-vutthana-kusalata ca*).
- (9) “Habilidade de entrar e sair dos *jhanas*, (*samapatti-kusalata ca samapatti-vutthana-kusalata ca*).
- (10) “Habilidade de compreender os dezoito elementos [cxvii](#) e habilidade para prestar atenção neles, (*dhatu-kusalata ca manasikara-kusalata ca*).
- (11) “Habilidade de compreender as doze bases dos sentidos, (*ayatana-kusalata*) e a origem dependente.
- (12) “Habilidade de compreender o que são causas e o que não são, (*thana-kusalata ca atthana-kusalata*).
- (13) “Honestidade e modéstia, (*ajjavan ca lajjavan ca*).
- (14) “Paciência e gentileza, (*khanti ca soraccan ca*).
- (15) “Linguagem gentil e cortesia, (*sakhalyan ca patisantharo ca*).
- (16) “Não crueldade e pureza, (*avihimsa ca soceyyan ca*).
- (17) “Falta de atenção plena e de plena consciência, (*muttha-saccan ca asampajannan ca*).
- (18) “Atenção plena e plena consciência, (*sati ca sampajannan ca*).
- (19) “Portas dos sentidos desguardadas e falta de contenção na alimentação, (*indriyesu aguttadvarata ca bhojane amattannuta ca*).
- (20) “Portas dos sentidos guardadas e contenção na alimentação, (... *guttadvairata ... mattannuta*).
- (21) “Poderes de reflexão e poderes de desenvolvimento mental, (*pati-sankhana-balan ca bhavana-balan ca*).
- (22) “Poderes de atenção plena e concentração, (*sati-balan ca samadhi-balan ca*).
- (23) “Tranqüilidade e insight, (*samatho ca vipassana ca*).
- (24) “O sinal da tranqüilidade e a apreensão do sinal, (*samatha-nimittan ca paggaha-nimittan ca*).
- (25) “Esforço e não distração, (*paggaho ca avikheppo ca*).
- (26) “Realização da virtude e realização do entendimento correto, (*silasampada ca ditthi-sampada ca*).
- (27) “Fracasso na realização da virtude e fracasso no entendimento, (*silavipatti ca ditthi-vipatti ca*).
- (28) “Purificação da virtude e purificação do entendimento, (*silavisuddhi ca ditthi-visuddhi ca*).
- (29) “Purificação do entendimento e o esforço para realizá-lo, (*ditthi-visuddhi kho pana yatha ditthissa ca padhanam*).

(30) “Ter um sentimento de urgência por aquilo que qualquer pessoa deveria ter, e o esforço sistemático de alguém que assim esteja motivado, (*samvego ca samvejaniyesu thanesu samviggassa ca yoniso padhanam*).

(31) “Não estar satisfeito apenas com ações benéficas e não se esquivar do esforço, (*asantutthita ca kusalesu dhammesu appati-vanita ca padhanasmim*).

(32) “Conhecimento e libertação, (*vijja ca vimutti ca*).

(33) “Conhecimento da destruição das impurezas e conhecimento da sua não-reparição, (*khaye ñanam anuppade ñanam*).

“Esses são os [conjuntos de] duas coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

1.10. “Há [conjuntos de] três coisas ... Quais são elas?

(1) “Três raízes inábeis e prejudiciais: cobiça, raiva, delusão, (*lobho akusala-mulam, doso akusala-mulam, moho akusala-mulam*).

(2) “Três raízes hábeis e benéficas: não-cobiça, não-raiva, não-delusão, (*alobho ...*).

(3) “Três tipos de conduta incorreta: através do corpo, linguagem e mente, (*kaya-duccaritam, vaca-duccaritam, mano-duccaritam*).

(4) “Três tipos de conduta correta: através do corpo, linguagem e mente, (*kaya-succaritam ...*).

(5) “Três tipos de pensamento inábil e prejudicial, (*akusala-vitakka*): sensual, má vontade, crueldade, (*kama-vitakko, vyapada-vitakko, vihimsa-vitakko*).

(6) “Três tipos de pensamento hábil e benéfico: renúncia, (*nekkhamma-vitakko*), boa vontade, não crueldade.

(7) “Três tipos de pensamento inábil e prejudicial, (*sankappa*): por meio do sensual, má vontade, crueldade.

(8) “Três tipos de pensamento hábil e benéfico: por meio da renúncia, boa vontade, não-crueldade.

(9) “Três tipos de percepção inábil e prejudicial, (*sañña*): do sensual, má vontade, crueldade.

(10) “Três tipos de percepção hábil e benéfica: da renúncia, boa vontade, não-crueldade.

(11) “Três elementos inábeis e prejudiciais, (*dhatuyo*): sensual, má vontade, crueldade.

(12) “Três elementos hábeis e benéficos: renúncia, boa vontade, não-crueldade.

(13) “Mais três elementos: o elemento desejo sensual, o elemento matéria sutil (ou com forma), o elemento imaterial (ou sem forma) (*kama-dhatu, rupa-dhatu, arupa-dhatu*).

(14) “Mais três elementos: o elemento matéria sutil, o elemento imaterial, o elemento cessação, (*rupa-dhatu, arupa-dhatu, nirodha-dhatu*).

(15) “Mais três elementos: o elemento inferior, o elemento médio, o elemento sublime, (*hina dhatu, majjhima dhatu, panita dhatu*).

(16) “Três tipos de desejo: desejo sensual, desejo por ser/existir, desejo por não ser/existir, (*kama-tanha, bhava-tanha, vibhava-tanha*).

- (17) “Mais três tipos de desejo: desejo pelo reino da esfera sensual, pelo reino da matéria sutil, pelo reino imaterial, (*kama-tanha, rupa-tanha, arupa-tanha*).
- (18) “Mais três tipos de desejo: pelo reino da matéria sutil, pelo reino imaterial, pela cessação, (igual ao (14)).
- (19) “Três grilhões, (*samyojanani*): idéia da existência de um eu, dúvida, apego a preceitos e rituais, (*sakkaya-ditthi, vicikiccha, silabbata-paramaso*).
- (20) “Três impurezas, (*asava*): desejo sensual, desejo por ser/existir, ignorância, (*kamasavo, bhavasavo, avijjasavo*).
- (21) “Três tipos de ser/existir: no reino da esfera sensual, no reino da matéria sutil, no reino imaterial, (*kama-bhavo, rupa-bhavo, arupa-bhavo*).
- (22) “Três buscas: por desejos sensuais, por ser/existir, pela vida santa, (*kamesana, bhavesana, Brahmacariyesana*).
- (23) “Três formas de presunção: ‘Eu sou superior a ...’, ‘Eu sou igual a ...’, ‘Eu sou inferior a ...’, (*“seyyo 'ham asmiti” vidha, “sadiso 'ham asmiti” vidha, “hino 'ham asmiti” vidha*).
- (24) “Três tempos: passado, futuro, presente, (*atito addha, anagato addha, paccuppanno addha*).
- (25) “Três ‘finais’, (*anta*): da identidade, da origem da identidade, da cessação da identidade, (*sakkaya anto, sakkaya-samudayo anto, sakkaya-nirodho anto*).
- (26) “Três sensações: prazerosa, desprazerosa, nem prazerosa, nem desprazerosa, (*sukha vedana dukkha vedana, adukkham-asukha vedana*).
- (27) “Três tipos de sofrimento: devido à dor, inerente às formações, devido à mudança, (*dukkha-dukkhata, sankhara-dukkhata, viparinama-dukkhata*).
- (28) “Três acumulações: ruim com resultado fixo; [cxviii](#) bom com resultado fixo; [cxix](#) indeterminado, (*micchatta-niyato rasi, sammatta-niyato rasi, aniyato-rasi*).
- (29) “Três obscurecimentos, (*tama*): hesitação, (*kankhati*), dúvida. (*vicikicchati*), indecisão, (*nadhimuccati*), incerteza, (*na sampasidati*), com relação ao passado, ao futuro e ao presente.
- (30) “Três coisas contra as quais um *Tathagata* não precisa se proteger: um *Tathagata* tem a conduta corporal, verbal e mental perfeitamente purificada, (*parisuddha-kaya-, -vaca-, -mano-samacaro*). Não há ação inábil com o corpo, linguagem ou mente que ele tenha que ocultar para que não seja do conhecimento dos outros.
- (31) “Três obstáculos: cobiça, raiva, delusão, (*rago kincanam, dosa kincanam, moho kincanam*).
- (32) “Três fogos: cobiça, raiva, delusão, (*ragaggi, dosaggi, mohaggi*).
- (33) “Mais três fogos: o fogo daqueles que devem ser reverenciados, do chefe de família, daqueles dignos de oferendas, (*ahuneyyaggi, gahapataggi, dakkhineyyaggi*).
- (34) “Classificação tríplice das formas: visível e resistente, invisível e resistente, invisível e não resistente, (*sanidassana-sappatigham rupam, anidassana-sappatigham rupam, anidassana-appatigham rupam*).
- (35) “Três tipos de formação de *kamma*: meritória, demeritória, imperturbável, (*punnabhisankharo, apunnabhisankharo, anenjabhisankharo*).
- (36) “Três pessoas: o treinando, além do treinamento, nenhum dos dois, (*sekho puggalo, asekho puggalo, n'eva sekho nasekho puggalo*).

- (37) “Três seniores: por idade, no Dhamma, por convenção, (*jati-thero, dhamma-thero, sammuti-thero*).
- (38) “Três fundamentos para o mérito: generosidade, virtude, meditação, (*danamayam punna-kiriya-vatthu, silamayam punna-kiriya-vatthu, bhavanamaya punna-kiriya-vatthu*).
- (39) “Três fundamentos para a censura: baseado no que foi visto, ouvido e suspeitado, (*ditthena, sutena, parisankaya*).
- (40) “Três tipos de renascimento no reino da esfera sensual, (*kamupapattiyo*): Há seres que desejam aquilo que se lhes apresenta, (*paccuppatthita-kama*), e que são aprisionados por esse desejo, tal qual os seres humanos, alguns *devas* e alguns nos estados miseráveis. Há seres que desejam aquilo que eles criaram, (*nimmita-kama*), ... tal qual os *devas* que se deliciam com a criação, (*Nimmanarati*). Há seres que se deliciam com a criação dos outros, ... tal qual os *devas* que exercem poder sobre a criação de outros, (*Paranimmita-vasavatti*).
- (41) “Três renascimentos felizes, (*sukhupapattiyo*): Há seres que, tendo produzido a felicidade de modo contínuo, agora permanecem com a felicidade, tal qual os *devas* do cortejo de *Brahma*. Há seres que transbordam felicidade, imersos na felicidade, cheios de felicidade, encharcados de felicidade, de modo que de tempos em tempos eles exclamam: “Oh! Que bem-aventurança!” assim são os *devas* do *Abhassara*. Há seres ... imersos na felicidade, que na bem-aventurança suprema, experimentam apenas a perfeita felicidade, assim são os *devas* do *Subhakinna*.
- (42) “Três tipos de sabedoria: do treinando, do além do treinamento, de nenhum dos dois (igual ao 36).
- (43) “Mais três tipos de sabedoria: baseada no estudo [audição], no pensamento, no desenvolvimento da mente [meditação], (*sutamaya-pañña, cintamaya-pañña, bhavanamaya-pañña*).
- (44) “Três armamentos, [cxx](#) (*avudhani*): aquilo que ele aprendeu, desapego, sabedoria, (*sutavudham, pavivekavudham, pañnavudham*).
- (45) “Três faculdades: saber que irá compreender aquilo que é desconhecido, do conhecimento superior, daquele que sabe, (*anannatam- nassamitindriyam, annindriyam, annata-v-indriyam*).
- (46) “Três olhos: o olho carnal, o olho divino, o olho da sabedoria, (*mamsa-cakkhu, dibba-cakkhu, pañña-cakkhu*).
- (47) “Três tipos de treinamento: virtude superior, mente superior, sabedoria superior, (*adhisila-sikkha, adhicitta-sikkha, adhipañña-sikkha*).
- (48) “Três tipos de desenvolvimento: corpo, mente, sabedoria, (*kaya-bhavana, citta-bhavana, pañña-bhavana*).
- (49) “Três insuperáveis: visão, prática, libertação, (*dassananuttariyam, patipadanuttariyam, vimuttanuttariyam*).
- (50) “Três tipos de concentração: com o pensamento aplicado e sustentado, com o pensamento sustentado sem o pensamento aplicado, sem nenhum dos dois, (*savitakko savicaro samadhi, avitakko vicara-matto samadhi, avitakko avicaro samadhi*).
- (51) “Mais três tipos de concentração: vacuidade, sem sinais, não dirigida, (*suññato samadhi, animitto samadhi, appanihito samadhi*).

- (52) “Três purezas: corpo, linguagem, mente, (*kaya-socceyyam, vaca-socceyyam, mano-socceyyam*).
- (53) “Três qualidades de um sábio: com relação ao corpo, linguagem e mente, (*kaya-moneyyam, vaca-moneyyam, mano-moneyyam*).
- (54) “Três habilidades: progredir, retroceder, meios hábeis, (*aya-kosallam, apaya-kosallam, upaya-kosallam*).
- (55) “Três tipos de embriaguez: com a saúde, com a juventude, com a vida, (*arogyamado, yobbana-mado, jivita-mado*).
- (56) “Três influências predominantes: da própria pessoa, do mundo, do Dhamma, (*attadhipateyyam, lokadhipateyyam, dhammadhipateyyam*).
- (57) “Três tópicos para discussão: sobre o passado: ‘Assim é como era’; sobre o futuro: ‘Assim é como será’; sobre o presente: ‘Assim é como é agora.’
- (58) “Três conhecimentos: das próprias vidas passadas, da morte e renascimento dos seres, da destruição das impurezas, (*pubbenivasanussati-ñanam vijja, sattanam cutupapate ñanam vijja, asavanam khaye ñanam vijja*).
- (59) “Três permanências: *devas, Brahma*, nobre, [cxi](#) (*dibbo viharo, brahma-viharo, ariyo viharo*).
- (60) “Três milagres: poderes espirituais, telepatia, ensinamentos, (*iddhipatihariyam, adesana-patihariyam, anusasani-patihariyam*).

“Esses são os [conjuntos de] três coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

#### 1.11. “Há [conjuntos de] quatro coisas ... Quais são elas?

- (1) “Quatro fundamentos da atenção plena: Aqui, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... mente como mente ... os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.
- (2) ‘Quatro esforços corretos, (*sammappadhana*): Aqui, um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo de abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram ... ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram ... gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça.
- (3) “Quatro bases do poder espiritual, (*iddhipada*): Aqui um *bhikkhu* desenvolve a base do poder espiritual que possui concentração devido ao desejo e às formações volitivas do esforço ... devido à energia ... devido à mente ...devido à investigação e às formações volitivas do esforço.
- (4) “Quatro *jhanas*: Aqui um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado

pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.' Com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

(5) "Quatro desenvolvimentos da concentração, (*samadhi-bhavana*). Há o desenvolvimento da concentração que, quando desenvolvida e cultivada, conduz (a) a uma permanência prazerosa aqui e agora, (*ditthadhamma-sukha*), (b) à realização do conhecimento e visão, (*ñana-dassana-patilabha*), (c) à atenção plena e plena consciência, (*sati-sampajanna*), (d) ao fim das impurezas, (*asavanam khaya*).

(6) "Quatro libertações imensuráveis. Aqui um *bhikkhu* com o coração pleno de amor bondade, permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo e em volta, e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão ... com a mente imbuída de alegria altruísta ... com a mente imbuída de equanimidade ... abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Isso é chamado de libertação imensurável da mente.

(7) "Quatro realizações imateriais. Aqui um *bhikkhu* com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o 'espaço é infinito,' ele entra e permanece na base do espaço infinito. Com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a 'consciência é infinita,' ele entra e permanece na base da consciência infinita. Com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que 'não há nada,' ele entra e permanece na base do nada. Com a completa superação da base do nada, ele entra e permanece na base da nem percepção, nem não-percepção.

(8) "Quatro controles, (*apassenani*): Aqui um *bhikkhu* avalia que uma coisa deve ser desenvolvida, uma coisa deve ser suportada, uma coisa deve ser evitada, uma coisa deve ser suprimida.

(9) "Quatro tradições dos nobres, (*ariya-vamsa*). Aqui um *bhikkhu* (a) está satisfeito com qualquer tecido para um manto. Ele enaltece o contentamento com qualquer tecido para um manto. Por causa do tecido para um manto ele não faz nada que seja inadequado ou não apropriado. Não obtendo o tecido ele não fica agitado. Obtendo o tecido, ele o utiliza sem gerar apego, desencantado, sem culpa, vendo as desvantagens (resultantes do apego) e discernindo como escapar dele. Por conta da sua satisfação com qualquer tecido para um manto, ele não exalta a si mesmo e nem menospreza os outros. Nisso ele é habilidoso, energético, alerta e plenamente

atento. Dessa forma, *bhikkhus*, se caracteriza um *bhikkhu* que se mantém firme nas antigas e originais tradições dos Nobres. Além disso, (b) ele está satisfeito com qualquer alimento esmolado ... Além disso, (c) ele está satisfeito com qualquer moradia ... Além disso, (d) ele encontra prazer e alegria no desenvolvimento (de qualidades mentais benéficas), encontra prazer e alegria no abandono (de qualidades mentais prejudiciais). Por conta do seu prazer e alegria no desenvolvimento e abandono, ele não exalta a si mesmo e nem menospreza os outros. Nisso ele é habilidoso, energético, alerta e plenamente atento. Dessa forma, *bhikkhus*, se caracteriza um *bhikkhu* que se mantém firme nas antigas e originais tradições dos Nobres.

(10) “Quatro esforços. O esforço de (a) contenção, (*samvara-padhanam*), (b) abandono, (*pahana-padhanam*), (c) desenvolvimento da mente, (*bhavana-padhanam*), (d) preservação, (*anurakkharana-padhanam*). Qual é (a) o esforço de contenção? Aqui um *bhikkhu* ao ver uma forma com o olho, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho (do mesmo modo com os sons, aromas, sabores, tangíveis e objetos mentais). Qual é (b) o esforço de abandono? Aqui um *bhikkhu* não aceita um pensamento sensual, de má vontade, de crueldade que tenha surgido, mas o abandona, dissipa, destrói, faz com que desapareça. Qual é (c) o esforço de desenvolvimento da mente? Aqui um *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da atenção plena, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Ele desenvolve o fator da iluminação da investigação dos fenômenos ... Ele desenvolve o fator da iluminação da energia ... Ele desenvolve o fator da iluminação do êxtase ... Ele desenvolve o fator da iluminação da tranquilidade ... Ele desenvolve o fator da iluminação da concentração ... Ele desenvolve o fator da iluminação da equanimidade, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Qual é (d) o esforço de preservação? Aqui um *bhikkhu* mantém com firmeza na sua mente um objeto de concentração favorável que tenha surgido, assim como a percepção de um esqueleto, ou a percepção de um cadáver cheio de vermes, a percepção de um cadáver lívido, a percepção de um cadáver supurando, a percepção de um cadáver fissurado, a percepção de um cadáver inchado.

(11) “Quatro conhecimentos: conhecimento do Dhamma, daquilo que está de acordo com ele, (*anvaye ñanam*), conhecimento da mente dos outros, (*paricce ñanam*), conhecimento convencional, (*sammuti-ñanam*).

(12) “Mais quatro conhecimentos: conhecimento do sofrimento, da sua origem, da sua cessação e do caminho.

(13) “Quatro fatores para entrar na correnteza, (*sotapattiyangani*), associar-se com pessoas verdadeiras, (*sappurisa-samseva*), ouvir o verdadeiro Dhamma, atenção com sabedoria, (*yoniso manasikara*), prática de acordo com o Dhamma, (*dhammanudhamma-patipatti*).

(14) “Quatro fatores daquele que entrou na correnteza: Aqui, o nobre discípulo possui convicção comprovada no Buda assim: ‘O Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-

aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ (b) Ele possui convicção comprovada no Dhamma assim: ‘O Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, visível no aqui e agora, com efeito imediato, que convida ao exame, que conduz para adiante, para ser experimentado pelos sábios por eles mesmos.’ (c) Ele possui convicção comprovada na Sangha assim: ‘A Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho, pratica o caminho reto, pratica o caminho verdadeiro, pratica o caminho adequado, isto é, os quatro pares de pessoas, os oito tipos de indivíduos; esta Sangha dos discípulos do Abençoado é merecedora de dádivas, merecedora de hospitalidade, merecedora de oferendas, merecedora de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo.’ (d) Ele possui as virtudes apreciadas pelos nobres – intactas, não-laceradas, imaculadas, não-matizadas, libertadoras, elogiadas pelos sábios, desapegadas, que conduzem à concentração.

(15) “Quatro frutos da vida contemplativa: os frutos de: entrar na correnteza, retornar uma vez, não retornar, *arahant*

(16) “Quatro elementos: o elemento terra, água, fogo, ar, (*pathavi-, apo-, tejo-, vayo-dhatu*).

(17) “Quatro alimentos, (*ahara*): o alimento comida, grosseira ou sutil, o contato como o segundo, a volição mental como o terceiro e a consciência como o quarto.

(18) “Quatro estações da consciência, (*viññana-tthitiyo*): A consciência se estabelece (a) em relação à materialidade (forma), com a materialidade (forma) como base e objeto, como um suporte, de modo semelhante com relação a (b) sensações, (c) percepções ou (d) formações mentais, e assim ela cresce, se expande e prospera.

(19) “Quatro modos de dar errado, (*agata-gamanani*): através do desejo, raiva, delusão e medo.

(20) “Quatro estímulos para o desejo: o desejo surge num *bhikkhu* devido aos mantos, comida esmolada, moradia, ser/existir e não ser/existir, (*iti- bhavabhava-hetu*).

(21) “Quatro tipos de progresso: (a) prática dolorosa com lenta sabedoria, (b) prática dolorosa com rápida sabedoria, (c) prática prazerosa com lenta sabedoria, (d) prática prazerosa com rápida sabedoria.

(22) “Mais quatro tipos de progresso: progresso com impaciência, (*akkhama patipada*), (b) progresso paciente, (*khama patipada*), (c) progresso controlado, (*dama patipada*), (d) progresso tranquilo, (*sama patipada*).

(23) “Quatro formas do Dhamma: (a) sem anseio, (b) sem inimizade, (c) com atenção plena correta, (d) com concentração correta.

(24) “Quatro modos de praticar o Dhamma: Há o modo que é (a) doloroso no presente e que traz resultados futuros dolorosos, (*dukkha-vipakam*), (b) doloroso no presente e que traz resultados futuros prazerosos, (*sukha-vipakam*), (c) prazeroso no presente e que traz resultados futuros dolorosos, e (d) prazeroso no presente e que traz resultados futuros prazerosos.

(25) “Quatro divisões do Dhamma: virtude, concentração, sabedoria, libertação.

(26) “Quatro poderes: energia, atenção plena, concentração, sabedoria.

(27) “Quatro tipos de determinação, (*adhitthanani*): [realizar] (a) sabedoria. (b) verdade, (*sacca*), (c) abrir mão, (*caga*), (d) tranquilidade, (*upasama*).

(28) “Quatro formas de responder perguntas: (a) resposta categórica, (*ekamsa-vyakaraniyo panho*), (b) que requer análise, (*vibhajja-vyakaraniyo panho*), (c) que requer uma contra pergunta, (*patipuccha-vyakaraniyo panho*), (d) para ser deixada de lado, (*thapaniyo panha*).

(29) “Quatro tipos de *kamma*: (a) escuro com um resultado sombrio, (*kanha-vipakam*), (b) claro com um resultado luminoso, (*sukka-vipakam*), (c) escuro e claro com um resultado sombrio e luminoso, (*kanha-sukka vipakam*), (d) nem escuro, nem claro, (*akanham-asukkam*), com um resultado nem sombrio, nem luminoso, conduzindo à destruição de *kamma*.

(30) “Quatro coisas para serem realizadas com a visão, (*sacchikaraniya dhamma*): (a) vidas passadas, realizada através da recordação, (*satiya*); (b) falecimento e renascimento, realizado através do olho divino, (c) as oito libertações, realizadas através do corpo mental, (*kayena*), (d) destruição das impurezas, realizada através da sabedoria.

(31) “Quatro torrentes, (*ogha*): sensual, ser/existir, idéias, ignorância.

(32) “Quatro jugos, (*yoga*) = (31)

(33) “Quatro libertações dos jugos, (*visamyoga*): do sensual, ser/existir, idéias, ignorância.

(34) “Quatro amarras, (*gantha*): a amarra do corpo, (*kaya-gantha*), anseio, (*abhijjha*), má vontade, (*vyapada*), apego a preceitos e rituais, (*silabbata-paramasa*), fanatismo dogmático, (*idam-sacca-bhinivesa*).

(35) “Quatro apegos, (*upadanani*): sensual, idéias, (*ditthi*), preceitos e rituais, (*silabbata-paramasa*), idéia de um eu, (*attavada*).

(36) “Quatro tipos de geração: num ovo, num ventre, na umidade, espontânea, (*opapatika-yoni*).

(37) “Quatro modos de estabelecimento no ventre: (a) ele se estabelece no ventre materno sem plena consciência, permanece sem plena consciência e sai sem plena consciência; (b) ele se estabelece no ventre materno com plena consciência, permanece sem plena consciência e sai sem plena consciência; (c) ele se estabelece no ventre materno com plena consciência, permanece com plena consciência e sai sem plena consciência; (d) ele se estabelece no ventre materno com plena consciência, permanece com plena consciência e sai com plena consciência.

(38) “Quatro modos de obter uma nova identidade, (*attabhava-patilabha*): Obtenção de uma identidade que é realizada por (a) própria volição, não de outrem, (b) a volição de outrem, não a própria, (c) ambos, (d) nenhum.

(39) “Quatro purificações das oferendas, (*dakkhina-visuddhiyo*): há a oferenda purificada (a) pelo doador mas não pelo receptor, (b) pelo receptor mas não pelo doador, (c) por nenhum dos dois, (d) por ambos.

(40) “Quatro bases para a simpatia, (*samgaha-vatthuni*): generosidade, linguagem agradável, conduta benéfica e imparcialidade.

(41) “Quatro tipos de linguagem não nobre: mentirosa, maliciosa, grosseira, frívola.

(42) “Quatro tipos de linguagem nobre: abster-se da linguagem mentirosa, abster-se da linguagem maliciosa, abster-se da linguagem grosseira, abster-se da linguagem frívola.

(43) “Mais quatro tipos de linguagem não nobre: reivindicar ter visto, ouvido, sentido, sabido aquilo que ele não viu, ouviu, sentiu ou soube.

- (44) “Mais quatro tipos de linguagem nobre: afirmar que não viu, não ouviu, não sentiu, não sabe aquilo que ele não viu, ouviu, sentiu ou sabe.
- (45) “Mais quatro tipos de linguagem não nobre: reivindicar não ter visto, ouvido, sentido, sabido aquilo que ele viu, ouviu, sentiu ou sabe.
- (46) “Mais quatro tipos de linguagem nobre: afirmar que viu, ouviu, sentiu, sabe aquilo que ele viu, ouviu, sentiu ou sabe.
- (47) “Quatro pessoas: Aqui uma pessoa (a) se tortura, (*attan-tapo hoti*), é dada a se torturar, (b) tortura os outros, (*paran-tapo hoti*),... (c) se tortura e tortura os outros, ... (d) não se tortura nem tortura os outros ... visto que não se tortura nem tortura os outros, ela está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo assim se tornado santa.
- (48) “Mais quatro pessoas: Aqui alguém beneficia (a) a si mesmo, mas não os outros, (b) os outros, mas não a si mesmo (c) nenhum, (d) ambos.
- (49) “Mais quatro pessoas: (a) vive nas trevas e se dirige para as trevas, (*tamo tamaparayana*), (c) vive nas trevas e se dirige para a luz, (*tamo jotiparayana*), (c) vive na luz e se dirige para as trevas, (d) vive na luz e se dirige para a luz.
- (50) “Mais quatro pessoas: (a) o contemplativo inabalável, (*samanam-acalo*), (b) o contemplativo “lótus azul” (c) o contemplativo “lótus branco”, (d) o contemplativo de perfeição sutil, (*samana-sukhumalo*). [cxxii](#)

“Esses são os [conjuntos de] quatro coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

### **[Fim da primeira recitação]**

#### 2.1. “Há [conjuntos de] cinco coisas ... Quais são elas?

- (1) “Cinco agregados: forma, sensação, percepção, formações mentais, consciência, (*rupa, vedana, sañña, sankhara, viññana*).
- (2) “Cinco agregados influenciados pelo apego, (*pancupadana-kkhandha*) (igual a (1))
- (3) “Cinco elementos do desejo sensual, (*panca kama-guna*): uma forma vista pelo olho, um som ouvido pelo ouvido, um aroma cheirado pelo nariz, um sabor saboreado pela língua, um tangível tocado pelo corpo como desejável, atraente, agradável, encantador, associado à cobiça e que desperta a paixão.
- (4) “Cinco destinos [após a morte], (*gatiyo*): inferno, (*nirayo*), mundo animal, (*tiracchana-yoni*), mundo dos fantasmas famintos, (*peta*), mundo humano, mundos dos *devas*.
- (5) “Cinco tipos de ressentimento, (*macchhariyani*): [cxxiii](#) com relação à moradia, famílias, ganhos, beleza, Dhamma.
- (6) “Cinco obstáculos: desejo sensual, (*kamacchanda*), má vontade, (*vyapada*), preguiça e torpor, (*thina-middha*), inquietação e ansiedade, (*uddhacca-kukkucca*), e dúvida, (*vicikiccha*).

(7) “Cinco primeiros grilhões, (ou cinco grilhões inferiores): idéia da existência de um eu, (identidade), (*sakkaya-ditthi*); dúvida, (*vicikiccha*); apego a preceitos e rituais, (*silabbata-paramasa*); desejo sensual, (*kama-raga*); má vontade, (*vyapada*).

(8) “Cinco grilhões superiores: desejo pela forma, (*rupa-raga*), desejo pelos fenômenos sem forma, (*arupa-raga*), presunção, (*mana*), inquietação, (*uddhacca*), e ignorância, (*avijja*).

(9) “Cinco preceitos de treinamento, (*sikkhapadani*): abster-se de tirar a vida de outros seres (*panatipata*), de tomar aquilo que não for dado (*adinadana*), da conduta sexual imprópria (*kamesu micchacara*), da linguagem mentirosa (*musavada*), do álcool, vinho e outros embriagantes, (*sura-meraya-majja-pamadatthana*).

(10) “Cinco coisas impossíveis: Um *arahant* (1) é incapaz de tirar a vida de um ser vivo de modo deliberado; (2) é incapaz de tomar aquilo que não for dado de modo a constituir um roubo (3) é incapaz de manter relações sexuais; (4) é incapaz de contar uma mentira deliberada; (5) é incapaz de armazenar coisas para o gozo sensual tal como fazia na vida em família.

(11) “Cinco tipos de perda, (*vyasanani*): parentes, riqueza, saúde, virtude, entendimento [correto]. Nenhum ser renascerá num destino ruim, no inferno ... após a morte, devido à perda de parentes, riqueza ou saúde; mas os seres renascem nesses estados devido à perda da virtude e a perda do entendimento correto.

(12) “Cinco tipos de ganho (*sampada*): parentes, riqueza, saúde, virtude, entendimento [correto]. Nenhum ser renascerá num destino feliz, no paraíso, após a morte, devido ao ganho de parentes, riqueza ou saúde; mas os seres renascem nesses estados devido ao ganho de virtude e ao ganho do entendimento correto.

(13) “Cinco perigos para o não-virtuoso devido à perda da virtude: (igual ao [DN 16.1.23](#)).

(14) “Cinco bênçãos para o virtuoso ao preservar a virtude: (igual ao [DN 16.1.24](#)).

(15) “Cinco pontos que um *bhikkhu* que quiser censurar outro deve ter em mente: (a) Eu falarei no momento apropriado, não no momento inapropriado, (b) Eu direi a verdade, não aquilo que é falso, (c) Eu falarei de modo gentil, não grosseiro, (d) Eu falarei em benefício dele, não em seu prejuízo, (e) Eu falarei com amor no meu coração, não com má vontade.

(16) “Cinco fatores para o esforço: Aqui um *bhikkhu* (a) tem fé, ele deposita fé na iluminação do *Tathagata*, assim : ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta ...’ (igual ao [DN 2.8](#)), (b) ele se vê livre de enfermidades e aflições, possuindo uma boa digestão que não é nem demasiado fria, nem demasiado quente, mas média e capaz de suportar a tensão do esforço, (c) ele é honesto e sincero e se mostra como ele na verdade é para o Mestre e os seus companheiros na vida santa, (d) ele é energético no abandono dos estados prejudiciais e no empenho pelos estados benéficos, decidido, dedica-se ao esforço com firmeza e persevera no cultivo de estados benéficos, (e) ele é sábio; possui a completa compreensão da origem e cessação, que é nobre e penetrante, conduzindo à completa destruição do sofrimento.

(17) “Cinco Moradas Puras, (*suddhavaśa*): *Aviha, Atappa, Sudassa, Sudassi, Akanittha*.

(18) “Cinco tipos daquele que não retorna, (*anagami*): *nibbana* é realizado no intervalo, *nibbana* é realizado ao pousar, *nibbana* é realizado sem esforço, *nibbana* é realizado com esforço, ele estará destinado a um plano superior, o plano *Akanittha*.

(19) “Cinco obstruções na Mente, (*cetokhila*): Aqui um *bhikkhu* tem dúvida, incerteza, indecisão e insegurança (a) com relação ao Mestre e dessa forma a mente dele não se inclina pelo ardor, devoção, perseverança e esforço ; (b) com relação ao Dhamma ... ; (c) com relação à Sangha ... ; (d) com relação ao treinamento ... ; (e) ele tem raiva e descontentamento em relação aos seus companheiros na vida santa, demonstrando-lhes ressentimento e insensibilidade e dessa forma a mente dele não se inclina pelo ardor, devoção, perseverança e esforço.

(20) “Cinco grilhões na mente, (*cetaso vinibandha*): Aqui um *bhikkhu* não está livre da paixão, desejo, afeição, sede, cobiça e ambição (a) pelos prazeres sensuais, e dessa forma a mente dele não se inclina pelo ardor, devoção, perseverança e esforço ; (b) pelo corpo (*kaye*), ... (c) pela forma (*rupe*), ... ou (d) ele come tanto quanto quiser, até que a sua barriga esteja cheia e se entrega aos prazeres do sono, indolência e cochilo; ou (e) vive a vida santa aspirando por algum plano divino assim: ‘Por esta virtude ou observância, ou ascetismo, ou vida santa, eu me tornarei um [grande] *deva* ou algum *deva* [menor], e desse modo a mente dele não se inclina pelo ardor, devoção, perseverança e esforço.

(21) “Cinco faculdades, (*indriyani*): a faculdade do olho, ouvido, nariz, língua, corpo.

(22) “Mais cinco faculdades: sensação de prazer, (*sukha*), dor, (*dukkha*), alegria (*somanassa*), tristeza (*domanassa*), sensação neutra (*upekha*).

(23) “Mais cinco faculdades: convicção (*saddha*), energia (*viriya*), atenção plena (*sati*), concentração (*samadhi*), sabedoria (*pañña*).

(24) “Cinco elementos que fazem a libertação, (*nissaraniya dhatuyo*): (a) Aqui quando um *bhikkhu* considera o desejo sensual, a sua mente não salta e busca gratificação nisso, não ganha confiança e firmeza e não se liberta nisso, mas quando ele considera a renúncia a sua mente salta e busca gratificação nisso, ganha confiança, firmeza e libertação. E o seu pensamento se estabelece com firmeza, bem desenvolvido, bem livre e desconectado do desejo sensual. E assim ele se liberta das impurezas, (*asava*), da paixão e da febre que surgem do desejo sensual e ele não sente aquela sensação [do sensual]. Isso é chamado de libertação do desejo sensual. E o mesmo se aplica a (b) má vontade, (c) crueldade (d) formas, (*rupa*), (e) identidade, (*sakkaya*).

(25) “Cinco bases para a libertação, (*vimuttayatanani*): Aqui, (a) o Mestre ou um respeitado *bhikkhu* na posição de um mestre, ensina o Dhamma para um *bhikkhu*. Mesmo enquanto o mestre lhe ensina o Dhamma, aquele *bhikkhu* experimenta o significado e o Dhamma. Com essa experiência surge nele a satisfação (*pamojja*), dessa satisfação surge o êxtase (*piti*), com o êxtase o corpo se acalma, com o corpo acalmado ele sente felicidade (*sukham*), como resultado, com essa felicidade, a mente se concentra (*samadhi*); (b) ele não ouviu dessa forma, mas no processo de ensinar o Dhamma aos outros ele experimenta o significado e o Dhamma ...; ou (c) ele recita o Dhamma ... ; ou (d) ele pondera, examina e investiga mentalmente o Dhamma, (*anupekkhati*) ... ; ou (e) ele está bem familiarizado com algum sinal da concentração, (*samadhi-nimittam*), considerou-o bem, investigou-o com a sua mente, (*supadharitam*), e penetrou-o corretamente com a sabedoria,

(*suppatividdham paññaya*). Com essa experiência surge nele a satisfação, dessa satisfação surge o êxtase, com o êxtase o corpo se acalma, com o corpo acalmado ele sente felicidade, como resultado, com essa felicidade, a mente se concentra.

(26) “Cinco percepções que amadurecem a libertação: a percepção da impermanência, (*anicca-sañña*), do sofrimento na impermanência, (*anicce dukkha-sañña*), da impessoalidade do sofrimento, (*dukkhe anatta-sañña*), do abandono, (*pahana-sañña*), do desapego, (*viraga-sañña*).

“Esses são os [conjuntos de] cinco coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

2.2. “Há [conjuntos de] seis coisas ... Quais são elas?

(1) “Seis bases dos sentidos internas, (*ajjhattikani ayatanani*): olho, ouvido, nariz, língua, corpo, mente.

(2) “Seis bases dos sentidos externas, (*bahirani ayatanani*): formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais.

(3) “Seis grupos de consciência, (*viññana-kaya*): consciência no olho, no ouvido, no nariz, na língua, no corpo, na mente.

(4) “Seis grupos de contato, (*phassa-kaya*): olho, ouvido, nariz, língua, corpo, mente.

(5) “Seis grupos de sensações, (*vedana-kaya*): sensação com base no contato no olho, (*cakkhu-samphassaja vedana*), no ouvido, no nariz, na língua, no corpo, na mente.

(6) “Seis grupos de percepções, (*sañña-kaya*): percepção das formas, dos sons, dos aromas, dos sabores, dos tangíveis, dos objetos mentais.

(7) “Seis grupos de volição, (*sancetana-kaya*): volição baseada nas formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais.

(8) “Seis grupos de desejo, (*tanha-kaya*): desejo por formas, sons, aromas, sabores, tangíveis, objetos mentais.

(9) “Seis tipos de desrespeito, (*agarava*): Aqui um *bhikkhu* se comporta de forma desrespeitosa e descortês em relação ao Mestre, ao Dhamma, à Sangha, ao treinamento, à diligência, (*appamade*), à hospitalidade, (*patisanthare*).

(10) “Seis tipos de respeito, (*garava*): Aqui um *bhikkhu* se comporta de forma respeitosa ... (igual ao 9).

(11) “Seis investigações prazerosas, (*somanassupavicara*): Quando ao ver uma forma com o olho, ouvir ..., cheirar ..., saborear ..., tocar ..., conscientizar um objeto mental com a mente, ele investiga um objeto correspondente produtor de prazer.

(12) “Seis investigações desprazerosas: (igual ao 11, mas produtor de desprazer).

(13) “Seis investigações indiferentes: (igual ao 11, mas produtor de equanimidade) (*upekha*).

(14) “Seis coisas que contribuem para a vida em comunidade, (*saraniya dhamma*): Enquanto os *bhikkhus* praticarem em público e em particular ações com amor bondade com a mente, corpo e linguagem para com os seus companheiros na vida santa, ... compartilhem o que quer que seja com os seus companheiros virtuosos na vida santa, sem fazer qualquer reserva, compartilhem com eles tudo que for ganho e

que tenha sido obtido de acordo com o Dhamma, incluindo até mesmo o conteúdo da tigela de alimentos, ... permanecerem, tanto em público como em particular, possuindo, juntamente com os seus companheiros da vida santa, aquelas virtudes que são inquebrantáveis, que não podem ser despedaçadas, manchadas, matizadas, que são libertadoras, recomendadas pelos sábios, que não são mal interpretadas e que conduzem à concentração, ... permanecerem, tanto em público como em particular, possuindo, juntamente com os seus companheiros da vida santa, aquele entendimento que é nobre, que emancipa e que conduz aquele que pratica de acordo com ele à completa destruição do sofrimento.

(15) “Seis causas para disputas, (*vivada-mulani*): Aqui (a) um *bhikkhu* tem raiva e má vontade, ele se comporta de forma desrespeitosa e descortês em relação ao Mestre, ao Dhamma, à Sangha, e não conclui o seu treinamento. Ele provoca disputas na Sangha que trazem tristeza e sofrimento para muitos, com conseqüências ruins, mal-estar e infelicidade para *devas* e humanos. Se, amigos, vocês descobrirem entre vocês ou entre os outros essas causas para as disputas, vocês devem se esforçar para eliminar essa causa. Se vocês não encontrarem essas causas..., então vocês devem se esforçar para evitar que elas surjam no futuro. Ou (b) um *bhikkhu* é dissimulador e trapaceiro ..., (c) um *bhikkhu* é invejoso e avarento ..., (d) um *bhikkhu* é insolente e desprezativo ..., (e) um *bhikkhu* está tomado por desejos ruins e idéias incorretas ..., (f) um *bhikkhu* é teimoso, arrogante e vaidoso. Se, amigos, vocês descobrirem entre vocês ou entre os outros essas causas para as disputas, vocês devem se esforçar para eliminar essa causa. Se vocês não encontrarem essas causas ..., então vocês devem se esforçar para evitar que elas surjam no futuro.

(16) “Seis elementos: água, terra, fogo, ar, espaço, (*akasa-dhatu*), consciência, (*viññana-dhatu*).

(17) “Seis elementos para a libertação, (*nissaraniya-dhatuyo*): Aqui um *bhikkhu* poderá dizer: (a) ‘Eu desenvolvi a libertação da mente, (*ceto-vimutti*) através do amor bondade, (*metta*), fiz dela o meu veículo, a minha base, estabilizei-a, me exercitei nela e a aperfeiçoei. Mas no entanto a má vontade ainda prende a minha mente.’ A resposta deveria ser: ‘Não! Não diga isso! Não deturpe o Abençoado; não é bom deturpar o Abençoado. O Abençoado não falaria dessa forma! As suas palavras não têm fundamento e são impossíveis. Se você desenvolver a libertação da mente através do amor bondade, a má vontade não terá oportunidade para envelopar a sua mente. Essa emancipação através do amor bondade é a cura para a má vontade.’ Ou (b) ele poderá dizer: ‘Eu desenvolvi a libertação da mente através da compaixão, (*karuna*), ... Mas no entanto a crueldade ainda prende a minha mente ...’ Ou (c) ele poderá dizer: ‘Eu desenvolvi a libertação da mente através da alegria altruísta, (*mudita*), ... Mas no entanto o descontentamento, (*arati*) ainda prende a minha mente ...’ Ou (d) ele poderá dizer: ‘Eu desenvolvi a libertação da mente através da equanimidade, (*upekha*), ... Mas no entanto a cobiça (*rago*) ainda prende a minha mente ...’ Ou (e) ele poderá dizer: ‘Eu desenvolvi a libertação da mente sem sinais, (*animitta ceto-vimutti*), ... Mas no entanto a minha mente ainda anseia por sinais, (*nimittanusari hoti*) ...’ Ou (f) ele poderá dizer: ‘A idéia “Eu sou” é repelente para mim, eu não dou atenção para a idéia: “Eu sou isso.” Mas no entanto dúvidas, incertezas e problemas ainda prendem a minha mente ...’ (A resposta em cada caso é similar a (a)).

(18) “Seis coisas insuperáveis, (*anuttariyani*): certas formas, coisas ouvidas, ganhos, treinamentos, formas de serviço, (*paricariyanuttariyam*), objetos de recordação.

(19) “Seis objetos de recordação, (*anussati-tthanani*): Buda, Dhamma, Sangha, virtude, renúncia, os *devas*.

(20) “Seis permanências estáveis, (*satata-vihara*): Ao ver uma forma com o olho, ... ouvir um som com o ouvido, ... cheirar um aroma com o nariz ..., tocar um tangível com o corpo ..., conscientizar um objeto mental com a mente, ele não fica nem satisfeito e tampouco insatisfeito, mas permanece equânime, com atenção plena e plena consciência.

(21) “Seis espécies, (*abhijatiyo*): Aqui, (a) alguém nascido em condições escuras vive uma vida escura, (b) alguém nascido em condições escuras vive uma vida luminosa, (c) alguém nascido em condições escuras realiza *nibbana*, que não é nem escuro tampouco luminoso, (d) alguém nascido em condições luminosas vive uma vida escura, (e) alguém nascido em condições luminosas vive uma vida luminosa (f) alguém nascido em condições luminosas realiza *nibbana*, que não é nem escuro tampouco luminoso.

(22) “Seis percepções que conduzem ao insight, (*nibbedha-bhagiya-sañña*): a percepção da impermanência, do sofrimento na impermanência, da impessoalidade do sofrimento, do abandono, do desapego (igual ao verso 2.1 (26)) e a percepção da cessação, (*nirodha-sañña*).

“Esses são os [conjuntos de] seis coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

### 2.3. “Há [conjuntos de] sete coisas ... Quais são elas?”

(1) “Sete tesouros nobres, (*ariya-dhanani*): convicção, virtude, vergonha de cometer transgressões, (*hiri*), temor de cometer transgressões, (*ottappa*), aprendizado (*suta*), generosidade (*caga*), sabedoria.

(2) “Sete fatores da iluminação, (*sambojjhanga*): atenção plena, investigação dos fenômenos, energia, êxtase, tranqüilidade, concentração, equanimidade.

(3) “Sete suportes da concentração: entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto e atenção plena correta.

(4) “Sete práticas incorretas, (*asaddhamma*): Aqui um *bhikkhu* não tem convicção, virtude, vergonha de cometer transgressões, temor de cometer transgressões, tem pouco aprendizado, é negligente, (*kusito*), desatento, (*mutthassati*), sem sabedoria.

(5) “Sete práticas corretas, (*saddhamma*): Aqui um *bhikkhu* tem convicção, virtude, vergonha de cometer transgressões, temor de cometer transgressões, tem muito aprendizado, despertou a energia, (*araddha-viriyo*), estabeleceu a atenção plena, (*upatthita-sati hoti*), possui sabedoria.

(6) “Sete qualidades de um homem verdadeiro (*sappurisa-dhamma*): Aqui um *bhikkhu* conhece o Dhamma, o significado, noção de si mesmo, moderação, noção do tempo, encontros sociais, diferenças entre os indivíduos.

(7) “Sete razões para admiração, (*niddasa-vatthuni*) Aqui um *bhikkhu* está entusiasmado com (a) o desenvolvimento do treinamento e quer persistir nisso, (b) o estudo do Dhamma a fundo, (c) o livrar-se dos desejos, (d) o ficar solitário, (e) o despertar da energia, (f) o desenvolvimento da atenção plena e do discernimento, (*sati-nepakke*), (g) o desenvolvimento do insight penetrante.

(8) “Sete percepções: percepção da impermanência, não-eu, repulsivo, (*asubhasañña*), perigos, abandono, desapego, cessação.

(9) “Sete poderes, (*balani*): convicção, energia, vergonha de cometer transgressões, temor de cometer transgressões, atenção plena, concentração, sabedoria.

(10) “Sete estações da consciência: Seres (a) diferentes no corpo e diferentes na percepção; (b) diferentes no corpo e iguais na percepção; (c) iguais no corpo e diferentes na percepção; (d) iguais no corpo e iguais na percepção; (e) que realizaram a base do espaço infinito; (f) ... da consciência infinita; (g) ... do nada (igual ao [DN 15.33](#)).

(11) “Sete pessoas dignas de oferendas: uma pessoa libertada de ambos os modos, libertada através da sabedoria, que toca com o corpo, com entendimento realizado, libertada pela fé, discípulo do Dhamma, discípulo pela fé (igual ao [DN 28.8](#)).

(12) “Sete obsessões, (*anusaya*): desejo sensual, aversão, idéias, dúvida, presunção, desejo por ser/existir, ignorância.

(13) “Sete grilhões, (*samyojanani*): condescendência, (*anunaya*), aversão (depois igual ao (12)).

(14) “Sete formas de resolver um litígio: (a) remoção do litígio por meio da confrontação, (b) por meio da memória, (c) devido à insanidade no passado, (d) confissão de uma transgressão, (e) opinião da maioria, (f) denunciar o mau caráter de alguém e (g) cobrir com capim.

“Esses são os [conjuntos de] sete coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

[Fim da segunda recitação

3.1. “Há [conjuntos de] oito coisas ... Quais são elas?

(1) “Oito fatores incorretos, (*micchatta*): entendimento incorreto ... (reverso do item (2) abaixo).

(2) “Oito fatores corretos, (*sammatta*): entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta.

(3) “Oito pessoas dignas de oferendas; aquele que entrou na correnteza e aquele que pratica para realizar o fruto de entrar na correnteza, aquele que retorna uma vez ..., aquele que não retorna ..., o *arahant* e aquele que pratica para realizar o fruto de *arahant*.

(4) “Oito razões para a preguiça, (*kustta-vatthuni*): Aqui um *bhikkhu* (a) tem algum trabalho a ser feito. O pensamento lhe ocorre: 'Eu terei que fazer este trabalho. Porém, quando tiver feito este trabalho, meu corpo estará cansado. Por que eu não

me deito? Então, ele se deita. Ele não faz esforço para alcançar o que ainda não foi alcançado, a realização do que ainda não foi realizado. Ou (b) ele fez algum trabalho. O pensamento lhe ocorre: 'Eu fiz algum trabalho. Agora que fiz o trabalho, meu corpo está cansado. Por que não me deito? Então ele se deita ... Ou (c) ele tem que fazer uma viagem. O pensamento lhe ocorre: 'Eu terei de fazer esta viagem. Porém, quando tiver feito a viagem, meu corpo estará cansado ...' Ou (d) ele foi viajar ... Ou (e) tendo ido esmolar alimentos num vilarejo ou cidade, ele não ganha tanta comida comum ou refinada quanto necessita para se satisfazer ... meu corpo está cansado e inadequado para o trabalho ...' Ou (f) tendo ido esmolar alimentos ... ele ganha tanta comida comum ou refinada quanto necessita para se satisfazer ... O pensamento lhe ocorre: 'Depois de esmolar alimentos ... meu corpo está pesado e inadequado para o trabalho, como se eu estivesse com muitos meses de gravidez ... Ou (g) ele está abatido por uma leve enfermidade, ... É necessário deitar ...' Ou (h) ele se recuperou de sua enfermidade, não muito depois de sua recuperação o pensamento lhe ocorre: 'Eu me recuperei da minha enfermidade. Não muito tempo depois da minha recuperação o meu corpo está fraco e inadequado para o trabalho. Por que não me deito? Então ele se deita. Ele não faz esforço para alcançar o que ainda não foi alcançado, atingir o que não foi atingido, realizar o que ainda não foi realizado.

(5) "Oito razões para o estímulo da energia, (*arabbha-vatthuni*): Aqui um *bhikkhu* (a) tem algum trabalho a ser feito. O pensamento lhe ocorre: 'Eu terei que fazer este trabalho. Porém, enquanto estiver fazendo esse trabalho, não será fácil ocupar-me com a mensagem do Buda. Porque não faço um esforço antecipado para alcançar o que ainda não foi alcançado, atingir o que não foi atingido, realizar o que ainda não foi realizado.' Ou (b) ele fez algum trabalho. O pensamento lhe ocorre: 'Eu fiz o trabalho. Enquanto fazia o trabalho, não pude ocupar-me com a mensagem do Buda. Porque não faço um esforço ...' Ou (c) ele tem que fazer uma viagem ... Ou (d) ele foi viajar, o pensamento lhe ocorre: 'Eu fui viajar. Enquanto viajava, não pude ocupar-me com a mensagem do Buda ...' Ou (e) tendo ido esmolar alimentos num vilarejo ou cidade, ele não ganha tanta comida comum ou refinada quanto necessita para se satisfazer ... O pensamento lhe ocorre ... Este meu corpo está leve e adequado para o trabalho ...' Ou (f) tendo ido esmolar alimentos ... ele ganha tanta comida comum ou refinada quanto necessita para se satisfazer ... O pensamento lhe ocorre: Porque não faço um esforço ...' Ou (g) ele está abatido por uma leve enfermidade ... O pensamento lhe ocorre: existe a possibilidade de que piore. Porque não faço um esforço...' Ou (h) ele se recuperou de sua enfermidade ... O pensamento lhe ocorre: existe a possibilidade de que a enfermidade retorne. Porque não faço um esforço antecipado para alcançar o que ainda não foi alcançado, atingir o que não foi atingido, realizar o que ainda não foi realizado.

(6) "Oito razões para a generosidade: Alguém dá (a) conforme a ocasião, (b) por medo, (c) pensando: 'Ele me deu algo', (d) pensando: 'Ele me dará algo', (e) pensando: 'Dar é bom', (f) pensando: 'Eu estou cozinhando, eles não estão. Não seria correto não dar algo para aqueles que não estão cozinhando', (g) pensando: 'Se eu der isso, obterei boa reputação', (h) para embelezar e preparar a mente.

(7) "Oito tipos de renascimento devido à generosidade: Aqui alguém dá para um contemplativo ou *Brâmane*, comida, bebida, roupas, um veículo, um ornamento, perfume e unguento, roupas de cama, moradia, uma lamparina, buscando seu

próprio benefício. Ele vê um nobre ou *Brâmane*, ou chefe de família rico desfrutando dos prazeres dos cinco sentidos e ele pensa: ‘Se pelo menos depois de morrer eu renascesse como uma dessas pessoas ricas!’ Ele coloca a sua mente nesse pensamento, fixa nisso e desenvolve isso. E esse pensamento tendo sido fixado num nível tão baixo e não tendo sido desenvolvido num nível superior, conduz a um renascimento exatamente ali. Mas eu digo isso de uma pessoa virtuosa, não de uma pessoa sem virtude. A aspiração mental de uma pessoa virtuosa tem eficácia devido à sua pureza. Ou (b) ele dá aquelas dádivas e tendo ouvido que os *devas* dos Quatro Grandes Reis vivem muito tempo, são belos e felizes, ele pensa: ‘Se eu pudesse renascer lá!’ Ou de modo semelhante ele aspira renascer nos paraísos dos (c) *devas* do Trinta e Três (d) *devas* do *Yama*, (e) *devas* do *Tusita*, (f) *devas* do *Nimmanarati*, (g) *devas* do *Paranimmita-vasavatti*. E esse pensamento conduz a um renascimento exatamente ali ... A aspiração mental de uma pessoa virtuosa tem eficácia devido à sua pureza. Ou (h) de modo semelhante ele aspira renascer no mundo de *Brahma* ... Mas eu digo isso de uma pessoa virtuosa, não de uma pessoa sem virtude, uma pessoa livre das paixões, não alguém ainda influenciado pelas paixões. A aspiração mental dessa pessoa virtuosa é realizada através da libertação das paixões. [cxxxiv](#)

(8) “Oito assembléias: a assembléia dos nobres, (*Khattiyas*), *Brâmanes*, chefes de família, contemplativos, *devas* dos Quatro Grandes Reis, do Trinta e Três, *Maras*, *Brahmas*, (igual ao [DN 16.3.21](#)).

(9) “Oito condições mundanas, (*loka-dhamma*): ganho e perda, elogio e crítica, fama e má reputação, alegria e tristeza.

(10) “Oito estágios: (a) percebendo a forma no interior, ele vê as formas no exterior, limitadas, bonitas ou feias; (b) igual a (a) porém ilimitadas; (c) não percebendo a forma no interior, ele vê as formas no exterior, limitadas...; (d) igual a (c) porém ilimitadas; não percebendo a forma no interior, ele percebe formas que são (e) azuis (f) amarelas, (g) vermelhas, (h) brancas (igual ao [DN 16.3.25-32](#)).

(11) “Oito libertações: (a) possuindo forma material, ele vê a forma; (b) não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior; (c) pensando; ‘É belo’, ele se decide por aquilo; ele entra (d) na base do espaço infinito; (e) ... na base da consciência infinita; (f) ... na base do nada; (g) ... na base da nem percepção, nem não percepção; (h) ... na cessação da percepção e sensação (igual ao [DN 15.35](#)).

“Esses são os [conjuntos de] oito coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos.

### 3.2. “Há [conjuntos de] nove coisas ... Quais são elas?”

(1) “Nove causas da hostilidade, (*aghata-vatthuni*): A hostilidade é provocada pelo pensamento: (a) ‘Ele me feriu’, (b) ‘Ele está me ferindo’, (c) ‘Ele irá me ferir’, (d)-(f) ‘Ele feriu, está ferindo ou irá ferir alguém que me é querido e simpático’, (g)-(i) ‘Ele fez, está fazendo, irá fazer um favor para alguém a quem não quero e que me é antipático.’

(2) “Nove formas para superar a hostilidade, (*aghata-pativinaya*): A hostilidade é superada com o pensamento: (a)-(i) ‘Ele me feriu ...’ (igual a (1)). ‘Que benefício teria [em abrigar hostilidade]?’

(3) “Nove permanências dos seres: Seres (a) diferentes no corpo e diferentes na percepção; (b) diferentes no corpo e iguais na percepção; (c) iguais no corpo e diferentes na percepção; (d) iguais no corpo e iguais na percepção; (e) que realizaram a base do espaço infinito; (f) .... da consciência infinita; (g) ... do nada (igual ao [DN 15.33](#)).

(4) “Nove épocas desafortunadas, inoportunas para viver a vida santa, (*akkhana asamaya brahmacariya-vasaya*): (a) Um *Tathagata* surgiu no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado, e o Dhamma que conduz à paz e *nibbana* é ensinado, conduzindo à iluminação ensinada pelo Abençoado, mas essa pessoa nasce no inferno, (*nirayam*), (b) ... entre os animais, (c) .... entre os *petas*, (d) ... entre os *asuras*, (e) ... num mundo dos *devas* com vida longa ou (f) ele nasce nas regiões fronteiriças entre os bárbaros tolos onde os *bhikkhus* e *bhikkhunis* ou discípulos leigos não podem chegar, ou (g) ele nasce na região certa mas ele tem entendimento incorreto e a visão distorcida, pensando: ‘Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo *Brâmanes* nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo’; ou (h)... ele nasce na região certa mas não tem sabedoria e é estúpido, ou é surdo e mudo e não é capaz de dizer se algo foi bem dito ou dito de modo incorreto; ou então ... (i) um *Tathagata* não surgiu ... e essa pessoa nasce no lugar certo e é inteligente, não é estúpida, não é surda ou muda, e é bem capaz de distinguir se algo foi bem dito ou dito de modo incorreto.

(5) “Nove permanências sucessivas: os *jhanas* e as bases do espaço infinito, consciência infinita, nada, nem percepção, nem não-percepção, cessação da percepção e cessação da sensação.

(6) “Nove cessações sucessivas, (*anupubba-nirodha*): Alcançando o primeiro *jhana*, as percepções do sensual, (*kama-sañña*) cessam; alcançando o segundo *jhana*, o pensamento aplicado e sustentado cessam; alcançando o terceiro *jhana*, o êxtase, (*piti*) cessa; alcançando o quarto *jhana*, a inspiração e a expiração cessam; alcançando a base do espaço infinito, a percepção das formas cessa; alcançando a base da consciência infinita, a percepção da base do espaço infinito cessa; alcançando a base do nada, a percepção da base da consciência infinita cessa; alcançando a base da nem percepção, nem não percepção, a percepção da base do nada cessa; alcançando a cessação da percepção e sensação, a percepção e a sensação cessam.

“Esses são os [conjuntos de] nove coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado ... E assim nós deveríamos recitá-las juntos ... pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos

3.3. “Há [conjuntos de] dez coisas ... Quais são elas?

(1) “Dez coisas que proporcionam proteção, (*natha-karana-dhamma*): Aqui um *bhikkhu* (a) é virtuoso, ele permanece contido de acordo com as regras do *Patimokkha*, perfeito na conduta e na sua esfera de atividades. Temendo a menor falha, ele treina adotando os preceitos de virtude; (b) ouviu muito, reteve o que ouviu, memorizou o que ouviu. Todo o ensinamento que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final, com o correto significado e fraseado e que revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada: esses ensinamentos ele ouviu com frequência, memorizou, se recorda, discutiu, investigou com a sua mente e penetrou corretamente com o entendimento; (c) é um amigo, companheiro e íntimo das pessoas boas; (d) é afável, gentil e paciente, ágil na compreensão dos ensinamentos; (e) qualquer tarefa que tenha de ser feita para os seus companheiros *bhikkhus*, ele demonstra habilidade; ele não é relaxado, emprega a perspicácia na sua execução e é habil no planejamento e na realização; (f) ama o Dhamma e se delicia em ouvi-lo, ele tem uma afeição especial pelo Dhamma superior e pela Disciplina superior, (*abhidhamme abhivinaye*); (g) está satisfeito com qualquer tipo de: mantos, comida esmolada, moradia, medicamentos; (h) sempre se esforça em estimular a energia para livrar-se dos estados inábeis, para estabelecer estados hábeis, infatigável e energético na manutenção desses bons estados, nunca se esquivando da sua tarefa; (i) tem atenção plena com grande capacidade para se recordar com clareza de coisas ditas e feitas há muito tempo; (j) é sábio, com sábia percepção da origem e cessação, a percepção nobre que conduz à completa destruição do sofrimento.

(2) “Dez objetos para alcançar a absorção, (*kasīnāyatanaṇi*): Ele percebe uma *kasīna* da terra, uma *kasīna* da água, uma *kasīna* do fogo, uma *kasīna* do ar, uma *kasīna* azul, uma *kasīna* amarela, uma *kasīna* vermelha, uma *kasīna* branca, a *kasīna* do espaço, a *kasīna* da consciência; acima, abaixo e em todos os lados, inteira e ilimitada.

(3) “Dez tipos de conduta inábil, (*akusala-kammaṭṭhā*): tirar a vida de outros seres, tomar aquilo que não é dado, conduta sexual imprópria, linguagem mentirosa, linguagem maliciosa, linguagem grosseira, linguagem frívola, cobiça, má vontade, entendimento incorreto.

(4) “Dez tipos de conduta hábil: abster-se de tirar a vida ... (e assim por diante, igual ao (3) acima).

(5) “Dez nobres inclinações, (*ariya-vasa*): Aqui um *bhikkhu* (a) eliminou cinco fatores, (b) possui seis fatores, (c) estabeleceu uma guarda, (d) observa os quatro apoios, (e) eliminou crenças, (f) abandonou por completo as buscas, (g) tem motivação pura, (h) tranqüilizou o corpo mental (i) está com a mente bem libertada (j) e está com a mente libertada através da sabedoria. (a) Como ele eliminou cinco fatores? Aqui, ele eliminou o desejo sensual, a má vontade, a preguiça e o torpor, a inquietação e a ansiedade, e a dúvida; (b) quais seis fatores ele possui? Ao ver uma forma com o olho, ... ouvir um som com o ouvido, ... cheirar um aroma com o nariz ..., tocar um tangível com o corpo ..., conscientizar um objeto mental com a mente, ele não fica nem satisfeito e nem insatisfeito, mas permanece equânime, com atenção plena e plena consciência; (c) como ele estabeleceu uma guarda? Guardando a sua mente com a atenção plena; (d) quais são os quatro apoios? Ele julga que uma coisa deve ser desenvolvida, uma coisa agüentada, uma coisa evitada, uma coisa suprimida (igual ao verso 1.11 (8)); (e) como ele eliminou as crenças? Quaisquer

crenças que a maioria dos contemplativos e *Brâmanes* possuía, ele as dispensou, abandonou, rejeitou, largou; (f) como ele abandonou por completo as buscas? Ele abandonou por completo as buscas pelos prazeres sensuais, pelo renascimento, pela vida santa; (g) como ele tem motivação pura? Ele abandonou os pensamentos do sensual, má vontade, crueldade; (h) como ele tranqüilizou o corpo mental? Com o completo desaparecimento da felicidade, ele entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas; (i) como ele está com a mente bem libertada? Ele está libertado dos pensamentos de cobiça, raiva e delusão; (j) como ele está com a mente libertada através da sabedoria? Ele compreende: ‘Em mim a cobiça, raiva e delusão foram abandonadas, cortadas pela raiz, feitas como com um tronco de palmeira, eliminadas de modo que não estarão mais sujeitas a um futuro surgimento.’

(6) “Dez qualidades daquele que está além do treinamento, (*asekha*): O entendimento correto daquele que está além do treinamento, pensamento correto ..., linguagem correta ..., ação correta ..., modo de vida correto ..., esforço correto ..., atenção plena correta ..., concentração correta ..., conhecimento correto ..., e a libertação correta daquele que está além do treinamento.

“Esses são os [conjuntos de] dez coisas que foram perfeitamente proclamadas pelo Abençoado que sabe e vê, o Buda perfeitamente iluminado. E assim nós deveríamos recitá-las juntos sem dissensões, para que esta vida santa possa continuar e se manter durante muito tempo, pelo bem-estar e felicidade de muitos, com compaixão pelo mundo, pelo bem, pelo bem-estar e felicidade de *devas* e humanos

3.4. Então, o Abençoado se levantou e disse para o Venerável Sariputta: “Muito bem, Sariputta! Você de fato proclamou muito bem o modo pelo qual os *bhikkhus* devem recitar juntos!”

Isso foi o que disse o Venerável Sariputta, confirmado pelo Mestre. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Venerável Sariputta.

## 34 *Dasuttara Sutta*

### Década Expandida

Material semelhante ao DN 33 organizado sob dez títulos

1.1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Campa às margens do lago Gaggara com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*. Então, o Venerável Sariputta se dirigiu aos *bhikkhus*: “Amigos *bhikkhus*!” - “Amigo!” os *bhikkhus* responderam. E o Venerável Sariputta disse:

“Em grupos crescentes de um a dez ensinarei o Dhamma para a realização de *nibbana*, para que vocês dêem um fim ao sofrimento,

e se libertem de todos os grilhões que aprisionam.

1.2. “Amigos, há (1) uma coisa que ajuda muito, (*bahukaro*), (2) uma coisa que deve ser desenvolvida, (*bhavetabbo*), (3) uma coisa para ser compreendida completamente, (*parinneyyo*), (4) uma coisa que deve ser abandonada, (*pahatabbo*), (5) uma coisa que conduz ao declínio, (*hana-bhagiyo*), (6) uma coisa que conduz à distinção, (*visesa-bhagiyo*), (7) uma coisa difícil de ser penetrada, (*duppativijho*), (8) uma coisa que se deve fazer surgir, (*uppadetabbo*), (9) uma coisa para ser compreendida diretamente, (*abhinneyyo*), e (10) uma coisa para ser realizada, (*sacchikatabbo*).

(1) “Qual é a uma coisa que ajuda muito? A diligência em relação aos estados hábeis, (*appamado kusalesu dhammesu*).

(2) “Qual é a uma coisa que deve ser desenvolvida? A atenção plena no corpo acompanhada pelo prazer, (*kaya-gata sati sata-sahagata*).

(3) “Qual é a uma coisa para ser compreendida completamente? O contato como condição para as impurezas e o apego, (*phasso sasavo upadaniyo*).

(4) “Qual é a uma coisa que deve ser abandonada? A presunção “eu sou”, (*asmimana*).

(5) “Qual é a uma coisa que conduz ao declínio? A atenção sem sabedoria, (*ayoniso manasikaro*).

(6) “Qual é a uma coisa que conduz à distinção? A atenção com sabedoria, (*yoniso manasikaro*).

(7) “Qual é a uma coisa difícil de ser penetrada? A concentração mental sem interrupções, (*anantariko ceto-samadhi*).

(8) “Qual é a uma coisa que se deve fazer surgir? O conhecimento inabalável, (*akuppam ñanam*).

(9) “Qual é a uma coisa para ser compreendida diretamente? Todos os seres se mantêm por meio do alimento.

(10) “Qual é a uma coisa para ser compreendida? A libertação da mente inabalável, (*akuppa ceto-vimutti*).

“Essas perfazem as únicas dez coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

1.3. “Duas coisas que ajudam muito, duas coisas que devem ser desenvolvidas ...((1)-(10) igual acima).

(1) “Quais são as duas coisas que ajudam muito? Atenção plena e a plena consciência

(2) “Quais são as duas coisas que devem ser desenvolvidas? Tranqüilidade e insight

(3) “Quais são as duas coisas para serem compreendidas completamente?

Mentalidade e materialidade (nome e forma)

(4) “Quais são as duas coisas que devem ser abandonadas? Ignorância e desejo por ser/existir

(5) “Quais são as duas coisas que conduzem ao declínio? Rudeza e amizade pelo ruim.

(6) “Quais são as duas coisas que conduzem à distinção? Gentileza e amizade pelo bom.

(7) “Quais são as duas coisas difíceis de serem penetradas? Aquilo que é a raiz, a condição para a contaminação dos seres e aquilo que é a raiz, a condição para a purificação dos seres.

(8) “Quais são as duas coisas que se deve fazer surgir? O conhecimento da destruição das impurezas e da sua não reparação.

(9) “Quais são as duas coisas que devem ser compreendidas diretamente? Dois elementos, o condicionado e o incondicionado.

(10) “Quais são as duas coisas para serem compreendidas? Conhecimento e libertação.

“Essas perfazem as únicas vinte coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

#### 1.4. “Três coisas que ajudam muito, três coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as três coisas que ajudam muito? Associar-se com pessoas verdadeiras, ouvir o verdadeiro Dhamma, praticar de acordo com o Dhamma.

(2) “Quais são as três coisas que devem ser desenvolvidas? Três tipos de concentração.

(3) “Quais são as três coisas para serem compreendidas completamente? Três sensações.

(4) “Quais são as três coisas que devem ser abandonadas? Três tipos de desejo.

(5) “Quais são as três coisas que conduzem ao declínio? Três raízes inábeis e prejudiciais.

(6) “Quais são as três coisas que conduzem à distinção? Três raízes hábeis e benéficas.

(7) “Quais são as três coisas difíceis de serem penetradas? Três elementos que conduzem à escapatória: (a) libertação do sensual, isto é, a renúncia, (b) libertação das formas materiais, isto é, o sem forma, (c) qualquer coisa que tenha surgido é condicionada, surge na dependência de condições – a libertação disso é a cessação.

(8) “Quais são as três coisas que se deve fazer surgir? Três conhecimentos do passado, futuro e presente.

(9) “Quais são as três coisas para serem compreendidas diretamente? Três elementos.

(10) “Quais são as três coisas para serem compreendidas? Três conhecimentos.

“Essas perfazem as únicas trinta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

#### 1.5. “Quatro coisas que ajudam muito, quatro coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as quatro coisas que ajudam muito? Quatro “rodas” (*cakkani*) [cxxxv](#): (a) um local de residência favorável, (b) associar-se com pessoas verdadeiras, (c) correto desenvolvimento da própria identidade, (d) ações meritórias no passado.

- (2) “Quais são as quatro coisas que devem ser desenvolvidas? Quatro fundamentos da atenção plena.
- (3) “Quais são as quatro coisas para serem compreendidas completamente? Quatro alimentos.
- (4) “Quais são as quatro coisas que devem ser abandonadas? Quatro torrentes.
- (5) “Quais são as quatro coisas que conduzem ao declínio? Quatro jugos.
- (6) “Quais são as quatro coisas que conduzem à distinção? Quatro libertações dos jugos.
- (7) “Quais são as quatro coisas difíceis de serem penetradas? Quatro concentrações: (a) que conduz ao inferior, (b) que conduz à imobilidade, (c) que conduz à distinção, (d) que conduz à penetração.
- (8) “Quais são as quatro coisas que se deve fazer surgir? Quatro conhecimentos.
- (9) “Quais são as quatro coisas para serem compreendidas diretamente? Quatro Nobres Verdades.
- (10) “Quais são as quatro coisas para serem compreendidas? Quatro frutos da vida contemplativa.

“Essas perfazem as únicas quarenta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

#### 1.6. “Cinco coisas que ajudam muito, cinco coisas que devem ser desenvolvidas ...

- (1) “Quais são as cinco coisas que ajudam muito? Cinco fatores para o esforço.
- (2) “Quais são as cinco coisas que devem ser desenvolvidas? Cinco concentrações perfeitas: (a) plena de êxtase, (b) plena de felicidade, (c) plena de volição, (d) plena de luz, (e) o sinal para a reflexão.
- (3) “Quais são as cinco coisas para serem compreendidas completamente? Cinco agregados influenciados pelo apego.
- (4) “Quais são as cinco coisas que devem ser abandonadas? Cinco obstáculos.
- (5) “Quais são as cinco coisas que conduzem ao declínio? Cinco obstruções na mente.
- (6) “Quais são as cinco coisas que conduzem à distinção? Cinco faculdades.
- (7) “Quais são as cinco coisas difíceis de serem penetradas? Cinco elementos que fazem a libertação.
- (8) “Quais são as cinco coisas que devem ser feitas surgir? Cinco conhecimentos da concentração correta: o conhecimento que surge em alguém: (a) ‘Esta concentração é ambos, felicidade no presente e produtora de felicidade resultante no futuro’, (b) ‘Esta concentração é nobre e livre da mundanalidade’, (c) ‘Esta concentração não é praticada pelos homens falsos’, (d) ‘Esta concentração é tranqüila e perfeita, tendo realizado a tranquilização, tendo realizado a unificação, ela não é estimulada, não pode ser negada ou impedida’, (e) ‘Eu mesmo alcanço essa concentração através da atenção plena e saio dela com atenção plena.’
- (9) “Quais são as cinco coisas para serem compreendidas diretamente? Cinco bases para a libertação.
- (10) “Quais são as cinco coisas para serem compreendidas? Quatro divisões do Dhamma mais conhecimento e visão da libertação.

“Essas perfazem as únicas cinqüenta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

1.7. “Seis coisas que ajudam muito, seis coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as seis coisas que ajudam muito? Seis coisas para serem lembradas.

(2) “Quais são as seis coisas que devem ser desenvolvidas? Seis objetos de recordação.

(3) “Quais são as seis coisas para serem compreendidas completamente? Seis bases dos sentidos internas.

(4) “Quais são as seis coisas que devem ser abandonadas? Seis tipos de desejo.

(5) “Quais são as seis coisas que conduzem ao declínio? Seis tipos de desrespeito.

(6) “Quais são as seis coisas que conduzem à distinção? Seis tipos de respeito.

(7) “Quais são as seis coisas difíceis de serem penetradas? Seis elementos para a libertação.

(8) “Quais são as seis coisas que se deve fazer surgir? Seis permanências estáveis.

(9) “Quais são as seis coisas para serem compreendidas diretamente? Seis coisas insuperáveis.

(10) “Quais são as seis coisas para serem compreendidas? Seis conhecimentos supra-humanos: Aqui, um *bhikkhu* dirige e inclina a sua mente e desfruta de vários poderes supra-humanos: (a) Tendo sido um, ele se torna vários; (b) Com o elemento do ouvido divino; (c) Ele compreende as mentes de outros seres; (d) Ele se recorda das suas muitas vidas passadas; (e) Por meio do olho divino; (f) Ele permanece num estado livre de impurezas com a libertação da mente e a libertação através da sabedoria, tendo conhecido e manifestado isso para si mesmo no aqui e agora.

“Essas perfazem as únicas sessenta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

1.8. “Sete coisas que ajudam muito, sete coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as sete coisas que ajudam muito? Sete tesouros.

(2) “Quais são as sete coisas que devem ser desenvolvidas? Sete fatores da iluminação.

(3) “Quais são as sete coisas para serem compreendidas completamente? Sete estações da consciência.

(4) “Quais são as sete coisas que devem ser abandonadas? Sete obsessões.

(5) “Quais são as sete coisas que conduzem ao declínio? Sete práticas incorretas.

(6) “Quais são as sete coisas que conduzem à distinção? Sete práticas corretas.

(7) “Quais são as sete coisas difíceis de serem penetradas? Sete qualidades de um homem verdadeiro.

(8) “Quais são as sete coisas que se deve fazer surgir? Sete percepções.

(9) “Quais são as sete coisas para serem compreendidas diretamente? Sete razões para admiração.

(10) “Quais são as sete coisas para serem compreendidas? Sete poderes de um *arahant*. Aqui, para um *bhikkhu* que destruiu as impurezas, (a) a impermanência de todas as coisas condicionadas é bem vista, como na verdade é, através do perfeito insight. Esse é um modo através do qual ele reconhece que as impurezas foram destruídas; (b) ... os desejos sensuais são bem vistos, como uma cova cheia de carvões em brasa ...; (c)... a sua mente se dirige e inclina para o desapego, tende para o desapego e o desapego é o seu objeto; regozijando-se com a renúncia, a sua mente é totalmente não receptiva a todas as coisas que fazem parte das impurezas ...; (d) ... os quatro fundamentos da atenção plena foram bem e corretamente desenvolvidos ...; (e)... as cinco faculdades foram bem desenvolvidas ...; (f) ... os sete fatores da iluminação foram bem desenvolvidos ... ; (g) o Nobre Caminho Óctuplo foi bem e corretamente desenvolvido ...Esses são os poderes através dos quais ele reconhece que as impurezas foram destruídas.

“Essas perfazem as únicas setenta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

### **[Fim da primeira recitação]**

2.1. “Oito coisas que ajudam muito, oito coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as oito coisas que ajudam muito? Oito causas, oito condições conduzem para a sabedoria dos fundamentos da vida santa, para alcançar aquilo que ainda não foi alcançado e para aumentar, expandir e desenvolver aquilo que foi alcançado. Aqui, (a) ele vive próximo ao Mestre ou de um companheiro na vida santa com o status de um mestre, ele estabeleceu um forte senso de vergonha e temor de cometer transgressões, com amor e veneração ... Nessa situação (b) de tempos em tempos ele procura o seu mestre e o questiona e pergunta: ‘Como é isto, Venerável senhor? Qual o significado disto?’ Assim os veneráveis mestres podem revelar o que não foi revelado, esclarecer o que não está claro ou remover as obscuridades que fazem surgir a dúvida. (c) Depois, tendo ouvido o Dhamma, ele alcança o afastamento, com a mente e o corpo. (d) Além disso, um *bhikkhu* é virtuoso, ele vive contido de acordo com as regras do *Patimokkha*, perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha, ele treina adotando os preceitos de virtude. Igualmente, (e) um *bhikkhu*, tendo aprendido muito, memoriza e se recorda daquilo que aprendeu e todas aquelas coisas que são admiráveis no início, admiráveis no meio, admiráveis no final, com o significado e fraseado corretos, revelando uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada; ele memoriza, se recorda e penetra o que aprendeu através da sabedoria. Novamente, (f) um *bhikkhu*, tendo estimulado a energia, continua dissipando os estados inábeis, esforçando-se com firmeza e força e não deixando de lado aquilo que é hábil. Novamente, (g) um *bhikkhu* tem atenção plena, com a atenção plena suprema e plena consciência, lembrando e memorizando aquilo que foi feito ou dito no passado. Da mesma maneira, (h) um *bhikkhu* contempla continuamente a origem e a cessação dos cinco agregados influenciados pelo apego, pensando: ‘Assim é a forma material, essa é a sua origem e essa é a sua cessação; assim é a sensação, ...; assim é a percepção, ... ;

assim são as formações mentais, ... ; assim é a consciência, essa é a sua origem e essa é a sua cessação.’

(2) “Quais são as oito coisas que devem ser desenvolvidas? O Nobre Caminho Óctuplo: Entendimento Correto ... Concentração Correta.

(3) “Quais são as oito coisas para serem compreendidas completamente? Oito condições mundanas.

(4) “Quais são as oito coisas que devem ser abandonadas? Oito fatores incorretos.

(5) “Quais são as oito coisas que conduzem ao declínio? Oito razões para a preguiça.

(6) “Quais são as oito coisas que conduzem à distinção? Oito razões para o estímulo da energia.

(7) “Quais são as oito coisas difíceis de serem penetradas? Oito ocasiões desafortunadas, inoportunas para viver a vida santa.

(8) “Quais são as oito coisas que se deve fazer surgir? Oito pensamentos de um homem superior: ‘Este Dhamma é (a) para aquele que é modesto, não para aquele que quer o auto-engrandecimento; (b) para aquele que está satisfeito, não para aquele que está insatisfeito; (c) para aquele que é isolado, não para aquele que é enredado; (d) para aquele cuja energia está estimulada, não para aquele que é preguiçoso; (e) para aquele cuja atenção plena está estabelecida, não para aquele cuja atenção plena é confusa; (f) para aquele cuja mente está concentrada, não para aquele cuja mente é desconcentrada; (g) para aquele dotado de sabedoria, não para aquele cuja sabedoria é fraca; (h) para aquele que desfruta da não-proliferação [conceitual], que se delicia com a não-proliferação, não para aquele que desfruta e se delicia com a proliferação.

(9) “Quais são as oito coisas para serem compreendidas diretamente? Oito estágios.

(10) “Quais são as oito coisas para serem realizadas? Oito libertações.

“Essas perfazem as únicas oitenta coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

2.2. “Nove coisas que ajudam muito, nove coisas que devem ser desenvolvidas ...

(1) “Quais são as nove coisas que ajudam muito? Nove condições com raiz na atenção com sabedoria: Quando um *bhikkhu* pratica a atenção com sabedoria, (a) a satisfação surge nele e (b) estando satisfeito, o êxtase surge e (c) sentindo o êxtase o corpo é acalmado e (d) como resultado do corpo calmo ele sente felicidade e (e) com a felicidade, a sua mente fica concentrada e (f) com a sua mente assim concentrada, ele compreende e vê as coisas como na verdade elas são; (g) vendo e compreendendo as coisas como elas na verdade são, ele se desencanta; (h) desencantado ele se desapega e (i) através do desapego ele é libertado.

(2) “Quais são as nove coisas que devem ser desenvolvidas? Nove fatores do esforço para a perfeita purificação: (a) o fator do esforço para a purificação da virtude, (b) ... para a purificação da mente, (c) ... para a purificação do entendimento, (d) ... para a purificação da superação da dúvida, (e) ... para a purificação do conhecimento e visão do que é o caminho e do que não é o caminho, (f) ... para a purificação do conhecimento e visão da prática, (g) ... para a purificação do conhecimento e visão, (h) ... para a purificação da sabedoria, (i) ... para a purificação da libertação.

- (3) “Quais são as nove coisas para serem compreendidas completamente? Nove permanências dos seres.
- (4) “Quais são as nove coisas que devem ser abandonadas? Nove coisas com raiz no desejo: busca, ... ganho, ... decisão, ... desejo e cobiça, ... apego, ... posse, ... mesquinha, ... salvaguarda, e devido à salvaguarda, muitos fenômenos ruins e prejudiciais surgem – tomar clavas e armas, conflitos, brigas e disputas, linguagem ofensiva, difamação e falsidades.
- (5) “Quais são as nove coisas que conduzem ao declínio? Nove causas da hostilidade.
- (6) “Quais são as nove coisas que conduzem à distinção? Nove formas para superar a hostilidade.
- (7) “Quais são as nove coisas difíceis de serem penetradas? Nove diferenças: Devido à variação do elemento há diversos contatos; em virtude dos diversos contatos, há sensações diversas; devido a diversas sensações, há percepções diversas; devido a diversas percepções, há pensamentos diversos; devido a pensamentos diversos, há diversas aspirações; devido às aspirações diversas, há paixões diversas; devido às paixões diversas, há buscas diversas; devido à diversidade de buscas, há diversidade naquilo que é ganho.
- (8) “Quais são as nove coisas que devem ser feitas surgir? Nove percepções: daquilo que é repulsivo, da morte, das impurezas no alimento, da insatisfação no mundo todo, da impermanência, do sofrimento na impermanência, da impessoalidade no sofrimento, do abandono, do desapego.
- (9) “Quais são as nove coisas para serem compreendidas diretamente? Nove permanências sucessivas.
- (10) “Quais são as nove coisas para serem compreendidas? Nove cessações sucessivas.

“Essas perfazem as únicas noventa coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

2.3. “Dez coisas que ajudam muito, (2) dez coisas que devem ser desenvolvidas, (3) dez coisas para serem compreendidas completamente, (4) dez coisas que devem ser abandonadas, (5) dez coisas que conduzem ao declínio, (6) dez coisas que conduzem à distinção, (7) dez coisas difíceis de serem penetradas, (8) dez coisas que devem ser feitas surgir, (9) dez coisas para serem compreendidas diretamente, e (10) dez coisas para serem realizadas.

- (1) “Quais são as dez coisas que ajudam muito? Dez coisas que proporcionam proteção.
- (2) “Quais são as dez coisas que devem ser desenvolvidas? Dez objetos para alcançar a absorção.
- (3) “Quais são as dez coisas para serem compreendidas completamente? Dez bases dos sentidos: olho e forma, ouvido e som, nariz e aroma, língua e sabor, corpo e objeto tangível.
- (4) “Quais são as dez coisas que devem ser abandonadas? Oito fatores incorretos mais o conhecimento incorreto e libertação incorreta.
- (5) “Quais são as dez coisas que conduzem ao declínio? Dez tipos de conduta inábil.

- (6) “Quais são as dez coisas que conduzem à distinção? Dez tipos de conduta hábil.
- (7) “Quais são as dez coisas difíceis de serem penetradas? Dez nobres inclinações.
- (8) “Quais são as dez coisas que se deve fazer surgir? Nove percepções, (igual ao verso 2.2 (8) acima) mais a percepção da cessação.
- (9) “Quais são as dez coisas para serem compreendidas diretamente? Dez causas para a destruição: Através do entendimento correto o entendimento incorreto é destruído e quaisquer estados que surjam tendo o entendimento incorreto como condição também são destruídos. E através do entendimento correto muitos estados hábeis são desenvolvidos e aperfeiçoados. Através do pensamento correto o pensamento incorreto é destruído ... Através da linguagem correta a linguagem incorreta é destruída ... Através da ação correta a ação incorreta é destruída ... Através do modo de vida correto o modo de vida incorreto é destruído ... Através do esforço correto o esforço incorreto é destruído ... Através da atenção plena correta a atenção plena incorreta é destruída ... Através da concentração correta a concentração incorreta é destruída ... Através do conhecimento correto [9] o conhecimento incorreto é destruído ... Através da libertação correta a libertação incorreta é destruída e quaisquer estados que surjam, tendo a libertação incorreta como condição, também serão destruídos. E através da libertação correta muitos estados hábeis são desenvolvidos e aperfeiçoados
- (10) “Quais são as dez coisas para serem compreendidas? Dez qualidades daquele que está além do treinamento.

“Essas perfazem as únicas cem coisas que são reais e verdadeiras, completa e perfeitamente compreendidas pelo *Tathagata*.”

Isso foi o que disse o Venerável Sariputta. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Venerável Sariputta.

---

## Notas

<sup>i</sup> Um discípulo de Sañjaya Belatthaputta (veja o [DN 2.31](#)). Sariputta e Moggallana, os dois principais discípulos do Buda também haviam sido discípulos de Sañjaya, e foi a deserção deles, além da perda de renda, que irritou Suppiya.

<sup>ii</sup> *Puthujjana*: uma “pessoa comum” que ainda não rompeu os três primeiros grilhões, (idéia da existência de um eu, dúvida, apego a preceitos e rituais), e que portanto ainda não “entrou na correnteza”.

<sup>iii</sup> Este refrão é repetido em todos os versos que seguem.

<sup>iv</sup> Os *devas* do *Abhassara*, ou “que emanam radiância,” fazem parte do reino da matéria sutil, (*rupaloka*), e escapam da destruição.

<sup>v</sup> *Manomaya*: criados pela mente, não através da relação sexual.

<sup>vi</sup> Eles não necessitam de comida pois se alimentam do êxtase, (*pīti*), do segundo *jhana*.

<sup>vii</sup> No Budismo, *Brahma* desfruta de uma posição relativamente humilde e o seu papel como criador é explicado.

<sup>viii</sup> Quer seja tendo em vista o treinamento superior ou o renascimento no paraíso.

---

<sup>ix</sup> Devido à vergonha e o temor de cometer transgressões (*hiri-ottappa*). Portanto é reconhecido que os primeiros três tipos daqueles que se contorcem como enguias possuem uma consciência moral. O seu equívoco provem da falta de entendimento não da falta de escrúpulos.

<sup>x</sup> Os vários *jhanas* são confundidos com *nibbana*.

<sup>xi</sup> *Phassa*, contato, é o encontro entre a base sensual interna, (por ex. o olho), a base sensual externa, (por ex. a forma externa), e a respectiva consciência. O contato é a base para a sensação, (*vedana*).

<sup>xii</sup> Introdução de Thanissaro *Bhikkhu*

Este discurso é uma das obras primas do Cânone em *Pali*. O que é apresentado é um retrato abrangente do método de treinamento Budista, com a ilustração de cada estágio do treinamento com vívidos símiles. Esse retrato é colocado em justaposição com a visão Budista dos ensinamentos de mestres filosóficos rivais da época, mostrando como o Buda - contrariamente à abordagem inflexível e sectária dos seus contemporâneos - apresenta os seus ensinamentos de uma forma que é pertinente e sensível às necessidades dos seus ouvintes. Esse retrato mais amplo do contexto intelectual da Índia nesse período inicial do Budismo é então apresentado como uma narrativa: a triste história do rei Ajatasattu.

Ajatasattu era o filho do rei Bimbisara de Magadha, um dos primeiros discípulos do Buda. Encorajado por Devadatta - o primo do Buda, que queria usar o apoio de Ajatasattu na sua tentativa de tomar a posição do Buda como chefe da Sangha - Ajatasattu organizou a morte do próprio pai de forma que ele pudesse assegurar sua própria subida ao trono. Como resultado dessa má ação, ele estava destinado a não somente ser morto por seu próprio filho - Udayibhadda (mencionado no discurso) - mas também de imediatamente renascer em uma das regiões inferiores do inferno. Neste discurso, Ajatasattu visita o Buda na esperança de que este possa trazer um pouco de paz para a sua mente. A questão que ele coloca para o Buda mostra o limitado nível do seu próprio entendimento, dessa forma o Buda pacientemente descreve os passos do treinamento, começando pelo nível mais básico e gradualmente evoluindo, como uma forma de ampliar o horizonte espiritual do rei. Ao final do discurso, Ajatasattu toma refúgio na Jóia Tríplice. Embora as ações praticadas anteriormente eram tão pesadas que essa expressão de fé poderia ter uma conseqüência apenas limitada no presente imediato, o comentário assegura que a história do rei acabaria tendo um final feliz. Após a morte do Buda, ele patrocinou o Primeiro Concílio, no qual um congresso de *arahants* produziu o primeiro conjunto padronizado dos ensinamentos do Buda. Como resultado do mérito proveniente desse ato, Ajatasattu estava destinado - após a sua libertação do inferno - a alcançar a Iluminação como um *Paccekabuddha*.

<sup>xiii</sup> *Uposatha*: neste caso denota um dia de jejum dos *Brâmanes*. Mais tarde, no Budismo, se converteu no dia de confissão dos monges.

<sup>xiv</sup> Reinou por volta de 491-459 A.C. Ele havia matado o pai, o Rei Bimbisara, para conquistar o trono.

<sup>xv</sup> O filho que no final acabaria também matando o pai e que por sua vez acabaria sendo morto pelo filho.

---

<sup>xvi</sup> De acordo com o comentário este era um contemplativo nu. Esse tipo de idéias que envolvem a negação de qualquer tipo de recompensa ou punição por boas e más ações são consideradas no Budismo como particularmente perniciosas.

<sup>xvii</sup> Talvez devido ao peso na sua consciência. Mas essa observação também sugere o enorme respeito (nem sempre merecido) que esses mestres errantes recebiam.

<sup>xviii</sup> O líder dos Ajivikas.

<sup>xix</sup> *Kamma*: não com o mesmo significado Budista de ‘ação volitiva’.

<sup>xx</sup> De acordo com as cinco faculdades dos sentidos.

<sup>xxi</sup> Pensamento, palavra e ação.

<sup>xxii</sup> ‘Meia ação’, apenas em pensamento.

<sup>xxiii</sup> ‘Ajita com o Manto Peludo’ (ele usava um manto feito com cabelo humano): um materialista.

<sup>xxiv</sup> Esta é uma doutrina moral materialista niilista que nega a vida após a morte e a conseqüência de *kamma*. “Não existe nada que é dado” significa que não existe fruto da generosidade; “não existe este mundo, nem outro mundo” significa que não existe renascimento neste mundo, nem num outro mundo; “não existe mãe, nem pai” significa que não existe fruto da boa conduta ou má conduta em relação à mãe e ao pai. O enunciado sobre contemplativos e *Brâmanes* nega a existência de Budas e *arahants*. Seres que renascem espontaneamente são *devas* criados pela mente e não através da relação sexual.

<sup>xxv</sup> Defendia uma teoria atomista.

<sup>xxvi</sup> O nome dado no Cânone em *Pali* a Vardhamana Mahavira (aprox. 540-568 A.C.), o líder dos Jainistas. Ele é várias vezes mencionado de modo desfavorável no Cânone.

<sup>xxvii</sup> *Sabba-vari-varito, sabba-vari-yuto, sabba-vari-dhuto, sabba-vari-phutto*. Isto não representa a doutrina Jainista genuína mas parece ser uma paródia fazendo uso de trocadilhos. Os Jainistas possuem uma regra de coibição em relação à água, e *vari* pode significar ‘água’, ‘coibição’, ou talvez ‘transgressão.’ A referência a ‘alguém livre de grilhões’ e no entanto atado por essas coibições (sejam quais forem) é um paradoxo deliberado.

<sup>xxviii</sup> Ações meritórias, (*puñña*), não conduzem à iluminação, mas à felicidade (temporária) neste mundo ou noutra.

<sup>xxix</sup> Esta é a fórmula empregada pelos *bhikkhus* ao confessar transgressões.

<sup>xxx</sup> *Khatayam bhikkhave raja, upahatayam bhikkhave raja*. Esta expressão indica que Ajatasattu estava obstaculizado pelo seu *kamma* de obter os resultados que seriam possíveis de outro modo, visto que o parricídio é um dos atos ruins com resultado imediato (no próximo mundo) que não pode ser evitado.

<sup>xxxi</sup> O olho do Dhamma, (*dhamma-cakkhu*), é um termo para ‘entrar na correnteza.’

<sup>xxxii</sup> O mundo, envelopado pela obscuridade das contaminações, está coberto por sete véus: cobiça, raiva, delusão, presunção, idéias, ignorância e conduta imoral. Tendo já removido esses véus, o Buda permanece irradiando luz por todos os lados.

<sup>xxxiii</sup> Esta divisão em quatro grupos mostra um estágio inicial do sistema de castas. Na época do Buda, na sua terra natal, os *Khattiyas*, (Nobres guerreiros), aos quais ele pertencia, ainda constituíam a primeira casta, com os *Brâmanes* em segundo lugar, embora estes últimos já tivessem se estabelecido como a casta superior nas regiões

---

mais a oeste e estavam claramente lutando por esta posição na terra natal do Buda. O Buda com frequência se refere a um agrupamento distinto: *Khattiyas*, *Brâmanes*, chefes de família e contemplativos.

<sup>xxxiv</sup> Isto é, officiar num sacrifício religioso derramando a concha com uma libação de manteiga para o deus do fogo.

<sup>xxxv</sup> De acordo com o comentário, porque ele estaria saudando de uma forma respeitosa alguém muito mais jovem que ele, jovem o suficiente para ser o seu neto. Desse comentário é possível concluir que este *sutta* teria sido discursado na fase inicial da carreira de ensino do Buda.

<sup>xxxvi</sup> Sonadanda é apresentado como sendo um discípulo converso, mas só até certo ponto já que ele ainda mantém as suas crenças védicas e demonstra preocupação pela sua reputação em relação aos estudantes e demais *Brâmanes*. Como consequência, não há menção neste caso do surgimento do ‘olho do Dhamma’ como no caso de Pokkharasati, ([DN 3](#)) e outros. Sonadanda permaneceu um *puthujjana*.

<sup>xxxvii</sup> Há razões para desconfiar desta história pois não é concebível que um *Brâmane* fosse consultar o Buda sobre como realizar um sacrifício, que supostamente era a especialidade dos *Brâmanes*.

<sup>xxxviii</sup> Os *Khattiyas* (nobres), conselheiros e ministros, *Brâmanes* e chefes de família.

<sup>xxxix</sup> Elefantes, cavalaria, carruagens e infantaria.

<sup>xl</sup> Por compreender o funcionamento de *kamma*: a boa fortuna agora é devida ao *kamma* passado, e as boas ações realizadas agora trarão resultados semelhantes no futuro.

<sup>xli</sup> Comendo e defecando em pé ao invés de agachado ou sentado como fazem as pessoas de bem.

<sup>xlii</sup> Depois de comer ele lambe as mãos ao invés de lavá-las.

<sup>xliii</sup> Durante a esmola de alimentos, para não correr o risco de seguir as ordens de outra pessoa, eles não atendem quando são chamados e nem param quando solicitados.

<sup>xliv</sup> Que lhes tragam comida antes que eles iniciem a esmola de alimentos.

<sup>xlv</sup> Que durante a esmola de alimentos ele vá a um certa casa ou uma certa rua ou num determinado lugar.

<sup>xlvi</sup> Regressando da esmola de alimentos depois de receber comida de uma casa.

<sup>xlvii</sup> Semelhante aos Jainistas que não bebem água fria devido aos seres vivos que nela se encontram.

<sup>xlviii</sup> Introdução de Ajaan Thanissaro:

Este *sutta* retrata os dois modos através dos quais o Buda respondia às questões controversas da sua época. O primeiro modo – ilustrado pela sua contribuição na discussão sobre a cessação última da percepção – era adotar os termos da discussão mas investi-los com os significados por ele atribuídos e depois tentar dirigir a discussão para a prática que conduz à cessação do sofrimento. O segundo modo – ilustrado através do tratamento dado à pergunta se o mundo é eterno, etc. – era de declarar que esse tipo de pergunta não conduz à iluminação e recusar-se a tomar uma posição com relação a ela.

---

Vários outros *suttas* – tal como o [MN 63](#), [MN 72](#) e [AN X.93](#) – retratam o Buda e os seus discípulos adotando o segundo modo. Este *sutta* é incomum no retrato prolongado do Buda adotando o primeiro. Muitos dos termos técnicos empregados aqui, como por exemplo: a verdadeira e refinada percepção, o pico da percepção, passos atentos sucessivos, a realização da cessação última da percepção, aquisições de um eu - não são encontrados em nenhum outro lugar do Cânone. Ao final do *sutta* ele os descreve como “apenas nomes, expressões, modos de linguagem, designações de uso corrente no mundo, que o *Tathagata* usa sem se agarrar nelas.” Em outras palavras, ele as toma tendo em vista o propósito imediato e depois as deixa de lado. Portanto elas não devem ser tomadas como parte do núcleo dos seus ensinamentos. Ao invés disso elas devem ser lidas como exemplos da sua habilidade em adaptar a linguagem dos seus interlocutores aos seus próprios objetivos. Por essa razão, este *sutta* é melhor ser lido depois que a pessoa tenha lido outros *suttas* e esteja mais familiarizada com os conceitos centrais dos ensinamentos do Buda.

O que há de particularmente interessante neste *sutta* é o tratamento dado pelo Buda às três “aquisições de um eu.” O primeiro – o eu grosseiro – se refere à noção comum, normal, de identificar-se com o próprio corpo. As duas últimas – o eu feito pela mente e o eu sem forma – se referem à noção de um eu que pode ser desenvolvida com a meditação. O eu feito pela mente pode resultar de uma experiência do corpo feito pela mente – o “corpo astral” – que constitui um dos poderes que pode ser desenvolvido através da prática da concentração. O eu sem forma pode resultar de qualquer uma das realizações imateriais, os estados de concentração cujo objeto é sem forma, tal como a experiência do espaço infinito, da consciência infinita, do nada. Embora os meditadores, ao experimentarem esses estados possam assumir terem encontrado o seu “eu verdadeiro,” o Buda é cuidadoso ao observar que essas são aquisições, e que elas não são um eu mais verdadeiro do que o próprio corpo. Elas são uma aquisição do eu apenas durante o tempo em que a pessoa com elas se identifique. O Buda segue dizendo que ele ensina o Dhamma com o propósito de abandonar todas aquisições de um eu “de tal modo que ao praticá-lo, as qualidades mentais impuras sejam abandonadas e as qualidades mentais luminosas se fortaleçam, e você entre e permaneça na culminação e perfeição da sabedoria aqui e agora, tendo realizado e alcançado isso por você mesmo.”

<sup>xlix</sup> A esposa do rei Pasenadi de Kosala. Ela e o rei eram ambos discípulos devotos do Buda. O parque onde o Buda estava havia sido dado pelo conhecido benfeitor Anathapindika.

<sup>l</sup> A discussão não inclui a base da nem percepção, nem não percepção, porque o tema da discussão é a percepção e tal como indicado no [AN IX.36](#), a base do nada é a realização mais elevada com a percepção.

<sup>li</sup> Tal como mencionado no [AN IX.36](#), a cessação pode ser alcançada baseada em qualquer um dos *jhanas*. Portanto, o nível específico no qual a cessação é alcançada pode variar de pessoa para pessoa.

<sup>lii</sup> A palavra “disso” neste caso se refere à percepção que caracteriza o nível do *jhana* a partir do qual foi obtido o conhecimento da cessação.

---

<sup>liii</sup> Esses são os dez *avyakatani* ou assim chamados indeterminados (ou melhor: 'pontos não declarados') ou questões que o Buda se recusava a responder:

O mundo é eterno ou não?

O mundo é infinito ou não?

A alma (*jivam*) é o mesmo que o corpo ou não?

O *Tathagata* após a morte, (a) existe, (b) não existe, (c) ambos, existe e não existe, (d) nem existe, nem não existe?

Todas essas são especulações fúteis, que não conduzem à iluminação e como mencionado em outros *suttas*, para aquele 'que sabe e que vê' não é adequado que especule sobre esse tipo de coisas: em outras palavras, as questões irão desaparecer por serem insignificantes. As mesmas dez questões são encontradas em várias partes do Cânone, de forma especial no [MN 63](#) (com o conhecido símile do homem ferido por uma flecha que se recusa ser tratado até que tenha obtido as respostas para uma longa série de perguntas) e no [MN 72](#) (o fogo que se extingue); e também existe um capítulo completo no [Samyutta Nikaya \(44\)](#). Pensa-se que estas questões faziam parte de uma espécie de questionário entre os 'errantes' para determinar a posição da pessoa. Isso só seria possível se a palavra *Tathagata* tivesse um significado pré-Budista, o que pode ser o caso.

<sup>liv</sup> Aquisição de um eu (*atta-patilaabho*): De acordo com o comentário, isto se refere à aquisição de uma identidade individual (*attabhaava-patilaabho*) num dos três níveis da existência: o reino da esfera sensual, o reino da esfera da matéria sutil e o reino da esfera imaterial. O termo *attabhaava-patilaabho* é empregado num número de *suttas*, entre eles o [AN IV.192](#), onde definitivamente se refere ao tipo de identidade assumida ao renascer num particular nível de existência. No entanto, há duas razões para não seguir a igualização de *atta-patilaabho* com *attabhaava-patilaabho* feita pelo comentário. (1) O AN IV.72 deixa claro que há um tipo de *attabhaava-patilaabho* – renascimento no plano da nem percepção, nem não percepção – que não estaria coberto por nenhum dos três tipos de aquisição de um eu mencionados neste *sutta*. Portanto parece que o Buda está limitando a discussão neste caso às alternativas apresentadas por Potthapada. (2) Numa passagem subsequente deste *sutta*, o Buda refere à aquisição do eu como algo que ele é capaz de apontar como parte do âmbito da experiência imediata do seu ouvinte. Portanto esse termo parece se referir à noção de um eu que pode surgir como resultado dos distintos níveis de experiência meditativa aqui e agora. Eu grosseiro se refere ao corpo; o eu feito pela mente se refere à identificação do eu com os agregados que compõem a mente; o eu adquirido sem forma se refere à identificação do eu com as realizações meditativas imateriais ou *jhanas* imateriais.

<sup>lv</sup> Sem dúvida, uma alusão ao fato bem conhecido de que estados elevados tendem a ser vistos como tediosos pela pessoa mundana que ainda não os experimentou.

<sup>lvi</sup> 'Esse mesmo que você vê'.

<sup>lvii</sup> O comentário afirma que esta é uma importante referência às duas verdades: 'linguagem convencional' (*sammuti-katha*) e 'linguagem verdadeira num sentido último' (*paramattha-katha*). É importante estar consciente do nível de verdade no

---

qual as afirmações são feitas. No comentário ao [MN 5 – nota 1](#), é mencionado o seguinte:

Duas verdades o Buda, melhor entre todos que falam, declarou: convencional e última - não existe uma terceira. Os termos consentidos são verdadeiros pelo seu uso no mundo; palavras com significado último são verdadeiras em relação aos dhammas. Assim o Abençoado, um Mestre, ele que tem habilidade com a linguagem deste mundo, pode usá-la, sem mentir.

Comentário de Ajaan Thanissaro: tomando o contexto, no entanto, o Buda parece estar se referindo apenas ao fato que ele adota as convenções lingüísticas dos seus interlocutores simplesmente para os fins daquela discussão e estas não devem ser tomadas fora de contexto.

<sup>lviii</sup> Um encanto, mencionado nos Jatakas, para fazer com que alguém fique invisível.

<sup>lix</sup> O *Dhammika Sutta* (AN VI.54) traz um trecho idêntico a este. Andrew Olendzky, diretor executivo do BCBS, fez a tradução desse *sutta* do Pali para o Inglês no Access to Insight, com a seguinte nota:

'A palavra traduzida como “ido em definitivo” é *Tathagatako*, e esta história pode ajudar a entender o epíteto “*Tathagata*” que o Buda com freqüência usava para descrever a si mesmo.

O seu nome de nascimento era Siddhattha; quando adotou a vida de contemplativo, ele era conhecido pelo nome do clã da sua mãe, Gotama; na Índia da época, ele era conhecido como o sábio do clã do seu pai, ou *Sakyamuni*; e depois da iluminação ele passou a ser conhecido como Buda, o Iluminado. Os seus discípulos com freqüência o chamavam *Bhagavant*, ou “Abençoado,” mas o nome que ele mesmo quase sempre usava para si era *Tathagata*.

*Tathagata* sempre foi uma palavra complicada para traduzir. A palavra *tatha* pode ser interpretada como “assim, tal como, dessa forma,” e *gata* é o particípio do verbo ir e simplesmente significa “ido.” Com freqüência encontramos a palavra traduzida como “assim ido” ou “aquele que assim foi.”

Confesso que nunca entendi realmente o significado do termo *Tathagata*, até que me deparei com a história neste *sutta*. Com a imagem de um pássaro solto pelos marinheiros em busca de terra para pousar, um número de coisas começaram a fazer sentido.

Para começar, devemos reconhecer os dois modos em que a expressão é usada: um, referindo-se ao Buda como um ser que não mais irá renascer e o outro, descrevendo como a consciência de uma pessoa iluminada, que ainda se encontra neste mundo, se relaciona como os objetos da experiência.

---

Algumas vezes quando um dos *arahants* morria, *Mara*, sob a forma de uma nuvem escura, podia ser visto procurando onde a consciência havia se re-estabelecido, (isto é, renascido). Nesses casos, o Buda diz que com relação ao *arahant* a sua consciência não se re-estabelece em nenhum lugar (veja por exemplo o [SN IV.23](#)). Com esse sentido, o Buda está claramente empregando o termo "*Tathagata*" com o significado como aquele que não irá renascer – tal qual o pássaro que deixa o navio sem retornar, a consciência dele não se estabelece novamente em nenhum dos mundos para novamente se juntar a um outro corpo.

Mas há também um sentido no qual a frase descreve com habilidade a natureza de uma mente iluminada aqui nesta vida. Quando inquisidores tentavam fazer com que o Buda respondesse se a consciência dele sobreviveria após a morte, ele os rechaçava dizendo que mesmo no aqui e agora a consciência de um *Tathagata* não é detectável, visto que não há meios de medi-la ou percebê-la ( [Snp V.6](#)). É dito que a mente desperta não está apegada a nada no mundo – como um pássaro que não pousa, e desta forma não fica atada a nenhum objeto da experiência.

Na verdade aprender a desapegar a mente dos seus grilhões compreende boa parte do treinamento da meditação de insight. O [Satipatthana Sutta](#) (MN 10), por exemplo, indica que ao praticar a atenção plena da forma correta, a pessoa “permanece independente, sem nenhum apego a qualquer coisa mundana.” O chefe de família Anathapindika, pouco antes de morrer, recebeu instruções de Sariputta ( [MN 143](#)) estimulando-o a que treinasse desta forma: “Eu não me apegarei ao que é visto, ouvido, sentido, conscientizado, buscado, procurado, ponderado pela mente e a minha consciência não dependerá disso.”

Tudo isso junto sugere que um aspecto crucial do ensinamento do Buda é a noção da consciência desapegada dos objetos materiais ou mentais. Significa abandonar os apegos e que a cada momento as experiências sejam apenas o que são. Talvez com o treinamento adequado possamos viver como um pássaro que voa livre em círculos em torno do navio do nosso corpo e do nosso mundo, ao invés de aprisionado numa gaiola no convés.<sup>1</sup>

<sup>1x</sup> *Viññanam anidassanam, anantam sabbato pabham*. O comentário toma o sujeito da sentença, consciência (*viññana*), como sendo *nibbana*.

Ajaan Thanissaro oferece “sem superfície” ao invés de “sem atributos” como tradução alternativa para *anidassanam*, tomando como base o símile empregado pelo Buda no [SN XII.64](#). Essa consciência é sem superfície porque se a cobiça pelas bases dos sentidos externas for eliminada a consciência não tem onde “pousar” e dessa forma se torna não estabelecida. Isso não quer dizer que a consciência é aniquilada mas simplesmente que, como a luz do sol no símile mencionado, ela não tem localização, ela não pode mais ser definida, ela se encontra além da dualidade de tempo e espaço. Nesta mesma vida ela não pode ser localizada ou definida em relação a nenhum dos agregados; após a morte ela não pode ser

---

definida como existindo, não existindo, nenhum dos dois, ou ambos, porque as descrições apenas se aplicam ao que pode ser definido.

Uma tradução alternativa de Ajaan Amaro para esta frase: *anidassanam*: vazia, invisível ou desprovida de sinais; *anantam*: ilimitada, não confinada, infinita; *sabbato pabham*: luminosa em todas as direções, acessível por todos os lados.

*Bhikkhu* Nanananda no livro *Concept and Reality* interpreta *viññanam anidassanam* como “a consciência que nada manifesta.” Em que a manifestação diz respeito aos conceitos, ou seja na consciência do *arahant* os conceitos não se manifestam, todos os conceitos se tornaram transparentes.

Estes versos também aparecem no [MN 49](#)

<sup>lxi</sup> A união com *Brahma* era o objetivo máximo dos *Brâmanes*.

<sup>lxii</sup> Os dez rishi autores dos mantras Védicos conforme o [MN 95.13](#).

<sup>lxiii</sup> Todas essas coisas, de acordo com o comentário são simbólicas. O permanecer com os pés, (*pada*), com firmeza sobre o solo, foi o presságio da sua realização das quatro bases para o poder espiritual, (*iddhipadani*). Voltar-se para o norte denota ir além e superar a multidão. Os sete passos a aquisição dos sete fatores da iluminação, (*bojjhanga*). O pára-sol branco, a obtenção do pára-sol da libertação. A inspeção dos quadrantes, a obtenção da omnisciência desobstruída. O pronunciamento do líder do rebanho denota a irreversível colocação em movimento da Roda do Dhamma e a declaração do último nascimento é o rugido do leão daquele que será um *arahant*.

<sup>lxiv</sup> Essas marcas são tratadas em mais detalhes no [DN 30](#). Veja também as notas nesse *sutta*.

<sup>lxv</sup> *Antepuram*: tem o sentido literal de aposentos íntimos e em geral significa o harém. De acordo com o verso 1.38, os atendentes de Vipassi eram todas mulheres. O comentário diz que ele as dispensou e ficou só, lamentando, ‘como se o seu coração tivesse sido dilacerado por esta primeira flecha.’

<sup>lxvi</sup> Esta é uma convenção usada com o significado de ‘um grande número’.

<sup>lxvii</sup> Vipassi é pela primeira vez chamado *Bodhisatta*, agora, depois de ter seguido a ‘vida santa’.

<sup>lxviii</sup> A compreensão da origem dependente, (*paticca-samuppada*): neste *sutta*, bem como no [DN 15](#), apenas os elos 3-12 são mencionados.

<sup>lxix</sup> ‘Terra do jambo-rosa,’ isto é, Índia.

<sup>lxx</sup> Em geral esses reinos denotam os planos de existência, os três níveis no *samsara* nos quais pode ocorrer o renascimento. Mas como o renascimento em cada um desses reinos ocorre de acordo com um certo tipo de *kamma*, o termo “ser/existir”, de acordo com o comentário, representa o *kamma* que conduz ao renascimento naquele reino em particular.

<sup>lxxi</sup> O desejo sensual e o apego a prazeres sensuais significam o mesmo fator mental, cobiça (*lobha*) em diferentes estágios de intensidade. O desejo também faz surgir o apego por idéias. Em geral a idéia que favorece a compulsão mais dominante. Assim por exemplo o desejo pela existência pode levar à crença na imortalidade da alma, o desejo por não existir pode levar à teoria da aniquilação completa com a morte.

---

<sup>lxxii</sup> Na seqüência normal, imediatamente depois de indicar a sensação como condição para o desejo, o Buda menciona o contato como condição para a sensação. Aqui, no entanto, ele introduz uma variação. Da sensação ele regressa ao desejo e em seguida extrai do desejo uma nova série de nove fatores, cada um surgindo na dependência do anterior. O desejo leva à *busca* dos objetos desejados e no final por meio da busca eles são obtidos. Quando os objetos são obtidos a pessoa toma *decisões* com relação a eles: o que é meu e o que é seu, o que possui valor e o que não possui, o que irei guardar e o que irei desfrutar. Devido a essas decisões, pensamentos de *desejo e cobiça* surgem. A pessoa desenvolve *apego* pelos objetos, adota uma atitude *possessiva* com relação a eles e acaba se tornando *mesquinha*, recusando compartilhá-los com outros. Encarando os outros com medo e suspeita, a pessoa busca como *salvaguardar* os seus objetos. Quando esse tipo de cobiça e medo se difunde amplamente é necessário apenas uma mínima provocação para irromper em violência, conflitos, etc. Esse resumo esclarece o propósito dessa digressão: é para mostrar que o princípio da origem dependente pode ser empregado para compreender as origens da desordem social da mesma forma como pode ser empregado para compreender o sofrimento individual. O comentário rotula esses dois aspectos do desejo como “desejo que se encontra na raiz de todo o *samsara*” e “desejo obsessivo.” Mas deve ser observado que essas duas expressões não denotam distintos tipos de desejo; elas apenas apontam ângulos distintos por meio dos quais qualquer exemplo de desejo pode ser encarado. Pois o desejo que resulta em desordem e violência é o mesmo que gera *kamma* inábil e que mantém o ciclo do *samsara*, enquanto que o desejo pelo prazer e por ser/existir que mantém *samsara* também conduz à ruptura da harmonia social.

<sup>lxxiii</sup> O Buda se refere aos dois aspectos do desejo descritos na nota anterior. Ambos os tipos de desejo encontram a sua condição na sensação. A sensação por seu lado tem origem no contato (*phassa*). Contato é o encontro da consciência com um objeto por meio da faculdade do sentido.

<sup>lxxiv</sup> Sensação (*vedana*) é o caráter emotivo das experiências – a sensação de prazer, dor ou neutra – que ocorre em cada ocasião de uma experiência através de qualquer um dos seis meios dos sentidos (ou seis bases internas).

<sup>lxxv</sup> Na exposição tradicional do ciclo da origem dependente a seqüência passa do contato para as seis bases. Neste *sutta*, no entanto, o Buda evita as seis bases completamente e volta um passo para mostrar a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição para o contato. Mentalidade-materialidade (nome e forma) é um termo composto, que em geral é usado nos *suttas* para descrever o organismo psíquico-físico excluindo a consciência, que serve como condição desta. Com menos freqüência nos *suttas*, o escopo do termo é ampliado adicionando também as bases dos sentidos externas. Neste caso, a mentalidade-materialidade (nome e forma) torna-se a experiência completa que se apresenta para a consciência, o organismo senciente juntamente com os objetos externos. “Contato de designação” (*adhivacanasamphassa*) e “contato de colisão” (*patighasamphassa*) são dois termos peculiares a este *sutta*. O comentário identifica o primeiro com o contato na mente e o último com o contato nos cinco meios dos sentidos. O que é significativo é o argumento do Buda demonstrando como a mentalidade-materialidade (nome e

---

forma) é a condição para o contato. O Buda diz que é impossível o contato de designação no corpo material (*rupakaya*) quando aquelas qualidades peculiares ao corpo mental (*namakaya*) estiverem ausentes e é impossível o contato de colisão no corpo mental quando aquelas qualidades peculiares ao corpo material estiverem ausentes. Assim, cada tipo de contato depende de ambos, do corpo mental e do corpo material. Neste último, o significado de corpo abrange apenas o organismo senciente e não inclui os objetos externos. O argumento indica o papel especial do contato como o ponto de encontro da mente com o mundo. O contato requer uma base externa (o objeto), uma base interna (as faculdades dos sentidos) e a consciência. Mas esse processo é como um caminho de duas mãos, pois o contato pode ocorrer com a mente movendo-se para fora em direção ao mundo ou o mundo movendo-se para dentro em direção à mente. O movimento para fora ocorre nas situações da consciência na mente, nas quais as atividades conceituais e volitivas prevalecem; o movimento para dentro ocorre nas ocasiões da consciência nos sentidos, quando a relação da mente com os objetos é de uma recepção passiva. O movimento para fora tem início com a designação, o ato de dar nomes. Ao atribuir nomes, a mente organiza a matéria bruta da experiência num quadro coerente do mundo. O movimento para dentro ocorre quando há um impacto ou colisão do objeto com a faculdade do sentido. Se o impacto for forte o suficiente, surge a consciência naquele meio do sentido. Os dois termos, designação e colisão indicam um padrão oscilatório das experiências entre as fases de recepção e resposta. A fase receptiva experimenta a maturação do fluxo de *kamma* do passado, ela é representada aqui pela colisão que gera a consciência nos sentidos. A fase de resposta envolve a formação de novo *kamma*, ela é representada pela designação que conduz à ação. Em síntese, sem os fatores mentais não poderia haver o contato de designação e sem o corpo material com as suas faculdades dos sentidos não poderia haver contato de colisão. Portanto, na ausência tanto do corpo mental como do corpo material não haveria como discernir o contato. A conclusão que segue é que o contato depende da mentalidade-materialidade (nome e forma), por conseguinte, a mentalidade-materialidade (nome e forma) é a condição para o contato.

<sup>lxxvi</sup> Estes dois últimos versos conduzem a investigação da origem dependente ao seu clímax ao revelar um “vórtice oculto” que está por trás de todo o processo de ser/existir no *samsara*. Esse vórtice oculto é a condicionalidade recíproca da consciência e da mentalidade-materialidade (nome e forma). Inicialmente, o Buda estabelece a consciência como condição específica para a mentalidade-materialidade (nome e forma) ao demonstrar que ela é indispensável para esta última em quatro momentos distintos: na concepção, durante a gestação, ao nascer e durante o transcurso da vida (verso 21). A descrição da consciência se estabelecendo no ventre da mãe é metafórica; isso não deve ser tomado no sentido literal, implicando que a consciência é uma entidade que transmigra de uma vida para outra. A consciência ocorre sob a forma de um processo, uma série de atos de cognição que surgem e desaparecem de acordo com causas e condições. Isso indica que no momento da concepção a consciência não surge outra vez, espontaneamente, sem antecedentes, mas que ocorre como um dos momentos de um contínuo da

---

consciência, que está prosseguindo de forma ininterrupta de uma vida para outra, desde um princípio que não pode ser determinado. No verso 22, o Buda inverte a afirmação anterior e pronuncia que ‘Com a mentalidade-materialidade (nome e forma) como condição surge a consciência.’ Tal como o feto não pode se formar a não ser que a consciência se estabeleça no ventre, da mesma forma a consciência não pode dar início a uma nova existência no ventre, a menos que se estabeleça na mentalidade-materialidade (nome e forma). Além disso, a consciência precisa da mentalidade-materialidade (nome e forma) não somente na concepção, mas ao longo de toda a vida. A consciência depende de um corpo vivo funcionando com o cérebro, sistema nervoso e faculdades dos sentidos. Ela também depende do corpo mental, já que não pode haver a cognição de um objeto sem as funções mais especializadas desempenhadas pelo contato, sensação, percepção, volição, atenção e todos os demais fatores mentais. Assim, presas nesse vórtice de inter-relações a consciência e a mentalidade-materialidade (nome e forma) se suportam mutuamente, se alimentam mutuamente e se impulsionam mutuamente, gerando a partir da sua união, infectadas pelo desejo e ignorância, toda a série de fenômenos condicionados que culminam com o envelhecimento e morte. Esse é o propósito das palavras do Buda ao final do verso 22, “Essa é a extensão, Ananda, na qual há o nascimento, envelhecimento, morte, falecimento e renascimento...” “Essa extensão” significa “por este tanto,” “não por meio de qualquer outra coisa que não seja isto.”<sup>lxxvii</sup> De acordo com o comentário, designação, (*adhivacana*), linguagem, (*nirutti*), e conceituação, (*paññatti*), são quase sinônimos, significando, com mínimas diferenças de nuance, enunciados verbais que expressam um significado. A extensão é a mesma nos três casos, isto é, os cinco agregados, neste caso a mentalidade-materialidade (nome e forma) mais a consciência. Portanto, este trecho pode ser interpretado como uma referência, de forma elíptica, à relação entre os conceitos, linguagem e realidade. Enquanto os agregados estiverem envoltos pela ignorância, eles são tomados como base para a concepção de noções deludidas de “meu”, “eu sou” e “meu eu”. Mas isso não é tudo que a inter-relação entre a consciência e a mentalidade-materialidade (nome e forma) permite. O Buda diz que a sabedoria também é possível. A extensão para a sabedoria são os próprios cinco agregados, que quando examinados com atenção plena e plena consciência, se transformam no terreno fértil para o crescimento da sabedoria. A sabedoria opera com o mesmo conjunto de referenciais que a conceituação deludida – os cinco agregados.<sup>lxxviii</sup> Nesta seção o Buda parece estar desviando a discussão para um novo tópico que aparentemente não está relacionado com a discussão precedente. O comentário explica a direção do discurso indicando que esta nova seção se refere ao enunciado original do Buda “que os seres ficam confusos como um novelo embaraçado...” O propósito é de elucidar esse enunciado identificando os enredos e mostrando como esse processo ocorre. Portanto a discussão ainda diz respeito à estrutura causal do ciclo, só que agora essa estrutura está sendo abordada por um outro ângulo. O exame das idéias de um ‘eu’ foca num fator específico na seqüência das condições, isto é, o apego sob a forma de ‘idéias da existência de um eu.’ Nessa forma, o apego desempenha um papel de importância crítica pois representa o ponto em que a

---

ignorância e o desejo adquirem uma justificativa intelectual com a criação de uma visão conceitual do eu, protegida por uma fachada de racionalidade.

<sup>lxxxix</sup> Tanto as descrições do eu como as pressuposições do eu são idéias, mas as pressuposições ocupam um nível mais rudimentar na escala de subjetividade. As descrições do eu envolvem um alto grau de reflexão: com teorias sobre o eu, especulações sobre o seu destino, argumentos bem ponderados e provas. As pressuposições do eu não são totalmente desprovidas de reflexão, mas é um tipo de reflexão menos elaborada e refinada do que aquela das descrições.

<sup>lxxx</sup> O Buda apenas seleciona um agregado para esta análise. O mesmo processo é aplicável aos demais agregados.

<sup>lxxx</sup> As libertações incluem as nove realizações sucessivas obtidas através da concentração: os quatro *jhanas*, as quatro realizações imateriais e a cessação da percepção e sensação. Os quatro *jhanas* não são mencionados entre as libertações com a sua designação mas estão incluídos nas três primeiras libertações.

<sup>lxxxii</sup> Este *sutta* é um composto de várias partes que podem ser encontradas em outros textos do Cânone. Não há dúvida de que este *sutta* contém os fatos básicos que descrevem os últimos dias do Buda, como também vários elementos duvidosos que foram incorporados mais tarde, num processo que teve continuidade nas versões subseqüentes em Sânscrito, (produzidas pelos Sarvastivadins e outras escolas), e que são conhecidas principalmente através das traduções do Sânscrito para o Chinês e para o Tibetano.

<sup>lxxxiii</sup> A confederação Vajjia, ao norte de Magadha, na outra margem do rio Ganges, consistia dos Licchavis de Vesali e dos Vedehis (de Videha – de onde provinha a mãe de Ajatasattu), cuja capital era Mithila.

<sup>lxxxiv</sup> Um trocadilho entre “manga” e *ambaka*, “mulher”. O nome dela significa “guardiã das mangas”.

<sup>lxxxv</sup> *Kappam va titttheyya kappavasesam va*. Este trecho tem causado muita disputa. O significado usual de ‘kappa’ é éon. O comentário no entanto explica que neste caso significa o ‘tempo de vida completo’, isto é, na época do Buda cem anos, conforme o [DN 14.1.7](#). O comentá também interpreta *avasesa* com sendo ‘mais de’ sendo que o significado usual é ‘o restante’.

<sup>lxxxvi</sup> *Sukara-maddava*: este é um termo que tem causado controvérsia. *Sukara* = ‘porco’, *maddava* = ‘suave, brando, macio’, também ‘murcho’. Portanto, pode tanto se referir às ‘partes macias de um porco’ ou ‘aquilo que os porcos gostam’. O que é evidente é que os antigos comentaristas não sabiam a que se referia isto. O comentário identifica três possibilidades: 1. A carne de um porco selvagem, nem tão jovem e nem tão velho, 2. Arroz cozido macio com os ‘cinco produtos de uma vaca’, ou 3. um certo tipo de elixir da vida. Comentaristas modernos também identificaram trufas como sendo uma possibilidade.

<sup>lxxxvii</sup> Há um interessante artigo escrito pelo Ven. Dr. Mettanando *Bhikkhu*, que foi médico antes da sua ordenação como *bhikkhu*, que analisa a possível causa da morte do Buda. O artigo pode ser encontrado em [🌐 How the Buddha died](#).

<sup>lxxxviii</sup> Esta descrição é um tanto inusitada no Cânone, pode ter sido uma adição subseqüente.

<sup>lxxxix</sup> Lumbini (na atualidade Rummindei no Nepal).

- 
- <sup>xc</sup> Uruvela (na atualidade Boddhgaya em Bihar, Índia).
- <sup>xc<sup>i</sup></sup> O parque do gamo em Isipatana (na atualidade Sarnath) próximo a Benares, Índia.
- <sup>xc<sup>ii</sup></sup> Kusinara.
- <sup>xc<sup>iii</sup></sup> Livre das impurezas é um *arahant*. Ananda realizou o estado de *arahant* na véspera do primeiro Concílio, cerca de três meses depois do falecimento do Buda.
- <sup>xc<sup>iv</sup></sup> A Sangha não se beneficiou desta concessão porque Ananda não perguntou quais seriam essas regras menores.
- <sup>xc<sup>v</sup></sup> Um dos discípulos mais eminentes do Buda que não deve ser confundido com os demais discípulos chamados Kassapa. Mahakassapa era mestre nos poderes supra-humanos e diz a tradição que ele morreu com 120 anos de idade. Ele presidiu o primeiro concílio Budista.
- <sup>xc<sup>vi</sup></sup> *Sarira*: relíquias (mais tarde interpretado como a substância indestrutível encontrada nos restos cremados dos *arahants*).
- <sup>xc<sup>vii</sup></sup> Este *sutta* é uma continuação da conversa registrada no [DN 16.5.17](#). A mesma história também ocorre, com algumas pequenas variações, no Mahasudassana Jataka (No. 95). Tal como no [DN 5](#), o Buda, ao final, identifica o caráter principal da história como sendo ele mesmo numa vida passada.
- <sup>xc<sup>viii</sup></sup> Rhys Davis descreve esta *sutta* como um exemplo de uma listagem mnêmônica empregada pelos Budistas primitivos como fonte de referências. RD considera que este texto é “quase ilegível agora” porque a “longa lista de nomes estranhos não desperta nenhum interesse.”
- <sup>xc<sup>ix</sup></sup> Mais um *sutta* que ocorre num contexto mitológico com algumas características fora do comum, incluindo o *gandhabba* Pancasikha atraindo a atenção do Buda através de uma canção de amor! Este *sutta*, pelo seu contexto aliado à profundidade dos temas tratados, lembra alguns dos *suttas* posteriores da tradição Mahayana.
- <sup>c</sup> Sakka é o senhor dos *devas* do Trinta e Três, num mundo que ainda pertence ao reino da esfera sensual, (*kamavacara*), acima do mundo dos Quatro Grandes Reis mas muito abaixo do mundo de *Brahma*.
- <sup>ci</sup> Como veremos abaixo, este texto foi ao que parece composto antes da iluminação de Gotama, embora isto conflite com a menção feita há pouco aos *arahants*.
- <sup>c<sup>ii</sup></sup> *Sakyamuni*: um termo comum para o Buda nos textos Mahayana mas extremamente raro no Cânone em Pali.
- <sup>c<sup>iii</sup></sup> *Vitakka-vicara*. Estes são dois fatores do primeiro *jhana*.
- <sup>c<sup>iv</sup></sup> Um *sutta* praticamente idêntico é encontrado no MN 10, que no entanto apresenta uma análise mais resumida das Quatro Nobres Verdades.
- <sup>c<sup>v</sup></sup> Ou as quatro formas de estabelecer a atenção plena.
- <sup>c<sup>vi</sup></sup> Sensações significam a qualidade emocional das experiências, físicas e mentais, quer sejam prazerosas, dolorosas ou nem prazerosas nem dolorosas.
- <sup>c<sup>vii</sup></sup> A mente ou coração como objeto de contemplação refere-se ao estado e nível geral da mente. Já que a mente propriamente dita, em sua natureza, é o simples conhecimento ou cognição de um objeto, a qualidade de um estado mental é determinada pelos fatores mentais associados como desejo, raiva e delusão ou os seus opostos como mencionado no *sutta*.

---

<sup>cviii</sup> A partir deste ponto o DN 22 faz uma análise detalhada das Quatro Nobres Verdades que não consta do MN 10. No entanto, o detalhamento da Nobre Verdade do sofrimento também pode ser encontrado no MN 141.

<sup>cix</sup> O detalhamento da Nobre Verdade da origem do sofrimento, (verso 47), bem como da Nobre verdade da cessação do sofrimento, (verso 48), não constam do MN 141.

<sup>cx</sup> Igual ao MN 141.

<sup>cxii</sup> O conhecimento supremo é o conhecimento do *arahant* sobre a libertação final. Não retorno é o estado de não retorno daquele que renasce num mundo superior, onde ele realiza o *parinibbana* sem jamais retornar para o mundo humano.

<sup>cxiii</sup> No [DN 11.5](#) a realização de milagres é condenada pelo Buda, como é aqui também, embora na seqüência o texto contradiga as palavras do Buda.

<sup>cxiiii</sup> No comentário não há nenhuma informação adicional sobre o interlocutor do Buda neste *sutta*. A estrutura deste *sutta* é um pouco estranha, começando com a contradição entre a condenação dos milagres pelo Buda e, mais adiante, a sua realização de vários feitos milagrosos; essa parte termina no verso 2.14, que parece ter sido adicionado de um modo um tanto desajeitado em resposta às observações de Sunakkhatta no verso 1.5 (que já haviam sido respondidas a contento). Em seguida o verso 2.21 é uma adição ainda menos relevante. Uma outra característica curiosa é que este é um dos poucos *suttas* no Cânone que consiste apenas de uma narrativa (ao contrário de um discurso), contada pelo Buda para um terceiro que é uma figura desconhecida e que não lhe oferece nenhum tipo de lealdade ou devoção.

<sup>cxv</sup> Este *sutta* é de certa forma análogo ao anterior [DN 26](#), trazendo um relato das 'origens' ligeiramente distinto e incluindo uma crítica severa às pretensões dos *Brâmanes*. Este *sutta* pode ser chamado de o equivalente Budista ao livro do Gênesis levando-se em conta que neste *sutta* não existe a figura de um Deus Criador e embora o verso 10 traga a indicação de um começo, não se trata de um começo absoluto mas um dos contínuos recomeços no *samsara* como parte do ciclo contínuo cujo início não pode ser determinado.

<sup>cxvi</sup> Este *sutta* é um *paritta*, um composto de versos protetores. Além deste *sutta*, no Cânone também podem ser encontrados outros *suttas* com essa mesma característica, como por exemplo o  *Ratana Sutta* ([Snp II.1](#)),  *Ahina Sutta* ([AN IV.67](#)),  *Dhajagga Paritta* ([SN XI.3](#)), e o *Mora Paritta* (Ja 159). Há uma versão Tibetana deste *sutta* e fragmentos de uma versão em sânscrito foram encontrados na Ásia Central que no entanto difere bastante da versão em Pali. Este *sutta* é usado com frequência em ocasiões especiais nos países do Budismo Theravada. Na Tailândia o *sutta* é recitado no Ano Novo junto com o *Mahasamaya Sutta* ([DN 20](#)) e o  *Dhammacakkappavattana Sutta* ([SN LVI.11](#)). A versão Tailandesa também contém uma introdução não canônica com versos em homenagem aos vinte um Budas que antecederam Vipassi, chegando até Dipankara, sob o qual o futuro Buda Gotama seguiu a vida santa pela primeira vez.

<sup>cxvii</sup> Tal como proposto no [DN 29.17](#).

<sup>cxviii</sup> As seis bases internas dos sentidos, as seis bases externas e as consciências correspondentes.

---

cxviii Certos crimes (como o parricídio) têm um resultado fixo que não poderá ser evitado.

cxix Quando a consciência do primeiro caminho supramundano (entrar na correnteza) é realizada, o progresso é inevitável e o retrocesso aos estados miseráveis é impossível.

cxx Modos através dos quais alguém está “protegido”.

cxxi *Brahma* se refere aos *Brahmaviharas* ([DN 13](#)), Nobre ao *arahant*.

cxxii Estas designações curiosas se supõe referir-se ao que entrou na correnteza, que retorna uma vez, que não retorna e *arahant* respectivamente.

cxxiii Num *bhikkhu*.

cxxiv *Brahma* para o Buda não é imortal e não é o Deus criador. A sua sabedoria, embora considerável, é limitada e ele pode ser arrogante (veja o [DN 11](#)), mas ele está livre das paixões sensuais e assim também estão aqueles que renascem no seu mundo, embora as suas paixões tenham sido suprimidas só através dos *jhanas*, que é a libertação da mente, (*cetovimutti*), e não eliminadas através do insight, que é a libertação através da sabedoria, (*paññavimutti*). Mas aqueles que renascem no mundo de *Brahma* não eliminaram o desejo de ser/existir, (*bhavatanha*).

cxxv “Rodas” com o sentido de meios para o progresso.